

(ORG.) João Carlos Tedesco, Isabel Rosa Gritti
Regina Weber e Rhuan T. Z. Trindade

Coordenação geral: Luciana Sanguiné e Débora Karpowicz



HISTÓRIA DOS POVOS FORMADORES DO RIO GRANDE DO SUL

Entre pampas, imigrantes e diásporas

VOL. 8 - IMIGRAÇÃO POLONESA, RUSSA E UCRANIANA

**João Carlos Tedesco
Isabel Rosa Gritti
Regina Weber
Rhuan T. Z. Trindade**
(Organizadores)

HISTÓRIA DOS POVOS FORMADORES DO RIO GRANDE DO SUL: entre pampas, imigrantes e diásporas



VOLUME 8

IMIGRAÇÃO POLONESA, RUSSA E UCRANIANA

Coordenação geral:
**Luciana Sanguiné
Débora Karpowicz**


EDITORA
SCHREIBEN

2025

© Luciana de Souza Sanguiné – 2025

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Caroline Loch (lochstudioprojetos@gmail.com)

Revisão: os autores

Livro publicado em: agosto de 2025

Termo de publicação: TP0662025

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airtón Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanielton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História dos povos formadores do Rio Grande do Sul : entre pampas, imigrantes e diásporas. Volume VIII - Imigração Polonesa, Russa e Ucraniana / Organizadores João Carlos Tedesco, Isabel Rosa Gritti, Regina Weber e Rhuan T. Z. Trindade; Coordenação Geral Luciana Sanguiné e Débora Karpowicz. – Itapiranga, SC : Schreiben, 2025.
406 p. : il. ; e.book ; 16 x 23 cm.
Inclui bibliografia e índice remissivo
E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-476-1 [versão impressa]

EISBN: 978-65-5440-475-4 [versão digital]

DOI: 10.29327/5622340

1. Rio Grande do Sul (Brasil) – História. 2. Imigração – Rio Grande do Sul (Brasil). 3. Poloneses – Rio Grande do Sul (Brasil) – História. 4. Russos – Rio Grande do Sul (Brasil) – História. 5. Ucranianos – Rio Grande do Sul (Brasil) – História. I. Tedesco, João Carlos. II. Gritti, Isabel Rosa. III. Weber, Regina. IV. Trindade, Rhuan T. Z. V. Sanguiné, Luciana. VI. Karpowicz, Débora. VII. Título.

CDD 981.65

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
<i>Os Organizadores</i>	
IMIGRAÇÃO POLONESA.....	15
(E)IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL: REFLEXÕES PONTUAIS.....	17
<i>Thais Janaina Wenczenowicz</i>	
ESCOLAS POLONESAS NO RIO GRANDE DO SUL: ETNICIDADE E POLONIDADES (1920 – 1937).....	31
<i>Adriano Malikoski</i>	
IDENTIDADES POLONESAS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO POLONESAS EM GUARANI DAS MISSÕES – RS.....	57
<i>Juliano Florczak Almeida</i> <i>Maria Catarina Chitolina Zanini</i>	
OS IMIGRANTES POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM – NORTE DO RIO GRANDE DO SUL - 1908-1945.....	71
<i>Isabel Rosa Gritti</i>	
POLONESES NA COLÔNIA GUARANY – NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL.....	89
<i>Paulo Tomaz Marmilicz</i>	
POLÍTICA, DIPLOMACIA, COMÉRCIO E <i>POLONIDADE</i> : AS AUTORIDADES POLONESAS EM PORTO ALEGRE E A IMPRENSA LOCAL (1933).....	117
<i>Rhuan Targino Zaleski Trindade</i>	
REMINISCÊNCIAS DA POLONIDADE EM NOVA PRATA – RS.....	141
<i>Cláudio da Costa</i>	
A ESCOLA DOS IMIGRANTES POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM.....	169
<i>Isabel Rosa Gritti</i> <i>Silvana Maria Gritti</i>	

A JORNADA DOS IMIGRANTES POLONESES E O SONHO DA PROPRIEDADE RURAL EM CARLOS GOMES - RS.....	187
<i>Fábio Roberto Krzysczak</i>	
DIREITOS LINGÜÍSTICOS DA DIÁSPORA POLONESA.....	211
<i>Fabricio J. Nazzari Vicroski</i>	
SÍMBOLOS, RITUAIS E RECONSTRUÇÕES DA POLONIDADE EM COMUNIDADES RURAIS DE CASCA E SANTO ANTÔNIO DO PALMA – ENCOSTA SUPERIOR DO NORDESTE/RS.....	229
<i>Lúcia Barrili</i>	
IMIGRAÇÃO RUSSA	249
CAMPINA DAS MISSÕES – RAIZ DE CULTURA RUSSA NO RIO GRANDE DO SUL.....	251
<i>Jacinto Anatólio Zabolotsky</i>	
REGISTROS DA ENTRADA DE IMIGRANTES RUSSOS NO RIO GRANDE DO SUL ATÉ 1914.....	281
<i>Rosângela Corrêa Alves</i>	
“AQUI É TUDO MEIO MISTURADO”. RUSSOS NA COLÔNIA ERECHIM – NORTE DO RS. PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	297
<i>João Carlos Tedesco</i>	
<i>Isabel Rosa Gritti</i>	
A PRESENÇA DE “RUSSOS” E RUSSO-BRASILEIROS NA COLÔNIA GUARITA. APONTAMENTOS PRELIMINARES.....	323
<i>Breno Antonio Sponchiado</i>	
IMIGRAÇÃO UCRANIANA	357
AGENDA PARA ESTUDOS DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO RIO GRANDE DO SUL.....	359
<i>Regina Weber</i>	
IMIGRANTES UCRANIANOS NO SUL DO BRASIL.....	371
<i>Antonio Marcos Myskiw</i>	
UCRANIANOS DO “CAMPO ERECHIM”. UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO - NORTE DO RS.....	379
<i>Neivo Angelo Fabris</i>	
BIOGRAFIA DOS AUTORES.....	395
ÍNDICE REMISSIVO.....	399





Apresentação



Fomos convidados pela coordenação da Coleção “História dos Povos Formadores do Rio Grande do Sul” para organizar o presente volume, que se refere a três grupos étnicos, que estiveram presentes como imigrantes no referido estado: poloneses, ucranianos e russos. Torna-se difícil comentar algo sobre os três de uma forma genérica, pois há particularidades em cada um dos sujeitos coletivos. Como se sabe, no contexto da emigração para o Brasil, tanto a Polônia, quanto a Ucrânia e a Rússia estavam passando por situações de redefinição de nação, fronteiras, turbulências políticas, fim de um Império, enfim processos que desencadeavam migrações, inserções em um país ou em outro, indefinição identitária, territorial, política etc. Em alguns contextos nas sociedades de destino de emigrantes, muitos deles foram confundidos, incorporando identidades dúbias ou duplas, deliberadamente consentidas em razão de fatores políticos e culturais ou por outras causalidades. Alguns textos da presente coletânea discutem um pouco isso.

Sabedores de que havia, também, diferenças quantitativas entre os três grupos étnico-nacionais de imigrantes no Rio Grande do Sul, com grande preponderância numérica dos poloneses, o desafio tornou-se ainda maior, pois entendíamos que seria difícil apresentar uma paridade de textos na presente obra sobre as coletividades em questão. Há mais estudos e pesquisadores sobre a imigração polonesa do que sobre a ucraniana e a russa, fato que corresponde a sua maior presença em espaços territoriais do estado. Frente a isso, decidimos que colocaríamos, na presente coletânea, os autores que conseguiríamos encontrar e que se dispusessem a participar, mesmo que alguma das ‘nacionalidades’ pudessem ficar com mais textos. Foi o que fizemos.

Os imigrantes das três origens geográficas nacionais chegaram ao Brasil e, em particular, no Rio Grande do Sul, em tempos concomitantes (final do século XIX e primeiras décadas do século XX). Ambos fazem parte das políticas de imigração adotadas no Brasil e disseminadas na Europa. Buscava-se mão de obra para a produção na terra, para substituir os escravos em processos produtivos agrícolas e extrativistas em algumas regiões do país, em outras para produzir alimentos para o mercado consumidor, bem como operários para os maiores centros urbanos, além de outros fatores de ordem cultural, racial, religiosa e social. E, após as levadas iniciais, novas levadas migratórias eram alimentadas pelas já existentes.

Muitos deles viajaram nos mesmos navios e partiram dos mesmos portos, foram assentados em projetos de colonização mista, como foi o caso da Colônia Guarany e a de Erechim; outros se inseriram em colônias com certa identificação e acordos entre Brasil e Itália, como é o caso, para o Rio Grande do Sul, das colônias na região Central, onde o epicentro era Santa Maria, outras no Nordeste do estado como foi o caso da Colônia Guaporé e, também, no geral, nas de maior identificação como “Colônia Italiana”. Em algumas delas, em particular, nestas últimas, poloneses e ucranianos ficaram subsumidos; houve uma identificação pública preponderante dos italianos, talvez devido sua quantidade numérica ser bem superior e/ou por serem colônias designadas para estes em razão de acordos entre governos e, para alguns casos e situações, poloneses e russos podiam ser considerados *intrusos*.

No interior das Colônias, por mais que seus gestores buscassem evitar enclaves étnicos, devido a vários motivos, que não convém aqui adentrar, os membros dos três grupos buscaram permanecer internamente unidos entre si, se não nos primeiros anos de assentamento, em anos posteriores. Aqueles que se estabeleceram no meio urbano de cidades maiores como Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria, dentre outras, também, buscaram, na medida do possível, fixarem-se numa dimensão de proximidade. Para os imigrantes, isso favorecia para amenizar os limites e as dificuldades dos primeiros anos nos espaços de destino, produzia pertencimentos, intercâmbios linguísticos e culturais entre si, alguns processos associativos, dentre outros na relação com a sociedade de acolhida e com a nova dinâmica social e da vida em geral.

Somos sabedores, ainda, que os três grupos, além de suas particularidades em vários âmbitos, também expressavam, internamente, diferenciações. Estas se manifestavam pelas condições econômico-financeiras dos imigrantes, profissões e ofícios variados antes e depois da saída, níveis de escolaridade, diferenciações linguístico-dialetais, espaços de trabalho encontrados, dentre outras. Aqueles que se estabeleceram no meio rural, em geral, vivenciaram situações muito comuns de vida nas Colônias, seus limites, enfrentamentos, superações, promessas não cumpridas pela esfera pública e/ou pelas colonizadoras, dentre inúmeros outros aspectos. A organização da vida de empreendimentos colonizadores no meio rural não permitia facilmente ascensão nem mobilidade social, muito menos capital social para imigrantes, principalmente nos primeiros anos; ainda que, frente aos camponeses nacionais e aos indígenas presentes nestes cenários de destino (colonização), imigrantes eram bem vistos e preferidos em razão dos resultados do trabalho, da organização da vida familiar, de horizontes culturais etc. Para os que se situaram no meio urbano, em particular, aqueles que empreenderam alguns ofícios e atividades comerciais, a mobilidade social

não demorou tanto a aparecer. Portanto, são situações normais da realidade de grandes levas migratórias e, por isso, tem-se dificuldade em produzir análises mais genéricas dos grupos.

A presença de poloneses no Rio Grande do Sul e em outros estados do Sul do Brasil é reconhecida, como já informamos, em virtude de um amplo acervo de estudos que tematizam vários âmbitos da vida de imigrantes. Sobre ucranianos e russos, conseguimos encontrar alguns estudos, em geral, bastante localizados em municípios ou Colônias que, na atualidade, compreendem vários deles, dando ênfase a algum horizonte específico, como é o caso das igrejas ortodoxas russas espalhadas pelo Brasil, realizados, na sua maioria, por historiadores diletantes, no entanto há também trabalhos de cunho acadêmico resultantes de pesquisas de conclusão de cursos (TCCs) e de algum tipo de pós-graduação, em geral, dissertações de mestrado. Estes são raros se comparados aos poloneses, italianos e alemães.

Buscamos contatar com todas as pessoas sobre as quais tivemos informações que produziram estudos sobre os grupos em questão. A maioria aceitou, porém, no geral, pairou a ênfase no fato de que “não havia novos estudos”. Essa questão foi a tônica. Não obstante, há textos na presente coletânea que são inéditos; outros se baseiam em estudos anteriores, entretanto redefinidos, retrabalhados e atualizados; outros ainda são de pesquisas mais antigas e que havia pouca possibilidade de atualização, em razão do tempo curto para a sua efetivação, ou ao fato de que já não era mais objeto de investigação e de interesse.

Frente a essa realidade, fizemos um esforço de contemplar estudos que abarcam a presença mais evidente dos grupos nas várias regiões do Rio Grande do Sul. Os temas específicos são variados e revelam os objetos de pesquisas dos autores. Porém, enfatizamos que alguns aspectos históricos da imigração dos três grupos, de seus países de origem, dos meios e das situações dos translados e dos espaços de destino deveriam estar presentes em alguns dos textos. E, foi o que conseguimos realizar. Outros deram centralidades a temas específicos nos campos da cultura, das crenças, da vida na Colônia e em seu espaço como colonos, das representações e reconstruções étnicas vivenciadas e empreendidas, além de questões mais atuais em relação às situações em que se encontram alguns de seus descendentes.

Mas, vamos lá: em relação à **imigração polonesa**, contamos com vários textos. O primeiro deles, intitulado *(E)Imigração polonesa no Brasil: reflexões pontuais*, de **Thais Janaina Wenczenovicz**. De forma sintética, a autora analisa as razões da emigração polonesa, enfatizando a sua complexidade, assim como demonstra processos históricos e contextuais da Polônia no século XIX. Na análise da autora, semelhante a outros países europeus, a Polônia vivia grave crise econômica, política e social, o que obrigou milhares de indivíduos a emigrar para

o Novo Mundo. **Isabel Rosa Gritti**, em seu texto *Os imigrantes poloneses na Colônia Erechim – Norte do Rio Grande do Sul -1908-1945*, situa a presença de imigrantes poloneses na Colônia Erechim, em que, numericamente, eram significativos e acabaram se concentrando em determinadas localidades da Colônia, formando a maioria dos habitantes de alguns municípios, como é o caso de Áurea, conhecido como a “Capital Brasileira dos Poloneses”. A autora apresenta, também, atuais manifestações culturais que expressam e/ou reafirmam sua “polonidade”, como o Grupo de Danças JUPEM, a Festa da Czarnina, dentre outras.

O texto de **Paulo Tomaz Marmilicz**, *Poloneses na Colônia Guarany – Noroeste do Rio Grande do Sul*, de **Juliano Florczak Almeida** em coautoria com **Maria Catarina Chitolina Zanini**, *Identidades polonesas e memórias: narrativas sobre o processo de imigração e colonização polonesas em Guarani das Missões - RS*, em suas análises específicas, abordam a presença de poloneses na Colônia Guarany, Noroeste do estado, enfatizando aspectos do vivido, das crenças, dos rituais de polonidade reproduzidos nas últimas décadas, bem como suas relações interétnicas e trajetórias de construção das identidades étnicas polonesas, a mudança e a continuidade nos processos culturais na mescla e na delimitação de fronteiras com outros grupos étnicos, dentre os quais os nacionais e os imigrantes russos, alemães e italianos presentes no interior da referida Colônia.

Fábio Roberto Krzysczak, em *A jornada dos imigrantes poloneses e o sonho da propriedade rural em Carlos Gomes – RS*, explora a trajetória dos poloneses que emigraram para o Brasil, com ênfase na busca incessante pela propriedade rural como um dos principais motores dessa migração. A pesquisa analisa as condições de posse de terra na Polônia, as dificuldades enfrentadas pelos poloneses para alcançar seu sonho de propriedade rural e os desafios durante o assentamento, especialmente no espaço do atual município de Carlos Gomes.

O texto de **Rhuan Targino Zaleski Trindade**, *Política, diplomacia, comércio e polonidade: as autoridades polonesas em Porto Alegre e a imprensa local (1933)*, analisa a presença de Władysław Raczkiewicz, então presidente do senado polonês, que esteve na capital do Rio Grande do Sul, por alguns dias, no ano de 1933, sob a ótica da imprensa local e dos vínculos constitutivos da identidade étnica e nacional polonesa, a *polonidade*, junto aos membros da colônia instalada no Rio Grande do Sul.

Seguindo no campo da demarcação de fronteiras étnicas, **Adriano Malikoski**, em seu texto, *Escolas Polonesas no Rio Grande do Sul: Etnicidade e Polonidades (1920 – 1937)*, fornece-nos uma discussão sobre o papel das escolas étnicas, no caso, como demanda de poloneses no Rio Grande do Sul, os confrontos com as políticas públicas de educação e de nacionalização. O autor analisa a questão étnica como processo, a qual importou uma reorganização

social das comunidades imigrantes, em particular, a polonesa, frente ao discurso estatal e à violência da mobilização de ideários e prescrições políticas, que envolveram a nacionalização das comunidades étnicas no Brasil. Nesse campo da educação, **Isabel Rosa Gritti**, em coautoria com **Silvana Maria Gritti**, em *A escola dos imigrantes poloneses na Colônia Erechim*, discutem a constituição das escolas étnicas polonesas na Colônia Erechim. Segundo as autoras, a escola estava entre as primeiras instituições criadas pelos imigrantes nas colônias onde eram assentados. O texto apresenta, também, o nome e o número de escolas étnicas ou comunitárias criadas pelos imigrantes poloneses, bem como as dificuldades enfrentadas na consolidação desta instituição.

Dando sequência aos horizontes culturais e institucionais, o texto *Reminiscências da polonidade em Nova Prata – RS*, de autoria de Cláudio da Costa, faz uma revisão histórica da imigração polonesa em Nova Prata, município da Encosta Superior do Nordeste do estado, o qual possui grande identificação com este grupo. O autor centra sua análise demonstrando a presença de religiosos e a organização das comunidades. Aborda a integração dos poloneses na região e os desafios enfrentados no novo território, oferecendo uma visão abrangente da formação da polonidade pratense e seu legado cultural. Fabricio J. Nazzari Vicroski, em seu texto *Direitos linguísticos da diáspora polonesa*, discute os recentes projetos e iniciativas para a promoção e proteção legal da língua polonesa em território nacional, com destaque para as ações articuladas por representantes da diáspora polonesa no Rio Grande do Sul. Neste campo cultural, de expressão linguística e étnica, de reprodução da polonidade, contamos ainda com o texto de Lúcia Barrili, *Símbolos, rituais e reconstruções da Polonidade em comunidades rurais de Casca e Santo Antônio do Palma – Encosta do Nordeste RS*. A autora aborda ações que descendentes da terceira e quarta gerações realizaram, e ainda o fazem, para manter e divulgar a polonidade nos municípios de Santo Antônio do Palma e Casca, dois cenários de grande presença de poloneses que se instalaram no interior da Colônia Guaporé, nas primeiras décadas do século XX.

Sobre os **imigrantes russos**, o texto *Campina das Missões – raiz de cultura russa no Rio Grande do Sul*, de **Jacinto Anatólio Zabolotsky**, analisa a intensa presença de imigrantes russos na Colônia Guarany, no atual município de Campina das Missões. O autor dá ênfase aos rituais de reconstrução étnica e às inúmeras ações desenvolvidas por associações, grupos culturais e vínculos atuais com a Rússia. **Rosângela Corrêa Alves**, em seu texto *Registros da entrada de Imigrantes Russos no Rio Grande do Sul até 1914*, analisa a presença de imigrantes russos no Rio

Grande do Sul até a data referida. Situa sua análise no contexto da primeira onda migratória para o Brasil, buscando entender as motivações políticas, econômicas e sociais que levaram os russos a emigrarem. A autora informa que imigrantes que chegaram entre 1890 e 1914 eram massivamente agricultores, não católicos e traziam junto seus familiares. **João Carlos Tedesco** e **Isabel Gritti**, em *“Aqui é tudo meio misturado”*. *Russos na Colônia Erechim – Norte do RS. Primeiras décadas do século XX*, centralizam a presença de imigrantes russos na Colônia Erechim, Norte do Estado; demonstram a dificuldade da identificação étnica dos imigrantes em razão da definição do local e país de origem, de suas mudanças políticas e territoriais, bem como fruto de estratégias para fazer frente aos preconceitos e às perseguições nos espaços de destino. Em *A presença de “russos” e russo-brasileiros na Colônia Guarita. Apontamentos preliminares*, **Breno Antonio Sponchiado**, analisa a presença de russos na Colônia Guarita no extremo Norte do Estado. O texto aborda processos que envolveram a sua efetivação, assim como elenca famílias que se declararam de origem russa nos primitivos cartórios da referida colônia.

Em relação aos **imigrantes ucranianos**, como já mencionamos, não conseguimos muitos textos. **Regina Weber**, no seu texto *Agenda para estudos da imigração ucraniana no Rio Grande do Sul*, faz um levantamento sobre o que se conhece sobre a história da imigração ucraniana para o Rio Grande do Sul e pontua desafios e possibilidades para ampliar os estudos deste grupo. Paralelamente, algumas noções e teorias são lembradas. No texto *Imigrantes ucranianos no Sul do Brasil*, de **Antonio Marcos Myskiw**, além de uma breve descrição de suas ramificações familiares, que emigraram, encontramos elementos que nos permitem entender alguns dos processos históricos do contexto da emigração de ucranianos para várias partes do mundo, dentre as quais, o Brasil. Há uma análise dos vários períodos da emigração para o Brasil e suas causalidades, bem como sua presença no Sul do país, seus espaços de trabalhos, ofícios e profissões.

O texto de **Neivo Fabris**, *Ucranianos do “Campo Erechim”: uma experiência única no contexto da colonização do Norte do RS*, aborda algumas das dificuldades enfrentadas por famílias de imigrantes ucranianos na Colônia Erechim, em particular, onde na atualidade se situa o município de Erebango, no alvorecer da segunda década do século XX. De igual modo, os mecanismos de sobrevivência adotados pelos imigrantes, inspirados na ajuda mútua e no coletivismo.

Agradecemos imensamente aos autores da presente coletânea. Sabemos que, para todos, esta atividade foi acrescida às demais já existentes, porém o desejo de contribuir com o tema e socializar as pesquisas *falou* mais alto. Parabenizamos a iniciativa dos coordenadores de toda a Coleção *História dos Povos Formadores do Rio Grande do Sul*. Sem dúvida, contribuirão para ampliar, em muito, os conhecimentos sobre os vários sujeitos coletivos que nos precederam. Para o nosso caso específico, expressamos nossa intenção que o presente material sirva para intercambiar conhecimentos sobre a presença dos três grupos étnicos em nosso estado Meridional e, assim, em suas particularidades, possa somar-se aos demais que povoaram o referido espaço.

Os Organizadores



A black and white photograph of a metal pushpin pinned to a map. The pushpin is positioned in the upper right quadrant of the frame. The map is spread out on a textured surface, and the pushpin is stuck into it. The map shows some geographical features and text, though it is not clearly legible. The overall tone is historical and evocative.

IMIGRAÇÃO POLONESA



(E)IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL: REFLEXÕES PONTUAIS

Thais Janaina Wenczenovicz¹

INTRODUÇÃO

Diversas regiões e temáticas já foram analisadas no grupo étnico polonês. Para além de anais, brochuras, cartas e manuscritos redigidos por múltiplos escritores, a historiografia registra que em cada Estado há uma trajetória e temporalidade. A exemplo, no Rio Grande do Sul, constata-se que é somente a partir da década de 1950 que se iniciam estudos acerca da imigração polonesa no Estado.

Edmundo Gardolinski, em 1958, apresenta, sob o título “Imigração Polonesa”, na *Enciclopédia Rio-Grandense*, uma descrição dos anos iniciais do assentamento de imigrantes poloneses no Brasil e no Rio Grande do Sul. Em 1961 Ladislau Topaczewski apresenta, em *Memórias de nosso torrão natal*, uma breve análise do deslocamento das centenas de famílias polonesa que aportaram no Brasil e o processo de ocupação territorial no Rio Grande do Sul, especialmente na colônia de Dom Feliciano. Prosseguindo, encontra-se a obra de Líbia Maria Wendling, lançada em 1971 sob o título *O imigrante polonês no Rio Grande do Sul*, produção generalizante onde se apresentam a viagem, instalação e aspectos de organização interna dos núcleos poloneses: nascimento, casamento, relações sociais e outros. Acresce-se aos demais Antoni Cuber, com o livro *Nas margens do Uruguai*, publicado em 1975.

No entanto, as obras de maior visibilidade e uso sobre o tema imigração polonesa são de autoria de Alberto Victor Stawinski, *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul*, e, novamente, Edmundo Gardolinski, com *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Na década de 1980, a contribuição é de Félix Busatta e Alberto Victor Stawinski, com a obra *Josué Bardin: história e religião das colônias polonesas*, onde descrevem a organização das comunidades polonesas no Rio Grande do Sul pelo viés do associativismo e da religião, bem como a construção dos espaços educacionais nas comunidades.

¹ Docente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS. E-mail: t.wencze@terra.com.br.

Em meados da década de 1990 e no período de 1990 e anos 2000-2005, concentra-se a maior produção não somente no Rio Grande do Sul como nos Estados do Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina, agora com um alargamento nos objetos e fontes de pesquisa, acompanhando o movimento internacional de produção historiográfica. Nesse sentido, surge a pesquisa de Elaine Buchmann, em *A trajetória do sol: um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no Sul do Brasil*, e de Isabel Rosa Gritti, em *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*.

Consoante pode-se encontrar junto ao Catálogo de Teses e Dissertações/CAPES produto definido como tese e dissertação no período de 2000-2019 os trabalhos de Wenczenowicz, Thaís Janaina. *Montanhas que Furam as Nuvens! Imigração Polonesa em Aurea*. Dissertação de Mestrado em História, na Universidade de Passo Fundo. Maciel, Myrna Estella Mendes. *Língua de imigrantes: a língua polonesa na região Sul*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, na Universidade do Sul de Santa Catarina. Ramos, Odinei Fabiano. *Ucranianos, poloneses e brasileiros em Prudentópolis: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR*. Dissertação de Mestrado em História, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Malikoski, Adriano. *Nacionalização das Escolas Étnicas Polonesas no Rio Grande do Sul (1918-1942)*. Tese de Doutorado em Educação, na Universidade de Caxias do Sul e Filho, Ari Lazzarotti. *O processo educativo da luta pela terra*. Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Goiás. E, outras existentes, mas com trabalho desenvolvido anterior à Plataforma Sucupira.

Nesse contexto, o capítulo tem por objetivo apresentar um breve percurso da imigração polonesa do século XIX e XX ao Brasil e utiliza-se de procedimento metodológico bibliográfico-investigativo.

1 - PROCESSOS DE CHEGADAS E PARTIDAS: PERSPECTIVAS SOBRE A IMIGRAÇÃO POLONESA NO SUL DO BRASIL

Apresentar as razões que justificam o deslocamento de milhares de pessoas de um continente para outro não pressupõe uma resposta imediata e simples, e a implicação é ainda maior quando se apresenta a prática cotidiana desses grupos humanos que se deslocaram além-mar, em especial os imigrantes poloneses, como objeto de estudo. Optou-se, neste estudo, por tomar como ponto de partida as condições específicas de imigrantes poloneses, destacando algumas características mais abrangentes, para, posteriormente, adentrar na guarda da memória em si.

As razões da emigração polonesa eram diversas e profundas. No século XIX, à semelhança de outros países europeus, a Polônia vivia grave crise econômica, política e social, o que obrigou milhares de indivíduos a migrar para

o Novo Mundo. Nos séculos XVI e XVII, a Polônia apresentara-se como uma nação poderosa, organizada politicamente e de considerável desenvolvimento econômico. O cenário econômico positivo polonês devia-se à exportação de alcatrão, cereais, madeira e serragem para a Europa Ocidental, particularmente para os Países Baixos, Inglaterra e norte da Alemanha, fato que aumentou as rendas da nobreza, como também das cidades.

Na esfera política, esse foi um período de vigor e de ausência de ameaças externas, pois as poucas guerras ocorriam, estas apenas na fronteira norte da Polônia e na Lituânia. Entretanto, observava-se o crescente interesse da Prússia e da Rússia pela nação polonesa, e a correlação de forças não seria favorável à Polônia. Ocorre que o crescimento da nação polonesa despertara a atenção de seus vizinhos Áustria, Prússia e Rússia, que desencadearam uma série de invasões, fragmentando a organização política e a estabilidade econômica da Polônia, fato que levou muitos poloneses a abandonarem o país em busca de vida digna e livre. (WACHOWICZ, 1974, p. 12)

A Polônia dos séculos XVII e XVIII apresentava características antagônicas às dos seus grandes vizinhos, – Prússia e Rússia –, os quais centralizavam o poder, ao passo que a nação polonesa conhecia o enfraquecimento do poder central. O exército polonês constituía-se, sobretudo, de milícias camponesas mantidas e controladas pela nobreza, as quais eram utilizadas pelo governo central em guerras defensivas. (WACHOWICZ, 1974, p. 53) A situação geral era propícia à mudança, entretanto a nobreza não permitia a diminuição de seu poder, anulando as tentativas de mudança na Dieta (Câmara). A Dieta – *Sejm* – era regida por leis anacrônicas, que encaminharam o país à desorganização política.

Dentre as principais razões do movimento migratório encontravam-se o excesso de mão-de-obra nas aldeias e vilas, o elevado crescimento demográfico, a falta de terras para as novas gerações, a ausência de legislação agrária, o êxodo rural para os centros industriais por causa da mecanização rural, perseguições políticas e religiosas. Contudo, sem dúvida, a grande razão da imigração foi a possibilidade de imigrar para uma nação onde fosse possível tornar-se proprietário de terra.

Na Polônia era quase inviável tornar-se proprietário de terra, pois, nos séculos XVIII e XIX, o poder político e econômico estava nas mãos da nobreza. A pequena e média burguesia progredia com dificuldade, enquanto a alta burguesia, ligada à alta nobreza, acelerava o passo, sem questionar a estrutura vigente. Wachowicz (1974, p. 86) relata a respeito: “O camponês polonês, tanto sob o domínio prussiano como sob os outros domínios, vivia num sistema social altamente hierarquizado. Numa aldeia as classes sociais eram nítidas e sua mobilidade muito hierquizada”. Obrigado a arrendar a terra, o camponês

cedia grande parte do seu trabalho como renda.

Nesse contexto que bloqueava a ascensão social dos segmentos subalternos, o camponês era visto e tido como simples força braçal geradora de trabalho. Além disso, seu alheamento a quase tudo que se encontrava situado fora de sua aldeia e arredores - *okolica*, apoiado pela aristocracia e pelo clero, - dificultava-lhe a luta pela divisão da terra e de aplicação de leis agrárias. O historiador brasileiro Ruy Christovam acrescenta:

Vivendo, pois, numa comunidade semifeudal, possuía oportunidades de pertencer a poucas instituições sociais. A comuna e a paróquia eram o seu mundo. Sua participação na primeira era muito limitada. Medidas restritivas do governo faziam com que sua participação na administração comunal fosse a de espectador passivo [...]. (WACHOWICZ, 1974, p. 86)

Também o pequeno proprietário se via em grandes dificuldades. Stawinski (1976, p. 86) assinala: “Na área econômica, a situação dos poloneses tornara-se ainda mais cruciante. Os impostos prediais e territoriais eram tão pesados que os proprietários não tinham com o que pagar e, para não caírem na prisão, eram forçados a vender suas reduzidas propriedades”. Durante dezenas de anos a economia polonesa alicerçou-se na agricultura, com destaque para alguns produtos básicos, como a batata, o centeio e o trigo. A Posnânia e a Pomerânia Ocidental eram bons exemplos desse tipo de economia: tratava-se de regiões essencialmente agrícolas, com um número incipiente de indústrias.

Dois grandes períodos caracterizaram os movimentos migratórios poloneses para o Brasil entre a década de 1890 e a I Guerra Mundial, nomeados pela historiografia de “febre brasileira”: o primeiro abrange de 1890 até 1897, quando o governo brasileiro proporcionou transporte gratuito aos imigrantes, por meio de contratos com companhias de navegação; o segundo iniciou-se em 1906.

As primeiras levas de poloneses dirigiram-se para o Paraná e o Rio Grande do Sul. São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo também receberam poloneses que se distribuíram pelos centros urbanos e pelas fazendas de café. De 1897 a 1906, caiu bruscamente o número de imigrantes poloneses; chegavam apenas imigrantes isolados, geralmente atraídos por amigos e parentes residentes no Brasil. Wachowicz (1974, p. 55) assim descreve o segundo período:

[...] inicia-se por volta de 1906, quando o Brasil, necessitando de mão-de-obra barata e numerosa para a construção de estradas-de-ferro, notadamente a São Paulo – Rio Grande do Sul, volta à sua antiga política de proporcionar passagem gratuita a quem desejasse imigrar.”

Já Smola apresentam uma periodização mais detalhada das etapas do processo migratório, que divide em sete períodos: “1) até 1869 - início da emigração em massa; 2) 1869/90 - primeira fase da emigração em massa; 3)

1890/1914 - etapa da febre brasileira; 4) 1914/1918/20 - queda da emigração originada pela I Guerra Mundial e os acontecimentos nacionais; 5) 1918/1939 - emigração dirigida, relacionada com ações do Estado polonês; 6) 1939/1945 - etapa dos refugiados de guerra; 7) 1945 - etapa contemporânea.” (SMOLA; DEMBICZ, 1996, p. 23).

É importante ressaltar a dificuldade em se apresentar estatísticas quanto ao número de imigrantes egressos da Polônia, visto que em grande parte das fontes estatísticas são elencados na categoria “outras nacionalidades” por questões essencialmente econômicas e políticas vivenciadas pela Polônia (partilhas, guerras, dentre outras). A categoria que engloba ‘outras nacionalidades’, embora com variações mais amplas, também mantém proporções altas de entradas que se dirigiram ao Estado de São Paulo. Nos períodos de 1920 a 1929 e de 1945 a 1949, o grupo de ‘outras nacionalidades’ ultrapassa a percentagem de todas as outras nacionalidades específicas que se vem analisando. (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1954, p. 49).

Além dos *Anuários Estatísticos Brasileiros*, é possível encontrar dados sobre o número de imigrantes ingressos e outras variáveis a eles ligadas, em nível nacional, em diversas fontes. Dentre essas estão os relatórios do Ministério dos Negócios do Império (1872-1889), do Departamento Nacional de Imigração e Colonização (DNIC), do Conselho de Imigração e Colonização, da Divisão de Terras e Colonização, do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), da Superintendência de Política Agrária (SUPRA), do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) e do Departamento Nacional de Mão de Obra, Divisão Nacional de Imigração. Já as informações referentes às saídas estariam em mãos do Serviço de Registro de Estrangeiro, pertencente ao Ministério da Justiça. (IBGE, 2023).

A I Guerra Mundial interrompeu sensivelmente a vinda de imigrantes poloneses e de outras origens para o Brasil; ao findar o conflito mundial, o fluxo migratório polonês foi restabelecido, porém em menor escala. No período intitulado “febre brasileira” – 1889/1914 – aproximadamente noventa mil poloneses chegaram ao Brasil, dos quais 45% fixaram-se no Rio Grande do Sul; 40%, no Paraná e os 15% restantes em Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Em seu estudo pioneiro sobre os poloneses no Rio Grande do Sul, Edmundo Gardolinski apresenta um total de 27 mil imigrantes chegados ao Estado, originando as colônias, até então desocupadas. (GARDOLINSKI, 1958, p. 12)

As estruturas administrativas e políticas do Rio Grande do Sul representavam não somente o fim do escravismo e a implantação do trabalho assalariado, mas também o esboço de um projeto de industrialização e de colonização policultora com base na mão-de-obra familiar. O positivismo, que

na Europa fora a ideologia legitimadora da hegemonia burguesa, no Rio Grande do Sul assumiu noções progressistas em relação ao escravismo anterior e ao domínio do latifúndio charqueador e pecuarista, abrindo espaço para o ingresso da massa imigracional.

Oriundos da região ocupada pela Prússia, os primeiros imigrantes poloneses teriam chegado ao Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, por volta de 1875. Eles se estabeleceram na margem esquerda do rio das Antas, na Colônia Santa Tereza, que se limitava, ao norte, com a Oitava Seção da Colônia Alfredo Chaves e, ao sul, com a região de colonização alemã. As cidades de Bochnia, Brzesko, Cracóvia, Jarosław, Leżajsk, Przemyśl, Przeworsk, Rzeszów, Sanok, Tarnów, Tarnobrzeg, bem como as que se encontram presentemente nas fronteiras da Ucrânia: Bolechów, Chodorów, Czortków Sambor, Stryj, Stanisławów colaboraram no envio de imigrantes poloneses ao Rio Grande do Sul. (STAWINSKI, 1976, p. 79)

1.1 - MOVIMENTOS DA IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL

A I Guerra Mundial interrompeu sensivelmente a vinda de imigrantes poloneses e de outras origens para o Brasil; ao findar o conflito mundial, o fluxo migratório polonês foi restabelecido, porém em menor escala. No período intitulado “febre brasileira” – 1889/1914 – aproximadamente noventa mil poloneses chegaram ao Brasil, dos quais 45% fixaram-se no Rio Grande do Sul; 40%, no Paraná e os 15% restantes em Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Em seu estudo pioneiro sobre os poloneses no Rio Grande do Sul, Edmundo Gardolinski (1958, p. 12) apresenta um total de 27 mil imigrantes chegados ao Estado, originando as colônias, até então desocupadas, descritas na tabela 1.

Tabela 1 - Imigrantes poloneses vindos ao Rio Grande do Sul

Colônias	Nº de famílias
Alfredo Chaves	10
Nova Virgínia	100
Nova Bassano	180
Monte Vêneto	30
Nova Roma	60
Capoeiras	100
Antônio Prado	200
São Marcos	600
Santo Antônio da Patrulha	200
Total	1.480

Fonte: GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER,

Klaus (Org.). *Enciclopédia riograndense*. Porto Alegre: Regional, 1958, p.12, v. 5.

Fontes bibliográficas apontam para a existência de elementos poloneses na colônia sul-rio-grandense de Conde d'Eu, na Linha Azevedo Castro, I secção, quando nesta região aportaram os imigrantes italianos em 1875. Segundo Stawinski (1976, p. 31), a chegada do grupo polonês teria ocorrido na mesma época em que vieram os imigrantes franco-suíços, alguns meses antes dos imigrantes italianos.

2 - A PRESENÇA POLONESA NO RIO GRANDE DO SUL

A estrutura administrativa e política do Rio Grande do Sul representava não somente o fim do escravismo e a implantação trabalho assalariado, mas também o esboço de um projeto de industrialização e de colonização policultora com base na mão-de-obra familiar. O positivismo, que na Europa fora a ideologia legitimadora da hegemonia burguesa, no Rio Grande do Sul assumiu noções progressistas em relação ao escravismo anterior e ao domínio do latifúndio charqueador e pecuarista, abrindo espaço para o ingresso da massa imigracional.

Oriundos da região ocupada pela Prússia, os primeiros imigrantes poloneses teriam chegado ao Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, por volta de 1875. Eles se estabeleceram na margem esquerda do rio das Antas, na Colônia Santa Tereza, que se limitava, ao norte, com a Oitava Seção da Colônia Alfredo Chaves e, ao sul, com a região de colonização alemã. (STAWINSKI, 1976, p. 79). As cidades de Bochnia, Brzesko, Cracóvia, Jarosław, Leżajsk, Przemyśl, Przeworsk, Rzeszów, Sanok, Tarnów, Tarnobrzeg, bem como as que se encontram presentemente nas fronteiras da Ucrânia: Bolechów, Chodorów, Czortków Sambor, Stryj, Stanisławów colaboraram no envio de imigrantes poloneses ao Rio Grande do Sul.

Já os poloneses provenientes da região sob o domínio russo somente começaram a chegar ao Rio Grande do Sul no final de 1889. Em sua maioria eram oriundos de Varsóvia, Kalisz, Plock e arredores. A viagem inicial rumo ao porto de Bremen era feita de trem, via Berlin. (STAWINSKI, 1976, p. 65)

A travessia do oceano, de Bremen ou Hamburgo até o Rio de Janeiro não era feita em menos de 18 dias. Durante a permanência nos barracões dos imigrantes, na Ilha das Flores, as famílias aguardavam ansiosas a definição da região em que iriam se estabelecer. Em geral, após uma semana de descanso, a viagem prosseguia em direção aos seus destinos. (WONSOWSKI, 1976, p. 10-11). Em caso de enfermidades, os imigrantes permaneciam por um período mais extenso, pois havia o cuidado de que os doentes não rumassem para as colônias, evitando, assim, o contágio com os demais, dando início a surtos epidêmicos.

O traslado, relações diplomáticas, distribuição de terra e outras questões relacionadas ao fluxo migratório eram registrados e homologados em forma de lei, segundo decretos e incisos, de conformidade com a legislação federal. No aspecto traslado e meios de hospedagem encontra-se a preocupação quanto à saúde e acomodações dos imigrantes. O decreto nº 9.081, de 3 de novembro de 1911, que dava novo regulamento ao serviço de povoamento, composto de 277 artigos, condensou todas as medidas necessárias à colonização e à imigração, esta promovida pela União diretamente ou mediante acordo com os governos estaduais, empresas de navegação, companhias ou associações particulares. Veja-se seu texto:

Art. 232 – A permanência dos imigrantes na hospedaria durará o tempo preciso para o despacho aduaneiro de suas bagagens, desinfecção destas, quando for conveniente, indicação ou escolha do destino ou espera de condução; e só poderá exceder de oito dias em caso extraordinário ou de força maior, a juízo da Diretoria de Serviço de Povoamento.

Art. 233 – Em caso de doença, os imigrantes recém-chegados terão tratamento médico, medicamento e dieta, sendo recolhidos à enfermaria da ilha quando preciso, tratando-se de enfermidades passageiras; devendo ser removido para os hospitais do Rio de Janeiro, em caso de moléstias contagiosas ou infecciosas, ou quando necessário tratamento melhorado.

Art. 234 – Enquanto estiverem na ilha das Flores, os imigrantes ficarão subordinados às medidas de ordem, higiene e disciplina, postas em vigor a bem da moralidade, polícia, condições sanitárias e segurança do estabelecimento. (IOTTI, 2001, p. 564).

Observa-se no decorrer do documento o registro de que haveria três médicos encarregados do serviço médico-cirúrgico, um médico especialista de moléstia dos olhos, um farmacêutico, um prático de farmácia e o serviço de uma ou mais parteiras, de acordo com as necessidades existentes nos diversos barracões localizados em Ilha das Flores.

No processo de imigração nem todas as famílias eram direcionadas para a mesma região. As que se dirigiam ao Rio Grande do Sul continuavam de vapor até Porto Alegre, onde descansavam por alguns dias e eram informadas sobre a região onde se instalariam. Geralmente, essas prosseguiram, a seguir, por via fluvial até o porto de São João do Montenegro, de onde se faziam a distribuição e dispersão dos imigrantes poloneses para as diversas localidades do Rio Grande do Sul. Então, as famílias polonesas partiam por diferentes caminhos, de carreta, a cavalo ou a pé, transportando bagagens e crianças. (WONSOWSKI, 1976, p. 11)

No decorrer de poucos anos, surgiram vários núcleos poloneses, como São Marcos de Cima da Serra (município de São Francisco de Paula); Nova Roma e Castro Alves (município de Antônio Prado); Linhas Quinta, Sexta, Sétima,

Oitava e Nona (municípios de Veranópolis e Nova Prata). São Marcos, fundado em 1890 por imigrantes poloneses, foi elevado à categoria de município em 9 de outubro de 1963. Atualmente, as linhas Quinta, Sexta e Sétima, pertencem ao município de Nova Prata. Em Nova Trento (Flores da Cunha), residiram, outrora, colonos poloneses. (STAWINSKI, 1976)

Após resolverem problemas iniciais candentes, tais como dificuldades com o estabelecimento, baixa qualidade das terras (acidentadas e pedregosas), péssimas vias de comunicação vicinais, que tornavam o transporte caro e precário, os imigrantes depararam-se com um novo problema: a falta de terras para seus filhos. A partir do século XX, a pequena extensão das colônias (12,5 ha) fez com que os poloneses, defrontando-se novamente com o problema da falta de terra, procurassem novas fontes coloniais no rio do Peixe e Paiol Grande (Erechim) – Colônias Novas. (STAWINSKI, 1976, p. 66) Os poloneses aproveitaram a oportunidade de vender suas terras, quando os italianos de Nova Trento (Flores da Cunha) e arredores se encontravam na mesma situação, sem lotes coloniais para seus filhos recém-casados: “Por sua vez, os novos casais italianos faziam questão de iniciar a vida em lote colonial que não distasse longe dos pais, parente e amigos.” (STAWINSKI, 1976, p. 74)

Na primeira década do século XX iniciou-se nova onda migratória polonesa rumo ao Alto Uruguai, no norte do Rio Grande do Sul. Segundo Cassol, no segundo semestre de 1911 entraram em Erechim 1.788 imigrantes e no primeiro do mesmo ano, 2.957, na maioria de nacionalidade polaca e russa. As turmas da Comissão mediram 964 lotes, e mais 487 por contrato. (CASSOL, 1991, p, 90)

Gardolinski (1958, v5, p. 12) registra:

A região do Alto Uruguai e Planalto Médio foi dividida ‘colônias’ ou lotes rurais de 250 mil m² (25ha). O Governo Estadual facilitava o pagamento, concedendo a cada família o empréstimo de 500 mil-réis, quantia essa que devia ser devolvida em pequenas prestações e em longo prazo. O título definitivo de propriedade do lote era concedido ao colono após a cobertura daquela dívida para com o Estado. A maioria dos colonos conseguiu franquear os lotes, trabalhando na construção de estradas.

Em geral, as colônias do Alto Uruguai e Planalto Médio eram divididas em lotes rurais – colônias – de 250.000 m² cujo preço girava em torno de 500 mil-réis. O governo estadual financiava a compra, devendo o imigrante pagar a terra em prestações, porém à dívida também podia ser paga com trabalho na construção de estradas. O título definitivo de propriedade do lote era concedido ao colono após o pagamento da dívida com o Estado. (CASSOL, 1979, p. 30)

A organização dos novos núcleos de colonos poloneses deu-se segundo o processo já conhecido nas “Velhas Colônias”. Em geral, cada comunidade era

composta de trinta a quarenta famílias. Stawinski relata a presença de núcleos poloneses nas seguintes localidades: Alecrim, Alpestre, Aratiba, Áurea, Barão de Cotegipe, Cândido Godói, Capoerê, Carlos Gomes, Erechim, Erval Grande, Frederico Westphalen, Gaurama, Getúlio Vargas, Giruá, Horizontina, Iraí, Marcelino Ramos, Paim Filho, Palmeiras das Missões, Planalto, Porto Lucena, Santa Rosa, Seberí, Três de Maio, Tucunduva e Viadutos. (STAWINSKI, 1976, p. 79)

Além disso, vale lembrar que, a partir de 1911 e 1912, e sobretudo após a I Guerra Mundial, milhares de agricultores poloneses emigraram da Polônia para a colônia de Erechim. Esse processo ocorre em um momento propício e decisivo estadual, acrescidos do arranjo institucional (transferências fiscais, competências dos entes federativos e procedimentos legislativos) que impulsionados pelas Cartas Constitucionais brasileiras geraram, entre 1988 e 2000, 1.438 novos municípios no Brasil (25% do total).²

Sob a égide da Constituição de 1988 dezenas de distritos se emancipam e surgem municípios nos mais variados contextos enquanto formação política. Majoritariamente os novos municípios são impulsionados pelo ideário da liberdade e do poder. A menção do poder local, na figura do município, é feita apenas no Artigo 1º da Constituição Federal de 1988: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito [...]” (BRASIL, 1988).

A legislação promoveu a consolidação do Estado nacional enquanto federação e a definição de resoluções referentes aos recursos a serem repassados para os estados. Além disso, é notável a elevação do município ao mesmo patamar dos estados e da União. Reivindicação antiga dos distritos. Comumente, o distrito fora compreendido como espaço de baixa autonomia, pouco investimento em infraestrutura e com caráter agrário. Já a cidade/município mesmo que integrada ao mundo rural, poderia ampliar sua autonomia, receber mais recursos dos entes como Estado e União.

A possibilidade de autonomia do município, principalmente pelas relações que são estabelecidas elevavam uma população com pouca ou nenhuma participação política ao status de agente partícipe, mesmo que criadas a partir de favores em troca de apoio, ambos no âmbito político. Diversos municípios se emanciparam com o amparo das questões étnico-identitárias.

2 O Rio Grande do Sul é o terceiro Estado com o maior número de municípios. Com 497, só fica atrás de Minas Gerais (853) e São Paulo (645). No início da década de 1990, foi registrada grande elevação de emancipações. De 1992 a 1996, 164 municípios foram criados, de acordo com dados do Atlas Socioeconômico do Estado. Desde então, pulou para 28 em 1872, 66 em 1900, 232 em 1966, 333 em 1991, e 497 em 2013. Em 1996, o governo federal obteve aprovação de emenda que restringiu o processo de emancipação. (Confederação Nacional de Municípios/CNM, 2023).

A temática do poder local foi pouco relevante no Brasil até as duas décadas do final do século XX (1980). Essa minimização estava entrelaçada principalmente à pouca importância que a figura do município tinha perante a configuração de poder existente no país. Além disso, a estrutura política dos municípios era vinculada às formas de dominação tradicional – como o coronelismo – que implicam negativamente nas ações políticas e de desenvolvimento dos municípios. Destaca-se, nesse contexto ainda, o clientelismo que, para Carvalho (1997), corresponde à “relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”.

Nesse contexto diversos novos municípios se emancipam e consequentemente ampliam os municípios com percentual significativo de autodeclarados descendentes de poloneses, a exemplo de Áurea³, Centenário⁴, Carlos Gomes⁵, Floriano Peixoto⁶, outros. Majoritariamente os municípios possuem menos de 5000 habitantes e mobilizam-se em torno de questões econômicas e políticas (estar mais próximos dos poderes Executivo e legislativo) para terem suas demandas atendidas.

Diversos cientistas políticos, historiadores e filósofos apontam que a emancipação impulsiona a ‘cidade’ como centro de articulação política em que a urbanização figura como vetor desse processo denominado arcaico/moderno. Como ressalta Campos (2005), os aparelhos de Estado do município – prefeitura, câmara municipal e burocracia – são reforçados por conselhos e instituições sociais. Nesse viés, a sociedade civil possui papel relevante no poder local, pois, através de suas ações, diversas questões podem entrar na agenda política, havendo a possibilidade de resultarem em políticas públicas.

Nesse processo de ressignificação adentram as identidades locais e municipais. Essas são impulsionadas por ‘ondas’ de inclusão, exclusão e resistências. A articulação entre a étno-identidade e a memória nos grupos de imigrantes poloneses caracteriza-se pelo movimento de imbricações sociais após o processo de deslocamento de suas memórias na condição de homem do novo mundo. O que inicialmente marcou suas trajetórias foi o plantar, colher, tornar-se um pequeno proprietário e, com o passar do tempo sendo ampliado para suas subjetivações coletivas.

Muitos grupos e municípios vão reforçar essa identidade, selecionada a

3 Lei Estadual n.º 8.419 de 24.11.1987 – criação 8.980 de 09.01.1990 – alteração Emancipação: Centenário.

4 Lei Estadual n.º 9.618 de 20.03.1992 – criação.

5 Lei Estadual n.º 9.540 de 20.03.1992 – criação.

6 Lei Estadual n.º 10.636 de 28.12.1995 – criação.

partir de ações estruturadas por interesses locais, não só no sentido de guarda e preservação, mas no sentido de legitimação cultural. Com relação a esse último aspecto, tem-se o papel de grupos específicos que se colocam como agentes que acabam por institucionalizar a memória local a partir de escolhas que nem sempre representam o pertencimento cultural da maioria. Para Joel Candau,

[...] a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição do mesmo “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (Pierre Nora). A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece insustentável” (Suzanne Kuchler) (CANDAU, 2012, p. 9).

Para validar essa compreensão, sabe-se que as materializações culturais (tais como as expressões arquitetônicas, as festividades, a gastronomia e mesmo a religiosidade) que apresentam traços/características reconhecidos como sendo manifestações da cultura polonesa – dos antepassados vindos da Polônia e/ou de seus descendentes – são identificados e tornados públicos, isto é, passam a ser divulgados e, por vezes, até explorados promocionalmente. Ao final, insta destacar que parte dessa folclorização e identidade superficializada por vezes é consolidada muito mais pelo exercício da repetição que do próprio pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil recebeu muitos imigrantes europeus entre o século XIX e o início do século XX. Grande parte de imigrantes se dirigiu para as regiões Sul e Sudeste do Brasil. Vários problemas surgiram no início das atividades de assentamentos coloniais de imigrantes poloneses. Dentre os mais citados estão a viagem realizada dos grandes centros até os lotes coloniais por causa da dificuldade que apresentavam os meios de transportes perante a condição geográfica. O imigrante polonês procedia de uma realidade diferenciada do meio rural e urbano; em geral, vivia em seu *habitat rural* relativamente *urbanizado*, inserido no contexto europeu. Ao emigrar para o Rio Grande do Sul, antes da I Guerra Mundial, estradas, ferrovias e meios de transporte variados já eram comuns em diversas regiões da Polônia.

A localização geográfica de grande parte dos núcleos coloniais constituídos majoritariamente por imigrantes poloneses forçou-os a um isolamento, assim como o tipo de atividade econômica, quase que exclusivamente agrícola, determinou em parte seu fechamento à penetração da cultura nacional

dificultando o processo de aculturação, diferenciando-os dos demais grupos nas práticas cotidianas.

Reafirmam-se assim, as precárias condições econômico-sociais que acompanharam os núcleos coloniais poloneses no Rio Grande do Sul. Em instância local ou estadual fica explícita a condição desfavorável do grupo. Em classificação estatística nacional de egressos e ingressos, os imigrantes poloneses são englobados na categoria “outras nacionalidades”.

Nesse ínterim, a reflexão apresenta um breve percurso da Imigração Polonesa do século XIX e XX ao Brasil, com destaque ao Rio Grande do Sul e alguns elementos do municipalismo no Brasil após 1988. Mesmo que positivo no tocante à forma de distribuição das atribuições e meio de conferir maior grau de autonomia e competências aos municípios, fez uma tentativa de aproximação do processo de ressignificação da etno-identidade, do poder e sujeitos locais na formação social e econômica, possibilitando um diálogo em torno da configuração nacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 dez. 2024.

CAMPOS, Francisco Itami. **Ciência política: introdução à teoria do Estado**. Goiânia: Vieira, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual**. Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997.

CASSOL, Ernesto. **Histórico de Erechim**. Passo Fundo: Instituto Social Padre Berthier, 1979.

CASSOL, Ernesto. Estado e Colonização no projeto de PRR: a Colônia de Erechim. Parte IV. **Diário da Manhã**, Erechim, 12 dez.1991. p. 9.

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia riograndense**. Porto Alegre: Regional, 1958. v. 5.

IOTTI, Luiza. (Org.). **Imigração e Colonização: legislação de 1747-1915**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS. Caxias do Sul: Educs, 2001.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul. UCS. Porto Alegre: EST, 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Núcleo de Pesquisa em História. **Acervo Gardolinski**. Porto Alegre: IFCH, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nph/acervo/fundo-arquivo-edmundo-gardolinski/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O camponês polonês** – raízes medievais na mentalidade emergente. 1974. Tese (Concurso à Docência Livre. Disciplina de História Medieval). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos peraus do rio das Antas**: núcleo de imigrantes poloneses da ex-colônia Alfredo Chaves (1890). Tradução e notas de Stawinski. Porto Alegre: EST/UCS, 1976.

ESCOLAS POLONESAS NO RIO GRANDE DO SUL: ETNICIDADE E POLONIDADES (1920 – 1937)

Adriano Malikoski¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A etnicidade pensada como parte dos processos identitários humanos, percebida pelo estabelecimento da diferença, em dimensão histórica, pode ser concebida como um processo de transformação e compreensão das realidades humanas, com vistas aos estudos históricos e sociais. A partir da leitura pós-crítica, a etnicidade tornou-se uma importante categoria de análise elegida para estudos culturais, com desdobramentos permanentes na alçada das áreas sociais e humanas. Essas pesquisas foram amplamente desenvolvidas sobre diferentes aspectos, privilegiando a compreensão da cultura étnica como atravessamentos que influenciam os sujeitos, nas tomadas de decisões, na produção e na construção de seus processos sociais e históricos.

Neste trabalho², analisam-se representações sobre a escola étnica como demarcador de polonidade, com destaque para as estruturas organizacionais dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul e no Brasil. A formação da cultura escolar é elegida como demarcador dessa *polonidade* nas diferentes regiões, em tempo e espaço determinado: a partir da organização dos primeiros núcleos de imigração polonesa no Rio Grande do Sul, até o início dos decretos nacionalizadores mais abrangentes, em 1938.

De acordo com Barth (1976), a ênfase na etnicidade consiste como uma forma de organização social, caracterizada por atribuições e autoatribuições de características étnicas e identitárias. Não está implícito um entendimento de processo cultural caracterizado simplesmente por uma dimensão genealógica e histórica. Nesta (minha) concepção, o próprio termo etnicidade não pode ser considerado algo sedimentado, mas em constante processo de produção. A

1 Licenciado em filosofia e pedagogia, mestre e doutor em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. E-mail: adriano.malikoski@hotmail.com.

2 Este trabalho é parte de pesquisa sobre as escolas étnicas polonesas no estado do Rio Grande do Sul, desenvolvida no âmbito de meu mestrado na Linha de Pesquisa em História da Educação da Universidade de Caxias do Sul.

cultura em relação ao processo de construção da etnicidade, importa de que os atores sociais precisam inventar, refletir e transmitir os valores e significados culturais. A etnia é um elemento importante nesse processo, quando considerado a relação cultural efetiva. É uma consciência cultural e, ao mesmo tempo, parte dessa cultura. Destaca-se esse entendimento da etnicidade na relação e produção de redes de sociabilidade e dos sentidos escolares para os poloneses. Os processos histórico-educacionais, focalizam o debate sobre o entendimento de etnicidade, bem como sua constituição em diferentes momentos históricos, possibilitando a análise de diferentes tipologias documentais para a escrita deste texto. Em relatório produzido pelo consulado da Polônia em 1937, consta no Estado do Rio Grande do Sul 128 escolas étnicas polonesas.³ Destas, 106 estavam em funcionamento, outras tinham sido desativadas e outras mais estavam em processo de organização. Considerando que estavam alinhadas com um processo cultural associado a valores e crenças trazidas de um país estrangeiro, embora próprio da reconfiguração de espaços e da mobilidade das identidades humanas, promoviam a construção de *polonidades*, com características próprias, em diferentes núcleos e municípios do estado. Nesse sentido, contribuíram para a consolidação de uma cultura étnica polonesa, com traços inerentes de demarcação dessa mesma *polonidade* neste espaço e tempo.

A FALTA DE ESCOLAS PÚBLICAS E A MOTIVAÇÃO ÉTNICA NA ORGANIZAÇÃO DE ESCOLAS NOS NÚCLEOS DE IMIGRANTES POLONESES

Desde o período Imperial e após a Proclamação da República em 1889, a implantação de escolas públicas sempre foi destacada como uma das principais preocupações dos governantes. Apesar da obrigatoriedade do ensino público primário na Província de São Pedro (Rio Grande do Sul) ser instituída através da Lei nº 771, de 4 de maio de 1871, e reguladas por outras leis posteriores, de 1872 e 1876, para crianças de 7 até 15 anos de idade do sexo masculino e de 6 a 12 anos do sexo feminino, residentes em uma área distante não mais que um quilometro da sede da escola, grande parte dos núcleos de imigrantes não possuíam escolas públicas. O ensino público e gratuito praticamente era inexistente em localidades de imigração polonesa no interior do estado. No período do Brasil Império, houve até certa supervisão do ensino, bem como a participação do governo na ajuda para o pagamento de professores com o intuito de estimular para que os filhos dos colonos se constituíssem em “cidadãos brasileiros”. (SEK, 1986, 383).

3 Przegląd, Towarzystw i Szkol Polskich w Brazylii. Relatório das sociedades e escolas polonesas no Brasil – Estado do Rio Grande do Sul – realizado pelo consulado da Polônia em Curitiba, 1937.

Essa circunstância visava a estimular certa cultura nacional entre os imigrantes que aqui foram instalados. Aliada ainda aos problemas de estruturação em relação à Instrução Pública, outra circunstância importante era a questão do idioma falado pelos diversos grupos de imigrantes. Havia muitas dificuldades em organizar escolas públicas com professores que atendessem conjuntamente diferentes idiomas. Nesse sentido, como não bastasse a instrução pública ser precária na província, existiam falta de professores que compreendessem as línguas e dialetos dos imigrantes, a fim de implantação de escolas públicas nas colônias habitadas por diferentes nacionalidades (SCHNEIDER 1993). Era necessário primeiramente compreender o que as crianças falavam para depois poder ensinar. Essa conjuntura deixou praticamente o Ensino Primário nas mãos dos imigrantes com suas especificidades étnicas.

Havia o desejo e a necessidade da escola para proporcionar o mínimo de ensino para as crianças. A condição da maioria dos imigrantes, com pouca instrução não impediu que, por iniciativa própria, buscassem organizar o ensino elementar utilizando os meios que possuíam. Contudo, deve-se destacar que, além da falta de escolas públicas, o que incentivou os imigrantes poloneses a construírem suas escolas foi preponderantemente uma motivação étnica que congregasse a língua e a cultura de seu país de origem. Essa motivação foi importante para a formação de escolas em comunidades mais homogêneas. Conforme Cuber (1898), em meados da década de 1890, em Ijuí, foi construída uma escola para atender a demanda de Ensino Público, em espaço concedido pelo diretor da Colônia como forma de pagamento pelos imigrantes poloneses terem construído uma praça. Porém, a indicação de um professor por parte de imigrantes alemães, com o apoio de funcionários da Comissão de Terras, motivou para que construíssem outra escola e nomeassem um professor que ensinasse em língua polonesa.

Em Porto Alegre, apesar de existirem escolas públicas, de acordo com o Periódico *Gazeta Handlowo-Geograficzna*,⁴ alguns imigrantes objetivavam a fundação de uma Sociedade Polonesa com o objetivo de manter uma biblioteca com livros escritos em polonês, a fim de manter língua para as gerações futuras, bem como o cuidado e auxílio para com os imigrantes recém-chegados e, por fim, organizar uma escola. Essa referida Sociedade deu origem a uma escola que passou a congrega as especificidades da cultura étnica polonesa na cidade de Porto Alegre. Nesse viés, a implantação de escolas em centros urbanos, como em Porto Alegre e Rio Grande, onde o ensino público abrangia uma maior parcela da população, a questão do pertencimento étnico e a busca pela organização de

4 *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, Ano II n° 10 p. 76. Acervo Sociedade Polônia - Porto Alegre, RS.

sociedades reforçam iniciativas para a contemplação das especificidades étnicas ou para promoção da *polonidade*. Nessas duas cidades, foram criadas três escolas étnicas, uma em Rio Grande e duas em Porto Alegre.

Em relação ao Brasil, de acordo com o ex-cônsul Kazimierz Gluchowski (2005, p. 163)⁵, o berço das escolas étnicas polonesas no Brasil foi a escola criada em 9 de outubro de 1876 pelo professor Jerônimo Durski, na Colônia Órleans no Paraná. Para o autor, não foi uma iniciativa da coletividade, mas resultado do empenho pessoal do próprio professor imigrante. Essa escola teve, entretanto, uma duração efêmera, permanecendo em atividade somente até 1881, quando foi fechada pelo Governo do Estado, em razão de intrigas que o professor possuía com um sacerdote católico, Padre Luís Przytarski. “Por motivos puramente pessoais o padre trava uma luta acirrada com Durski, apesar de este ser um católico correto e um homem muito dócil”. (GŁUCHOWSKI, 2005, p. 164). Essa escola pioneira para os imigrantes poloneses do Brasil possuía 41 alunos, sendo que um deles era de nacionalidade inglesa. O autor cita que o mestre ensinava principalmente em polonês, além de disciplinas em português, exigidas pelo governo. Durski é considerado o pai das escolas polonesas no Paraná e foi autor da primeira cartilha bilíngue português-polonesa editada por Karol Szulc no ano de 1893. A cartilha continha noções de ensino elementar, tanto da língua portuguesa como da polonesa.

A organização de escolas étnicas foi um dos marcos da presença da imigração polonesa no Brasil. No Rio Grande do Sul havia 128 escolas. Dessas, estavam em funcionamento, até 1938, 106 escolas, associadas e integradas às organizações centrais existentes em Curitiba.

PRIMEIRAS INICIATIVAS DE ENSINO ELEMENTAR NAS COMUNIDADES DE IMIGRANTES POLONESES NO RIO GRANDE DO SUL

A falta de escolas públicas suficientes para atender às demandas de ensino nas colônias fez com que os imigrantes poloneses procurassem desenvolver a instrução primária por meio de suas próprias iniciativas, de acordo com um entendimento étnico. Soma-se a essa situação o isolamento dos muitos núcleos étnicos, nas secções localizadas nas encostas do Rio das Antas e do Rio São Marcos, dentre outras localidades distantes e isoladas. Apesar dessas circunstâncias, as escolas

5 Kazimierz Gluchowski (1885-1941), foi primeiro cônsul polonês no Brasil após o ressurgimento da Polônia. De suas viagens pelos núcleos poloneses no Brasil, publicou um relatório intitulado “Do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii: wydawnictwo instytutu naukowego do badań emigracji i kolonizacji. Warszawa, 1927. A obra foi traduzida e editada em 2005 com o título “Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil”, pela ReO editores.

foram implantadas em diferentes comunidades conforme a organização dos núcleos. Porém, essas iniciativas nem sempre eram tomadas pela coletividade. Em muitos casos, o primeiro impulso para a organização de escolas ou de espaço de ensino partiu de lideranças, como a de algum colono mais instruído ou de algum clérigo. Nessa perspectiva, segundo Głuchowski (2005) os primeiros professores “são muitas vezes um simples colono, algumas vezes com instrução menos que a elementar”. (GŁUCHOWSKI, 2005, p. 168).

Não se devem ter ilusões quanto ao preparo ou nível intelectual desses pedagogos improvisados na roça, [...] na maior parte das vezes, a sua qualificação consistia na boa vontade e dedicação para o trabalho. [...] (GARDOLINSKI, 1977, p. 17-18).

Principalmente no meio rural, a presença de pessoas com formação mais apurada não era sentida nos primeiros tempos da colonização polonesa no Sul do Brasil. O número reduzido de pessoas, ditas intelectuais, fez com que a educação para os imigrantes poloneses estivesse ao encargo dos colonos. Por essa razão, na falta de um professor profissional que se propusesse a assumir o ensino, os colonos nomeavam professores entre si. No Rio Grande do Sul, os primeiros espaços de ensino entre as crianças polonesas, pelo menos até 1896, foram improvisados e organizados em domicílios ou capelas, restringindo-se a ensinar os primeiros fundamentos da escrita, cálculos e leitura exclusivamente em língua polonesa. Raros eram os locais que possuíam um local específico para a escola. Essa iniciativa de recorrer às capelas como espaços de ensino, conjuntamente com as atividades religiosas, era uma prática comum nos núcleos de imigrantes poloneses. Esses primitivos espaços foram primordiais no desenvolvimento de uma consciência da importância do ensino elementar.

Em 1896 o viajante da Galícia austríaca Stanisław Kłobukowski esteve nos principais núcleos do Rio Grande do Sul e fez um relatório descrevendo as condições de subsistência dos poloneses do estado. Certa reação do processo de ensino para com os imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul ocorre quando são organizadas as primeiras sociedades, por iniciativa desse viajante enviado pela Sociedade Geográfica e Comercial de Lwów, território de domínio austríaco. O fato da passagem de Kłobukowski pelas colônias do Rio Grande do Sul e o incentivo para a organização de sociedades e escolas, deram uma nova perspectiva para o processo de ensino étnico entre os imigrantes poloneses. Foram organizadas quatro sociedades: em Jaguari, Ijuí, Rio Grande e Porto Alegre. A partir da fundação dessas sociedades foram organizadas as primeiras escolas com espaços mais apropriados e específicos para o ensino, que começam a empreender o processo de educação e a organização de escolas com a contratação de professores mais bem qualificados. Conforme Kłobukowski (1898, p. 159),

na Colônia São Marcos, conheceu um espaço construído naquele núcleo que servia ao mesmo tempo de capela e de escola. Não existia um professor dito profissional, mas crianças mais novas sendo ensinadas pelas mais velhas. “Nesse espaço não se ouviam missa ou cânticos religiosos, mas crianças aprendendo e ensinando.” (KŁOBUKOWSKI 1898, p. 159). Após visitar os núcleos poloneses da Colônia Alfredo Chaves, o autor afirma que havia na Linha Ernesto Alves um professor chamado de Lewinski, que lecionava aos imigrantes poloneses na Colônia Guaporé. O almanaque *Kalendarz Polski* de 1898, na relação dos professores profissionais da imigração polonesa que atuavam no Brasil e no Rio Grande do Sul, cita o professor Lewinski.⁶ Ainda em relação às primeiras iniciativas escolares, Kłobukowski relata que no ano de 1896, quando estivera na colônia Ijuí, existiam duas escolas: uma escola pública comandada por um imigrante alemão e uma escola privada organizada por imigrantes poloneses. Por incentivo do viajante, no dia 17 de maio de 1896 foi fundada naquele núcleo a sociedade Tadeusz Kościuszko. No estatuto da sociedade, o primeiro parágrafo normatizava a organização e manutenção de uma escola. Em relação a esta sociedade escolar o Padre Antoni Cuber (1898), cita que na Colônia Ijuí havia uma escola polonesa com frequência de 10 a 20 crianças. Porém, existiam na região cerca de 200 crianças em idade escolar e muitas estavam sendo privadas do ensino. Devido às condições políticas dos territórios emigrados, muitos poloneses vinham com pouca instrução, ou eram analfabetos, principalmente das regiões ocupadas pela Rússia e pela Áustria.

Por meio de lideranças, existia nas colônias a preocupação em buscar a construção de escolas ou espaços de educação para as crianças desse grupo étnico. Apesar do primeiro núcleo de imigrantes poloneses ser formado em 1875, na Serra Gaúcha, os maiores contingentes desses imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1890. Logo que era construída uma capela, os colonos se preparavam para organizar algum tipo de ensino elementar. Conclui-se que nas diferentes colônias houve a preocupação com a escolarização. Entretanto, essa preocupação não era unânime entre os colonos. Segundo o clérigo Cuber (1898), a importância da instrução escolar se dava principalmente para evitar explorações de outros imigrantes; na condução mais racional dos negócios e na possibilidade de prestigiar iniciativas patrióticas polonesas, reafirmando o compromisso étnico da escolarização, o que, na visão do autor, seria inacessível às pessoas iletradas. No entanto, o clérigo afirma que havia em alguns colonos o seguinte pensamento: “meu avô, meu pai e eu não sabemos ler, portanto, isto também será supérfluo para meu filho”. [...]. (CUBER, 1898, p. 52). Para o padre polonês, a situação escolar carecia de melhores esclarecimentos de sua

6 *Kalendarz Polski*, 1898, p. 123 – Acervo dos Padres Vicentinos Curitiba, PR.

importância para os colonos. Conforme Głuchowski (2005) “o colono sente cada vez mais a necessidade da escola, mas infelizmente não compreende nem o seu significado nem o seu papel, nem muito menos a necessidade de maiores despesas em favor dela”. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 167).

De modo geral, a maior dificuldade para a organização e a manutenção das escolas estava ligada à falta de professores qualificados, raridade nos núcleos de poloneses no Rio Grande do Sul. Essa situação estava muitas vezes associada as condições insuficientes de recursos financeiros existentes nos núcleos da imigração. A profissão de professor era comparada a um sacerdócio de indivíduos abnegados lutavam por uma causa. Conforme suplemento da Gazeta Handlowo-Geograficzna de 1900⁷,

Todo aquele que sabe como é pouco lucrativo, sob o aspecto material, o trabalho de professor nas colônias, e com quantas dificuldades muitas vezes precisa lutar ali o mestre para poder, de alguma maneira, dirigir uma escola, essa pessoas que, afastadas do mundo e da civilização, condenadas à penúria (que muitas vezes beira a miséria), à falta de uma escola adequada, à falta de livros, revistas e quaisquer diversões culturais, dedicam-se com entusiasmo ao trabalho pelo bem do nosso povo, organizando-o, despertando nele o espírito cívico e dando-lhe aquilo que mais lhe falta: a educação. (Gazeta Handlowo-Geograficzna de 1900, n° 02, Tradução livre do autor).

Os poucos professores, com formação ou condições de ensino, devido aos baixos salários, buscavam desenvolver outras atividades mais rentáveis, pois o pagamento oferecido nas sociedades mal dava para a subsistência. A indisponibilidade de livros ou manuais eram também situações frequentes nos núcleos de imigração antes de 1900. Em algumas localidades, na falta desses subsídios, os professores utilizavam orações, história de santos ou a própria Bíblia como material de ensino. Muitas das lições passadas para as crianças eram compilações de textos destes livros. Em meados do século XIX, conforme analisa Głuchowski (2005, p. 166), o ensino étnico polonês no Rio Grande do Sul era precário, assim como no estado do Paraná e do estado de Santa Catarina. Afirmo o cônsul que, em Porto Alegre, não existiam escolas e que apenas um padre belga fundou uma escolinha na paróquia onde residiam muitos poloneses. Da mesma forma o autor cita que em Jaguari, Guarani e São Feliciano não havia escolas, mas somente aulas particulares em domicílios. Contudo em Ijuí estava lecionando um colono de nome J. Hamerski e em Ernesto Alves o professor Lewinski. A análise do cônsul se refere aos espaços institucionalizados com professores profissionais dedicados ao ensino. Como o próprio cônsul admite, havia aulas particulares em domicílios, situação característica do processo de

7 Exemplar fotocopiado disponível no acervo da Sociedade Polônia – Porto Alegre, RS.

ensino entre os imigrantes até o fim do século XIX no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, a revista “Przeglądu Emigracyjny”, de 1892,⁸ classificava a educação para o grupo étnico polonês em um nível muito baixo, argumentando sobre a liberdade que tinham em possuir escolas, em referências as restrições nos territórios étnicos da Rússia e da Prússia. Contudo, a revista culpa essa situação a falta de empenho do clero que atendia às colônias e não se preocupava com o bem-estar moral e material desses imigrantes.

Apesar da realidade das escolas, no final do século XIX, ser de uma escola improvisada e os professores terem sido, muitas vezes, algum colono com a instrução menos que a elementar, muitos dos espaços de ensino improvisados pelos imigrantes, como capelas ou então o domicílio de algum colono, eram iniciativas comunitárias, tendo à frente algum colono mais instruído. Porém, essa situação representava certa preocupação com o desenvolvimento de organização do ensino, sendo um panorama da institucionalização das escolas étnicas, principalmente nas colônias velhas, formadas antes do final do século XIX.

Com a passagem de Kłobukowski, a partir de 1896, começam a se constituir as primeiras escolas propriamente ditas da comunidade étnica polonesa em espaços mais bem organizados. Mesmo o cônsul Gluchowski (2005) relata que em 1900 havia três escolas em funcionamento: uma em Porto Alegre, outra em Rio Grande e outra em Santa Tereza, nas proximidades de Bento Gonçalves. Depois desse período, constata-se a formação de diversas sociedades com o objetivo de fundação de escolas. É com a organização das chamadas sociedades escolares que inicia uma nova fase no processo de escolarização entre os imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul. Embora, durante a primeira década do século XX, estas escolas estivessem ainda associadas com atividades religiosas, principalmente nos núcleos de imigrantes localizados no meio rural. O mais comum era primeiramente construir a capela e posteriormente os colonos construírem a escola. As sociedades que mantinham a capela também organizavam a escola, com algumas exceções de Porto Alegre e Rio Grande, onde os espaços de ensino não estavam necessariamente relacionados com as atividades religiosas. As sociedades escolares fundadas em núcleos urbanos, geralmente tinham um funcionamento autônomo e desvinculado das atividades religiosas. Nessa perspectiva, tem-se a Sociedade Águia Branca de Rio Grande e as Sociedades Águia Branca e Tadeusz Kościuszko, organizadas em Porto Alegre. Geralmente a denominação das sociedades e escolas polonesas, sempre retomavam símbolos e personagens considerados importantes para a História da Polônia, como revolucionários, estadistas, escritores, cientistas e músicos poloneses. A maioria das escolas possuem esta especificidade.

8 Acervo do Padres Vicentinos – Curitiba, PR.

O ENSINO ÉTNICO DO FIM DO SÉCULO XIX ATÉ AS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No período que corresponde ao final do séc. XIX e início do séc. XX, ocorrerá a fundação de novos núcleos de imigrantes poloneses espalhados por diferentes regiões do estado. Há praticamente um esvaziamento dos núcleos imigrantes poloneses das colônias velhas da região da Serra, fundadas durante o governo Imperial. Tem-se a formação de novas colônias, como Boa Vista do Erechim, ao norte, e a intensificação do processo de assentamento de colonos poloneses na região das missões, como Ijuí, Guarani das Missões e Santa Rosa, além do fortalecimento dos núcleos de São Feliciano e arredores. Os destinos de reemigração incluíam também a Argentina e o Oeste de Santa Catarina e do Paraná.

Neste período de fundação de novos núcleos, iniciam suas atividades sacerdotes católicos nas comunidades polonesas do interior. Porém, a presença de congregações religiosas na condução de escolas irá iniciar somente em 1921, quando as irmãs da Sagrada Família veem atuar em uma escola paroquial em Guarani das Missões, embora esta congregação tenha iniciado seus trabalhos em 1904 no Paraná. No início do século XX, em carta do padre Jesuíta José Von Lassberg, de 1902,⁹ há o relato da situação de duas escolas étnicas na Colônia de São Feliciano. Conforme o padre jesuíta havia uma escola situada perto da capela que não podia ser considerada católica, porque o professor, natural da Boêmia, confessava abertamente ser ateu. Relata também que não havia entre os colonos maiores sacrifícios e compreensão da importância da escola. O padre Jesuíta classifica uma primeira escola como “pobre em extremo”. Em relação às condições de ensino e aprendizagem ele pontua:

[...] esta criança tinha um almanaque para aprender a leitura, aquela um livro de reza, terceira uma lenda dos santos escrita em polonês antigo e a quarta tinha uma cartilha de fato. [...] A outra escola achava-se mais distante. Lastimar não resolvia nada. [...] eu saltei no cavalo e, a galope, fui-me hora ou mais pela colônia. As crianças estavam cheias de expectativa! Era a primeira vez que um padre as visitava. Quando vim a elas, já eram às 4 da tarde. E lá estavam sentadas cerca de 15 crianças, em volta de uma mesa miseravelmente feita e colocada numa autêntica choça brasileira. O vento entrava assobiando por todos os lados. Janelas, não as havia. Também não se faziam precisar, máximo para o arejamento (*sic*). O professor multiplicava todos os esforços possíveis, mas, numa situação em que falta de tudo, é difícil ensinar. E quando o menino ou a menina já sabem ler alguma coisa, infelizmente o pai passa a observar: “Ah, meu filho, minha filha sabe mais do que eu; por isso basta!... Examinei as crianças uma hora inteira, premiando-as com medalhas. [...] (Carta José Von Lassberg, doc. Cit., grifos meus).

⁹ Carta de José Von Lassberg, de 11 de setembro de 1902, endereçada ao seu irmão Hans em Munique na Alemanha – Tradução de Arthur Rabuske – Acervo Gardolinski - UFRGS/NPH.

De acordo com o relato do padre José Von Lassberg, depreende-se que as condições de ensino eram mínimas e essa situação era bastante comum em outras colônias. Dentre os problemas enfrentados, novamente podemos citar a falta de materiais didáticos e um local mais adequado para o ensino. Outra situação nessas escolinhas era a relação entre a escolarização e a sobrevivência. As crianças frequentavam a escola apenas o tempo necessário para a aprendizagem das primeiras lições, sendo logo em seguida retiradas da escola pelos pais, pois compreendiam a necessidade do estudo apenas até certo ponto e, geralmente não se ia muito além das primeiras noções de cálculo e escrita, especificidade de parte das crianças que frequentavam escolas no Rio Grande do Sul, no meio rural, até bem próximo do fim do Século XX.

O processo da construção dos novos núcleos continuou através da agregação comunitária, bem como a organização das sociedades escolares. Registros em atas de algumas capelas, mantém os custos da manutenção das escolas junto ao orçamento da capela. Essa conjuntura se justifica pela preocupação em relação às questões religiosas e escolares. Conforme relatos memorialistas do Frei Wonsowski (1976), filho de imigrante, que nasceu e conviveu na comunidade da IX Secção, em Veranópolis, na Colônia Alfredo Chaves, uma das primeiras preocupações dos imigrantes poloneses foi a construção da capela. Logo que terminaram a construção do espaço religioso iniciam o processo de construção de um prédio escolar, tendo já nos primeiros anos uma frequência média de 40 a 50 alunos. De acordo com o autor o primeiro professor foi o colono imigrante João Preczewski que, conforme os registros da Capela Nossa Senhora de Częstochowa,¹⁰ ocupava o lote de terras número 67. Importante notar que o autor faz referência também ao professor chamado de Estanislau Tempski, que teria atuado na escola durante um ano. Porém, sua atitude “contrária à doutrina da Igreja e à moral cristã escandalizaram o povo e desviaram da Igreja Católica a família Burdulis”. (WONSOWSKI, 1976, p. 29). Dentre as levas de imigrantes poloneses que vieram para o Brasil, havia indivíduos com orientação progressistas e, dentre esses, a participação de maçons e revolucionários anticlericais, como observado, por exemplo, no núcleo formado em Porto Alegre e na condução de periódicos editados em Curitiba, como o “Polak w Brazylii”.¹¹¹² Ainda sobre a escola da localidade da 9ª Secção, Wonsowski (1976) afirma que, nos primeiros anos de fundação da escola, o ensino era ministrado exclusivamente em língua polonesa e somente anos depois o ensino passou a ser bilíngue. Com o decreto

10 Livros de Registros – Acervo da Paróquia de Veranópolis – Veranópolis, RS.

11 Periódico Editado em Curitiba a partir de 1904. Alguns exemplares deste periódico se encontram no acervo dos Padres Vicentinos em Curitiba, PR.

12 Sobre o assunto ver Malikoski 2019.

da nacionalização do ensino em 1938 o ensino em língua polonesa foi eliminado e a escola declarada municipal, passando o professor a ser pago exclusivamente pelo município.

Em comparação ao nível escolar antes de 1896, nas duas primeiras décadas do século XX houve uma acentuada mobilização dos imigrantes para manter o professor e o ensino, com mensalidades cobradas pelas sociedades, o que refletiu em certa melhoria na organização das escolas. Em contrapartida, os problemas continuavam em relação aos primeiros anos da imigração polonesa, principalmente pela falta de professores qualificados, em que muitos professores continuavam a ser os próprios colonos, sem grandes noções de ensino ou de práticas pedagógicas mais adequadas. De acordo com Sęk (1986), a substituição de professores pouco preparados para a docência começou a acontecer somente em 1904, quando vieram ao Brasil indivíduos que haviam participado de lutas revolucionárias em territórios poloneses. Muitos desses revolucionários incentivaram ou promoveram a educação, assumindo o papel de professores, principalmente nos núcleos rurais, ou atuando na condução periódicos étnicos em língua polonesa, que eram dirigidos e disseminados nas colônias e núcleos do Brasil.

Essa situação de falta de recursos terá uma sensível melhora somente a partir de 1920, quando os governos municipais e estaduais passam a subvencionar com mais regularidade alguns professores nos núcleos de imigração. Embora, em algumas localidades, essas subvenções já eram utilizadas em anos anteriores. Nos Relatórios da Intendência Municipal da Antiga Colônia de Alfredo Chaves, apresentado pelo intendente Coronel Achylles Taurino de Rezende, nos anos 1910, 1911 e 1912,¹³ temos a relação de professores subvencionados pela municipalidade na ordem de 50\$000 mensais, destacando a participação do poder público na manutenção nas escolas. Dentre os professores, subvencionados há nomes que atuavam nos núcleos poloneses daquela colônia, como o professor Ignácio Rapkiewicz¹⁴. Neste período surgem as duas principais associações étnicas polonesas em Curitiba, a Kultura e a Oswiata, que irá resultar num clima de disputas com discursos em torno da representação da Polonidade que deveria prevalecer.¹⁵ Além das escolas receberem certo acompanhamento do governo polonês, que buscou influenciar o sentido que a polonidade deveria assumir em terras brasileira, mediante um pensamento colonial, após o ressurgimento da Polônia na Europa.¹⁶

13 Relatórios da Intendência Municipal de Alfredo Chaves, apresentado pelo intendente Coronel Achylles Taurino de Rezende, nos anos 1910, 1911 e 1912. Arquivo Histórico de Nova Prata – RS.

14 *Idem*.

15 Sobre o assunto ver Wachowicz (1981) e Silva (2019).

16 Sobre o assunto ver Malikoski 2019.

No início dessa fase da escolarização da imigração polonesa, na primeira década do século XX, de acordo com dados apresentados por Gardolinski (1977), Głuchowski (2005) e Kłobukowski (1898), estão organizadas as seguintes escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul:

Quadro 1 - Escolas organizadas até a primeira década do século XX

Município	Sociedades/Localidade	Fundação
Rio Grande	Águia Branca	1897
Porto Alegre	Zgoda - Águia Branca	1897
São Marcos	Sede	1897
Guaporé	Linha Ernesto Alves	1897
Vista Alegre do Prata	Linha 7 – Vista Alegre	1889
Veranópolis	9º secção – Linha Tiradentes	1899
Porto Alegre	Tadeusz Kościuszko	1900
Santa Teresa	Jan III Sobieski	1901
São Marcos	Linha Rosita	1902
São Marcos	Linha Edith	1902
Vista Alegre do Prata	Linha 6 – Vista Alegre	1902
Nova Prata	Linha 4 – Escola Média	1902
Dom Feliciano	Evaristo Teixeira	1904
Casca	Linha Geral Velha	1904
Mariana Pimentel	Sed. Sociedade Agrícola	1904
Guarani das Missões	Linha Harmonia Velha	1904
Ijuí	Linha Bagé	1904
Guarani das Missões	Bom Jardim	1905
Dom Feliciano	Laurentina Velha	1905
Veranópolis	8º Secção – Linha 04 de julho	1905

Fonte: Quadro organizado pelo autor.

A cada ano, novas sociedades eram fundadas e assumiam o processo de ensino. Entendo que não podemos pensar a organização de ensino étnico polonês no Rio Grande do Sul, em suas proporções, destituído da relação sociedade e escola em seu desenvolvimento e funcionamento. Como podemos observar no quadro anterior, em todas as regiões haviam sido formadas sociedades escolares que desempenhavam a organização do ensino nos núcleos poloneses. Não

obstante, em algumas localidades, o ensino continuava a ser desempenhado na casa de algum colono, ou então em lugares improvisados. Esses espaços não aparecem nas estatísticas das escolas organizadas. Já no quadro seguinte temos um aumento de escolas em funcionamento até 1914 se compararmos com o quadro anterior, em período que antecede a Primeira Guerra Mundial. Porém, esses números podiam aumentar ou diminuir, de acordo com as circunstâncias da sua manutenção. Apesar da organização das sociedades terem dado um impulso importante na constituição e difusão de escolas nos núcleos coloniais poloneses até 1913, estavam longe de resolver os problemas de ensino nos núcleos poloneses. Se compararmos com as estatísticas de imigrantes que foram instalados no Rio Grande do Sul, somando-se ainda às taxas de natalidade da época, na média de 6 indivíduos por família, constata-se que existiam poucas escolas para abranger os contingentes de crianças que necessitavam do ensino elementar. De acordo com Sekuła (1918), as altas taxas de natalidade nas duas primeiras décadas do século XX produziram um contingente considerável de descendentes de imigrantes poloneses que necessitavam de Educação. O quadro que segue traz em números as escolas em funcionamento até 1913.

Quadro 2 - Escolas em funcionamento até 1913

Núcleos/localidades	Escolas
Rio Grande	01
Ijuí	03
Guarani das Missões	05
São Luis da Casca	01
Ernesto Alves	01
Porto Alegre	02
Mariana Pimentel	01
São Brás	01
São Feliciano	03
São Marcos	03
Santa Teresa e Linha José Júlio	02
Total	23

Fonte: Malikoski (2018).

Quando iniciou a Primeira Guerra Mundial, as questões escolares foram relegadas em segundo plano, cedendo lugar às questões políticas envolvendo a luta pela reestruturação da Polônia como território autônomo. O foco das sociedades,

de modo geral, que até então estavam voltados para a organização de escolas, passa a se preocupar com os rumos políticos dos territórios étnicos poloneses na Europa. Os avanços no desenvolvimento das atividades escolares, entre os imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul, passam por um período de crise e estagnação. Muitas escolas são fechadas, visto que os professores irão participar dos exércitos organizados na França. Porém, num curto período, essas escolas mais do que dobraram, aumentando consideravelmente o número de crianças atendidas. Apesar de uma diminuição acentuada da entrada de imigrantes poloneses no Brasil, em decorrência dos conflitos da Primeira Grande Guerra, a organização do ensino étnico continuou a se desenvolver e ser disseminado nos núcleos. Nos anos que se seguem até 1920, uma série de novas escolas serão organizadas em diversos núcleos da imigração polonesa no Rio Grande do Sul. Entretanto, o nível de ensino não teve grandes modificações, pois as escolas continuavam suas atividades dependendo exclusivamente da individualidade do professor contratado e de sua capacidade de ensino. Nesse tempo, de acordo com Głuchowski (2005), o quadro de professores era bastante diverso, constituído de colonos que possuíam apenas noções elementares de ensino até professores que possuíam formação acadêmica. Em algumas sociedades escolares, o ensino apresentava um melhor desempenho, seja pelo programa desenvolvido, seja pela valorização de seus professores, como era o caso da Sociedade Águia Branca de Rio Grande, onde o professor recebia mensalmente 100\$000 reis mensais. Se for comparado com outras sociedades, principalmente de núcleos rurais, por vezes essa soma representava o salário de um ano inteiro. Pelo programa de ensino exposto no periódico *Polak w Brazylji*, em 30 de janeiro de 1914,¹⁷ pode-se observar os conteúdos desenvolvidos em aula no ano anterior, em 1913. Expõe diferenças importantes do currículo escolar em comparação com outras escolas étnicas de núcleos rurais, que desenvolviam apenas conteúdos elementares de escrita e cálculos básicos. De acordo com os dados apresentados pelo professor da escola do período, Tuznik Deregoswski, tem-se que, além dos conteúdos elementares, eram desenvolvidas noções de álgebra, química, estudos do corpo humano e higiene pessoal, desenho artístico, ginástica, canto, noções de como falar em público e dicção. Na mesma escola, havia uma classe noturna para jovens e adultos que não tiveram oportunidades de frequentar escolas quando criança. Nos exames de final de ano, ocorridos no dia 21 de dezembro de 1913, fora encenada uma peça de teatro amador, sendo cobradas entradas, e o dinheiro arrecadado foi utilizado para uma viagem das crianças no dia 4 de janeiro de 1914.¹⁸

17 Szkolnictwo Polskie in Polak w Brasilii, Rocznik II. – Kurytyba, dnia 30 Stycznia 1914 – n° 2. Acervo dos Padres Vicentinos – Curitiba, PR.

18 Idem.

A cidade de Rio Grande, por se destacar entre os centros urbanos do estado, assim como Porto Alegre, atraía muitos operários e profissionais liberais da Polônia, além de pequenos comerciantes que desenvolviam suas atividades nesses centros. Em contrapartida aos núcleos rurais, onde a atividade desenvolvida girava em torno de uma economia de subsistência, nos centros urbanos muitos imigrantes eram trabalhadores assalariados ou, então, empreendedores de pequenos negócios, como sapatarias e ferrarias. Em melhores condições econômicas do que nos núcleos rurais, havia a possibilidade de os pais das crianças contribuírem de forma mais regular para com o pagamento das mensalidades, o que, para boa parte dos colonos nos núcleos rurais, representava o investimento de recursos que lhes faltariam para a própria subsistência. Contudo, no Rio Grande do Sul, o ensino se apresentava como exclusivamente leigo, pois não havia ainda escolas religiosas. Já no Estado do Paraná, nesse período, estavam funcionando algumas escolas conduzidas por congregações religiosas femininas, que tinham vindo da Polônia com o objetivo de acompanhar e organizar escolas. Essas escolas possuíam um ensino mais regular e eficiente do que as escolas das sociedades, devido às dificuldades de constantes trocas e desistências de professores:

A superioridade das escolas religiosas reside no fato de que elas fornecem um ensino contínuo, não há constantes mudanças de professores e as escolas não são fechadas de vez em quando – o que prejudica o ensino e desestimula os pais. (Gluchowski, 2005, p. 173).

No Rio Grande do Sul, a primeira escola a ser organizada por irmãs religiosas vindas da Polônia será no ano de 1921, em Guarani das Missões. No início da década de 1920, estão funcionando no Brasil 70 escolas leigas e 12 religiosas, conforme informa o cônsul Gluchowski (2005).

Contudo, com o ressurgimento da Polônia como Estado Autônomo, em 1918, o rumo da escolarização étnica polonesa, no Rio Grande do Sul, terá algumas transformações em seu processo. Nesse ínterim, muitas das configurações sociais que ocorreram na Europa, ao final da década de 1920, irão provocar uma nova fase da Educação étnica entre os imigrantes poloneses. O período que segue, considero-o como o mais organizado e de melhor desenvolvimento do ensino étnico entre os imigrantes poloneses, em que foram organizadas duas associações amplas, a *Kultura* e a *Oświata*, além de círculos desportivos como o *Junak*, a associações de professores poloneses do Brasil e a organização de cursos de formação de professores, com instrutores de ensino vindos da Polônia.

MAIOR DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO ÉTNICO NO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO ENTRE GUERRAS

Com o acompanhamento do processo de ensino pelo governo polonês e a estruturação das duas associações amplas, apesar do clima de disputa em torno da *Polonidade*, o processo de ensino étnico, no período de 1920, até o processo de nacionalização do ensino, teve um maior desenvolvimento do que nas décadas anteriores. De acordo com o quadro que segue, depreende-se que boa parte das escolas, até 1924, no estado do Rio Grande do Sul, abrangia diferentes municípios/regiões. Em cada região, havia pelo menos uma escola. Algumas escolas também possuíam alunos que não eram do grupo étnico polonês, como em Guaporé, em Santo Ângelo e Guarani das Missões.

Quadro 3 - Número de escolas por município, associações pertencentes, alunos e professores até 1924

Município	Cultura	Oswiata	Total	Alunos poloneses	Outros	Professores
Erechim	15	-	15	373	-	13
Ijuí	-	-	2	104	-	2
S. Ângelo/ Guarani	3	5	16	683	11	17
Guaporé	-	-	3	93	27	3
Porto Alegre/ Dom Feliciano	3	-	3	142	-	3
Camaquã	-	-	1	23	-	-
Rio Grande	1	-	1	50	-	1
Encruzilhada	-	1	7	264	-	7
Totais	22	6	48	1732	38	46

Fonte: Malikoski (2018)

Os dados apresentam um panorama geral das escolas existentes nos primeiros anos de atividade das associações Kultura e Oswiata. Embora houvesse um clima de disputas entre as duas entidades, o processo escolar teve um desenvolvimento considerável pela ação dessas duas sociedades. Para Wachowicz (2002), mesmo representando duas correntes antagônicas, esses dois movimentos conseguiram unificar a maioria das sociedades, tanto as escolares como as com finalidades culturais. A competição foi benéfica apresentando resultados importantes. Mesmo Gluchowski (2005, p. 180) avalia a existência das entidades como uma situação positiva que contribuiu para “animar a

comunidade e aquelas bases suas que para uns ou outros não eram acessíveis, bem como para multiplicar os resultados do trabalho”. Tais resultados eram expressos sobretudo do maior número de escolas que funcionavam o ano inteiro e também pela maior frequência dos alunos. Em relação aos professores, a organização de duas entidades, tanto a Associação Profissional dos Professores das Escolas Particulares Polonesas quanto a Associação dos Professores das Escolas Cristãs, contribuíram para a organização do magistério, possibilitando melhores condições de ensino para os professores como, por exemplo, salários mais adequados.

A preocupação das duas instituições objetivou, principalmente, a formação e o aperfeiçoamento de professores através do empenho em apoiar a organização de escolas secundárias e promoção de cursos de aperfeiçoamento. A Kultura centrou suas forças no apoio à Escola Média Nicolau Copérnico de Mallet no Paraná, que funcionava inclusive como internato até o ano de 1927, quando a crise econômica da época possibilitou somente o seu funcionamento como escola. Do mesmo modo, em 1923, a Oświata também fundou uma Escola Média em Curitiba com a finalidade de formar professores e também vocacionados para a vida religiosa.

Contudo, o próprio cônsul Głuchowski (2005) analisa como não recomendável as tentativas de promover qualquer fusão das sociedades, uma vez que poderiam faltar o estímulo da competição na condução dos trabalhos. Entretanto, em 1930, pela condução direta do consulado da Polônia em Curitiba, foi fundado a “*Centralny Związek Polaków*” ou União Central Polonesa. Essa entidade tinha a finalidade de eliminar as divergências entre a Kultura e Oswiata, buscando centralizar as atividades dessas duas instituições. A União Central Polonesa, ou C.Z.P., auxiliava as escolas no país que tivesse em seus currículos o ensino da língua polonesa por meio de fundos providos de doações e também de investimentos do governo da Polônia.

No Rio Grande do Sul, segundo o Relatório do consulado Polonês de 1937,¹⁹ a contribuição para a manutenção das escolas pelo CZP era de 12%. Todas as escolas da Kultura passaram a fazer parte do CZP, enquanto que as da Oswiata permaneceram por um período breve, passando a funcionar novamente de forma independente. No estado gaúcho, apesar do auxílio financeiro prestado pelo CZP, a maior fonte de manutenção das escolas étnicas polonesas continuava a ser dos colonos, seguido das subvenções municipais e estaduais. Segundo o mesmo Relatório, no ano de 1937, a manutenção das escolas estava assim dividida:

19 Doc. cit.

Quadro 4 - Fonte de manutenção das escolas no Rio Grande do Sul em 1937

Fontes	Porcentagem
Colonos	51,5
Subvenções municipais	29
Subvenções estaduais	7,5
CZP	12,5

Fonte: Malikoski, 2018.

As subvenções municipais tornaram-se uma importante fonte para a manutenção das escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul aliadas a subvenções estaduais. Porém as disparidades na manutenção das escolas podem ser observadas em alguns relatórios, sendo que algumas escolas permaneciam ainda funcionando somente por meio das mensalidades dos colonos. Nos relatórios²⁰ individualizados das escolas, percebe-se que as contribuições variavam de sociedade para sociedade. Algumas despendiam, às vezes, 70\$000 reis para a manutenção da escola e do professor, provenientes apenas das mensalidades dos colonos. Já em outras, o montante do valor disponibilizado era de 250\$000 reis, resultado das mensalidades dos colonos, somando-se ainda às subvenções municipais e à contribuição do CZP.²¹ A questão da manutenção, em algumas escolas, permanecia ainda precária, principalmente nas que eram mantidas apenas pelas contribuições dos colonos. Entretanto, devido a uma melhor organização do processo escolar das escolas étnicas no Rio Grande do Sul por organizações sediadas em Curitiba, no Paraná, as décadas de 1920 e 1930 representaram a época de maior desenvolvimento do sistema de ensino étnico do grupo polonês.

Apesar da grande maioria das escolas étnicas do Rio Grande do Sul serem conduzidas pela iniciativa leiga, existiram algumas que foram conduzidas por irmãs religiosas ou por sacerdotes católicos. Em geral, essas escolas estavam mais bem organizadas do que as escolas leigas existentes no Estado, tanto pelo acesso aos livros e materiais didáticos quanto pela regularidade do ensino oferecido, sem as constantes trocas de professores, conforme ocorriam nas escolas leigas. Porém, não estavam vinculadas a alguma sociedade comunitária específica, como era comum no processo organizativo das escolas leigas. Apesar da presença de irmãs religiosas iniciarem seus trabalhos ainda no início do século XX, no Paraná, nos arredores de Curitiba, no Rio Grande do Sul, a

²⁰ Sprawozdanie Szkolne de 1937- Relatório Escolar – Cópias avulsas – Acervo do Museu Municipal de Áurea.

²¹ *Idem*.

primeira escola a ser organizada e mantida pelas congregações religiosas foi em Guarani das Missões no ano de 1921. Embora, a liderança exercida pelo clero nas diversas colônias tenha sido preponderante, até mesmo na organização de escolas e do ensino nas localidades e núcleos da imigração polonesa, a condução dos processos educativos da maioria das escolas era desempenhada por indivíduos leigos. Como visto, nas escolas leigas, após a criação da sociedade, eram construídas as escolas. A responsabilidade pela compra de mobiliário e material didático e, ainda, pelo pagamento dos professores era exclusiva da organização comunitária.

As escolas confessionais, por sua vez, cobravam mensalidade dos alunos, sendo mantidas e administradas por religiosas vindas da Polônia ou por sacerdotes católicos. Segundo documento pertencente à Oswiata, da relação das escolas filiadas a essa Associação e o Relatório do Consulado da Polônia, em 1937,²² no Rio Grande do Sul havia as seguintes escolas confessionais em funcionamento.

Quadro 5 - Escolas confessionais em 1937

Escolas Religiosas e Paroquiais		
Município	Localidade	Professores
Carlos Gomes	Sede	Irs.: Anastazja Pawlowska, Klaudia Malczewska Barbara Pawlowska
Áurea	Sede	Irs.: Wanda Legacka e Aloiza Brodówna
Viadutos	Sede	Irs: Irena, Joanna, Paulina, Teresa Kowalska
Erechim	Sede	Pe. Marcin Kuszel
Dom Feliciano	Sede	Duas Irmãs Bernardinas
Guarani das Missões	Sede	Irs.: Janina Knaut e Stanisława Szaran
Gaurama	Baliza	Koionko Narod – Velho Católica

Fonte: Malikoski (2018).

A respeito das escolas confessionais, a principal relação com as especificidades étnicas estava na utilização da língua polonesa nos espaços de ensino da mesma forma que acontecia com as escolas leigas. No acervo dos livros do museu do município de Áurea, que outrora eram pertencentes à escola paroquial, existem diversas obras escritas em polonês. As escolas de Carlos Gomes e Áurea foram construídas e organizadas pelas paróquias em 1930 e depois mantidas pelas irmãs da Sagrada Família. Embora não fossem muitas as escolas confessionais existentes nos núcleos de imigração polonesa, a participação do clero e de irmãs religiosas na condução do processo de ensino

²² Doc. cit.

foi importante na condução do ensino de alguns núcleos como Áurea, Nova Polônia (Carlos Gomes) e Guarani das Missões, à frente de escolas paroquiais. A seguir, elenco as escolas organizadas e mantidas por iniciativas leigas no Rio Grande do Sul, com dados apresentados nos Relatórios do Consulado da Polônia, em 1937, divididas na atual formação política dos municípios do Rio Grande do Sul.

Quadro 6 - Escolas leigas no ano de 1937²³

Escolas Leigas		
Município	Localidade	Professores
Erechim	Lageado dos Passarinhos	Fechada
Erechim	Douradinho	Em organização
Erechim	Dourado Linha IV	Felicia Grzejdak
Erechim	Dourado Linha III	Helena Lisowska
Erechim	Tapir Linha II	Jan Gozak
Erechim	Boa Vista do Erechim	Boleslaw Brzoski
Erechim	Gramado	Józef Gorski
Erechim	Lageado dos Porcos	Fechada
Erechim	Rio Tigre	Andrzej Wypych
Erechim	Napoleão Bonaparte Bonaparte	Longin Linderski
Erechim	Rio Caçador	Franciszek Biedacha
Erechim	Linha Tajui	Jan Górak
Aratiba	Dourado Linha II	Piotr Lisowski
Barão de Cotegipe	Cravo Linha II	Boleslaw Brzoski
Barão de Cotegipe	Cravo Linha II	Franciszek Skowronski
Getúlio Vargas	Kilometro 13	Michal Kwiatkowski
Getúlio Vargas	Getúlio Vargas	Fechada
Getúlio Vargas	Barra do Rio dos índios	Szczepan Lewinski
Getúlio Vargas	Barra do Rio dos índios	Józef Michlanski
Getúlio Vargas	Rio dos índios	Stefan Zbaralski
Getúlio Vargas	Rio Paulo	Fechada
Getúlio Vargas	Castilho	Fechada
Gaurama	Secção III Dourado	Zygmunt Woloszyn
Gaurama	Rio Suzanna	Fechada

²³ Devido aos constantes desmembramentos e emancipações, algumas localidades permanecem pertencentes ao município de origem ao ano de 1937. Até o momento foram identificadas grande parte das comunidades com seus respectivos municípios, enquanto outras ainda carecem de ser atualizadas.

Gaurama	Paloma	Fechada
Gaurama	Barro	B. Wenclewski
Gaurama	Rio Branco	Stefan Skorek
Áurea	Lageado Veado	Szczepan Babinski
Áurea	Rio Branco (Lombo)	Genowefa Wenclewski
Áurea	Lageado ligeiro	Adam Kempka
Áurea	Treze de Maio	Jan Sobczak
Áurea	Linha VII, Treze de Maio	Boleslaw Wenclewski
Áurea	Vila Hortência	Stefan Skorek
Áurea	Treze de Maio	Henryk Stankiewicz
Áurea	Chato Grande	Antoni Pietras
Áurea	Lageado Bocó	Fechada
Centenário	Lageado Valeriano	Jan Grzybowski
Centenário	Lageado André	Maria Kurek
Centenário	Centenário	Jan Zygiel
Centenário	Chato Gaúcho	Franciszek Sztormowski
Centenário	Linha Mambira	Franciszek Sitniewski
Paim Filho	Guabiroba	Stan Kulawczuk
São João da Urtiga	Lageado Israel	Fechada
Marcelino Ramos	Ita	Em organização
Horizontina	Secção 19	Kazimierz Kinczkowski
Santa Rosa	Secção A-B	Ludwik Palczynski
Santa Rosa	Dr. Pedro Toledo	Stanislaw Pylak
Santa Rosa	Silva Jardim	Feliks Krawczyk
Santa Rosa	Lageado Bonito	Leopold Pleskaczynski
Santa Rosa	Secção Belo Horizonte	Michalfina Korzekwa
Santa Rosa	Dona Eloisa	Fechada
Santa Rosa	Linha 7 Santa Rosa	Stanislaw Sawicki
Santa Rosa	Pratas	Fechada
Alecrim	Alecrim	Fechada
Irai	Pinhal	Adolf Chmielewski
Iraí	Perau	Jan Wisniewski
Frederico W.	Lageado Chico Domingo	Franciszek Woloszyn
Frederico W.	Poncio	Jan Wojciechowski
Frederico W.	Poncio de Baixo	Jan Szobut
Frederico W.	Chiquinha de Cima	Wladyslaw Czyzowski
Frederico W.	Chiquinha de Baixo	Józef Babs

Ijuí	Linha VI Galpões, Linha H	Wiktor Czechowicz
Ijuí	Linha VI Norte	Wiktor Czechowicz
Ijuí	Linha II, Norte	Kazimierz Wisniewski
Ijuí	Linha II, Leste	Piotr Kubiak
Ijuí	Linha V, Leste	Adam Kaminski
Ijuí	Linha I	Jan Specjański
Ijuí	Linha O, Oeste	Jan Specjański
Ijuí	Lageado do Tigre	Roman Karnikowski
Ijuí	Linha VII	Stanisław Sawicki
São José do Inhacorá	Inhacora	Kazimierz Zelisławski
Casca	Linha XV de novembro	Józef Cichocki
Guaporé - Prata	Guabirubá	Józef Cichocki
Guaporé - Prata	Linha XXII	Piotr Skoneczny
Guaporé - Prata	Linha XXIV fevereiro	Piotr Skoneczny
Santo A. do Palma	Linha XXIII, Karpátos	Kazimierz Kozłowski
Nova Prata	Linha VII, Sen. Otaviano	Konstanty Redini
Nova Prata	Linha VI, Gal. Ozório	Ignacy Rapkiewicz
Vista Alegre do Prata	Vista Alegre, Linha VII	Genowefa Karpinska
Guarani das missões	Linha do Mel	Francisco Boraczynski
Guarani das missões	Linha Cerola	Roman Zajac
Guarani das missões	Linha Botocudo	Mieczysław Celmer
Guarani das missões	Sede	Franciszek Wilin e Stanisław Hessel Stanisław
Guarani das missões	Sede	Stefan Werpachowski
Guarani das missões	Linha Jacú	Stanisław Kowalczyk
Guarani das missões	Linha do Pinto	Franciszek Duda
Guarani das missões	Harmonia Norte	Franc Karnikowski
Guarani das missões	Linha Concórdia	Jan Siemiński
Guarani das missões	Linha Seca	Jan Uroda
Guarani das missões	Pinheiro Machado	Izydor Zwan
Guarani das missões	Timbó	Ludwik Polanczyk
Guarani das missões	Linha do Rio	Kazimierz Ruszczyk
Guarani das missões	Linha Cedro	Władysław Zumbrycki
Guarani das missões	Linha Harmonia do Sul	Szymański
Guarani das missões	Linha Bom jardim	Adam Wastowski

Guarani das Missões	Linha Estefânia	Adam Keller
Guarani das Missões	Barreira Polonesa	Jan Gualbert Krawczyk
Guarani das Missões	Linha do Rio	Józef Kurylo
Dom Feliciano	Felipe Noronha	Kazimierz Kidrycki
Dom Feliciano	Arroio Perdiz	Stanislaw Kidrycki
Dom Feliciano	Laurentina	Władysław Topaczewski
Dom Feliciano	Laurentina	Karolina Zalewska
Dom Feliciano	Federal	Leon Maliszewski
Dom Feliciano	São Feliciano	Karol Muszynski
Dom Feliciano	Lopo Neto	Florian Zalewski
Dom Feliciano	Assis Brasil	Antoni Grzegorek
Dom Feliciano	Linha Tigre	Józef Lempek e Hilary Uszacki
Dom Feliciano	Graxaim	Roman Karasek
Dom Feliciano	Correa Neto	Marceli Kurcharski
Dom Feliciano	Próx. de Júlio de Castilho	Karol Wasilewski
Dom Feliciano	Júlio de Castilho	Fechada
Camaquã	Sede	Fechada
Camaquã	Próximo de S. Jerônimo.	Projetada
Mariana Pimentel	Mariana Pimentel	J. Issakowicz
Mariana Pimentel	Mariana Pimentel	Fechada
Mariana Pimentel	Serro Negro	Fechada
Mariana Pimentel	Linha José Evaristo	Fechada
Mariana Pimentel	Serra Cavallhada	Fechada
Mariana Pimentel	Pedra Branca	Fechada
Rio Grande	Rio Grande	Ryszard Koch Kochowski
Porto Alegre	Porto Alegre	Stanislaw Gonet

Fonte: Malikoski (2018).

Ao considerar os dados apresentados por Gluchowski de 1924, em que havia em funcionamento apenas 22 escolas no Rio Grande do Sul, até 1937, o desenvolvimento do sistema de ensino étnico da imigração polonesa no Rio Grande do Sul teve um avanço quantitativo importante. Esse resultado representa o período do apogeu do ensino étnico entre os imigrantes poloneses no estado.

Nesse sentido, podemos observar que boa parte das escolas, na véspera da Nacionalização do Ensino, estavam localizadas nas regiões Norte e Oeste do Estado. De acordo com o Censo Escolar do consulado em 1937 havia 19 escolas fechadas e três em organização. Apesar dos esforços em consolidar um sistema de ensino étnico, com formação de professores através dos Ginásios Reymond, em Guarani das Missões, e a Escola Média Nicolau Copérnico de Mallet, no Paraná, havia sociedades que estavam sem professores. Em outras escolas, o ensino era feito por professores de língua portuguesa, na falta de um professor que dominasse as duas línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação étnica polonesa no Brasil teve um desenvolvimento considerável nas décadas que se seguiram após a Primeira Guerra Mundial. Principalmente em relação a organização de novas escolas elementares e de algumas secundárias, como em Porto Alegre, Rio Grande e Guarani das Missões. As escolas para a formação de professores, em Guarani das Missões no Rio Grande do Sul, em Mallet e Curitiba no Paraná, também representam progressivo desenvolvimento. Neste período foram editados livros didáticos e organizados cursos de qualificação de professores, medidas essas que introduziram uma melhora considerável nos processos de ensino étnico entre as crianças polonesas no estado. Entretanto, o Decreto Lei nº 406 de Getúlio Vargas, em 1938, aliado a decretos estaduais, inviabilizou o funcionamento das escolas étnicas. Dentre as regulações, o artigo 85, dessa Lei, determina que o ensino de qualquer matéria deveria ser ministrado em Língua Portuguesa, sendo proibido o ensino de línguas estrangeiras a menores de quatorze anos. Os livros didáticos deveriam ser escritos exclusivamente em Língua Portuguesa, com obrigatoriedade do ensino de História e de Geografia brasileira para as crianças, além de banir e fechar associações estrangeiras consideradas de cunho político. Nessa conta de instituições estrangeiras entrou a Central dos Poloneses do Brasil, a Associação dos Professores Poloneses do Brasil, as atividades da Liga Marítima e Colonial, bem como as restrições à imprensa étnica que possuía grande protagonismo nos núcleos poloneses. Nessa perspectiva de restrições, as escolas como centros difusores de uma cultura étnica específica, envoltas aos discursos de polonidades, bem como diversas associações étnicas, foram compulsoriamente fechadas, apesar dos protestos das instâncias consulares e das lideranças que estavam empenhadas em conduzir estas instituições.

Muitas escolas tiveram de fechar suas portas, porque o professor era imigrante ou vinha diretamente da Polônia para atuar no ensino ou em sua organização. A razão de ser de boa parte das escolas dos imigrantes, além do

ensino elementar, era promover a cultura étnica polonesa pelo uso da língua, o que foi desestimulado pelos decretos nacionalizadores. Algumas escolas, as que estavam mais organizadas, conseguiram se adequar e continuaram funcionando ainda por algum tempo. Parte das escolas foi assumida pela municipalidade e os próprios professores, após realizarem concursos públicos, foram aproveitados e seguiram na condução do processo de ensino, porém, sem a utilização da língua polonesa como língua de ensino. Apesar do secretário da educação gaúcho da época, José Pereira Coelho de Souza (1941), afirmar que para com os imigrantes poloneses, não havia grandes preocupações, porque não formavam grandes extensões de comunidades ou núcleos, compreendo que o próprio secretário desconhecia a extensão do ensino étnico polonês do estado, bem como a sua importância para estas comunidades. O resultado desse processo foi que muitas escolas não foram adequadamente substituídas por escolas públicas e simplesmente fecharam suas portas, deixando um contingente bastante expressivo de crianças sem ensino, aumentando ainda mais os contingentes de analfabetos, principalmente, nas comunidades rurais do Rio Grande do Sul.

Dentre outras consequências podemos relacionar também o que Hannerz e Bauman afirma sobre as transformações da própria cultura étnica, que ao longo das décadas foi sendo desempenhada e reorganizada, num pensamento de hibridação e na liquidez das relações humanas, condutoras do desenvolvimento cultural de qualquer sociedade. A Polonidade foi pensada de forma diversa pelas instâncias da política oficial do governo polonês para com os imigrantes poloneses no Brasil; foi pensada de forma diversa pelas lideranças e intelectuais que conduziam a cultura étnica, bem como foi pensada de forma diversa pelas diferentes comunidades de colonos nos distantes rincões gaúchos. Além do pensamento diverso e impositivo do governo brasileiro do entendimento de comunidades estrangeiras ou étnicas, implantados pelo Estado Novo, na Era Vargas.

A etnicidade como processo, importou numa reorganização social das comunidades e teve como anteparo o discurso estatal e a violência da mobilização de ideários e prescrições políticas, que envolveram a nacionalização das comunidades étnicas no Brasil. A própria nacionalização faz parte de um discurso que se transformou e foi atualizado no transcorrer dos tempos e são retomados até mesmo nos nossos dias. Mantém-se os discursos étnicos e as formas de pensar a realidade, porém, a relatividade dos significados justifica a desnaturalização do discurso folclórico, reafirmando o processo inventivo de costumes humanos, que retomam a nostalgia dos tempos, que não existem ou jamais existiram, com resquícios e sedimentos das culturas predecessoras que fazem parte da história das comunidades.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. Introducción in: Barth, Fredrik. (Org.). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2014.
- COELHO DE SOUZA, José Pereira. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Thurman, 1941.
- CUBER, Antoni. Z nad Uruguayu. In ZDANOWSKI, Felix, *Kalendarz Polski na rok zwyczajny 1898*. Porto Alegre: edição do autor, 1898.
- GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Caxias do Sul, UCS, 1977.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz “*Os poloneses no Brasil*”, Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski, 2005.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana - Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 3, nº1, pp. 7-39, 1997.
- KŁOBUKOWSKI, Stanisław. *Wspomnienia z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i ziemi ognistej*. Lwów: Nakładem Gazety Handlowo-Geograficznej. Z drukarni W. A. Szykowskiego, 1898.
- MALIKOSKI, Adriano. *Escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.
- MALIKOSKI, Adriano. *Escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul e a Nacionalização do ensino (1920 -1942)*. Tese de doutorado. Caxias do Sul: PPGEDU – UCS, 2019. 307 p.
- SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: UFRGS/EST, 1993.
- SEK, Jan. Szkolnictwo polonijne w Brazylii w latach 1941-1980. In *Polonijny*, Lublin, v. 3 n. 4, 1986.
- WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos peraus do rio das Antas: núcleo de imigrantes poloneses da ex-colônia Alfredo Chaves (1890)*. Tradução e notas de Alberto Victor Stawinski. Porto Alegre: EST/UCS, 1976.

IDENTIDADES POLONESAS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO POLONESAS EM GUARANI DAS MISSÕES – RS

Juliano Florczak Almeida¹

Maria Catarina Chitolina Zanini²

INTRODUÇÃO

No apagar do século XIX, na região meridional do Brasil – que há pouco se tornara uma República –, as Colônias Ijuí, Jaguarí e Guarani eram criadas dentro de um complexo projeto do Estado Nacional brasileiro, que iniciara ainda no período imperial e que visava à colonização de terras por imigrantes, mas que então assumia novas feições: as três colônias citadas eram “mistas”, modelo que buscava forçar a “assimilação” dos migrantes à sociedade nacional, por meio da “mistura” (SEYFERTH, 1999). Do outro lado do Atlântico, mais ou menos simultaneamente, um conjunto de sujeitos, que possuía outro conjunto de planos igualmente complexos e que não ignorava os interesses que agentes brasileiros expressavam, decidia emigrar.

Mais de um século depois, todo esse emaranhado de fenômenos – e outros a ele relacionados – ganham nova vida nas memórias de camponeses que residem em Guarani das Missões-RS³ (município cujas origens remontam ao Núcleo Comandaí da Colônia de Guarani), e que se identificam como descendentes dos imigrantes poloneses, os quais chegaram ao Noroeste do Rio

1 Doutor em Antropologia Social. Pós-doutorado na École Pratique des Hautes Études (EPHE/PSL). Analista – Sociólogo na Fundação Gaúcha do Trabalho (FGTAS). E-mail: juliano-florczak@hotmail.com.

2 Doutora em Antropologia Social. Pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ) (2008) e pela UFRJ (2022). Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFSM desde 2007. E-mail: zanini.ufsm@gmail.com.

3 Município emancipado em 1959, Guarani das Missões possuía, em 2010, uma população de 8.115 pessoas. Segundo o Censo Demográfico de 2022, esse número reduziu para 7.415. Do total de habitantes, 38% residiam na zona rural. O município está situado na região das Missões, no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. (Fontes: sítio do IBGE e da Prefeitura Municipal de Guarani das Missões. Consultas: 25/06/2011 e 05/02/2025).

Grande do Sul, principalmente, no final do século XIX e início do século XX (POLANCZYK, 2010).

Ao abordar o processo migratório polonês para o Brasil meridional, este texto⁴ faz parte de um movimento acadêmico que tem quebrado com o silêncio em torno dessa etnia, que é a terceira maior população migrante proveniente da Europa para o Rio Grande do Sul, excluindo-se a lusitana (GRITTI, 2004, p. 80). Seja em razão dos processos de estigmatização em que se enredaram os poloneses no Brasil – e, quanto a essas questões, a obra de Gritti (*ibid.*) é referência obrigatória –, seja por outros motivos, o fato é que a imigração polonesa foi tida como um objeto menor (Cf. *ibid.*, p. 15), concepção que começava a ser revertida no início dos anos 2010.

O objetivo deste texto, portanto, é descrever e analisar narrativas em que descendentes de imigrantes poloneses articulam memórias das políticas migratórias de seus antepassados e de Estados-nação dos quais seus ancestrais partiram e rumaram. A escuta das narrativas ocorreu em meio a uma investigação de cunho etnográfico. Cabe ressaltar que eu⁵ sempre carregava uma entrevista semiestruturada, mas pouco a utilizei – no mais das vezes, tentei deixar meus interlocutores bem à vontade para ditar os rumos da prosa. Também levava uma caderneta para anotações breves. Essas notas guiavam o registro no diário de campo, no qual escrevia o máximo de informações possíveis, entre idas e vindas. Almejava sempre lembrar as palavras usadas, os gestos feitos e quem escutava cada informação.

Com essa perspectiva, conversando com, ao total, aproximadamente 50 pessoas que, cotidianamente, atuavam nas cenas, palcos e eventos de Guarani das Missões, como também buscando falar com pessoas de diferentes idades, gêneros e etnias, foram reunidas muitas páginas de diário de campo. Com base na análise de todo esse material, pudemos perceber uma coleção de representações mais ou menos compartilhadas por todos os interlocutores. Essas imagens sobre o passado, nas quais identificamos uma trajetória de construção das identidades polonesas, se tornaram elemento fundamental para pensarmos uma polonidade em construção e afirmação.

O que desejamos salientar é como essas narrativas permitem vislumbrar o caráter de construto social das identidades polonesas, que são refeitas em

4 Este texto é uma versão revista e atualizada de um artigo publicado no volume 5, número 10 da revista Antares. Agradecemos aos revisores e editores da revista a possibilidade de atualizarmos o artigo.

5 O trabalho de campo foi realizado pelo coautor, ainda que sob orientação da coautora. Quando se conjugam verbos na primeira pessoa do singular (eu), estamos nos referindo a experiências de campo do coautor. Quando se conjugam verbos na primeira pessoa do plural (nós), estamos nos referindo ao trabalho realizado em conjunto. O trabalho analítico compartilhado, bem como as longas conversas durante a pesquisa de campo entre os autores, justifica a coautoria.

diálogos com momentos históricos específicos⁶. Em última análise, o que tentamos salientar é que “[...] A teoria cultural não deve ficar desconcertada em face da mudança estrutural [...]; nem ela está condenada a se preocupar somente como espuma ‘superestrutural’ da onda da história” (SAHLINS, 2008, p. 68). Trata-se de dinâmicas que são negociadas entre os indivíduos e suas coletividades em contextos específicos e dialógicos (COMAROFF et al, 2009).

Para tanto, o texto está estruturado em dois grandes eixos. O primeiro apresenta narrativas da travessia do Atlântico como fundamento da crença compartilhada de origem comum. O segundo se constitui em uma tentativa de interpretação de dinâmicas interétnicas em uma “colônia mista”.

MEMÓRIAS DE TRAVESSIAS: CONSTRUINDO ORIGEM COMUM E DIFERENÇAS

Um conjunto de representações sobre o passado diz respeito ao que se pode denominar de travessias, tomando emprestado o termo utilizado por Zanini (2006, pp. 37-8). Essas narrativas expressam como nossos interlocutores compreendem os processos de construções dos emigrantes poloneses, as viagens perfeitas da Europa ao Brasil e os processos de colonização do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um processo que inclui a partida, o mundo da origem, as rupturas, novas possibilidades de enraizamento e o modo como se percebem contemporaneamente, tomando-se como resultados inacabados de um processo longo e demarcado de suas constituições. Nesse sentido, ao pensarmos acerca da travessia como ruptura e como novo enquadramento reflexivo (coletivo), percebemos que ela representa um evento (SAHLINS, 1990) para essa polonidade⁷.

De acordo com as discursividades locais, os antepassados dos poloneses decidiram emigrar porque havia muitas guerras na Europa, que tornavam a situação de permanência naquele continente insuportável. As narrativas deixam ver um *tempo das guerras*:

“Eles chegaram de cavalos e de aviões da polônia porque lá havia muita **guerra**.” (Ricardo, nove anos, polonês, estudante da 4ª série e filho de agricultores).

“Minha vó dizia: ‘Que dê só batata doce. Pelo menos estaremos **em paz** lá [no Brasil].’” (Aluizio, 59 anos, agricultor).

6 Para um trabalho com uma perspectiva similar, porém sobre os ítalo-brasileiros da região central do Rio Grande do Sul, ver Zanini (2006).

7 Por polonidade se compreende aqui o pertencimento ao mundo polonês, vislumbrado por meio de narrativas, símbolos e uma série de elementos que serão apresentados ao longo deste artigo.

“O funcionário perguntou se a mãe queria ir para o Canadá, Brasil ou... Não lembro mais. Eram três países que a mãe podia escolher. Mas a mãe não sabia qual. E disse assim: ‘Pra onde não tem **guerra**’. E viemos para o Brasil.” (Anita, 68 anos, polonesa, agricultora aposentada).

Assim, os emigrantes poloneses são recorrentemente caracterizados como *fugitivos*:

Pesquisador: Bom, e vocês saberiam contar um pouco da história da família de vocês, assim? Como eles vieram parar aqui na região?

Eugênia (44 anos, polonesa, funcionária pública): O que a vó contava era que **fugiram** da guerra.

Maria (36 anos, polonesa, funcionária pública): É, fugiam da guerra.

“**Fugiram** depois [*que passou as guerras*], porque naquela época não dava!” (Abel, 78 anos, polonês misturado com russo, colono).

Esses confrontos bélicos são vinculados a lutas contra russos, austríacos e, principalmente, germânicos. E esses conflitos são relacionados a ocupações de um espaço que, depois de finda a Primeira Guerra Mundial, formaria o território do Estado Polonês:

“Pois meu avô trabalhava em uma mina. Trabalhava naquelas furnas. Nas profundezas. Forçado, obrigado pelos **alemães**. Aí ficou sabendo que ia ter navio saindo para outro país. Não sabiam Brasil, que país. Aí ele juntou gente da mesma raça, vamos dizer, e vieram, de navio.” (Jorge, 82 anos, polonês, agricultor).

“Meu bisavô veio para o Brasil de navio em [...] 84. Ele veio porque meu vovô estava na catequese, né? Só que a catequese era só em **alemão**. Aí meu vovô tinha que aprender o catecismo em alemão. Daí meu vovô falou em polonês numa aula e o professor não gostou e deu um tapa no nariz assim no meu vô [*gesto imitando o tapa*]. Saiu sangue! Quebrou o nariz. Daí meu avô... Não, meu bisavô, viu aquilo e disse assim: “Vô embora daqui pra um lugar em que Deus entenda também o polonês”. Ele saiu com um lema da Polônia: de achar um lugar onde pudesse falar polonês. É que a Polônia tinha sido invadida pelos **prusso, alemão, austríacos...**” (Eduardo, 62 anos, polonês, agricultor).

“Era extermínio da raça mesmo. [...]. É que tinha as guerras. E a Polônia foi cortada... foi invadida pela **Alemanha**” (Aluizio, 59 anos, polonês, agricultor).

Não por acaso, é bastante razoável o número de autores que, ao tentar explicar o processo emigratório em questão, lembram que o Estado Polonês inexistia e que os Impérios Russo, Prussiano e Austríaco dominavam terras futuramente polonesas. Decol (2000, p. 2) considera que, além dos motivos econômicos, a emigração em tela precisa ser compreendida também como motivada por questões de ordem política, referindo-se a essas ocupações. Assim

também entende Gritti (2004, p. 209), segundo a qual os poloneses que tomaram o rumo do Brasil eram movidos pelos mesmos fatores de expulsão e de atração que alemães e italianos, com a particularidade de serem marcados pela “submissão” aos Impérios ocupantes. Os motivos elencados por Wenczenowicz (2007, p. 420), da mesma forma, concernem tanto a fatores econômicos quanto à opressão vivenciada pela partilha. Essa divisão é atribuída a uma série de conflitos bélicos que envolveram poloneses e Impérios vizinhos, especialmente a partir de 1717, e que culminaram nas três partilhas – em 1772, 1792 e 1795 (KIENIEWICZ, 2001, pp. 24-5). Esse processo envolveu várias batalhas, guerras civis, revoltas e teve prosseguimento no século XIX, com as guerras napoleônicas (*ibid.*, p. 29).

Mais do que uma conjuntura de guerra, porém, os relatos traçam uma situação de fricção interétnica, no sentido que Cardoso de Oliveira (1964, p. 27-8) atribui ao termo. As memórias expressam temporalidades marcadas pelo confronto entre, principalmente, alemães e poloneses, sendo que aqueles planejavam o “extermínio da raça [*polonesa*] mesmo”, como descreveu Aluizio. Isso ressoa em uma relação não raramente conflituosa entre descendentes de poloneses e de alemães, que, na Colônia Guarani, foram transformados em vizinhos, já que se trata de uma colônia mista⁸.

Foi nesse contexto que se construiu a figura dos poloneses emigrantes. Conforme nossos interlocutores, os poloneses, oprimidos em suas próprias terras, tornam-se *emigrantes* ou *fugitivos* e buscaram, em outras regiões, sorte diversa. Parte deles embarcou em navios para a América – EUA, Argentina e Brasil (OLIVEIRA, 2009). Anos mais tarde, em meados do século XX, levantamentos calcularam que havia “2 milhões de poloneses [*que*] viviam na Alemanha, 1,5 milhão nos Estados Unidos, 450 mil na França, 250 mil no Canadá, e 195 mil no Brasil” (DECOL, 2000, p. 2). O marco que é indicado como momento de início da imigração em massa para o Brasil é o ano de 1869, porém, a grande maioria dos poloneses que desembarcaram em terras brasileiras o fez entre a última década do século XIX e o estopim da 1ª Guerra Mundial, período que, mesmo na Polônia, foi denominado de “febre brasileira”.

Decidindo abandonar suas terras natais, esses *fugitivos*, portanto, empreenderam viagens transatlânticas. O caráter épico dessas viagens é enfatizado nas narrações dos poloneses de Guarani das Missões:

8 Cerro Largo, município vizinho a Guarani das Missões, é identificado como *terra de alemão*. Trata-se da localidade resultante da Colônia Serro Azul, uma colônia particular construída em terras cedidas ao Dr. Horst Hoffmann e dirigida por um padre jesuíta, na qual receberam lotes descendentes de alemães católicos que imigravam das Colônias Velhas (POLANCZYK, 2010, *ibid.*, p. 41).

“[*Meus antepassados vieram de*] Navio. E deu uma tempestade no navio, então ela [*avó da interlocutora*] tinha um neto, um filho no colo com dois anos – tio João – e grávida com sete meses com meu pai. Então ela disse que ela estava num desespero. Mas disse que devagarinho, devagarinho, devagarinho foi acalmando aquele e vieram. Isso eu era menina. Como eu, ela contando, como a gente escuta e grava, né? Eu hoje tenho essa idade e eu não esqueci. [...] Aquilo chamou muito atenção da gente. Porque – imagina! – ficar naquele desespero, né? No mar, no navio, com nenê no colo e outro deu à luz aqui. Papai o primeiro que nasceu.” (Suzana, 66 anos, polonesa, agricultora aposentada).

“Minha avó me contou que uma vez em um barco morreu um menino e sua mãe lhe escondeu, mas o corpo desse menino começou a feder e os tubarões começaram a bater no barco e aí as pessoas notaram que alguém tinha morrido e começaram a procurar e a mãe daquele menino começou a chorar e se obrigou a dizer onde o menino estava, esse menino foi encontrado e jogado no mar, pois se não jogassem o menino no mar os tubarões iriam virar o barco de tanto bater e as pessoas iriam morrer.” (Giovana, nove anos, polonesa, estudante da 4ª série e filha de agricultores).

O meio de transporte usado, a duração da viagem – que variava de dias a seis meses – e histórias sobre a alimentação e outros elementos do cotidiano a bordo foram recordadas. Mas, as memórias mais recorrentemente escutadas foram as lembranças de mortes que aconteciam no navio e que exigiam jogar os corpos no mar. Talvez narrativas carregadas de dramaticidade toquem mais profundamente os poloneses de Guarani das Missões, mas é passivo que a importância dessas viagens no processo de construção da diferença não pode ser minimizada. De fato, os antepassados das pessoas com quem eu conversei *vieram* de outros lugares e isso os faz diferentes da sociedade abrangente e anfitriã:

“Meu avô **veio** da Polônia”. (Laura, 60 anos, polonesa, professora aposentada de Estudos Sociais, começou sua narrativa).

“[*Eu sou*] Polonesa. Porque o meu tataravô por parte de pai veio da Polônia com nove anos para cá.” (Liriana, 11 anos, polonesa, estudante da 5ª série e filha de agricultores).

Perfeita essa travessia do oceano, a qual foi tornada, pelas narrativas, uma *epopeia*, aqueles sujeitos, outrora *fugitivos das guerras*, transformaram-se *imigrantes poloneses no Brasil*. Os antepassados das pessoas com quem eu conversei chegaram ao Rio de Janeiro ou a São Paulo. Desses lugares, tomaram embarcações e rumaram para Porto Alegre-RS, passando a fazer parte do contingente de imigrantes poloneses que colonizou o Rio Grande do Sul⁹ e, mais

9 As estimativas sobre o número de pessoas que formavam esse grupo de colonizadores poloneses do Rio Grande do Sul são bastante inconstantes na literatura. O motivo principal para essas dubiedades é a já referida ausência de um Estado polonês na época da migração em maior quantidade. Gardolinski (1958, p. 6-9) afirma que as estatísticas oficiais dizem que, de 1885 até 1937, teriam vindo 23.796 imigrantes poloneses. O pesquisador acredita

especificamente, dos cerca de 5.000 poloneses que receberam lotes de terras na Colônia de Guarany (POLANCZYK, 2010, p. 104). As mesmas memórias deixam ver, portanto, que uma parte desses imigrantes acabou tomando o rumo do Noroeste do estado do Rio Grande Sul e se tornou *colonizadores polono-brasileiros*.

Esse processo passa pela representação da região de Guarani das Missões, no período anterior à colonização, como restrita ao domínio da natureza. Quando àquela localidade chegaram os poloneses, nada haveria, exceto mato:

“Ah, [essa região] **era puro mato**... Eles vieram em picada, não tinha estrada... O sogro, quando veio, **fizeram** uma casinha de coqueiro para passar as primeiras noites. E era assim: eles ficaram em cima dos palanques por causa dos bichos, da mata [...]. Tinha muito animal feroz e eles não conheciam nada. Tinha onça, animais que Minha Nossa...” (Zeli, 63 anos, polonesa e agricultora aposentada).

“**Mato só se tinha**. Mato que eles derrubavam com os machados, com o serrote e **fazia** a vida.” (Sílvia, 55 anos, polonesa e agricultora).

Por um lado, as narrativas caracterizam a região como um sertão, um lugar sem plena presença humana. Mas, talvez, o mais interessante seja que, por outro lado, apresentam uma população polonesa como desbravadora daquele espaço tomado pelo mato, desconhecido, caótico e ainda não classificado. Essas pessoas teriam *feito*, isto é, instituído elementos culturais, como roças, igrejas, escolas.

“...do início, quando chegaram os primeiros colonizadores [que seriam poloneses]. Então, o primeiro colonizador veio com a base firme de fé. Ele, a maior riqueza que os fugitivos – digo direto – que lá do Norte vieram para cá e trouxeram, a maior riqueza é a fé... e a educação. Então, quando eles chegavam para cá, **a primeira coisa que eles se interessavam é construir uma igrejinha e, ao lado, uma escola**. E logo procuravam no meio deles, do povo deles, alguém que pudesse dar aula. E sempre encontravam alguém.” (Irmã Cláudia, polonesa e religiosa).

“Qualquer lugar que se vai, pra Argentina ou vai para o Paraná ou vai aonde você for, tem polonês, né? Alguma coisa de desb, desbravada eles fizeram, né? [...]. Na verdade se fosse olhar bem, é os primeiros que entraram, né? A não ser os loucos, né? De repente, o bugre, essas coisas, né? Os poloneses é os muito que vieram... Eu sei que o meu pai contava que eles chegavam aqui e começavam a derrubar, né? (Estanislau, 49 anos, polonês e agricultor).

Por isso, consideramos que os colonizadores polono-brasileiros são vistos como *civilizadores* daquele mundo tomado pelo mato, o qual teriam desbravado, transformando natureza em cultura, em casas, capelas, escolas, roçados.

que esse é um número muito pequeno. Defende que se deve acrescentar a essa soma parte dos imigrantes computados como austríacos, russos e alemães. Assim, chega-se a um número aproximado de 34.300.

Quando falamos em *civilizadores*, não estamos utilizando um termo êmico, mas sintetizando uma série de representações acerca dos colonizadores. Essas representações são similares às encontradas por Seyfeth (2000) e por Zanini (2006), em suas respectivas análises de etnicidades de imigrantes, em diferentes contextos no sul do Brasil.

Portanto, a categoria de civilizadores não é usada pelos poloneses de Guarani das Missões. Contudo, a de *pioneiros* o é. São considerados pioneiros os colonizadores que primeiro teriam pisado naquelas terras e que, por isso, teriam enfrentado as agruras da colonização em suas versões mais difíceis. O historiador local Marmilicz (1998, p. 29), em seu livro sobre a localidade, cita os nomes dos pioneiros: “Eis a razão do começo: terra, trabalho e liberdade. Eis os pioneiros: H., S., B. e K”. Ser descendente de um desses pioneiros é motivo de orgulho para qualquer descendente de polonês. Há lutas para incluir no seletivo grupo seu ancestral, mas a força do escrito abafa as tentativas de alterar a constituição do corpo de pioneiros. Repetidamente, especialmente entre os indivíduos cujos antepassados encontram-se no conjunto dos precursores, as pessoas com quem eu conversei tentavam citar os nomes dos *pioneiros*.

Porém, o importante é perceber que essa imagem da região como puro mato representa uma valorização dessa coletividade que a enfrentou e a trouxe para o domínio da cultura, compreendida aqui como princípio civilizador também. Os poloneses de Guarani das Missões se vangloriam dos *feitos* de seus antepassados diante de uma natureza inóspita: “Nós todos somos brasileiros. Cada um ajudou um pouco o Brasil. Os italianos, os alemães, os poloneses...” (Carlos, 66 anos, polonês, agricultor).

Entretanto, o fundamental é que as representações dos antepassados como *civilizadores* dessa parte virginal do Brasil, nunca dantes tocada, somadas às imagens de uma Europa em guerras, na qual emigrantes tornam-se *fugitivos*, e de viagens dramáticas permitem configurar uma gênese compartilhada por todos os *poloneses* e distinta da dos *outros*, dos brasileiros, dos alemães, dos italianos e assim por diante. São essas memórias que constroem a crença subjetiva em uma origem comum, elemento que Weber (1994) mostrou ser basilar na formação de comunidades étnicas. Assim, essas representações sobre o processo de travessia constituem o mito de origem dos poloneses de Guarani das Missões. Ao mesmo tempo, permitem vislumbrar as transformações pelas quais passaram as coletividades polonesas, mudanças essas que não se encerraram nesse ponto, como tentaremos apontar a seguir.

APRENDENDO O QUE SEJA CASTIÇAGEM: UMA ANTROPOLOGIA DAS PERDAS

Conforme nossos interlocutores, os tempos de hoje são tempos de “misturas” ou de “castiçagem”. Essa foi uma das – gratas – surpresas do trabalho de campo. Em um dos primeiros dias que fui à Guarani das Missões como aprendiz de etnógrafo, Carlos (66 anos, polonês e agricultor), depois de eu passar o dia com ele e com sua esposa, Suzana (66 anos, polonesa e agricultora aposentada), acompanhou-me até a estrada. Na hora da despedida, fez o seguinte comentário:

“Aqui antes era tudo só H. e W. [*sobrenomes de pessoas tidas como polonesas*]. Depois que castiçou tudo.” (Carlos).

Durante aquele mesmo dia, ele havia me explicado o que significa “castiçar”. Havia dito que teve que carpir a lavoura de soja, porque “a buva tomou conta”. E, segundo comentou, o secante não era capaz de matar a buva, porque esse inço deve ter castiçado com a soja transgênica, de modo que se tornou resistente ao veneno. Por outro lado, também me disse como fazer porongos com casca mais grossa. Bastava incluir, na cova da semente de porongo, algumas sementes de melancia de porco. As plantas castiçariam e os porongos que surgissem seriam de melhor qualidade. Portanto, “castiçar” é um processo da ordem da natureza e que envolve mistura de variedades diferentes de plantas ou, no caso de seres humanos, de pessoas de “origens” – ou “raças” – diferentes.

Com o passar do tempo e convivendo cotidianamente com as pessoas de Guarani das Missões, percebemos que, por meio de diferentes denominações, seus moradores relacionam os dias de hoje à castiçagem dos poloneses com pessoas de outras “origens”. Em contraposição ao passado – tempo da pureza –, a contemporaneidade seria o tempo da mistura. Poloneses já não se casam somente com polonesas, e casamentos exogâmicos são progressivamente mais comuns.

As pessoas entendidas como misturadas não raramente assumem a identidade de *mestiças*:

“O meu bisavô veio de Portugal. E conheceu minha bisavó italiana. Eles casaram-se e tiveram 5 filhos daí o meu avô se casou com uma polonesa. Daí nasceu minha mãe que se casou com um brasileiro. Daí nasceu eu. Por isso eu sou mestiça, e tenho muito orgulho de ser mestiça.” (Elza, nove anos, brasileira, espanhola, italiana, polonesa e portuguesa e filha de agricultores).

Alguns aceitam com mais tranquilidade que outros, essas mudanças. Indivíduos das gerações mais novas tendem a perceber as *misturas* como

mais normais. O discurso público – nem sempre de acordo com as práticas, especialmente com as dos de mais idade – expressa aceitação desses novos casamentos:

Pesquisador: E... Os antigos preferiam que poloneses não se casassem com alemães? Vocês acham que tinha isso assim?

Eugênia (44 anos, polonesa, funcionária pública): Tinha. Só que **hoje acho que não**.

Pesquisador: Hoje, não?

Eugênia: De repente, alguém não gosta, mas se casam: é tudo uma mistura. **Tudo misturado**.

Pesquisador: E por que será que os antigos preferiam que não se casassem?

Maria (36 anos, polonesa, funcionária pública): **Não misturasse a raça**. [risos].

Eugênia: Talvez fosse isso. [entre gargalhadas].

Pesquisador: Mas assim era só com alemães ou...?

Eugênia: Eu acho que não. **Eles só queriam polaco, mesmo**. [risos]. Porque era, não sei, é o que eu penso. Não sei, acho que eles queriam mesmo polaco.

Pesquisador: Tem alguma história na família que, que não permitiram que casasse ou alguma coisa assim?

Maria: Na minha, não.

Eugênia: Acho que não. Na hora... É que os meus tios são tudo casado com polonês. E irmã eu tenho só uma. Bom, essa já é casada com alemão. [risos]. Então já misturou um pouquinho. Ai, ai, ai [risos]. [...] É que assim: **antes era diferente**, a cultura deles era diferente. **Hoje é tudo liberado**, né? Como os avôs da gente já tinham mais **aquela coisa de chega-até-ali-e-lá-não**. E agora não: é tudo... a gente já pensa de outra forma.

Apesar de um tanto longo, esse diálogo é interessante porque insere na discussão um novo elemento: a ruptura com a pureza está relacionada com o rompimento de práticas holistas (DUMONT, 2000) ou, na fala de Eugênia, rompimento com “aquela coisa de chega-até-ali-e-lá-não”, isto é, a difusão da ideia moderna do indivíduo como valor cria condições de possibilidade para a escolha de cônjuges endogâmicos ou exogâmicos, conforme a lógica do amor romântico. Por outro lado, a religiosidade nutrida pelos poloneses de hoje não seria tão fervorosa quanto a dos imigrantes. O que se processa, então, é toda uma reorganização das relações interétnicas, nem sempre compreendidas pelos mais idosos, que foram socializados em lógicas pouco individualistas.

Nesse processo, os sinais diacríticos normalmente acionados para o estabelecimento de fronteiras mudam, mas em poucos lugares como em

Guarani das Missões as categorias étnicas são tão vívidas, sendo o temor da *perda* das identidades polonesas, pelo menos em parte, resultado da vivência dessa ressignificação do ser polonês, ao lado de uma ressemantização de todos os pertencimentos étnicos do mesmo contexto. Em outras palavras, é possível “dar testemunho da[s] cultura[s]” étnicas, como defende Sahllins (1997, p. 64). Isso porque Tiago (41 anos, italiano e polonês e agricultor) justifica anos de sua atuação junto à Igreja Católica de forma gratuita em função de seu *sangue polonês*, ao mesmo tempo em que vincula seu gosto por falar bastante, por “falar com as mãos” e por contar piadas e fazer brincadeiras em geral ao *sangue italiano* que também carrega. Zeli (63 anos, polonesa, agricultora aposentada), rindo, destacou que seus netos – que são *misturas* de polonês com portugueses – a chamam de *babcia* e a seu marido de *dzadek* – respectivamente, avó e avô, em polonês, ao passo que denominam seus avôs paternos de *vô* e *vó*. Assim, podemos dizer, correndo o risco de tomar posição nos debates intergeracionais, que misturas não justificam uma *antropologia das perdas*, mas uma ciência atenta à dinamicidade e às ressignificações – e às somas, como nos casos de Tiago, dos netos de Zeli e de outros que presenciei¹⁰.

A política migratória do Estado brasileiro, quando da nascente República, que criara colônias mistas para que o suposto perigo dos então chamados quistos étnicos não colocasse em risco a Soberania Nacional, supunha que, por meio das *misturas* entre as diferentes populações que imigravam para o Sul do país, iria mitigar os pertencimentos étnicos, como bem descreve Seyfeth (2000). De fato, os descendentes de poloneses de Guarani das Missões asseveram que o *tempo da pureza* se foi e houve misturas. Mas, se o objetivo último da referida política era acabar com os hífens de polono-brasileiros, germano-brasileiros, ítalo-brasileiro, ela foi frustrada. Pois, o processo de hifenização só se intensificou e aponta para uma riqueza narrativa e de processos identitários ainda a ser mais bem conhecida e analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar uma trajetória de construção das identidades polonesas em Guarani das Missões, partindo de dados produzidos em etnografia, com agentes que atuam no município. Ao longo da análise das narrativas, tentamos salientar como os pertencimentos a comunidades étnicas polonesas são dinâmicos, assumindo diferentes feições em diálogo profícuo com momentos históricos específicos.

¹⁰ Essa referência à soma não exclui a possibilidade de seleção circunstancial de uma das identidades pelo indivíduo. Essa escolha está relacionada, no mais das vezes, a interesses indissociáveis das dinâmicas das interações.

As narrativas sobre a migração polonesa tecidas em Guarani das Missões, por descendentes dos imigrantes, também permitem vislumbrar que as coletividades polonesas estão sempre em risco, sujeitas ao contexto histórico e a suas possibilidades reflexivas e construtivas. Seja uma coletividade de emigrantes, de fugitivos, de colonizadores, de civilizadores, pura ou misturada, é correto dizer que as polonidades se transformam, ao mesmo tempo em que se reproduzem e se perpetuam. No palco das interações, servem como sinais de distinção e são acionadas conforme as exigências dos contextos. Outro aspecto importante, é observar o papel importante dos elos familiares e grupais nas construções memorialísticas. São esses elos de atravessamentos íntimos que permitem que a polonidade seja partilhada com sentido dos ascendentes para e entre os descendentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juliano Florczak. **Polonidades e Memórias**: trajetória de construção das identidades polonesas na Linha Bom Jardim, interior de Guarani das Missões-RS. 2011. 128f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In : POUTIGNAT, Philippe *et al.* **Teorias da Identidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 187-227.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A Noção de Fricção Interétnica. In: **O Índio e o Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964, p. 13-30.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível. In: **Antropologia no Brasil**: mito, história e etnicidade. São Paulo: EdUSP, 1986, p. 97-108.
- CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 13, nº38, Out. de 1998.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. **Ethnicity, Inc.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- DECOL, René D. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil. In: Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: PUC Campinas, 2000. Disponível em: < http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt22_1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

DOUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração e colonização polonesa. In: BECKER, Klaus. **Enciclopédia Rio-Grandense – vol.5**: Imigração. Canoas, RS: Editora Regional, 1958, p. 1-114.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das Culturas**: Uma Descrição Densa; Por uma teoria interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**: a emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GUMPERZ, John. **Language and social identity**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1970**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KEDAR, Leah (org). **Power through discourse**. Washington: Ablex Publishing Corporation, 1987.

KIENIEWICZ, Jan. “Polônia, identidade de um país”. In: DEMBICZ, Andrzej; KIENIEWICZ, Jan. **Polônia e Polono-Brasileiros**. Varsóvia: CESLA – Centro de Estudos Latino-Americanos, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. 1967. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARMILICZ, Paulo Thomaz. **Linha Bom Jardim**: cem anos de colonização – sua história e sua gente (1898-1998). Ijuí, RS: Policromia, 1998, 147p.

OLIVEIRA, Márcio de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.22, n°43, janeiro-junho de 2009, p. 218-237.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e Crítica Cultural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a15v1328.pdf>. Acesso em: 20 jan 2010.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, Rio de Janeiro, v.4, n°1, p. 47-77, 1998.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLANCZYK, Antonio José. **O imigrante polonês e a colônia Guarany**. Porto Alegre: Renascença; Edigal, 2010, 360p.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 41-58.

_____. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 199-228.

_____. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 6, n. 14, nov. 2000, p. 143-176.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, 218 p.

_____. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n°1, p. 41-73, 1997.

_____. **Metáforas históricas e realidades míticas**: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2006, 256 p.

WEBER, Max. Relações Comunitárias Étnicas. In: **Economia e Sociedade** – Vol.1. 3ª ed. Brasília: EdUnB, 1994, p. 267-275.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. A imigração Polonesa. In: RACKZIEGEL, Ana Luiza & AXT, Gunter. (diretora dos volumes). **República Velha** (1989-1930). Passo Fundo, RS: Méritos, 2007, v.3, t.1, p. 419-439. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

OS IMIGRANTES POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM - NORTE DO RIO GRANDE DO SUL - 1908-1945

Isabel Rosa Gritti¹

INTRODUÇÃO

No Brasil, os imigrantes poloneses se fazem presentes em maior número a partir de 1863 e, mais intensamente, entre os anos de 1893 e 1895, conhecido como o período da febre migratória brasileira. Eles chegam de uma nação subjugada pelas potências vizinhas, fazendo com que, até 1918, a Polônia não existisse enquanto país.

O domínio territorial exercido pela Rússia, Prússia e Áustria impediu uma maior exatidão numérica da presença desse grupo étnico em território brasileiro. Aqui chegavam e eram registrados de acordo com a nacionalidade registrada em seus passaportes e muito raramente como poloneses. Deslocaram-se da Polônia para o Brasil movidos pelas mesmas causas responsáveis pela vinda dos demais grupos étnicos, isto é, tornar-se proprietário de um lote de terra que garantisse a subsistência de sua família.

Da mesma forma que ocorrera com os outros grupos imigratórios, foram instalados predominantemente na região sul do Brasil. Dos estados sulinos, fixaram-se em maior número no Paraná e no Rio Grande do Sul, e com significativa presença na Colônia Erechim. Discutir alguns elementos da imigração e estabelecimento desse grupo étnico na Colônia Erechim, criada em 1908, e apresentar algumas manifestações culturais desse grupo na atualidade, é o objetivo deste texto.

OS POLONESES NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

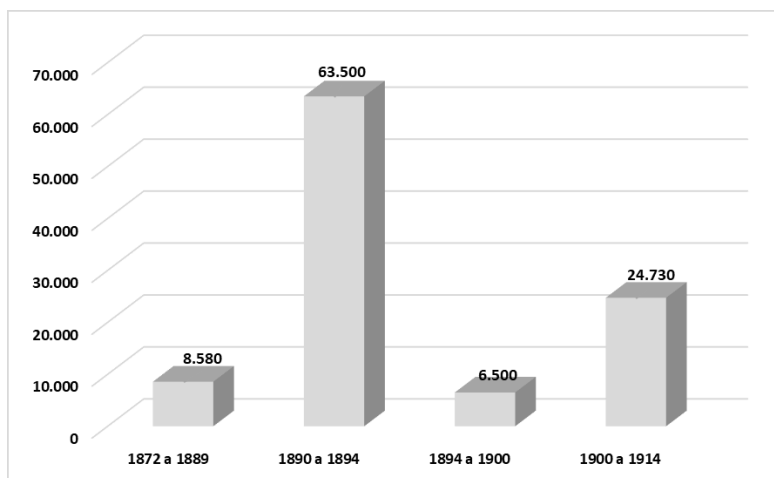
Um dos primeiros, senão, o primeiro estudo sobre a presença dos imigrantes poloneses no Sul do Brasil é o do então Cônsul Polonês no Brasil, sediado em Curitiba, Kazimierz Gluchowski, com a Obra *Subsídios para o Problema da Emigração Polonesa no Brasil*, de 1924.

¹ Doutora em História do Brasil pela PUCRS. Professora Associada na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim – RS. E-mail: isabelgritti@gmail.com.

Para ele, a entrada dos imigrantes poloneses no Brasil ocorreu em quatro grandes períodos, de 1872 a 1914, sendo o de maior entrada o que corresponde ao período conhecido como o da febre imigratória brasileira, correspondente aos anos de 1890 a 1894, quando 63.500 poloneses se estabeleceram no Brasil. Durante os anos de 1872 a 1914 desembarcaram, no território brasileiro, 103.238 imigrantes poloneses, segundo os dados apresentados pelo Cônsul Polonês no Brasil.

No gráfico, que segue, apresentamos os quatro períodos definidos por Gluchowski e o respectivo número de imigrantes poloneses.

Figura 1 – Imigração polonesa no Brasil (1872 a 1914)



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Gluchowski (1924).

Em relação às fontes consultadas para definir o número de imigrantes no Brasil, Gluchowski destaca que:

Os dados e os números bem como as comparações estão apenas parcialmente apoiados em material estatístico, diria eu, oficial, e têm por base principalmente os meus próprios cálculos, fundamentados ora no contato direto com as respectivas pessoas e questões, ora em dados que me foram fornecidos por líderes muito bem familiarizados com determinada região. De um modo geral, trata-se, portanto, de números apenas aproximados, porém os mais exatos dentro das possibilidades da realidade atual (GLUCHOWSKI, 2005, p.15).

A observação anterior feita pelo Cônsul Polonês remete-nos ao fato da imprecisão numérica da presença dos imigrantes poloneses no Brasil e, consequentemente, no Rio Grande do Sul e na Colônia Erechim. A causa para tal imprecisão encontramos na inexistência de uma Polônia independente de 1782 até 1918. Nesse longo período, esteve sob domínio da Rússia, da Prússia e da Áustria. Dessa forma, os imigrantes poloneses que aqui chegavam eram

registrados com a nacionalidade que portavam no passaporte e que correspondia ao país ocupante da região de onde provinham.

No Relatório ao Presidente do Estado, enviado em 14 de setembro de 1917, pela Secretaria de Obras Públicas, temos os seguintes dados relativos à presença de imigrantes no Estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 1: População do Rio Grande do Sul em setembro de 1917

POPULAÇÃO COLONIAL (ESTIMADA)	HABITANTES	%
Genuinamente nacional	120.000	16,0
Alemã e descendentes	300.000	40,0
Italiana e descendentes	230.000	30,7
Polaca, Russa e descendentes	70.000	9,3
Diversos	30.000	4,0
Total	750.000	

Fonte: Relatório da Secretaria de Obras Públicas ao Presidente do Estado. 1917.

Ilustrativo dessa complexidade em definir numericamente a presença polonesa no Brasil e no Rio Grande do Sul, pode ser observada na tabela, na sequência, que apresenta os dados da Repartição de Estatística do Estado, relativos aos nascimentos por grupos étnicos no ano de 1920 no Rio Grande do Sul.

Tabela 2: Nascimentos por etnias no Rio Grande do Sul – 1920

ETNIAS	TOTAL DE NASCIMENTO	%
Brasileiro c/ brasileira	60.334	88,44
Brasileiro c/ outras etnias	981	1,44
Alemão c/ alemã	270	0,40
Alemão c/ outras etnias	371	0,54
Italiano c/ Italiana	1.776	2,60
Italiano c/ outras etnias	1.248	1,83
Português c/ portuguesa	142	0,21
Português c/ outras etnias	250	0,37
Espanhol c/ espanhola	86	0,13
Espanhol c/ outras etnias	142	0,21
Outras etnias c/ brasileiras	998	1,46
Outras etnias c/ diversas etnias	1.623	2,38
TOTAL	68.221	100,00

Fonte: Elaborado pela autora segundo dados do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Repartição de Estatística – 1920.

O fato de que não é registrado nenhum nascimento de criança de origem polonesa no Estado no ano de 1920 é, no mínimo estranho, uma vez que os poloneses estão presentes no Brasil e no Rio Grande do Sul pelo menos desde a “febre imigratória brasileira”. É possível que os nascimentos de descendentes de poloneses estejam registrados em “Outras Etnias”. Esse grupo apresentou, no ano de 1920, um total de 1.623 nascimentos, correspondendo a 2,38 % do total, o que não deixa de ser um número expressivo para um grupo étnico não presente nos registros oficiais. Para o mesmo ano, o Cônsul Polonês em Curitiba apresenta-nos um total de 32.300 poloneses no Rio Grande do Sul, 42.046 no Paraná, 6.750 em Santa Catarina e 21.500 em São Paulo e outros Estados.

Importante destacar que para o ano de 1924, portanto quatro anos após o Departamento de Estatística do Estado não registrar nascimento de descendente de poloneses, um dos principais, senão, o principal, estudioso da presença polonesa no Rio Grande do Sul, Edmundo Gardolinski (1958), estimava um total de 61.200 imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul, assim distribuídos:

Tabela 3: Localização dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul – 1924.

LOCALIZAÇÃO	TOTAL DE IMIGRANTES	%
Rio Grande	1.200	1,96
Pelotas	300	0,49
São Feliciano	3.600	5,88
São Feliciano e arredores	600	0,98
Mariana Pimentel	1.200	1,96
Mariana Pimentel e arredores	300	0,49
São Braz e Camaquã	300	0,49
Porto Alegre	3.600	5,88
São Antônio da Patrulha	420	0,69
Outras localidades na região do litoral	900	1,47
São Marcos	480	0,78
Antônio Prado	300	0,49
Alfredo Chaves	1.200	1,96
Santa Tereza e Bento Gonçalves	300	0,49
Guaporé e São Luiz da Casca	1.500	2,45
Jaguari	900	1,47
Centro do Estado	900	1,47
Erechim	1.500	2,45
Capoerê	1.200	1,96

Castilho e Rio dos Índios	4.200	6,86
Áurea	3.600	5,88
Rio do Peixe	3.000	4,90
Caçadores Ligeiro	600	0,98
Barão	3.000	4,90
Secção Cravo e arredores	600	0,98
Baliza	1.200	1,96
Gaurama	3.000	4,90
Dourado	1.800	2,94
Vale do Uruguai de Marcelino Ramos à Irai	2.700	4,41
Ijuí	3.000	4,90
Guarani	12.000	19,61
Santo Rosa e arredores	1.200	1,96
Santo Ângelo	600	0,98
TOTAL	61.200	100,00

Fonte: Elaborado pela autora segundo Gardolinski (1958).

A breve discussão realizada até aqui tem o objetivo de apresentar alguns elementos que demonstram a complexidade na definição numérica da presença dos imigrantes poloneses no Brasil.

OS POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM

A atual região correspondente ao território da Colônia Erechim, criada em 1908, caracteriza-se, entre outras, pela presença significativa da agricultura familiar. Essa agricultura é exercida por agricultores de diversas etnias aqui instaladas no início da ocupação da Colônia por imigrantes europeus vindos para o Brasil em decorrência da política imigratória desenvolvida, primeiro, pelo governo imperial e, posteriormente, republicano que visava, além de ocupar os “vazios demográficos” e substituir o trabalho escravo, formar núcleos produtores de alimentos via pequenas propriedades policultoras.

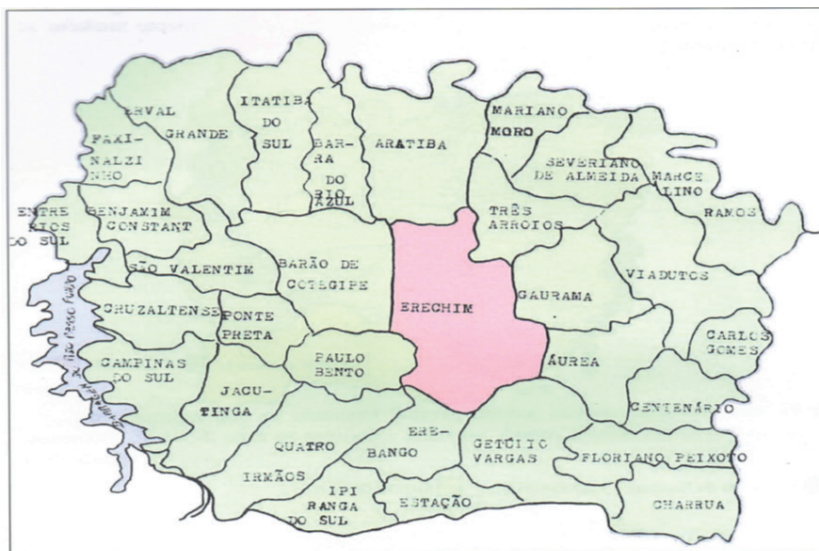
Da mesma forma que os demais grupos imigratórios que chegaram ao Brasil após a Lei de Terras de 1850, os imigrantes poloneses compraram seus lotes coloniais e, no caso da Colônia Erechim, tínhamos a presença de dois agentes colonizadores: O Estado e as Companhias privadas de colonização. Duas companhias atuaram mais intensamente na Colônia Erechim, a Luce e Rosa e a *Jewish Colonization Association* – ICA. Esta última dedicou-se à imigração e ao assentamento exclusivamente de imigrantes judeus.

No mapa, em continuidade, apresentamos a configuração atual do território correspondente à Colônia Erechim criada em 1908 e emancipada em 1918. Gradativamente, os distritos foram conquistando sua independência política, constituindo a região do Alto Uruguai Gaúcho e estão unificados politicamente em torno da Associação dos Municípios do Alto Uruguai – AMAU e do COREDE NORTE.

A Colônia Erechim fora totalmente planejada pelo engenheiro adepto do positivismo, Carlos Torres Gonçalves e, por longo período, Diretor da Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul. Isso fez com que a instalação dos imigrantes e descendentes de diversas nacionalidades aqui presentes ocorresse de forma tranquila, sem os muitos conflitos vivenciados nos demais núcleos de imigração e colonização criados no Estado pelo Governo Federal e, posteriormente, pelo Governo Estadual.

No período de chegada dos imigrantes poloneses e ou seus descendentes, bem como os das demais nacionalidades aqui assentadas, o Estado Gaúcho era administrado por seguidores da Doutrina Positivista, organizados no Partido Republicano Riograndense-PRR- tendo, inclusive, uma Constituição Estadual inspirada nos princípios da Religião da Humanidade. Para Paulo Pezat (1987), as relações entre o Partido Republicano Riograndense e a Igreja Positivista do Brasil foram muito próximas desde o princípio das duas instituições, fundadas, respectivamente, em maio de 1882 e janeiro de 1881. É sob essa orientação que os imigrantes foram assentados em núcleos coloniais criados pelo Estado.

Figura 2 – Mapa dos municípios correspondentes à área da Colônia Erechim



Fonte: Arquivo Municipal Juarez Miguel Illa Font

Aqui foram assentados imigrantes vindos diretamente da Europa e reemigrantes vindos particularmente das chamadas “colônias velhas” e descendentes destes. Ao se tratar da emigração de poloneses assentados nas primeiras colônias agrícolas criadas no Estado, como Conde d’Eu, Santa Tereza, Alfredo Chaves, entre outras, o Padre Alberto Vitor Stawinski, filho de imigrante polonês, escreveu:

Foi nesses primitivos núcleos que, na primeira década do século XX, se desencadeou nova onda migratória rumo da nova colonização do Vale do Alto Uruguai. Agiram acertadamente, pois confinados a nesgas de terras acidentadas não podiam expandir-se.

Desta vez, porém, os colonos poloneses sabiam que terras abandonavam e que terras iam ocupar. E ademais dispunham, agora, de melhores recursos para recomençar a luta pela vida no coração da floresta e garantir um futuro mais risonho e promissor. Apesar de não terem enriquecido, contudo conseguiram economizar algum dinheirinho que lhes possibilitava a aquisição de lotes de área maior e mais próprios para a cultura de cereais

Habitados com o clima com o pesado trabalho da roça e com o rosário de privações, não se receavam de empreender longas e cansativas viagens para se aninharem na mata virgem. Para o transporte da mudança contavam com montaria própria e quando não, já tinham possibilidades de contratar tropeiros especializados. Geralmente, as famílias não emigravam isoladas, mas formavam grupos para se ajudarem na ousada viagem.

Chegando a meta final dessa expedição aventureira, o colono polonês já familiarizado com o tipo de vida primitiva, recomençava a cavar a vida num lote rural coberto, de ponta a ponta, de árvores gigantescas e de espesso taquaral. Aqui tudo estava por fazer. Sem receberem nenhum subsídio dos cofres públicos, os colonos poloneses com impressionante heroísmo meteram mãos à obra, munidos apenas de facão, podão, machado, serrote, enxada e martelo, desbravaram a mata, abriram caminhos, construíram casas, fizeram plantações e conseguiram, assim sobreviver. (STAWINSKI, 1976, p. 78-79)

O relato mostra-nos o processo de reemigração realizado por muitos imigrantes poloneses já instalados no Rio Grande do Sul, mas que buscavam um lote maior daquele que cultivavam, sendo que acreditavam que isso seria possível na nova colônia, criada no norte do Estado. Não foram apenas imigrantes poloneses ou seus descendentes que reemigraram, mas integrantes de todos os grupos migratórios. A busca por melhores condições de sobrevivência era permanente.

O professor Ruy Wachowicz afirma que os imigrantes poloneses escolheram o Brasil porque este oferecia terra em abundância para a agricultura e as condições de compra e assentamento no lote eram atrativas. Ainda, segundo Wachowicz, o imigrante vinha com o propósito de continuar trabalhando como agricultor e tornar-se proprietário de terra. Comparativamente, os lotes de 25 hectares distribuídos pelo Governo brasileiro eram grandes propriedades.

(WACHOWICZ In: GRITTI, 2004, p.36) A produção historiográfica sobre imigração e colonização mostra-nos que o sonho dos imigrantes de tornarem-se proprietários de terras no Brasil, na sua grande maioria, tornou-se realidade. Na Colônia Erechim, não foi diferente.

A definição numérica mais precisa em torno da presença dos imigrantes na Colônia Erechim, no caso dos poloneses, dos russos e austríacos, não é possível até o momento. É necessária uma busca individualizada para esclarecer a nacionalidade deles. Como exemplo, citamos o caso do pai da D. Ana Iarmolik Donin, atualmente, moradora do município de Barão de Cotegipe (ver mapa n.1), filha de Miguel Iarmolik e Andukija Cerniak Iarmolik, ambos viúvos de um primeiro casamento. Segundo D. Ana, eles eram russos, casaram-se na Rússia, mas quando entraram no Brasil em 1930, vindos da Polônia, foram registrados como poloneses. A identificação como poloneses pode ser observada no salvo conduto do Sr. Miguel Iarmolik, a seguir.

Figura 3 – Documento de salvo-conduto

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Serviço Especial de Polícia Civil e Militar
em Porto Alegre, 13 de Julho de 1931

Salvo-Conduto

Nome Miguel Iarmolik Andukija
Nacionalidade Polonês
Idade 39
Profissão Agricultor
Côr Branca

Não há impedimento existe a respeito do portador, pelo que as autoridades que deste tiverem conhecimento não lhe oferecerão qualquer obstáculo.

Assinatura do forador: Miguel Iarmolik Andukija

OBSERVAÇÕES
Levou para o município de Palmeira com mulher e três filhos

Sómente para dentro do Estado

Delegado Auxiliar, chefe do serviço.

Fonte: Acervo de Ana Iarmolik Donin

Os dados presentes nos Relatórios enviados pelo Diretor da Colônia Erechim, Severiano de Souza e Almeida, ao Diretor de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas do Estado nos anos de 1910 e 1917, não deixam dúvidas da complexidade na definição numérica dos poloneses e descendentes no território da então Colônia Erechim. Nas tabelas, que seguem, apresentamos os respectivos dados e as nacionalidades russa e polonesa aparecem agrupadas: russos-polacos. Dessa forma, é inevitável nos perguntarmos: são russos? São poloneses? São russos que passaram pela Polônia como o pai da Dona Ana Yarmolik? São poloneses que moravam na região da Polônia ocupada pela Rússia?

A Colônia Erechim prosperou rapidamente e, conforme Jean Roche, ficou:

Pelo menos, como um dos exemplos mais significativos de impulso demográfico que se deve a colonização. É verdade que está se realizou ao longo da via férrea Santa Maria-São Paulo, o que lhe permitiu escoar imediatamente os produtos agrícolas com facilidade excepcional na história das Colônias riograndenses (ROCHE, 1969, p.281)

O fato de, na Colônia Erechim, o assentamento dos imigrantes ter se dado de forma tranquila, sem conflitos mais intensos como nos demais núcleos imigratórios do Estado, não significa que, no território correspondente a Colônia Erechim, eles não tenham ocorrido. A luta pela terra esteve presente, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX. Terras indígenas foram ocupadas, caboclos aqui residentes desde longa data foram expulsos de seus lotes adquiridos pelos imigrantes do Estado ou das Companhias Colonizadoras.

Os imigrantes poloneses e ou seus descendentes estão presentes em todos os municípios que integram a região da antiga Colônia Erechim. Claro que, em algumas áreas, agruparam-se de maneira mais intensa, formando o que temos hoje, municípios com quase a totalidade de sua população de origem polonesa. É o caso, por exemplo de Carlos Gomes, Centenário, Áurea, esta última sendo a capital polonesa dos brasileiros. O mesmo deu-se com os demais grupos imigratórios. Concentraram-se em determinados distritos, linhas, o que pode ser observado nos casamentos realizados em dois municípios, apresentados nos gráficos que seguem.

Tabela 4: Casamentos na Paróquia de Áurea.

ETNIA	TOTAL DE CASAMENTOS			%
Poloneses	Poloneses		1.699	65,98
	Outras	Brasileiros	18	0,7
		Italianos	15	0,58
Diversas	Diversas		843	32,74
TOTAL			2.575	100

Fonte: Livro Registro de Casamentos da Paróquia de Áurea - 1918 a 1959.
Elaboração: Isabel Rosa Gritti.

Tabela 5: Casamentos na Paróquia de Carlos Gomes.

ETNIA	TOTAL DE CASAMENTOS		%	
Poloneses	Poloneses		889	79,65
	Outras	Italianos	27	2,41
		Brasileiro	18	1,61
		Alemães	8	0,71
Diversas	Diversas		174	17,62
TOTAL			1.116	100

Fonte: Livro Registro de Casamentos da Paróquia de Carlos Gomes - 1925 a 1959.
Elaboração: Isabel Rosa Gritti.

A primeira obra publicada discutindo a imigração e a colonização na Colônia Erechim foi escrita pelo imigrante alemão João Weiss e publicada em 1917. João Weiss imigrou com a sua família composta pelo pai, mãe e irmã e contou as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, independente de nacionalidade quando ocorria a chegada e a instalação na colônia, bem como a luta no cultivo da terra para produzir os alimentos. A família Weiss foi instalada nos lotes 46 e 47 próximos ao Rio Ligeirinho, no hoje Município de Carlos Gomes, constituído na sua quase totalidade por descendentes de poloneses. Na Introdução da obra, avaliando a importância do relato realizado, especialmente para os que desejarem migrar para serem colonos, Weiss escreveu:

As condições de colonização poderão mudar para o bem do colono, mas sua vida será sempre a de um pioneiro, a de um bandeirante de atividade árdua e trabalhosa, perigosa e primitiva. E por esse motivo nossa história será atual ainda por muito tempo. (WEISS, 1917, p. 10).

Entre as “benesses” da Política Imigratória executada pelo Estado brasileiro estava o pagamento do lote num longo período de tempo, o recebimento de instrumentos de trabalho, a possibilidade de trabalhar na execução de obras públicas, notadamente a abertura de estradas, o que nos é confirmado no relato do imigrante alemão. Ele afirma:

Que lhes foram entregues no escritório central da Colônia, dois machados, dois facões, duas foices e um quarto de saco de semente de milho, de feijão preto e alguns punhados de sementes diversas. De Porto Alegre trouxeram sementes de hortaliças e flores. Do escritório de emigração receberam também quatro vales de cinquenta mil réis cada um que poderiam ser trocados na venda mais próxima. (WEIS, 1949. p. 37).

Referindo-se à busca pelo lote enquanto se dava a estadia no galpão dos imigrantes, Weiss fez o seguinte relato:

Em Erechim se apresentavam novamente, no galpão dos emigrantes, imigrados um ou dois anos antes, contando histórias desanimadoras sobre a vida que nos esperava no mato. Não havia dúvida: bastava olha-lós para ficar com a pele arrepiada dos pés à cabeça. Estavam maltrapilhos, sujos, magros, famintos. Tomámo-los como vagabundos. Sua história seria verdadeira? Nossas dúvidas nos assaltaram. Ainda havia dinheiro para voltar à Porto Alegre. Quem sabe seria melhor? Novas horas de cruel interrogatório íntimo. Vencemos a terceira investida, a consciência, isto é, os pais é que a venceram, pois, os filhos não tinham voto; seguiríamos de qualquer maneira o destino pré fixado. Queríamos experimentar a floresta, a mata virgem.

Uma das famílias, companheiras de viagem de Munich, ficou em Erechim aceitando trabalho numa serraria próxima. Os restantes cinco chefes de família foram para o mato escolher, cada qual seu lote de mata virgem. Iam em companhia de um dos auxiliares do agrimensor que havia loteado a zona e que fora recomendada como boa e fértil. Ficava distante, mas num raio de um dia de viagem em torno de Erechim só havia pinhais e a terra de pinhal não serve para agricultura. Em seu solo só dá mandioca, batata doce, milho e feijão mal crescidos. Havia ainda a área referida de boa terra, mato de árvores de folhas caducas. Estava situada no Rio Ligeirinho que, em dois dias de marcha a pé, se alcançava facilmente. Que bela expectativa, dois dias de marcha a pé através da mata virgem. Mas não tendo havido terra boa mais perto os homens foram vê-la. Haveriam de voltar dentro de uns cinco dias. (WEISS, 1949. p. 25).

Em seu estudo sobre a Imigração Polonesa em Áurea, Wencznovicz também nos apresenta as dificuldades iniciais enfrentadas pelos primeiros imigrantes poloneses assentados na Colônia Erechim. Após a compra do lote, a família seguia viagem rumo à nova e desejada propriedade. Wencznovicz anota:

A viagem rumo à nova propriedade iniciava-se com o carregamento das malas nas mulas ou nas costas. Reservavam-se cavalos mansos para as mulheres e as crianças mais novas. Geralmente os homens e os filhos seguiam a pé ou revezavam-se na montaria dos animais. Os imigrantes seguiam a viagem em fila indiana; à frente, ia o pai, acompanhado do funcionário da empresa. Parava-se para almoçar e para o descanso de homens e animais. Não havia estradas, o caminho era pelas picadas abertas na mata; não raro, precisava-se abrir o caminho com auxílio do facão (WENCZENOVICZ, 2002, p. 64).

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes poloneses na Colônia Erechim foram as mesmas enfrentadas por todos os grupos imigratórios em todos os núcleos coloniais nos anos iniciais da execução da política imigratória que tinha, entre seus objetivos, assentá-los em regiões consideradas vazios demográficos, obviamente, ignorando a presença dos povos indígenas e dos chamados caboclos. Enfrentar a mata, cultivar o solo e construir casas e entidades comunitárias foram tarefas comuns a todos os colonos pioneiros.

AS FESTIVIDADES CULTURAIS: REMEMORAR O PASSADO LONGÍNQUO

A região correspondente à antiga Colônia Erechim formada atualmente por trinta e dois municípios caracteriza-se por uma diversidade étnica e cultural marcante. Os diversos grupos étnicos aqui presentes construíram entidades, associações, grupos musicais, grupos folclóricos, grupos de danças, corais, centros de ensino da língua materna com o intuito de manterem viva a riqueza cultural que os acompanhou no processo migratório e que os caracteriza como tal. Nesse território, convivem uma marcante e significativa diversidade, formando um expressivo mosaico étnico – cultural. Dentro desse mosaico, destacaremos algumas iniciativas do grupo étnico polonês.

Os muitos estudos referentes à imigração e à colonização europeia para o Brasil e, particularmente, para os estados sulinos apontam que as duas primeiras instituições criadas pelos diferentes grupos imigratórios nos locais onde se estabeleceram foram a escola e a igreja e que, na sua grande maioria, por um longo período funcionavam no mesmo local. Essas instituições funcionavam como centros agregadores das famílias imigrantes, uma vez que o encontro provocava o saber notícias dos integrantes da comunidade daqui e além-mar e os fortalecia no propósito de construir o futuro na nova terra já agora como proprietários. Gradativamente e não raro quase concomitante, iam construindo outros espaços de convívio e manifestação cultural.

Em sua obra *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*, Edmundo Gardolinski afirma:

Não obstante todas as dificuldades iniciais encontradas, tão logo ergueram suas modestas casas, trataram de levantar com madeira falquejada a primeira capela. Esta serviu, também, desde logo, de primeira escola. Dentro do modesto templo católico, naquelas longínquas paragens do nosso “hinterland”, deu-se início à alfabetização das crianças em idade escolar. (GARDOLINSKI, 1976, p. 92)

Destacaremos aqui algumas entidades e instituições ligadas às diversas manifestações culturais presentes na atualidade no território da Colônia Erechim, ligados ao grupo étnico polonês. Embora padres e irmãs religiosas fossem responsáveis por liderar um grande número, senão, a grande maioria das entidades e instituições constituídas, não salientaremos aqui a instituição escola e a instituição igreja, que, como vimos, foram comuns a todos os grupos étnicos. Esses religiosos, na sua quase totalidade, vinham da Polônia e se faziam presentes nos principais núcleos coloniais, onde os imigrantes poloneses e/ou descendentes constituíssem a maioria dos seus habitantes.

Centros de Cultura e Língua Polonesa foram criados no Estado e na região a partir do Programa Pluralismo de Idiomas instituído pelo Governo do Estado. O objetivo do Programa era o de oferecer o ensino da língua estrangeira em escolas estaduais e aberto à comunidade que, assim, o desejasse. Dessa forma, vários Municípios da região, onde um grande número de sua população fosse identificado com a nacionalidade polonesa, fundaram tais centros, como Áurea, a Capital Polonesa do Brasil, Carlos Gomes e Erechim. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul viabilizou também a professores da rede estadual uma bolsa de estudo da língua polonesa na Polônia, por meio de parceria com o Consulado Geral da Polônia sediado em Curitiba. A ida de alguns professores à Polônia estimulou a consolidação dos Centros de Cultura e Língua Polonesa e de diversas organizações culturais.

Além da colaboração do Estado por intermédio das Coordenadorias de Educação Regionais, os Centros contavam com apoio das demais instituições ou entidades já presentes nos Municípios. Na Capital Polonesa dos Brasileiros, a BRASPOL e o Museu Municipal João Modkowski continuam sendo importantes estimuladores do Centro de Línguas. Em Carlos Gomes, a Sociedade Tadeo Kosciuszko formada e integrada por imigrantes e descendentes, além do Poder Municipal e dos Padres e Irmãs religiosas que por lá passaram, foram aliados do Centro de Língua Polonesa extremamente importantes. No Município de Erechim, significativos aliados do Centro de Língua e Cultura Polonesa foram a Sociedade Instrutiva e Recreativa Rui Barbosa, instituída por imigrantes e descendentes, e o Grupo Folclórico Polônês, entre outros associados.

É necessário destacar que, no período da nacionalização implementado pelo Governo Getúlio Vargas, todas as associações étnicas e culturais instituídas no Brasil foram obrigadas a “nacionalizar-se”, isto é, como primeira e obrigatória medida nacionalizaram os nomes de suas escolas, instituições, entidades, grupos folclóricos e até de muitos Municípios, como Carlos Gomes, que, desde 1935, chamava-se Nova Polônia e, em 1944, alterou a sua denominação. Da mesma forma, a atual Sociedade Instrutiva e Recreativa Rui Barbosa, que quando de sua fundação em 1931 denominava-se Sociedade Polonesa Nicolau Kopernik.

Segundo Garcez, no dia 19 de abril de 1991, ano do 60º aniversário da Sociedade Rui Barbosa, o Sr. José Gurski publicou texto, no jornal Diário da Manhã de Erechim, narrando a história dela. Destacamos o trecho citado porque ele confirma o que outros autores escreveram, mostrando que logo depois do assentamento dos imigrantes, eles criaram instituições e entidades que expressassem e, de certa forma, consolidassem suas crenças e tradições. Quando aconteceu a fundação da Sociedade Nicolau Kopernik, associações culturais polonesas já haviam sido consolidadas e, inclusive, dissolvidas.

A Sociedade Polonesa de Gaurama, que estava desativada, vendeu seus bens e doou o resultado à Sociedade Rui Barbosa, passando seus sócios para esta. Também a Sociedade da Escola Polonesa da Linha -Gramado, desativada pela Prefeitura, porque foram construídas duas outras escolas muito próximas ficando, assim, quase sem alunos, sem condições de se manter particular, vendeu só a casa da Escola, o terreno voltou ao antigo dono e os fundos doados também para o Rui Barbosa, vinculando os sócios. (GURSKI. In: GARCEZ, 1977, p. 145).

Destaque e reconhecimento significativos auferiu o grupo de danças Juventude Polonesa de Erechim -JUPEM. Fundado em 1968 a partir do incentivo do padre polonês Valentim Nowacki, aqui exercendo seu sacerdócio e julgando ser a dança um meio agregador. Auxiliado pela Irmã Wanda Szymła, ele mobilizou-se e foi,

[...] pessoalmente, de casa em casa de poloneses, convidando os jovens para que fosse formado um grupo de danças polacas. [...]. Os dançarinos, orientados pela Irmã Wanda, cantavam as músicas para poder dançar, pois não tinham discos de músicas polonesas. Nem roupas. O padre Valentim comprou o primeiro traje completo, para nove pares, de um, grupo desativado da cidade de Áurea. Pago-os em suaves prestações. (GARCEZ, 1977, p.157).

Os dançarinos são amadores e, atualmente, integrantes de diversas etnias compõem o grupo. Isso possibilita a troca cultural e uma maior imersão dos não poloneses na cultura polaca. O grupo é composto por um elenco adulto e um infantil. As apresentações foram e são muitas, não se limitando à região da Colônia Erechim, uma vez que apresentaram elementos de sua cultura por meio da dança no território brasileiro, latino-americano e europeu.

O número de pessoas envolvidas no grupo de danças é numeroso. Além dos integrantes da diretoria e dos dançarinos, o grupo conta com diretores artísticos adulto e mirim, com responsáveis pela indumentária, pela iluminação. Enfim, contam, como todo grupo artístico, com um elenco responsável pela concretização do espetáculo. Desde 1981, o grupo apresenta seu marcante Espetáculo da Primavera. E, não raramente, tem auxílio de coreógrafos/as vindos da Polônia auxiliar na coreografia da temática escolhida para a apresentação.



Fonte: KOKUSZKA, 2000, p. 384.

Significativo destaque apresenta a Festa Nacional da Czarnina realizada anualmente na Capital Polonesa dos Brasileiros, Áurea, e no Município vizinho, Carlos Gomes. Neste, a iguaria dominante é o Pierogi, um bolinho recheado de batata, ricota ou repolho, além é claro da sopa de sangue de pato, a Czarnina. Em Áurea, a comemoração anual é a Festa Nacional da Czarnina e, em Carlos Gomes, é A Polska Kolacja. Esses pratos típicos, além de serem festejados anualmente em eventos gastronômicos e culturais, são degustados no cotidiano das famílias.

A preservação e valorização da czarnina em Carlos Gomes pode ser explicada por diversos fatores. A sopa, carregada de simbolismo e história, representa uma conexão direta com os antepassados, funcionando como um elo entre gerações. No Brasil, o ato de cozinhar e consumir a czarnina é também uma expressão de identidade cultural, especialmente para as famílias que desejam preservar e transmitir suas tradições aos mais jovens. Além de seu valor simbólico, essa tradição foi incentivada pelo Cônego Padre Stanislaw Kostka Olejnih que, enfrentando as dificuldades do clima e das pestes que prejudicavam a criação de galinhas em Carlos Gomes e na região, sugeriu a criação de patos como alternativa. O caldo de pato era recomendado pelo padre como um remédio natural para melhorar a saúde, e o uso de sangue na preparação de czarnina foi amplamente adotado, reforçando a continuidade dessa tradição culinária entre os descendentes de poloneses. A menor urbanização e a forte presença de comunidades de imigrantes no interior do Brasil favorecem a continuidade das tradições que, em contextos mais globalizados e urbanizados como na Polônia, acabam por se perder ou cair em desuso. (KRZYSCZAK; ROCHA; GRITTI. 2024, p.107)

É importante salientar que a Instituição do Biênio da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul, instituído pelo Estado em 1974 e 1975, com o objetivo de destacar e reconhecer as contribuições dos imigrantes para a cultura, a economia e a sociedade brasileira contribuíram para uma maior visibilidade da cultura dos imigrantes. Dessa forma, no ano de 1974, diversos municípios que integram o território da Colônia Erechim com expressivo número de imigrantes e/ ou descendentes poloneses comemoraram a data, apresentando um diverso e intenso colorido multicultural.

Apresentamos, neste item, algumas manifestações culturais presentes nos grupos poloneses da região com o intuito de mostrar a riqueza cultural e étnica da Colônia Erechim caracterizada pelo multiculturalismo e aqui, particularmente do grupo étnico polonês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Colônia Erechim criada em 1908 pelo governo estadual teve um desenvolvimento econômico e populacional extremamente rápido. Assim, em 1918, ela emancipava-se do Município mãe, Passo Fundo, formando o Município de Erechim. O amplo território da Colônia foi gradativamente fracionado em Municípios, sendo que, na atualidade são 32, que de linhas e distritos conquistaram sua independência, tornando-se autônomos.

Desde a chegada dos grupos imigratórios na nova colônia e seu consequente assentamento nos lotes coloniais, caracterizou-se pela diversidade étnica e, consequentemente, cultural. A colônia Erechim foi criada pela necessidade de mais núcleos coloniais onde os imigrantes pudessem ser instalados, uma vez que os núcleos coloniais de Guarani e Ijuy haviam esgotado tal capacidade.

O engenheiro Carlos Torres Gonçalves, então diretor da Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas, Terras e Colonização, foi o responsável pelo cuidadoso planejamento da Colônia.

É preciso lembrar que os imigrantes aqui instalados passaram a conviver com os povos indígenas e os chamados caboclos ou nacionais que aqui residiam. A venda dos lotes aos imigrantes efetuada pelo Estado por meio da Comissão de Terras local, coordenada por Severiano de Souza e Almeida ou pelas Companhias Colonizadoras privadas provocou não raros conflitos com os aqui residentes de longa data. Entre os muitos e diversos grupos imigratórios aqui presentes, estão os poloneses.

É sobre esse grupo étnico que apresentamos, ainda que breve, algumas considerações sobre a vinda e o estabelecimento deles no território da Colônia Erechim. Apesar das dificuldades na definição numérica desse grupo no Brasil, podemos dizer que eles formam o terceiro maior grupo imigratório europeu do século XIX e XX aqui fixados. Pelos dados que apresentamos, é possível visualizar a significativa presença na Colônia Erechim, apesar de constarem nos relatórios agregados aos imigrantes russos. Isso, como mostramos, deve-se à Polônia ter sido partilhada pelos impérios vizinhos, entre eles, o Russo, sendo que ela conquistou a sua independência política somente em 1918 após a Primeira Guerra Mundial.

Na Colônia Erechim, eles construíram, e reconstruíram, suas vidas, contribuindo para o colorido étnico e cultural que a caracteriza. Como todos os grupos, construíram instituições e entidades educativas e culturais que os identificasse e consolidasse seu pertencimento, sendo que, por meio de suas festividades étnicas e culturais reafirmam o multiculturalismo aqui presente.

REFERÊNCIAS

GARDOLINSKI, Edmundo. Imigração Polonesa. In: BECKER, Klaus. (Org.). *Enciclopédia Rio-Grandense*. C39anos: Regional, 1958.

GARCEZ, Neusa C. *Colonização e Imigração em Erechim: a saga das famílias polonesas (1900-1950)*.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Subsídios para o problema da emigração polonesa no Brasil*. Curitiba, 1991. (Mimeo).

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

PEZAT, Paulo Ricardo. *Auguste Comte e os Fetichistas: estudos sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, O Partido Republicano Rio-Grandense e a Política Indigenista na República Velha*. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O Camponês Polonês no Brasil - raízes medievais da mentalidade emergente*. Curitiba: UFPr, 1974.

WENCZENOVICZ, THAIS J. *Montanhas que Furam as Nuvens: imigração polonesa em Áurea- RS (1910-1945)* Passo Fundo: UPF editora, 2002.

WEISS, João. *Colonos na Selva: emigrantes como agricultores*. Rio de Janeiro. S/Ed e S/D.

POLONESES NA COLÔNIA GUARANY – NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Paulo Tomaz Marmilicz¹

O valor humano do homem está no somatório da experiência das pessoas que o antecederam com a ação e aspiração das pessoas de hoje. Se as experiências anteriores foram esquecidas, perdemos esse valor humano. Se as pessoas de hoje não agem e não aspiram, o valor humano do homem está em declínio (Hamerski, 1997).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acerca da Colônia Guarany e dentro desta o Núcleo Comanday (centralidade polonesa) busca recontar uma pequena parte da história dos colonizadores (imigrantes ou emigrados) seus desafios e suas contribuições.

Foi realizado, para tanto, um levantamento bibliográfico (ainda que sucinto) para possibilitar ao leitor, primeiramente, uma noção geral acerca da Colônia Guarany e as diferentes etnias que nela aportaram entre os fins do século XIX e início do século XX. Posteriormente, explorou-se sobre os poloneses, os seus caminhos percorridos, as dificuldades encontradas e os fatores que contribuíram para “escolher” esta colônia como seu novo lar, sua nova terra.

Dando continuidade, trabalharam-se alguns aspectos relacionados à cultura, à religiosidade, à educação, à economia, bem como ao dia a dia vivenciado pelos descendentes de poloneses, suas festas, como eram e como acontecem nos dias atuais. O que se manteve e o que deixou de existir com o passar do tempo.

Para melhor compreensão do acima exposto, realizou-se uma pesquisa de campo junto a descendentes de poloneses, assim como a lideranças ligadas às instituições, como a Braspol e Sociedade Cultural Guaraniense, procurando trabalhar as questões levantadas. Além disso, reportou-se a obras já publicadas (livro, jornais, revistas) referentes ao processo de Imigração para o Brasil, poloneses em especial, e a Colônia Guarany em particular (dentro desta o Núcleo Comanday, futuro município de Guarani das Missões), sendo este, em sua grande maioria, formado por imigrantes poloneses.

¹ Historiador, professor da rede estadual de ensino no município de Ubiretama – Noroeste do RS. E-mail: paulomarmilicz@hotmail.com.

A COLÔNIA GUARANY COMO UMA “BABEL DE POVOS”

Em fins do século XIX, as autoridades federais voltaram suas atenções para as terras cobertas de florestas as margens do Rio Uruguai e seus afluentes, entre eles, o Rio Comandáí.

A Colônia Guarany foi implantada nas duas margens do Rio Comandáí, que separava os municípios de São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo. A Colônia estava localizada em dois municípios. As terras entre os rios Comandáí e Ijuí pertenciam a São Luiz Gonzaga, o restante da colônia estava no município de Santo Ângelo com uma área aproximada de 144 léguas quadradas. Foram instalados inicialmente dois núcleos. Um situado às margens do Rio Uruguai, o Núcleo Uruguai, chamados às vezes de Lucena, que hoje é a cidade de Porto Lucena; o segundo núcleo, Comandahy, constitui hoje a sede do município de Guarani das Missões. A distância entre os dois núcleos foi avaliada na época em 65 Km, em linha reta (Polanczyk, 2010, p. 50).

A Colonia Guarany compreendia as terras que formam hoje os municípios de Guarani das Missões e Porto Lucena. Algumas comunidades (linhas) dos municípios de Campinas das Missões, Sete de Setembro, Cândido Godói, Giruá e Santa Rosa.

Importante destacar que a Colônia Guarany teve seu começo em 1891. Importante não confundir com “Guarani das Missões”, visto que o sufixo “das Missões” só foi adicionado ao nome do Quinto Distrito de São Luiz Gonzaga, no ano de 1950.

No tocante, Antonio José Polanczyk, em sua obra “O Imigrante Polonês e a Colonia Guarany”, se reporta a ela como uma “babel de povos”, sendo que foi um projeto governamental de Colonização das Terras situadas às margens do Rio Comandáí, desde os campos de Santo Ângelo até as margens do Rio Uruguai, no Rio Grande do Sul. Foram recebidas e instaladas 21.144 pessoas que a povoaram de 1891 a 1920, a Colônia Guarany, com dois núcleos: Comanday, hoje sede do município de Guarani das Missões; e Uruguai, sede do município de Porto Lucena. Segue Polanczyk (2010, p. 83):

Somos descendentes de 29 etnias, assim distribuídos: 2.785 poloneses, 6078 russos-alemães; 1030 russo-poloneses; 1881 alemães; 1114 suecos; 2281 brasileiros; 1120 austríacos; 134 russos, 8 austríacos-poloneses; 285 holandeses; 2329 russos; 6 dinamarqueses; 126 polono-alemães; 4 norte-americanos; 16 espanhóis; 1 suíço; 533 italianos; 459 russo-polono-alemães; 2 portugueses; 4 ingleses; 247 finlandeses; 29 francês austroital; 373 não identificados, 13 austro-hungaros; 3 croatas; 1 búlgaro; 14 belgas; 27 argentinos; 3 romenos.

É fascinante ler nos relatórios da Delegacia de Terras da Colonização da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul os problemas

enfrentados pelo diretor da Colônia Guarany senhor Clarismundo dos Santos. As autoridades coloniais gaúchas não estavam preparadas para o enorme fluxo de imigrantes nas décadas de 1890-1900. Os primeiros poloneses que migraram para essa colônia não encontraram lotes demarcados, tiveram que esperar em barracões onde doenças ceifaram vidas e depois foram instalados em colônias alemãs ou nas sobras de terra da colônia italiana. Houve insatisfação e revoltas, muitos poloneses decepcionados e frustrados. A maioria dos imigrantes suecos, holandeses e russos abandonaram a Colônia Guarany, atravessaram o Rio Uruguai e foram se instalar na Argentina.

Para melhor compreensão, apresentam-se, a seguir, gráficos e mapas com o intuito de localizar a colônia Guarany, seus limites e suas comunidades participantes.

Quadro 1 - A Colônia Guarany estava assim constituída

MUNICÍPIO	LINHAS
Guarani das Missões	Todas as Linhas
Sete de Setembro	Boa Vista, Barreira, Estefânia, Europa, Do Campo, Chinita, Do Meio e Das Nove.
Ubiretama	Oito de Agosto, Quinze de Novembro, Vinte e Três de Julho, Dr. Pederneiras, Abrantes, Silva Jardim, Do Rio, Acre, Natal e Paranaguá.
Senadaor Salgado Filho	Das Flores, Federação, República, Giruá, Giruazinho e Oito de Agosto.
Campina das Missões	Pacca, Primeiro de Março, Secção F, Niquel, Butiá, Godói, Natal, União, Comandá e Ressaca.
Candido Godói	União, Secção C, Niquel, Butiá, Godói, Comandá, Boa Vista, União, Cascata, Doze, Natal, Paranaguá, Silva Jardim, Louros, Abrantes, Treze de Maio, Pederneiras, Secção A e Acre.
Porto Lucena	Todas as Linhas

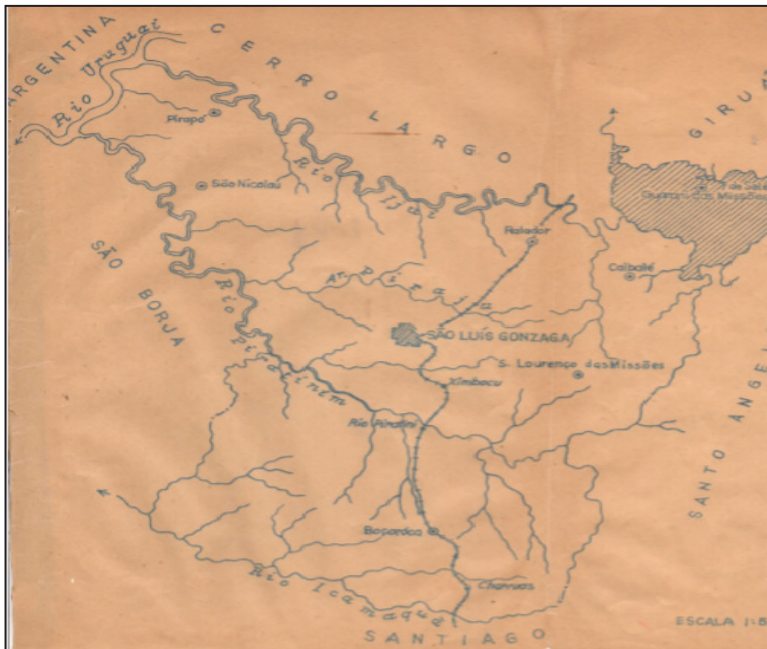
Fonte: Secretaria da Administração – Departamento Estadual de Estatística (IBGE– Rio Grande do Sul) (1959, p 03).

Foto 1 - Mapa da Colônia Guarany 1912 (não com este nome, pois o sufixo “das Missões” nunca foi utilizado na designação da Colônia, tendo sido adicionado em 1950 ao nome do quinto distrito de São Luiz Gonzaga)



Fonte: Secretaria das Obras Públicas – Directoria de Terras e Colonização (1959).

Foto 2 - Mapa com destaque para o município de Guarani das Missões, em 1959



Fonte: Secretaria da Administração – Departamento Estadual de Estatística.
IBGE – Rio Grande do Sul (1959).

NÚCLEO COMANDAY: A CENTRALIDADE POLONESA

Em conferência realizada por ocasião do Centenário da Linha Bom Jardim Centro, Wachowicz² (1998) assim se pronunciou. Este pronunciamento se refere à Imigração como um todo, mas que bem se encaixa na História do Núcleo Comanday e na colonização polonesa.

“Escrever sobre a Imigração polonesa é bastante difícil. Por que isso? Porque falar da imigração alemã, italiana, inglesa, isso é falar do núcleo central da Europa, e falar sobre a imigração polonesa é falar da periferia da Europa. A Polônia sempre foi a fronteira cultural da Europa Ocidental, era uma região de passagem, e como uma região de passagem o povo ora vai, ora vem.

Além disso, o auxílio econômico por parte dos governantes brasileiros foi diferente de uma época para outra, vejamos: enquanto os alemães tinham uma série de garantias entre elas o do tamanho do lote rural de 75 hectares, os italianos 50, para os poloneses o lote rural era de apenas 25 hectares, e, em alguns casos como no município de São Marcos apenas 12,5 hectares, além de que as melhores terras já haviam sido “distribuídas” anteriormente.

A Imigração Polonesa era interessante para o Brasil, para a ocupação de regiões devolutas, (as colônias) que produziriam alimentos para os centros em desenvolvimento e, também auxiliariam no “branqueamento” da população nacional. Para os poloneses, a Imigração está relacionada com a necessidade de terra, liberdade, trabalho, com a necessidade de que os poloneses tinham em poder construir uma nova pátria, em poder trabalhar, em poder ter em alguma região deste planeta um local onde a liberdade lhes fosse possível, liberdade de expressão, de credo; liberdade de poder conversar em sua língua mãe. Imaginem os senhores, uma Europa no final do século XIX, quando mensageiros e propagandistas ligados à imigração começaram a distribuir folhetos anunciando que, no Brasil, estava sendo construída uma “Nova Polônia” e que havia um local preparado, doado por Nossa Senhora, destinado aos poloneses. Nova Polônia — onde? Como? Por quê? Quando?

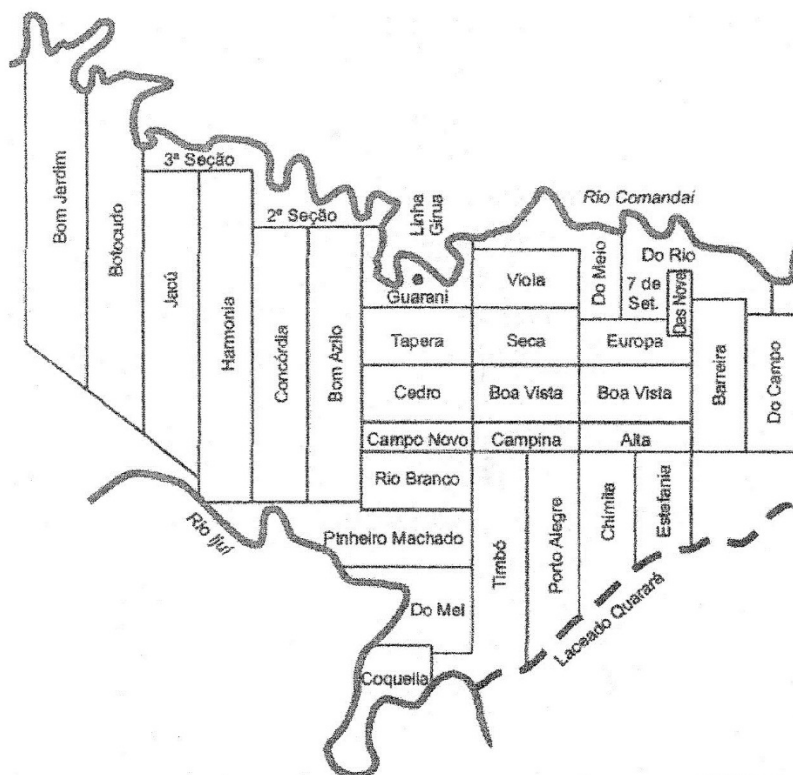
Quando os poloneses imaginam esta Nova Polônia, quando imaginam não possuindo uma morga de terra (0,56 ha.), e sim 40 morgas, o mais rapidamente possível se organizam (por mais que a imigração polonesa não era um exemplo de organização), vendem o pouco que tem, quando tem, e, indiferentemente se o passaporte era russo, austríaco ou polonês; embarcam nessa viajada da esperança, carregada de sonhos, carregada de “alegrias” e, evidentemente também de tristezas a partir do momento que se despediam de seus ente-queridos, e tinham

2 Membro da Academia Paranaense de Letras e Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Professor universitário, historiador da imigração polonesa no Brasil. Autor de obras como: “O camponês polonês no Brasil” (1981), co-autor do livro “Perfis polônicos no Brasil” (2000).

dentro deles com certeza, uma certeza, há de nunca mais se ver. A Imigração era um caminho só de ida. Muitas e muitas pessoas morreram nestas viagens, outras morreram ao chegar nos barracões, nas quarentenas, ou em picadas lamacentas até chegarem aos seus destinos” (Wachowicz, 1998).

Nestes caminhos somente de ida está o município de Guarani das Missões, sede do núcleo Comanday, o qual compreendia parte das terras da antiga “Colônia Guarany”, abrangendo uma área, em torno, de dois mil lotes rurais, localizados entre os rios Comandai e Ijuí Grande. Pertencia a chamada região missioneira. Os lotes eram retangulares, 250 por 1000 metros, retilíneos, sem levar em conta as curvas de nível, morros, banhados e córregos. Apenas se adaptavam aos contornos dos rios Comandai e Ijuí. Tais lotes eram chamados de colônias, e estas agrupadas em Linhas, sendo que poderiam ser compostas entre 60 a 120 colônias. Estas linhas receberam diversas designações: Linha Harmonia, Bom Jardim, Botocudos, Cedro, 15 de novembro, etc., denominações que permanecem até os dias atuais. O mapa, a seguir, é a demonstração esquemática da divisão das terras pertencentes ao núcleo Comanday.

Foto 3 - Mapa das linhas do núcleo Comanday



Fonte: Antonio José Polancyk (2010).

Seus primeiros colonizadores foram imigrantes suecos, poloneses, alemães, húngaros, e elementos nativos. Predominou, porém, a corrente migratória polonesa. A maior afluência de imigrantes poloneses ocorreu no decênio de 1890. Atraídos pelas férteis terras de Guarani das Missões, emigraram muitos diretamente da Polônia, outros, em grande parte, reemigraram das chamadas Colônias Velhas, Alfredo Chaves, Santa Tereza e São Marcos. Esse movimento ocorreu devido a várias razões. O polonês queria terra (foi uma das razões básicas para sua migração) e a conseguiu em pequena proporção nas comunidades de São Marcos, Santa Tereza, comunidades da serra, margeadas pelo Rio das Antas. Tais terras eram quebradas, de tamanhos ínfimos (12,5 ha). As famílias, por sua vez, cresciam e se multiplicavam (família numerosa era uma graça de Deus, além de grande fonte de mão de obra), logo a terra não era suficiente. Dessa forma, buscou o polonês novos horizontes, novos espaços territoriais. E, quando soube que estava sendo aberta uma nova frente de colonização em direção a região missioneira, não teve dúvidas, novamente reemigrou em busca de dias melhores, em busca de terra; terra boa, terra coberta de mato. “O cheiro do mato fazia bem ao espírito polonês” (Wachowicz, 1981, p. 50). Este novo horizonte era a possibilidade de melhorar sua vida e de seus descendentes, era terra para ele e para os filhos e netos.

Com a abertura de novas frentes de colonização por parte do Estado, a Colônia Guarany era a “esperança” da solução de seus anseios (acima citados) e o Núcleo Comandaí, futura sede do Município de Guarani das Missões, o espaço a ser ocupado e o foi, tanto que, nos dias de hoje, mais de 70% de seus moradores são descendentes de poloneses. Outro município com destaque em porcentagem é Sete de Setembro, o qual se desmembrou em parte de Guarani das Missões, no qual mais de 50% das famílias são descendentes de poloneses. Em relação à porcentagem de poloneses na Colônia Guarany, esta é de 13% (Polanczyk, 2010, p. 106).

O início não fora fácil. Em 1897, o Núcleo Comandaí, que se localizava em uma região conhecida como Campo Novo, entre os rios Comandaí e Ijuí Grande, contava com poucos estabelecimentos, entre eles, pode-se destacar os prédios estatais destinados aos alojamentos dos imigrantes, três casas particulares, um moinho hidráulico e uma bem sortida casa comercial. Tal atraso era devido, principalmente, à Revolução Federalista de 1893, acrescido à falta de transporte regional (Gardolinski apud Becklerc Silva, 1959, p. 3).

As terras já divididas somavam dois mil lotes, destes 300 eram ocupados e explorados, ao passo que a população dos dois núcleos, Uruguai e Comandaí, somava, aproximadamente, 1.200 habitantes, abrangendo não somente poloneses, mas também suecos, russos, alemães, austríacos, alemães, brasileiros

e outros (Becklerc Silva - Governo do Estado. Secretaria da Administração – Departamento Estadual de Estatística. IBGE – Rio Grande do Sul, 1959).

No período compreendido entre os anos 1894 a 1900, constata-se um aumento sensível no número de imigrantes poloneses (este período ficara conhecido como “febre brasileira”³), fazendo com que a colônia crescesse muito e que este grupo étnico predominasse em relação aos demais.

Em 1898 padre Cuber, que prestava assistência religiosa aos habitantes da Colônia Ijuí, recomendava no *Kalendarz Polski* “levando em conta condições tão vantajosas, a colônia Guarani deverá tornar-se o ponto de convergência para os imigrantes poloneses que estão espalhados entre outros grupos étnicos, porque lá, entre estranhos, estão expostos ao perigo, muito natural, de perderem as características de sua nacionalidade; no entanto aqui, unidos por condições tão favoráveis, poderão fundar um núcleo permanente típico, tendo comunicações fáceis com as demais colônias do Estado do Paraná. Para os poloneses espalhados entre estranhos seria de bom alvitre e conforme a oportunidade, a venda de suas propriedades e sua mudança para Guarani. Aconselho a todos os novos imigrantes que se encaminhem para Guarani, que está fadada a ser no futuro um centro exclusivamente polonês. (*Kalendarz Polski*, 1898, p. 10).

Em 1899, o Núcleo Comandaí, desde o ano anterior denominado Santa Teresa de Guarani, passou a categoria de Quinto Distrito de São Luiz Gonzaga. Foi ainda denominado “Colônia Guarani”, “Guaramano” (1944) e, finalmente, “Guarani das Missões” (1950), por situar-se na região missioneira.

Sobre o elemento polonês formador de Guarani das Missões, Gardolinski (1976, p. 54) assim se expressa:

... sadio física e moralmente, o material humano polonês era fadado a prosperar rapidamente na área econômica, religiosa e social. Foi o que aconteceu. A maioria dedicou-se a agricultura. Houve, porém, regular número de poloneses industrialistas, comerciantes e professores, como comprova a estatística do ano de 1925. Havia, então, em Guarani das Missões: 25 indústrias leves, 5 moinhos hidráulicos, um moinho a vapor, 4 serrarias, um engenho de arroz, 5 ferrarias, uma fábrica de carroças, uma fábrica de refrigerantes, um curtume, 2 descascadores de cereais, uma olaria, 20 casas comerciais (das quais 3 atacadistas), uma cooperativa, um cine-teatro, uma escola de nível secundário, 20 escolas particulares de grau primário, uma paróquia bem organizada. Esses empreendimentos concorreram para melhorar o padrão de vida em toda essa região colonial.

Passados os anos iniciais e suas dificuldades, as melhorias passaram a acontecer, como se pode perceber na pronúncia, em 1927, do Ministro Plenipotenciário da Polônia no Brasil, Sr. Stanislaw Grabowski, o qual em visita às Colônias do estado assim se pronunciou em relação à colônia Guarany:

3 Período compreendido entre os anos de 1890 e 1914, quando cerca de 96.000 poloneses desembarcaram no Brasil, sendo que o Paraná recebeu aproximadamente 35.000 indivíduos e o Rio Grande do Sul recebeu 32.000 imigrantes (Wachowicz, 1974).

Achei-a a mais adiantada das Colônias que visitamos neste Estado, sob todos os pontos de vista. Quanto a situação econômica não estranho o bem estar e o progresso dos colonos. As terras são fertilíssimas, as estradas de rodagem excelentes, com intenso movimento, as comunicações rápidas, os pontos principais da colônia se acham ligadas por linhas telefônicas e sua sede principal Comandaí, com estação telegráfica, que muito favorece o comércio e a indústria e cujo maior desenvolvimento se poderia ainda trazer com uma ligação ferroviária a essa Colônia.

Encontrei a riqueza particular nas minhas diversas excursões às linhas, em franco desenvolvimento, e que mais me convence do próspero e venturosos futuro que a espera merecendo bem dos poderes competentes a emancipação da Colônia (Jornal Diário de Notícias, 1928, p. 4).

Entre o pronunciamento supracitado e a emancipação passaram-se 30 anos. Quais motivos se podem elencar para essa demora? Por que, diferentemente, de outras colônias, as quais surgiram mais tarde (o caso de Santa Rosa, emancipada de Santo Ângelo, em 1931), parece que a falta de lideranças políticas (até os dias de hoje poucas são as lideranças de descendentes de poloneses em esfera estadual e/ou federal), os interesses particulares, as dificuldades na escoamento da produção local, a concorrência de outras colônias, os interesses políticos e econômicos de Santo Ângelo e São Luiz Gonzaga (com a emancipação perderiam eleitores, impostos e áreas de terra, etc.), limitaram o crescimento da colônia e protelaram sua emancipação para o ano de 1958, quando do movimento emancipacionista, e realização do Censo Demográfico e Plebiscito.

O novo município de Guarani das Missões constitui-se de desmembramentos feitos em áreas municipais de São Luiz Gonzaga, as quais representavam o quinto distrito; Santo Ângelo ocupou o distrito de Sete de Setembro e Giruá ocupou parte de Esquina Ipiranga. A área assim constituída atingia, mais ou menos, 531 km², com uma população de 12 mil habitantes (Becklerg Silva, 1959).

PROCESSOS DE RECONSTRUÇÃO DA POLONIDADE: A ESFERA RELIGIOSA

No aspecto da religiosidade, o polonês, católico desde 966 (data da fundação da Polônia), sempre demonstrou convicção e fé, tendo um carinho em especial a Nossa Senhora de Czestochowa. Esta fé levou-o a construir igrejas, para orar, agradecer e pedir, pois tinha presente que as dificuldades daqui, mesmo grandes, eram menores daquelas que havia vivenciado na Europa. E o caminho da imigração, para estes e tantos imigrantes era um caminho sem volta, só de ida (da Polônia para o Brasil).

Nesse sentido, pode-se destacar que os imigrantes, assim como hoje seus descendentes, mantêm vivos eventos como a Procissão de *Corpus Christi*, com a ornamentação das ruas, feita pela comunidade em agradecimento e louvor ao

Deus Eucarístico. Também, anualmente, ocorre a Romaria em honra a Nossa Senhora de Czestochowa, a qual é realizada através de uma caminhada da cidade de Guarani das Missões até a comunidade da Linha Bom Jardim Centro, onde se encontra o Santuário em sua homenagem, o qual teve sua construção iniciada em 16 de agosto de 1995 e sua inauguração em 1999. Importante destacar que, a partir de 26 de setembro de 2008, este passou a ser reconhecido como Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico do Rio Grande do Sul, através da Lei Estadual nº 13.0238, de autoria do Deputado Estadual Cassiá Carpes, no mandato da governadora Yeda Crusius.

O Santuário é resultado de diversas reuniões, acordos e desacordos, diante das dificuldades econômicas para a sua edificação.

Em sua obra *Linha Bom Jardim Cem anos de Colonização 1898 – (1998)*, Paulo Tomaz Marmilicz relata os acontecimentos que antecederam a construção do Santuário, as dúvidas, as divergências, assim como as interrogações:

Os anos rolaram, e em 1984, em reunião realizada na comunidade decidiram os sócios construir uma nova capela; capela esta que foi inaugurada em grande momento festivo e de fé no dia 26 de novembro de 1989. Com a inauguração da capela nova, a velha, marco da colonização polonesa na comunidade e região, torna-se “desnecessária”; afinal porque manter duas capelas, uma ao lado da outra? Discussões, opiniões, reuniões e desentendimentos. Foram meses de difícil convivência. Parte da comunidade favorável ao desmanche, outra pela preservação. Mas fazer o que? Preservar como? Com que finalidade? Algo era certo. Os dias da antiga capela estavam contados. E, em 23 de julho de 1991 a parte frontal da capela foi derrubada, ato que causou grande polêmica e descontentamento de muitas pessoas. Foi necessária a intervenção do pároco, e participação de lideranças para que a situação fosse contornada. Em reunião conturbada realizada na comunidade no ano de 1994 ficou decidido que a parte restante (o que equivale à Sacristia) seria preservada, dando origem ao Santuário em honra à Nossa Senhora de Czestochowa (Nossa Senhora de Monte Claro), e que anualmente no último domingo de agosto realizar-se-ia uma Romaria em honra a esta Santa venerada na Polónia⁴. Romaria esta idealizada pelo Monsenhor Pedro Protásio

4 Há que se ter presente que, em 1994, a Romaria já estava em sua III edição, mas, até então como evento local (a Primeira Romaria foi realizada em 1992). A construção do Santuário teve início somente em 1995, sendo que os fundos para tal obra vieram, primeiramente, de doações anônimas, bem como de filhos desta terra que ora residem em outros locais. A comunidade auxiliou no projeto com mão de obra, assim como na organização de eventos com a finalidade de angariar fundos para construção, entre estes se destacam: Encontro da Cultura Polonesa, rifas, bailes, festas comunitárias e a própria Romaria. Hoje, a Romaria é um evento municipal. Para ilustrar, cita-se o artigo do Jornal Folha da Produção, que assim se reporta sobre o evento: «IV Romaria em honra a Nossa Senhora de Czestochowa. E assim eles vieram: católicos praticantes, organizaram-se em torno da «Wiara», e «Kóscio», devotos de Maria, trouxeram em sua bagagem a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa e prestam culto a ela até os dias atuais» (Jornal Folha da Produção, 1995).

Wastowski e pela Irmã Fabíola Rusczyk⁵ (o trajeto percorrido nesta Romaria compreende 15 km, que é a distância aproximada da cidade de Guarani das Missões até a comunidade).

Após muitas reuniões, idas e vindas, a decisão final acerca da construção ou não do Santuário ocorreu em reunião realizada em 1994, como consta em ata. Ata n° 16, conforme descrito no Anexo – A.

A entronização do Quadro em Honra a Nossa Senhora de Czestochowa, benção do Santuário ocorreu durante a 8ª Romaria no dia 29 de agosto de 1999 com a Presença do Bispo Diocesano D. Estanislau Kreutz, diversos sacerdotes, autoridades, romeiros, comunidade em geral. Foi um momento de grande espiritualidade, agradecimento e fé. Os esforços foram válidos, as dificuldades e arestas aparadas, o sentimento era de agradecimento e oração⁶.

O HORIZONTE CULTURAL

Em grande parte das comunidades polonesas, em seus primórdios, antes da ideia absurda da Nacionalização de Vargas, que fez com que as escolas comunitárias, de descendentes poloneses fossem fechadas, freando assim um movimento de construção cultural por mais de trinta anos, porque o Estado

5 Foi a Irmã Fabíola Rusczyk (juntamente com o Monsenhor Pedro Protasio Wastowski) que idealizaram a Romaria em honra a Nossa Senhora de Czestochowa, em Bom Jardim. O quadro em honra a esta santa foi doado pela irmã à comunidade, sendo que este foi recebido em ocasião de sua visita à Polônia, sendo entronizado e bento no dia 19 de maio de 1991, conforme ata: “Aos 19 dias do mês de maio de 1991, nas dependências da Capela Nossa Senhora Auxiliadora de Bom Jardim, tendo seu início as 9.30 horas com a presença do Monsenhor Pedro Protásio Wastowski, irmãs Consolata Odorczyk, Fabíola Rusczyk, Juvita Ostrowski, diretoria da comunidade, professores, dirigentes de culto e comunidade em geral, houve um ato solene, de doação da Imagem de Nossa Senhora de Czestochowa” (Livro de atas, 1994, n° 57).

6 Guarani das Missões – A 8ª Romaria a Nossa Senhora de Czestochowa culminou com a entronização do ícone da Czarna Madona no recém-concluído santuário de Bom Jardim. Autoridades das mais variadas, entre as quais Dom Estanislau Kreutz, bispo diocesano, Jacek Jaroszeewicz, vice-cônsul geral da Polônia, Jerônimo Jaskulski, prefeito municipal, representantes de comunidades brasileiro-polonesas, uma com mais e outras com menos pessoas, das Braspóis de Cândido Godói, de Guarani das Missões, de Casca, de Santo Antônio do Palma, de Vista Alegre do Prata, de Bento Gonçalves e de Carlos Barbosa. Demonstração de apego a Nossa Senhora de Czestochowa foi a procissão de ícones da Czarna Madonna, trazida pelos romeiros de suas casas e comunidades, com expressiva fé e devoção. Conhecendo a história das iniciativas, empenho do presidente da comunidade da Linha Bom Jardim, dos sócios e de tantas outras pessoas do município e também de fora dele, entre os quais Gentil e Rui Miguel Hamerski, principalmente este que foi o mentor arquitetônico, e aquele, construtor principal; foram batalhadores abnegados na concretização dessa obra em prol da plena cultura e fé dos poloneses. O Kurierek arrisca em afirmar que esse belo Santuário é um presente que os bonjardinenses dão ao povo polonês do RS e do Brasil. Por ali, com muita probabilidade, passarão pessoas, em caráter de recolhimento, reflexão e súplica e de turismo” (Kurierek. Boletim n° 23 – Representação central da comunidade brasileiro-polonesa no Brasil – Rio Grande do Sul. Agosto de 99).

tornar-se-ia a responsável pela educação. Esta responsabilidade, porém, por parte do Estado, até hoje em muitas comunidades em muitos rincões ainda está aquém das verdadeiras necessidades.

Admite-se que o nível cultural do imigrante polonês era baixo, no entanto, organizaram aqui, desde sua chegada, as primeiras escolas, bem como escolas superiores de formação para seus descendentes, das quais muito veio a aproveitar o próprio elemento nativo da região, onde constatamos que nossos compatriotas, brasileiros, principalmente peões e empregados, conheciam, além do português, o polonês.

Neste sentido os imigrantes desde o princípio preocuparam-se com o ensino. Para tanto desenvolviam as aulas em suas próprias casas, sendo estas ministradas pelos imigrantes “mais capacitados” em língua polonesa. Com o passar do tempo e na medida em que iam surgindo professores capazes de lecionar em português, introduziram o ensino bilíngue: português e polonês. O ensino era em tempo integral: um período em português e o outro em polonês⁷.

Admirável foi o empenho dos pioneiros poloneses em criar escolas para alfabetizar seus filhos, numa época em que, no interior do Estado, não havia escolas oficiais. Cumpre observar que tudo dependia da iniciativa particular, no tocante ao desenvolvimento da construção das escolas, escolha de professores⁸ e manutenção dos colégios, organização de aulas, provimento de professores e o envio de crianças em idade escolar aos estabelecimentos de ensino para aprender não somente o idioma de seus pais, mas também para prepará-los como bons cidadãos brasileiros, sendo que o Brasil tornou-se para eles a segunda mãe-pátria e pátria de seus descendentes.

Abandonados, em cada região, à sua própria sorte, desprovidos, dentre outras coisas do ensino público, trataram de organizar uma rede escolar própria, visando a dar o mínimo indispensável de instrução aos filhos. Davam sequência aos trabalhos naturalmente, como sabiam e de acordo

7 As aulas em polonês eram oferecidas a todos os moradores da localidade. Tal fato fez com que muitos não poloneses soubessem falar fluentemente este idioma. A participação nessas aulas não era obrigatória, mas como viver em uma comunidade em que o polonês era a língua predominante, para não dizer única? Logo, a necessidade fazia com que todos participassem e aprendessem o polonês (Hamerski, Helena. 88 anos em fevereiro de 1998).

8 “...relativamente aos índices de escolaridade e de alfabetização da zona colonial polonesa, podemos afirmar com satisfação, que é um dos mais elevados do sul do país e que dificilmente se encontraria uma criança em idade escolar sem que soubesse ler e escrever em português. A contribuição dos poloneses, à causa do ensino particular, foi verdadeiramente extraordinária. Em torno do ano de 1930 os poloneses mantinham 93 escolas particulares, onde lecionavam 83 professores. O número de alunos atingia 3.300, o que sem dúvida demonstra o alto interesse da colônia polonesa pela cultura de seus filhos. Não devemos esquecer que existem entre as mencionadas três colégios: Guarani das Missões, Dom Feliciano e Porto Alegre”. (Colégios estes para formação superior- Ex. para formação de professores) (Gardolinski, 1961, p. 167).

com os seus poucos recursos econômicos. Levantavam paulatinamente as suas modestas escolinhas e, em seguida, os próprios colonos escolhiam aqueles que fossem mais esclarecidos a fim de iniciar o ensino das primeiras letras, justamente numa época em que não se podia sonhar com professores diplomados. Esse movimento espontâneo foi tão grande e expansivo que, em breve, praticamente todas as “linhas” ou colônias podiam orgulhar-se de algo parecido com escolas e professores. E, no entanto, em muitas localidades o nível educacional dessas aulas era perfeitamente satisfatório” (Gardolinski, 1976, p. 37).

Diversos foram os professores que desempenharam funções educacionais em Guarani das Missões, desde os mais renomados até agricultores mais instruídos. Aqui, se destaca o professor Franciszek Hanas, visto que, como consta no livro de Gardolinski (1961, p. 40) - Escolas de Colonização polonesa no Rio Grande do Sul,

“foi ele em colaboração com um respeitável grupo de destacadas figuras da coletividade polonesa, considerando a necessidade da fundação de um colégio, com ao propósito de proporcionar mais aprimoradas às moças, empreendem um movimento em torno dessa ideia”.

Considerou Hanas (1920) ter chegado o momento de se fundar um colégio de religiosas, destinado a instrução e educação de moças, futuras mães e esposas, sobre as quais repousariam grandes responsabilidades de donas de casa. Precisavam aprender corte e costura, economia doméstica, noções de puericultura, além de práticas gerais que dotassem de condições para cumprir sua missão no lar e na sociedade. A concretização deste sonho realizou-se com a Vinda da Congregação da Sagrada Família, no dia 1 de setembro de 1921, quando foi fundado o Educandário que tomou o nome de “São José”. “A vinda das religiosas e a consequente instalação de um prédio próprio, doado à respectiva Congregação, devem-se à iniciativa dos moradores de Guarani das Missões que, assim procedendo, realizaram notável obra em favor do progresso da Região Missioneira” (Gardolinski, 1961, p. 40).

Mais tarde, em 1942, as Irmãs da Sagrada Família também assumiram a educação na Linha Bom Jardim, com o curso primário, e de acordo com a portaria nº 1527 de 31 de outubro de 1975, Diário Oficial de 5 de fevereiro de 1975, a escola poderia oferecer o Primeiro Grau Completo. Sendo mantenedora a Associação Família de Maria, surgia a Escola de 1º Grau Nossa Senhora Auxiliadora da Linha Bom Jardim, a primeira e única Escola Particular no interior do Município de Guarani das Missões.

ENCONTRO DA CULTURA POLONESA - SEMINÁRIO REGIONAL DA CULTURA

O Encontro teve seu início no ano de 1995, realizado anualmente (até 2018), na Comunidade da Linha Bom Jardim Centro, tendo como objetivo inicial congregar poloneses e seus descendentes, procurando, minimamente, contar a história dos antepassados, dificuldades, alegrias, realizações. Ademais, referido seminário objetivou conhecer a história da imigração polonesa para o Brasil, visto que, em sua grande maioria, a população da comunidade, bem como do município de Guarani das Missões (70%), é constituída por descendentes de imigrantes poloneses, os quais poucos são conhecedores da sua história.

Com o passar dos anos, em especial, a partir de 1998, com o 1º Seminário Regional da Cultura, os temas trabalhados foram os mais diversos, procurando ir ao encontro dos anseios e das necessidades da comunidade regional, em especial à ligada a Educação Escolar. Assim, os conferencistas abordaram temas dos mais diversos, desde a ocupação primeira do Rio Grande do Sul pelas comunidades indígenas, a contribuição da cultura afro e das etnias que mais tarde colonizaram a região, de forma especial, poloneses, italianos, alemães, portugueses, etc⁹.

Na religiosidade, ponto marcante, visto que os descendentes de poloneses em sua maioria são católicos e devotos de Nossa Senhora de Czestochowa é a Celebração da Santa Missa. Momento de agradecer as graças recebidas, de lembrar os antepassados e agradecer seus esforços, suas contribuições para que no presente pudessem ter dias melhores, sabedores que as dificuldades podem ser outras, porém cada ser humano, em seu tempo, as têm, sendo que nos dias atuais não é diferente.

9 Foram mais de 40 conferências nos últimos anos, acerca dos mais diversos temas. Aqui, registra-s alguns dos conferencistas que falaram acerca da Imigração polonesa e suas relações atuais. 1ª - "Um povo sem história é um povo sem raízes". André Hamerski. Guarani das Missões, atualmente Nova Prata; 2ª - "Linha Bom Jardim – aspectos de sua História". Elita Rusczyk – Guarani das Missões, atualmente Cerro Largo; 3ª - "O Imigrante polonês e sua trajetória (das antigas Colônias até Bom Jardim/RS)". Arlise Zdrojewski – Caxias do Sul/RS; 4ª - "A Imigração Polonesa no Brasil". Dr. Professor Ruy Cristovam Wachowicz (Universidade Federal do Paraná. Membro da academia Paranaense de Letras); 5ª - "Crônicas dos imigrantes poloneses: pequeno relato dos sabores e dissabores em solo brasileiro". Dr. Wilson Carlos Rodycz – Porto Alegre; 6ª - As marcas de ontem e as relações de hoje – Brasil – Polônia". Professora Natália klidzio e Universitárias da Polônia; 7ª - Brasil-Polônia: intercâmbio cultural. Professor e Vice-Presidente BRASPOL RS – André Hamerski – Nova Prata-RS; 8ª- A Imigração e seu resgate". Vanda Krepinski Groch – MD. Côsul honorária para as Missões e Alto Uruguai); Professor Geraldo Górski; Professora Ms. Thaís Janaina Wenczenovicz e Professora Ms. Isabel Rosa Gritti. (Professores de Erechim).

GRUPOS FOLCLÓRICOS DE ONTEM E DE HOJE

Aspecto importante em relação ao folclore é que comunidades do meio rural do município, por muito tempo, também tiveram seus tempos de glória. É o caso de Bom Jardim Centro, na qual por anos, durante a década de 60, coordenados pela Irmã Aládia Barcki, tendo na gaita o Senhor Artur Slodkowski e no violino Daniel Kurowski, mantinha de 8 a 12 pares dançando e realizando apresentações folclóricas. Algumas das coreografias foram apresentadas por coreógrafo vindo diretamente da Polônia. Este grupo se desfez nos anos setenta.

CONJUNTO FOLCLÓRICO POLONÊS

Foi fundado em 08 de janeiro de 1969, pelo Pe. Zenon Gonsiorowski. Esse Conjunto Folclórico Polonês de Guarani das Missões alcançou notoriedade graças devido a memoráveis apresentações em que extravasavam arte e beleza.

Foi composto por cerca de 25 jovens da comunidade de Guarani das Missões. Inclusive, um de seus integrantes, Antonio Polanczyk, esteve na Polônia em viagem de estudos sobre o folclore daquele país, em razão do qual existe este grupo.

Posteriormente, em 18 dias de abril de 1979, foi criada a Sociedade Cultural Guaraniense. Esta objetivou manter o Grupo Folclórico Polonês Águia Branca¹⁰, o qual era composto, na época, por 15 casais, tendo como presidente Cilon Karkow. Através do apoio da Prefeitura Municipal, o Águia Branca conseguiu, por meio do Consulado da Polônia, os atuais trajés enviados daquele país.

Esse grupo teve seu auge de 1982 a 1984, quando dançavam mais de 60 pares de dançarinos, tendo visitado e realizado apresentações em muitos municípios do Rio Grande do Sul e estados vizinhos (Revista Comunicação 10, 2014).

Na atualidade, a Sociedade (hoje Associação) Cultural Guaraniense é presidida por Clovis Luiz Przyczynski e conta com mais de 50 dançarinos, sendo as apresentações realizadas nos mais diversos municípios da região e além-fronteiras, com alegria, elasticidade, e magia dessa arte milenar, a dança.

¹⁰ O significado da águia é frequentemente associado à coragem e força. É chamada de “rainha dos céus” ou de “rainha das aves” pela sua soberania, beleza e imponência. Na mitologia grega, a águia é o símbolo de Zeus, o mais poderoso dos deuses. Na cultura celta é símbolo do renascimento e renovação. Para os antigos egípcios, era o símbolo da vida eterna. A águia simboliza nobreza, majestade, liberdade, agilidade e outras virtudes. Uma pessoa com talento, perspicácia, inteligência e com excelente visão de negócios é chamada de águia. A “visão da águia” é uma expressão usada em estratégias empresariais para definir quem consegue atingir o topo: pessoas com habilidades de ver além do óbvio e com atitudes firmes para agirem diante de qualquer obstáculo (Revista Comunicação 10, 2014).

BRASPOL - GUARANI DAS MISSÕES

A Braspol é a maior organização polonesa da América do Sul, desempenhando, desde 1990, um papel fundamental na preservação da herança cultural dos descendentes de emigrantes poloneses. Unindo milhares de pessoas que carregam a Polônia em seus corações há gerações, trata-se de uma entidade que se dedica a proteger e promover a rica tradição linguística e cultural herdada de seus antepassados.

Em Guarani das Missões, a “Capital Polonesa dos Gaúchos”, a Braspol se destaca por manter viva essa conexão com a terra dos ancestrais, seja através de suas famílias ou da comunidade local. O idioma, a história, as tradições e os costumes poloneses são celebrados e praticados pelos membros, que se registram como poloneses de sangue ou de coração.

Em 2017, o núcleo da Braspol de Guarani das Missões deu um passo importante na valorização cultural ao fundar o grupo de dança Polski Ogień (Fogo Polonês). O projeto nasceu do desejo de fortalecer ainda mais o vínculo com a cultura polonesa. A inspiração veio diretamente das aulas de língua polonesa oferecidas pela entidade, que despertou nos jovens e crianças um interesse crescente em explorar as danças típicas do folclore polonês.

As atividades do grupo incluem uma montagem de coreografias que contam com dançarinos de todas as idades, coordenadas pelo talentoso coreógrafo Dr. Professor Samuel Araújo. Com formação especializada, incluindo um curso de folclore realizado na Polônia, o professor traz um toque de inovação e expertise ao trabalho desenvolvido. Esse curso foi viabilizado por meio de uma parceria entre a Braspol e o governo polonês, reforçando a cooperação internacional e o intercâmbio cultural entre os dois países.

As danças apresentadas pelo grupo Polski Ogień representam diversas regiões da Polônia, com passos, ritmos e vestimentas específicas de cada localidade. As coreografias encantam por seu colorido vibrante e ritmos alegres, que emocionam o público e demonstram uma riqueza cultural polonesa. Por meio dessas apresentações, o grupo não apenas mantém viva a tradição folclórica, mas também reforça os laços entre as comunidades brasileiras e polonesas, deixando um legado de orgulho e identidade para as futuras gerações.

Foto 4 - O folclore e sua magia. Apresentação do grupo folclórico “Polski Ogien” (Polfest – 2023)



Fonte: Mara Elília Zanatta (2023).

A POLFEST E SEUS RITUAIS

Como momento maior dessa polonidade, seus descendentes organizaram a Polfest. Assim se expressa o Professor Lauro Luiz Marmilicz¹¹ (2014): “Polfest, festa tipicamente polonesa, marca a cultura e a tradição dos poloneses em Guarani das Missões. Guarani das Missões, colonizado em 1891, sempre teve a influência e a valorização, bem como o cultivo das tradições, com raízes da terra mãe, Polônia.

A seu modo, familiarmente e em comunidade, muitos dos aprendizados, dos costumes e das tradições eram repassados de pai para filho, netos, bisnetos e tataranetos.

Todavia, com o passar dos anos, até por influência da aculturação com outras descendências e várias miscigenações muitas das tradições deixaram de ser cultivadas.

Foi, então, que um grupo de lideranças, em 1995, logo após a realização da 2ª FACIR, Antônio Gonsiorkiewicz, Prefeito da época, Prof. Lauro Luiz Marmilicz, Secretário Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Turismo e Pe. Ivan Macieski, juntamente com outras lideranças decidiram que seria organizada a realização da 1ª edição da Polfest, na Capital Polonesa dos Gaúchos, no mês maio de 1996.

¹¹ Entrevista concedida em 2020.

Juntamente com a realização da 1ª Polfest, sempre organizada pela Sociedade Cultural Guaraniense, mantenedora do Grupo Folclórico Polonês Água Branca, várias outras ações de resgate foram introduzidas, uma delas foi a introdução da língua polonesa junto às escolas municipais, bem como a realização de cursos de polonês na Casa da Cultura Helena Carolina”.

Foto 5 - Panfleto de divulgação da realização da 1ª edição da Polfest, em Guarani das Missões, no ano de 1996

1ª Polfest

Realizada de 24 a 27 de maio de 1996

Guarani das Missões.
Vive em 1996 um ano que fica marcado na história do município. Realiza a 1ª POLFEST, onde busca resgatar a cultura e a tradição dos imigrantes poloneses, aqui chegados em 1891. Com shows folclóricos, apresentações artísticas, comida e bebida típica, bailes e muita diversão.



Comissão Central
Presidente: Lauro Luiz Marmilicz
1º Vice-Presidente: Pe. Ivam Macieski
2º Vice-Presidente: Paulo Lysyk
Tesoureiro: Telmo Rohenkohl

Soberanas
Rainha: Arléa Rudek (*in memoriam*)
1ª Princesa: Raquel Ivanowski
2ª Princesa: Verônica Ciupka



Fonte: Revista Comunicação 10 (2011).

A Polfest destaca aspectos da cultura polonesa, entre eles a religiosidade, a gastronomia¹², a dança, o artesanato, as produções literárias, etc. O artesanato polonês em Guarani das Missões é evidenciado na Associação de Artesãos. Conta, atualmente, com 18 integrantes; entre eles a Professora Ellen Kolankiewicz (2017), segundo a qual “o artesanato polonês configura-se por várias modalidades. Entre as artes mais populares encontram-se os entalhes em madeira, a pintura, os recortes em papel (wicinanky), bordados, as pëssanky, as bonecas polonesas, entre outros. O mais tradicional, os recortes em papel (wicinanki), que eram verdadeiras obras de arte, confeccionadas em diferentes cores. Eles serviram principalmente para decorar as casas em áreas rurais na Polônia. Esses recortes em papel (wicinanki), eram utilizados para decoração de casas na Polônia.

¹² As comidas originárias da Polônia são uma atração a parte do evento Polfest. Os pratos poloneses normalmente têm repolho, batatas e ovos, os quais geralmente são servidos cozidos. Na Polfest encontram-se: Pierogi, Kotlet schabowy, Sopa de Chucrute (Kapusniak), Barszcz czerwony, bigos, kielbasa, paczki, entre outros.

O “wicinanki” é uma tradição que perdura até hoje em Guarani das Missões, sendo muito utilizada no período da Polfest, a nossa festa Típica Polonesa, para enfeitar as casas e o comércio de nossa cidade” (Revista Comunicação 10, 2017).

AULAS DE LÍNGUA POLONESA DA BRASPOL

Há mais de 10 anos, a Braspol tem se dedicado à realização de aulas de língua polonesa em Guarani das Missões, uma iniciativa que vai muito além do aprendizado linguístico. Essas aulas representam um verdadeiro elo entre as gerações e a rica herança cultural deixada pelos nossos antepassados poloneses.

A aprendizagem do idioma polonês não apenas fortalece a identidade cultural dos alunos, mas também abre portas para oportunidades únicas. Graças a essa iniciativa, várias crianças e jovens tiveram a oportunidade de viajar para a Polônia, conectando-se diretamente com as suas raízes. Essas viagens não apenas reforçam o aprendizado do idioma, mas também permitem vivenciar a cultura, os costumes e a história polonesa em sua essência, criando memórias inesquecíveis e laços profundos com a terra dos seus ancestrais.

O impacto cultural dessa ação é imensurável. Cada aluno que passa pelas aulas carrega consigo um pedaço da história de sua família e da comunidade, tornando-se um embaixador da cultura polonesa aonde quer que vá. Além disso, as aulas servem como uma ponte entre o passado e o futuro, garantindo que a língua e as tradições polonesas permaneçam vivas na região.

Foto 6 - Panorâmica das aulas de Língua Polonesa na Casa da Cultura Helena Carolina – Guarani das Missões/RS



Fonte: Mara Elília Zanatta (2023).

CELEBRAÇÕES PATRIÓTICAS POLONESAS EM GUARANI DAS MISSÕES

Nos dias 2 e 3 de maio, são comemorados o Dia de Todos os Polônios no Mundo e o Dia da Bandeira Polonesa, datas que celebram a identidade, a história e a unidade do povo polonês ao redor do globo. Em Guarani das Missões, essas datas ganham um toque especial graças às ações da Braspol, que transforma a cidade em um verdadeiro cenário de cores e significado.

O comércio local participa ativamente da celebração, decorando suas fachadas com bandeiras polonesas, enchendo as ruas de um lindo colorido branco e vermelho. Esse gesto não apenas embeleza a cidade, mas também simboliza o respeito e a valorização da herança cultural polonesa por toda a comunidade. Os moradores e visitantes se sentem envolvidos por esse clima de celebração e pertencimento, que fortalece os laços culturais e históricos com a Polônia.

Além disso, em comemoração à Independência da Polônia, celebrada em 11 de novembro, a Braspol promove a Corrida da Independência¹³. Esse evento, que ocorre há quatro anos, tornou-se uma tradição aguardada na região, reunindo participantes de diversas idades e comunidades. Mais do que uma competição esportiva, a corrida é uma forma simbólica de celebrar a liberdade e a resiliência do povo polonês, valores que ecoam na história e na identidade daqueles que carregam a Polônia no coração.

Por meio de bandeiras que enfeitam o cenário urbano, corridas que unem esporte e história, e momentos de reflexão sobre o orgulho de ser polonês, Guarani das Missões reafirma seu papel como guardião da cultura polonesa no Brasil (Zanata, 2024).

O ŚMIGUS-DYNGUS

Śmigus-Dyngus, também conhecido como a Segunda-feira Molhada (Lany Poniedziałek), é uma tradição polonesa celebrada na segunda-feira após a Páscoa. Suas raízes remontam às práticas pagãs eslavas, quando rituais de

¹³ A data da Reconquista da Independência da Polónia (11 de novembro) é vivenciada através de diversas atividades culturais, entre elas a “Bieg Niepodleglosci”, como retrata matéria do Jornal O Comunicador Integração do dia 14 de novembro: “A IV Corrida da Independência reuniu, no último final de semana, atletas de toda a região e até da Argentina em uma celebração de esporte e união. Com diferentes categorias e distâncias, o evento foi marcado pelo entusiasmo dos corredores, que demonstram garra e determinação. As competições aconteceram nas categorias 50m, 100m, 200m, 400m, 1918m (distância alusiva ao ano da independência da Polónia) e 5Km. A comunidade local e as autoridades prestigiaram o evento, reforçando o espírito de solidariedade e incentivo ao esporte. Organizada como um tributo à história e ao valor da independência, a corrida também serviu para fortalecer os laços culturais e o orgulho pela cidade. A organização já se prepara para a V edição, com expectativa de mais participantes e atrações”. (Jornal O Comunicador Integração -14/11/2024).

primavera eram realizados para celebrar a fertilidade, a renovação da vida e a chegada de uma nova estação.

A água desempenha um papel central na tradição, representando a purificação e a alegria da ressurreição de Cristo. O ato de jogar água nos outros é visto como um gesto de sorte e bênção para o ano que se inicia. Tradicionalmente, acreditava-se que as moças que eram molhadas tinham mais chances de se casar, o que adicionava um elemento de brincadeira e romance à celebração.

O OGNISKO

Ognisko, em polonês, significa literalmente “fogueira”. Essa tradição tem raízes profundas no folclore e na cultura rural da Polônia, sendo associada a momentos de confraternização e celebrações. Originalmente, ogniska (plural de ognisko) eram organizados em vilarejos e comunidades como uma forma de reunir pessoas em torno do fogo, principalmente durante eventos sazonais, celebrações de colheita ou benefícios importantes na vida comunitária.

O fogo, símbolo central da tradição, tem um significado profundo na cultura polonesa. Ele representa calor, luz, proteção e união. Na cultura popular, o fogo da fogueira também era visto como um elemento purificador, capaz de afastar forças negativas e proteger as pessoas que se reuniam ao seu redor.

Atualmente, a tradição do ognisko transcende as festividades sazonais e é amplamente praticada em contextos familiares e comunitários. Poloneses, tanto na Polônia quanto em comunidades da diáspora, organizam ogniska como eventos sociais para promover o sentimento de união e celebração.

Foto 7 - Vivenciando a cultura polonesa - ognisko – Integrantes das aulas de Língua Polonesa da Braspol. 16ª – Polfest, maio de 2023



Fonte: Mara Elília Zanatta (2023).

O OPLATEK

O Oplatek é uma das tradições mais significativas e emocionantes da cultura polonesa, especialmente durante as celebrações natalinas. Este costume ancestral reflete a essência dos valores cristãos e familiares, promovendo união, paz e reconciliação entre as pessoas.

A palavra oplatek deriva do latim *oblatus*, que significa “oferecido”. Trata-se de um fino pedaço de pão ázimo, semelhante à hóstia utilizada nas celebrações religiosas, mas sem caráter consagrado. O costume é profundamente enraizado na espiritualidade polonesa e na importância da família, sendo realizado na véspera de Natal, durante a ceia conhecida como Wigilia.

Nessa tradição, tão simples e, ao mesmo tempo, tão profunda, é um dos maiores legados culturais da Polônia, tocando o coração de todos que têm a oportunidade de vivenciá-la (Mara Elília Zanatta).

ŚWIĘCONKA: A BÊNÇÃO DOS ALIMENTOS NA PÁSCOA POLONESA

A Święconka, uma das mais queridas e preservadas tradições da Páscoa na Polônia, é a bênção dos alimentos realizada no Sábado Santo. Este costume, que remonta à Idade Média, combina elementos da espiritualidade cristã com práticas culturais profundamente enraizadas, refletindo a importância da Páscoa como celebração de renovação e esperança.

Foto 8 - Celebração da Bênção dos alimentos – Braspol- 16ª – Porlfest – 2023



Fonte: Mara Elília Zanatta (2023).

OS VÍNCULOS COM A POLÔNIA

Destaca-se o intercâmbio existente, nos dias de hoje entre os poloneses de Guarani das Missões com os seus “patrícios”, da Polônia e vice-versa. Destaca-se dois artigos publicados no jornal “O Comunicador Regional”, dos dias 14 e 21 de novembro de 2024 conforme transcrição do Anexo – B.

“POLONESES FICAM ENCANTADOS COM A “CAPITAL POLONESA DOS GAÚCHOS”

Nos últimos dias, Guarani das Missões recebeu a visita dos professores Andrzej Dubicki e Marek Oledzki, da Universidade de Lodz, Polônia. Ambos integram um projeto dedicado ao estudo da cultura polonesa no Brasil, com ênfase nas comemorações dos 155 anos de imigração polonesa no país.

UMA CONEXÃO PROFUNDA COM A CULTURA LOCAL

Historiador e cientista político, o professor Andrzej Dubicki expressou profunda admiração por Guarani das Missões, destacando a preservação da cultura polonesa na cidade. “A cidade merece o título de capital polonesa dos gaúchos. É impressionante como a cultura está presente, seja nas pessoas, nos símbolos ou nos costumes”, comentou.

Dubicki, além disso, ficou encantado com a hospitalidade do povo local e a riqueza cultural que encontrou. “Foi uma honra estar aqui e presenciar tamanha preservação da identidade cultural. Espero voltar não apenas para continuar minhas pesquisas sobre descendentes poloneses, mas também para explorar outras heranças culturais que convivem harmonicamente na região”, afirmou.

Seu colega de viagem, assim se expressou: “Surpresa e admiração pela preservação cultural”.

Com mais de 20 anos de experiência em arqueologia, história e ciência política, Marek Oledzki acompanha Dubicki em projetos que investigam processos de colonização. Durante sua visita, ele destacou o impacto da preservação cultural em Guarani das Missões. “Fiquei abismado com a forma como a cultura polonesa é mantida viva, mesmo a milhares de quilômetros de distância de suas origens. É algo impressionante ver a quantidade de descendentes e como eles celebram suas tradições”, disse o professor.

Oledzki incentivou os moradores a continuarem o trabalho de valorização cultural. “O que estão fazendo é admirável. É importante engajar ainda mais pessoas e mostrar esse legado ao mundo”, concluiu.

RETRIBUIÇÃO DAS VISITAS POR PARTE DE GUARANIENSES (DESCENDENTES DE POLONESES) À TERRA DE SEUS ANTEPASSADOS

“A saída da comitiva está prevista para o dia 24 de setembro. No próximo dia 24 de setembro, guaranienses partirão rumo à Polônia, para participar do 1º Festival de Cultura e Arte da Jovem Polônia 2024. O evento acontecerá de 24 a 29 de setembro no Tricity (Gdansk, Sopot, Dąbnia) e reunirá jovens artistas e jornalistas poloneses de mais de 20 países.

A delegação do Brasil incluiu os jornalistas poloneses Teófilo Szymanski e Julce Grzeczinski, da Rádio Comunitária Aliança (Associação Comunitária Dom Zygmund Felinski) e Anabella e Anallis Schalanski, todos de Guarani das Missões. Do país, também se farão presentes representantes da Braspol de Áurea. A nível latino-americano, argentinos de Oberá também participarão. Representando os jovens de Guarani das Missões, as irmãs Anabella e Anallis evidenciaram a satisfação em poder participar do projeto. “Será uma experiência nova de conhecer um novo país, conhecer mais as nossas origens, a cultura e a gastronomia. Vamos poder conhecer o país do nosso bisavô que veio da Polônia”, contaram as irmãs. Elas foram selecionadas para se integrarem ao projeto, cumprindo requisitos como idade e habilidade com o inglês e polonês.

Segundo Luiz Carlos Marmilicz, Diretor geral da Rádio Aliança, será uma honra participar do evento, cuja participação teve origem do convite recebido dos jornalistas poloneses Irmina Somers e Pawel Jendruch, que estiveram em Guarani das Missões em junho deste ano. Além disso, a possibilidade de participação também se deve ao apoio de Marzena Kowalczyk – Jassak, professora de polonês do ORPEG e coordenadora do projeto para a América do Sul” (Jornal o Comunicador Integração, quinta feira, 19 de setembro de 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Colônia Guarany, “babel de etnias”, possibilitou a convivência “pacífica” de culturas distintas, histórias diferenciadas e que legou diferentes experiências no campo da gastronomia, literatura, crença, língua, etc.

Quanto aos poloneses, a sua inserção nesta nova realidade, onde havia “tudo por fazer”, não fora atividade fácil. As condições eram precárias, porém com esmero e muito trabalho, persistência e fé legaram aos seus e as gerações futuras condições melhores que as vivenciadas em sua terra natal. Aqui, puderam vivenciar sua fé, língua, enfim, suas tradições.

Adquiriram terras, construíram escolas, igrejas, passaram a ser sujeitos de sua história, e na sua simplicidade colaboraram na construção de um Estado forte, respeitando as diversidades étnicas existentes.

Atualmente, através dos estudos da Língua Polonesa, do folclore, de celebrações originárias da Polônia, procuram manter vivos os elos que ligam este pequeno pedaço do Brasil (Guarani das Missões), às terras de seus predecessores, a Polônia.

REFERÊNCIAS

BECKLERG SILVA. *Secretaria da Administração-Departamento estadual de estatística*. 1959.

GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST - Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.

HAMERSKI, André. *A Presença dos Poloneses na Grande Veranópolis*. 1997.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 3 jan. 1928.

JORNAL O COMUNICADOR INTEGRAÇÃO. *Poloneses visitam Guarani das Missões*. Casa da Cultura recebeu exibição de filme. 14 nov. 2024.

_____. *Guaranienses embarcarão para a Polônia*. 19 set. 2024.

KALENDARZ POLSKI. *Suplemento do Jornal "LUD"*. Grafica Vicentina, 1898.

KURIEREK, informativo. Representação Central da Comunidade Brasileiro –Polonesa no Brasil-Rio Grande do Sul. André Hamerski. Nova Prata. Agosto de 1999.

LIVRO DE ATAS. *Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora*. Linha Bom Jardim Centro, n. 16, 1994.

MARMILICZ, Lauro Luiz. Entrevista concedida. In: *Revista Comunicação 10*, fev. 2020.

_____, Paulo Tomaz. *Linha Bom Jardim, Cem Anos de colonização – 1898 – 1998*. Sua História e sua gente. Ijuí, Ed. Policromia, 1998.

POLANCZYK, José Antonio. *O imigrante polonês e a Colônia Guarany*. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

REVISTA COMUNICAÇÃO 10. *Revista Alusiva a Polfest*, Guarani das Missões/RS, ano 8, n. 10, 2017.

_____. *Revista Alusiva a Polfest*, Guarani das Missões/RS, ano 5, n. 8, 2014.

_____. *Revista Alusiva a Polfest*, Guarani das Missões/RS, ano 2, n. 3, 2011.

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO. *Departamento Estadual de Estatística*. 1959.

SECRETARIA DAS OBRAS PÚBLICAS. *Directoria de Terras e Colonização*. 1959.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina, 2000.

____. A Imigração polonesa para o Brasil. IV ENCONTRO DA CULTURA POLONESA. *Comemoração aos Cem Anos de colonização (1898-1198) da Linha Bom Jardim*: Conferência. Guarani das Missões, maio 1998.

____. *O Camponês Polonês no Brasil*. Curitiba, Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.

ZANATA, Mara Elília. *Professora de Língua Polonesa*: entrevista concedida. Dez. 2024.

ANEXO A -

ATA DA REUNIÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO EM HONRA A NOSSA SENHORA DE CZESTOCHOWA.

Aos vinte e dois dias do mês de setembro de mil novecentos e noventa e quatro, realizou-se nas dependências do salão da Comunidade da Linha Bom Jardim, às dezoito horas uma reunião com a presença da maioria dos sócios, diretoria da comunidade, prefeito municipal, secretário de educação e cultura, Padre Ivan, presidente da matriz, presidente da Braspol. Em primeiro lugar foi exposto pela diretoria da Comunidade a falta de condições da mesma para realizar o projeto de restauração da parte de trás da Igreja Velha para fazer um Santuário a Nossa Senhora de Monte Claro. Que se faça uma comissão para tratar deste assunto e adquirir recursos. Logo após falou o Prefeito Municipal ressaltando o fator financeiro, e principalmente cultural histórico e a importância de se fazer a Romaria e o Santuário par Guarani das Missões. Falou também o secretário de educação e cultura dando total apoio à restauração, em seguida o presidente da Braspol falou da possibilidade de conseguir recursos da Polônia. O presidente da Paróquia lembrou dos antepassados, o quanto foi trabalhoso em construir esta Igreja. Continuando, houve a manifestação do Sr. Rui Hamerski, dizendo que a igreja foi destruída e não desmanchada. O Pe. Ivan, em poucas palavras, esclareceu ao mesmo que a igreja foi desmanchada com o consentimento do Sr. Bispo Diocesano, da Paróquia e da Comunidade. Pediu o Pe. Ivan que se manifestasse a Comunidade. Surgiram várias manifestações colocando o problema que de onde viriam os recursos para esta construção. O Sr. Rui Hamerski colocou que se dispõe a fazer uma campanha de arrecadação de fundos para a construção do Santuário e juntamente com ele a seguinte Comissão: Paulo Marmilicz, Eugênio Hamerski, Zita Grzelack, Carmelita Polacinski, prefeito Municipal, Julci Marmelicz, Padre Ivan. E todas as famílias aqui representadas assumem o compromisso de ajudar nesta restauração. Esta comissão terá um caixa separado, não movimentando o dinheiro do caixa da comunidade e arrecadará fundos para a construção do Santuário. Discutiu-se também que a comunidade permanecerá a se chamar Nossa Senhora Auxiliadora. E o santuário Nossa Senhora do Monte Claro. O Padre Ivan pediu que se alguém possuir algum objeto que pertence a Igreja, que o devolva, para fazer parte do patrimônio. Resgatar quadros, livros, terços, dados históricos, etc. Na parte da Comissão também o sócio José Potacinski. Nada mais havendo a constar lavrei a presente ata que será lida, aprovada e assinada pelos presentes, (seguem as assinaturas).

ANEXO 2 -

RETRIBUIÇÃO DAS VISITAS POR PARTE DE GUARANIENSES (DESCENDENTES DE POLEMOSES) À TERRA DE SEUS ANTEPASSADOS.

“Na noite da quarta-feira, 13 de novembro de 2024, a Casa da Cultura de Guarani das Missões foi palco da exibição do filme, *Emigração sob o Cruzeiro do Sul: o destino dos poloneses no Brasil*.

O projeto é um empreendimento de excepcional importância que visa capturar e preservar a herança cultural única dos emigrantes poloneses no Rio Grande do Sul. Seu principal elemento é a produção de um documentário que não só contará a história da difícil realidade das famílias polonesas estabelecidas em solo brasileiro, mas também se concentrará na preservação e na documentação da língua polonesa do século XIX, um patrimônio linguístico ainda preservado pelos emigrantes poloneses e seus descendentes.

Esse filme é mais do que um documento visual, é também uma chance de contribuir para o resgate de um idioma que se encontra em processo de declínio e desaparecimento devido à morte dos seus falantes mais idosos, ocasionando, dessa forma, a interrupção de sua transmissão para as próximas gerações. Esse idioma, que é ainda um testemunho vivo da história e da tradição polonesa, está prestes a ser esquecido, ameaçado pelas influências linguísticas contemporâneas. O projeto é, portanto, uma resposta urgente à necessidade de documentar, preservar e estimular o uso do autêntico idioma polonês, atualmente sob risco de desaparecimento.

A implementação do projeto não só visa capturar esse legado linguístico, assim como contribuir para seu reconhecimento formal. O resultado se somará aos atuais esforços da comunidade polonesa no Brasil que visam obter o reconhecimento oficial da língua polonesa como patrimônio cultural imaterial do Brasil, reconhecendo, assim, o seu valor único e colocando o idioma sob proteção legal do governo brasileiro” (O Comunicador Integração, 14 e 21 de novembro de 2024).

POLÍTICA, DIPLOMACIA, COMÉRCIO E POLONIDADE: AS AUTORIDADES POLONESAS EM PORTO ALEGRE E A IMPRENSA LOCAL (1933)

Rhuan Targino Zaleski Trindade¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estado do Rio Grande do Sul²³, com presença importante de poloneses foi, no período entre as duas guerras mundiais, foco de atenção do Estado polonês, sendo incorporado na temática mais geral dos vínculos da Polônia com os emigrantes no período e, especialmente, nas construções discursivas do Brasil sobre esse estreitamento de relações, na forma de produções narrativas da sua intelectualidade e burocracia pública, em fontes periódicas e oficiais do período.

O Brasil vivenciou, na década de 1930, um período de recebimento de grande quantidade de poloneses intelectualizados que visitavam o país por diversas razões, na sua maior parte vinham interessados na presença emigrante no país, posto que, conforme Mazurek

1 Graduado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, história da imigração e etnicidade polonesa no Brasil, particularmente o período entreguerras. E-mail: rhuan.trindade@hotmail.com.

2 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Em nossa tese de doutorado, intitulada “*Um Imperialismo Polonês*”: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período entreguerras”, de 2020, trabalhamos brevemente com a presença de “ilustres” poloneses, incluindo Raczkiewicz, através da imprensa local curitibana, maiormente, com referências as suas estadias gerais no Brasil, bem como, sobre as aproximações da Polônia com os imigrantes e descendentes, posituação de sua imagem, principalmente no Paraná, ao longo da década de 1930.

3 A colonização polonesa no Rio Grande do Sul ocupou colônias de forma mais “descentralizada” que no Paraná, onde habitavam espaços de forma mais ou menos contígua no sudeste do estado e no entorno curitibano. No estado mais meridional, espalharam-se por distintas regiões, no noroeste, litoral, serra e norte.

A existência de uma grande comunidade polonesa no Brasil foi para os pesquisadores, viajantes e escritores poloneses uma inspiração para se ocupar em com os temas brasileiros. O fruto disso é uma grande quantidade de trabalhos de pesquisa, reportagens, diários, narrativas e romances que descrevem, não somente as condições de vida dos colonos poloneses, mas também o exotismo, a beleza e a riqueza da natureza deste país (2010, p. 4).

Nesse sentido, se destaca o ano de 1933, quando, entre os meses de junho e julho, esteve na capital federal, em Curitiba e outras colônias no Paraná⁴, bem como em Porto Alegre e depois Misiones e Buenos Aires⁵, Władysław Raczekiewicz, então presidente do senado polonês, cargo comumente denominado *Marszałek* (Marechal), na Polônia. Sua visita foi entendida pela imprensa local, nas cidades em que passou, como motivo de ampla cobertura e interesse pela chegada de alguém considerado “ilustre”, de importância política em um país europeu compreendido como próximo e por relevar a importância da imigração polonesa no país, dando não só exposição, mas existência e possibilidade de construção com características positivas a este grupo que estava maiormente concentrado no sul do país. Naquela mesma conjuntura, as visitas do aviador polonês Stanisław Skarżynski em 1933, tanto para o Paraná (Trindade, 2020a), quanto para o Rio Grande do Sul (Trindade, 2020b), são exemplos do que se convencionou chamar de “explosões de polonidade”, que funcionaram de forma semelhante, mobilizando os poloneses nas cidades, os periódicos locais e permitindo processos de afirmação e denominação étnica. A vinda do político, contudo, tinha um sentido diferente da do aviador.

Com relação aos visitantes poloneses, cuja atenção da imprensa foi devotada, podemos destacar entre suas atividades particulares, o interesse na história das colônias polonesas estabelecidas nos estados sulinos. Embora por vezes não tenha sido o motivo principal, tal escolha não se evidencia ao acaso. Estes encontros promovidos com os poloneses emigrados e seus descendentes, junto as suas lideranças e instituições principais, especialmente nas grandes cidades, mas também no interior em pequenas regiões rurais, são exemplos das conexões Polônia-diáspora do período o que se soma ao entusiasmo, promoção e exposição da *polonidade* atrelada a grupos de notáveis no Brasil, bem como de movimentos internos da comunidade polonesa de desenvolvimento em diferentes áreas, a fim de ocupar espaços sociais na sociedade brasileira⁶.

4 Sobre a estada de Raczekiewicz em Curitiba e a imprensa paranaense, ver.: Trindade (2020a).

5 Diário de Notícias, 20.07.1933.

6 Sobre o assunto, ver: WACHOWICZ, Ruy. C. *O camponês polonês no Brasil: Raízes medievais da mentalidade emergente*. Curitiba, PR. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná. 1974, WACHOWICZ, Ruy C. *As escolas da colonização polonesa no Brasil*. Curitiba: Champagnat, 2002. WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. *Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, 2015, pp. 253-273.

A particularidade de Raczkiewicz, era, à diferença do aviador Skarżyski, a imagem de uma “vitória” política e econômica, diferentemente de uma conquista esportiva, como Skarżyński ou ainda de outros casos, como o elemento artístico com a chegada da cantora Adelia Korytko, no mesmo ano, ou ainda religioso como do bispo Teodor Kubina (Trindade, 2020a), em 1935. Em especial, contamos aqui com alguns elementos novos, que tratavam de relações diplomáticas e consulados, vínculos com a Polônia, estabelecimento de futuros encontros internacionais e, sobretudo, um elemento central que era a economia, especialmente naquela conjuntura crítica no comércio mundial pós-1929, de forma que trazia Raczkiewicz, consigo, um deputado especializado no tema, que se tornou motivo de atenção na imprensa porto-alegrense.

O RIO GRANDE DO SUL E A POLONIDADE NA CONJUNTURA DO VÍNCULO POLÔNIA-DIÁSPORA

O aspecto contrastivo da identidade cultural e social é temática central (Cuche, 2002) de análise, dada a atenção às diferenças construídas pelos poloneses em relação à sociedade de acolhida, seja a geral brasileira, ou especificamente gaúcha. Tais construções seriam ainda adicionadas a elementos estabelecidos pela identidade nacional, que era promovida na Europa por parte do estado polonês. Estes múltiplos fatores davam o tom dos aspectos de pertença e de repulsa, que denotavam o *nós* e os *outros*, tendo, aqui, por base, as teorias da etnicidade pensadas por Streiff-Fenart e Poutignat (2011) e de identidade estabelecidas por Cuche (2002).

O que se observa é que as visitas de figuras de destaque da Polônia para regiões de presença de imigrantes e descendentes de poloneses, sobretudo, de forma mais ou menos institucionalizada, como o caso de Curitiba e Porto Alegre, é espaço privilegiado que permite a promoção e nomeação do grupo étnico, a partir de processos de representação daquilo que significaria pertencer à denominação “polonês” e à “colônia polonesa”. Esse processo, aqui, tem seus contornos observados diante da produção escrita nos periódicos locais, que não estavam diretamente ligados a um grupo étnico específico, mas sim, jornais tradicionais, escritos em português, com ampla tiragem, voltados ao público mais amplo da cidade e do estado, que são, de forma mais geral, nossas fontes de destaque neste texto. Estes momentos de maior vinculação entre a Polônia e seus emigrados e descendentes permitiram a maior extensão de processos de nomeação, no sentido atribuído por Bourdieu (1989, P. 14), como poder de construir dados pela enunciação ou poder de nomear, afirmado por Streiff-Fenart e Poutignat (2011), como processo relacional, bem como, no caso particular em investigação, dar existência e visibilidade aos poloneses, diante da sociedade

englobante, construindo sua ocupação de espaços sociais e presença mais ampla como um sentido afirmativo e capaz de exaltar suas origens nacionais, diante da presença de uma figuras de prestígio⁷.

Por outro lado, a presença de Raczkiewicz, como viria a ser observada no final da década⁸, não pode ser descolada de uma forma de estabelecer objetivamente as intenções polonesas para com sua população emigrada no exterior, que tinha, no limite, ideais de expansão econômica e política do país na América do Sul, assim como de promover elementos culturais e políticos poloneses, já explorado anteriormente⁹, através de projetos como o II Congresso dos Poloneses no Estrangeiro, que ocorreria na Polônia em 1934, associações étnicas e representações consulares. Ao mesmo tempo, portanto, em que mobilizava a comunidade, acabava institucionalizando elementos importantes para o desenvolvimento e promoção da *polonidade* entre a diáspora, que se produzia desde as últimas seis décadas e ressaltando a importância da Polônia no cenário mundial e das relações internacionais. Pretensões essas, que eram construídas ao longo dos anos 1930, de forma teórica e prática, e estavam conectadas com o emergente nacionalismo polonês (Kicinger, 2005, Puchalski, 2017). Estas ações encontrariam, num futuro muito próximo, resistência por parte do Estado Novo varguista e da intelectualidade, oficialidade e imprensa brasileira, que tomariam tais atitudes, incluindo a presença de Raczkiewicz e seus acompanhantes, por atos imperialistas, como tem sido demonstrado em outros trabalhos (Trindade, 2020a).

O interesse em analisar intelectuais poloneses no Brasil não é recente. Retoma-se experiências iniciadas desde o século XIX, que acompanhavam os fluxos migratórios iniciais de poloneses no Brasil, até as primeiras décadas do século XX, quando grupo de intelectuais chegam a fim de desenvolver aspectos econômicos e culturais junto às colônias já estabelecidas, tanto no Paraná como no Rio Grande do Sul¹⁰. Para entender estes movimentos, a base documental

7 Estes processos definidores foram também observados antes da existência da própria Polônia, mas vinculados a chegada de personagens de destaque no Rio Grande do Sul, como no contexto da Primeira Guerra Mundial. (Trindade, Malikoski, 2018).

8 Sobre este tema, ver Trindade (2020a).

9 Cf.: SMOLANA, Krzysztof. Roteiros poloneses na América Latina. In.: DEMBICZ, Andrzej, SMOLANA, Krzysztof. **A presença polonesa na América Latina**. Varsóvia: CESLA, 1996. WACHOWICZ, Ruy. C. **O camponês polonês no Brasil: Raízes medievais da mentalidade emergente**. Curitiba, PR. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná. 1974. WALASZEK, Adam. "Wychodzcy, Emigrants or Poles? Fears and Hopes about Emigration in Poland 1870-1939." **AEMI Journal**, 1, Aalborg, 2003. PUCHALSKI, Piotr. Emigrants into colonists: Settlement-oriented emigration to South America from Poland, 1918-1932. **Journal of Modern European History**, v. 19 n. 2, pp. 222-238, 2021.

10 Conferir os trabalhos de Trindade, que englobam a presença de intelectuais poloneses desde o XIX e início do XX, com a vinda do professor Biezanko, bem como do futuro Marechal

fundamentada em pesquisas em fontes periódicas é igualmente um processo de larga experiência de pesquisa. Tais estudos tem demonstrado os vínculos e projetos articulados em nível europeu para a pesquisa e ação nacionalista junto aos colonos estabelecidos nas Américas. Contudo, tem sido evidenciado também o esforço interno à comunidade emigrada em promover sua identidade diante da manifestação da diferença, através do sentimento de orgulho étnico, bem como da sua existência, possível aceitação e mesmo promoção frente à sociedade envolvente. Esta, como sinônimo daquilo que poderia ser denominado como os “outros” ou como elementos de alteridade na relação interétnica.

Com os pressupostos delineados, ao tomar os periódicos de maior tiragem e extensão do Rio Grande do Sul, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*¹¹, se pode ter uma maior possibilidade de verificar o jogo de nominação e de exposição grupal étnico entre os poloneses naquele estado, bem como, entender a construção de imagens favoráveis sobre a Polônia e seus habitantes, dirigentes e notáveis, em geral, diante das chamadas relações harmoniosas entre os dois países no período, o que se soma aos vínculos novos criados pelo país europeu com seus emigrados, a partir de elementos políticos e econômicos. Para isso, é importante lembrar dos jornais e suas tramas metodológicas (De Luca, 2006), entendendo sua peculiaridade como espaço de produção de representações, narrativas e discursos baseados em ampla quantidade de elementos. Estas condições, na medida em que observamos situações pontuais e eventos particulares, permitiram a observação comparativa de produção de representações sobre os poloneses, a Polônia e suas lideranças e instituições, ademais da visualização de sua presença e promoção identitária nos anos 1930, como base para o que se pretende analisar neste texto, incluindo atenção à forma de apresentação das notícias e artigos, aspectos gráficos e editoriais, assim como uma “atitude hermenêutica” (Pesavento, 2006) e uma atenção ao elemento descritivo do evento.

Juljusz Szymański. TRINDADE, Rhuan T Zaleski. Intelectuais na “selva brasileira”: representações de imigrantes poloneses sobre o Brasil e seus habitantes a partir da perspectiva da “cultura do imperialismo” no final do século XIX. **Diálogos**, v. 22, n. 3, 2018. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Diálogos/article/view/41597> Acessado em 25 jun. 2019. TRINDADE, Rhuan, SZYMANSKI, Konrad. Juliusz Szymanski: um polonês entre dois continentes. **Boletim TAK**, n. 3, pp. 8-9, 2017. TRINDADE, Rhuan T Zaleski. **Um cientista entre colonos: Cezlau Biezanko, educação, associação rural e o cultivo da soja no Rio Grande do Sul no início da década de 1930**. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

- 11 Disponíveis no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Conforme Sosa (2005, p. 9): “o primeiro [Correio do Povo] fundado ainda no século XIX com uma proposta de imparcialidade bem ao estilo das modernas empresas jornalísticas e o segundo [Diário de Notícias], no século XX, com alguma presença crítica mais marcante”. Ambos, conforme a autora, foram apoiadores e críticos do movimento varguistas pós-1930 e sofreram com reações, flutuando nos comentários entre tons mais críticos e imparcialidade pretendida (Sosa, 2005).

O Rio Grande do Sul e a imprensa gaúcha, como espaço e fontes de análise permitem um escopo de observação amplo, que toma as ações por parte da Polônia sobre os poloneses no território brasileiro. Em um estado com presença de emigrantes em número um pouco menor¹² (e percentualmente bastante reduzida), menos concentrada, urbanizada e institucionalizada, era uma “colônia” muito dinâmica, o que já foi anteriormente observado ao focalizar, especialmente Porto Alegre¹³. Ela contava com diversas associações, presença do clero e uma grande quantidade de empreendimentos urbanos (Nievinski Filho, 2002). Portanto, nestas condições, era motivo de atenção especial, sendo capaz de atrair os visitantes ilustres que passavam pelo Rio de Janeiro e Curitiba e se configurando em espaço importante para promoção da presença polonesa. Soma-se o fato de o Rio Grande do Sul ser um estado importante no Brasil e com presença de outros grupos imigrantes e seus descendentes com proeminência, caso dos alemães e italianos, os quais já tinham sucesso econômico e político, inclusive na capital Porto Alegre. A presença polonesa buscava, igualmente, um protagonismo, e quiçá, se desfazer da existência de certo preconceito e construção de narrativas negativas, que ocorrem desde os primórdios do fenômeno migratório, especialmente no Rio Grande do Sul¹⁴. Ganhando tais possibilidades, justamente, através dos periódicos brasileiros nesse período, que relatavam e davam ênfase à chegada de Raczkiewicz, articulada as suas atividades voltadas ao grupo polonês.

RACZKIEWICZ EM PORTO ALEGRE E A “COLÔNIA POLONESA”

Após a viagem de trem provindo do Paraná, em que encontrara rapidamente com representantes das colônias polonesas do interior (Lepecki, 1933), no *Correio do Povo* de 19 de julho de 1933, se destacava a chegada de Raczkiewicz em Porto Alegre. Em boa parte da sua contracapa constava um artigo com foto do político, que informava a recepção do “ilustre polonês” e seus acompanhantes, o cônsul de Curitiba, Roman Staniewicz¹⁵, o deputado e economista Adam Piotrowski e o

12 Os números variam: Gluchowski (2005), no final dos anos 1920, contabiliza aproximadamente 100 mil poloneses no Paraná contra cerca de 61 mil no estado mais meridional do Brasil. Já Smolana (1980), com dados do consulado em 1939, coloca a diferença em apenas cerca 8 mil pessoas, 88 mil no Paraná contra 80 mil no Rio Grande do Sul. Em 1933, este último número é referido nos periódicos gaúchos com maior frequência. Os percentuais de poloneses, no entanto, em comparação a população total, que são mais destacados, sendo 16% no Paraná, contra 2,8%, no Rio Grande do Sul, para Gluchowski. Para Lepecki (1933), eram 90 mil poloneses e descendentes no estado gaúcho.

13 Conforme foi analisado ao pensar a chegada de Skarżyński (Trindade, 2020b).

14 Tema analisado por GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. A emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

15 Esteve a frente do consulado entre 1 de maio de 1932 e 1 de outubro de 1934 (Smolana, Barys, 2010).

jornalista Bogdan Lepecki¹⁶. Ademais, é explanada a rápida programação da visita e as homenagens preparadas pela “colônia polonesa aqui domiciliada”, através da destacada Federação das Associações Polonesas no Estado do Rio Grande do Sul (que representava diversos grupos) e outras organizações polonesas locais¹⁷.

As ações iniciariam com a recepção a Raczkiewicz na estação de trem (o senador chegaria naquela noite), depois ocorreria uma conferência na sede da Federação, com representantes das colônias polonesas de Mariana Pimentel e São Feliciano e das comunidades de Pelotas e Rio Grande. No dia seguinte, estabeleceria um encontro com a “colônia polonesa”, o que ocorreria na Sociedade Polônia (outra importante instituição local), “com músicas, canto, declamações e conferência sobre o ‘Mar Polonês’¹⁸”. Partiria para Buenos Aires, logo no dia 21¹⁹, mas apesar do pouco tempo da estadia, a visita era importante, dado que valorizava a comunidade instalada no Rio Grande do Sul, especialmente àquela localizada próximo e na sua capital, bem como estava dentro do projeto de organização do II Segundo Congresso dos Poloneses no Estrangeiro, que iria ocorrer em 1934, em Varsóvia e construiria boa parte do entendimento para políticas de definição e ação sobre os poloneses no exterior e seu vínculo com a Polônia (Trindade, 2020a)²⁰.

Na mesma notícia, o jornal, com base em informações passadas pela P.A.T, a Agência Telegráfica Polonesa (que divulgava notícias sobre o país no exterior)²¹, através de Stanislaw Mazurkiewicz, trazia informações biográficas

16 Um jornalista polonês, vinculado a diversos periódicos na Polônia e no Brasil, assim como de instituições governamentais polonesas no Rio de Janeiro. Posteriormente, vai atuar junto a questões imigratórias e, em 1936, seria vice-cônsul polonês em Curitiba. O Dia, 4.07.1933 e ver WACHOWICZ, Ruy C.; MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba: Vicentina, 2000, p. 224. Ver também Trindade (2020a).

17 Correio do Povo, 19.07.1933.

18 As referências ao “Mar Polonês” são exemplos de um movimento de expansão do país, uma “identidade colonial” como aponta Puchalski, contraposta a pequena porção litorânea do país no pós-1918 (Puchalski, 2017).

19 Correio do Povo, 19.07.1933.

20 O congresso motivou a criação do *Światowy Związek Polaków z Zagranicy* (União Mundial dos Poloneses no Estrangeiro), ou *Światpol*, organização que substituiria o *Rada Organizacyjna Polaków z Zagranicy* (Conselho Organizacional dos Poloneses no Estrangeiro), todas presididas por Raczkiewicz. A *Światpol* se concentrou em conservar e estreitar vínculos culturais e econômicos dos poloneses no exterior com a Polônia e, mesmo, estabelecer certa tutela sobre as múltiplas instituições locais, numa imagem de aproveitamento da diáspora e mobilização da identidade nacional e construção da *polonidade* no exterior para o desenvolvimento da nação. Sobre a *Światpol* ver BLEJWAS, Stanislaus A. Old and New Polonias: Tensions within an Ethnic Community. *Polish American Studies*, Vol. 38, No. 2, pp. 55-83, 1981. Ver também Walaszek (2003) e Kicingier (2005).

21 A *Polska Agencja Telegraficzna* (Agência Telegráfica Polonesa) foi criada, entre outros personagens, com patrocínio de Kazimierz Gluchowski, em 1918, futuro primeiro cônsul polonês no Brasil, em 1920, em Curitiba. Como empresa ligada ao governo e responsável por divulgar notícias do país e acesso a correspondentes internacionais, posteriormente, Jorge Kossowski teria contribuído na instalação da Agência no Brasil em 1936, no Rio de

de Raczkiewicz, de forma bastante detalhada e com diversas elucidações que vinculavam o político à independência polonesa e à organização do país após a I Guerra Mundial. O “ilustre” polonês era nascido em 16 de janeiro de 1885, na província de Minsk, durante a existência do Império Russo. Estudante de Direito na Universidade de São Petersburgo, seu envolvimento em atividades contra as escolas russas na Polônia, o conduziram à conclusão do curso de direito em Dorpat. É deixada evidente pelo texto a participação prematura do personagem em ações direcionadas ao objetivo de alcançar a independência polonesa, como “um dos mais ativos colaboradores das organizações e associações acadêmicas polonesas, tanto legais como secretas”. Tais ações o seguiram após os estudos já nas atividades profissionais como advogado, inicialmente em Minsk Litewski, junto à comunidade polonesa local²².

Veterano do exército russo durante a I Guerra Mundial (dado que prestara o serviço militar anteriormente), em 1917, após a derrocada do czarismo, teria organizado a União Militar dos Poloneses na Rússia e, posteriormente, Força Armada Polonesa, sendo comandante eleito do Comitê Militar Polonês responsável por organizá-la. A partir destas ações, ao longo do ano de 1918, sua concentração é em relação àquilo que viria a ser as fronteiras orientais do futuro estado polonês, devotando esforços militares e políticos na sua defesa e organização, dirigindo o Departamento Militar do Comitê de Defesa das Fronteiras do Oriente, em Varsóvia. Neste contexto, a Rússia continuava a ser combatida, assim como seus interesses na região. Józef Piłsudski, então líder daquele contexto de reconquista de autonomia, nomeia Raczkiewicz para diferentes cargos, sendo especialmente destacado o de Chefe da Região Administrativa de Minsk, em agosto de 1919. Ocupou também cargos na cidade de Vilnius, onde teria participado no conflito com os russos em 1920²³.

Depois de uma carreira importante em voivodias e ministérios²⁴, finalmente, é eleito presidente do senado polonês, estando naquela função até a chegada ao Brasil, mas também acumulando a função de presidente do Conselho Organizador dos Poloneses no Estrangeiro (*Rada Organizacyjna Polaków z Zagranicy*)²⁵ e uma série de outras entidades de matizes diversos. Por fim, uma

Janeiro, apoiado pelo então Ministro Plenipotenciário da Polônia naquela cidade, Tadeusz Grabowski Cf: Smolana e Barys (2010) e Trindade (2020a).

22 Correio do Povo, 19.07.1933.

23 Correio do Povo, 19.07.1933.

24 Alçado a Ministro do Interior em junho de 1921 e em setembro do mesmo ano, Voivoda (“governador”) de Nowogródzk, retornando em 1924 ao cargo de delegado do governo em Vilnius e no ano seguinte mais uma vez Ministro do Interior até 1926 e, depois, até 1930, voivoda de Vilnius. Correio do Povo, 19.07.1933.

25 Instituição criada em 1929 no Primeiro Congresso dos Poloneses do Exterior (Trindade, 2020a).

série de condecorações é destacada pelo texto no periódico: “Cruz de Oficial. Cruz de Comendador simples e outra com estrela, ‘Polonia Restituta’, ‘Virtuti Militari’, Cruz da Independência, Cruz da Lituânia central”, entre outras²⁶.

Conforme as informações biográficas trazidas pelo jornal através da P.A.T., o senador era colocado como dedicado majoritariamente ao leste polonês e as fronteiras orientais, ademais das muitas atividades institucionais e condecorações. A fronteiras orientais polonesas eram uma região complexa do país recém independente, dada a grande presença de população de línguas distintas do polonês, como ucranianos, bielorrussos e lituanos, portanto, um espaço de conflitos étnicos ao longo do entreguerras (Mick, 2014, Bakula, 2014, Balogun, 2017), o que se somava ao fato da Rússia e, posteriormente, a URSS, não aceitarem as fronteiras polonesas estabelecidas no pós-guerra, fato mobilizador de crises diplomáticas e reticências entre os dois países (Wandycz, 2009, Cienciala, 2011, Styrna, 2013).

O jornal, igualmente, embasado nas informações recebidas, destaca referências a participação de Raczkiewicz junto aos movimentos nacionalistas poloneses no pré-I Guerra e na conjuntura do conflito. Tais fatores são importantes, dada a “missão” com a qual se compreendia a visita do senador, isto é, em função de suas demandas com relação aos poloneses no estrangeiro. A imagem de uma figura de destaque na política nacional e com histórico e trabalho voltado à recuperação da independência polonesa, fator inclusive de prejuízos pessoais (como a troca de universidade) seria possível de criar uma relação mais íntima com os poloneses da diáspora, especialmente no Brasil, mas também junto à intelectualidade nacional, que tinha na Polônia uma nação com olhar majoritariamente positivo pelo histórico trágico e conflituoso, de maneira que a respeitabilidade do visitante era relacionada diretamente com um símbolo de nacionalismo e de *polonidade*, desde o período de dominação até o estabelecimento do país e seus ideais de potência europeia.

O *Diário de Notícias* não ficou para trás em questão de destaque à presença do viajante polonês, aliás, é de longe mais ativo e dedica algumas páginas e dias a mais para cobrir a estada e conversar com o senador e seus colegas de viagem. No mesmo dia 19 de julho, promove grande artigo sobre a visita do Marechal a Porto Alegre²⁷. Nesse contexto, é publicado um telegrama, assinado pelas diversas associações mantidas pela colônia polonesa, para o então interventor federal do estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, solicitando atenção, patrocínio, e justamente, sua intervenção direta para a instalação de um consulado

²⁶ Correio do Povo, 19.07.1933.

²⁷ Eram basicamente os mesmos da Agência P.A.T., divulgados no Correio do Povo, embora sem a referência.

da Polônia em Porto Alegre, destacando uma demanda da comunidade local. A perspectiva era aproveitar a ocasião da visita do senador polonês, segundo afirmam no telegrama, para pautar o debate pelo consulado, especialmente, dada sua posição como presidente do “Conselho da União Polonesa no Estrangeiro”, provavelmente, o Conselho Organizacional dos Poloneses no Estrangeiro, então “composta de 8 milhões de patrícios”, segundo informava o documento. O texto clamava pela interferência junto ao visitante para a criação do consulado baseado nos seguintes motivos²⁸:

[...] necessidades reais, mútuos e vitais interesses do Brasil e da Polônia, reclama a repartição referida. Primeiro: A Polônia possui apenas no Brasil uma seção consular junto à Legação do Rio, um consulado geral em Curitiba, uma agência consular em São Paulo. Segundo: Porto Alegre é, em importância econômica, a terceira metrópole brasileira e o crescente incremento das relações polono-brasileiras exige o estímulo da criação de consulados. Terceiro: Porto Alegre desfruta posição geográfico-econômica excepcional, situada em ínfima distância do Atlântico, entre as duas maiores capitais sul-americanas, fatores que asseguram-lhe um grandioso porvir. Quarto: esta cidade conta acima de vinte consulados de outras nações e cada nova dessas repartições constituirá uma promissora ligação para intercâmbio internacional. Quinto: no consenso unânime dos economistas, a única esperança de reerguimento do mundo do mundo atual do colapso que fere o comércio internacional, reside nos tratados bilaterais, com a base da reciprocidade²⁹.

O texto, apesar de nos motivos elencados não suscitar a presença polonesa na capital ou no estado de maneira geral, procura estabelecer vínculos com o contexto da realidade nacional e internacional premente, fruto, sobretudo, da Grande Depressão que se seguia ao *crash* da Bolsa de Nova York, cerca de 4 anos antes. Com isso, destacam o crescimento do comércio com a Polônia, o convênio realizado anteriormente e que seria frutífero e a possibilidade de compra de produtos agrícolas do Rio Grande do Sul, todos elementos que se ampliariam ou poderiam ser realizados através de um consulado, aumentando as relações entre as duas nações. Outro aspecto central evidenciado para promoção de mais um consulado na cidade, garantindo “intercâmbio internacional”, “tratados bilaterais”, seriam a posição geográfica privilegiada de Porto Alegre, estando entre Montevideu e Buenos Aires, e o posicionamento como a terceira capital em termos econômicos no Brasil. É só mais adiante no texto e de forma conclusiva, que ademais das preocupações econômicas, o consulado teria a responsabilidade de observar a chamada “laboriosa colônia polonesa aqui domiciliada”, que, conforme o artigo, se encontrava distante do consulado em Curitiba. Assinaram o

28 Diário de Notícias, 19.07.1933.

29 Diário de Notícias, 19.07.1933.

documento a Associação Porto Alegrense Sociedades Polonesas, União Católica Polonesa, Sociedade Polônia, Caixa Funerária Polonesa, Sociedade Desportiva Sokól, Sociedade Esportiva Junak, União Ex-Combatentes Poloneses, Sociedade Feminina Maria Konopnicka e Sociedade Moniuszko³⁰.

O jogo de representações, constituído e mobilizado na construção identitária molda a imagem de “comunidade” de si para si própria, ou seja, internamente, mas também para os outros, a serem definidos externamente, diante do aspecto contrastivo das relações interétnicas, em que se compreende, assim, as “representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” numa “relação simbólica” (Chartier, 1991, p. 183). Assim, a, então já denominada, no jornal, de maneira elogiosa, “laboriosa colônia polonesa aqui domiciliada”, estava representada pelas diversas instituições étnicas³¹, de caráter múltiplo (esportivas, religiosas, militares, auxílio mútuo, femininas, artísticas e culturais) que assinavam o documento e se colocavam ao mesmo tempo que eram apontadas, como as lideranças do grupo de forma ampliada. A comunidade recebia seu nome: “colônia polonesa”, ademais de uma visão adjetiva com relação a seu trabalho, bem como a visibilidade externa de suas instituições. Como Chartier alertava para as relações das representações com o mundo social existe

o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (1991, p. 183).

Nesse sentido, as associações do grupo polonês instalado em Porto Alegre demonstravam ação e iniciativa de, ainda que buscando apoio nas instituições brasileiras, como a própria interventoria de Flores da Cunha e o uso da ferramenta jornalística, se aproximar da Polônia renascida e, especialmente, através de uma missão diplomática e presença mais direta e permanente na capital gaúcha como sinônimo de oportunidade comercial e diplomática para o crescimento dos dois países, mas, em especial, destaque para a necessidade de uma atenção detida para a “colônia polonesa” que estava localizada na região.

³⁰ Diário de Notícias, 19.07.1933.

³¹ Sobre instituições étnicas ver WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Imgart, ARENDT, Isabel Cirstina (Orgs.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Além disso, a presença de diferentes entidades de caracteres variados, denotava a grande capacidade de institucionalização e sociabilidade étnica formada entre os poloneses e descendentes no Rio Grande do Sul e, especialmente, em Porto Alegre, sendo mobilizador social e de grupo de interesse étnico, como define Streiff-Fenart e Poutigna (2011), muito evidente para demandas conjuntas, somado aos fatores de (re)construção identitária e de fomento à *polonidade* e suas singularidades que demarcavam diferença. Portanto, um grupo de pressão e de demarcação étnico e estímulo à nomeação e própria existência grupal frente à sociedade de acolhida (englobante) dentro do processo de “lutas” no sentido representacional e simbólico e as próprias “estratégias simbólicas” dos grupos em busca de serem percebidos para construção de sua identidade (Chartier, 1991, p. 184, Bourdieu, 1989). Aqui, estratégias étnicas de marcação denominativa, ou seja, sua rotulação como “colônia” e “polonesa” no Rio Grande do Sul, estão atreladas a marcas laudatórias na sua presença, altamente articulada com a chegada de visitantes com ela interessados e que traziam a força das rotulações de identidade nacional polonesa sob um prisma de encômio. As práticas tomadas a partir das manifestações públicas da *polonidade* nas chegadas de personagens ilustres e a construção do orgulho étnico e nacional vinculadas a elas, mobilizariam de forma subjetiva o processo de identificação como poloneses dos imigrantes e de seus descendentes. Permitia, assim, fontes de afirmação identitária positivas e representações de *polonidade* e (poder de) nominação e “rotulação étnica”, em referência interacional de forma endógena e exógena, como proposta por Streiff-Fenart e Poutignat (2011). Estes aspectos, se articulavam, ao mesmo tempo, dentro dos estratagemas políticos da nação europeia de se relacionar-se e beneficiar-se da população emigrada para o crescimento político e econômico do país de origem, da qual Racziewicz se demonstrava parte ativa (Blejwas, 1981, Walaszek, 2003).

AS RELAÇÕES POLÔNIA-BRASIL E A DIÁSPORA POLONESA PELA ÓTICA DA IMPRENSA GAÚCHA

Em 20 de julho, uma grande reportagem sobre vinda de Racziewicz é publicada no *Diário de Notícias*, que anunciava “Porto Alegre hospeda o presidente do senado polonês”. Naquele contexto, o jornal destacava sua viagem, chegada e recepção na estação, onde teria sido saudado em seu idioma por uma criança que lhe entregou um “ramalhete de flores” e depois por um “ancião polonês,” que, em meio à comoção, foi abraçado e aclamado por seus patrícios presentes³².

Conforme aponta o periódico, o “Brasil, nesses últimos tempos, tem recebido insignes hóspedes, que, de todas as partes do mundo” e “dentre as

32 Diário de Notícias, 20.07.1933.

potências que procuram cada vez mais estreitar os laços de amizade com o Brasil, figura, em primeiro plano, a Polônia, país que se renova e marcha num progresso admirável em todos os ramos da atividade humana”³³. No texto, se destaca que o Brasil era conhecido como um dos “maiores amigos” da Polônia, exemplificando tal fato, através da rememoração da homenagem feita pelo aviador Stanisław Skarżynski, que teve o Brasil, como finalização do recorde de aviação. Naquela conjuntura, o presidente do senado polonês, então afirmaria estar de “férias” e numa viagem particular, tendo escolhido o Brasil como seu destino, aproveitando para visitar as colônias polonesas no sul do país. Tal informação deve ser relativizada, tanto pelo fato de o político ter sido considerado “hóspede” do governo brasileiro e pela reverberação no Ministério das Relações Exteriores de sua visita ao Brasil³⁴. Para o periódico, “isso constitui mais um elo da cadeia de cordialidade que une as duas potências amigas”³⁵. Em diversas pesquisas no Brasil e na Polônia (Smolana, 1979, Mazurek, 2012, Trindade, 2020a), autores destacam como, no geral, ao longo do entreguerras, as relações entre as duas nações foram muito favoráveis, tanto no nível das relações diplomáticas, econômicas e culturais, como, igualmente, naquilo que tange à imigração polonesa. Apesar de eventuais conflitos, sobretudo a partir da década de 1930, ocorridos em debates no nível oficial e da imprensa³⁶, o olhar mútuo entre as nações era de possibilidades de boas relações de diferentes tipos, chegando ao ponto Kula tecer comparações e muitas similitudes no âmbito político e social entre os dois países (Kula, 2021). Ademais dos diferentes acordos, visitas, diálogos e outras intercorrências entre as nações naquelas duas décadas (Mazurek, 2012, Bliński, 2021), em que o rótulo da Polónia como “potência” não apenas soava positivamente, mas como motivo para estreitamento de laço de um país que então estava em pleno “progresso” para o periódico. Conforme Biliński, “Poucos acordos políticos foram assinados, por exemplo, sobre tarifas alfandegárias (1929) e aduaneiro (provisório) em 1932. O ato mais importante foi o tratado de conciliação, que entrou em vigor em 1933” (2021, p. 57). Contudo, como afirma Mazurek, “apesar dos acordos assinados, o intercâmbio comercial entre os dois países não era muito grande. Por isso, era principalmente a comunidade polônica que constituía a ponte que aproximava as sociedades polonesa e brasileira. E aproximava, ao que parece, de forma bastante eficiente [...]” (2012, p. 234). Os autores (Mazurek, 2010, 2012, Bliński, 2021) concordam com um período de limitado intercâmbio político e econômico, apesar da troca

33 Diário de Notícias, 20.07.1933.

34 Correio da Manhã, 23.06.1933. Ver Trindade (2020a).

35 Diário de Notícias, 20.07.1933.

36 Para essa temática ver: Trindade (2020a).

de correspondências, os protocolos em visitas oficiais, acordos, condecorações e outros movimentos diplomáticos, sendo os imigrantes, o foco de atenção. Em resumo, “A única visita de alto nível foi a vinda ao Brasil em 1933 de Władysław Raczkiewicz, Marechal da Assembleia Legislativa da República da Polônia” (Bliński, 2021, p. 59). Os múltiplos elogios realizados pelo jornal aos poloneses, ao próprio país europeu e a Raczkiewicz, então, dada a limitada relação entre os países e o prestígio do senador, também poderiam ser um tratamento cortês ao visitante importante e o clima festivo de sua chegada, na forma de uma busca de aproximação com os poloneses da capital gaúcha como potencial leitores e consumidores, bem como o esforço de noticiar um acontecimento da cidade, mas com horizonte em um espaço para possibilidades político-econômicas.

O *Diário de Notícias* destaca, na sequência, as entrevistas, conseguidas por meio de contato com o cônsul Staniewicz³⁷. Com Raczkiewicz, os pontos a serem destacados foram a sua importância política na Polônia, a ocupação de altos cargos e a “presença de um homem insinuante, ainda moço, apesar de ter os cabelos grisalhos”. O chamado “abalizado político europeu” teria oferecido um cigarro, ao que atentam o fato de ser de “fabricação polonesa” e, então, explicaria as razões da viagem naquele momento. Segundo as asserções entre aspas apontadas no periódico, Raczkiewicz aproveitara as férias do Senado para visitar o país, e não em missão oficial, segundo ponderou: “venho tão somente para conhecer este país imenso, tão cheio de beleza e de futuro tão risonho”. Apesar deste destaque, condicionaria sua chegada tendo como objetivo os seus patrícios “que aqui se radicaram, longe da pátria, mas embalados no carinho confortador dos brasileiros”. Com isso, aproximar-se dos que calculava, “300 mil poloneses” no sul do Brasil, ligados à agricultura e “ver a beleza da capital brasileira, proverbial em meu país, como a hospitalidade deste grande povo”³⁸. Há, portanto, na comunicação com a imprensa gaúcha, um ponto duplo de observação: de um lado, a imagem do Brasil como um país acolhedor dos poloneses emigrados, mas ainda assim, a busca de maiores relações da Polônia com estas ádvenas, a fim de estreitar laços com essa população, tendo em vista os múltiplos interesses estratégicos que pairavam a política polonesa do período. Assim, os números citados e a escolha de Porto Alegre, nas “férias” do marechal, não eram aleatórias, mas fruto de objetivos definidos sob o ponto de vista nacionalista polonês e a partir dos critérios de suas políticas com relação a própria imigração e colonização no resto do mundo³⁹.

37 *Diário de Notícias*, 20.07.1933. É de se notar a frequente remissão ao uso do francês como língua para comunicação e, em particular, neste caso, o “corretíssimo” uso do idioma, que o artigo alude aos entrevistados.

38 *Diário de Notícias*, 20.07.1933.

39 Cf.: Walaszek (2003). Sobre o Brasil, ver Kula (1976).

Ademais, dada a ampla recepção de Raczkiewicz por autoridades no Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, podemos denotar que a visita não poderia ser tomada como mero disfrute de lazer. O próprio visitante relata sua acolhida pelo Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, bem como com o então Ministro das Relações Exteriores, Afrânio de Melo Franco, e durante 7 dias na capital federal (muito tempo se compararmos ao período de estada em Porto Alegre), as diversas homenagens entre a oficialidade e as associações polonesas⁴⁰. Destacou a recepção de homenagens das filiais da “Federação das Associações Polonesas no Estrangeiro” (traduzida aqui igualmente por *Rada Organizacyjna Polaków Zagranicy*). Depois tratou da visita aos núcleos poloneses, como no Paraná, onde pode “constatar a potência do braço polonês no cultivo das terras brasileiras”, elevando saudações ao interventor do estado, Manoel Ribas, pelos avanços na agricultura no Paraná, “para o que concorre com a sua parcela a colonização polonesa”. Portanto, o caráter “oficial” da viagem não poderia ser descartado, ademais da preocupação com seu papel de presidente da “Federação das Associações Polonesas no Estrangeiro”, bem como de observar a função desenvolvida pelos emigrantes poloneses e seus descendentes⁴¹.

Na sequência, perguntado, afirmou não ter incumbência de abrir consulado polonês em Porto Alegre, mas que ao ser “porta-voz” para tal missão junto aos seus conterrâneos, conduzindo um pedido nesse sentido ao governo. Afirmava ainda, que no retorno, “tratarei com mais carinho do assunto” e que já havia tido com o legado na capital federal, Tadeusz Grabowski, sobre a temática⁴². Em resumo, neste tópico central, que diz respeito aos interesses poloneses junto aos emigrantes e descendentes daquele país no Brasil, Raczkiewicz não escondia os objetivos de sua estadia, embora tenham sido mais evidentes na imprensa e em documentos oficiais quando na sua passagem por Curitiba. Vinha observar e aproximar-se dos núcleos rurais de emigrantes, das capitais onde existiam números importantes e no contato com suas múltiplas associações étnicas, o que culminaria com a organização do II Congresso, em 1934. Tendo esta imagem consolidada e exposta, chega a asserir, quando o assunto envereda para a política, que a Polônia tinha como objetivo ser “um país a altura das primeiras potências mundiais”, palavras que marcam os ideais nacionalistas do período entreguerras polonês como tem sido demonstrado (Trindade, 2020a), mas deixando claro o desejo de “viver em paz com todas as nações” e solidificar econômica, comercial, social e política do país, com uma campanha de “modernização dos costumes”⁴³,

40 Diário de Notícias, 20.07.1933.

41 Diário de Notícias, 20.07.1933.

42 Diário de Notícias, 20.07.1933.

43 Diário de Notícias, 20.07.1933.

sem especificar diretamente o que significava a última assertiva, mas talvez compreendendo as imagens negativas sobre os poloneses no Brasil diante de alguns intelectuais nacionais. Os objetivos do viajante polonês, dessarte, foram legitimados pelas autoridades federais no Rio de Janeiro e estaduais no Paraná e, então, no Rio Grande do Sul, sem maiores melindres na imprensa local, mas pelo contrário, os jornais tomando tal preocupação num sentido afirmativo e encomiástico de estreitamento dos laços entre as duas nações e a presença do político como sinal de distinção para as cidades em que passava, ainda que poucos dias, como Porto Alegre.

Outro ponto central, portanto, a se evidenciar nos textos publicados pelos periódicos, é a manutenção de relações amigáveis com o Brasil, centrada num aparente genuíno tom elogioso com relação ao país. Segundo o artigo do *Diário de Notícias*, embasado ainda na entrevista com o visitante, ele tinha desde a infância intenções de conhecer o Brasil, devido às informações que recebia como sendo lugar “maravilhoso”. Depois, o senador relatou as homenagens que foi alvo das autoridades brasileiras, agradecendo o tratamento. Na sequência, afirmou suas impressões sobre Porto Alegre, como “grande centro”, mas que se “deslumbrou” com o Rio de Janeiro, “é verdadeiramente maravilhoso”, sendo que apesar de ter viajado todo o mundo, como afirma, “não tinha encontrado tanta beleza natural numa cidade”, era a “cidade mais bela do mundo”, portanto, com elogios superlativos à capital federal. Por fim, o jornal publicou uma saudação autografada pelo senador ao Brasil e a “Colônia Polonesa”, como era costume nos periódicos porto-alegrenses na época, repetindo o agrado de Skarżynski para os habitantes da capital gaúcha e os poloneses que lá viviam.

A ECONOMIA COMO FATOR DE ESTREITAMENTO DO VÍNCULO POLÔNIA-DIÁSPORA

Um fator importante da estada de Raczkiewicz no Brasil foram os aspectos econômicos, os quais já eram observados na demanda pelo consulado na capital gaúcha. Assim como ocorreu em Curitiba, este ponto foi visado pela imprensa do Rio Grande do Sul, dada a presença de Adam Piotrowski junto ao Marechal polonês. Conforme Mazurek, o “final da década de 20 e o início da década de 30 marcam o período dos primeiros acordos e contratos comerciais entre os dois países [...]. Naquele tempo a Polônia exportava ao Brasil principalmente carvão, cimento, tubulações, trilhos e zinco” (Mazurek, 2012, p. 243). As ligações comerciais entre as duas nações estavam, ainda que de maneira tímida sob o ponto de vista dos números na troca de produtos, se estreitando e gerando uma série de processos de organização institucional. Um exemplo eram os esforços da Câmara de Comércio Polônia-Brasil (*Izba*

Handlowa Polsko-Brazylijska) (Trindade, 2020a). Muitos intelectuais poloneses e alguns brasileiros, escreveram sobre as potenciais relações comerciais entre os dois países, destacando, neste ínterim, a presença polonesa como um fator de relevo, dada como elemento para exportação de produtos primários e receptor como mercado consumidor de artigos poloneses (Trindade, 2020a).

O *Diário de Notícias*, em grande espaço dedicado ao tema da economia, entrevista Adam Piotrowski sobre as relações econômicas entre o Brasil e a Polônia e suas possibilidades. Piotrowski era um economista polonês e deputado, membro da Câmara de Comércio Polônia-Brasil e da “Associação das Sociedades Polonesas no Estrangeiro”, outra referência ao *Rada Organizacyjnej*, exemplo de motivação semelhante a do senador que presidia a comitiva. Na Polônia, sua dedicação, conforme o periódico, era junto à indústria metalúrgica e o comércio lanífero, ademais da pesquisa acerca das atividades econômicas. Nas suas palavras, vinha para “colaborar nos seus estudos [de Raczkiewicz] da questão econômica na região que está percorrendo”⁴⁴. Nesse sentido, procura demonstrar alguns dados e aspectos a serem levados em conta por ele e nos vínculos entre os dois países, que, então, buscavam estreitar. Destaca a balança desfavorável para a Polônia, com importação de trinta mil contos de réis frente a exportação para o Brasil de somente 2 mil contos⁴⁵. Explora diversos temas e questões econômicas específicas da conjuntura pós-1929 e suas complexidades para efetivar trocas comerciais, dada as distinções com relação a aspectos cambiais e restrições impostas⁴⁶, com isso, enfatiza o esforço em especial nas possibilidades de comércio com o Brasil para igualar a balança. Asseverava que

A Polônia importa do Brasil, entre outros artigos, café, em cujo comércio o Brasil concorre com três quartas partes da importação total, cereais, cacau, cocos, óleos, couro bruto e lã bruta. A Polônia, por sua vez, pode exportar para o Brasil os produtos de sua indústria metalúrgica e têxtil. E assim, tem os dois países grandes possibilidades para realizar intenso comércio de troca, de vantagens para ambos na atual emergência⁴⁷.

44 Diário de Notícias, 21.07.1933.

45 Diário de Notícias, 21.07.1933.

46 Mazower (2001) analisa a contração do comércio europeu e global, de maneira geral, após 1929 e os diferentes movimentos no continente europeu para a superação da crise, a qual trouxe pesadas rearticulações para as taxas de câmbio, bloqueios, flutuações, desvalorizações, e relações com o padrão-ouro, bem como políticas protecionistas e de ampliação de tarifas. O caso polonês seria um exemplo de apego ao padrão-ouro e consequente estagnação, que acompanhava a França e a Inglaterra, em diversos planos semelhantes, que distinguiam dos modelos soviético, daqueles da Alemanha a partir de 1933 e da Itália fascista, ainda das soluções liberais e, de outro lado, do nacionalismo econômico e de forte ação e planejamento estatal, que obteve algum sucesso e nortearia projetos de Kalecki, a serem implementados no estado polonês a partir de 1936.

47 Diário de Notícias, 21.07.1933.

A base da concepção proposta, tomada pelo jornal como sinônimo de “argúcia” do “ilustre economista”, tinha uma expressiva concepção colonialista na relação com o Brasil: o país ficaria responsável por fornecer matérias-primas e, em troca, receber manufaturas. Apesar do destaque ao *superávit* brasileiro naquelas condições, os planos futuros entendiam o Brasil nesta condição e eram propalados na Polônia, o que incluía a população polonesa como elemento para equação econômica e os objetivos industriais do país⁴⁸. O discurso do deputado polonês se enquadrava tanto nos elementos simbólicos da formulação narrativa acerca das Américas na Europa do período sob uma ótica imperialista (Said, 2011), quanto da sua versão propriamente polonesa conformada na forma de um “discurso colonial” (Balogun, 2017, Puchalski, 2017) e que se evidencia como produções discursivas em fontes diplomáticas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, na segunda metade dos anos 1930, a qual indicava os intuítos poloneses, já nesse período, de forma negativa, assim como em periódicos de Curitiba (Trindade, 2020a). Os objetivos pós-1930 e durante aquilo que denominamos Era Vargas, mas que se estende até os anos 1980, de expansão industrial do Brasil e fomento à substituição de importações entre outros elementos para complexificação econômica e sua autonomização, era um discurso (com matiz nacionalista) que vai se tornando cada vez mais importante no país, indo de encontro aquilo que era imaginado na Europa, e, neste caso, na Polônia, como papel dos países da América do Sul na Divisão Internacional do Trabalho.

Nesse ideal de comércio proposto pelo deputado, a Polônia estaria condicionada a fornecer a exportação de locomotivas, trilhos de aço, arame, máquinas têxteis, artigos de cobre, fio de lã, carvão e produtos de petróleo. Já o Brasil, contribuiria com matérias-primas e produtos agrícolas, em especial, o arroz. Propagandeando o fato de a Polônia estar, para tanto, preparada e o Brasil necessitaria, na sua visão, dos produtos poloneses⁴⁹. O economista observava uma “atmosfera benéfica para o ambiente comercial polono-brasileiro”, embalados, segundo as suas definições, na entrevista, pela “igualdade política”, o que para o *Diário de Notícias* parecia um “perfeito acordo”, em que seriam colocadas de lado a separação dos países pela “distância, idioma, origens e tendências étnicas, para abranger, numa união simbólica, apenas seus interesses comuns”⁵⁰. O próprio periódico partia de um pressuposto sobre o Brasil, construído ao longo dos últimos séculos, de um país exportador de *commodities* e que tinha nestes

48 Tema referido também por Kula (1976), quanto a aspectos econômicos e comerciais e a população polonesa no exterior.

49 *Diário de Notícias*, 21.07.1933.

50 *Diário de Notícias*, 21.07.1933.

aspectos sua força econômica e poder de barganha, portanto, as palavras do economista, para além do enaltecimento para com um visitante estrangeiro e o aspecto respeitoso necessário com ele, era diretamente articulado aos elementos culturais e discursivos existentes em parte da intelectualidade nacional, que aos poucos eram confrontados com um discurso novo promovido no âmbito do governo federal, a ser construído junto a um novo pensamento.

O deputado polonês teria palestrado com importadores no Rio de Janeiro e feito encontros em Porto Alegre, mas, segundo informava, não teria vindo elaborar diretamente transações, mas sim aproveitado a oportunidade para expor as possibilidades comerciais entre os dois países. Além disso, questionado reiteradamente sobre o tema, tratou da crise econômica, na Europa e Polônia, com base em opiniões próprias, ainda que sem maiores conclusões. Depois evidenciou ainda aspectos sobre as tarifas, em especial para proteger o recente crescimento da economia polonesa, que ainda era incipiente devido à independência há poucos anos⁵¹.

Posteriormente, Raczkiewicz e sua comitiva se despediram, novamente sob os auspícios da “colônia polonesa” local, e deslocaram para a Argentina, “deixando as melhores impressões sobre os lugares que visitou”⁵², motivo de nova atenção para a cidade de Porto Alegre, mas também, para os poloneses ali radicados. Diferentemente do Paraná, não visitou colônias fora da cidade, sequer as mais próximas, como Mariana Pimentel, dedicando o pouco tempo somente na capital do estado. O “povo gaúcho” foi ainda motivo de agradecimentos quando do retorno de Raczkiewicz e nova passada pelo Rio de Janeiro, na volta de Buenos Aires⁵³. O espaço dedicado pelo *Diário de Notícias* em especial, mas também pelo *Correio do Povo*, com muitas fotografias, grandes artigos e entrevistas com a comitiva polonesa é destacado se compararmos à imprensa curitibana, analisada em outro momento para o mesmo caso (Trindade, 2020a) e, igualmente, pode revelar aspectos semelhantes aos que evidenciamos para as comparações da chegada de Skarżyński nas duas capitais estaduais (Trindade, 2020a, 2020b). As recepções da comunidade polonesa e da oficialidade nas duas cidades poderia ser tomada de forma semelhante, em Curitiba, ademais de mais associações e lideranças envolvidas, Manoel Ribas esteve até mais presente que Flores da Cunha junto a Raczkiewicz. No entanto, em termos de representação na imprensa, de longe a capital gaúcha promoveu maior atenção à chegada dos poloneses, motivo até de elogio de Lepecki⁵⁴, ainda que sendo um

51 *Diário de Notícias*, 21.07.1933.

52 *Correio do Povo*, 22.07.1933.

53 *Correio do Povo*, 13.08.1933 e *Diário de Notícias*, 13.08.1933.

54 *Diário de Notícias*, 21.07.1933.

grupo minoritário na comparação com a cidade paranaense. Este fato, de Porto Alegre não ser um grande centro polonês, pode inclusive ter sido balizador desta diferenciação, num sentido de prestígio para a cidade e sua “colônia polonesa” a chegada de eminentes visitantes do país europeu. Ainda que não descartamos, contudo, a própria diferença de perfis de imprensa e redação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expor as observações de representações e identidade, aqui, particularmente na sua adjetivação étnica e, eventualmente, nacional, isto é, o nacionalismo, podemos refletir acerca da importância dos “notáveis” como visitantes que justamente permitiam o desenvolvimento de processos de exposição de um grupo específico de imigrantes e seus descendentes, que buscavam se constituir enquanto tais na sociedade de acolhida. As referências frequentes nas páginas dos jornais, os momentos de celebração, de comemoração, as nomeação como poloneses e das suas instituições e associações de características diversas, a exposição de seus líderes, da presença de representantes consulares, intelectuais, esportistas e artistas, as referências adjetivas ao país de origem e aos vínculos positivados com o Brasil, nas possibilidades de intercâmbio de forma otimista, somando à própria biografia do ilustre visitante e sua relação com o nacionalismo polonês, moldariam aspectos importantes representacionais, de marcação de diferença e construção de identidade polonesa, a *polonidade*, no Brasil. Especialmente, no espaço gaúcho, onde eram uma minoria, em termos numéricos e, também, de representação social, diante tanto da população “brasileira” como de outros grupos imigrantes, como alemães e italianos.

Não se pode concluir ainda definitivamente se resultado de sua estadia e/ou das demandas da comunidade local naquela altura, mas em 1937, é criada uma agência consular polonesa em Porto Alegre, sob responsabilidade do então cônsul em São Paulo, Edward Chołoniewski⁵⁵. O fato é que Raczkievicz, não apenas serviu como mola propulsora de sentimentos de orgulho e honra étnicas frente décadas de preconceito expostos na oficialidade e intelectualidade gaúcha, mas proporcionou visibilidade entre os poloneses através de jornais de ampla cobertura, externos à comunidade e escritos em português, em que foram transparecidos sua capacidade de associação para se (auto)denominar enquanto “colônia polonesa” e, ao mesmo tempo, adjetivar-se. Sendo seus representantes e instituições publicizados nos periódicos, bem como permitiu elogios à Polônia como nação e “potência” amiga do Brasil. Contudo, serviu também aos propósitos políticos e estratégicos da própria Polônia, tanto de estreitar os vínculos com o Brasil, de

⁵⁵ Nota da Secretaria de Estado do MRE, Hildebrando Accioly para encarregado de negócios da Legação Polonesa no Rio de Janeiro, Kazimierz Zaniewski, 15.09.1937. (Trindade, 2020a).

maneira geral sob a ótica política, diplomática e econômica, contando com o suporte de Piotrowski, mas também, estreitar relações com a diáspora polonesa e seus descendentes, foco de atração e interesses, esses com imagens coloniais e emigrantistas que por décadas eram formulados por nacionalistas, intelectuais e pelo próprio governo polonês pós-independência. Estes fatores descaracterizariam a viagem de “férias” da comitiva ao Brasil e, sobretudo, a Porto Alegre, ainda assim, permitiu seu deslumbre com as belezas do Brasil e sua capital, conforme gentilmente relatavam aos entrevistadores do *Diário de Notícias*.

Era a concepção de diferentes objetivos de promoção da *polonidade*, fosse como identidade nacional formulada na Europa, fosse como identidade étnica constituída no Brasil, a partir de representações positivas atreladas a um momento de chegada de diversos visitantes intelectualizados provindos da Polônia, de importância em diferentes áreas e que procuravam as regiões de presença polonesa no país. O Rio Grande do Sul e sua imprensa, são, nesse contexto, espaço e fontes preciosas para observar as articulações deste período, as aproximações Polônia-diáspora, as configurações daquilo que se autodenominava, mas também, construída na alteridade, na sociedade de acolhida porto-alegrense e seus veículos de informação.

REFERÊNCIAS

FONTES:

Correio da Manhã, junho de 1933.

Correio do Povo, julho e agosto de 1933.

Diário de Notícias, julho e agosto de 1933.

Lepecki, Bohdan. Podróż prezesa Rady Organizacyjnej Polaków z Zagranicy do Ameryki Południowej. Warszawa, 1933.

Nota da Secretaria de Estado do MRE, Hildebrando Accioly para encarregado de negócios da Legação Polonesa no Rio de Janeiro, Kazimierz Zaniewski, 15.09.1937.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKUŁA, Bogusław. Colonial and Postcolonial Aspects of Polish Borderlands Studies: an Outline. **teksty drugie**, n. 1, pp. 96-123, 2014.

BALOGUN, Bolaji. Polish lebensraum: the colonial ambition to expand on racial terms. **Ethnic and Racial Studies**, pp. 1-19, 2017.

BILIŃSKI, Wojciech. Polônia-Brasil: Relações Diplomáticas nos anos 1918-1945. **Magazyn Historyczne Mowa Wiek**, pp. 48-59, n. 2, 2021.

- BLEJWAS, Stanislaus A. Old and New Polonias: Tensions within an Ethnic Community. **Polish American Studies**, Vol. 38, No. 2, pp. 55-83., 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo, v.11, n.5, pp.173-191, 1991.
- CIENCIALA, Anna M. The Foreign Policy of Józef Piłsudski and Józef Beck, 1926–1939: Misconceptions and Interpretations. **The Polish Review**, 2011.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, DE LUCA, Tania Regina (organizadores). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski editores, 2005.
- GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. A emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- KICINGER, Anna. Polityka emigracyjna II Rzeczypospolitej. **Central European Forum for Migration Research Working Paper 4**, 2005.
- KULA, Marcin. Algumas observações sobre a emigração polonesa para o Brasil. **Estudios Latinoamericanos**, v. 3, pp. 171-178, 1976.
- KULA, Marcin. Diferentes, mas semelhantes. **Magazyn Historyczne Mowa Wiek**, pp. 7-19, n. 2, 2021.
- ŁUKOWSKA, Maria, STEPIEŃ, Justyna. Postcolonialism ant the polish colonial ideology. COURTNEY, Krystyna Kujawińska, PENIER, Izabella, CHAKRABARTI, Sumit. **The PostMarked World: Theory and Practice in the 21st Century**. Newcastle: Cambridge Scholar Publishing, 2013.
- MAZOWER, Mark. **Continente Sombrio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAZUREK, Jerzy. As transformações da comunidade polônica e o seu papel nas relações polono-brasileiras. DÍAZ-SZMIDT, Renata (org.). **Identities Revisited, Identities Reinvented – transformações dos espaços sociais, políticos e culturais nos países de língua oficial portuguesa**. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, 2012.
- MAZUREK, Jerzy. **Noventa anos das relações diplomáticas entre a República da Polônia e a República Federativa do Brasil**. Brasília: Embaixada da República da Polónia, 2010.

- MICK, Christoph. Colonialism in the Polish eastern borderlands 1919–1939. In: HEALY, R.; DAL LAGO, Enrico (eds.). **The shadow of colonialism on Europe's modern past**. Cambridge Imperial and Post-Colonial Studies Series. Basingstoke, England; New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- NIEVINSKI FILHO, Estácio. Os poloneses em Porto Alegre. In **Projeções**: revista de estudos polono-brasileiros, Ano IV, n. 1, p.85-92. Curitiba, Editora Projeções, 2002.
- PESAVENTO, S. J. Cultura e representações, uma trajetória. *Anos 90*, [S. l.], v. 13, n. 23, p. 45–58, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6395>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- PUCHALSKI, Piotr. The Polish Mission to Liberia, 1934–1938: Constructing Poland's Colonial Identity. **The Historical Journal**, pp. 1–26, 2017.
- PUCHALSKI, Piotr. Emigrants into colonists: Settlement-oriented emigration to South America from Poland, 1918-1932. **Journal of Modern European History**, v. 19 n. 2, pp. 222-238, 2021.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SMOLANA, Krzysztof. Sobre a gênese do estereótipo polonês na América Latina (caso brasileiro). **Estudios Latinoamericanos**, v. 5, p. 69–80, 1979.
- SMOLANA, Krzysztof. Recenseamento da população polonesa no Brasil 1934–1938. **Estudios Latinoamericanos**, 1980, v. 7.
- SMOLANA, Krzysztof. Roteiros poloneses na América Latina. In.: DEMBICZ, Andrzej, SMOLANA, Krzysztof. **A presença polonesa na América Latina**. Varsóvia: CESLA, 1996.
- SMOLANA, Krzysztof, BARYS, Dorota. **Consulado Geral da Polônia em Curitiba**: 90 anos de história do mais antigo consulado polonês na América Latina. Curitiba: Ed. ATP, 2010.
- SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha**, Tese de Doutorado em História - PUCRS, 2005.
- STREIFF, Jocelyne Fenart & POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**: São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- STYRNA, Paweł. “Defense of Western Civilization or “Polish Imperialism?””. **The Polish Review**, 58, no. 4, pp. 3-27, 2013.
- TRINDADE, Rhuan T Zaleski. **Um cientista entre colonos**: Ceslau Biezanko, educação, associação rural e o cultivo da soja no Rio Grande do Sul no início da década de 1930. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- TRINDADE, Rhuan, SZYMANSKI, Konrad. Juliusz Szymanski: um polonês entre dois continentes. **Boletim TAK**, n. 3, pp. 8-9, 2017.

TRINDADE, Rhuan T Zaleski. Intelectuais na “selva brasileira”: representações de imigrantes poloneses sobre o Brasil e seus habitantes a partir da perspectiva da “cultura do imperialismo” no final do século XIX. **Diálogos**, v. 22, n. 3, 2018. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41597> Acessado em 25 jun. 2019.

TRINDADE, Rhuan T Z., MALIKOSKI, Adriano. Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul e a I Guerra Mundial: as divisões na colônia polonesa através do relatório “A Missão Polaca”. **Rev. de Hist. Regional**, vol. 23, n. 2, pp. 256-278, p. 2018.

TRINDADE, Rhuan T Zaleski. “**Um Imperialismo Polonês**”: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período entreguerras. Tese de Doutorado em História – UFPR, 2020a.

TRINDADE, Rhuan T Zaleski. “Azas polonesas sob o céu rio-grandense”: a visita de Stanisław Skarżyński a Porto Alegre, 1933. In.: MAZUREK, Jerzy (organizador). **POLÔNIA E BRASIL – mais próximo do que parece**. Varsóvia: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, 2020b.

WACHOWICZ, Ruy. C. **O camponês polonês no Brasil**: Raízes medievais da mentalidade emergente. Curitiba, PR. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná. 1974.

WACHOWICZ, Ruy C.; MALCZEWSKI SChr, Zdzisław. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba: Vicentina, 2000.

WALASZEK, Adam. “Wychodźcy, Emigrants or Poles? Fears and Hopes about Emigration in Poland 1870-1939.” **AEMI Journal**, 1, Aalborg, 2003.

WANDYCZ, Piotr. The Second Republic, 1921 – 1939. **The Polish Review**, v. 54, n. 2, pp. 159-171, 2009.

WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antonio, GRÜTZMANN, Imgart, ARENDT, Isabel Cirstina (orgs.). **Campos múltiplos**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. **Tempos Históricos**, v. 19, n. 1, pp. 253-273, 2015.

REMINISCÊNCIAS DA POLONIDADE EM NOVA PRATA - RS

Cláudio da Costa¹

Passados mais de 100 anos do município de Nova Prata, este capítulo busca estabelecer uma revisão histórica da imigração polonesa na região, a fim de compor uma síntese da polonidade no município e região. Durante a revisão bibliográfica, para fins de correção histórica, foram acertados erros de grafismo dos sobrenomes poloneses, tornando-os coerentes conforme a pronúncia.

A seguir o leitor encontrará o panorama histórico da chegada dos imigrantes poloneses à região de Nova Prata, de alguns dos religiosos e suas destacadas contribuições para com os imigrantes poloneses, para em seguida situar o leitor nas localidades de inserção do contingente polonês. Por fim, o leitor encontrará dados sobre a organização e manutenção da polonidade na atualidade.

CAPOEIRAS/SÃO JOÃO DO HERVAL À NOVA PRATA (1846 - 1924)

De acordo com XERRI (2004, p.38): “O território, onde atualmente está localizado o município de Nova Prata, despertou interesse inicial de Sezefredo José Ferreira, que em 1846 teria se apossado das terras”, anteriormente habitadas pelos nativos da tribo Coroados². Em 1847, Sezefredo vendeu uma parte das terras a Silvério Antônio de Araújo.

Com a regulamentação imperial da lei de terras (1850), Sezefredo tornou-se proprietário, mas devido ao avanço da colonização para as terras além do Rio das Antas, acabou vendendo-as novamente, em 1854, a Silvério Antônio de Araújo. Que por sua vez demorou em legalizar a propriedade, vindo a receber a posse de somente uma parte da área, a outra parte foi entendida em juízo pertencer ao estado (XERRI, 2004, p. 33, 38-39)³.

Conforme relatos de Dr. *Stanisław Kłobukowski*, representante da Sociedade Comercial/Geográfica de *Lwów*, em 1896, durante sua passagem pelo Rio Grande do Sul em visita aos núcleos de imigração polonesa, descreve a região:

1 Graduado em História e Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul, graduando em Artes Visuais e bolsista BIC/CNPq. E-mail: claudiodacosta07@gmail.com.

2 Cf. XERRI, Eliana Gasparini (2004, p. 31).

3 Para aprofundamento, cf. XERRI, Eliana Gasparini (2004, p. 37-42).

A 7ª seção, bela, levemente montanhosa e habitada por poloneses, finda nas terras do Sr. Antônio Araújo. Este chegou ao razoável patrimônio de uma maneira muito geniosa. Em meio a algumas milhas quadradas de suas terras, mediu um determinado espaço para o governo, a fim de nele fundar uma cidade. O povo acorreu a este local erguendo umas cem casas e várias lojas. Os preços das terras do Sr. Araújo subiram nas alturas. Essa cidadezinha chama-se Capoeiras ou São João do Herval (KOZOWSKI, 2006, p. 62).

Esse relato confirma as disposições de XERRI (2004, p.34), quando aponta que em 1879, Silvério Antônio de Araújo doou ao padroeiro uma série de lotes a fim de que ali fosse construída uma igreja de madeira, sendo o término da Estrada Buarque de Macedo, “(...) estrada que ligava Lagoa Vermelha a São João do Montenegro, alcançando Capoeiras em 1878”, o marco inicial da imigração no local. A historiadora pontua a existência de um relato contido no *Livro-Tombo I* que indica a chegada dos primeiros imigrantes poloneses a região.

Em consulta ao *Livro-Tombo I* do Arquivo da Paróquia São João Batista de Nova Prata, no verso da página 01, está inscrito que: no ano seguinte, teriam chegado os *polanos*, indicando que no ano de 1879 chegaram os imigrantes poloneses a região da atual Nova Prata. Nota-se que o termo utilizado é o mais polido entre as terminologias, demonstrando a erudição do escrevente. O relato trata-se de transcrições das anotações do Pe. Carlos Porrini, realizadas em 1914.

Esse relato coloca em xeque o ano de 1890, apontado por STAWINSKI⁴ como ano da chegada dos imigrantes poloneses à região. Esta data é considerada devido ao elevado número de imigrantes poloneses, conservado pela historiografia local, que atribui por volta dos anos de 1890 como a chegada dos primeiros imigrantes poloneses à região de Nova Prata (XERRI, 2004, p. 49).

Porém, esse relato contido no *Livro-Tombo I*, indiciando o ano de 1879 como ano da chegada dos primeiros imigrantes poloneses à região de Nova Prata, merece investigação própria, pois aproxima-se das disposições de KOZOWSKI (2006, p. 24), no tocante, que as primeiras famílias polonesas chegaram ao Rio Grande do Sul antes de 1875, por vezes mescladas ao contingente alemão. Ao mesmo tempo, sustenta a revisão histórica fundamentada por GARDOLIŃSKI⁵, que em ostensiva visita aos núcleos de imigração polonesa elege o ano de 1876 como ano da chegada das “primeiras levas” de imigrantes à “encosta superior do Nordeste”. Por fim o recente estudo de ZUGNO (2016, p. 159) pontua sobre a imigração polonesa: “Os primeiros chegaram em Garibaldi em 1872. Eram 26 famílias vindas da região sob ocupação da Prússia”.

A lacuna de maiores registros destes pioneiros imigrantes poloneses direcionados a região do Prata, é agravada por fatores como: a ausência de

4 Cf. STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 55).

5 Cf. GARDOLIŃSKI, Edmundo (1977, p. 101).

registros formais, já que são anteriores à ‘abertura’ oficial da colônia e da paróquia, e o isolamento social dos imigrantes poloneses, direcionados para lugares afastados dentro das colônias⁶. Outros fatores são: a baixa ou ausente instrução, legadas a boa parte da população polonesa, sobretudo, sob jugo russo⁷, e pelo perfil agrícola dos primeiros imigrantes poloneses⁸. Esse perfil agrícola pode ser sustentado pela análise do *Dicionário Histórico/Geográfico e Estatístico do Município de Alfredo Chaves*⁹, que ao descrever os comércios e serviços existentes na Colônia de Alfredo Chaves, nos anos de 1922, constata haver somente três casas de comércio/serviços registradas em nome de poloneses, uma destas, situada no segundo distrito (Capoeiras) era a sapataria de Estanislau Sobiesiak. Sendo ali, provavelmente, no lote nº 2, 6ª seção, linha General Osório, que pernitoou o Dr. Stanisław Kłobukowski, em 1896, durante sua visita à região de Capoeiras (KOZOWSKI, 2006, p. 61).

Cabe lembrar que a Colônia de Alfredo Chaves¹⁰ foi criada oficialmente em 1884, deixou de ser colônia e foi elevada à categoria de município em 15 de janeiro de 1898, passando a denominar-se Município de Alfredo Chaves. Seu território abrangia os atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araçá e Paraí (STAWINSKI, 1976, p. 55). A localidade de Capoeiras ou São João do Herval, como também era conhecida, passou a integrar o 2º distrito de Alfredo Chaves.

Nova Prata, por sua vez, conquistou a emancipação em 11 de agosto de 1924, por decreto assinado por Antônio Borges de Medeiros¹¹. De acordo com XERRI (2004, p. 49-50), ao chegarem os imigrantes poloneses, estabeleceram-se, sobretudo, nas linhas quarta, quinta, sexta e sétima, sendo na linha sexta, nas proximidades do atual município de Vista Alegre do Prata¹², o local de maior concentração de famílias polonesas, destacam-se os sobrenomes poloneses:

6 Sobre essa questão cf. STAWINSKI, Alberto Victor (1976); WONSOWSKI, João Ladislau (1976); KOZOWSKI, Vitor (2006), entre outros.

7 Dentro do processo de germanização era comum a modificação dos nomes e sobrenomes poloneses, a instrução quando ocorria era sempre em língua alemã, por isso há registros de imigrantes poloneses bilíngues, pois conservaram secretamente dentro dos lares os costumes e idioma polonês. No caso da russificação a opressão era ainda mais incisiva, sendo vetado o acesso das populações polonesas à instrução (ZAMOYSKI, 2010).

8 Cf. STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 210).

9 PIMENTEL, Gaspar (1923, p. 69).

10 A Colônia de Alfredo Chaves pertenceu, até sua emancipação (1898), ao município de Lagoa Vermelha, que pertenceu a Santo Antônio da Patrulha, um dos quatro municípios originários do Rio Grande do Sul, segundo a primeira divisão administrativa de 1809.

11 Cf. XERRI, Eliana Gasparini (2004, p. 58).

12 Vista Alegre do Prata pertencia a Nova Prata, tendo sua emancipação em 09 de maio de 1988, sendo referido na bibliografia também pelos nomes: Augusto Severo, Alexandre Gusmão, e/ou Vista Alegre.

Błaszczyk, Brzeziński, Bufalt, Fidler, Gajewski, Grzebielucha, Kaczalla, Karpiński, Kazimierski, Knypel, Kolakowski, Koprowski, Kriger, Kujawa, Maciak, Modelski, Muszyński, Petrykowski, Prokowski, Rabulka, Rapkiewicz, Skowroński, Sobieski, Suder, Szolyga, Sztormowski, Tartaś, Waśkiewicz. Segundo KOZOWSKI (2006, p. 47), as Linhas também conhecidas pelos nomes: Senador Otaviano (7ª), General Osório e Vista Alegre (6ª), Bento Gonçalves (5ª), General Neto e David Canabarro (4ª), foram: “As últimas terras da Colônia de Alfredo Chaves que receberam poloneses...”.

A data considerada para a imigração polonesa em Nova Prata ronda os anos de 1890, devido à quantidade de imigrantes que para ali se direcionaram nos recém ‘abertos’ lotes da comissão colonizadora. Diversos imigrantes que vieram a ocupar lotes no ‘Grande Prata’ já haviam ocupado lotes em outras partes da Alfredo Chaves (sobretudo, na 8ª e 9ª seções) ou mesmo nas Colônias vizinhas (Cond’Eu e Dona Isabel), reemigrando para Capoeiras porventura da abertura de novos lotes coloniais. Tão logo os imigrantes foram ocupando os lotes, organizaram-se as comunidades a fim sustentar o mutualismo necessário para enfrentar as adversidades da nova pátria. Os pilares foram o trabalho, a religiosidade e a educação.

RELIGIOSOS DA POLONIDADE PRATENSE

Na história da imigração polonesa em Nova Prata, é notável a atuação de religiosos de diversas congregações. São dignos de menção nomes como: Pe. Jesuíta José Von Lassberg¹³, Pe. Antônio Rizzotto¹⁴, Frei Alberto Victor Stawinski¹⁵, entre outros; que contribuíram e contribuem atualmente para a manutenção de aspectos da religiosidade polonesa entre os pratenses. Devido à brevidade desse texto, procedeu-se a difícil tarefa de julgamento, partiu-se do critério dos que mais incisivamente contribuíram para a formação dos primórdios da história da polonidade em Nova Prata, sendo elencados: Pe. Josué Bardin, Frei Honorat Jedliński e Mons. Cônego João Antônio Peres.

13 Foi um missionário jesuíta alemão, seu pioneirismo merece louros em muitos aspectos, sensibilizou-se pelo abandono espiritual que se encontravam os imigrantes poloneses e trabalhou junto aos frades capuchinhos recomendando a vinda de religioso polonês (COSTA, 2019, p. 122-126). Sobre Von Lassberg, cf. RABUSKE, Arthur (1978, p. 93-107); STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 89-91).

14 Por um tempo exerceu trabalho pastoral atendendo os poloneses na linha 6ª – Vista Alegre, Nova Prata (STAWINSKI, 1976, p. 88-89).

15 Frei Stawinski, dispensa comentários de relevância dentro dos estudos sobre a imigração polonesa e da polonidade no geral. Teve inúmeras passagens por Nova Prata e região, apoiador da BRASPOL e da união dos descendentes em prol do resgate histórico e manutenção da cultura polonesa. Sua atuação foi muito extensa e ativa, minimamente, requerendo um estudo próprio.

A Figura 1 apresenta uma rara fotografia de Pe. Josué Bardin (★ 01/08/1859 –† 02/08/1944), datada de 1903, considerada símbolo da presença religiosa polonesa na região. A imagem, preservada no acervo da BRASPOL de Veranópolis, representa a memória visual de uma figura de forte relevância na constituição da identidade católica e polonesa no município.

Figura 1 – Pe. Josué Bardin (1903)



Fonte: Acervo BRASPOL de Veranópolis. Fotografia intitulada *Presente dos poloneses ao Pe. Bardin*.

No ano de 1892, em visita pastoral pela Colônia de Alfredo Chaves, D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão percebeu a necessidade de atendimento religioso aos territórios de Monte Vêneto (atual Cotiporã) e de Capoeiras (atual Nova Prata), nisso estabeleceu em 25 de abril de 1893 o curato de Capoeiras, sendo nomeado como primeiro capelão o Pe. Josué Bardin¹⁶, que desde a chegada dos poloneses vinha prestando zeloso atendimento espiritual. Aprendeu o polonês na Linha José Júlio – Santa Tereza com o auxílio das famílias Reszka e Hamerski¹⁷. O curato do “Padre Josué Bardin, italiano de nascimento, mas polonês de coração”¹⁸, em Capoeiras, foi de 1893 a 11 de junho de 1896 (STAWINSKI/BUSATTA, 1982, p. 41-42). Segundo relatos de simpatizantes da história da polonidade em Nova Prata, seu breve curato se deve, sobretudo, a disputas internas de poder entre o clero da época, que visou barrar os planos do Pe. Josué em “(...) organizar uma

16 Natural de *Santa Giustina* – Itália. Para saber mais cf. STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 85-88).

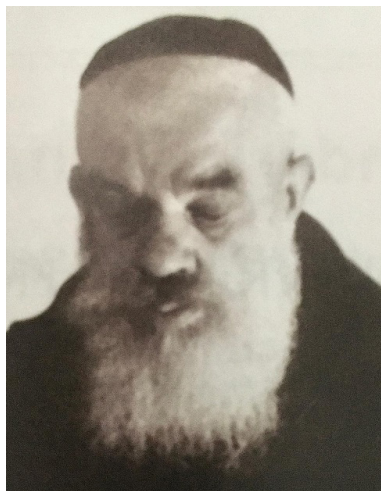
17 De 1888 a 1891, Pe. Josué Bardin foi cura de Santa Tereza, cf. KOZOWSKI, Vitor (2006, p. 51). Segundo estudo da família Hamerski, essa aprendizagem se deu entre os anos de 1886-1888.

18 STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 87).

paróquia inteiramente polonesa” (STAWINSKI, 1976, p.86). Seu apostolado em Capoeiras pode ter sido abreviado, porém ficou marcado na história de Nova Prata. Sua memória atualmente é homenageada pelo nome da Escola Municipal Padre Josué Bardin, localizada no Bairro São João Bosco. Devido a seu dedicado trabalho pastoral, principalmente nas comunidades polonesas, recebeu das mãos do Mons. Cônego João Antônio Peres, duas condecorações. Uma em 1935, concedida pelo Arcebispo Dom João Becker, recebendo o título de Cônego Honorário. E a outra em 1939, em nome do governo polonês, recebeu a medalha de ouro “*Polonia Restituta*”, alta condecoração outorgada somente às pessoas que prestaram importantes serviços à Polônia. Segundo STAWINSKI/BUSATTA (1981, p. 70), o já idoso Cônego Josué Bardin “... daí em diante, passou a trazer sobre o peito essa condecoração, que o acompanhou até o túmulo”.

Frei Honorat Jedliński (★ 23/11/1869 – † 01/09/1952) também figura entre os nomes de destaque na história da polonidade pratense. Seu legado permanece vivo na memória da comunidade e pode ser visualmente resgatado por meio da fotografia apresentada a seguir, publicada originalmente na obra *Pax et Bonum* (2011, p. 253) sob o título “Foto de perfil”. A imagem também integra o acervo da BRASPOL de Veranópolis.

Figura 2 – Frei Honorat Jedliński



Fonte: PAX ET BONUM, 2011, p. 253. Acervo BRASPOL de Veranópolis.

Frei Honorat foi o primeiro capuchinho polonês a prestar atendimento religioso aos imigrantes poloneses radicados no Rio Grande do Sul. Natural de *Przemyśl* – Polônia, chegou na colônia Conde D’Eu (atual Garibaldi) em 22 de março de 1901¹⁹. Entre as benfeitorias de sua passagem pelas comunidades

¹⁹ ZUGNO, Vanildo Luiz (2016, p.160) *apud* GILLONNAY, Bruno de (2007, p. 186).

polonesas, entre os anos de 1901 e 1906, destacam-se a fundação de 25 escolas, sendo 2 delas localizadas em Capoeiras, atual Nova Prata (STAWINSKI, 1976, p. 91-94). Uma das escolas foi fundada em 1901, na Linha 7ª, na comunidade do Gramadinho (XERRI, 2004, p.151). E a outra escola segundo GARDOLINSKI (1977, p. 108) foi na Linha 6ª, na comunidade de São Estanislau, fundada em 1902. A memória deste frade deve ser exaltada pois o religioso combateu o analfabetismo entre os imigrantes poloneses de forma incisiva.

Uma terceira escola foi na Linha 4ª, configurando-se como um colégio de internato destinado à formação de professores²⁰. Frei Honorat incumbiu a direção desta escola à Gabriel Muszyński, que posteriormente passou a direção para Estanislau Szabłowski. Segundo STAWINSKI (1976, p.59) a escola de professores foi fundada em 1903. Sendo nela que se formaram os professores que viriam a atender algumas das escolas criadas e geridas²¹ pelos imigrantes em Nova Prata e região. Formaram-se ali professores: Inácio Rapkiewicz, Ladislau Tartaś, Teodoro Olszewski, Estanislau Błaszczyk, Antônio Rabułka, entre outros²². (WONSOWSKI, 1976, p. 31). A escola foi uma das primeiras em toda região, funcionou provavelmente, até 1914, sendo fechada devido à falta de professores qualificados (GARDOLINSKI, 1977, p. 108).

A vinda do Frei Honorat à Missão Capuchinha no Rio Grande do Sul para atendimento dos poloneses, foi indicação do Padre Jesuíta José Von Lassberg²³ em comum acordo com Frei Bruno de Gillonay. Consta a informação que foi o Padre Von Lassberg quem recolheu entre os colonos poloneses da região de Nova Prata a quantia de quinhentos e oitenta mil reis, a fim de custear a vinda para o Brasil do Frei Honorat (ZUGNO, 2016, p.160). Em carta escrita por Frei Bruno, em 17 de setembro de 1900, endereçada ao Superior dos Capuchinhos na Saboia (França), ele destaca a dificuldade enfrentada pelo Padre Von Lassberg²⁴ em recolher esta quantia:

(...) O Padre [Lassberg] a está fazendo atualmente, mas isso vai lentamente, pois não é um pequeno negócio o de se deslocar nas diversas colônias uma depois da outra, perdidas nas florestas. Recolheu-se até o momento mais ou menos 600 francos... eu ousaria vos pedir, Reverendíssimo Padre, de completar vós mesmo aquilo que faltará para a viagem... Vós não acreditais a necessidade que dele tem esses pobres poloneses... (GILLONAY, 2007, p.175-176).

20 Em prospecção, salvo engano, o lugar da antiga escola hoje pertence ao município de Fagundes Varela.

21 Para aprofundamento sobre as questões da escola étnica, cf. MALIKOSKI, Adriano. *Escolas Étnicas Polonesas no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

22 Para saber mais nomes dos egressos, e outras informações pertinentes à esta escola cf. KOZOWSKI, Vitor (2006, p. 54-56).

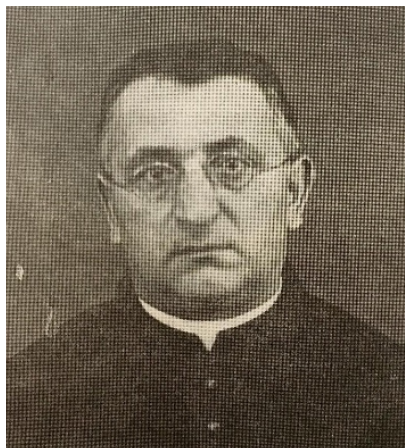
23 Cf. RABUSKE, Arthur (1978).

24 O Padre Von Lassberg, escreveu uma carta de Capoeiras, em 11 de setembro de 1900, explicando ao Superior dos Capuchinhos na Saboia sobre a coleta entre os poloneses. Cf. ZUGNO, Vanildo Luiz (2016, p.160).

Além da fundação das escolas e do trabalho de atendimento religioso, com destaque para a legalização de casamentos e mediação de desavenças entre os imigrantes, Frei Honorat também buscou animar os imigrantes por meio da música, ensinando “(...) canções de cunho popular, sentimental e patriótico”²⁵, mas, sobretudo, organizar a vida em comunidade (PAX ET BONUM, 2011, p. 253). Como sugere fragmento do documento da prestação de contas da Comunidade Sagrado Coração de Jesus²⁶, localizada na Linha 7^a²⁷, que pertenceu até 1964 a Nova Prata, na prestação de contas da comunidade, em que são discriminadas as receitas entre os dias 22 de setembro de 1901 a 16 de abril de 1902, de quanto foi arrecadado de cada família contribuinte, quanto foi ofertado nos cofrinhos, e quanto foi gasto, assim como o montante que ficou para o tesouro da igreja. Por fim assina: *Frei Honorat Jedliński*²⁸.

Na sequência, apresenta-se a imagem do Mons. Cônego João Antônio Peres (★ 03/03/1887 – † 06/06/1955), outra importante liderança religiosa vinculada à história da polonidade pratense, cuja memória também é preservada entre os descendentes.

Figura 3 – Mons. Cônego João Antônio Peres



Fonte: Centenário da Família Hamerski – Bom Jardim, Guarani das Missões/RS. 1984, p. 13.

25 STAWINSKI, Alberto Victor (1976, p. 92).

26 Atualmente, no município de Nova Bassano e administração religiosa da Paróquia de Vista Alegre.

27 A comunidade ocupou o lote de número 60, ali foi construída capela, escola e cemitério (KOZOWSKI, 2006, p. 47).

28 Transcrição do final do documento: Od dnia 22 września 1901 do dnia 16 kwietnia 1902 rachunek kościelnej kasy ty kapliczy. /Przedstawić się jak następuje:/Było przychodu:...189,000/Rozchodu:...136,300/Razem w koście porostaje.52,700/Nato podpiszali się/Frei Honorat Jedliński. Acervo Casa Polonesa. Para saber mais sobre a atuação do Frei Honorat, cf. COSTA, C. (2019, p. 122-126).

Nasceu na Linha de Azevedo Castro (atual município de Carlos Barbosa), foi o primogênito da união de Francisca Hamerski²⁹ e Agostinho Peres. Estudou no Seminário Episcopal em Porto Alegre, sob direção dos Capuchinhos da Saboia³⁰, e no Seminário de Pareci Novo, sendo ordenado sacerdote em 30/11/1911³¹. Em “(...) 13 de janeiro de 1915, foi criada a paróquia de São José de Vista Alegre e para seu primeiro vigário foi nomeado o jovem sacerdote Pe. João Antônio Peres...” (STAWINSKI, 1976, p.59-60). Foi vigário durante 14 anos, de 1915 a 1929³², da paróquia São José de Vista Alegre do Prata, na época pertencente ao distrito de Capoeiras, e depois de 1924 a Nova Prata. Durante este período atendeu não só a paróquia de Vista Alegre, e as comunidades polonesas, mas também diversas comunidades vizinhas³³. Integrou a luta da comissão pela emancipação do município de Nova Prata (XERRI, 2004, p.57). Ocupou o cargo de Secretário-Geral do Arcebispado de Porto Alegre, dos anos de 1930 a 1955, e em 1934 concluiu a construção da Igreja de Nossa Senhora de Monte Claro³⁴, também “(...) difundiu a imprensa, fundou Biblioteca Popular, incentivou o reflorestamento...”³⁵. Os beneméritos de suas contribuições para a região do Prata, assim como para a polonidade como um todo, foram inegáveis. Atualmente sua memória é homenageada em Vista Alegre do Prata com o nome do Colégio Estadual Monsenhor Peres, e em uma das principais ruas da cidade de Nova Prata – Avenida Cônego Peres.

PRINCIPAIS LOCAIS DE INSTALAÇÃO DO CONTINGENTE POLONÊS EM NOVA PRATA

LINHA DAVID CANABARRO (4ª)

Outrora a Linha 4ª, situava-se nos limites do distrito de Capoeiras/São João do Herval, hoje pertence inteiramente a outros municípios, sobretudo a Fagundes Varela, sendo nessa linha onde ficava a escola de internato fundada pelo Frei Honorat Jedliński. Segundo KOZOWSKI (2006, p. 54), a construção

29 Imigrante polonesa, chegou ao Brasil acompanhada da família em 1884, com 17 anos de idade. ARQUIVO NACIONAL. Lista de passageiros – Navio Leipzig – 24.07.1884 – Lista 2278.

30 STAWINSKI, Alberto Victor; BUSATTA, Félix Fortunato (1982, p. 107).

31 Id. (1984, p.13).

32 Id. (1984, p.13).

33 Alguns exemplos de suas atividades foram: a benção da Capela de Nossa Senhora do Caravágio, em 1920, no atual município de Fagundes Varela (FAGUNDES VARELA. 2024. Secretária de Turismo). E dos sinos da Igreja Matriz de Protásio Alves em 25/03/1926 (TESSARI, Anthony B.; XERRI, Eliana G. *Um olhar para as origens: história do município de Protásio Alves*. Protásio Alves, RS: Editora Caxias, 2020. P. 144).

34 Sita Av. Presidente Roosevelt, 920. Porto Alegre/RS

35 Id. (1984, p.13).

da escola nessa região foi uma tentativa de encontrar um local próximo que pudesse servir as diversas comunidades polonesas instaladas nos arredores.³⁶

LINHA BENTO GONÇALVES (5ª)

A linha Bento Gonçalves, também conhecida como Linha 5ª, atualmente composta pelas comunidades de Três Mártires e Santa Catarina, teve uma formação étnica mista, composta por uma maioria de imigrantes alemães, sendo estes os primeiros a chegar nas respectivas localidades, foram seguidos em menor número por famílias italianas e polonesas. Do pequeno contingente de imigrantes poloneses, destacam-se os sobrenomes: *Siutkowski*, *Rutkowski* e *Schadowski*. (XERRI, 2004, p. 138-143).³⁷

LINHA GENERAL OSÓRIO/VISTA ALEGRE (6ª)

A linha General Osório, também conhecida como Linha 6ª, atualmente é composta pelas comunidades de Santo Isidoro, e de Santo Estanislau. Ambas as comunidades possuíram no passado expressivo número de imigrantes poloneses e ainda hoje guardam reminiscências do contingente polonês. Há, aproximadamente, meia distância entre as duas comunidades, no altiplano, localiza-se o antigo cemitério polonês, onde jazem alguns dos imigrantes pioneiros que se estabeleceram na região.

COMUNIDADE SANTO ISIDORO

As primeiras famílias polonesas instalaram-se na localidade pelos anos de 1890, sendo a família *Petrykowski*, acompanhada de algumas famílias italianas e alemãs, uma das pioneiras. Até hoje é habitada por brasileiros de origem polonesa, alguns residentes de longa data como as famílias: *Błaszczczyk*, *Gołębiewski*, *Modelski*, *Petrykowski* e *Podeński*.³⁸ e outros mais recentes, como a família *Hamerski*.

De acordo com XERRI (2004, p. 144), a capela da comunidade teve construção tardia, por volta do ano de 1943, foi edificada uma “(...) igreja simples de madeira e um salão de festas”, em local próximo a capela atual. O movimento para a construção dessa nova capela partiu principalmente dos italianos, mas foram acompanhados por integrantes das famílias *Petrykowski* e *Gołębiewski*, que dissidentes da Capela Santo Estanislau, doaram terreno e integraram a nova comunidade.

36 Para saber mais cf. KOZOWSKI, Vitor (2006, p. 54-56).

37 Para fins de correção histórica os erros de grafismo dos sobrenomes foram ajustados conforme a pronúncia coerente.

38 Cf. XERRI, Eliana Gasparini (2004, p. 144-147).

Ali também funcionou uma escola primária, que iniciou suas atividades em 1927, tendo como primeira professora Melida Lange Fidler. Também foram ali professores de ascendência polonesa: Silvestre Podeński, Josefina Rapkiewicz Lechmann, Jorge Petrykowski, Eloide Fidler e Neiva Grzebielucha. Em data desconhecida, entre 1927 e 1974, a escola passou a denominar-se Escola General Osório, e a partir de 1974 passou a se chamar Escola Municipal Professora Melida Lange Fidler, em homenagem a primeira docente (Id., p.145, 210).

COMUNIDADE SANTO ESTANISLAU

A comunidade foi formada por imigrantes poloneses, sendo pioneiras as famílias *Kaczalla*, *Knypel*, *Sobiesiak* e *Rapkiewicz*. Segundo XERRI (2004, p.147), são referidas como pioneiros os sobrenomes: *Rabulka*, *Waśkiewicz*, *Ziemniczak*, *Prokowski*, *Brzesziński*, *Stachowski*, *Kamiński*, *Gajewski*, *Gregorek*, *Petrykowski*, entre outros. Os primeiros italianos a se instalar na comunidade foram da família Migliavaca. De acordo com relatos de moradores, também a família Ostrowski teve passagem pela comunidade.

Inicialmente a comunidade foi fundada nas proximidades de onde hoje se encontra o antigo cemitério polonês, no altiplano na Estrada Velha da linha General Osório. Ali havia uma pequena capela atribuída a São José, em carta de Józef e Józefa, e Stanislaw Sobiesiak³⁹ à parentes na Polônia, relatam a construção: “Estão construindo para nós uma igreja”, em 1891. (STAWINSKI, 1976, p. 201). Conforme o florescer da comunidade, foi trocado o santo padroeiro para Santo Estanislau, supostamente, sendo responsáveis pela troca do padroeiro as famílias *Błaszczuk*, *Gajewski* e *Wiśniewski*⁴⁰. Acredita-se que isso ocorreu por volta do ano de 1916⁴¹ quando foi construída uma nova capela. Na proximidade do antigo cemitério também havia uma escola, fundada por incentivo do Frei Honorat Jedliński em 1902⁴², construída no lote nº 43, mesmo lote da capela⁴³. Com a modificação do traçado da estrada General Osório, no ano de 1938, a capela foi transferida para a localização atual⁴⁴, fato que modificou a configuração da comunidade como um todo. Com a mudança da capela, a escola também foi transferida, sendo instalada a cerca de dois quilômetros

³⁹ Estanislau Sobiesiak – sapateiro, anteriormente citado.

⁴⁰ Cf. XERRI, Eliana Gasparini (2004, p. 144).

⁴¹ Segundo consta inscrição na “pedra da cruz”, em 1996 a capela completou 80 anos de existência. (Id.).

⁴² Cf. GARDOLINSKI, Edmundo. (1977, p. 108)

⁴³ Para saber mais cf. KOZOWSKI, Vitor (2006, p. 50).

⁴⁴ Antigo lote nº 42. Segundo KOZOWSKI (2006, p. 52), o lote pertencia a Mariano Figler.

da localização atual da capela, em direção a Vista Alegre do Prata.⁴⁵ Segundo KOZOWSKI (2006, p. 53), a escola foi reinstalada no lote nº 53, tendo o terreno da escola sido ofertado por Adão Petrykowski.

A escola, na nova localização, entrou em funcionamento em 1934, recebendo o nome de Escola Municipal Felipe dos Santos⁴⁶. De acordo com relatos de ex-alunos, frequentadores da década de 1960, foi mencionado um professor e seus castigos⁴⁷: ficar ajoelhado no milho na soleira da porta de entrada da escola, de frente para a estrada segurando uma vassoura para quem passasse visse; reguadas, unhas na cabeça, até açoites de vara. “Lembro que teve um dia que uma colega minha apanhou tanto que o guarda-pó branco ficou vermelho, escorria sangue das costas dela... depois desse dia ele se acalmou um pouco, pois teve denúncia dos pais, e quando chegou a inspetora do Prata, quando ele viu que estava estacionando o carro, ele rapidamente jogou a ‘vara’ pela janela e mandou todos ficarem quietos... ela pediu se ele nos castigava, ninguém falou nada, nós tínhamos medo dele”.

A partir de 1992, foi rebatizada em homenagem ao professor Ignacy Rapkiewicz, passando a se chamar Escola Municipal Inácio Rapkiewicz. A escola foi fechada em 1999⁴⁸. Após isso ficou abandonada, e até onde se pode averiguar foi desmanchada e consumida pelo tempo.

De volta à capela, esta ultrapassa o centenário de sua construção. Em visita à capela e ao local⁴⁹, o estado de conservação encontrado se mostrou alarmante. Possuindo algumas infiltrações, paredes e assoalho com evidências de ação de xilófagos, pintura externa com tinta plástica descaracterizando o tipo da construção, janelas danificadas (vidros quebrados e partes faltantes), infestação de morcegos no coro, colmeias, problemas de umidade capilar, entre outros. Em entrevista com os zeladores, Luís e Noemi Rapkiewicz, que com o auxílio dos familiares e alguns vizinhos, mantêm de forma estoica a comunidade aberta. Foi relatado que a comunidade atualmente é bastante reduzida, tendo a evasão das gerações mais novas sido marcante: “(...) saíram para residir no Prata, e noutras cidades, sendo poucos os residentes na comunidade, a maioria é idoso...” relata dona Noemi. Evidenciaram que por diversas vezes tiveram que financiar ‘do próprio bolso’ as manutenções mais urgentes, sem falar nas horas de trabalho e esforço despendido.

A prefeitura fixou uma placa turística ao lado da capela, reconhecendo o local como ponto contemplado no roteiro municipal de turismo; entretanto,

45 O ponto de referência é ficar situada em frente *aos lotes de terras da família Knycpel*.

46 Informações obtidas do Parecer nº 745/2001 da Comissão de Ensino Fundamental do RS.

47 A identidade do professor, assim como a identidade dos depoentes, foi preservada.

48 Informações obtidas do Parecer nº 745/2001 da Comissão de Ensino Fundamental do RS.

49 Realizadas entre outubro de 2024 a janeiro de 2025.

não presta nenhum tipo de auxílio, nem mesmo no corte da grama e na poda das árvores do entorno. A comunidade é composta por salão de festas, capela, campo de futebol e um “novo cemitério”, este último sob administração religiosa de Vista Alegre do Prata.

Em interpretação à Lei Municipal de Nova Prata, nº 9.901, de 07 de novembro de 2017 que versa sobre o Patrimônio Histórico, Natural e Cultural do município e entendendo que a Capela São Estanislau, devido a suas características e importância histórica, trata-se de um patrimônio que pertence a toda coletividade pratense. Em 08 de janeiro de 2025, procurou-se o recém-empossado Secretário de Turismo, a fim de comunicar a situação presenciada. Fui muito bem recebido por Bruno Petrykowski, que tomando ciência dos problemas referentes ao patrimônio cultural do município fez questão de afirmar o compromisso da nova gestão para com a história, inclusive destacando o Art. I da referida lei: “A preservação do patrimônio histórico, natural e cultural do Município de Nova Prata é dever de todos os seus cidadãos e do Poder Público Municipal”.

**Figura 4 – Capela São Estanislau Bispo (ao fundo salão de festas), Nova Prata – RS.
Linha General Osório, 2022.**



Fonte: Patrícia R. Nass.

ANTIGO CEMITÉRIO POLONÊS DA LINHA 6^a

Em visita ao cemitério polonês no altiplano da linha 6^a, foram encontradas cerca de 19 cruzeiros podendo este número ser maior. Os túmulos são à moda antiga, diretamente na terra. O cemitério possui muro de taipa⁵⁰ em todo seu entorno, delimitando o espaço destinado ao cemitério.

O cemitério está integrado à natureza, compondo uma visão particular de resistência sob a ação implacável do tempo. O sepultamento mais antigo que pode ser identificado é do ano de 1901. Ao lado do cemitério ficava situada a primeira capela de Santo Estanislau Bispo, que devido a modificação do traçado da Linha General Osório, em 1938, foi transferida para a atual localização⁵¹.

Segundo diversos relatos de memória oral, o cemitério tinha um portão de madeira com modesto pórtico na entrada. Em entrevista com Alfonso Albino Hamerski, soube-se que o cemitério passou por uma revitalização, por volta dos anos 2000, que contou com o auxílio de membros da BRASPOL de Nova Prata. Comentou que tiveram que proceder a derrubada de árvores e remoção de densa vegetação, e nisso, provavelmente, algumas informações foram perdidas. Destacou que hoje se o cemitério existe foi graças à compreensão dos proprietários das terras, que abdicaram de plantar naquele pedaço pelo bem da preservação da memória dos antepassados. Atualmente, o antigo cemitério polonês se encontra dentro de propriedade particular.

Em visita ao local, fui recebido pelo Sr. Vicente Rapkiewicz, que em postura admirável, me recebeu com a mão direita apoiada na bengala enquanto com a mão esquerda utilizava a enxada. Abnegado zelador do cemitério, disse que a cada 15 a 20 dias realiza manutenção no lugar, pois ‘não pode deixar o mato tomar conta’. Confirmou que o cemitério passou por uma revitalização, ‘sim, eles fizeram o grosso, depois sobrou para mim’, destacando que se encarregou desde então da manutenção.

Percebendo a idade avançada do benemérito zelador, questionei sobre quem daria continuidade ao trabalho de zelador, garantiu dizendo que seu filho – Dionisio Rapkiewicz, dará continuidade à zeladoria do antigo cemitério. Comentou que gostaria de ver a taipa refeita, pois em um dos lados cedeu após a revitalização, recomendou que seja feita mais baixa e mais estreita.

Assim como na capela de Santo Estanislau, na entrada do cemitério existe uma placa turística com algumas informações, reconhecendo o local como ponto turístico contemplado no roteiro municipal de turismo. Durante conversa com

⁵⁰ Antigamente, o muro de taipa também era percebido na delimitação das divisas entre os lotes na linha General Osório, podendo ser facilmente percebido. Atualmente é raridade.

⁵¹ Roteiro Religioso. Nova Prata – RS, 2016.

o senhor secretário Bruno Petrykowski, fui informado que o antigo cemitério polonês tem sua preservação assegurada pela Lei Municipal nº 10.871, de 27 de junho de 2022, Art. 2, inciso IV; novamente fez questão de reafirmar que o antigo cemitério polonês é um patrimônio de toda comunidade pratense sendo a prefeitura municipal corresponsável.

Por se tratar de propriedade particular, trata-se de uma cordialidade requisitar licença para visitar o lugar. No cemitério puderam ser identificadas as sepulturas a seguir:

Noycich Brzeziński (★1887 – †1906)

Teresinha Brzeziński (★22/02/1934 – †07/04/1937)

Andrzej Kamiński (★1860? – †16/03/1924)

Marcin Knypel (★20/11/1872 – †23/05/1924)

Lukasz Modelski (★1856? – †18/10/1936)

Martin Petrykowski (★? – †16/03/1902) e

Josepha Kowalski Petrykowski (★? – †02/09/1905)

Victoria Petrykowski (★19/04/1928 – †03/12/1929)

Babanosca Zozefa Prokowski (★1856 – †1901)

Jan Rabulka (★17/02/1863 – †30/07/1924)

Ludwik Stachowski (★18/08/1833 – †08/11/1924)

Władysław Waśkiewicz (★14/05/1911 – †27/05/1934)

Maryanna Ziemniczak (★25/03/1858 – †12/09/1908)⁵²

⁵² Diversas lápides apresentam erros de grafismo, aqui foram citados os sobrenomes com as correções.

**Figura 5 – Detalhe de uma das cruzes do antigo cemitério polonês na linha 6ª, Nova Prata – RS.
Linha General Osório (6ª) – Estrada Velha, 2022.**



Fonte: Patrícia R. Nass.

LINHA SENADOR OTAVIANO (7ª)

A linha Senador Otaviano, também conhecida como Linha 7ª, atualmente, em Nova Prata, é composta pelas comunidades do Gramado e do Gramadinho. Porém, antigamente comportava também as comunidades do Sagrado Coração de Jesus⁵³, e do Sagrado Coração de Maria⁵⁴, ambas comunidades são da administração religiosa de Vista Alegre do Prata. Segundo KOZOWSKI (2006, p.47), a linha Senador Otaviano foi composta por 134 lotes, sendo inicialmente “(...) do lote número 2 ao 129...” ocupada por imigrantes poloneses.

53 Foi construída no lote nº 60, antes de tudo a capela e o cemitério. Por volta do ano de 1900 foi fundada a escola (KOZOWSKI, 2006, p. 47-48). Atualmente a comunidade do Sagrado Coração de Jesus encontra-se sob a municipalidade de Nova Bassano. Como ocorrido na linha 6ª, a comunidade foi remanejada conforme o novo traçado da estrada ao longo do tempo, realocada a novo local nas proximidades. A administração religiosa é de Vista Alegre do Prata. Comunidade da prestação de contas anteriormente citada.

54 Foi construída no lote nº104, uma capela e uma escola, que no ano de 1897 já se encontravam em funcionamento (KOZOWSKI, 2006, p. 48). Atualmente a comunidade do Sagrado Coração de Maria encontra-se sob a municipalidade e administração religiosa de Vista Alegre do Prata.

COMUNIDADE DO GRAMADO

A comunidade do Gramado⁵⁵ foi fundada por maioria de imigrantes italianos, construíram capela em homenagem a São Julião, também foi construída uma escola de madeira em que lecionou entre outros professores, o professor Inácio Rapkiewicz. Há registros a partir de 1940 da participação de famílias de origem polonesa em atividades da comunidade (XERRI, 2004, p. 148-150).

Em 31 de agosto de 1975, foi comemorado o centenário da imigração polonesa em Nova Prata, na comunidade do Gramado foi feito um almoço comemorativo (XERRI, 2004, p. 107). O churrasco contou com a presença do prefeito, Nagib Stella Elias, entre outras autoridades. A questão cultural ficou a cargo da Sociedade Polônia de Porto Alegre, que vieram em uma comitiva de ônibus, composta por bailarinos, associados e autoridades, destacando a presença da Sra. Zenóbia Wróblewski Gardoliński⁵⁶. Houve apresentações de dança e canto, na ocasião integravam o grupo que se apresentou, o jovem casal Vanda e André Hamerski, ambos então bailarinos.

COMUNIDADE DO GRAMADINHO

Segundo XERRI (2004, p. 151), a comunidade do Gramadinho foi composta inicialmente por uma “(...) maioria polonesa com poucas famílias italianas, mesmo assim a convivência sempre foi harmoniosa”, a ocupação inicial tendo ocorrido por volta dos anos de 1890 a 1892. Destacando o relato de Francisca Krüger Koprowski, residente desde 1915 na referida comunidade, que pontua aspectos dessa convivência:

(...) no início os italianos e poloneses não se comunicavam oralmente devido aos idiomas, assim sendo quando se encontravam costumavam cumprimentar-se, bater nas costas, abraçavam-se, beijavam o rosto, mas não se falavam (XERRI, 2004, p.151).

Essa fala evidencia algumas das recorrentes agonias relatadas nas cartas que os imigrantes poloneses enviavam a familiares na Polônia. O fato de não conseguirem se comunicar, assim como de não conseguirem ler em português, sem sombra de dúvida, foram motores para a criação de escolas⁵⁷.

Assim que a comunidade se estabeleceu, logo ergueram uma singela capela de madeira com sino e campanário, em honra a São Floriano. Era

⁵⁵ Também referida como “Linha Pinheiro Machado”, devido a Estrada Pinheiro Machado que dá acesso à comunidade.

⁵⁶ Também conhecida por Zênia, na ocasião, recém-viúva do escritor Edmundo Gardoliński (1914-1974).

⁵⁷ Sobre essas e outras questões cf. STAWINSKI, Alberto V. (1976, p. 185-211).

pequena, cabendo ali quatro ou cinco pessoas. Em dias de missa, enquanto o padre rezava, as pessoas participavam do lado de fora. A antiga capela foi desmanchada e, por volta de 1941, foi construída uma nova capela, mais ampla, tendo sido atribuída a São Marcos e posteriormente a Nossa Senhora de Fátima. A construção foi realizada solidariamente pela própria comunidade, desde as madeiras à construção, em sistema de mutirão. O terreno foi doação de Boleslau Koprowski. (XERRI, 2004, p.151).

A partir de 1950, o atendimento religioso passou a pertencer à paróquia de Nova Bassano, apesar da localização da capela estar, até hoje, localizada em território pratense (XERRI, 2004, p.151-152).

Desde 1980, a comunidade adquiriu uma imagem de Nossa Senhora de Częstochowa, que foi benta em vida pelo Papa João Paulo II⁵⁸. A segunda capela de madeira foi então derrubada, em 1998, a fim de ceder espaço a capela atual de alvenaria (XERRI, 2004, p.151-152).

Após a fundação da BRASPOL, em 1990, a comunidade sediou o primeiro grande evento organizado pela entidade, em 22 de dezembro de 1990. A partilha do pão ázimo – *Oplatek* – foi realizada na comunidade, na ocasião a partilha contou com a celebração do ilustre Frei Capuchinho Alberto Victor Stawinski⁵⁹. Segundo relatos, a caminho do evento o frade teria perguntado: “Será que teremos 50 pessoas?”. Para sua surpresa o evento foi um sucesso, tendo comparecido cerca de 500 pessoas (Jornal Correio Livre, 2024, p. 07).

Na comunidade do Gramadinho também foi construída, em 1901, uma escola, por mobilização do Frei Capuchinho Honorat Jedliński. A construção era simples e teve como primeiro professor Casemiro Szczepanik. Após a saída do professor da comunidade, a escola ficou certo tempo fechada. Foi reaberta, lecionando ali o professor Inácio Rapkiewicz, entre outros. (Id.).

Segundo XERRI (2004, p. 151-152), dentre as famílias polonesas pioneiras da comunidade destacam-se os sobrenomes: *Jaśkiewicz, Kamiński, Komański, Konoski, Koprowski, Kurowski, Petrykowski, Rapkiewicz, Szczepanik e Tabaczyński*. Também são moradores de longa data, *Żembrzucki*.

58 Atualmente, São João Paulo II.

59 Este evento foi especial em diversos sentidos, pois foi um dos últimos eventos que contaram com a prestigiosa presença do frade historiador, em seguida apresentou piora do estado de saúde, vindo a falecer em 28/05/1991 na cidade de Caxias do Sul. (PAX ET BONUM, 2011, p. 161).

ANTIGO CEMITÉRIO POLONÊS DA LINHA 7ª

O cemitério polonês da linha 7ª, antigamente pertencente a Nova Prata, hoje se encontra no interior do município de Nova Bassano, localizado próximo à comunidade do Sagrado Coração de Jesus. A visita ao local contou com a mediação do Sr. Pedro Gajewski, que se prontificou a conceder entrevista e contar detalhes sobre o processo de resgate histórico do antigo cemitério. O cemitério fica localizado no topo de um morro, de difícil acesso, sendo necessário veículo tracionado para chegar ao local. Lá do alto a visão é panorâmica. O cemitério é cercado por cerca de arame que foi sobreposta ao antigo muro de taipa que delimitava o espaço do cemitério, na entrada há uma placa turística com informações sobre o local, no centro do cemitério há um capitel construído durante a sua revitalização, dentro do capitel há uma imagem de Nossa Senhora de Częstochowa e um livro de visitas.

Foram encontradas 25 cruzeiras, porém, segundo relato de Sr. Pedro, há mais de cem sepultamentos no local. Assim como no cemitério da Linha 6ª (General Osório), os túmulos são à moda antiga, diretamente na terra. O sepultamento mais antigo que pode ser identificado é do ano de 1903. Sr. Pedro informou que o entorno do antigo cemitério foi o local da instalação da comunidade dos primeiros imigrantes poloneses daquela região, e que em frente ao cemitério havia uma capela e uma escola, porém, a comunidade ali naquele altiplano não frutificou devido à dificuldade de encontrarem água.

Ocorrendo a remigração dos poloneses ali instalados, sendo que uma parte desses imigrantes se mudaram para onde hoje fica localizada a cidade de Vista Alegre do Prata, e outra parte mudou para as proximidades da atual localização da comunidade do Sagrado Coração de Jesus, distante do antigo cemitério cerca de 500 metros, em linha reta.

O cemitério esteve em funcionamento até por volta dos anos de 1950, após resistiu a décadas de abandono. Em 2017, foi revitalizado por iniciativa do Sr. Pedro, com imprescindível apoio do pesquisador polonês *Gustaw Kotlarz* que mobilizou a comunidade, na época organizada enquanto núcleo da BRASPOL.

No cemitério puderam ser identificadas as sepulturas de:

Inacio Blachowicz (★1870 –†1950)

Anna Blachowicz (★1856 –†1950)

Wicenty Gajewski (★30/06/1928 –†19/09/1929)

Konstanty Kierzkowski (★31/03/1896 –†1921)

Rozalia Knycpel (★1924? –†09/03/1930)

Catharina Kujawa (★1865? –†17/12/1940)

Francisco Kujawa (★1865? –†27/12/1940)

Nicolau Maczkowski (★06/12/1973 –†23/11/1949)

Wojciech Mierzwiński (★12/03/1928 –†09/12/1928)

Wawbzyńiec Pawlak (★1870? –†21/12/1933)

Anna Prymel (★1859? –†12/05/1935)

Joachim Prymel (★1863? –†25/10/1947)

Francisca Sobieski (★17/09/1935 –†04/05/1940)

Ignacio Sobieski (★18/05/1939 –†24/09/1940)

Katarzyna Sobieski (★1858? –†08/12/1903)

Madalena Sobieski (★24/03/1947 –†15/04/1949)

Paulina Szczepański (★1857? –†28/11/1936)

Jan Waśkiewicz (★1850? –†14/08/1931)

Antoni Zabłocki (★1870? –†23/02/1922)

Madalena Prokowski Żembrzucki (★06/01/1915 –†1946)⁶⁰

GRUPO FOLCLÓRICO DA BRASPOL DE NOVA PRATA – KALINA (1989 – ATUALIDADE)

O grupo folclórico surgiu em 1989, como fruto de uma atividade pedagógica desenvolvida a pedido da Secretaria Municipal de Educação de Nova Prata (SMED/NP) na extinta Escola Municipal Melida Lange Fidler⁶¹. Segundo relato de Dona Vanda Stolarski Hamerski, mentora do grupo folclórico, foram ofertadas oficinas aos estudantes de origem polonesa:

(...) ensinamos um canto, uma dança e uma receita polonesa. E, imagina, a gurizada adorou. Os pais gostaram tanto que pediram para que o trabalho continuasse. Isso tudo antes da BRASPOL. Uma das primeiras apresentações do Grupo Folclórico da Comunidade Santo Isidoro, como se chamava ainda, foi na cidade de Casca – RS (COSTA, C. 2018, p. 18).

No ano seguinte, 1990, foi fundada a BRASPOL em Nova Prata – RS. O recém-formado grupo de alunos passou a integrar o núcleo cultural da organização, denominando-se Grupo Folclórico da BRASPOL de Nova Prata.

⁶⁰ Algumas das lápides apresentam erros de grafismo, aqui foram citados os sobrenomes com as correções.

⁶¹ A escola ficava situada na Linha General Osório – Comunidade de Santo Isidoro. Foi criada 13/01/1932 e encerrou suas atividades entre 1997/1998 (Arquivo SMED/NP).

Com isso o trabalho cultural desenvolvido foi ampliado, proporcionando que crianças e adolescentes de outras localidades do município pudessem participar. Em 1992, o crescente grupo folclórico recebeu as primeiras orientações de um renomado coreógrafo polonês – *Anatol Kocyłowski*. Durante o curso ministrado no Grêmio Pratense, foram ensinados, sobretudo, cinco ritmos nacionais poloneses, sendo eles: *Kujawiak*, *Krakowiak*, *Oberek*, *Mazur* e *Polonez*⁶².

Uma das características da dança folclórica polonesa é sempre ser dançada aos pares. Sobre os ritmos nacionais poloneses⁶³, pode-se distinguir: *Kujawiak*, como um ritmo de que lembra o cair das folhas de plátanos no outono, é a dança dos namorados, com movimentos circulares lentos e pacíficos, sempre de forma ininterrupta, original da região da Kuiavia (centro da Polônia); Já o *oberek* é o clímax, um ritmo rápido e potente (agressivo), sendo comumente associado com o *kujawiak*; O *Krakowiak* é um ritmo que utiliza muitos movimentos de braços esticados, de forma retilínea, a fim de representar a espada ou a lança, lembra o galope do cavalo, referindo-se aos cavaleiros em defesa à antiga capital polonesa – Cracóvia, região onde o ritmo se originou. *Mazur*, é um ritmo aristocrático nacionalista, que por vezes, remete a melancolia da despedida dos jovens soldados que se direcionam à guerra; *Polonez*, é um ritmo de origem camponesa, tendo a aristocracia ao observar os camponeses se divertindo com simples movimentos e canções populares durante suas jornadas ao campo, apropriou-se introduzindo-o nos salões de bailes aristocráticos, ritmo eternizado pelo compositor Frederic Chopin em '*Heroic Polonaise*'⁶⁴.

Motivados após uma série de apresentações em diversos lugares, lideranças entre os dançarinos do grupo sugeriram um nome mais criativo, e em 05 de agosto de 1994, decidiram que o grupo deveria chamar-se *Kalina*⁶⁵. Passando a ser reconhecido pelo público como: Grupo Kalina da BRASPOL de Nova Prata. A partir daquele momento o grupo seguiu apresentando-se em inúmeros eventos de dança, música e cultura, destacando-se em muitas participações.⁶⁶

Com pujança jovial, durante certo período, integrantes do grupo Kalina deslocavam-se aos finais de semana para Porto Alegre – RS, a fim de ensaiar com o grupo folclórico dissidente da Sociedade Polônia. Os ensaios se davam na Casa de Cultura Mário Quintana. Foi, então, formado um grupo misto

62 Cf. COSTA, Cláudio da (2018, p.18).

63 Entrevista com os fundadores do grupo, Vanda e André Hamerski em 17 de dezembro de 2024.

64 "Heroic" Polonaise Op. 53 em Lá maior.

65 O nome Kalina origina-se da tradição oral eslava, sendo o termo conhecido em diversas culturas. Na Polônia, popularmente, refere-se a 'árvore dos sonhos', maná das grandes inspirações. O nome também deriva da canção folclórica polonesa "Kalina Malina".

66 Id. (2018, p. 18).

contendo dançarinos do grupo Kalina e do grupo de Porto Alegre, os esforços desta parceria frutificaram com a participação no *X ŚFPZF*⁶⁷, realizado de 21 a 28 de junho de 1996, em *Rzeszów* – Polônia (COSTA, C. 2018, p. 24-25).

No ano de 1999, na cidade de Nova Prata, foi realizado o Censo da BRASPOL, que visava realizar um levantamento dos cidadãos pratenses de origem polonesa. A pesquisa foi realizada, sobretudo, pelos dançarinos do grupo Kalina sob orientação de pesquisadores, na época, chegou-se à cifra de 8% dos pratenses possuírem ascendência polonesa (Jornal Correio Livre, 2024, p. 07).

Em 2004, recebeu novas orientações do prestigiado professor Anatol Kocylowski, que esteve em Nova Prata pela segunda vez, ministrando uma série de intensas oficinas de dança. Neste mesmo ano o grupo Kalina, acompanhado de outros grupos folclóricos, apresentaram-se no Teatro Dante Barone da Assembleia Legislativa em Porto Alegre (Id.). Essa apresentação foi em virtude do lançamento do Dia da Comunidade Polonesa no RS⁶⁸. Porém, o ápice ainda estava por vir. No ano seguinte, em julho de 2005, o grupo Kalina partiu em turnê artística pela Polônia, iniciada pela apresentação no *XIII ŚFPZF* na cidade de *Rzeszów*. Após marcarem presença no festival, seguiram-se diversas apresentações em outras cidades da Polônia, levando mais uma vez o nome da cidade de Nova Prata associado a cultura para o mundo (COSTA, 2018, p. 25).

Além das apresentações no exterior e da presença marcada nas edições do Festival Internacional de Danças Folclóricas⁶⁹ de Nova Prata, o grupo Kalina também já se apresentou nos seguintes municípios do estado do Rio Grande do Sul: Alpestre, André da Rocha, Antônio Prado, Áurea, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Casca, Caxias do Sul, Cotiporã, David Canabarro, Dois Lajeados, Erechim, Fagundes Varela, Farroupilha, Getúlio Vargas, Gravataí, Guaporé, Guarani das Missões, Igrejinha, Ijuí, Ivoti, Marau, Nova Bassano, Nova Petrópolis, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Paraí, Passo Fundo, Planalto, Porto Alegre, Protásio Alves, Riozinho, Santa Tereza, Santo Antônio do Palma, São Francisco de Paula, São Jorge, São Leopoldo, São Marcos, São Valentim do Sul, Vacaria, Vale Real, Veranópolis, Vista Alegre do Prata; no estado de Santa Catarina em: Brusque, Chapecó, Itá e Santa Teresinha; e no estado do Paraná em: Curitiba e São Mateus do Sul (Jornal Correio Livre, 2024, p. 07).

Atualmente o grupo está com mais de 35 anos de estrada, ultrapassando o número de 200 crianças, jovens e adultos, que já integraram o grupo. Hoje,

67 *Światowy Festival Polonijnych Zespołów Folklorystycznych* (Festival Mundial de Grupos Folclóricos Polônicos). Nesta edição apresentaram-se três grupos folclóricos do Brasil: JUPEM – Erechim/RS; Wisła – Curitiba/PR; e o grupo misto Kalina/Polônia – Nova Prata, Porto Alegre/RS.

68 Lei Estadual N° 11.949 (2003), que instituía o dia 03 de maio como Dia da Comunidade Polonesa no RS. A comemoração foi revogada pela Lei Estadual 15.950 (2023).

69 O festival reúne grupos de danças do mundo inteiro. A sua primeira edição ocorreu em 1998 (XERRI, 2004, p.26).

sobrevive graças ao apoio da Prefeitura Municipal, da dedicação e altruísmo de amigos e apoiadores da sociedade local, e parceria da BRASPOL de Nova Prata que busca incentivos com o governo polonês por meio de organizações como a *Wspólnota Polska*⁷⁰. Hoje, não somente jovens de origem polonesa participam do grupo, e sim, se estende a sociedade como um todo. Os ensaios são realizados no subsolo da Casa da Cultura de Nova Prata.

BRASPOL DE NOVA PRATA

A BRASPOL (Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil) é uma organização não governamental (ONG), que teve em sua fundação a nível nacional em 1990 em Curitiba – PR⁷¹. Tão logo foi criada a organização, objetivou fundar núcleos em diversos municípios no território nacional que contivessem expressivo número de brasileiros de origem polonesa. Nova Prata, devido ao comprovado legado cultural dos imigrantes poloneses, foi um desses municípios escolhidos para a fundação de um núcleo local.

Em 06 de outubro de 1990, por meio da distribuição de convites e mobilização social feita pessoalmente por entusiastas da causa polônica, com destaque para Albino Alfonso Hamerski, compareceram ao salão da Comunidade Santo Estanislau, no interior do município, 148 pessoas. Se fizeram presentes, na época, o presidente nacional da organização, Rizio Wachowicz; o vice-presidente nacional, André Hamerski; e o prefeito municipal, João Carlos Schmitt; além dos líderes de algumas comunidades do município; populares; entre outros. Neste dia, houve o discurso do Sr. Rizio Wachowicz, que pontuou os objetivos da organização: incentivar o resgate histórico, preservação da cultura legada e aprimoramento do sentimento de polonidade aliado a construção nacional brasileira. O prefeito, por sua vez, também discursou garantindo o compromisso de apoiar a entidade localmente. Nisso foi montada a chapa que contou com a eleição da diretoria e conselhos, a presidência ficando a cargo da Srta. Josefina Rapkiewicz Lechmann (Jornal Correio Livre, 2024, p. 07).

A fundação do núcleo da BRASPOL em Nova Prata se provou benéfica à sociedade local em mais de uma oportunidade; aos brasileiros de origem polonesa, surgiu uma organização capaz de reelaborar a história e fomentar a herança cultural; aos brasileiros de outras origens, proporcionou conhecer outra cultura, estabelecendo aproximações de alteridade. Ao longo de seus mais de 34 anos de existência, provou que somente por meio da união entre os membros e a sociedade local é possível manter vivos aspectos da cultura

⁷⁰ *Stowarzyszenie Wspólnota Polska* (Organização da Comunidade Polonesa). Fomenta ações de integração entre os poloneses espalhados pelo mundo. Cf. COSTA, Cláudio da (2018, p.14).

⁷¹ Cf. COSTA, Cláudio da (2018, p.13).

legada. Foram presidentes locais da organização de 1990/1996 – Josefina Rapkiewicz Lechmann; 1996/1998 – Serafin Gajewski; 1998/2004 – Alfonso Albino Hamerski; 2006/2022 – Cláudio *Blaszczyk*; *atualmente sobre a presidência do Sr. Agenor José Żurawski (Id.)*. Dentre as principais atividades desenvolvidas pela organização em Nova Prata, destacam-se, sobretudo, as celebrações de festividades religiosas da tradição polonesa⁷², cursos de língua polonesa⁷³, aulas de dança folclórica polonesa e integração social ao grupo Kalina, programa de rádio – Hora Polonesa⁷⁴, ‘Natal Kalino’⁷⁵, entre outros.

ACERVO CASA POLONESA

Ao passearmos pela cidade de Nova Prata – RS, em lugares estratégicos, é notável nas placas turísticas um indicativo, incomum, apontando para – Casa Polonesa. Sita Av. Flores da Cunha, nº 100, a residência de Vanda Stolarski Hamerski e André Hamerski destaca-se como ponto turístico. Em entrevista, Sr. André relata que a ideia da construção da casa surgiu de uma brincadeira com seu irmão, e construtor, Rui Miguel Hamerski⁷⁶. A construção da casa demorou cerca de cinco anos para ser concluída (1984-1989) e passados mais de 35 anos de sua construção hoje é considerada Patrimônio Cultural do município, conforme consta no item 21 da *Inventariação do Patrimônio Cultural Edificado* de Nova Prata⁷⁷.

Em seu interior possui vasto acervo cultural adquirido pelo casal, mas igualmente composto por doação de inúmeras pessoas e entidades, tudo relativo à cultura polonesa, história da imigração polonesa, movimentação do coletivo

72 Święto Trzech Króli (Epifania), Święconka (Páscoa), Oplatek (Natal).

73 Os cursos de língua polonesa são ofertados à sociedade local, majoritariamente, de forma gratuita sob o regime de encontros semanais. Ao longo dos mais de 30 anos de atuação da BRASPOL de Nova Prata, lecionaram inúmeros professores, alguns deles vindos diretamente da Polônia para este fim. Atualmente, a turma composta por jovens e adultos, esta sob regência da professora Marta Koperska, desde 2023, financiada pelo Ministério da Educação Polônês por intermédio do *Ośrodek Rozwoju Polskiej Edukacji za Granicą* (Centro de Desenvolvimento da educação polonesa no exterior).

74 Hora Polonesa vai ao ar aos domingos às 12 h, com duração média de 30 min, pela Rádio Prata 91.5 FM. O programa piloto foi ao ar em 10 de abril de 1991, o programa está há mais de 30 anos no ar.

75 Celebração natalina aberta ao público, produção do grupo Kalina em parceria com a BRASPOL de Nova Prata, anualmente realizado no mês de dezembro. O evento já ocorreu em diversos lugares da sociedade pratense, no ano de 2024 foi realizado na AFUVI (Associação dos Funcionários da VIPAL S.A.), contou com encenações, partilha do oplatek, homenagens e confraternização.

76 COSTA, Cláudio da (2018, p.64).

77 O Inventário do Patrimônio Histórico pode ser conferido em: <https://www.novaprata.rs.gov.br/page/20>

polônico da atualidade, fragmentos da história da BRASPOL etc⁷⁸. Ali inclusive se encontra parte da biblioteca particular do Frei Alberto Victor Stawinski, que foi adquirida como doação por volta dos anos 2018.

Figura 6 – Casa Polonesa, Nova Prata –RS. 2025.



Fonte: Patrícia R. Nass.

A Casa Polonesa por fora é um cartão-postal da cidade de Nova Prata – RS, e por dentro guarda a história do casal Hamerski, desde suas trajetórias enquanto jovens bailarinos, às cartas de amigos que fizeram ao longo de uma vida, de idas e vindas da Polônia em busca do que mais carecia a região – elevar os descendentes dos imigrantes poloneses por meio da cultura. Reconhecido como bastião da polonidade na região, a casa construída no estilo artístico *zakopiański* do artista polonês *Stanisław Witkiewicz* remete a resistência da história frente a um ambiente hostil de esquecimento.

⁷⁸ Para saber mais cf. COSTA, Cláudio da (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste breve capítulo se pode perceber que apesar dos crescentes estudos acerca da imigração polonesa, muitas de suas nuances permanecem passíveis de investigação, como no caso dos primeiros imigrantes poloneses que chegaram à região onde hoje se encontra Nova Prata. A partir disso temos a atuação de diversos religiosos, alguns como nos casos citados neste texto, profundamente relacionados não só com a evangelização entre os poloneses, mas inclusive com preocupações, com a intelectualidade e futuro das gerações seguintes de descendentes, contribuindo com ações de desenvolvimento das localidades.

Passados quase cem anos da chegada dos imigrantes poloneses, em resposta ao preconceito social que muitos descendentes de poloneses foram expostos e como reação ao reavivamento cultural, temos o surgimento da BRASPOL e de outras atividades correlacionadas com a cultura polonesa, como por exemplo, da construção da Casa Polonesa em Nova Prata. As ações de união entre os polônicos visa manter a memória dos antepassados e a história da imigração, estabelecendo laços com a antiga pátria, Polônia, a fim de contribuir para o desenvolvimento social e enriquecimento cultural do mosaico cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Etnias de Alfredo Chaves – 1871 a 1891. Porto Alegre: EST, 2000.

COSTA, Cláudio da. *Uma representação polônica pela materialidade*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Caxias do Sul, 2018. 134 p.

_____. *A presença capuchinha e a polonidade no Rio Grande do Sul*. In: Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia. Curitiba: Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil. Ano X, 01/2019; p. 120-134.

GARDOLIŃSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1976.

GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os capuchinhos do Rio Grande do Sul: correspondência 1895-1909*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

KOZOWSKI, Victor Inácio. *Os poloneses da Colônia de Alfredo Chaves/Guaporé*. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2006.

_____. *Estes também na serra gaúcha: nomes e a existência*. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2012.

PIMENTEL, Gaspar. *Diccionario Historico Geographico e Estatistico do Municipio de Alfredo Chaves*. Estado do Rio Grande do Sul. Indicador Commercial e Profissional. 1922. Porto Alegre: Livraria Selbach.

RABUSKE, Arthur. *Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 – 1975)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

STAWINSKI, Alberto Victor; BUSATTA, Félix. F. *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1981.

WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos peraus do rio das Antas: núcleo de imigrantes poloneses da ex-Colônia Alfredo Chaves (1890)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

XERRI, Eliana Gasparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul, RS: EDUCS; 2004.

ZAMOYSKI, Adam. *História da Polônia*. Lisboa: Edições 70, 2010.

ZUGNO, Vanildo Luiz. *Os capuchinhos de Saboia e a reforma romanizante da Igreja Católica Romana na região colonial italiana e campos de cima da serra (1896-1913)*. Tese de Doutorado em Teologia. Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 2016, 397 págs.

ENTREVISTAS E ACERVOS

Luís Carlos e Noemi Rapkiewicz, entrevista realizada em outubro de 2024.

Vanda e André Hamerski, entrevistas realizadas em dezembro de 2024 e janeiro de 2025.

Pedro Gajewski, entrevista realizada em 25 de dezembro de 2024.

Alfonso Albino Hamerski, entrevista realizada em 08 de janeiro de 2025.

Vicente Rapkiewicz, entrevista realizada em 09 de janeiro de 2025.

Casa Polonesa. Nova Prata.

Arquivo Secretaria Municipal de Educação (SMED). Nova Prata.

Museu dos Capuchinhos (MUSCAP). Caxias do Sul.

Paróquia São João Batista. Nova Prata.

DOCUMENTOS E OUTRAS REFERÊNCIAS

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. Lista de passageiros – DPMAF (Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras).

NOVA PRATA. *Lei N° 9.901, de 07 de novembro de 2017. Patrimônio Histórico, Natural e Cultural do município.*

NOVA PRATA. *Lei 10.450, de 17 de março de 2020. Inventário do patrimônio cultural do município.*

NOVA PRATA. *Lei N° 10.871, de 27 de junho de 2022. Da preservação, proteção e conservação do patrimônio cultural do município.*

RIO GRANDE DO SUL. COMISSÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL. Parecer n° 745/2001. 04 págs.

JORNAL. *Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil – Braspol – Núcleo de Nova Prata.* Correio Livre, Nova Prata, ano 38, ed. 1949, 05 de dezembro de 2024, p. 07. Especial 100 anos de Nova Prata, p. 45.

INFORMATIVO. *Centenário da Família Hamerski – Bom Jardim, Guarani das Missões, RS.* Curitiba: Gráfica Vicentina; 1984. 16 págs.

INFORMATIVO. *Roteiro Religioso.* Nova Prata – RS. Brasil; 2016. 12 págs.

REVISTA. *PAX ET BONUM – Celebrar a Vida – Órgão Oficial da Província Sagrado Coração de Jesus Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul.* Ano 59 – N° 204, 2011 – 13ª Ed.

A ESCOLA DOS IMIGRANTES POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM

Isabel Rosa Gritti¹

Silvana Maria Gritti²

INTRODUÇÃO

A discussão desenvolvida, neste texto, centra-se em torno da constituição das escolas étnicas, especificamente, as do grupo imigratório polonês, na Colônia Erechim. As escolas estão entre as primeiras associações formadas no pós-assentamento dos imigrantes nos núcleos coloniais. O período estudado é o de 1908 a 1945, isto é, da criação da Colônia Erechim, até o final do Estado Novo, responsável pela implementação da nacionalização do ensino, o que provocou a extinção das escolas criadas e mantidas por um longo espaço de tempo pelas sociedades étnicas, neste caso, as sociedades polonesas.

A PRESENÇA DOS POLONESES NA COLÔNIA ERECHIM

Observando os registros da história dos processos migratórios para o Brasil, o que se observa de forma contundente é que, na bagagem, os imigrantes trouxeram, junto a esperança, preocupações referentes aos processos de socialização. Assim, a edificação da escola e da igreja tornou-se um imperativo.

As escolas cumpriam o importante papel de afirmação das identidades dos imigrantes, no sentido do ensino da língua e assimilação da cultura. Porém, com a decretação do Estado Novo, no Governo de Getúlio Vargas, o ensino escolar deixou de ser realizado na língua dos imigrantes.

A Colônia Erechim constituiu-se pelo amálgama de imigrantes, indígenas e caboclos. Embora, neste texto, trate-se especialmente das escolas organizadas pelos imigrantes poloneses, não se pode esquecer que os espaços de convivência iam sendo ampliados, por força das contingencialidades, na medida em que os processos migratórios e reemigratórios materializavam-se.

1 Doutora em História do Brasil pela PUCRS. Professora Associada na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim – RS.

2 Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Associada na Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão.

Assim, o atual território correspondente à Colônia Erechim apresenta uma diversidade étnica e cultural extremamente significativa. Muitos e diversos grupos imigratórios aqui foram estabelecidos, além dos indígenas e caboclos presentes antes da imigração. Além dos imigrantes vindos diretamente da Europa, muitos reemigrantes aqui foram assentados vindos particularmente das chamadas colônias velhas. “Foi nesses primitivos núcleos que, na primeira década do século XX, se desencadeou nova onda migratória rumo à nova colonização do Vale do Alto Uruguai” (STAWINSKI, 1976, p.78).

Os colonos construíram ou reconstruíram suas vidas nos lotes adquiridos do Estado ou das Companhias Privadas de Colonização, formando comunidades nas diferentes linhas, distritos ou nas pequenas sedes urbanas. Nestas, organizaram, além de espaços privados como o lote que habitavam e cultivavam, espaços que possibilitassem o convívio, a vida comunitária em que, coletivamente, reafirmavam suas crenças e esperanças no acerto do migrar. Nos encontros comunitários, socializavam notícias do além-mar, trocavam experiências do fazer cotidiano e construíam entidades e associações que os agregasse social e culturalmente. A produção histórica sobre a imigração e a colonização europeia dos séculos XIX e XX para o sul do Brasil destaca que as primeiras entidades comunitárias criadas por todos os grupos imigratórios foram a escola e a igreja. Enfocando os imigrantes poloneses reemigrados no Rio Grande do Sul, Stawinski, escreve:

A organização dos novos núcleos de colonos poloneses obedecia fundamentalmente, ao mesmo processo seguido nas velhas colônias. Cada comunidade, composta de trinta (30) a quarenta (40) famílias, obrigava -se a construir uma capela e uma escola (STAWINSKI, 1976, p. 79).

Como já expressei, a nova colônia do Alto Uruguai gaúcho, constitui-se multiculturalmente, o que não impediu que os grupos imigratórios formassem regiões quase que homogêneas etnicamente. Trata-se do caso dos Municípios de Carlos Gomes, Centenário, Áurea, que, de linhas e distritos, evoluíram para territórios autônomos com uma população predominantemente descendente de poloneses, tanto que Áurea ostenta o título de Capital Polonesa dos Brasileiros. Mas, há, no território da Colônia Erechim, outros municípios com presença significativa de descendentes poloneses, como Getúlio Vargas, Barão de Cotegipe, Gaurama, além deles estarem presentes nos demais municípios integrantes do território da Colônia Erechim.

A tabela, na sequência, expressa o multiculturalismo étnico presente nos Municípios da Colônia Erechim em 1912. Naquele período, deve-se incluir os povos indígenas e os chamados caboclos ou nacionais.

Tabela 1: População Geral da Colônia Erechim em 1912.

NACIONALIDADE	TOTAL	%
Brasileira	13.822	33,4
Alemã	3.573	8,6
Italiana	894	2,2
Austríaca	891	2,2
Francesa	246	0,6
Sueca	859	2,1
Portuguesa	45	0,1
Espanhola	57	0,1
Russa Polaca	6.000	14,5
Diversas	14.997	36,2
Total	41.384	100

Fonte: Relatório do Diretor da Colônia Erechim ao Diretor da Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas. 1912.

A diversidade cultural marcante na Colônia Erechim se faz presente na escola, ainda que a escola seja construída e mantida pela comunidade polonesa. Gardolinski aponta: “Na Linha 3, distante 5 km de Erechim, os colonos fundaram uma sociedade denominada “Jozef Pilsudski” que, na verdade, foi um dos primeiros baluartes do ensino naquela região, graças sobretudo à iniciativa do prof. Boleslaw Wencleski”.

O problema não era, no entanto, tão simples. Segundo informações prestadas por Andrzej Wypych, que foi professor naquela região - bem como no Estado do Paraná -durante 18 anos, “havia radicadas, inicialmente, 8 famílias de poloneses”. É evidente que, para um número tão reduzido de pessoas, dispersas em vastas glebas inexploradas, tornava-se difícil uma simples reunião familiar. Todos sabiam, de antemão, que qualquer resolução tomada haveria de ser enfrentada e custeada por eles mesmos. Dignos são, pois, de registro os nomes dos pioneiros do ensino rural que, com tanto sacrifício e abnegação, levantaram a primeira escola e organizaram a primeira Sociedade Recreativa. Destacaram-se os irmãos Piotr e Jan Fla, Jan Kania (1 presidente), Jan Wziontek, Antoni Sierotka, Jan Franczak e seu filho e, finalmente, o rumeno J. Zamfit, casado com uma polonesa. Este último foi, por longos anos, ativo presidente da Sociedade. Cabe notar que aí residiam, também, algumas famílias de italianos, cujos filhos eram bem recebidos na escola, juntamente com as crianças de origem polonesa. Neste particular, vale assinalar as ótimas relações ítalo-polonesas, decorrentes da milenar amizade entre as duas nações “Itália-Polônia” (GARDOLINSKI, 1976, p. 82).

Figura 1. Escola em Linha 3 - Erechim (1930).



Fonte: GARDOLINSKI (1977, p. 134).

O primeiro estudo sobre os imigrantes poloneses no Brasil, especificamente no sul do país, foi o do Cônsul Polonês no Brasil, sediado em Curitiba, Paraná, Kazimierz Gluchowski, publicado em 1924. Os dados apresentados na obra, conforme o autor, foram coletados nas viagens que realizou nos três estados sulinos acessando documentos, quando existentes de forma escrita ou por meio de relatos feitos por pessoas conhecedoras dos locais. “Os dados e informações embora não sejam de fontes oficiais, são os mais exatos possíveis diante da realidade vivenciada” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 15).

O cônsul apresenta dados detalhados do número de escolas étnicas polonesas existentes na Colônia Erechim no ano de 1924. Indica a localidade onde a escola está situada, o número de alunos, o nome da escola e a respectiva data de fundação da instituição escolar. Essas informações estão presentes na tabela que segue.

Tabela 2: título. Escolas Étnicas na Colônia Erechim em 1924.

Nº e nome	Munic. Localidade	Ano de fundação	Nº alunos
01. José Pilsudski	Erechim, Barro	1920	48
02. José Poniatowski	Erechim, Treze de Maio	1920	46
03. José Pilsudski	Erechim, Km 13	1919	28
04. Vicente Witos	Erechim, Guaporé	1922	25
05. “Oswiata”	Erechim, Rio do Peixe	1911	20
06. S. Stanislaw Kostka	Erechim, Rio do Peixe	1911	28
07. S. José	Erechim, Lageado Israel	-	29
08. Avante	Erechim, Caçador	1919	29
09. Tadeu Kosciuszko	Erechim, Baliza	1922	20
10. Progresso e Educação	Erechim, Dourado	1919	18
11. Piast	Erechim, Dourado	1920	-
12. Aurora	Erechim, Dourado	1919	22
13. Tadeu Kosciuszko	Erechim, Floresta	1915	40
14. José Pilsudski	Erechim, Três Vendas	1922	34
15. Colono	Erechim, Boa Vista	1922	-

Fonte: GLUCHOWSKI (2005).

Em 1924, o Cônsul fez uma avaliação muito ruim da qualidade pedagógica das escolas polonesas. A falta de profissionais qualificados, uma vez que, na sua quase totalidade, esse papel era exercido pelo colono mais letrado. A baixa remuneração recebida pelo professor que era pago pelos pais dos alunos que frequentavam a escola, a inexistência de material didático, a enorme dificuldade decorrente das distâncias das escolas de qualquer centro de formação para os professores, contribuía para o desalento do Cônsul. Gluchowski assevera:

O cargo de professor, como de um indivíduo que desempenhasse algum papel social não existia. Tratava-se de um mártir, que tinha que suportar não apenas os caprichos de todas as pessoas influentes, mas também de cada colono, de quase todo pai e toda mãe de aluno que frequentasse a escola, que se julgavam capacitados para mandar no “senhor professor”. Além disso, como assinala acima, o salário do professor, que oscilava entre 30 – 60 mil réis (apenas em algumas escolas os professores ganhavam 100 mil réis), algumas vezes acrescido de alguns produtos alimentícios e não poucas vezes de vara, fazia com que nenhum profissional, nenhuma pessoa que pensasse seriamente no seu futuro quisesse viver com o pão de professor, mas “exerciam o magistério” pessoas ingênuas, que muitas vezes consideravam a multiplicação como uma “invenção dos maçons”, ou diversos pseudo-intelectuais ou desencaminhados da vida. É por isso que, se aqui ou acolá aparecia algum indivíduo mais esclarecido, honesto, dedicado à questão da educação e aficionado da profissão, era apenas uma questão de tempo, mas, mais cedo ou mais tarde esse professor abandonava a profissão (1924, p. 176/177).

Na passagem anterior ficam evidentes os conflitos e dificuldades enfrentadas na manutenção das escolas, especialmente em relação ao cargo de professor. Mostra que, nem sempre, o professor “emerge” no seio da comunidade como uma autoridade. Denuncia a fragilidade da figura do professor, diante da comunidade, como também as dificuldades da comunidade em garantir ao professor um salário, que, muitas vezes, se compunha diverso: réis, produtos alimentícios produzidos pelos colonos e materiais “pedagógicos”, entendido pela comunidade como necessários para auxiliar o professor no desempenho de sua tarefa de ensinar, “a vara”.

Ainda pelas considerações do Cônsul Polonês, o professor não existia como um sujeito portador de um papel social, mas era visto como um sujeito que ia sendo assujeitado pelos interesses individuais e não necessariamente coletivos de uma comunidade. Pode-se dizer isso pelas afirmações de que todos, não apenas as figuras influentes da comunidade, tinham gerência sobre o professor.

O grande estudioso da imigração polonesa no Rio Grande do Sul, Edmundo Gardolinski, da mesma forma que o Cônsul polonês percorreu o Estado durante uma década para obter dados sobre a presença de seus patrícios no território gaúcho. Ele traz dados detalhados sobre a educação nas e das comunidades polonesas, a localização delas e a respectiva população. Escreve:

Esta monografia procura mostrar o notável esforço realizado pelos imigrantes poloneses no setor educacional desde que aqui se instalaram, ao mesmo tempo em que se constitui numa pesquisa realizada durante mais de uma década com prolongadas visitas aos locais enumerados, com a coleta de preciosos e raros documentos, juntamente com as entrevistas de professores, sacerdotes, pessoas que ainda viviam e que nos transmitiram fatos que presenciaram ou souberam por tradição oral, concordantes com os demais testemunhos obtidos (GARDOLINSKI, 1977, p.13).

Tabela 3: Localização dos imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul.

LOCALIZAÇÃO	TOTAL DE IMIGRANTES	%
Rio Grande	1.200	1,96
Pelotas	300	0,49
São Feliciano	3.600	5,88
São Feliciano e arredores	600	0,98
Mariana Pimentel	1.200	1,96
Mariana Pimentel e arredores	300	0,49
São Braz e Camaquã	300	0,49
Porto Alegre	3.600	5,88
São Antônio da Patrulha	420	0,69
Outras localidades na região do litoral	900	1,47
São Marcos	480	0,78

Antônio Prado	300	0,49
Alfredo Chaves	1.200	1,96
Santa Tereza e Bento Gonçalves	300	0,49
Guaporé e São Luiz da Casca	1.500	2,45
Jaguari	900	1,47
Centro do Estado	900	1,47
Erechim	1.500	2,45
Capoerê	1.200	1,96
Castilho e Rio dos Índios	4.200	6,86
Áurea	3.600	5,88
Rio do Peixe	3.000	4,90
Caçadores Ligeiro	600	0,98
Barão	3.000	4,90
Secção Cravo e arredores	600	0,98
Baliza	1.200	1,96
Gaurama	3.000	4,90
Dourado	1.800	2,94
Vale do Uruguai de Marcelino Ramos à Irai	2.700	4,41
Ijuí	3.000	4,90
Guarani	12.000	19,61
Santo Rosa e arredores	1.200	1,96
Santo Ângelo	600	0,98
TOTAL	61.200	

Fonte: Elaborado pela autora segundo Gardolinski (1958).

É necessário destacar que, ao observar as tabelas 1 e 2, os dados populacionais assemelham-se com o número de alunos que frequentam as escolas, isto é, as escolas situadas nas localidades mais populosas apontadas por Gardolinski apresentam um maior número de alunos, como é o caso de Floresta, atual Barão de Cotegipe; Barro, hoje Gaurama; Treze de Maio, atualmente a Capital Polonesa dos Brasileiros – Áurea. É importante lembrar que, em 1924, a região era constituída apenas pelo Município de Erechim, emancipado em 1918. Dessa forma, o que havia eram distritos, linhas, comunidades que evoluíram para territórios autônomos politicamente, mantendo a predominância étnica do grupo inicial de habitantes, aqui, particularmente de poloneses e seus descendentes.

Figura 2. Escola Polono-brasileira em Áurea (1927).



Fonte: Museu Municipal de Áurea.

Gluchowski observa que as escolas eram mantidas por várias sociedades e não possuíam uma unidade, nenhuma organização conectava-as e estavam distantes de qualquer programa ou sistema. Essa situação começou a ser alterada a partir de 1920, quando a União dos Democratas Poloneses, criada, durante a guerra, para ajudar de todas as formas possíveis o restabelecimento da independência política da Polônia, em congresso, decidiu tornar-se uma instituição recreativo-cultural permanente. Naquele momento, nasceu a possibilidade da União das Sociedades Educativas Polonesas, como desejava o Cônsul Polonês no Brasil. A efetiva organização da Sociedade Cultura ocorreu em 1921, sendo que, no mesmo ano, em fevereiro, foi criado o Primeiro Distrito da União das Sociedades Educativas Polonesas “Cultura” em Erechim, com 11 sociedades filiadas.

Em janeiro de 1921, os professores particulares reunidos em Araucária decidiram criar uma organização com a finalidade de proteger e unir os professores poloneses no Brasil. Daquele encontro, nasceu a “União dos Professores das Escolas Polonesas Particulares no Brasil”, organização que se

filiava à Cultura e era a continuação da União dos Professores Poloneses no Paraná, criada em dezembro de 1913, e que deixou de existir durante a Primeira Guerra Mundial (Anais, v. II, p. 49).

A entidade de professores desejava elevar o nível intelectual e os interesses materiais de seus membros; dar alguma garantia na velhice aos associados por meio de uma aposentadoria e melhorar o nível das escolas. Cabe destacar a preocupação para com a necessidade de “profissionalizar” o professor, de garantir um salário e uma aposentadoria e, sem dúvida, em decorrência da segurança de “uma carreira”, a possibilidade da qualificação dos que se dedicavam a ensinar. Acreditava-se que, por meio da “Kultura” a centralização das organizações escolares polonesas no Brasil se concretizaria. Porém, os padres missionários detentores do jornal LUD e do semanário PRZYJACIEL RODZINY declararam sua oposição à “Cultura”, argumentando:

Seus dirigentes estão completamente alicerçados na irreligião, no socialismo e no ateísmo. São anti-clericais, adversários do catolicismo, filiados ao grupo do jornal SWIT o qual se inspira no livre pensamento, cheio de erros e de heresias. Sendo assim, a Kultura não poderia unificar de maneira alguma, todas as Escolas – Sociedades. Alegam ainda, os referidos sacerdotes, que, na escola chefiada por este grupo em Marechal Malet, o ensino da religião está completamente afastado dos programas de ensino (ANAIS, V II, p. 50).

Ainda, segundo o texto dos Anais, diante das razões já expostas, a Congregação da Missão criou uma organização paralela com os mesmos objetivos da Kultura, destacando que, em seu programa, o ensino do catecismo estava presente. Nasceu, assim, a “União das Escolas Católicas Polonesas”, logo transformada em “União das Sociedades Oswiata”. Paralelamente, surgiu o “Círculo dos Professores Cristãos das Escolas Polonesas”, entidade que congregava os professores das Escolas que se filiavam a Oswiata. Uma centralização mais efetiva das Sociedades Polonesa ocorreu em 1930 com a criação da “Centralny Związek Polaków”, isto é, União Central Polonesa, que agregava as Sociedades filiadas à Cultura e parte das da Oswiata. A União Central Polonesa foi extinta em 1937 em decorrência do processo de nacionalização do ensino.

Pela reação dos Padres católicos, ao movimento de organização dos Professores, explicita-se que o ensinar não é neutro e que sempre se constituiu num campo de disputas, mesmo antes da incipiente organização, quando o professor era colocado como um sujeito vulnerável aos que detinham poder local e não somente, mas também aos pais dos alunos que frequentavam a escola e que participavam/ contribuíam para a composição do salário que pagava o Professor.

Embora as disputas e distante de Curitiba e com enormes dificuldades de comunicação, as ações definidas na capital paranaense tinham reflexos, ainda que

relativamente menores, nas Sociedades Escolares do interior gaúcho. É o caso da criação da “União das Sociedades Educativas Poloneses” de Erechim, em 1921, e a filiação das escolas do Rio Grande do Sul às entidades Kultura e Oswiata.

Figura 3. Quadro fotográfico dos professores da Colônia Erechim filiados à Associação Kultura (1931).



Fonte: GARDOLINSKI (1977, p. 96).

Em 1965, Roman Wachowicz publicou as suas memórias sobre o período em que atuou como professor em Floresta, distrito de Erechim, hoje município de Barão de Cotegipe. Ele chegou em Floresta no ano da Revolução de 1923 e encontrou uma comunidade assustada, preocupada com as violências de que eram vítimas, quer seja por parte dos governistas, os chimangos, ou dos revolucionários, os maragatos. Wachowicz apresenta, em seu relato, as experiências vividas como professor no período de dois anos que esteve em Floresta junto à escola dos poloneses, bem como o cotidiano da vila ocupada pelos chimangos e maragatos. Ele foi recebido com entusiasmo pelos imigrantes

poloneses que o aguardavam ansiosamente e, no mesmo dia de sua chegada, a escola lhe foi apresentada. Lembra:

- [...]. Na rua principal, tinham quatro pequenas lojinhas e algumas casas, umas novas, outras velhas. E, num terreno espaçoso cercado, estava a escola em que eu iria lecionar. Atrás, tinha um puxado para ser o meu quarto de dormir. A um metro de distância, uma pequena casinha, que seria a minha cozinha. Do meu quarto, havia uma escada de cinco degraus, para descer a cozinha, um pátio e um poço para tirar água; um pequeno açude para movimentar a roda do moinho do senhor Zajac, um monte de lenha para fazer fogo na cozinha; casas sem pintura, exceto o hotel do senhor Welker. O lugar que eu sonhava na minha vinda. Vai ser um trabalho bem duro, para educar as crianças e o meu pão de cada dia. O senhor Tomasz abriu a porta; no interior, era escuro, com cheiro de mofo. O senhor Matysz abriu as janelas sem vidros da escola, duas fileiras de bancos que cabiam quatro crianças em cada, não tinham cortinas. No canto, estava o quadro negro. No quarto que eu ia dormir havia uma mesa, um lampião de querosene e uma cama grande. Na cozinha, uma mesinha e um lugar para fazer fogo no chão.
- Só espero que tenham crianças- suspirou.
 - Crianças existem, e virão, com certeza, confirmou o senhor Parol – só espero que consiga disciplinar a turma.
 - A turma governa o mundo e é disciplinada, falei.
 - Tomasz estava profundamente preocupado. Matysz só resmungou e procurou disfarçar dizendo
 - Existem crianças até demais, mas, se todos vão querer mandá-las...
- Parol, disse enquanto planejava:
- Amanhã e domingo venha à igreja, será avisado a todos que já veio o tão esperado professor.
- As aulas começam terça-feira -exclamei, entusiasmado.
 - Também os que estão no casamento vão ser avisados.
 - Manda quem quiser, o preço vai ser três mil réis por mês por criança. [...]

Naquele momento da apresentação do espaço da escola ao professor pela comunidade polonesa que construía aquele espaço à espera do professor, que, além de ministrar as aulas em português, daria aulas de polonês aos filhos, há vários aspectos constitutivos de um contexto enfrentado pela totalidade, ou quase, dos professores que exerceram o magistério, independente de nacionalidade, nas chamadas escolas comunitárias criadas pelos imigrantes ou, posteriormente, nas escolas rurais, já sob administração do Estado ou do Município. Até os órgãos públicos subsidiarem as escolas comunitárias ou assumirem a gestão delas, o pagamento do professor era realizado pelos pais das crianças que frequentavam a escola e, não raras vezes o pagamento era feito em produtos alimentícios.

Mesmo na década de 1960, período de expansão das escolas da rede pública estatal no Rio Grande do Sul, sob o Governo Brizola, as conhecidas “brizoletas”, constituíam-se de espaço para as atividades escolares e espaço para moradia do professor, o que se dava nas áreas rurais.

Ao tratar sobre as escolas polonesas em Barão de Cotegipe, então Floresta, Gardolinski faz a seguinte referência ao prof. Wachowski:

De 1927 a 1929, lecionou em Floresta, com invulgar sucesso, o professor Romão Wachowski, a quem conhecemos pessoalmente, em 1929, quando frequentamos juntos, em Curitiba, cursos de História, Geografia e Língua Polonesa. Naquela época, os estudantes provenientes das colônias polonesas, residiam no pensionato dos Padres da Congregação da Missão, junto à redação do jornal 'Lud'. Romão Wachowski, filho de modestos imigrantes, não se conformou com o curso elementar oferecido em sua terra Natal. Em condições idênticas, aliás, houve inúmeros outros jovens no interior do município de Erechim que procuravam escolas superiores de comércio ou a própria Universidade do Paraná (GARDOLINSKI, 1977, p. 83)

Já afirmamos, exaustivamente, que os documentos registram que os imigrantes chegavam e, imediatamente e/ou concomitantemente, construíam uma escola e uma igreja, o que se observa, ao longo dos registros, no caso de Gardolinski, é de que as organizações religiosas tinham uma grande influência e papel no processo de educação/formação dos imigrantes. Por sua vez, a constituição autônoma da escola deu-se até o momento da nacionalização do ensino.

Outro elemento bastante recorrente e que chama a atenção é o de que a Região da Colônia Erechim teve, como referência para formação de seus habitantes, o Estado do Paraná, pela facilidade de deslocamento, possível de ser feito pela utilização do trem, pela malha ferroviária que ligava o interior do Estado, no caso a Colônia Erechim, até Curitiba. Estrada de ferro que contribuiu determinantemente para o rápido progresso da Colônia Erechim.

Cumpre esclarecer que naquela época era mais fácil para os habitantes do norte do nosso Estado atingir por vias férreas a cidade de Curitiba do que a capital gaúcha. Decorre daí o considerável intercâmbio cultural e comercial com o Paraná. Além disso, os Padres da Congregação da Missão facilitavam, sobretudo, a permanência de estudantes pobres, de origem polonesa. Além de prestarem assistência moral e religiosa, encaminhavam os jovens estudantes às organizações esportivas, às sociedades recreativas e, finalmente, aos colégios particulares, onde pudessem aprimorar a sua educação e aperfeiçoar a sua cultura. Não é de estranhar, portanto, que os jovens acadêmicos, ao regressarem ao Rio Grande do Sul, estivessem mais capacitados para o desempenho de suas tarefas, tanto no comércio como na indústria, na agricultura ou, finalmente no magistério, do que os seus conterrâneos, educados simplesmente, na roça (GARDOLINSKI, 1977, p. 83).

A análise de Gardolinski salienta a importância da formação “acadêmica” para os jovens, filhos de imigrantes, que os qualificava para atuarem em diferentes setores de organização e produção da sociedade, como especialmente na educação. Os que regressavam, “aprimorados”, no caso dos professores, que deixam de ser aqueles mais letrados, dentre os imigrantes, quando o Professor

passou a ser reconhecido como portador de um papel social, em contraposição aos relatos de 1924 do Cônsul Polonês, que se viu desolado com o que viu nos percursos que fez nas colônias, em relação à educação, conforme citado na parte inicial deste texto.

Cabe salientar que, na medida em que as consequências da organização dos professores se faziam sentir, tanto na formação daqueles que atuavam nas escolas, como também pela mediação, no caso, da Sociedade “Kultura”, criada com o objetivo de qualificar os professores e garantir salário e aposentadoria, o trabalho do professor deixou de ter gerência direta dos imigrantes poloneses. O relato de Gardolinski, sobre o trabalho do Professor Wachowicz é ilustrativo:

As cinco classes primárias, ministradas concomitante pelo prof. R. Wachowicz, contavam com uma frequência de 114 alunos. Sob o aspecto pedagógico, sabemos, apesar de leigos, que o grau de aproveitamento não podia ser perfeito. Entretanto, digno é de menção o invulgar sucesso alcançado pelo jovem professor, cuja dedicação, métodos de ensino e exemplar conduta na sua vida particular foram, sem dúvida, os fatores decisivos de tão alta frequência às suas aulas. Além do curso primário, havia à noite um curso de alfabetização de adultos com apreciável frequência de colonos, tanto homens como mulheres. O prof. R. Wachowicz procurou também elevar o grau cultural do povo daquela região, ensaiando com seus alunos maiores diversas peças teatrais, em língua polonesa e outras em vernáculo, cujas representações até hoje são comentadas pelos moradores de Cotegipe. Não obstante tanta dedicação e sacrifício, houve na época sérios mal-entendidos e dificuldades com o problema das taxas escolares. Inicialmente, os pais dos alunos pagavam à Sociedade “Kultura” a importância de Cr\$ 2,50 mensalmente. Tão logo a Prefeitura de Erechim e, posteriormente, o Departamento de Terras e Colonização procuraram subvencionar, parcialmente, a escola na base de 150 mil réis por mês, os colonos julgaram-se desobrigados do pagamento daquelas mensalidades insignificantes. Apesar das discussões havidas em torno do assunto, a escola funcionou até a época da campanha da nacionalização. Em 1934 lecionou o prof. Józef Dorosz. (1977, p. 83-84).

Pode-se dizer que a influência da organização da Sociedade “Kultura” se fez sentir junto às escolas dos Imigrantes Poloneses, dispersas na Colônia Erechim. Cabe destacar que à medida em que as escolas foram sendo estruturadas, inclusive com a presença de um professor que ia para a comunidade, o seu salário, ganhando nova conformação, o pagamento ocorrendo, predominantemente, em réis, ou seja, em dinheiro e não mais um amálgama de produtos, materiais e réis (dinheiro).

O professor Roman Wachowicz conta sua rotina na escola de Floresta:

[...]. Em três meses tinham registradas 114 crianças de 6 a 18 anos de idade. Os senhores Parol, Karpinski e Matysz colocaram bancos em todos os cantos. A escola funcionava a todo vapor, das 8h da manhã as 12h em polonês; das 13h às 16h em português. Oito horas por dia ouvindo o barulho das crianças. Parecia perder a cabeça. Mas precisava sempre segurar a disciplina. Para assegurar o silêncio, precisava usar métodos mais fáceis, tais como, leitura, história, geografia e literatura. Nunca faltavam alegres iniciativas (WACHOWICZ, 2011, p. 45).

Os depoimentos do professor em relação ao trabalho desenvolvido evidenciam a quão árdua era a tarefa de ensinar. Também a mudança substancial da escola, quando o ensino não se dava mais apenas na língua dos imigrantes, ocorrendo em turnos alternados, caracterizando-se ainda pela mescla no uso da língua para ensinar.

Pelo relato do professor, era importante manter o silêncio, no qual se assentava a disciplina. O silêncio tinha como sinônimo “disciplina” e os conteúdos e atividades como sinônimos de métodos capazes de contribuir para tanto. Também pode-se deduzir que a leitura, a história, a geografia e a literatura eram consideradas como atividades lúdicas, que seu ensino e aprendizado se davam de forma mais prazerosa. Na sequência, o relato prossegue:

Conseguí levar as crianças para prática de marchas, treino de ginástica e excursões com cantos. As crianças ficaram bem entusiasmadas. Podem imaginar como eu tive que batalhar com cinco classes juntas no meio de quatro paredes no forte do verão, entretanto o que mais me agradava era ser o único a entrar nas classes, bater palmas e todas as crianças ficarem em pé, ouvindo quietas algumas recomendações (WACHOWICZ, 2011, p. 45).

A junção de alunos em diferentes níveis de aprendizagem, em uma única sala de aula, também se constituía em um grande desafio para o Professor, que salienta sua capacidade de manter o interesse e o silêncio das “classes”.

Conforme a batida de mãos: senta, levanta, então começavam a lição. Esta escola precisava de três professores para dividir, mas eu sozinho enfrentei tudo. Poderia formar um ginásio dos mais adiantados. Depois do duro trabalho do dia e de fazer meu jantar, tinha pilhas de cadernos para corrigir (WACHOWICZ, 2011, p. 47-48).

A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO NA COLÔNIA DE ERECHIM

A Colônia Erechim, como já foi expresso, inscreve-se no processo migratório como um espaço que assentou imigrantes novos e imigrantes em reemigração. Trata-se de uma Região que recebeu diferentes grupos étnicos, que foram se estabelecendo ao longo do território e constituindo sua vida econômica, social, religiosa e educacional.

Conforme visto, a constituição das escolas por parte dos imigrantes poloneses foi permeada por dificuldades das mais diversas ordens, desde a escolha do professor, até sua remuneração. Essas escolas cumpriam um papel importante no sentido de afirmação identitária dos sujeitos, pois ensinavam a ler, escrever e calcular na língua de origem.

Com a instauração do Estado Novo, no Governo do Presidente Getúlio Vargas, essa liberdade de ensinar e aprender na língua de origem do imigrante foi tolhida. A educação que até então acontecia de forma descentralizada e de iniciativa particular, sem um controle e apoio efetivo do Estado, mudou substancialmente. O Estado passou a ter forte centralização e controle na política, na economia e, conseqüentemente, na educação.

O Projeto instaurado pelo Estado Novo objetivava criar uma identidade nacional do Brasil na perspectiva do projeto, ora proposto. E sem dúvida a educação/ensino teria papel central nesse processo de construção da identidade almejada do Brasil. Neste sentido, as escolas dos imigrantes representavam um risco ao Projeto instaurado.

O advento do Estado Novo trouxe, no seu bojo, a destruição de todas as experiências educativas de iniciativa dos imigrantes e seus descendentes. Assim, iniciou-se um processo de destruição das escolas, conforme Gardolinski:

O número de escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul, era reduzido, apenas 48, e ofertavam um ensino de baixa qualidade, no ano da nacionalização do ensino promovido pelo Governo Vargas este número é bem maior e a qualificação dos professores destas escolas era realizado pelas Sociedades Cultura e Oswiata aos seus respectivos filiados. Tínhamos segundo Wachowicz no ano de 1937 os seguintes números de escolas polonesas e professores no Brasil (WACHOWICZ, 1970, p. 67.)

Tabela 4: Escolas Étnicas Polonesas no Brasil em 1937.

Estado	Número de escolas
Paraná	167
Rio Grande do Sul	128
Santa Catarina	51
Espírito Santo	2
São Paulo	1
Total	349

Fonte: Anais, 1970 p. 62.

Tabela 5: Professores Poloneses no Brasil em 1937.

Estado	Professores
Paraná	190
Santa Catarina	36
Rio Grande do Sul	114
São Paulo	2
Espírito Santo	2
Total	344

Fonte: Anais, 1970, p. 65.

Os dados anteriores mostram o significativo número de escolas no Paraná e no Rio Grande do Sul, assim como de professores. Fazendo uma simples análise dos dados, percebe-se que, no Paraná, o número de professores era superior ao número de escolas, sendo possível dizer que nenhuma escola paranaense estava sem professor; no Rio Grande do Sul, o número de professores era inferior ao de escolas. Destas, 106 escolas estavam em funcionamento, 19 encontravam-se fechadas temporariamente por falta de professores e três, em organização. Ou seja, no ano da nacionalização do ensino, faltavam professores para as escolas étnicas polonesas, sendo que se pode afirmar que situação idêntica ocorria com as escolas dos demais grupos étnicos instalados no Estado. Certamente, após 1937, as dificuldades para encontrar professor para as diferentes escolas étnicas ampliaram-se, porque, a partir de então, o colono mais letrado não poderia ocupar tal função.

Em 1937, da mesma forma que, na Colônia Erechim, as escolas étnicas, não só as polonesas, recebiam subsídios do Estado ou dos Municípios, o que fazia com que a parcela paga pelos pais dos alunos diminuísse. Roman Wachowicz, referindo-se aos anos 1923 e 1924, período que trabalhou como professor em Floresta, atual Barão de Cotegipe, refere que:

Levei o mapa para a Prefeitura, a média de frequência de alunos era de 96 crianças. O Prefeito olhou longamente a frequência e eu já fiquei amedrontado. Será que é bom e o que irá me dizer? Continuou olhando e analisando. Olhou para mim dos pés à cabeça. Não era de admirar que eu tremesse por meu trabalho com a escola de centenas de crianças gaúchas, filhos legais desta terra, completamente abandonadas pela lei deste Município e o que dizer no interior do Estado do Rio Grande do Sul? Se o prefeito negar auxílio, então tudo será pago pelos pais das crianças. Eu tenho certificado, mas do Paraná. Quem sabe aqui não vale? Nada de errado eu faço aqui, só quero ser útil as crianças desta terra. Nada de errado. Só quero fazer o bem para as crianças desta terra. Preciso fazer algo para esta gente humilde. Se o prefeito negar auxílio, espero que possa ajudar esse povo humilde, que só trabalha na roça, sem instrução. No

fim, olhou mais uma vez para mim e disse: Muito bom! Escreveu uma nota, entregou a folha a mim, dizendo: Na primeira ocasião vou visitar a escola e mostrou a janela do caixa. Recebi 150 mil reis. Ganhei asas, neste momento o prefeito era meu chefe, meu protetor, meu colaborador, meu amigo e meu irmão. (WACHOWICZ, 2011, p. 48-49).

A nacionalização do ensino trouxe consequências inimagináveis para os imigrantes e seus descendentes, que, com a proibição do uso da língua materna nas escolas para ministrar o ensino, gerou tensionamentos e aguçou os conflitos no interior da escola. O relato de desentendimentos e violências é recorrente nas correspondências que os professores das escolas enviavam:

Hoje [...] um dos alunos do 4º ano [...] filho do Sr. [...]... Começou falar em estrangeiro na aula. Reprendido guardou o ódio e no sair do Colégio, logo na porta, começou destratar e brigar com os alunos dizendo palavras desonestas, então eu fui perto dele para fazer paz e o menino disse um nome muito feio contra mim levantei então a mão para calar-lhe a boca e ele tinha uma mala de madeira na mão, querendo defender-se machucou-se no nariz e começou a correr o sangue. E eu dei levemente dois tapas nele que não dissesse estes nomes feios. O menino vai pra casa, conta o fato com mil mentiras, então o pai em vez de vir entender-se comigo, levou o menino de casa em casa mostrando sangue que ainda ficou na roupa caluniando-me como criminoso. (Arquivo Histórico Municipal Erechim. Correspondência do ano de 1943).

A carta é ilustrativa de um contexto a que foram relegados os imigrantes e sua cultura. Nada mais violento do que o rechaço de uma identidade e a imposição abrupta, arbitrária e violenta de outra língua ainda estranha aos que chegavam. Aos que aqui chegaram e aos que aqui estavam e/ou foram chegando dos mais diferentes espaços e etnias, não foi dada a liberdade, o direito da construção a partir de suas histórias, culturas, no caso, línguas e suas preservações e produções de novas sínteses sociais, culturais, econômicas. Houve por parte do Projeto político, econômico, social, cultural e educacional do Estado Novo, a imposição de uma cultura já pretendida.

Pode-se dizer que o projeto de nacionalização não somente destruiu escolas, das mais diferentes etnias, mas, principalmente, inviabilizou a afirmação de identidades. Ainda distanciou a escola/educação da comunidade, na medida em que as características do local foram negadas na proibição do uso da língua dos imigrantes.

Neste sentido, tem-se que:

Com o Estado Novo, um novo paradigma educacional foi implantado: o da assimilação. Todos os imigrantes deveriam aprender o português, expressar-se somente nessa língua e esquecer a sua cultura de origem. As escolas mantidas pelas diversas comunidades imigrantes são fechadas ou nacionalizadas, as reformas de ensino vão aos poucos implantando uma base curricular comum para todo o país (SANTOS; BAHIA; GOMES, 2016, p. 12)

A nacionalização do ensino ceifou as escolas étnicas constituídas e mantidas por um longo período pelos grupos étnicos. Dessa forma, a constituição autônoma de pertencimento foi significativamente afetada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição das escolas étnicas, no caso em questão, as polonesas, foi permeada pelos conflitos e dificuldades, desde sua implementação no “seio” do núcleo imigratório. Por sua vez, as disputas e os conflitos, presentes na comunidade, chegavam até a escola, nos “palpites” dos influentes e não somente, como também dos pais dos alunos.

Talvez aqui se evidencie a relação do “financiamento” da escola e sua determinação por quem a mantém, ou seja, quem mantinha a escola não eram somente as figuras influentes, diga-se as lideranças, mas todos os pais dos alunos colaboravam diretamente para com o pagamento do salário do professor.

Também pode-se dizer que, desde sua constituição, a escola mostrou-se como um espaço em disputas, inicialmente, pelos interesses imediatos dos pais e na medida em que a escola foi se sedimentando, pelas diferentes formas de organização, que foram sendo constituídas.

Sobretudo, o que se desvela com contundência é a contumaz destruição de uma escola local, constituída e protagonizada por seus sujeitos para impor uma escola nacional. A escola foi usada como importante mecanismo de implementação e solidificação de um projeto nacional pretendido.

REFERÊNCIAS

- ANais da Comunidade Polono Brasileira. Coordenador. Técnico: Ruy C. Wachowicz. *Publicação*: Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná. Curitiba. 1970.
- GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. UCS/EST, 977.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Subsídios para o problema da emigração polonesa no Brasil*. Porto Alegre Rodycz& Ordakowski: Editores., 2005.
- WACHOWICZ, Roman. *MARAGATOS: relatos históricos ocorridos no Rio Grande do Sul nos anos 1923-1927*. Illinois, U.S.A. 2011.
- SANTOS, Mirian de Oliveira; BAHIA, Joana; GOMES, Charles. *Aspectos socioeducativos dos processos migratórios*. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam (Org.). *Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios [recurso eletrônico]*. São Leopoldo/RS: Oikos, 2016, p. 7-18.

A JORNADA DOS IMIGRANTES POLONESES E O SONHO DA PROPRIEDADE RURAL EM CARLOS GOMES - RS

Fábio Roberto Krzysczak¹

INTRODUÇÃO

A história da imigração polonesa para o Brasil é uma narrativa de desafios, resiliência e a incessante busca por um pedaço de terra que representasse a liberdade e a prosperidade que muitos poloneses almejavam. Provenientes de uma Polônia marcada por séculos de fragmentação territorial e domínio estrangeiro, os imigrantes enfrentavam uma realidade de extrema dificuldade, especialmente no que diz respeito ao acesso à terra. Submetidos a diferentes formas de servidão e arrendamento, muitos poloneses não conseguiam conquistar uma propriedade rural, o que gerava um constante sentimento de frustração e impotência. Nesse cenário, a promessa de terras férteis e uma nova chance de vida no Brasil surgiram como um farol de esperança, atraindo uma parte significativa da população rural polonesa a deixar sua terra natal em busca de melhores condições de vida.

Este trabalho tem como objetivo explorar a trajetória dos poloneses que emigraram para o Brasil, com ênfase na busca incessante pela propriedade rural como um dos principais motores dessa migração. Para tanto, será analisada a situação agrária na Polônia antes da imigração, os desafios enfrentados pelos poloneses durante a travessia até o Brasil e a adaptação dos imigrantes no município de Carlos Gomes, no Rio Grande do Sul. A terra, para os poloneses, representava mais do que um recurso econômico essencial; ela simbolizava o sonho de pertencimento, o vínculo com a ancestralidade e a construção de uma nova identidade. Nesse contexto, o conceito de topofilia, que atribui à terra um valor afetivo e simbólico, será central para compreender a relação dos imigrantes com o território que passaram a habitar.

¹ Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo. Pós doutorando em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó. Servidor Técnico Administrativo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim. E-mail: fabio-ambiental@hotmail.com.

A pesquisa que sustenta este estudo foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica abrangente, entrevistas com descendentes dos imigrantes e análise de documentos históricos, com o intuito de entender profundamente os fatores que impulsionaram a migração polonesa para o Brasil e os desafios enfrentados pelos imigrantes durante sua adaptação à nova realidade. O caso específico dos poloneses de Carlos Gomes será abordado como um exemplo representativo da experiência migratória dessa comunidade no Brasil, trazendo à tona as dificuldades enfrentadas, as conquistas alcançadas e as adaptações necessárias para que os imigrantes pudessem consolidar sua presença e suas famílias em terras estrangeiras.

A imigração polonesa, especialmente para o Rio Grande do Sul, foi impulsionada pela busca incessante de uma vida melhor e pela possibilidade de aquisição de terras. Durante o final do século XIX e o início do século XX, a Polônia estava profundamente dividida, com seu território fragmentado e submetido ao controle de impérios estrangeiros: o Império Russo, o Império Austro-Húngaro e o Reino da Prússia. Este contexto histórico agravava ainda mais as condições de vida da população rural polonesa, que, além de não ter acesso à terra, vivia sob condições de extrema pobreza e subordinação, sendo submetida a sistemas de arrendamento e servidão. Esse quadro de escassez e de dificuldades econômicas foi um dos principais fatores que alimentou o movimento migratório dos poloneses para o Brasil, especialmente em busca da promessa de terras férteis no Rio Grande do Sul.

Ao longo deste texto, será aprofundada a análise sobre as condições da propriedade rural na Polônia antes da migração, abordando a escassez de terras, as dificuldades enfrentadas pelos poloneses na tentativa de obter a posse de suas propriedades e os obstáculos encontrados ao longo do trajeto para o Brasil. A migração para o Brasil não foi um processo simples, muitos imigrantes enfrentaram dificuldades no transporte, no processo de adaptação e, posteriormente, nas condições de vida nas chamadas “Colônias Velhas” do Rio Grande do Sul, onde a terra não era tão abundante quanto o imaginado. Essas dificuldades, no entanto, não impediram que muitos poloneses seguissem em frente, em busca de melhores perspectivas de vida.

Finalmente, será analisada a instalação dos imigrantes poloneses no município de Carlos Gomes, um dos locais onde muitos desses imigrantes conseguiram finalmente realizar o sonho de conquistar a terra. Este processo de colonização e adaptação no Brasil revela um aspecto fundamental da imigração polonesa: a relação com a terra como uma construção de identidade e pertencimento, um elemento essencial não só para a sobrevivência, mas também para a formação de uma nova vida. A análise de como essas famílias consolidaram

sua presença em terras brasileiras e contribuíram para o desenvolvimento da região será abordada como um microcosmo representativo da experiência mais ampla da imigração polonesa no Brasil.

A pesquisa e a análise dos dados encontrados neste estudo têm como objetivo, portanto, resgatar e compreender o significado profundo que a terra teve para os poloneses, tanto no contexto de sua terra natal quanto na construção de suas novas vidas no Brasil. Esse processo de adaptação e superação evidenciará como a imigração polonesa não foi apenas um movimento de busca por melhores condições materiais, mas também de reconstrução de uma identidade e de um vínculo com o território que, ao longo dos anos, se consolidou como um símbolo de esperança e resiliência.

OS POLONESES NA POLÔNIA E SUAS CONDIÇÕES COMO PROPRIETÁRIOS RURAIS ANTES DE IMIGRAREM PARA O BRASIL

A história da imigração polonesa para o Brasil está intrinsecamente ligada à relação desses imigrantes com a terra. Para compreender plenamente essa jornada, é essencial analisar a realidade polonesa antes da imigração, considerando o sistema político, a estrutura agrária e o sentimento cultural em relação à propriedade rural.

No período que antecedeu a grande onda migratória polonesa para o Brasil, a Polônia atravessava um dos momentos mais complexos de sua história. No final do século XVIII, o país foi dividido entre três potências estrangeiras — o Império Russo, o Império Austro-Húngaro e o Reino da Prússia — no evento conhecido como as Partilhas da Polónia. Após a última partição, em 1795, a Polónia deixou de existir como um Estado independente e permaneceu sob domínio estrangeiro até a Primeira Guerra Mundial. Conforme Marin, “A Polónia deixará de existir como país. Os poloneses viviam num exílio em sua própria terra” (MARIN, 2019, p. 32). E, cada uma dessas potências impôs formas distintas de controle sobre os territórios poloneses, afetando profundamente a vida da população.

No setor sob domínio do Império Russo, que abrangia a maior parte da Polónia Oriental, o regime autocrático do czar impôs uma repressão severa. Qualquer movimento nacionalista polonês era combatido, e uma intensa política de russificação foi implementada, proibindo o uso do idioma polonês, restringindo a prática da religião católica e impondo a ortodoxia. A respeito, Kaminski e Korkuc, relatam que:

Na zona de ocupação russa foi reforçada a russificação da sociedade polonesa. O mesmo na zona prussiana com a germanização – dentro do programa chamado *Kulturkampf* – também com combate ao catolicismo. Terras foram expropriadas dos agricultores poloneses. (KAMINSKI; KORKUC, 2017, p. 53)

Na região controlada pelo Império Austro-Húngaro, principalmente na Galícia, embora houvesse um grau maior de flexibilidade em comparação ao domínio russo, o controle ainda era rígido. A estrutura agrária era marcada por grandes latifúndios pertencentes à nobreza e à Igreja Católica, enquanto os camponeses, em sua maioria, viviam em condições de extrema pobreza, sendo trabalhadores arrendatários ou servos submetidos a um sistema desigual.

No território polonês sob domínio do Império Alemão, localizado na Polônia Ocidental, a política de germanização era rigorosa. O governo alemão impunha a língua alemã, exercia um controle militar e administrativo rígido e incentivava a colonização por alemães, frequentemente em detrimento da população polonesa, apesar da fertilidade das terras na região.

A divisão territorial refletia-se na distribuição da população: a Rússia dominava 62% do território polonês e 45% da população; a Prússia, 20% do território e 23% da população; e a Áustria, 18% do território e 32% da população (MAZUREK, 2016, p. 35). Essa fragmentação não apenas extinguiu a independência do Estado polonês, mas também teve impactos profundos em sua estrutura social e econômica.

Do ponto de vista político, a Polônia não era um Estado soberano nesse período. Sua população vivia sob o domínio das leis e dos regimes impostos pelos impérios ocupantes.

A repressão política era intensa e a liberdade extremamente limitada. Movimentos nacionalistas que buscavam a recuperação da independência ou melhorias nas condições de vida dos camponeses eram duramente reprimidos. Revoltas e tentativas de insurgência, como a Revolta de Novembro (1830) e a Revolta de Janeiro (1863), foram brutalmente sufocadas pelo Império Russo, resultando em severas punições, incluindo execuções, deportações e a supressão de manifestações culturais polonesas. Como aponta Lukowski e **Zawadzki** (2006, p. 217): “As consequências das revoltas foram devastadoras para a população polonesa, resultando não apenas na intensificação da repressão russa, mas também na destruição de vilarejos inteiros e na deportação de milhares para a Sibéria”. Ainda, conforme Marin:

A situação agrária na ocupação russa era ainda pior que na ocupação prussiana e austríaca. Os impostos prediais e territoriais foram elevados, com o que, muitos camponeses obrigaram-se a vender as poucas terras que possuíam (em geral, menos de dois hectares) aos latifundiários/proprietários de terras/magnatas, tornando-se seus empregados (MARIN, 2019, p. 31).

Neste período, a terra já desempenhava um papel central na história da Polônia, especialmente no contexto de sua divisão entre três impérios. Durante esse período, o sistema agrário polonês era amplamente dominado por latifundiários aristocratas, pertencentes à nobreza conhecida como *szlachta*. Os camponeses, por outro lado, não possuíam terras próprias e viviam sob um regime de servidão ou arrendamento, submetidos a pesados tributos e obrigações trabalhistas. Embora algumas regiões, especialmente sob domínio russo e prussiano, tenham passado por reformas agrárias que libertaram os camponeses da servidão, essas mudanças nem sempre garantiram terras suficientes para a subsistência. Assim, grande parte da população rural permaneceu dependente de pequenas propriedades ou do trabalho nas grandes fazendas aristocráticas.

As propriedades rurais na Polônia eram predominantemente agrícolas, e muitos camponeses trabalhavam a terra em um sistema que ainda refletia características do feudalismo. Nos séculos XVIII e XIX, a estrutura agrária era fortemente desigual. A maior parte das terras estava nas mãos da nobreza e da Igreja, enquanto os camponeses trabalhavam essas terras em troca de uma parte da produção ou mediante pagamento de aluguel. Nas regiões sob domínio do Império Russo e do Império Austro-Húngaro, muitas grandes propriedades rurais eram controladas pela nobreza ou pelo clero. Na Galícia, que fazia parte do Império Austro-Húngaro, as terras eram divididas entre grandes proprietários e camponeses, que enfrentavam altos impostos e encargos. Já no Império Alemão, a classe terratenente era ainda mais forte, e a divisão entre grandes latifúndios e pequenas propriedades de agricultores era evidente. O governo alemão incentivava a colonização de terras férteis por alemães, frequentemente em detrimento da população polonesa.

Os camponeses poloneses viviam em condições precárias, com pouco acesso à educação e assistência médica. A agricultura era, em sua maioria, de subsistência, o que limitava a produção voltada para o comércio externo. Além disso, muitos trabalhadores rurais não eram proprietários de suas terras, dependiam de arrendamentos ou ainda estavam presos a um sistema feudal, onde deviam tributos e serviços aos senhores das terras. A posse da terra era um privilégio restrito à nobreza e à burguesia, enquanto a maioria da população rural sobrevivia com poucos recursos. Mesmo sob o Império Austro-Húngaro, onde a situação dos camponeses era relativamente mais flexível, a desigualdade persistia.

A agricultura na Polônia variava de acordo com as condições climáticas e a região, os principais cultivos incluíam centeio, trigo, cevada e aveia, sendo o centeio essencial para a produção de pão e álcool. A batata também desempenhava um papel fundamental na alimentação camponesa. Na pecuária, os camponeses criavam gado bovino, suínos e aves, geralmente para consumo próprio. A criação

de cavalos era uma atividade de destaque entre os proprietários rurais mais ricos, sendo fundamental tanto para o trabalho no campo quanto para o transporte.

Diante da exploração e das difíceis condições de vida, os camponeses poloneses foram protagonistas de diversas revoltas e movimentos sociais. Um dos episódios mais marcantes foi a Revolta de Galícia (1846), em que camponeses, insatisfeitos com os abusos dos grandes proprietários e das autoridades locais, se insurgiram contra o sistema opressor. Além disso, a Polônia estava dividida entre três impérios, como já visto, — Rússia, Áustria-Hungria e Alemanha — desde o final do século XVIII, e essa fragmentação influenciou a dinâmica das lutas sociais. A repressão a qualquer tentativa de resistência foi intensa.

A exclusão dos camponeses do acesso à terra, aliada às dificuldades econômicas e políticas, contribuiu diretamente para a imigração polonesa, conforme Marin (2019) em torno de 95% de emigrantes era de pessoas ligadas à terra (cifra considerada até 1914).

Sem perspectivas de melhorar sua situação na Polônia, muitas famílias buscaram novas oportunidades no exterior, especialmente no Brasil, onde terras estavam sendo oferecidas para colonização. As condições adversas da vida rural, a repressão política e a falta de direitos econômicos criaram um ambiente propício para a emigração em massa, marcando a trajetória dos poloneses no Brasil e em outros países ao longo do século XIX.

Neste contexto, importante destacar que a relação dos poloneses com a terra está profundamente enraizada em sua história, marcada por sucessivas partições e períodos de dominação estrangeira. Durante séculos, a terra não foi apenas um meio de sustento, mas também um símbolo de liberdade e identidade nacional. Nesse contexto, a posse da terra adquiriu um significado ainda mais profundo, sendo vista como um refúgio da cultura polonesa e um elo entre as gerações. Aqueles que conseguiam manter suas propriedades eram considerados guardiões das tradições e da memória nacional.

Para a classe camponesa, que majoritariamente não possuía a terra que cultivava, o vínculo com o solo era mais do que econômico, era espiritual. O trabalho agrícola era visto como uma forma de preservar as tradições e garantir a continuidade da identidade polonesa. A posse da terra significava liberdade e autonomia, e aqueles que nela trabalhavam acreditavam que cultivá-la era um ato de respeito à pátria. Esse sentimento se intensificou diante da repressão imposta pelos governos estrangeiros, que frequentemente tentavam impor novas leis agrárias, restringir o uso da língua polonesa e enfraquecer a influência cultural do povo polonês.

Durante os períodos de ocupação, a luta pela terra tornou-se também uma forma de resistência. Muitos poloneses enfrentaram políticas de expropriação e colonização, especialmente sob o domínio prussiano e russo, onde havia

tentativas sistemáticas de retirar as propriedades dos poloneses e entregá-las a colonos estrangeiros. Para os poloneses, manter suas terras era uma forma de lutar contra a assimilação forçada e preservar sua autonomia. Esse espírito de resistência se manifestou em outra revolta popular, a Revolta de Janeiro de 1863, na qual muitos camponeses se juntaram à luta armada contra o domínio russo, buscando não apenas a independência política, mas também o direito de permanecer em suas terras. Como destaca Davies (2005, p. 280): “Para os camponeses poloneses, a terra não era apenas um meio de sobrevivência, mas um símbolo de sua identidade nacional e um campo de batalha contra a dominação estrangeira”. (Tradução nossa).

A Reforma Agrária de 1864 na Polônia representou um ponto de virada na estrutura agrária do país, ocorrendo sob o domínio do Império Russo. Essa reforma foi uma resposta direta à Revolta de Janeiro de 1863, um levante fracassado contra a dominação russa, e tinha como principal objetivo enfraquecer a influência da nobreza polonesa, conhecida como *szlachta*, enquanto buscava angariar o apoio dos camponeses ao regime czarista.

O decreto de março de 1864 aboliu a servidão, concedendo aos camponeses a propriedade das terras que cultivavam. Diferente de outras reformas agrárias europeias, essa mudança foi radical, pois os camponeses não precisaram pagar pela terra adquirida. O governo russo indenizou os antigos proprietários por meio de títulos estatais, o que representava uma ruptura definitiva com o sistema feudal que havia sustentado a aristocracia rural polonesa por séculos.

A reconfiguração da posse da terra afetou a economia polonesa de maneira significativa. A desapropriação não ocorreu de forma homogênea, atingindo principalmente os nobres que haviam participado da revolta de 1863. Além disso, conforme Wandycz (1974), o governo russo introduziu um novo tributo sobre a propriedade da terra, enfraquecendo economicamente a nobreza polonesa e reforçando o controle imperial sobre a região. Entre 1860 e 1890, a quantidade de terras pertencentes a camponeses aumentou em aproximadamente 8%, proporcionando uma ligeira melhoria nas condições de vida dessa parcela da população.

No entanto, os efeitos da reforma não foram uniformes, muitos camponeses receberam lotes de terra que não eram economicamente viáveis, devido ao seu pequeno tamanho ou baixa fertilidade. Como resultado, diversas dessas propriedades acabaram sendo absorvidas por fazendeiros maiores, consolidando um sistema de desigualdade agrária que persistiria por décadas. Paralelamente, uma parcela significativa dos camponeses que não conseguiu se sustentar no campo migrou para as cidades, tornando-se a base da força de trabalho da industrialização que se acelerou na Polônia a partir de 1864.

A longo prazo, a reforma transformou profundamente a estrutura social e econômica da Polônia. A nobreza perdeu grande parte de seu poder político e econômico, já que sua riqueza estava diretamente ligada à exploração do trabalho camponês. Muitos nobres se endividaram e foram obrigados a vender suas propriedades restantes, levando à desestruturação da tradicional classe aristocrática polonesa.

O governo russo esperava que, ao conceder terras aos camponeses, estes se tornassem leais ao czar, afastando-se do nacionalismo polonês. Entretanto, a posse da terra fortaleceu a identidade nacional polonesa, pois garantiu uma nova independência econômica para a população rural, que, com o tempo, passou a apoiar movimentos políticos voltados para a restauração da soberania da Polônia.

Apesar das mudanças positivas, a fragmentação excessiva das terras e a baixa mecanização da agricultura dificultaram o desenvolvimento econômico a longo prazo. As propriedades eram frequentemente pequenas demais para garantir a subsistência das famílias, gerando dificuldades financeiras e incentivando o êxodo rural. Esse cenário contribuiu para a onda migratória de poloneses para países como Brasil, Argentina, Estados Unidos e Canadá, onde esperavam encontrar terras mais férteis e melhores oportunidades de vida.

A Reforma Agrária de 1864 foi uma das mais radicais promovidas dentro do Império Russo e teve um impacto duradouro na sociedade polonesa. Ao pôr fim ao feudalismo e consolidar a propriedade privada da terra, ela remodelou a economia agrária do país e influenciou profundamente sua estrutura social até o século XX. Entretanto, ao mesmo tempo em que libertou os camponeses da servidão, também gerou desafios estruturais que perduraram por décadas, moldando o destino da população rural polonesa e incentivando fluxos migratórios que redefiniram a diáspora polonesa pelo mundo.

Neste sentido, a escassez de terras cultiváveis, os altos tributos e a opressão sob domínio estrangeiro levaram muitos poloneses a buscarem um novo lar. Com promessas de terras acessíveis e oportunidades, os agentes colonizadores brasileiros atraíram milhares de camponeses poloneses para o Brasil. A esperança era de que, longe das dificuldades impostas pelas potências ocupantes, pudessem finalmente encontrar a “terra prometida”.

A primeira parte deste trabalho estabelece, portanto, as bases históricas, culturais e econômicas que moldaram a decisão dos poloneses de deixarem sua terra natal. Essa trajetória será continuada no próximo tópico, onde exploraremos a jornada dos imigrantes poloneses ao Brasil e os desafios enfrentados nas colônias do Rio Grande do Sul.

A IMIGRAÇÃO POLONESA NO RIO GRANDE DO SUL: DESAFIOS, ADAPTAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES

A chegada dos poloneses ao Rio Grande do Sul, há 150 anos, foi marcada por desafios e esperanças. Fugindo da pobreza, das guerras e da opressão sob os impérios russo, prussiano e austro-húngaro, milhares de poloneses embarcaram em navios rumo a um novo começo. Conforme Tomacheski (2014, p.72):

Economicamente os imigrantes são, em boa parte, pessoas que nada possuíam na Polônia além da sua força de trabalho que, no Brasil, obtiveram uma propriedade de dimensões consideráveis e que, na velha pátria, os colocariam imediatamente no mesmo pódio de grande parte dos “senhores de terra”. Esse câmbio é expresso muitas vezes na abundância de alimentos e bebidas, na dimensão das propriedades, ou mesmo na qualidade e excelência das árvores que deveriam derrubar nos lotes para conseguir espaço para semear.

Muitos imigrantes poloneses vinham atraídos pela promessa de terras, uma estratégia do governo brasileiro para incentivar a imigração e promover a ocupação agrícola. Por sua vez, as potências ocupantes da Polônia também favoreciam a emigração, para se verem livres de proletários desocupados e importunos. Foi fácil contagiar a proletariado polonês com a ideia de emigrar para o Brasil, onde teria liberdade e terra para trabalhar. O movimento migratório foi tão intenso que passou a chamar-se “febre brasileira”. (STAWINSKI, 1976, p. 158)

Ainda, o governo se comprometia a pagar às companhias transportadoras 120 francos por imigrante adulto assentado. Os colonos recebiam terra com moradia, devendo pagar 25 mil réis por hectare, se a terra não estivesse cultivada, ou 50 mil réis, se ela se encontrasse em certo estado de cultivo, valores que deveriam pagar com juros de 9% ao ano, em dez anos (CHELMICKI, 2010). Tomacheski, ainda explica que:

Essa situação se refletiu na maneira como o governo brasileiro optou por agir em relação ao aliciamento de emigrantes: propaganda, estada grátis, pagamento de passagens marítimas, promessas de terras a preços de juros e prazos acessíveis. Todas essas medidas buscavam tornar um Brasil atraente como destino aos emigrantes. Em contrapartida, essas medidas iriam criar um padrão de emigrante polaco que aportou nos portos brasileiros, que em sua maioria, foram os *parobki* das aldeias pobres. Esse camponês pobre e sem terras dependia dos latifundiários, inclusive para conseguir as roupas que usava; era analfabeto, sem experiência de gerenciar uma propriedade por conta própria e, talvez, estivesse iludido pelas promessas dos agentes da propaganda brasileira. Entretanto, é nesse mesmo grupo que assinalamos as questões de terra, pão e liberdade. (TOMACHESKI, 2014, p. 58)

No entanto, essa promessa nem sempre se concretizava, pois, as condições das terras concedidas variavam e, muitas vezes, exigiam grandes esforços de adaptação. Além disso, esse processo ocorria em um contexto de transição no Brasil, com a iminente abolição da escravidão e a necessidade de substituir a mão de obra cativa por trabalhadores livres. Como destaca Wachowicz, além do objetivo de “branquear” a população, o governo buscava incentivar práticas agrícolas baseadas na policultura para garantir a segurança alimentar do país e fortalecer a ocupação dos territórios meridionais, consolidando as fronteiras nacionais (WACHOWICZ, 1981).

Nesse sentido, como destaca Trindade (2020) as colônias agrícolas formadas por imigrantes poloneses no Brasil integravam um amplo projeto civilizatório do governo, que visava não apenas a ocupação territorial e a interiorização, mas também a expansão da agricultura e a formação de um campesinato europeu. Esse projeto estava alinhado com a política de branqueamento da população e com a necessidade de consolidar as fronteiras nacionais, funcionando como uma estratégia de colonialismo interno, em que a presença de imigrantes era utilizada para reforçar o domínio estatal sobre regiões estratégicas.

Essa busca incansável por um pedaço de terra, motivada pela opressão e pela falta de oportunidades na Polônia, encontrou no Brasil uma promessa de esperança e renascimento. Com isso, se inicia a longa viagem da Polônia para o Brasil, que segundo Stawinski:

Na fase inicial da imigração, até 1980, as passagens de navio corriam por conta dos próprios imigrantes. Mas, de 1890 a 1897, o Governo Brasileiro prontificou-se a cobrir as despesas da viagem marítima desde o ponto de embarque até ao desembarque na Ilha das Flores, na baía de Guanabara. Posteriormente, à volta de 1906, o Brasil tornou a custear as despesas com o transporte de imigrantes (STAWINSKI, 1976, p. 16).

A travessia do Atlântico era longa e difícil, durando semanas em condições precárias, com alimentação escassa e alto risco de doenças. “A primeira etapa do calvário aconteceu nos porões dos navios com doenças e mortes. Posteriormente, veio o alojamento nos barracões dos imigrantes e, enfim, o estabelecimento no coração da mata nativa” (STAWINSKI, 1976, p. 158). No Rio de Janeiro, os emigrantes poloneses que provinham, em sua maioria, das regiões da Pequena Polónia (Małopolska), Silésia (Śląsk), Pomerânia (Pomorze), Mazóvia (Mazowsze) e Grande Polónia (Wielkopolska) ao desembarcarem no entreposto da Ilha das Flores, passavam por uma quarentena de duas semanas antes de serem encaminhados a diferentes regiões do país. Após a inscrição, seguiam para as localidades escolhidas.

Essa dispersão dos imigrantes pelo território brasileiro refletia as estratégias do governo para ocupar áreas agrícolas e consolidar a presença de trabalhadores

livres no país. Como aponta o cônsul polonês Kazimierz Gluchowski, em levantamento realizado a partir de 1920, o Paraná foi o estado que mais recebeu imigrantes poloneses, totalizando cerca de 100 mil indivíduos. O Rio Grande do Sul acolheu aproximadamente 60 mil, enquanto Santa Catarina recebeu cerca de 18 mil (GLUCHOWSKI, 2005).

Os emigrantes poloneses no Rio Grande do Sul geralmente recebiam lotes de terra em colônias criadas pelo governo imperial ou por companhias privadas de colonização. A quantidade de terra variava, mas, em média, cada família conseguia 25 hectares (WACHOWICZ, 1981) distribuídos pelo governo brasileiro. Algumas colônias ofereciam terras gratuitamente, mas, na maioria dos casos, os imigrantes precisavam comprá-las a prazo, pagando em prestações ao longo dos anos. O pagamento era feito com o resultado do próprio trabalho agrícola, muitas vezes por meio do cultivo e venda de produtos como milho, feijão e trigo, além da extração de madeira.

Apesar das dificuldades financeiras, os poloneses se organizavam em comunidades, ajudando uns aos outros a construir casas, abrir estradas e erguer igrejas e escolas, garantindo a preservação de sua identidade cultural e religiosa.

A colonização polonesa no estado do Rio Grande do Sul começou no final do século XIX e início do século XX, principalmente nos municípios de São Marcos, Anta Gorda, Guaporé, Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Conforme Marin (2019, p. 34): “O primeiro grupo de poloneses chegou no ano de 1875 e foram destinados à recém-criada Colônia Conde d’Eu, recebendo terras na Linha Azevedo Castro em Carlos Barbosa/RS”. Conforme Stawinski:

Os primeiros imigrantes, estabelecidos na Colônia Conde d’Eu receberam, através da Diretoria de Terras e Colonização, toda ferramenta necessária ao desmatamento e cultivo da terra: machados, podões, serrotes, facões, enxadas, picaretas, martelos, pregos... Ademais, no primeiro ano, vieram recebendo um pequeno subsídio mensal e viveres de primeira necessidade, tais como farinha, açúcar, café moído, banha, toucinho, sal, carne seca... Receberam, também, sementes de trigo, milho, feijão, batata... Obtiveram ainda, por dez anos, isenção de impostos (STAWINSKI, 1976, p. 38-39).

Embora houvesse esse auxílio por parte do governo brasileiro, a adaptação dos poloneses foi desafiadora, pois as melhores terras já estavam ocupadas por imigrantes alemães e italianos, que chegaram antes e garantiram os terrenos mais férteis. Assim, os poloneses acabaram relegados a terras de qualidade inferior, com declives acentuados, morros pedregosos, solos menos produtivos e grandes matas. Stolz, enfatiza que: “Muitos foram aqueles que imaginavam que chegando ao Brasil iriam receber um terreno já limpo e pronto para a cultura, e só encontraram mato, às vezes impenetrável” (STOLZ, 1997, p.62). A respeito, Marin, ainda elucida que:

Os emigrantes poloneses sofreram mais do que os outros imigrantes as agruras da colonização porque não estavam acostumados com terras íngremes, com tanta pedra e tanta mata. Vieram sem ferramentas, em geral sem dinheiro, sem acompanhamento médico e técnico. (MARIN, 2019, p. 83).

Além disso, eles a convivência com outros grupos de imigrantes nem sempre foi harmoniosa, pois diferenças culturais e idiomáticas dificultavam a interação. Disputas por terras e recursos naturais geraram conflitos entre poloneses, italianos, alemães, caboclos e indígenas.

A posse da terra era um elemento central na cultura polonesa, como visto anteriormente, na Polônia, muitos enfrentavam dificuldades de acesso à propriedade devido às estruturas latifundiárias e às instabilidades políticas. No Brasil, a promessa de terras pelo governo foi um fator determinante para sua vinda. As colônias polonesas eram organizadas, na maioria das vezes, em pequenas propriedades familiares, voltadas para a agricultura de subsistência e à produção de excedentes para comercialização.

Os poloneses trouxeram consigo conhecimentos agrícolas e, ao longo do tempo, diversificaram suas atividades. Embora as terras da Colônia Conde d'Eu não tinha o relevo propício para cultivarem cereais, eles plantavam milho, trigo e centeio, além de se dedicarem à fruticultura e à criação de suínos. A diversificação da produção foi fundamental para a segurança alimentar das famílias e para a geração de renda.

As terras destinadas aos imigrantes estavam cobertas por florestas densas da Mata Atlântica e do bioma subtropical. Para abrir espaço para plantações e moradias, os poloneses realizaram desmatamentos extensivos, derrubando árvores com machados e queimando a vegetação. Embora necessário para a sobrevivência, esse processo reduziu significativamente a cobertura florestal em várias regiões.

Além da agricultura, os poloneses utilizaram os recursos naturais disponíveis para sua subsistência e construção. As madeiras extraídas das matas foram amplamente usadas na construção de casas, igrejas e utensílios domésticos. Os rios e riachos eram fontes de água potável e para a irrigação das lavouras, enquanto a caça e a pesca complementavam a alimentação.

Ainda, a alimentação dos imigrantes poloneses mudou significativamente ao chegarem ao Brasil. Na Polônia, a dieta era baseada em cereais como trigo, centeio e cevada, além de batatas, repolho, carne suína e derivados do leite, como queijos e manteiga. Pratos tradicionais incluíam pierogi (pasteis recheados), bigos (ensopado de repolho e carne) e sopas espessas, como barszcz (sopa de beterraba).

No Rio Grande do Sul, eles precisaram adaptar-se aos ingredientes disponíveis, o milho, feijão, mandioca e arroz passaram a fazer parte da alimentação diária, assim como frutas tropicais e carnes diferentes, como a bovina. Aos poucos, mantiveram algumas receitas tradicionais, mas com ingredientes locais. Um exemplo disso é o uso da mandioca no lugar da batata em alguns pratos e a incorporação do churrasco gaúcho na dieta.

Na Polônia, o clima temperado favorecia o cultivo de trigo, centeio e batatas. No Brasil, os imigrantes tiveram que se adaptar ao solo e às condições subtropicais. Inicialmente, enfrentaram dificuldades devido à falta de conhecimento sobre o comportamento das novas terras e à ausência de técnicas avançadas de conservação do solo, resultando em erosão e perda de fertilidade em algumas áreas.

Com o tempo, perceberam os desafios da degradação do solo e buscaram formas de manejo mais sustentáveis, como o uso de adubos naturais e a rotação de culturas. No entanto, o crescimento populacional e a expansão das propriedades agrícolas continuaram pressionando os ecossistemas locais.

Outro desafio com a chegada dos imigrantes poloneses ao Rio Grande do Sul foi a convivência com outros grupos, incluindo imigrantes europeus, indígenas e caboclos. Os indígenas Kaingang, que habitavam a serra e região norte do estado, foram diretamente impactados pela chegada dos colonos europeus. Houve disputas por território, uma vez que os indígenas perderam parte de suas terras tradicionais. Alguns resistiram, enquanto outros buscaram trocas e aprendizado com os colonos, especialmente no uso de plantas medicinais e técnicas de sobrevivência na mata.

Os caboclos, já estabelecidos em algumas regiões antes da chegada dos poloneses, também tiveram dificuldades de adaptação, enquanto os caboclos costumavam viver de forma mais nômade ou em pequenas propriedades, os poloneses trouxeram um modelo de colonização estruturado, baseado na propriedade privada da terra, isso gerou disputas pelo uso de áreas já ocupadas.

Apesar das diferenças, os poloneses aprenderam com os caboclos algumas práticas agrícolas locais, como o cultivo da mandioca e a utilização de ervas nativas para medicina. Em contrapartida, os caboclos passaram a adotar algumas práticas europeias.

Inicialmente, os poloneses que se estabeleceram nas “Colônias Velhas” receberam cerca de 10 hectares de terra, uma extensão que parecia mais do que suficiente, considerando que, na Polônia, quando possuíam terras, a média era de apenas 2 hectares. No entanto, com o passar do tempo, essa distribuição tornou-se um problema. As propriedades eram subdivididas entre os filhos dos imigrantes, tornando-se cada vez menores e improdutivas. Além disso, o relevo

acidentado e a fertilidade nem sempre favorável do solo impunham desafios adicionais à atividade agrícola.

Ainda que enfrentassem dificuldades, seria equivocado afirmar que as “Colônias Velhas”, em especial a de São Marcos fracassaram. Apesar do isolamento geográfico e das adversidades impostas pelo relevo montanhoso e pela distância dos centros comerciais, os poloneses demonstraram notável resiliência e capacidade de adaptação. Com poucos recursos e contando essencialmente com o próprio esforço, desbravaram a mata, construíram suas casas, cultivaram a terra e abriram caminhos que posteriormente se tornariam estradas. Além disso, fundaram escolas e organizaram suas comunidades, garantindo a preservação de sua cultura e identidade. A experiência adquirida ao longo dessas duas décadas foi fundamental para a continuidade da colonização polonesa no Rio Grande do Sul, servindo como base para novas migrações e assentamentos em outras regiões do estado.

Após quase 20 anos como proprietários de terras nas “Colônias Velhas” do Rio Grande do Sul, o crescimento das famílias e a necessidade de mais terras para sustento levaram muitos poloneses a migrarem para novas áreas de colonização no norte do estado, especialmente para a Colônia Erechim. Nessa região, tanto o governo quanto companhias privadas ofereciam lotes maiores a preços mais acessíveis, fator determinante para essa nova fase da migração, como veremos no próximo tópico.

A INSTALAÇÃO DOS POLONESES NO MUNICÍPIO DE CARLOS GOMES

Após enfrentarem dificuldades nas chamadas “Colônias Velhas” do Rio Grande do Sul, onde receberam terras de qualidade variável e conviveram com conflitos culturais, muitos poloneses buscaram novas oportunidades no norte do estado. Inicialmente, a vida nas colônias seguiu sem grandes problemas, enquanto seus filhos eram de menor idade. No entanto, com o passar dos anos, a necessidade de terras adicionais para os descendentes tornou-se um obstáculo. Cercados, porém, de todos os lados por imigrantes italianos, não tinham a possibilidade de adquirir novos lotes coloniais para os filhos casadouros, trataram de vender os seus lotes e reemigrar.

Dessa forma, muitos poloneses decidiram partir para a Colônia Erechim, criada em 1908 e emancipada em 1918, que se tornou um importante destino para a imigração polonesa. A região oferecia lotes maiores e mais acessíveis, permitindo a expansão das famílias e a continuidade de suas tradições. Comunidades como Áurea, Centenário, Barão de Cotegipe e Carlos Gomes tornaram-se centros

de assentamento polonês, contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural da região.

Na segunda metade do século XIX, o governo do Rio Grande do Sul, juntamente com empresas colonizadoras, começou a incentivar a ocupação de terras mais ao norte do estado, incluindo a região de Erechim e seus arredores. Essas áreas ainda estavam sendo desmatadas e estruturadas para o assentamento de novos imigrantes e o objetivo era aumentar a população e fortalecer a economia da região. Conforme Stawinski (1976, p. 78): “Se desencadeou nova onda migratória rumo da nova colonização do Vale do Alto Uruguai. Agiram acertadamente, pois confinados em nesgas de terras acidentadas não podiam expandir-se”.

Neste tópico, analisaremos o caso específico desta onda migratória polonesa para o atual município de Carlos Gomes (espaço abrangido pela Colônia Erechim), onde esses imigrantes encontraram seu espaço, embora enfrentando inúmeros desafios.

O principal sonho do camponês polonês era a propriedade da terra; no entanto, a concessão fundiária não solucionava todas as dificuldades enfrentadas. Pelo contrário, representava o início de um árduo processo que envolvia a construção de vias de comunicação, a remoção da mata nativa e a adaptação às condições ambientais da nova região para possibilitar o cultivo das lavouras.

A imigração polonesa inseriu-se em um sistema de colonização baseado no trabalho agrícola e na transformação da natureza em um espaço produtivo, com a expectativa de aquisição definitiva da terra e melhoria das condições de vida. O anseio pela propriedade privada foi um dos fatores determinantes para a chegada dos poloneses a Carlos Gomes, local que, para muitos deles, tornou-se a “Nova Polônia”.

A maioria dos poloneses que chegaram à região de Erechim eram imigrantes vindos das “Colônias Velhas”. Muitos desses imigrantes optaram por se instalar nas terras do Rio do Peixe, atualmente o município de Carlos Gomes. Essa área, embora mais remota e menos povoada, oferecia uma quantidade maior de terras. As condições para a colonização eram mais favoráveis, com a oferta de lotes maiores e a possibilidade de trabalhar em regiões menos desenvolvidas, o que atraía os imigrantes em busca de novas oportunidades.

A partir de 1907, uma única ideia passou a dominar os agricultores poloneses da Colônia São Marcos: vender suas propriedades e emigrar para as novas terras do Rio do Peixe e Paiol Grande (atualmente no município de Erechim). O próprio Estado foi responsável pela venda dos terrenos aos imigrantes, que, em sua grande maioria, provinham das “Colônias Velhas” do Rio Grande do Sul. Apenas uma pequena parte chegou diretamente da Polônia para se estabelecer em Carlos Gomes. Em poucos anos, aproximadamente 95%

dos poloneses que habitavam a Colônia São Marcos optaram por migrar para o norte do estado, em busca de novas oportunidades (STAWINSKI, 1976).

Quando da chegada dos primeiros imigrantes poloneses a Carlos Gomes, a área pertencia ao município de Passo Fundo. Enquanto localidade, recebeu denominações como “Sede dos Polacos” (1907) e “Rio do Peixe” (1914). Em 1937, verifica-se a denominação de “Nova Polônia” como distrito pertencente ao município de Erechim. Por meio do Decreto Estadual nº 7.199, de 31 de março de 1938, o distrito passou a se chamar “Ribeirão Torto” e continuou pertencendo ao município de Erechim, que, a partir de então, foi renomeado “José Bonifácio”, voltando a se chamar Erechim em 1944. No ano seguinte, o Decreto Estadual nº 7.842, de 30 de junho de 1939, alterou a denominação do distrito para “Carlos Gomes”, nome adotado em alusão às composições do maestro homônimo. Daí em diante, o nome Carlos Gomes se consolidou, enquanto sua jurisdição foi sendo alterada. Com o desmembramento de alguns distritos de Erechim, a Lei Estadual nº 2.530, de 15 de dezembro de 1954, integrou o distrito de Carlos Gomes ao município de Gaurama. Anos mais tarde, a Lei Estadual nº 3.728, de 18 de fevereiro de 1959, transferiu Carlos Gomes para a jurisdição do recém-criado município de Viadutos. Por fim, em 1992, Carlos Gomes se emancipou, tornando-se município (KRZYSCZAK, ROCHA, GRITTI, 2024).

Desta vez, porém, os colonos poloneses estavam mais conscientes das terras que estavam deixando para trás e daquelas que estavam prestes a ocupar. Apesar de não terem se enriquecido, conseguiram economizar um capital que lhes permitiu a aquisição de lotes maiores e mais adequados para a cultura de cereais. Não se passaram sequer 20 anos desde sua chegada a São Marcos, quando teve início o novo êxodo em busca de melhores condições.

A migração dos poloneses de São Marcos para as novas áreas de colonização no Vale do Alto Uruguai e no Rio do Peixe foi um processo gradual. Por qualquer preço, muitos venderam suas propriedades aos colonos italianos, e aqueles que habitavam as encostas do Rio das Antas e do Rio São Marcos, ao não conseguirem vender seus lotes, optaram por abandoná-los e partir em busca das novas terras. Foi assim que, a partir de 1907, surgiram novos núcleos de assentamento, como Carlos Gomes, Centenário, Áurea, Erechim e Marcelino Ramos, que se tornaram importantes destinos para os imigrantes poloneses.

As terras em Carlos Gomes foram adquiridas em especial através do incentivo governamental, que facilitava o acesso à propriedade para imigrantes dispostos a trabalhar na agricultura. As famílias polonesas adquiriram inicialmente lotes rurais que em média mediam 25 hectares (mais do que o dobro dos lotes que possuíam na Colônia de São Marcos), muitas vezes parcelando o pagamento. O apoio do governo brasileiro foi fundamental, oferecendo

condições acessíveis para a compra e estabelecendo políticas de incentivo à imigração.

Cada família recebeu uma área proporcional à sua capacidade de produção, e o pagamento era feito ao longo dos anos, em prestações acessíveis. Essa possibilidade representou a realização do sonho polonês de possuir um pedaço de terra, garantindo sustento e estabilidade para as gerações futuras.

É relevante mencionar que, quando os poloneses se estabeleceram no território que viria a se chamar Carlos Gomes, “não significa que antes deles o território não estivesse ocupado pois é notória a existência de povos indígenas e dos chamados “caboclos” muito antes da chegada dos europeus”. (KRZYSCZAK, ROCHA, GRITTI, 2024, p.25).

Não se sabe ao certo a data da vinda, mas havia também pequenos núcleos familiares de imigrantes alemães em Carlos Gomes. Com o avanço da imigração polonesa, esses colonos alemães deixaram a localidade e migraram para Blumenau, em Santa Catarina. Atualmente, os vestígios da presença alemã se restringem às memórias dos moradores locais e a um pequeno cemitério situado em meio à vegetação densa, que contém aproximadamente cinco túmulos. Dentre eles, destaca-se o de Catarina Meyer Sommer, nascida em 3 de julho de 1876 (local de nascimento desconhecido) e falecida em 8 de dezembro de 1938.

Com relação à presença de outras etnias durante o período da imigração polonesa em Carlos Gomes, os relatos dos imigrantes indicam que esses grupos também estiveram na região. Além disso, um pequeno número de indivíduos de outras nacionalidades adquiriu propriedades no município logo após a chegada dos poloneses, como portugueses ou “caboclos”. Um exemplo notável é o do colono José Sabino Lopes, que, por meio do Decreto nº 2.943, de 3 de março de 1922, da Secretaria de Estado dos Negócios de Obras do Rio Grande do Sul, adquiriu do Estado o lote rural nº 32 da Seção do Rio do Peixe, com uma área de 250 metros quadrados, pelo valor de 945 mil réis.

Em meio a esse processo, de vinda para a “Sede dos Polacos” os poloneses que chegaram precisaram superar ainda barreiras significativas. O idioma era um dos principais desafios, já que muitos não falavam português e precisavam se comunicar em meio a um ambiente linguístico diverso. Ao mesmo tempo que os imigrantes tinham interesse em preservar a língua e os costumes poloneses, que conforme Barreto:

Tão logo estabelecido na nova terra, após demarcado o lote e construída a habitação, via de regra, preocupou-se o colono polonês com a instrução dos filhos, com atendimento religioso e com a preservação da cultura polonesa, ameaçada na terra de origem. (BARRETO, 1979, p. 61).

Além disso, mesmo após quase 20 anos nas Colônias Velhas do Rio Grande do Sul, os poloneses ainda enfrentavam desafios para se adaptar às novas práticas agrícolas. As técnicas utilizadas na Polônia nem sempre eram eficazes nas condições brasileiras, exigindo um longo processo de aprendizado e experimentação. No entanto, nas novas terras, havia uma oportunidade maior para o cultivo de cereais, algo que se tornava mais difícil nas Colônias Velhas devido às limitações do solo e do clima.

Outro obstáculo era a necessidade de desmatamento para a criação de roças, sem equipamentos adequados, os imigrantes dependiam do trabalho manual e da força de animais para abrir espaço para o plantio. Essa etapa foi árdua, mas essencial para o estabelecimento da comunidade.

Importante enfatizar que logo após a vinda dos imigrantes poloneses em Carlos Gomes, foi expedido o Regulamento de Terras de 10 de agosto de 1922, que foi um conjunto de normas estabelecidas pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul para disciplinar a distribuição, aquisição e ocupação de terras públicas. Esse regulamento fez parte de uma série de medidas adotadas no início do século XX para organizar a colonização e a regularização fundiária no estado, especialmente em regiões de imigração e que veio a regular também as questões de desmatamento nas propriedades rurais.

Embora os imigrantes poloneses enfrentassem inúmeros desafios na conquista de suas novas propriedades no Brasil, é importante destacar que, em comparação às relações de subordinação entre camponeses e senhores de terras na Polônia, havia no Brasil um cenário de maior liberdade, especialmente pela ausência do regime servil que ainda marcava a estrutura agrária europeia.

A respeito, importante registrar o pensamento de Tomacheski, que:

Dessa forma, poderíamos afirmar, a maior distinção de riqueza no Reino da Polônia era a posse da terra, uma distinção entre poder e não poder, possuir e ser possuído, liberdade e servidão. Para os “senhores de terra” não bastava apenas a posse de uma grande propriedade. [...]. Tornava-se necessária uma grande quantidade de aldeões que trabalhassem da mesma forma, quase gratuita. Por isso é compreensível que o desejo de emigrar em busca da sua própria terra fosse uma ameaça para a estrutura semi feudal que vigorava na grande planície (TOMACHESKI, 2014, p.104).

Ainda, essa busca por liberdade e melhores condições de vida estava intrinsecamente ligada à estruturação das comunidades imigrantes, nas quais a Igreja Católica desempenhou um papel central. Em Carlos Gomes, a atuação dos padres foi essencial não apenas no amparo espiritual, mas também na organização social e econômica dos colonos, influenciando diretamente a relação desses imigrantes com a propriedade rural.

No entanto, como destaca Wachowicz (1981), grande parte do clero polonês se opunha à emigração, demonstrando pouca sensibilidade em relação ao desejo dos camponeses de buscar melhores condições de vida. Essa resistência estava diretamente relacionada aos interesses dos latifundiários, que temiam perder sua principal fonte de mão de obra caso os camponeses deixassem a Polônia em direção ao Brasil. Marin (2019, p.83) reforça essa tese afirmando que os poloneses: “Eram católicos, no entanto tiveram pouco acompanhamento sacerdotal”.

Contudo, a Igreja Católica passou a dar mais atenção aos imigrantes poloneses em Carlos Gomes, especialmente na década de 1930, com a chegada dos padres poloneses da Congregação da Sociedade de Cristo, que vieram ao Brasil para atuar junto a essa comunidade. O primeiro pároco de Carlos Gomes foi Estanislau Golombowski. Ele e outros religiosos, como as irmãs da Sagrada Família de Jesus, passaram a ter uma forte presença nas comunidades rurais, desempenhando um papel significativo na educação e na orientação moral dos habitantes da Vila de Carlos Gomes. Além disso, frequentemente se envolviam diretamente em questões relacionadas à propriedade rural, auxiliando os imigrantes na organização de suas terras e no gerenciamento eficiente de suas propriedades agrícolas.

Neste sentido, os padres e demais religiosos, tiveram um papel ativo na organização e no assentamento dos imigrantes. Eram não apenas guias espirituais, mas também figuras de liderança, ajudando os colonos a se adaptarem à vida rural.

Os padres incentivavam a prática da agricultura como uma virtude cristã, associando o trabalho na terra à moral religiosa. Esse vínculo entre a fé e a agricultura contribuía para a formação de uma forte identidade de trabalho e de pertença à terra, essencial para a sobrevivência dos colonos.

Para os poloneses, a terra tanto na Polônia quanto no Brasil, não era apenas um bem econômico, mas um símbolo de liberdade e segurança. A posse da terra significava independência e garantia de sustento. Esse sentimento está ligado ao conceito de topofilia, ou seja, o apego emocional ao espaço habitado. A terra era vista como um patrimônio sagrado, um elo entre as gerações e um símbolo da identidade cultural preservada mesmo longe da Polônia. Marmilicz, enfatiza que:

A concepção de terra para o imigrante polonês, é diferente da atual, a terra não é sinônimo de capital, mercadoria, bem que se compra e vende, mas sim, terra = mãe, aquela que gera, aquela que auxilia, a amiga, a companheira. Aqui nasci, vivi e vou morrer. Vender a terra, jamais. Ela é um pedaço de mim. (MARMILICZ, 1996, p.56)

Ao final, o indivíduo que, anteriormente, na Polônia, vivia em condições de extrema dependência em relação a um senhor de terras, submetido a um sistema agrário que limitava suas perspectivas de ascensão social, ao emigrar para Carlos Gomes, encontrou uma realidade substancialmente distinta. Nesse novo contexto, após muito trabalho, tornou-se proprietário de terras, possuidor de animais, consolidando-se como uma figura importante dentro da estrutura socioeconômica das colônias. Assim, mais do que um simples imigrante em busca de melhores condições de vida, ele se transformou em um agente ativo no processo de colonização, sendo frequentemente descrito, conforme a nomenclatura da época, como um ‘colono forte’, expressão que denotava não apenas sua independência material, mas também sua resiliência e capacidade de adaptação ao novo ambiente.

Segundo Stawinski (1976), passados 30 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes a Carlos Gomes, o crescimento populacional foi tão significativo que a fixação das novas famílias exigiu a divisão e subdivisão dos lotes coloniais. Tanto no aspecto econômico quanto nos âmbitos educacional e religioso, a situação dos agricultores poloneses na região melhorou consideravelmente, refletindo o progresso e a consolidação da comunidade ao longo das décadas.

Na década de 1980, a população de Carlos Gomes enfrentou a ameaça de desapropriação devido à construção da Usina Hidrelétrica de Machadinho. Muitos dos que ali residiam eram os imigrantes poloneses ou descendentes daqueles que, fugindo de um país que não lhes proporcionava acesso à terra, chegaram ao Brasil e se estabeleceram inicialmente nas Colônias Velhas do Rio Grande do Sul. No entanto, a limitação territorial nessas colônias forçou-os a buscar novas áreas de assentamento, encontrando em Carlos Gomes um local que passaram a considerar verdadeiramente seu.

A perspectiva de uma nova migração imposta, dessa vez em razão do avanço da infraestrutura energética, representava um grande desafio para essa comunidade. Para os agricultores, a possibilidade de serem removidos de suas terras significava reviver a insegurança e a instabilidade enfrentadas por seus antepassados. No entanto, por meio de um forte movimento de resistência, os moradores conseguiram impedir a desapropriação e a instalação da hidrelétrica naquele espaço.

Essa luta culminou, em 1992, com a emancipação de Carlos Gomes em relação ao município de Viadutos, um marco simbólico e político para a comunidade, a emancipação representou a conquista da autonomia administrativa e o reconhecimento da identidade local. Assim, os imigrantes poloneses e os seus descendentes não apenas asseguraram a permanência

em suas terras, mas consolidaram-se como protagonistas do destino de sua comunidade, tornando-se, de fato, os senhores das terras que tanto defenderam.

Carlos Gomes se tornou a terra sonhada pelos imigrantes poloneses, com esforço e resiliência, transformaram um ambiente hostil em um lar próspero, onde puderam cultivar suas tradições e garantir um futuro melhor para seus descendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração polonesa para o Brasil foi, acima de tudo, uma jornada em busca de terra, liberdade e dignidade. No contexto europeu do final do século XIX e início do século XX, os camponeses poloneses estavam submetidos a um sistema agrário opressor, onde a posse da terra era privilégio de uma elite aristocrática e a maioria da população rural vivia em condições de extrema dependência. A falta de perspectivas, aliada à fragmentação política da Polônia sob domínio estrangeiro, impulsionou milhares de poloneses a deixarem sua terra natal e cruzarem o oceano em busca de um futuro promissor.

No Brasil, o governo incentivava a vinda de imigrantes para ocupar áreas rurais e impulsionar a agricultura. No entanto, a realidade que os poloneses encontraram nas chamadas “Colônias Velhas” do Rio Grande do Sul nem sempre correspondia às promessas feitas pelos agentes de colonização. As terras disponíveis eram frequentemente acidentadas, pedregosas e de baixa fertilidade, dificultando a concretização do sonho da propriedade produtiva. Muitos desses imigrantes, após enfrentarem duras dificuldades, continuaram sua jornada em busca de novas oportunidades, o que os levou à região de Erechim e, mais especificamente, ao atual município de Carlos Gomes.

Em Carlos Gomes, finalmente, os camponeses poloneses encontraram terras em quantidade e condições mais adequadas para a agricultura, permitindo-lhes estabelecer uma comunidade sólida e autossuficiente. Para esses imigrantes, a posse da terra transcendeu o caráter meramente econômico: ela era um símbolo de conquista, autonomia e continuidade de suas tradições. A terra representava um bem sagrado, um presente divino que garantia não apenas a subsistência, mas também o enraizamento cultural e identitário. A relação dos poloneses com a terra era carregada de um profundo sentido espiritual, refletindo um vínculo de respeito e devoção que remontava à sua experiência na Polônia.

A emancipação de Carlos Gomes, ocorrida em 1992, consolidou a realização do sonho dos imigrantes e seus descendentes. Deixando de ser um distrito subordinado a Viadutos, Carlos Gomes tornou-se, de fato, um espaço governado por aqueles que a construíram com seu esforço e trabalho. Os poloneses que ali se estabeleceram passaram a não apenas trabalhar e morar

nessas terras, mas também a administrá-las e legislar sobre elas, assumindo o controle político e social do município que ajudaram a erguer. Essa conquista reforçou ainda mais o sentimento de pertencimento e orgulho pela comunidade que, ao longo de gerações, transformou o território em um legado vivo da imigração polonesa no Brasil.

Assim, a história dos imigrantes poloneses de Carlos Gomes não se restringe a uma narrativa de deslocamento e colonização. É uma história de resistência, fé e identidade, marcada pela luta por um espaço próprio e pelo desejo de construir um futuro digno para as próximas gerações. O solo que cultivaram, antes um sonho distante, tornou-se um lar definitivo, um refúgio de suas tradições e um testemunho de sua perseverança. Carlos Gomes, mais do que um município, é o símbolo da vitória desses imigrantes sobre as adversidades, a materialização da “terra prometida” que tanto almejaram.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. **Os Poloneses do Alto Vale do Rio Tijucas**: um estudo de história demográfica. 1979. Dissertação (Mestrado em história) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.

CHELMICKI, Zymunt. **Imigrantes Poloneses no Brasil de 1891**. Tradução de Sofia Winklewski Dyminski. Brasília: Senado Federal, 2010.

DAVIES, Norman. **God's Playground: A History of Poland**. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil**. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

KAMINSKI, Lukasz; KORKUC, Maciej. **Guia pela história da Polônia**. Centrum Poligrafii: Varsóvia, 2017.

KRZYSCZAK, Fábio Roberto; ROCHA, José Humberto da; GRITTI, Isabel Rosa. **História do município de Carlos Gomes: imigração, cultura e resistência**. Porto Alegre: EST Edições, 2024.

LUKOWSKI, Jerzy; ZAWADZKI, Hubert. **A Concise History of Poland**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARIN, Iraci José. **A Polônia e os poloneses**. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski: EST Edições, 2019.

MARMILICZ, Paulo Tomaz. **A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais**. Ijuí: Policromia, 1996.

MAZUREK, Jerzy. **A Polônia e seus Emigrados na América Latina (até 1939)**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul. UCS. Porto Alegre: EST, 1976.

STOLZ, Roger. **Cartas de imigrantes**. Porto Alegre: EST Edições, 1997.

TOMACHESKI, Mauro Baltazar. **A terra prometida da Virgem Maria: imigrantes, viajantes intelectuais e colonos na imigração polaca**. 2014. 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Um “imperialismo polonês”: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período Entreguerras**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em história, Universidade Federal do Paraná, 2020.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural/Casa Romário Martins, 1981.

WANDYCZ, Piotr. **The lands of partitioned Poland, 1795-1918**. Seattle: University of Washington, 1974.



DIREITOS LINGÜÍSTICOS DA DIÁSPORA POLONESA

Fabricio J. Nazzari Vicroski¹

APRESENTAÇÃO

O presente artigo discute os recentes projetos e iniciativas para a promoção e proteção legal da língua polonesa em território nacional, com destaque para as ações articuladas por representantes da diáspora polonesa no Rio Grande do Sul. São apresentadas, sobretudo, as iniciativas que almejam um amparo normativo para a língua polonesa, como os projetos de cooficialização do idioma no âmbito dos municípios, e o projeto de inventário e tombamento da língua polonesa como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

O ensino e manutenção da língua polonesa tem recebido um forte impulso no Brasil nos últimos anos. Isso se deve a uma série de fatores. Por um lado, percebe-se um maior apoio da Polônia para projetos de difusão da língua polonesa no país, e, por outro, observa-se um despertar do interesse pela língua em meio às comunidades formadas por descendentes de poloneses que mantêm algum grau de identificação com a Polônia.

No ano de 2019 a Polônia deu um importante passo na manutenção desse sentimento de polonidade no exterior. A *Karta polaka* (em português, cartão de polonês) teve sua abrangência dilatada. O documento é conferido a pessoas que não possuem a cidadania, mas que mantêm uma relação de pertencimento étnico e cultural em relação à nação polonesa. Não se trata, portanto, do reconhecimento da cidadania (*obywatelstwo*), mas sim da nacionalidade (*narodowość*) em seu conceito polonês. A *Karta* confere uma série de benefícios, como o acesso ao sistema público de ensino ou a possibilidade de obtenção da cidadania após um ano de moradia na Polônia.

O documento criado em 2007 inicialmente contemplava somente as pessoas de origem polonesa que viviam nos países de sua fronteira oriental, formados após o colapso da União Soviética. A partir de 2019 a sua aplicabilidade foi estendida para todos os países.

1 Arqueólogo e Doutor em História. Ativista cultural polônico e membro representante da língua polonesa junto ao Colegiado Setorial da Diversidade Linguística no Rio Grande do Sul (2020-2024). fabricioarqueologia@hotmail.com.

O procedimento para a obtenção do documento é feito através dos consulados da Polônia. Todo o processo é gratuito e simplificado se comparado aos trâmites necessários para a obtenção da cidadania. Em muitas comunidades a *Karta Polaka* tem sido vista como uma possibilidade dos jovens terem acesso a um sistema de ensino superior gratuito e de qualidade, uma vez que além do acesso às universidades polonesas, os portadores do documento também podem receber auxílio financeiro do governo polonês enquanto realizam seus estudos, uma possibilidade deveras atrativa frente ao contexto de muitas comunidades rurais do sul do Brasil. Todavia, o processo de obtenção do documento perpassa pela exigência básica do conhecimento da língua polonesa em seu nível comunicativo. Isto tem feito crescer o interesse por cursos da língua em todo o país, resultando também num aumento da demanda por professores, assinalando assim um período de renascimento da língua polonesa em terras brasileiras.

CONTEXTO HISTÓRICO²

Nos séculos XIX e XX a Europa enfrentava um contexto de dificuldades e transformações de ordem social, política, econômica. Essa conjuntura, associada às questões internas do Brasil durante os períodos Imperial e Republicano, resultaram no desembarque maciço de imigrantes nas terras brasileiras.

As nações europeias encontravam-se imersas em processos de unificações e definições territoriais. Os imigrantes poloneses inserem-se numa conjuntura permeada de particularidades. Após séculos de existência pujante e soberana, a Polônia foi suprimida do mapa da Europa. Nos anos de 1772, 1793 e 1795 o país teve seu território ocupado e partilhado pelos Impérios Russo, Austríaco³ e Reino da Prússia. A Polônia então deixou de ser uma nação soberana e a sua população foi subjugada. No século XIX eclodiram articulações e revoltas armadas que visavam a recuperação da sua autonomia. As dificuldades impostas pela dominação estrangeira eram aguçadas pelo recrutamento para o serviço militar junto às nações ocupantes e severas imposições que restringiam o uso da língua polonesa. Foi nessa conjuntura que grande parte dos imigrantes poloneses chegou ao Brasil, dentre os quais, perseguidos políticos participantes dos frustrados Levante de Novembro (1830-1831) e Levante de Janeiro (1863-1864), as duas maiores revoltas armadas da população polonesa contra o domínio russo.

2 VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; SZYKULSKI, Józef. *Editorial de apresentação do Dossiê Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais*. Revista História: Debates e Tendências, v. 20 n. 3. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2020.

3 Domínio territorial com múltiplas denominações e fronteiras. Monarquia ou Império de Habsburgo (1526 – 1867); Império Austríaco (1804 – 1867), Império Austro-Húngaro (1867 – 1918).

Para muitas famílias, a emigração era encarada como a única possibilidade de oferecer aos seus filhos a expectativa de uma vida com menos privações. Impelidos pelas imprecisas propagandas das companhias de navegação, o Brasil era vislumbrado como a “Terra Prometida” (*Ziemia Obiecana*). Um lugar de fartura e oportunidades. A realidade, no entanto, mostrou-se menos romântica. O desafio era descomunal. Encontraram uma nação em processo formativo, para a qual dariam a sua contribuição.

Após 123 anos de dominação, a Polônia independente e soberana ressurgiu em 1918 após a Iª Guerra Mundial. Graças à atuação de Rui Barbosa - proeminente estadista brasileiro defensor da causa polonesa -, o Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer formalmente a recuperação da independência da Polônia.

Com a eclosão da IIª Guerra Mundial em 1939, o período migratório acentuou-se novamente. O maior fluxo, no entanto, foi aquele registrado no período pré-guerras em que a Polônia encontrava-se ocupada, fator que gerou uma elevada subnotificação dos dados estatísticos referentes à imigração polonesa no Brasil, uma vez que os imigrantes portavam documentos emitidos pelas nações ocupantes. Os dados utilizados por diversas organizações e mesmo pelos Ministérios das Relações Exteriores do Brasil e da Polônia são imprecisos e díspares, pois muitos imigrantes registrados no Brasil como russos, prussianos, alemães e austríacos eram na realidade poloneses (Figura 1).

Figura 1 – Lista de passageiros do vapor Darmstadt procedente de Bremen. O navio aportou no Rio de Janeiro em 1890 trazendo centenas de imigrantes poloneses então registrados como agricultores russos, a exemplo de Michał Wichrowski e sua família procedentes da região de Turek.

192	9 Leonarb Wichorek	22
193	790 Jan Pawlark marido	24
	1 Antonina mulher	26
194	2 Michał Wichrowski pai	30
	3 Marianna " mãe	22
	4 Bronislaw " menino	3/12
195		20

Vertical text in red box: Russos, Agricultores

Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

A correção e atualização desses dados é uma tarefa que se impõe aos historiadores. Pesquisas recentes têm alçado os poloneses ao posto de terceiro maior contingente migratório do Brasil, contabilizando mais de 600 mil pessoas, o que corresponde a um percentual de 11,50% do total de imigrantes, suplantados apenas pelos italianos (32,22%) e portugueses (29,20%), e seguidos pelos espanhóis (11,03%), alemães (5,05%) e japoneses (3,75%). Com base em cálculos demográficos e estatísticos, estima-se que atualmente os brasileiros com ascendência polonesa totalizem cerca de **cinco milhões de pessoas**⁴, concentrados especialmente na região sul do Brasil, mas presente também em outros Estados, como Espírito Santo e São Paulo⁵. As cifras expressivas se traduzem em contribuições nos mais variados aspectos da sociedade brasileira.

No Rio Grande do Sul, o ano de 1875 é comumente considerado o marco inicial da colonização polonesa. Todavia, os registros oficiais evidenciam a presença de poloneses já nos primórdios da imigração germânica no Estado. Havia famílias polonesas dentre o grupo de imigrantes prussianos que se estabeleceram em São Leopoldo em 1824.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos e culturais, há um fértil campo de pesquisas. O idioma trazido por grande parte dos imigrantes corresponde à versão camponesa do século XIX, atualmente sob influência do português e de línguas indígenas. É uma oportunidade inigualável para pesquisadores e linguistas ouvirem a *staropolszczyzna* talvez compartilhada pelos personagens anônimos retratados nas pinturas de Chełmoński ou na literatura de Mickiewicz e Reymont. A influência chega a tal ponto que mesmo o português falado por descendentes de imigrantes traz fenômenos linguísticos como *code-switching*, sotaques e construções frasais inerentes à língua polonesa⁶.

O “polonês antigo” ainda em uso pela população mais idosa, muito em breve será completamente substituído pela versão contemporânea do idioma, o que torna urgente a adoção de medidas de pesquisa e registro dessas peculiaridades linguísticas.

4 Tais dados - em grande medida inéditos - foram levantados, sobretudo, no âmbito das pesquisas realizadas pelo Pe. Jan Pitoń (*in memoriam*). Sua base de dados vem sendo revisada e ampliada pelo historiador Ulisses Iarochinski.

5 IAROCHINSKI, Ulisses. *Confusão estatística na imigração polaca*. In: REWERA, Witold; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Polscy Brazylijczycy/Brasileiro-Poloneses*. Tom I. Lublin: Wydawnictwo UMCS, 2021.

6 WEPIK, F. Fátima. *Crenças e atitudes Linguísticas de Polono-Brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de parentesco*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2017.

A LÍNGUA POLONESA NO RIO GRANDE DO SUL

Atualmente as marcas e expressões da colonização polonesa estão presentes em vários aspectos do cotidiano especialmente em municípios do Rio Grande do Sul, mas também no Paraná e Santa Catarina (Figura 2), perpassando pela gastronomia, arquitetura, folclore, religiosidade, artesanato, dentre outros costumes e tradições⁷, e, obviamente, através da manutenção e transmissão do idioma trazido pelos imigrantes, bem como pelo peculiar sotaque que essa herança linguística impõe ao português atualmente falado pelos descendentes de imigrantes poloneses.

Figura 2 – Localização aproximada dos municípios da região sul do Brasil onde a língua polonesa é falada.



Fonte: VICROSKI, 2022.

⁷ IAROCCHINSKI, Ulisses. *Polaco – Identidade Cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*. Curitiba: [s.n.], 2010.

Na tabela 1 apresentamos uma relação dos municípios do Rio Grande do Sul que registram a presença de falantes da língua polonesa. Essa relação, todavia, é ainda parcial e dinâmica, portanto, não é exaustiva, mas sim ilustrativa.

Tabela 1: Presença da língua polonesa em municípios do Rio Grande do Sul

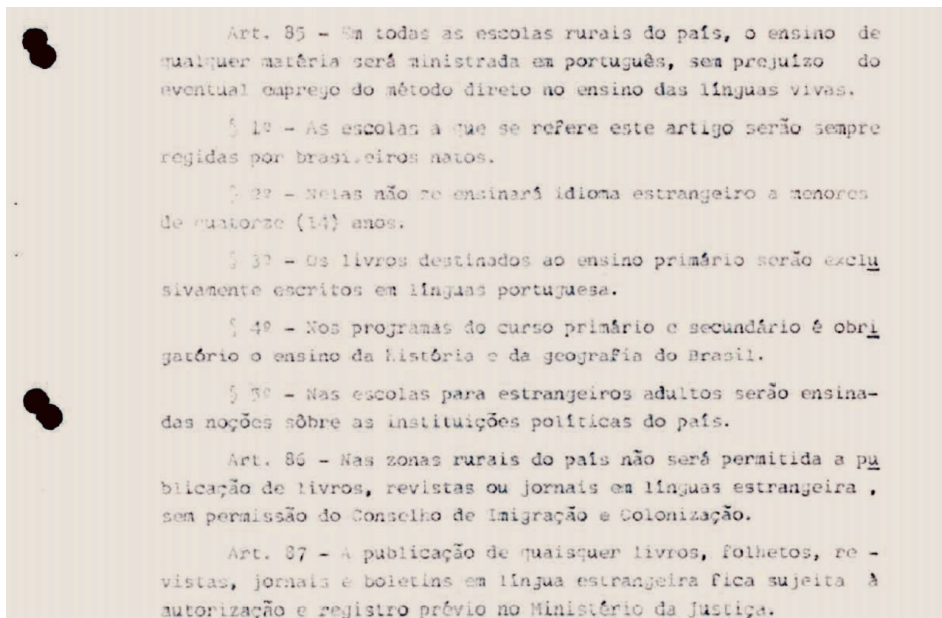
MUNICÍPIO	ESTADO
Alpestre	Rio Grande do Sul
Alvorada	Rio Grande do Sul
Aratiba	Rio Grande do Sul
Áurea	Rio Grande do Sul
Gaurama	Rio Grande do Sul
Barão de Cotegipe	Rio Grande do Sul
Bento Gonçalves	Rio Grande do Sul
Camaquã	Rio Grande do Sul
Cândido Godói	Rio Grande do Sul
Carlos Barbosa	Rio Grande do Sul
Santa Tereza	Rio Grande do Sul
Carlos Gomes	Rio Grande do Sul
Casca	Rio Grande do Sul
Caxias do Sul	Rio Grande do Sul
Centenário	Rio Grande do Sul
Chuívisca	Rio Grande do Sul
Cotiporã	Rio Grande do Sul
Dois Lajeados	Rio Grande do Sul
Gramado	Rio Grande do Sul
Dom Feliciano	Rio Grande do Sul
Encruzilhada do Sul	Rio Grande do Sul
Erval Grande	Rio Grande do Sul
Floriano Peixoto	Rio Grande do Sul
Getúlio Vargas	Rio Grande do Sul
Estação	Rio Grande do Sul
Guarani das Missões	Rio Grande do Sul
Ijuí	Rio Grande do Sul
Itatiba do Sul	Rio Grande do Sul
Marcelino Ramos	Rio Grande do Sul
Mariana Pimentel	Rio Grande do Sul
Mariano Moro	Rio Grande do Sul
Nova Bassano	Rio Grande do Sul

Nova Prata	Rio Grande do Sul
Nova Roma do Sul	Rio Grande do Sul
Passo Fundo	Rio Grande do Sul
Erechim	Rio Grande do Sul
Gaurama	Rio Grande do Sul
Planalto	Rio Grande do Sul
Porto Alegre	Rio Grande do Sul
Riozinho	Rio Grande do Sul
Santa Rosa	Rio Grande do Sul
Santiago	Rio Grande do Sul
Santo Antônio do Palma	Rio Grande do Sul
Seberi	Rio Grande do Sul
Três Arroios	Rio Grande do Sul
Veranópolis	Rio Grande do Sul
Vespasiano Correa	Rio Grande do Sul
Muçum	Rio Grande do Sul
Vista Alegre do Prata	Rio Grande do Sul
Rio Grande	Rio Grande do Sul
Santo Cristo	Rio Grande do Sul
São João da Urtiga	Rio Grande do Sul
Santo Cristo	Rio Grande do Sul
Entre Rios do Sul	Rio Grande do Sul
Benjamin Constant do Sul	Rio Grande do Sul
Nonoai	Rio Grande do Sul
Frederico Westphalen	Rio Grande do Sul
Hoizontina	Rio Grande do Sul
Cerro Largo	Rio Grande do Sul
Doutor Maurício Cardoso	Rio Grande do Sul
Três de Maio	Rio Grande do Sul
São Luiz Gonzaga	Rio Grande do Sul
Santa Rosa	Rio Grande do Sul
Giruá	Rio Grande do Sul
Ubiretama	Rio Grande do Sul
Campina das Missões	Rio Grande do Sul
Porto Lucena	Rio Grande do Sul
Sete de Setembro	Rio Grande do Sul

Fonte: VICROSKI, 2022.

No Brasil, a campanha de nacionalização levada a efeito durante o período do Estado Novo teve efeitos devastadores para as línguas de herança. Centenas de escolas e associações foram fechadas⁸. A imprensa em idioma estrangeiro ou bilíngue foi suprimida. Os falantes de idiomas estrangeiros foram perseguidos. Essa violência perpetrada pelo Estado Brasileiro foi nefasta não somente para o idioma polonês, mas também para as demais línguas estrangeiras, indígenas ou de herança então faladas no Brasil (Figura 3).

Figura 3 – Fragmento do Decreto-Lei nº 406 de 04 de maio de 1938.



Fonte: Acervo legislativo da Câmara dos Deputados do Brasil.

Esse contexto fez com que o uso do idioma polonês ficasse predominantemente restrito ao ambiente familiar e privado, promovendo não somente o medo, mas também o progressivo abandono e esquecimento desse idioma. À esses fatores negativos, somam-se também a quase completa perda da capacidade de leitura e escrita em polonês – mesmo dentre os falantes do idioma – bem como recorrentes erros de grafias de sobrenomes poloneses em atos notariais e de registros, resultando em grafias distintas e equivocadas mesmo dentre membros de um mesmo núcleo familiar.

A promoção de ações de valorização e promoção da língua polonesa em municípios do Rio Grande do Sul com marcante presença de descendentes

8 GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ESTSLB; Caxias do Sul: UCS, 1976.

de imigrantes poloneses se apresenta como uma oportunidade de ratificar simbolicamente a valorização e o reconhecimento do conhecimento linguístico trazido pelos imigrantes, constituindo ainda uma forma de justiça social que visa corrigir a violência linguística do passado, enaltecendo todas as formas de conhecimento, crenças e saberes populares relacionados com o idioma polonês. Neste sentido, destaca-se, sobretudo, o recente movimento de aprovação de leis de cooficialização da língua polonesa em municípios do Rio Grande do Sul, tema abordado na sequência.

A PROTEÇÃO LEGAL DA LÍNGUA POLONESA

Nos últimos anos a língua polonesa tem vivenciado um período de fortalecimento no Rio Grande do Sul. Neste contexto destacam-se algumas iniciativas locais – como a aprovação de leis municipais -, bem como ações promovidas por agências governamentais polonesas, a exemplo do envio de professores da Polônia para ensinar a língua polonesa nas comunidades formadas por descendentes de imigrantes.

O envio de professores poloneses é feito principalmente através da Agência Nacional Polonesa para Intercâmbio Acadêmico (NAWA) e, sobretudo, pelo Centro para o Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior (ORPEG). No âmbito dos programas oferecidos por estas agências, os professores são enviados para contratos anuais que podem ser periodicamente renovados. As despesas são integralmente financiadas pelo governo polonês, embora os municípios possam atuar como cofinanciadores. Em 2024 e 2025 a organização ORPEG também promoveu cursos de capacitação de professores brasileiros que atuam no ensino do idioma em suas comunidades.

Já na esfera da promoção da língua polonesa no campo jurídico, destaca-se as leis de cooficialização da língua polonesa em diversos municípios do Rio Grande do Sul. A cooficialização de idiomas, ao lado da língua portuguesa, constitui um instrumento legal de resgate, reconhecimento, valorização e promoção do idioma. A cooficialização ocorre através de aprovação de leis municipais amparadas pela Legislação Federal, em especial o Artigo nº 216. A proposição do projeto de lei pode ocorrer por iniciativa do legislativo municipal, prefeito municipal, instituições e associações culturais, ou mesmo de forma individual.

As leis aprovadas em cada município podem prever uma diversidade de ações de acordo com o interesse de cada município, todavia, independentemente das especificidades, todas as leis de cooficialização têm por finalidade a salvaguarda da língua polonesa⁹.

9 VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Cooficialização da língua polonesa em municípios brasileiros*. Porto Alegre: Colegiado da Diversidade Linguística do RS, 2023.

Os benefícios perpassam pelas esferas simbólica e prática. No campo simbólico a cooficialização da língua polonesa atua como um elemento de reconhecimento oficial da contribuição dos imigrantes poloneses e seus descendentes no desenvolvimento da sociedade brasileira, permitindo ainda que cada indivíduo exerça a sua cidadania em consonância com seus preceitos culturais e identitários. Esse simbolismo é importante, sobretudo, se considerarmos a campanha de nacionalização levada a cabo durante o período do Estado Novo e seus efeitos devastadores para as línguas de herança.

No campo prático destacam-se, sobretudo, três eixos de ação, a saber:

- **Amparo jurídico:** a cooficialização atua como um instrumento que confere maior segurança legal para os Poderes Executivo e Legislativo viabilizarem ações e políticas públicas voltadas ao uso e manutenção da língua polonesa;
- **Inserção da língua polonesa nas políticas públicas federais:** a cooficialização permite uma aproximação e diálogo com as políticas linguísticas estaduais e federais, possibilitando, por exemplo, a captação de recursos para ações de promoção das línguas cooficializadas;
- **Apoio da Polônia:** a aprovação de leis municipais de promoção e tutela da língua polonesa, também dialoga com os programas financiados pelo governo polonês no exterior, ditando a possibilidade de obtenção apoio e recursos provenientes de agências polonesas.

Ademais, o tema da cooficialização e seus desdobramentos em termos de políticas públicas atualmente encontra-se em discussão no Congresso Nacional, podendo resultar na aprovação de leis de apoio federal para os municípios que possuem línguas cooficiais. Trata-se, portanto, de medidas e ações que demandam planejamento e ações articuladas de longo prazo. Ao cooficializar o idioma, os municípios assumem o protagonismo que lhes cabe nesse processo.

A cooficialização pode ser vista também como um vetor de possibilidades que podem ser alavancadas e exploradas pelas comunidades, em especial nas áreas do turismo, cultura e educação.

Cabe salientar que a cooficialização não implica em uma automática equivalência da língua polonesa ao status conferido à língua portuguesa em seu sentido mais amplo, muito embora não haja nada impeça esforços nesse sentido. Trata-se, portanto, de conquistas pontuais e progressivas que demandam a articulação constante da comunidade polonesa no Brasil.

De forma geral, a cooficialização de línguas de herança em municípios do Rio Grande do Sul tem sido capitaneada por ativistas étnicos e sociedade civil. Neste sentido destacam-se as ações promovidas pelos membros do Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul.

O Sistema Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul, instituído pela Lei nº 14.310, de 30 de setembro de 2013, é composto por doze colegiados concebidos como representações da sociedade civil que abrangem diferentes áreas ou setores culturais. Seu objetivo é discutir e refinar as políticas públicas em suas múltiplas esferas culturais.

Dentre as diferentes representações figura o Colegiado Setorial da Diversidade Linguística, cujos pressupostos de ação estão centrados nas atividades de **inventário**, **reconhecimento**, **salvaguarda** e **promoção** da diversidade linguística do Rio Grande do Sul, abrangendo assim os idiomas (e suas variantes) relacionados com as distintas correntes imigratórias, como polonês, talian, alemão, hunsrückisch, westfaliano, pomerano, bem como as línguas de matriz africana e indígena, como iorubá, kaingang e guarani. O Colegiado é composto por representantes da sociedade civil (dez titulares e dez suplentes), bem como representantes da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (cinco titulares e cinco suplentes).

Trata-se, portanto, de uma instância consultiva da Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul que visa promover e salvaguardar o patrimônio linguístico. Embora sediado no Rio Grande do Sul, muitas ações estendem-se também para os demais Estados da Federação onde os idiomas estão presentes.

No caso da língua polonesa, desde 2020 o Colegiado assessora de forma voluntária os municípios brasileiros que almejam viabilizar a sua cooficialização. As ações têm sido encabeçadas pelo pesquisador Fabricio Vicroski, autor do presente artigo e membro representante da língua polonesa junto ao referido colegiado (2020-2024). A minuta do projeto de lei elaborada e disponibilizada pelo pesquisador tem sido utilizada (integralmente ou parcialmente) na maioria dos projetos de lei já aprovados na região sul do Brasil. No Rio Grande do Sul as ações de cooficialização são também promovidas com a intensa colaboração de Julce Grzecinski, igualmente membra do colegiado (2022-2026).

Até o ano de 2025 a língua polonesa foi reconhecida como cooficial e/ou patrimônio cultural em dezoito municípios da região sul do Brasil, sendo que a maioria dos municípios está situada no Rio Grande do Sul, representando cerca de 66% das leis aprovadas (Tabela 2).

Tabela 2: Municípios do Rio Grande do Sul onde a língua polonesa é cooficial

Nº	MUNICÍPIO	LEI MUNICIPAL
1	Áurea/RS	Lei Municipal Nº 2.181/2022
2	Carlos Gomes/RS	Lei Municipal Nº 1.618/2022
3	Casca/RS	Lei Municipal Nº 3.049/2022
4	Guarani das Missões/RS	Lei Municipal Nº 3.147/2022
5	Sete de Setembro/RS	Lei Municipal Nº 1.294/2022
6	Vista Alegre do Prata/RS	Lei Municipal Nº 3.276/2023
7	Campina das Missões/RS	Lei Municipal Nº 3.342/2023
8	Ubiretama/RS	Lei Municipal Nº 3.118/2023
9	Ijuí/RS	Lei Municipal Nº 7.421/2023
10	Centenário/RS	Lei Municipal Nº 2.223/2025
11	Horizontina/RS	Lei Municipal Nº 4.217/2023
12	Nova Prata/RS	Lei Municipal Nº 11.299/2024
13	Itaiópolis/SC	Lei Municipal Nº 1.054/2023
14	São Bento do Sul/SC	Projeto de Lei votado e aprovado pela câmara de vereadores em fevereiro do 2025. A lei aguarda o sancionamento do prefeito.
15	São Mateus do Sul/PR	Lei Municipal Nº 3.043/2021
16	Paula Freitas/PR	Lei Municipal Nº 1.603/2022
17	Mallet/PR	Lei Municipal Nº 1.512/2022
18	São João do Triunfo/PR	Lei Municipal Nº 2.104/2022

Fonte: VICROSKI, 2025.

Desde a sua aprovação, os municípios têm colocado em prática uma série de ações para o fortalecimento da língua polonesa, em consonância com os dispositivos da lei. Na vanguarda das ações destaca-se o município de Áurea. O uso da língua polonesa tem sido progressivamente incorporado ao cotidiano da administração pública.

No setor de Serviço Social a língua é utilizada no atendimento aos moradores. A assistente social Miriam Banaszewski frequentemente faz o uso da língua no contato com a população. A possibilidade de uso da língua polonesa - especialmente para dentro a população idosa - trás uma sensação de familiaridade e aconchego, facilitando inclusive o trabalho de assistência social oferecido pelo município.

O cabeçalho das receitas médicas emitidas no hospital municipal de Áurea apresentam as duas línguas oficiais do município. O mesmo é observado nas placas de sinalização da Casa do Artesão e do novo prédio da prefeitura municipal. Recentemente (2025) o município também emitiu o primeiro alvará de funcionamento bilíngue, sendo o primeiro município do mundo a emitir um documento oficial em português e polonês (Figura 4).

O alvará é um documento que permite o funcionamento de atividades comerciais no município. A emissão em sua versão bilíngue possui um grande simbolismo, uma vez que reconhece e valoriza a importância das duas línguas utilizadas pela população de Áurea, além de prestar uma homenagem à história dos imigrantes poloneses e seus descendentes. A partir de agora todos os alvarás serão emitidos neste novo formato.

Com esta medida pretende-se promover ainda mais o uso da língua polonesa pela população. Neste sentido, a administração pública assume um papel de destaque, pois ao incorporar gradativamente o idioma em seu cotidiano administrativo, ela serve de exemplo e inspiração para que os municípios mantenham essa herança linguística e a transmitam para as próximas gerações. Áurea certamente também servirá de exemplo para os demais municípios brasileiros que possuem a língua polonesa como cooficial. A intenção é que progressivamente outros documentos também possam ser emitidos em sua versão bilíngue, no entanto tais medidas necessitam de planejamento e investimentos, como a criação ou adaptação dos sistemas de informática e o treinamento dos funcionários públicos.

Figura 4 - Primeiro alvará de funcionamento bilíngue emitido em Áurea.



Áurea- Capital Polonesa dos Brasileiros[®]
Áurea - Polska Stolica Braszylizyków



ALVARÁ DE LOCALIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO 2025

**ZEZWOLENIE NA WYKONYWANIE DZIAŁALNOŚCI
GOSPODARCZEJ W ROKU 2025**

Inscrição Municipal: 000

Miejscowy Numer Rejestracyjny

CPF/CNPJ. : 92.453.802/0001-75

Krajowy Numer Rejestracyjny - PESEL/REGON

Nome/Razão Social .: MUNICÍPIO DE AUREA

Nazwa Firmy

Endereço : PRACA JOÃO PAULO II, 33

Adres

Bairro : CENTRO

Dzielnica

Início da Atividade .: 1989

Rozpoczęcie działalności gospodarczej

Atividade(s) :

8411-6/00 Administração Pública

Áurea, 17 de Fevereiro de 2025

A comunidade polonesa do Rio Grande do Sul também participa ativamente de iniciativas de promoção da língua polonesa a nível nacional. Neste sentido destaca-se o projeto intitulado “Inventário da língua polonesa/polaca (ILPB) e Reconhecimento da língua como Referência Cultural Brasileira”. O inventário é uma ferramenta de reconhecimento e registro da língua junto ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

As tratativas para a abertura do processo de inventário junto ao Iphan estão sendo discutidas desde 2020 pelo autor deste artigo enquanto representante da língua polonesa junto ao Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguísticas (IPOL), instituição sem fins lucrativos sediada em Florianópolis. No ano de 2024 o projeto foi contemplado em edital de financiamento do Ministério da Cultura.

O inventário será executado através de uma metodologia específica disponibilizada pelo Iphan. Sua execução demandará a união e mobilização da comunidade polonesa no Brasil. Nesse sentido, a equipe de pesquisadores deverá percorrer diversos municípios brasileiros a fim de realizar uma coleta de dados amostral. As pesquisas abarcam a realização de entrevistas, documentários, transcrições e análises sociolinguísticas, publicações, encontros de falantes do idioma, composição de relatórios, extroversão do conhecimento, dentre outras atividades. A orientação e direcionamento desses profissionais demandarão o constante diálogo e articulação com a diáspora polonesa, perpassando por associações, clubes, grupos folclóricos, universidades, núcleos de pesquisa, professores, clérigos, escritores, pesquisadores, diplomatas e lideranças comunitárias independentes, além de indivíduos atentos à necessidade de preservação do idioma polonês no Brasil. A previsão é de que as pesquisas sejam realizadas entre 2025 e 2027. O resultado esperado é o tombamento da língua como patrimônio cultural imaterial do Brasil¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramo-nos diante de um momento ímpar para a história da língua polonesa. Temos vivenciado um período de crescente interesse e reavivamento do idioma no Brasil, marcado pela expansão de cursos, oficinas, publicações, bem como pelas iniciativas de inventário nacional e adoção do polonês como idioma cooficial pelas administrações municipais. A diáspora polonesa no Rio Grande do Sul tem encabeçado as principais iniciativas neste sentido,

10 VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Badania nad archaicznymi formami języka polskiego, zachowanymi w rodzinach potomków polskich emigrantów w Brazylii*. Projekt badawczy. Wrocław: Uniwersytet Wrocławski, 2024.

sobretudo, no sentido de garantir um amparo jurídico para as suas ações de promoção do idioma.

O amparo legal para o uso da língua polonesa é de extrema relevância para os municípios com grande população de poloneses e descendentes, pois apesar da língua ser usada cotidianamente pela população, o português é o idioma oficial do Brasil. É importante destacar que ao promover juridicamente a língua polonesa, não pretende-se enfraquecer ou reduzir o uso da língua portuguesa. A intenção é fazer com que a língua polonesa e seus falantes tenham os mesmos direitos linguísticos. O esforço é para equiparar o status legal das duas línguas, pois as comunidades polonesas no Brasil são comunidades bilíngues, e devem assim ser tratadas.

A segurança jurídica oferecida pelas leis de cooficialização da língua polonesa pode evitar uma série de problemas e constrangimentos. No ano de 2023, por exemplo, houve um episódio de violência linguística que alcançou repercussão nacional. O prefeito da cidade de José Boiteux, no estado de Santa Catarina, emitiu um decreto que proibia o uso de outras línguas – que não a portuguesa – em todos os prédios públicos. Com base no decreto, uma simples conversa informal em outro idioma era proibida. A medida foi adotada após uma polêmica que envolvia moradores indígenas que buscavam atendimento junto ao serviço social em sua língua nativa. A cidade tem uma expressiva população de descendentes de emigrantes alemães, porém há também uma população indígena das etnias Xokleng, Kaingang e Guarani. Nem todos os indígenas dominam a língua portuguesa, no entanto, eles têm seus direitos assegurados pela constituição, e não podem ser privados do uso de seus idiomas nativos. Felizmente, por intervenção do Ministério Público Federal, o decreto foi revogado. Com um pouco de bom senso e uma lei de cooficialização das línguas indígenas naquele município, este tipo de situação poderia ter sido evitado. É justamente nesta área que atualmente se inserem as iniciativas promovidas pela diáspora polonesa no Rio Grande do Sul, ou seja, a promoção dos direitos linguísticos da diáspora polonesa no Estado e demais unidades da federação, afastando assim as situações de repressão e preconceito linguístico que marcaram a história das línguas de herança no Brasil no século XX.

Por fim, a almejada inscrição da língua no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) trará consigo uma série de benefícios práticos e simbólicos, dentre os quais o reconhecimento oficial da contribuição dos imigrantes poloneses e seus descendentes na construção da Nação Brasileira, bem como a incorporação da língua polonesa nas políticas públicas federais de promoção e salvaguarda de suas referências culturais imateriais, perpassando assim pela tutela e destinação de recursos visando à preservação, pesquisa e transmissão do idioma polonês no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ESTSLB; Caxias do Sul: UCS, 1976. 136 p. [co-editado 1977].

IAROCHINSKI, Ulisses. *Polaco – Identidade Cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*. Curitiba: [s.n.], 2010. 200 p.

IAROCHINSKI, Ulisses. *Confusão estatística na imigração polaca*. In: REWERA, Witold; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Polscy Brazylijczycy/Brasileiro-Poloneses*. Tom I. Lublin: Wydawnictwo UMCS, 2021.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Cooficialização da língua polonesa em municípios brasileiros*. Porto Alegre: Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, 2025.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Badania nad archaicznymi formami języka polskiego, zachowanymi w rodzinach potomków polskich emigrantów w Brazylii*. Projekt badawczy. Wrocław: Uniwersytet Wrocławski, 2024.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Municípios brasileiros com leis de promoção e salvaguarda da língua polonesa aprovadas*. Porto Alegre: Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul, 2023.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Mapeamento da língua polonesa no Brasil*. Passo Fundo: Núcleo de Estudos Históricos e Arqueológicos da Universidade de Passo Fundo, 2022.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Chamamento à comunidade polonesa no Brasil*. Boletim TAK, nº 27. Curitiba: Agenda Cultura Brasil-Polônia, 2022.

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; SZYKULSKI, Józef. *Editorial de apresentação do Dossiê Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais*. Revista História: Debates e Tendências, v. 20 n. 3. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2020.

WEPIK, F. Fátima. *Crenças e atitudes Linguísticas de Polono-Brasileiros de Aures/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de parentesco*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2017.



SÍMBOLOS, RITUAIS E RECONSTRUÇÕES DA POLONIDADE EM COMUNIDADES RURAIS DE CASCA E SANTO ANTÔNIO DO PALMA - ENCOSTA SUPERIOR DO NORDESTE/RS

Lúcia Barrili¹

Dois pequenos municípios localizados na região Norte do Estado foram colonizados, juntamente com outras etnias, por imigrantes e descendentes poloneses: Casca, distrito de Guaporé, e Santo Antônio do Palma, distrito posteriormente emancipado de Casca. Hoje, passados mais de um século da colonização polonesa nessas cidades, descendentes de terceira e quarta gerações realizam iniciativas para manter e divulgar a Polonidade local. Os principais elementos - a casa, a roça, a fé - são utilizados por essas comunidades para recriar e manter a cultura herdada de seus antepassados. A criação de um núcleo da entidade representativa Braspol (Representação da Comunidade Polonesa-Brasileira) foi o primeiro passo dado nas comunidades polônicas dos municípios de Casca e Santo Antônio do Palma, possibilitando manter e valorizar elementos culturais e identitários locais.

CASCA E SANTO ANTÔNIO DO PALMA - COMUNIDADES POLÔNICAS

A imigração polonesa para o Rio Grande do Sul começou em 1875, na colônia Conde d'Eu, hoje município de Garibaldi, na Serra Gaúcha. À medida que mais imigrantes chegavam, assim como de outras etnias, começou uma migração para novas áreas de colonização. E, a partir da década de 1890, os primeiros colonos poloneses chegaram na então Colônia de São Luís da Cáscara, pertencente à Colônia Guaporé, distante 40 km. Estabeleceram-se, inicialmente, na Linha XV de Novembro, na qual fundaram a primeira colônia de imigrantes e descendentes. Logo após, novos migrantes começaram a expandir as comunidades para regiões rodeadas por morros, onde, em 1993, Santo Antônio do Palma se tornou município. Essa região de morros ficou conhecida por “Montes Cárpatos”, mantendo o nome do local existente na Polônia, sendo

1 Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: lubarrili@hotmail.com.

uma cadeia de montanhas localizada no Sul do país, com mais de 1.500 km de extensão, se estendendo para países vizinhos.

Mapa 1 – Localização dos municípios de Santo Antônio do Palma e Casca no RS



Fonte: Wikipedia (2024).

Os municípios analisados, Casca e Santo Antônio do Palma, localizados na encosta superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, foram escolhidos por muitas famílias polacas como destino final na busca pela terra. Formaram comunidades expressivas com identidade cultural própria.

O município de Casca possui população atual de 9.465 habitantes, dados do último censo² (2022). A etnia polonesa corresponde a 25% dos habitantes, e sua maioria reside na área rural. A população urbana é um pouco superior a rural.

O local de referência da etnia polonesa é a Linha XV de Novembro – simplesmente Geral Velha - onde está a Capela de Nossa Senhora de Czestochowa, assim denominada por ser a Padroeira da Polônia, expressando o elevado número de habitantes com essa identificação étnica e cultural.

² Dados extraídos do site www.ibge.gov.br.

Foto 1 - Imigrante Alberto Powala (de bigode e botas), colonizador da Linha XV de Novembro – Geral Velha, Casca, com parte de sua família³

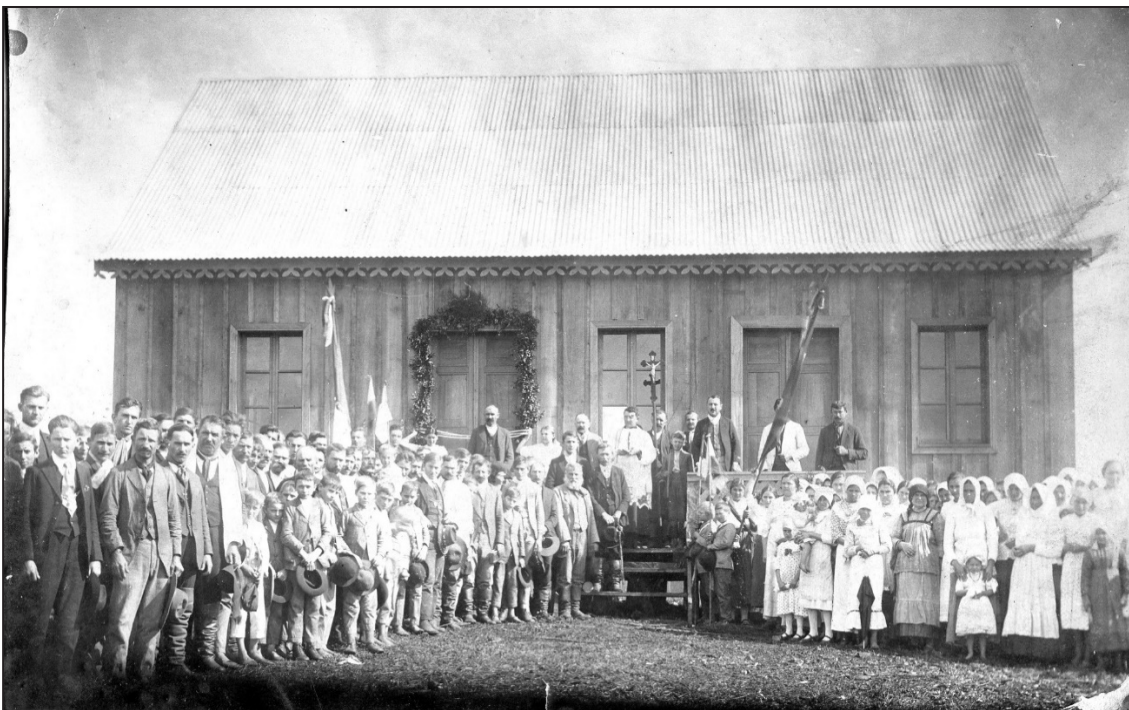


Fonte: Arquivo de Bernardina Rewers Powala.

Um símbolo do desenvolvimento do imigrante polonês em solo brasileiro foi a criação da Sociedade-Escola. O núcleo polonês da Linha XV de Novembro possuía essa entidade e era motivo de orgulho entre os imigrantes e descendentes. Um dos objetivos era apoiar e promover o pertencimento étnico-cultural, tão caro aos poloneses que emigraram restringidos de sua bandeira pátria e da livre expressão de identidade. A data presumida da fundação é 1904. No início, o ensino era somente em polonês, posteriormente passou a ser também em português. O curso correspondente era o primário, em cinco anos, e consistia em aprender a ler, escrever e fazer contas simples. A Sociedade-Escola era composta por lideranças locais e religiosas, sendo que, frequentemente, eram essas lideranças locais as mantenedoras.

³ Foto sem data.

Foto 2 - Sociedade-Escola Orzel Bialy (Águia Branca) – inauguração⁴



Fonte: Arquivo de Bernardina Rewers Powala.

O declínio ocorreu pela perseguição da Campanha Nacionalista de Getúlio Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual ele proibiu a existência de escolas mistas e semeou medo entre imigrantes e descendentes europeus, enfraquecendo, dessa forma, suas manifestações linguísticas e culturais. A Sociedade-Escola possuía uma biblioteca com mais de 100 livros, notadamente em polonês, a qual foi queimada nesse período, extinguindo seu acervo e reacendendo a perseguição identitária que os imigrantes traziam consigo da pátria dividida.

Santo Antônio do Palma tem uma população de 2.091 habitantes, de acordo com dados do último censo⁵ (2022). Emancipou-se de Casca em 1993. Informalmente, esta cidade tem o rótulo de uma cidade polonesa, pois metade de seus habitantes é descendente de imigrantes poloneses. A população rural é dominante, assim como seu perfil agrícola, reconhecido também pelo cultivo ecológico por algumas famílias descendentes. Esse diferencial rendeu ao município muita visibilidade, porque tais produtos, *in natura* como cereais,

⁴ Foto sem data.

⁵ Dados extraídos do site www.ibge.gov.br.

hortaliças e frutas, e industrializados pelas agroindústrias familiares, são comercializados em outros municípios. As capelas com predominância polonesa são Nossa Senhora do Rosário (distrito de Montes Cárpatos), Santa Ana, Santa Terezinha (distrito) e Nossa Senhora da Pompéia.

O referido município possui quatro ruas com nomes de poloneses e descendentes, além de capelas no interior. O Ginásio Municipal leva o nome do Padre João José Modkoski, que atendeu o município por 19 anos. Algumas agroindústrias pertencem a famílias polonesas, por exemplo, Kobelinski. A cidade tem uma “paisagem cultural” polonesa. Tais elementos fazem parte dos códigos culturais, que “constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão”⁶. Os códigos podem ser materiais “encontrando-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, no vestuário típico, nas artes, na gastronomia, na música, na religiosidade e nas festividades. Ou imateriais, como valores e convenções”⁷.

Outras referências materiais da cultura polaca se destacam pela arquitetura: o Centro Agroecológico em estilo montanhês (assim escolhido pelo relevo montanhoso característico da cidade e da região montanhosa da Polônia), localizado na capela Santa Ana e inaugurado em 2008; a residência em estilo montanhês de Alceu Primel, na comunidade de Santa Ana; a casinha em estilo montanhês junto à Casa Canônica; a residência típica e o pórtico em estilo polonês de Ágata Grochot dos Santos; e o obelisco na Praça Municipal com a inscrição “Paz na Terra”, nos idiomas português, polonês, italiano e alemão.

A TERRA COMO SÍMBOLO DA IDENTIDADE ÉTNICA

Liberdade, Terra e Pão. Com esse lema, os imigrantes se estabeleceram no Brasil. Hoje, esses objetivos continuam a pautar a polonidade dos municípios de Casca e Santo Antônio do Palma. Aqui, puderam manifestar sua cultura e seu modo de vida, que se mostrou essencialmente agrário. Essa característica rural está ligada à sua cultura e à identidade étnica. E, através de gerações de descendentes, permanece nas manifestações culturais e no seu modo de vida, a partir da década de 1890. Possuem paisagem geográfica étnica delimitada em capelas no interior, reduto das comunidades polonesas. O apreço à terra, trazido pelos antepassados, caracteriza a identidade polonesa e se manifesta nos elementos culturais destas comunidades polônicas.

6 BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, dez. 2008. p. 135-155.

7 (Brum Neto; Bezzi, 2008, p. 141).

As condições de ocupação das terras caracterizam a vida agrícola dos descendentes. As dificuldades locais iniciais no trabalho com a terra estão sendo gradativamente suprimidas. Novas culturas e técnicas agrícolas possibilitam a utilização de morros, assim como a agregação de renda através de agroindústrias são inovações que permitem a permanência das comunidades agricultoras. Notadamente, as comunidades polonesas de Santo Antônio do Palma experimentam um progresso crescente nos últimos anos. As características gerais dos municípios são diferentes, porém existe uma unicidade entre as comunidades polonesas: o ambiente rural. O modo de vida dos antepassados se perpetuou nesse mesmo âmbito, sendo que as novas manifestações étnicas refletem as características de camponeses poloneses.

Em ambos os municípios, a etnia polonesa formou comunidades coesas, compostas por uma maioria étnica, delimitando o espaço geográfico e cultural. A interação com o ambiente urbano e global, tanto física como através dos meios de comunicação, é contraditória para os agricultores, visto que o progresso positivo e necessário também trouxe a frouxidão na tradição e na cultura dos antepassados. Nesse sentido, foi necessária a criação de uma entidade nacional, a Braspol, a qual visa manter e divulgar a cultura brasileira-polonesa.

A visibilidade social das comunidades estudadas é notadamente agrícola. É uma característica generalista trazida da Polônia pelos imigrantes. O *ethos* pode ser entendido como um modo de ser, uma sabedoria inerente a um conjunto de informações, códigos mentais e técnicos adquiridos durante a vida, os quais produzem um conjunto de saberes⁸. A dimensão do *ethos* do agricultor é expressa em novas manifestações étnicas da comunidade polonesa. No Jantar Polonês, realizado anualmente em ambos os municípios, todos os elementos desse modo de ser são incorporados à festa, desde o espaço em que é realizado – capela no interior dos municípios – passando pela preparação e doação (em parte) dos alimentos de forma voluntária, a simplicidade na ornamentação e a tradição alimentar dos imigrantes e descendentes.

Os núcleos da Braspol locais desenvolvem atividades sempre orientadas pelas características da cultura dos antepassados que ainda se conservam, assim como inovações. Um dos objetivos dessa entidade é justamente valorizar elementos culturais que estavam em processo de esquecimento e desvalorização.

Construções típicas e manifestações culturais também promovem o turismo, notadamente rural. O artesanato, a comida e arquitetura típica são frequentemente encontrados no interior dos municípios. Também, a língua polonesa se faz audível nas residências ou em eventos sociais entre os descendentes.

8 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

O modo de vida do descendente polonês ainda é totalmente mediado pela vida agrícola e pela natureza. A bênção dos grãos na primavera, o artesanato feito de palha de trigo, o colorido do bordado feito de acordo com as estações do ano, as narrativas de superação frente às matas intactas e aos morros pedregosos. A ocupação dos lotes em morros, na atualidade, é em parte responsável pela diversificação da agricultura nesses locais, possibilitando destaque no cultivo de hortifrutigranjeiros e cereais. Todos são elementos que caracterizam a cultura polonesa nos municípios de Casca e Santo Antônio do Palma.

RITUALIDADES DA FÉ CATÓLICA

A devoção é um elemento integrante da cultura do imigrante polonês. Também, faz parte da cultura nacional da Polônia, por isso esses três itens – religião, nacionalismo e cultura - compõem parte da história da etnia polonesa e são importantes para se entender a polonidade.

Rezar o terço na língua polonesa em família ou na igreja era hábito entre os imigrantes e descendentes. Para reforçar esse ritual espiritual e social, a Igreja Católica criou a circulação de uma capelinha com imagem de Nossa Senhora, em que um vizinho entregava a outro, sempre com uma ou mais orações, incluindo a Ave-Maria. Entre as comunidades polonesas de Casca, a circulação da Capelinha começou na década de 1950 e se mantém.

BRASPOL - ENTIDADE REPRESENTATIVA DOS DESCENDENTES POLONESES - PRESERVAR E DIVULGAR

Atualmente, é a sociedade brasileiro-polonesa que ampara a nova cultura dos descendentes. São elementos da cultura polonesa inseridos na cultura brasileira, criando uma identidade promovida por um movimento étnico nacional, a Braspol.

O processo de cerca de um século e meio de mudanças de identidade distinguiu-se por uma revalorização dos pontos de referência. A coletividade dos imigrantes poloneses no Brasil passou por uma evolução trigradual, do estado de pioneira comunidade polaca, através do status intermediário de polono-brasileira, para a atual comunidade brasileiro-polonesa. Essa visível mudança na ordem dos adjetivos reflete-se no nome do novo movimento étnico Representação Central da Comunidade Brasileiro- Polonesa no Brasil (Braspol)⁹.

9 BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Dimensões contemporâneas da etnicidade: individualismo versus coletividade*, ano 10, n. 2, Curitiba, 2008. Editora Projeções em parceria Braspol – Representação Central da comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, 2008.

O termo “brasileiro-polonês” utilizado por esta entidade corrobora o argumento de que “uma pessoa não tem múltiplas identidades, só uma, feita de todos os elementos que a deram forma, em uma mescla especial e única”¹⁰.

Esta entidade foi fundada em 1990, em Curitiba, onde mantém a sede, no Estado do Paraná, com o objetivo de facilitar o acesso da comunidade de descendentes aos órgãos oficiais (Consulado Geral da Polônia). Além disso, foram criados os núcleos da Braspol, geralmente um por cidade, mas podem ser encontrados vários em um único município, uma vez que também inclui associações, congregações religiosas, entidades artísticas, sociedades, organizações e empresas.

A associação busca difundir o termo “polônico” para significar etnicamente os descendentes de poloneses nascidos e criados em território brasileiro.

Quando o núcleo foi fundado em Casca, Santo Antônio do Palma era distrito, por isso as comunidades polonesas trabalharam conjuntamente. Foi fundado em 17 de novembro de 1990, por Teresa Revers Wenning e outros descendentes da terceira geração, que sentiram a perda gradual de características culturais étnicas.

Atualmente, a Braspol de Casca faz ações conjuntas com o município vizinho de Santo Antônio do Palma pelo passado comum e para agregar mais integrantes. Essa entidade representa a cultura étnica em eventos públicos e é responsável pela sua divulgação. A associação de Casca tem sua sede na Capela Nossa Senhora de Czestochowa, na antiga dependência da escola municipal. Lá são feitas reuniões, há uma biblioteca étnica, que inclui literatura brasileira-polonesa, escritores polono-brasileiros e notadamente gramática de ensino do polonês, em grande parte resultado de doações do Consulado Polonês de Curitiba.

A cultura dos imigrantes poloneses começou a ser esquecida, a língua perdeu muitos falantes, os rituais foram abandonados. Kobena Mercer afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”¹¹. Por diferentes motivos, os imigrantes e descendentes deixaram sua cultura e sua identidade perder força. Um renascimento ocorreu por influência da criação da Braspol. A perda influenciou a organização em torno de um objetivo comum de preservação. A identidade se tornou uma questão importante para as comunidades polonesas de Casca e Santo Antônio do Palma quando sua cultura estava ruindo, inclusive no cotidiano.

As atividades promovidas pelos núcleos da Braspol locais caracterizam uma:

10 CANDAU, Vera Maria (Coord). *Sociedade, educação e cultura (s):* questões e propostas. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 240.

11 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 9.

etnicidade múltipla, a qual não se distingue necessariamente por um forte engajamento na etnicidade como vínculo social, mas antes como a preservação de certos elementos culturais identificadores, tais como culinária nacional, a comemoração de festas ou os diversos rituais tradicionais¹².

A polonidade é justamente encontrada no espaço doméstico, nas festas religiosas, nas apresentações artísticas, no lazer, nos alimentos. Os agricultores encontram tempo e recursos próprios, muitas vezes, para investir na identidade étnica. Um elemento característico das celebrações religiosas e culturais é o espaço rural. Missa, Jantar Polonês, curso de bordado e pintura em ovos, ensaio do grupo de danças. Até a hospedagem de professores do idioma, que por alguns anos vieram através de intercâmbio da Polônia, foi numa propriedade rural. Os descendentes da classe urbana e erudita são minoria no ambiente étnico local, que se caracteriza por uma cultura popular, com elementos específicos:

A cultura popular, assentada no saber vulgar, de transmissão oral, embora se dividisse em componentes rurais e urbanos, era unificada por um corpo comum de compreensões, valores e tradições de que todos participavam e que se expressavam no folclore, nas crenças, no artesanato, nos costumes e nas instituições que regulavam a convivência e o trabalho¹³.

A vida na família ou em casa, inclusive hoje, encerra boa parte das características culturais, como a língua comum, os hábitos alimentares, a reza em família, os trabalhos manuais, as histórias contadas, o convívio entre gerações.

PÁSCOA E NATAL: IDENTIDADE, FÉ E CULTURA

Swieconka, bênção da cesta, era assim celebrada na comunidade de Nossa Senhora do Rosário: as cestas eram colocadas nas encruzilhadas por onde o padre passaria ou propriamente nas capelas. Eram cestas grandes, enfeitadas, com muitos tipos de alimentos. Assim contaram Maria Kazimirski e Inês koakoski, relembrando suas infâncias, onde o cheiro da carne e pães assados previamente marcava esse período de vigília da Páscoa. A tradição cristã impedia os trabalhos pesados durante a Sexta-Feira Santa. Por isso, ocupavam-se com a preparação dos alimentos para a bênção do sábado. A carne era servida fria, porque também havia restrição quanto ao uso do fogo no dia da Páscoa.

¹² (Budakowska, 2008).

¹³ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 263.

Foto 3 - Mesa de café da manhã no dia da Páscoa na família de Marta Czarnobay, 4 de abril de 2010



Fonte: Arquivo pessoal de Marta Czarnobay (2010).

Um ritual extremamente característico e significativo é a partilha do *Oplátek*, a hóstia não consagrada partilhada na família. Ela é uma fina folha de massa, branca, feita com farinha de trigo e água, sem fermento, geralmente de forma circular. O nome *Oplátek* vem do latim, que significa dádiva, oferta, gratidão de pessoa para pessoa.

O pão faz parte da dimensão simbólica da alimentação no catolicismo. Ele incorpora o corpo e a alma expressos nas diversas formas de preparo dos pães, adequados para cada celebração religiosa. A hóstia é conhecida por ser um “pão puro”, sem fermento ou complementos. A partilha é feita antes do café da manhã no dia de Natal. No passado, por vezes, a hóstia, ou um pequeno pedaço dela, chegava às mãos dos descendentes sem a bênção, então a pessoa mais velha da casa, geralmente o pai ou o avô, munido de um ramo e água benta, abençoava-a, dizendo algumas palavras. Rezar antes da partilha também faz parte do ritual que segue com a entrega de um pedaço da hóstia para cada um, incluindo as crianças.

Ele é preparado por membros da Igreja Católica, sendo que o acesso a ela para os imigrantes e descendentes, nas primeiras décadas do século passado, foi feito pelo Pe. Alexandre Studinski, que a distribuía para algumas famílias, notadamente da Linha XV de Novembro (Geral Velha). Outros sacerdotes se seguiram, assim como estimulavam a prática. Houve um período em que a Irmã Ambrósia, do município de Ilópolis, trazia o *Oplátek* e auxiliava na distribuição.

Até os animais a recebiam. Ela é específica, em cor verde, e atende a uma lenda na qual, à meia noite do Natal, os animais falam entre si. Atualmente, não o fazem mais por falta dela.

O *Oplátek* é uma tradição na Polônia e veio para o Brasil junto aos imigrantes. Lá ainda é realizada antes da ceia de Natal, no dia anterior. É um ritual religioso que, no Brasil, foi apropriado por alguns, mas era desconhecido por outros. Por ter sido incorporado à celebração natalina do camponês somente no século XIX (século da imigração em massa para o Brasil), é possível que algumas famílias aportassem no país desconhecendo esse ritual, e não o incorporando como elemento da cultura polonesa ou herança familiar. Bernardina Powala conta que na falta dela, algumas famílias partilhavam um pedaço de pão, e se a quantidade de *Oplátek* era insuficiente, apenas um pequeno pedaço era distribuído à família. Por muitas vezes, a hóstia era recebida por carta. Atualmente, ela vem de Curitiba feita pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, por encomenda da Braspol nacional. A forma desse pão ázimo é feita semelhante à da Polônia, retangular (mas pode também ser redonda) e com desenho em alto relevo de símbolos natalinos. O núcleo de Santo Antônio do Palma recebe e organiza a partilha comunitária. O sacerdote do município distribui nas comunidades polonesas quando celebra a missa, uma vez ao mês. Essa distribuição ocorre mediante uma pequena contribuição.

Esse costume foi perdendo valor, poucas famílias ainda o praticavam, porque um dos obstáculos era o adquirir. Faz alguns anos, com a atuação do movimento étnico nas comunidades, o *Oplátek* está ocupando novamente espaço na celebração natalina dos descendentes.

Atualmente, no dia 06 de janeiro, ocorre a missa do Dia de Reis, na capela Nossa Senhora de Czestochowa. Canta-se em polonês e português. Ocorre a bênção e a distribuição de giz (antigamente, se utilizava o carvão), para que se faça o ritual de proteção do lar, escrevendo-se na entrada da casa as iniciais dos três reis magos: Baltazar, Gaspar e Melquior, junto do ano vigente.

O sacerdote escreve na parede interna da capela também. No entanto, não é comum encontrar esse símbolo cristão nas casas dos descendentes. Apenas os frequentadores desta missa ou mais envolvidos com o movimento étnico se ocupam com a inscrição de giz. Em Santo Antônio do Palma, também é feita a missa de Dia de Reis.

No dia seguinte ao Natal, comemora-se o dia de Santo Estevão, sendo feriado na Polônia. Por algumas ocasiões, foi celebrada no capitel de Nossa Senhora de Czestochowa uma missa nesse dia, em que se dedicava a celebração para a bênção dos grãos comestíveis ou para o plantio.

JANTAR POLONÊS – A COMIDA É CULTURA

Uma festa étnica moderna de sucesso, o Jantar Polonês, está amparada em datas já estabelecidas, tanto pelo calendário municipal em Santo Antônio do Palma, como pela Semana da etnia polonesa em Casca.

A capela Geral Velha atraiu para si o monopólio do lugar da cultura polonesa. O evento começou em 2005, por ocasião da comemoração ao cinquentenário de emancipação do município de Casca. No Jantar, caracterizado pela sua dimensão rural, alguns produtos são feitos pelos próprios descendentes, de forma voluntária, e outros são comprados. Há mercados que doam guardanapos e papel para forrar as mesas, como também oferecem descontos na compra de produtos para o evento. A funcionalidade do Jantar Polonês demanda um planejamento da tipicidade da cultura, que envolve, principalmente, os alimentos e a solidariedade de grupo.

Os pratos comumente oferecidos são: batata doce e batata branca cozidas, sopa branca de massa com galinha e *czarnina*, carne de pato cozida, linguiça e carne de porco assada, queijo de porco, pão e cuca caseiros, *pierogi* frito, salada de alface e repolho com cenoura, bolinho frito doce e salgado (*paczki*). Foram escolhidos por serem os pratos mais representativos da culinária dos imigrantes e descendentes, uma culinária cotidiana. O Jantar em Casca observa a tipicidade da cultura, não acrescentando outros alimentos. Os organizadores, ano após ano, procuram manter essa escolha. Atualmente, está se discutindo o modo de assar a carne, visto que o “modo polonês” é carne de porco e linguiças assadas no forno, não no espeto, e servidas frias. Por isso, cuida-se, pelo menos, levar a carne para as mesas em formas, nunca em espetos. É o único grande evento gastronômico que possibilita apreciar a culinária dos imigrantes poloneses e de seus descendentes. Nas festas religiosas, mesmo nas comunidades étnicas, o churrasco é o prato eleito. As bebidas mais consumidas são o refrigerante e a cerveja.

Numa mesa à parte, após o jantar, é servido café com bolacha caseira. Em seguida, segue o baile, com algumas músicas étnicas e o restante de domínio popular. Antes do início, reza-se uma ave-maria em polonês e um sacerdote, quando presente, abençoa o evento, porque a religiosidade está presente em todos os momentos da vida dos descendentes, bem como se agradece a Deus pela comida. Assim, um casal de descendentes vinculados ao movimento étnico relatou.

A visibilidade social angariada pelo Jantar Polonês, uma festa gastronômica, exige posturas diferenciadas. Como conta uma integrante da diretoria da Braspol atual, por ser um evento pago (paga-se o ingresso, mas a bebida é à parte), sempre os mais experientes lideram os preparativos e as atividades durante a festa. A dinâmica mercantil abrange também a venda de

artesanato típico, cuca e pães caseiros. O dinheiro arrecadado no evento fica com a Braspol local.

O Jantar Polonês é uma festa inventada com uma estratégia étnico-cultural definida, dar visibilidade à cultura polonesa através da gastronomia. O pertencimento a um grupo social e cultural, a etnia e a comunidade são manifestos na ajuda comunitária e na valorização da cultura polonesa, sendo os motivos encontrados pelos ajudantes do Jantar Polonês.

Em Santo Antônio do Palma, o evento começou no ano 2000, e acontece anualmente promovido pela Prefeitura Municipal e pela comunidade selecionada, revezando-se as capelas com predominância de descendentes poloneses: Santa Ana, Santa Terezinha e Nossa Senhora da Pompéia. É realizada sempre no mês de março por ocasião da data de emancipação do município. Faz parte do calendário de eventos local, assim como o Jantar Italiano e o Jantar Ecológico.

Foto 4 - Jantar Polonês na capela de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antônio do Palma, em 15 de março de 2008



Participantes do Jantar se servindo. O papel no teto do salão é o *pajonk*, ou aranha de oito pernas, feito de papel crepom. Além de enfeitar, tem um significado simbólico de proteção.
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Palma (2008).

Na sequência do jantar, segue o baile, dando preferência para cantor ou grupo típico, sendo a primeira hora, músicas polonesas, após músicas de gosto popular. Sendo essa festa alimentar polonesa uma invenção, apresenta inovações correspondentes ao presente. Houve uma tentativa de incorporação da comida “brasileira”, por exemplo, moranga recheada e lasanha.

Há descendentes, que trabalham voluntariamente na sua organização em Santo Antônio do Palma, os quais consideram inadequada a inclusão de alimentos não-típicos; outros consideram válida a inclusão de alimentos da cultura brasileira.

Prato que referencia a culinária polonesa dos imigrantes e descendentes da área rural é a *czarnina*. Para os jantares poloneses desses municípios, é indispensável, mas é um prato “rústico”, associado à pobreza na Polônia, já que era feito apenas com os miúdos e o sangue (a carne do pato servia à nobreza). Em jantares mais sofisticados em outras cidades, por exemplo, Bento Gonçalves, a sopa é dispensável.

A *czarnina* corresponde à definição de “prato-tótem”, proposta por Contreras¹⁴. Pelo valor simbólico que possui – comida dos camponeses pobres da Polônia, agora ritualizado como prato especial - é importante para delimitar a diferença e a identidade cultural. Esse prato também integra um patrimônio de pertencimento, dotado de carga afetiva e identitária passado através das gerações.

A dimensão do *ethos* de agricultor é expressa em todos os elementos incorporados à festa, desde o espaço em que o Jantar é realizado – capela no interior do município – passando pela preparação e doação (em parte) dos alimentos de forma voluntária, a simplicidade na ornamentação e a tradição alimentar dos imigrantes e descendentes.

ARTESANATO – BELEZA E IDENTIDADE

Na época dos imigrantes e em seguida seus descendentes, era comum fazer bordado, flores de papel e ovo decorado, este feito por ocasião da festa cristã da Páscoa. Em algumas famílias, colocavam enfeite de papel no centro da sala, o *pajonk* (a artesã Ágata ainda o mantém em sua casa). Assim como era comum no meio rural da Polônia, foi essencialmente rural na chegada ao Brasil e assim perdura. Grande parte dos participantes das oficinas são oriundos do interior.

O reavivamento e também agregação de técnicas novas se caracterizam como um artesanato delicado e geralmente simbólico-artístico, não prático-materialista, como chapéu de palha, cesto de vime ou pingadeiras para telhado.

¹⁴ Contreras (2007).

A manualidade, a tangibilidade e a tipicidade, características do artesanato, fazem parte dos produtos étnicos aprendidos e feitos nas oficinas de artesanato polonês de Casca, porém não enfatizam a praticidade.

Em Casca, o curso de artesanato típico polonês foi ministrado, de forma ininterrupta, de 2008 a 2011, sendo desenvolvido pela Braspol do município. Iniciou com artesanato de bordado típico, *pisanki* (ovo pintado) e pintura em madeira. À medida em que os alunos sugeriam uma oficina nova, como de *lepianka* e flores de papel, os cursos foram organizados.

A oficina de ovos decorados contemplou a técnica do *pisanki*, de uma forma mais rudimentar entre os imigrantes da região estudada. Os desenhos eram pouco elaborados, ou os ovos eram apenas tingidos, sem desenhos. Para o *pisanki*, são utilizadas cores, com significado, por exemplo, de pureza, cura, vitalidade; e motivos específicos, que simbolizam prosperidade, casamento, amor, saúde, entre outros.

Kariane diz ainda que o cristianismo adotou o ovo como símbolo da ressurreição de Cristo. Por isso, essa técnica de pintura em ovos, geralmente de galinha, é tradicionalmente feita por ocasião da Páscoa. Conforme o método utilizado para pintá-los, o nome é diferente. Os pintados com desenhos de cor única são *Kraszanki*, e os decorados com motivos simbólicos, *pisanki*. Porém, nas comunidades polonesas estudadas, era comum o tingimento com casca de cebola, água de beterraba, cascas de árvores e papel *crepom*, podendo utilizar também a cera de abelha para pequenos desenhos.

A *lepianka* é uma técnica que utiliza a palha do trigo para decorar objetos. É tradicional nas regiões de Cracóvia, Silésia e Rzeszów. Representa o pão de cada dia. A artesã e agricultora de Santo Antônio do Palma, Ágata Grochot dos Santos, ensina essa técnica no curso de artesanato promovido nas comunidades polonesas de Casca e Santo Antônio do Palma. A *lepianka* não foi transmitida pelos antepassados. Ágata conheceu esse artesanato num evento étnico em Curitiba, no Paraná. A partir de um exemplar, desenvolveu a técnica de forma autodidata. Ágata faz do artesanato com *lepianka* fonte de renda, produz caixas, baús, ovos de madeira e até móveis já decorou por encomenda, além de comercializar em feiras e via comércio virtual.

Nesse momento de revivificação étnica, assim como a ressignificação, pós-1990, com o início do movimento étnico local, o ovo decorado ultrapassou o tempo pascal vivido anteriormente, para se inserir num contexto mercadológico de arte ornamental e permanente, através do ovo de madeira. Para ser dado como lembrança de casamento, presente, felicitações, igual à tradição na Polônia.

Porém, por ocasião da Páscoa, no âmbito familiar, o ovo pintado com casca de cebola, a técnica mais simples herdada pelos descendentes, é comumente

utilizado. O nome *pisanki* é novidade entre os descendentes, assim como seus desenhos elaborados. Os antepassados, nos municípios estudados, diziam apenas “ovo pintado”. Quando faziam algum desenho, era muito rudimentar, como flores ou cruzeiros, mas o seu significado não foi transmitido através das gerações, já a sua simbologia era contada.

Além disso, as flores de papel e de palha de milho são características do artesanato polonês. Como relata a artesã Ágata, lembrando o período de infância, no dia de Todos os Santos, os túmulos estavam cobertos de guirlandas de flores coloridas de papel. Onde havia flores de papel, certamente era um túmulo de poloneses ou descendentes. As flores eram confeccionadas e utilizadas em festas religiosas na ornamentação da capela, casamentos, árvores de Natal e esse dia santo, primeiro de novembro, que, para a religiosidade polonesa, era mais importante que o dia de Finados. Esse primeiro de novembro era uma data muito importante, por isso as flores eram já confeccionadas a partir da época de inverno, pelo tempo disponível para fazê-las. As flores naturais também eram utilizadas, já que, no Brasil, o inverno era menos rigoroso, mas o costume das flores de papel ainda era vívido entre os imigrantes e descendentes. Ocasionalmente, as Braspóis locais confeccionam flores para datas festivas, como o Jantar Polonês.

ARQUITETURA TÍPICA

O reavivamento da cultura étnica também pode ser percebido na paisagem geográfica. Os esforços pela manutenção e recriação da arquitetura polonesa, notadamente em Santo Antônio do Palma, visam diminuir o impacto negativo do desaparecimento das casas típicas na manutenção da identidade e cultura locais.

A Casa Polonesa, que se insere no turismo étnico-rural, recebe visitas de escolas, pesquisadores e turistas. É pintada em fundo azul e decorada com galos e flores, pela própria dona, Ágata Grochot dos Santos. A casa em madeira tem arquitetura típica com *lambrequins* (pingadeiras), com idade aproximada de 100 anos.

A Casa Polonesa da família Grochot é um “lugar” da cultura e identidade polonesa em Santo Antônio do Palma. Ela adquiriu uma importância espacial e simbólica na reconstrução da polonidade local tão grande que “resume” e “traduz” a cultura identitária dos descendentes de Santo Antônio do Palma, porque está inserida num contexto de turismo rural, gastronômico, histórico e estético.

Foto 5 - Casa Polonesa, onde vive Ágata e sua família



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Palma (2009).

As edificações, sejam monumentos ou arquitetura típica, referentes à cultura polonesa, ocupam lugar de destaque na paisagem cultural do município. Representam o patrimônio escolhido para conferir uma visibilidade pública oficializada à cultura polonesa local.

Os monumentos e a arquitetura típica, embora em número reduzido, oferecem um campo novo na divulgação da cultura étnica, o turismo. Ofertado pelo mercado de bens simbólicos, o turismo expõe as escolhas feitas para caracterizar a etnia polonesa local para os outros, mas também permitem aos descendentes se olharem neles, ou porque já estão distantes de seus referenciais culturais, ou porque já são raras, como as edificações típicas. O regionalismo também se incorpora no turismo, oportunizando a descendentes de outros lugares conhecerem elementos culturais diferentes de sua bagagem herdada.

Na capela Nossa Senhora de Czestochowa, em Casca, a edificação em madeira deu lugar a uma de alvenaria. Tais acontecimentos mostram que a memória coletiva ainda se decompõe e se recompõe, numa contínua construção, que pode se utilizar de acontecimentos externos ao grupo. Neste caso, a

modernização das construções religiosas foi incorporada ao grupo como uma condição de progresso e não mais vinculada à tipicidade da cultura de grupo.

Os descendentes procuram ter sua própria identidade local nas manifestações identitárias promovidas pelo movimento étnico, mantendo, dessa forma, sua legitimidade. Tal fato fez com que as invenções derivadas do intercâmbio cultural com a Polônia como artesanato, através do *pisanki*, da *lepianka*, do bordado típico, fossem incorporadas ao repertório da polonidade pela semelhança histórica, sem afetar negativamente a herança simbólica e afetiva.

Esses elementos hoje compõem o repertório da construção identitária mediada pela Braspol, uma entidade que une e mobiliza os descendentes em torno de uma causa comum, a preservação e a divulgação da cultura polonesa. Pode-se lhe atribuir o impulso pelo reavivamento da identidade étnica polonesa nas cidades-objeto deste trabalho.

Para que se mantenha, tanto a cultura quanto a identidade, estando elas já enfraquecidas no cotidiano, é necessária dedicação e estímulo. Todas as tarefas, tanto da cultura institucionalizada, através da Braspol, como a cultura cotidiana e religiosa estão sempre concorrendo com o trabalho dos descendentes, que lhes garante a sobrevivência, com a oferta de bens simbólicos disponibilizada dia a dia pelos meios de comunicação; a nova organização da sociedade, com famílias menores, assim como o enfraquecimento do carisma do sacerdote e da religiosidade, já dispensáveis para a vida dos jovens. A memória dos velhos não é aproveitada. Muito se perdeu sem que fosse documentado ou guardado na memória dos descendentes. A vida rural e cotidiana, base da cultura étnica, está muito modificada. Assim, a conservação da cultura polonesa é um desafio constante, ele baterá à porta das novas gerações. O que pretende fazer essa nova geração com o repertório herdado de seus pais e avós, hoje agentes culturais?

Dessa forma, se constitui a construção da Polonidade nos locais estudados, manifestada e (re)construída no presente, significando a vida na esfera rural, cultural e identitária dos descendentes poloneses.

REFERÊNCIAS

BRASPOL. *Informações oficiais*. Disponível em: <www.braspol.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, dez./2008. p.135-155.

BUDAKOWSKA, Elzbieta. *Dimensões contemporâneas da etnicidade: individualismo versus coletividade*, ano 10, n. 2, Curitiba, 2008.

CANDAU, Vera Maria (Coord.). *Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 240.

CONTRERAS, Jesús. Alimentación e Religión. *Humanitas Humanidades Médicas*, n. 16, p. 1-22, 2007. Disponível em: <www.fundacionmhm.com.org>. Acesso em: 21 jan. 2025. tradução nossa.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 9.

IBGE. *Informações oficiais*. 2022. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 263.

WIKIPEDIA. *Banco de dados: Casca e Santo Antônio do Palma*. 2024. Disponível em: www.wikipedia.com.br. Acesso em: 04 fev. 2025.



A metal pushpin is pinned to a map of Russia. The map is a grayscale image showing the geographical outline of the country with some internal borders and labels. The pushpin is positioned in the upper right quadrant of the map, with its head pointing upwards and its sharp point embedded in the paper. The background of the entire image is a textured, light gray surface.

IMIGRAÇÃO RUSSA



CAMPINA DAS MISSÕES – RAIZ DE CULTURA RUSSA NO RIO GRANDE DO SUL

Jacinto Anatólio Zabolotsky¹

O MUNICÍPIO DE CAMPINA DAS MISSÕES – BREVES CONSIDERAÇÕES

Campina das Missões é um município situado na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e que faz parte da região da Grande Santa Rosa, distante 510 km de Porto Alegre e aproximadamente 30 Km do Rio Uruguai, divisa com a Província de Misiones - Argentina. Possui 227,9 Km² de área, com a população atual (2014) em torno de 6.100 habitantes. É uma região de agricultura minifundiária. Tem na atividade agropecuária a base da economia, nos seguintes produtos:

Tabela 1 - Principais produtos da produção primária na formação do Valor Adicionado Fiscal (VAF) de Campina das Missões - ano base 2022

PRODUTOS	VALOR ADICIONAL FISCAL (R\$)
Suínos	100.106.390,00
Leite	91.334.034,00
Trigo	13.512.922,00
Soja	11.338.011,00
Gado	11.072.438,00
Milho	3.670.806,00

Elaboração do autor a partir dos dados do IBGE.

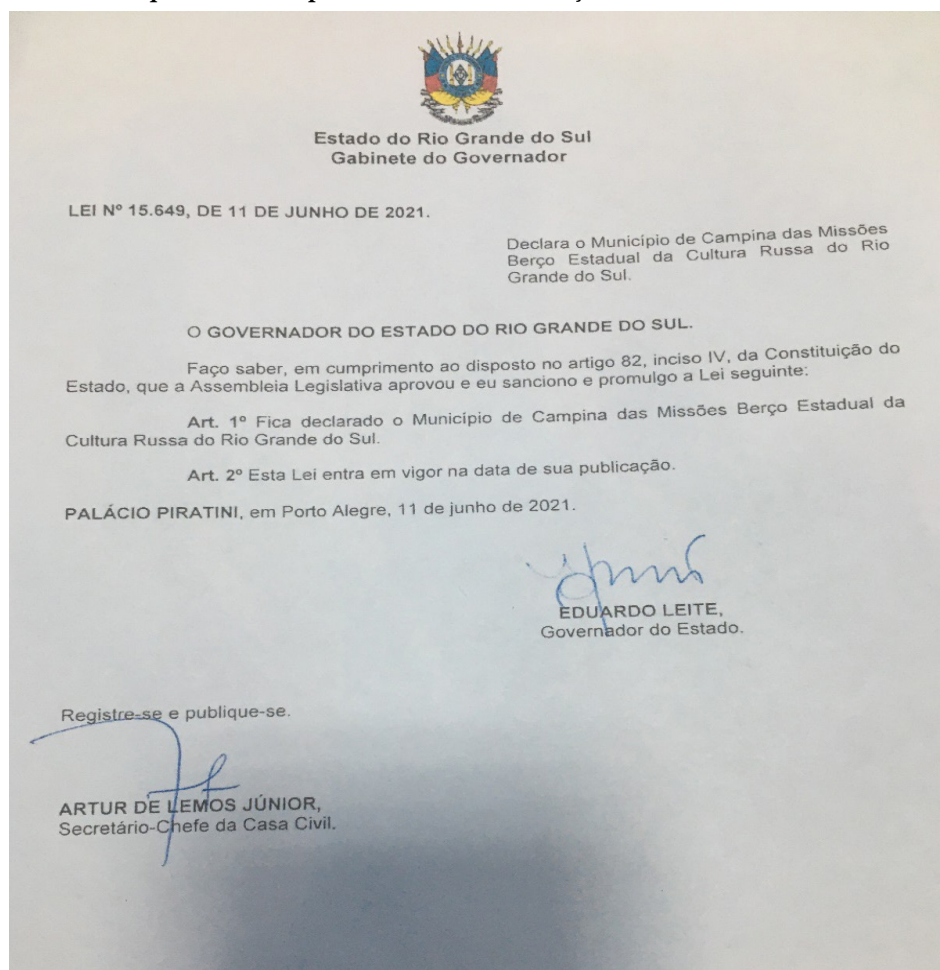
Devido a estrutura física e topográfica, a Colônia situada entre os rios Comandá e Tumurupará (Pessegueiro) foi denominada inicialmente de Campo Pequeno (Palianka), por ter na época uma clareira, um lugar de vegetação rasteira, que mais tarde originou o nome de Campina e onde foram construídas

¹ Advogado, Mestre em Direito, professor universitário, contador, escritor, poeta, colunista e cronista, membro da Academia de Letras e da Estância da Poesia Crioula do RS, colunista, cronista durante vários anos do programa A Voz da Rússia, fala o idioma russo e o espanhol; Cônsul Honorário da Rússia para o Rio Grande do Sul, Diretor Geral BRICS/MERCOSUL. Conquistou várias condecorações (Diplomas e Medalhas), nacionais e internacionais. E-mail: jzabolotsky@gmail.com.

as primeiras casas (*dachas*). Mais tarde foi acrescida a expressão “das Missões”, pelo fato de inicialmente pertencer à Colônia Guarani, 5º Distrito de Santo Ângelo, capital das Missões Jesuíticas.

Em 1920, Campina foi elevada ao 9º Distrito de Santa Rosa, sendo que em 9 de outubro de 1963, foi criado o município de Campina das Missões, pelo decreto do então Governador Ildo Meneghetti, abrigando a maior Colônia Russa do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente cerca de 20% da população do município é composta por imigrantes ou descendentes de russos, razão pela qual daremos maior ênfase, bem como por ser o maior núcleo do Estado. Foi declarada “*Berço Estadual da Cultura Russa*”, Lei Estadual nº 15.649/2021.

Documento que declara Campina das Missões como Berço Estadual da Cultura Russa do RS.



Fonte: ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

Como testemunhas da história, fotos e documentos ilustrarão o presente trabalho, revelando o lado subjetivo dos fatos. Mostrando um passado, presentificando-o como um marco na existência, como prova real, dando vida às situações passadas e agora fixas em fotografias. Apresentando registros, imaginando através da nevoa que a fotografia em preto e branco permite, mostrando uma realidade rica como que envolta no mistério das nuances de cinzas, vamos nos remeter ao passado para resgatar a história. Tonalidades que demarcam o contorno dos fatos e ao mesmo tempo lançam possibilidades de atuação colorida das lembranças como que um soneto. Lembranças que permanecem como uma curva de vida! “Sou apenas um sinal, na sombra lançada sobre o papel”. Neste registro documental e fotográfico, evocamos imagens passadas como presente, sem tempo e sem espaço, provando os sentidos do verbo!

OS LONGOS CAMINHOS DA ESPERANÇA

A saga vivida pelos imigrantes é digna dos melhores romancistas: histórias, lendas e causos que, no passado, formavam o conjunto da realidade vivificada por um povo. Povo este que hoje, através de seus filhos, netos e bisnetos, procura manter vivas as tradições de seus antepassados. Em cada depoimento há uma ponta de saudade e uma de tristeza. Saudades dos tempos que se foram, tristeza de ver seus filhos partirem para outros lugares, como seus antepassados, na eterna busca de melhores condições de vida, sendo o sucateamento da agricultura uma das principais razões deste êxodo rural.

Os pioneiros e fundadores de Campina das Missões (RS), foram os imigrantes russos, provindos na maioria da Rússia, Sibéria, Bielorrússia e Ucrânia (ex-União Soviética), a partir de 1909.

A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

A chegada dos imigrantes russos ao Brasil e ao Rio Grande do Sul se deu em três etapas distintas. A primeira, no início do século passado, foi denominada “febre brasileira”, quando imigraram lavradores. Experientes cultivadores de trigo, centeio, cevada, girassol e outras culturas. Foram os primeiros a implantar a diversificação para subsistência da propriedade e a cultivar hortifrutigranjeiros. Outro fator que influenciou foi o clima (mais quente) e a grande quantidade de terras disponíveis. Segundo dados do IBGE cerca de 19.525 russos entraram legalmente no Estado do Rio Grande do Sul até 1912.

A segunda ocorreu por razões políticas, ocasionada pela grande revolução russa (bolchevique) de 1917. Desta leva, a maioria voltou-se para atividades industriais, empresariais, de especialidades técnicas e no exercício de profissões

liberais, principalmente nas áreas de medicina, engenharia, agronomia, artes, educação e pesquisa. Instalaram-se, na grande maioria, em São Paulo. A última se constituiu no maior movimento migratório russo. Após a 2ª Guerra Mundial, aconteceu o êxodo de refugiados de guerra, quando algumas regiões ficaram sob o domínio de outros países. A predominância era de imigrantes do meio urbano e de militares com as famílias. É difícil precisar o número exato de imigrantes que para cá vieram, pois ao chegarem foram registrados como austríacos, alemães ou poloneses, de acordo com os passaportes fornecidos pelos governos de ocupação de suas regiões (países) de origem, gerando até alterações de nomes e sobrenomes, como adiante abordaremos.

No início século XIX, houve uma grande campanha por parte das autoridades brasileiras, incentivando a imigração, principalmente à região Sul do Brasil. José Augusto Borges de Medeiros, Presidente do Estado na época, através da Secretaria dos Negócios e Obras Públicas, foi um grande incentivador, com o claro objetivo de povoar e colonizar o interior do Estado, na área compreendida entre os rios Uruguai e Comandáí. Para tanto, a campanha pró-vinda ao Brasil preocupou-se em apresentar na Rússia, a imagem de uma terra muito rica e fértil, de clima agradável e quente, onde havia abundância de caça e pesca. Tanta fartura que praticamente dispensava a necessidade de trabalho.

Diemian Helenko, uma liderança respeitada, foi o primeiro russo a vir para esta região, nos primeiros meses de 1909. Tornou-se uma espécie de intermediário entre o governo brasileiro e os emigrantes interessados em vir ao Brasil. Os primeiros venderam a preços baixos os bens que tinham em sua nação e fretando navios, partiam em levadas, em busca da terra prometida como Moisés; ou do admirável mundo novo anunciado por Shakespeare - a nova Canaã, o Brasil, que se não fosse pela água, o oceano ainda mostraria seus rastros.

Começaram a penetrar na floresta virgem e agreste que circundava Campina, até então misteriosa, descobrindo que o sofrimento não existia só na Europa. A demarcação e a abertura das primeiras Linhas (Linha Paca, Buriti, Níquel, 1º de Março, Amadeu, etc.), eram feitas de forma braçal, à custa de machado, foice e facão. As colheitas também manuais e com ajuda de cavalos.

Colheita de cereais (soja) realizada com o auxílio de cavalos em Campina das Missões.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky. Ver, também, ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

Alekssander, pai de Diemian, era pessoa de muitas posses, em Soschi, próximo à Kiev, capital da Ucrânia. Setenta famílias que trabalhavam como agregados em suas terras, produziam centeio, trigo, melancia e criavam vacas e ovelhas. Após várias idas e vindas entre o Brasil e a Rússia, Diemian fez sua última viagem no final do ano de 1916, a fim de vender sua herança (era filho único), face o falecimento do pai. Tendo vendido todos os pertences e bens, depositou o dinheiro em um banco. Em 1917 estourou a Revolução Bolchevique, ocasião em que foi ao banco para sacar e trazer dinheiro em moedas de ouro. Ao sair da agência foi interceptado e interrogado por soldados revolucionários, que queriam saber para onde levaria essa fortuna. Respondeu que viajaria ao Brasil, explicando que a família já residia lá. Caminhando mais alguns metros foi assaltado e preso. Sem nada, levaram-no para a cadeia em Kiev. Devido ao frio e à umidade, contraiu pneumonia, falecendo aos 64 anos, sem assistência médica, no período auge da turbulência da Revolução Bolchevique de 1917.

Outros fatores que também determinaram a vinda dos eslavos (grupo étnico a que pertencem os russos, bielorrussos, ucranianos, poloneses, tchecos,

búlgaros e outros) ao Brasil, foram os problemas sociais e econômicos. O capitalismo extremado existente na época dos Czares e a falta de terras, que estavam nas mãos de poucos, que se dedicavam basicamente à agropecuária, foram decisivos para muitos imigrantes. O clima extremamente frio também influenciou.

Com a força de seu trabalho, seus conhecimentos e cultura, fizeram do Brasil a sua pátria e retribuem com amor e trabalho a maneira como ele os recebeu.

“A velha Pátria está para ele perdida,
a nova, confiante aqui ele achou,
filhos e netos foram nascidos,
trabalho penoso ao País o ligou!”

Eles cruzaram o planeta e foram chegando em levadas. No início de 1909 veio a primeira. Seguiram-se várias outras. Com seu pioneirismo, os eslavos que pisaram o solo campinense, ergueram barracos, cultivaram o solo, regando-o com o seu suor, desfrutando o mérito de mudar a fisionomia da região. De muitos ainda hoje se ouve falar, entre os quais destacamos:

- Macário Helenco, filho de Damian, veio em 1909, na primeira leva, com 23 anos de idade;

- Demétrio Lachno (*1899 +1994), veio com seus familiares em 1910, com 10 anos;

- João Zabolotsky (*1909 +1987) veio com 1,5 anos de idade em 1911 com seus pais André e Melânia, (faleceu aos 77 anos em maio de 1987), no navio Konis Friedrich August, chegando ao Rio de Janeiro em 28.05.1911, vindos do porto de Hamburgo (consulta no Arquivo Nacional - relação de vapores);

- João Melnik (*1886 +1971) e sua família também veio em 1911, oriundos da Brussiloskovo Raiôna Sielô Vilnhna, a 100 quilômetros de Kiev;

- Kusmá Radiuk (*1887 +1948) veio de Minsk - Bielorrússia, em 1911;

- Ernesto Chartanovitch (*1905 +1998) veio em 1912 com 8 anos, de Minsk com Simeão e Miguel Nagorny;

- Olga Ostaszewski, (*1910 +2004), veio com dois anos de idade, da Bielorrússia;

- Catarina Tkatch (*1896 + 1993);

- Nicolau Popek, (*1909 +1997);

- Miguel Bitzkoff (*1908 + 1983) veio com quatro anos;

- Paulo Wodniof (*1874 +1938) veio em 1913 com esposa e três filhos: Moisés, Miguel e Niquifor, este último com 05 anos;

- Parascóvia Stepanenco, Bastio Katroscha, Gregorio Lobtchenko, Sergio Bondarenko, entre outros, são originários da região da Sibéria.

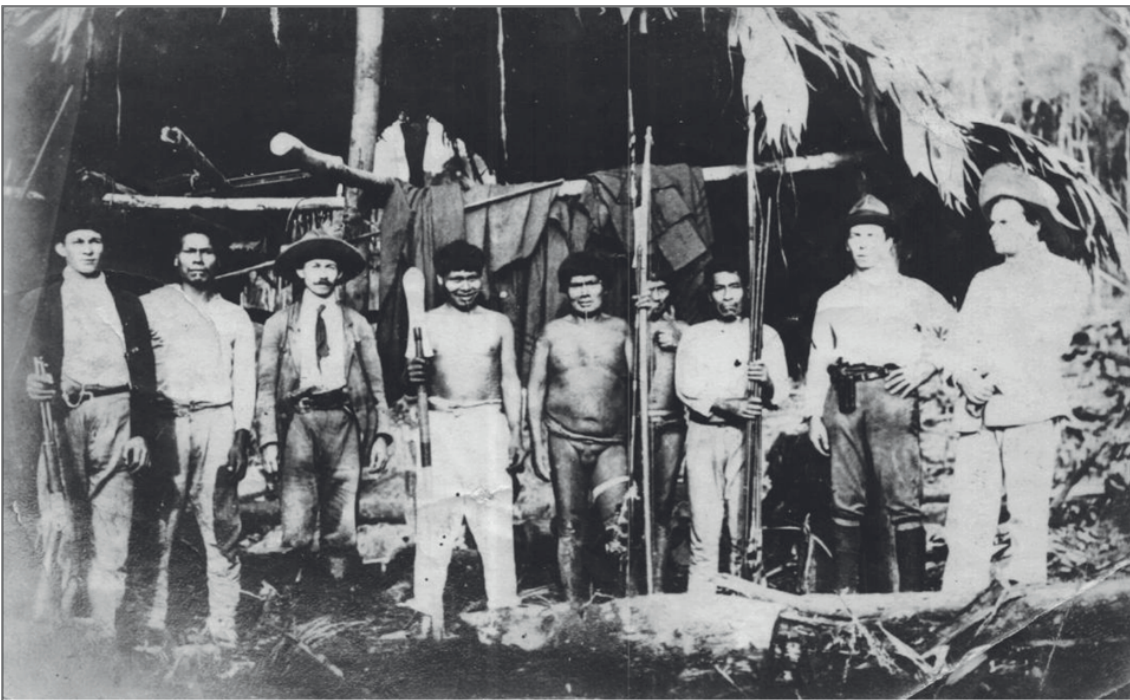
- Basílio Katroscha, nascido na Aldeia Urca-Wercutskoi Wolloski, falecido em janeiro de 1996, contava que veio ao Brasil com 10 anos de idade, com seus pais e irmãos. Na Sibéria a família dedicava-se à agricultura. - “Ante as promessas de fartura existentes no Brasil, sentimo-nos atraídos, deixando para trás as terras geladas”, dizia seu Basílio, acrescentando: “Nos alistamos para integrar o programa de Imigração. Chegamos em 1911, depois de 3 meses de viagem de navio. Desembarcamos, alguns no Rio de Janeiro, outros no Porto de Santos. Viemos de trem à Cruz Alta e dali de carroças até Santo Ângelo. Os 100 Km que separam Campina de Santo Ângelo foram completados a pé e a cavalo em burros de carga, ou, então, em pequenos barcos pelo Rio Comandai, que margeia o Município de Campina”.

A IMIGRAÇÃO NO BRASIL DE 1884 A 1920

Conforme o Instituto Dowbor, entre 1884 e 1887, chegaram ao Brasil cerca de 140.000 imigrantes, vindos de várias partes do mundo.² Entre 1888 e 1890, o número dobrou, chegando a 304.054 imigrantes legalizados. Entre 1891 e 1900 esse número é ainda maior. Foram 1.129.315 pessoas que entraram legalmente no Brasil. Nos vinte anos seguintes vieram mais 1.469.095 imigrantes. Ao chegarem aqui, os imigrantes sentiram o amargor da ilusão, deparando-se não com fartura e, sim, com uma densa floresta, tudo ainda por fazer, com muitos animais selvagens, que acabaram servindo de alimento nas horas difíceis. Para afugentar animais ferozes faziam fogueiras. Além disso, encontraram aqui os indígenas Guaranis, com quem fizeram amizade e até fizeram uma foto, conforme segue abaixo:

2 Ver, ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

Imigrantes russos com indígenas em Campina das Missões.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky. Ver, ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

Aqui chegando, foram alojados no “barracão”, um tipo de albergue construído pelo Governo para abrigar os imigrantes, até que pudessem tomar posse nas terras, construir suas casas e nelas morar. Depois de tomar posse, acampavam junto de uma fonte d’água, à sombra de uma árvore copada. Os homens construíam abrigo provisório e as mulheres preparavam a comida, fazendo café ou chá nas chaleiras de ferro fundido dadas pelo Governo. A qui os imigrantes constataram que o sofrimento não era privilégio do velho mundo, a Europa que deixaram para trás. Para os russos gaúchos, a adaptação foi difícil. Clima, língua, pouca comida, nenhuma casa, costumes, tudo era diferente. Mas não desanimaram, com esforço e perseverança venceram.

Na época, onde hoje é a cidade de Campina das Missões, além do “barracão”, existiam mais quatro choupanas, dentre elas a de José Demétrio Budzinsky, homem culto, dotado de ideias progressistas. Era coordenador dos assentamentos, chefe do Escritório da Comissão de Terras e Colonização da Colônia Guarany - Campina e Juiz Distrital a partir da instalação do Cartório de Registro Civil, em 4 de outubro de 1921. Além do idioma russo, ele falava fluentemente o português e o alemão. Falecido em janeiro de 1961,

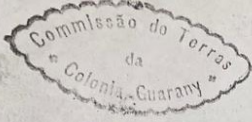
foi uma personalidade marcante que a memória e a tradição dos campinenses conservam viva. Era amigo pessoal do Governador e dos Presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Hoje, seus restos mortais se confundem com o solo campinense. Não apenas seus restos físicos; o que é mais importante e admirável no homem, suas ideias, também se misturam e se cristalizam nesta terra. Tinha três filhos, todos nascidos em Campina. Nicolau (*1920 +1974); Demétrio (*1925 + 1976) e Miguel (*1919+1998).

Macário Helenko comprou do governo 137 hectares e meio (5,5 colônias) de terras próximo a Campina, na Linha Buriti. Pagou parte em serviço braçal, juntamente com outros imigrantes, ajudando a abrir estradas (em puxirão) de Campina a Santo Ângelo. Trabalhavam com serrote, foice, facão, picão, enxada, pá e picareta, escavando e cortando raízes da derrubada das árvores na mata virgem e fechada, sob um sol escaldante e em condições precárias. Um grupo iniciou a construção da estrada a partir de Campina, enquanto que outro vinha de Santo Ângelo. Após vários meses de intenso e árduo trabalho, encontraram-se entre os atuais municípios de Santa Rosa e Giruá, ocasião em que comemoraram com uma grande festa patrocinada pelo governo. Macário dedicava-se à atividade agrícola e tinha alambique, produzia vodka e novecentos litros de vinho por ano. Em 1955, quando casou sua filha caçula Ana, Macário escriturou todas as suas propriedades, dando uma colônia (25 hectares) para cada um dos seis filhos. Nas horas de folga ele recitava um poema:

“Minha terra,
que eu chamo minha terra,
é uma jeira de humilde condição,
pobre de tudo que a cidade encerra,
mas milionária na vegetação.
Aqui a alma da gente se desterra,
guarda-se mais casto o coração,
minha terra, esta que eu chamo de
minha terra”.

Jacó Voytovitch (*1886 +1967), tenente e capelão do exército russo, após a guerra veio para cá, ganhando guarida e acolhida de Macário. Homem inteligente, surrado pela guerra, trabalhou com Macário durante duas décadas, até sua morte.

Título de terras ao imigrante russo Platon Tkatch na Colônia Guarany, fração Campinas, em março de 1910.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

COLONIA GUARANY

Nucleo *Uruguay*

TITULO PROVISORIO

Lote rustico n. *34*. Linha *Varizty*. Secção *5.ª*

Area *250.000* metros quadrados.

Preço *1.000* al por metro quadrado.

Divida de auxilios Rs. *250.000*

E' concedido o lote supramencionado a *Platon Tkatch* nos termos do
artigo *7.º* do Regulamento aprovado por Decreto n. 313 de 4 de Julho de 1900.
de acordo com o Foramen to do Solo
Campinas, 26 de Março de 1910.

O Chefe da Colonia,
Clarimundo d. A. Santos

Fonte: Comissão de Terras da Colonização da Colônia Guarany. Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

RUSSOS NA COLÔNIA ERECHIM

Esta imigração ocorreu a partir do ano de 1911. Até um livro foi lançado por Antonio Arnoni Prado (Org.), intitulado *Libertários no Brasil - Memória, Lutas e Cultura*. Elias Ilchenko chefiava os imigrantes russos na região de Erechim, Erebang, Getúlio Vargas e Barão de Cotegipe entre 1911 e 1918, na região norte do

Estado Rio Grande do Sul. Sérgio Itchenco, Paulo Uchacoff e Simão Poluborianoff fundaram a União dos Trabalhadores Rurais do Brasil, sediada em Erechim, presidida por Nikita Jacobchenco em 1918. Demétrio Cirotenco, serviu por mais de vinte anos como elo de ligação entre a União dos trabalhadores de Erechim e a de Erebangó a ponto de ser hoje um elo visível da lição humanitária que os camponeses russos desenvolviam naquela região. A comunidade livre de Erebangó (Imigrantes libertários russos do Sul do Brasil), escrito por Edgar Rodrigues, cujas correspondências e memórias, permanecem com o mesmo e parte do acervo foi doado em 1982 para alguns arquivos sociais. Elias Itchenco “... *permaneceu em Erebangó, fiel à doutrina. Sua obra anônima vale tanto ou mais que a de muitos heróis que a história oficial nos obriga a decorar nas escolas*”, sublinha Edgar Rodrigues.³

Foto dos imigrantes russos e descendentes em Campina das Missões, em 1930.



Русские иммигранты и остальное сообщество той эпохи перед школой в местечке Линья Пака Сул, по случаю церковного праздника в честь покровителя православного храма, в октябре 1947.

Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

³ Ver livro nosso, *A imigração Russa ...*, op., cit., edição ampliada, 2022.

AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES

Procedeu-se a primeira construção, o condor, erigida com uma espécie de tijolos, feitos à mão, com barro batido por muares, secados ao sol e depois queimados ao fogo. Servia de centro de administração que tratava de negócios de terras e coordenação da imigração. Foi construído em alvenaria e não de madeira nativa (paus roliços), que era abundante, para protegê-lo contra possíveis incêndios, para assim preservar documentos que nele estavam arquivados. Contudo, é de lamentar que anos mais tarde todos os documentos referentes à colonização de Campina foram perdidos, num sinistro em Santa Rosa, na Comissão de Terras para onde tinham sido removidos. Santa Rosa era um centro maior e lá se instalara a Central da Colonização. Os documentos, porém, foram guardados numa casa de madeira que teria sido incendiada propositadamente (é o que a memória popular conta), para dar fim a provas de um processo judicial.

Com isso ficou prejudicado o desenvolvimento de Campina, pois com o desaparecimento dos documentos foi abandonado o principal programa traçado pelos administradores. Mais prejudicados ficaram os que hoje se interessam em remontar a história e a cultura de sua terra, razão do presente trabalho de pesquisa, já que não existem documentos oficiais da fase inicial do surgimento da colônia russa.

O Governo deu também vales para comprar mantimentos durante o ano. O problema que estes mantimentos tinham de ser buscados longe, em Guarani das Missões, a sessenta quilômetros. Posteriormente se instalou um “bolicho” em Salvador das Missões, à cerca de quinze quilômetros. As terras - lotes de vinte e cinco hectares - eram vendidas por duzentos e cinquenta mil réis. Eram pagas com serviço braçal, na abertura de estradas pelas matas. Os novos proprietários recebiam um Título Provisório, expedido pela Comissão de Terras e Colonização. O Imigrante Jacó Gritzenco, foi um dos primeiros bolicheiros que se estabeleceu na Linha Paca Sul, onde tinha de tudo para os agricultores (uma espécie de secos e molhados), como se dizia aos comércios de antigamente. O Decreto nº 313, de 4 de julho de 1900, prescrevia, no artigo 73, que “Por ocasião do estabelecimento, os imigrantes receberão do Governo ferramentas de trabalho: enxada, pá, alvião, machado, facão, martelo e pregos até a quantia de trinta mil réis, que lhe será debitada”. Já o artigo 74 previa que “No primeiro semestre de seu estabelecimento terá o imigrante, chefe de família, ou por ele um filho maior, trabalho em caminhos vicinais, percebendo quinhentos réis por metro corrente”. O parágrafo único limitava que “Este auxílio não excederá a cento e vinte e cinco mil réis para cada família”.⁴

4 Ver, ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

A maioria dos imigrantes era conhecedora de árvores e logo descobriram no cedro e no louro, madeira em abundância, excelente material para construção de casas. Primeiro construíam-nas de pau roliço e, depois, quando conseguiram o serrote, serravam madeira para tábuas. O trabalho era feito à mão, um puxava numa ponta e outro noutra ponta do serrote. A casa de moradia era a primeira coisa que faziam: paredes, assoalho. Os barrotes eram de angico, as tesouras e pontaletes de canela guaicá, o vigamento e os caibros de canela preta ou amarela, as taboinhas para o telhado de cabriúva falquejada a facão e deixando uma das extremidades mais finas para o escoamento da água da chuva.

Basilio Nasiniak construiu, em 1913, a casa (*dacha*) onde residiu por várias décadas. Usou madeira, a partir do entalhe, uma sobreposta a outra para não entrar vento e, o mais importante, sem utilização de pregos. Ela foi totalmente restaurada em julho de 1992 (foto).

A VIDA LABORAL

Logo na primeira safra de trigo os imigrantes sentiram outro dissabor. Os insetos avançaram e destruíram toda a colheita. Eles estavam acostumados a estocar o trigo de uma maneira, em forma de rolos, desconhecendo os cuidados especiais que precisavam ser tomados contra os insetos, pois na Sibéria não havia estes destruidores. Lá, as terras só emergem da neve durante 6 meses por ano. Nesse período, era feita a semeadura do trigo, centeio, cevada e batatinha. No ano seguinte, quando a neve derretia, as plantas já estavam em adiantado estado de crescimento.

As terras aqui também eram férteis, porém a grande vantagem era de se poder semear e produzir durante todo ano. Era tudo feito manualmente, com enxada, foice e picareta. Aravam as terras com juntas de bois ou cavalos. Para colher os produtos como trigo, arroz e feijão preto usavam trilhadeiras movidas a cavalo. A vizinhança se juntava em “puxirão” e fazia a colheita dos produtos. Eles se reuniam, carneavam porcos, comiam, bebiam, faziam linguiça, morcilha, *holodietz* e torresmo. Dividiam a carne que sobrava, fritavam e guardavam em latas dentro da banha.

Em 1º de janeiro de 1912 já fundaram a primeira escola, denominada Sociedade Escolar Russa Riograndense, após passou a ser a Sociedade Escolar São João (já que o Padroeiro da Igreja Ortodoxa era o Apóstolo São João Evangelista), sendo que seu primeiro presidente era Gregório Mosiaga, na qual se ensinava o idioma português e o russo. Os Estatutos foram registrados no Cartório de Notas e Registro Especial em Santa Rosa, na época, 5º distrito de Santo Ângelo/RS.

Escola em Campina das Missões, em 21/06/1936.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

Os primeiros tempos foram de extrema dificuldade, pois tudo ainda estava por fazer. Desbravar as densas florestas, abrir picadas e estradas em meio à mata virgem, fez com que muitos desanimassem, alguns mudaram-se para Argentina e outros até retornaram ao país de origem, contudo, os que permaneceram ajudaram, com a força de seu trabalho a mudar o rosto do Rio Grande do Sul e do Brasil.

ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS: GRUPO FOLCLÓRICO TROYKA

O grupo Troyka, mantido pela Associação Cultural Russa Volga do Brasil, registrada na Secretaria da Cultura do Estado como produtora cultural, que neste ano de 2025 está comemorando 33 anos de trajetória de sucessos (1992-2025). Nestes 33 anos, a família Troykana já acolheu mais de 740 bailarinos (portanto, mais de 10% da população do município já dançou no elenco), fez mais de 710 apresentações locais, estaduais, nacionais e internacionais (Mercosul), com muita dedicação, ensaios e com amor levam a cultura russa aos mais diversos lugares, feiras, eventos, festivais regionais, estaduais, nacionais e internacionais

dos quais 7 na Argentina. Somos gratos por todos aqueles que de uma ou de outra forma fizeram, fazem e ainda farão parte dessa linda história.

Nesta longa trajetória de história e de sucessos esperamos fazê-la ainda maior. Somos gratos pelos amigos e admiradores de nosso trabalho que conquistamos durante essa jornada vencedora, divulgando Campina das Missões e região nas grandes mídias nacionais, como no Globo Repórter, Globo News, SBT Brasil, RBS/TV, Band TV e Band News, dentre outras amplas reportagens, divulgando Campina das Missões para todo o Brasil e além-fronteiras. Participar é estar inserido nas *“Etnias que formaram o povo gaúcho e brasileiro nestes 200 anos de Independência”*.

O elenco, nos últimos anos foi selecionado e participou por mais de dez vezes no Festival Internacional de Folclore em Nova Petrópolis/RS. A partir de 2022 abriu o I Festival Internacional de Danças em Campina das Missões, sendo que de 31.05 a 01.06. 2025 já estará na sua IX edição; participou da 1ª e 2ª Mostra Mercosul de Dança em Porto Xavier/RS; de Todas as Posfest Internacionais realizadas em Guarani das Missões; A partir de 1992 participou de todas as Fenasojas e das Festas das Etnias, ambas em Santa Rosa. No decorrer do ano de 2024 se apresentou na ExpoGiruá; na Universidade Fronteira Sul de Cerro Largo e em 01.12.2024 fez a abertura da parte cultural da Fenasoja, dentre outras.

Grupo Troyka em uma de suas várias apresentações.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

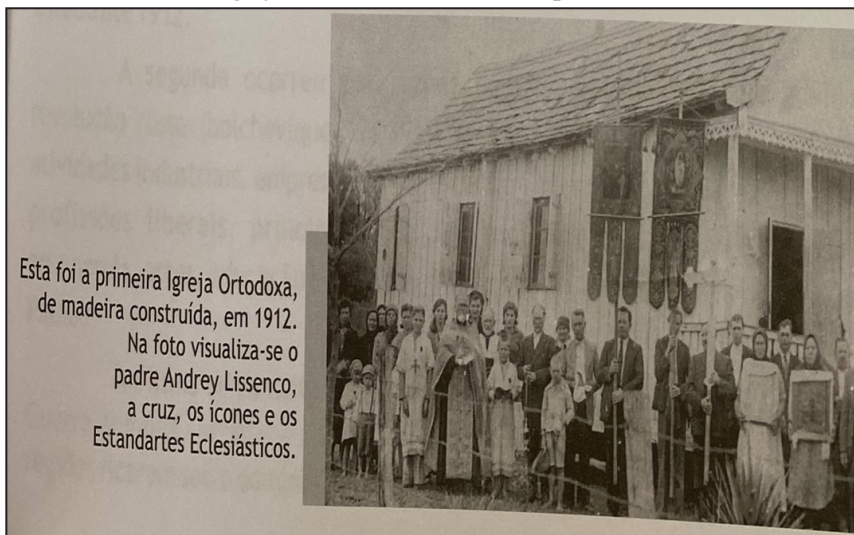
AS IGREJAS ORTODOXAS RUSSAS NO RIO GRANDE DO SUL

A fé na ortodoxia, cuja crença ajudou os colonos a suportarem as dificuldades, sem dúvida foi o elo integrador e de união, bem como de resistência da própria cultura. Os russos e descendentes professam a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, ou só ortodoxa, como costumam denominar. O camponês russo de outrora, possuidor de uma fé inquebrantável, caminhava quilômetros para assistir uma celebração. Era também um ponto de encontro dominical obrigatório. Após o ofício religioso, conversavam com os companheiros, para saber das novidades um do outro, e, no final, confraternizavam. A frequência nas liturgias tornou-se uma fuga do cotidiano.

Todos os anos no mês de outubro, segundo domingo próximo do dia 9, na Linha Paca Sul, interior de Campina das Missões, é realizada uma grande festa popular, por ocasião do Padroeiro (Festa Patronal), São João Evangelista. O primeiro templo de madeira foi construído no ano de 1912, sendo o seu primeiro sacerdote a atender a comunidade foi o Padre Andrey Lissenko (até 1940). Após vieram os sacerdotes Katchenko (até 1950), Firsts, Gregório Vassilkoff (durante seu tempo foi construída a atual Igreja de alvenaria, em 1955), Vitalin Glagolev, Peter Savandowsky (de 1970 até 1977), Nicolai Plonsky (1978 a 1981), Tarás Olynek (1985) e Jorge Sanches (de 1986 a 1992). De 1967 a 1970, a Comunidade ficou sem atendimento de um Padre. Neste período, no culto dos domingos ou quando falecia um membro da comunidade, Stefânia Kapusta oficiava a cerimônia. Ela faleceu em 1978, aos 97 anos. As vezes o Diácono de Vila Pratos/Novo Machado, Efim Javimczyk, realizava os cultos. O Padre Nicolau Kapusta foi ordenado em 1992 servindo até 2009.

Em abril de 2010 foi designado pelo Patriarcado de Moscou o sacerdote Dionisio Kazantsev, que atendeu a comunidade até 2015. Após o Padre Viktor Ivanik de 2018 e 2019; o padre Inocêncio em 2020 e 2021. Em 2022 foi designado o padre Pavel, permanecendo apenas um ano. Durante o ano de 2023 foi designado interinamente do padre de Oberá/Argentina, Bartolomé Oviedo, até outubro, sendo que em 17/11/2023 até hoje a comunidade é atendida pelo sacerdote Oleg Mokriak.

Primeira igreja Ortodoxa Russa em Campina das Missões.



Fonte: Arquivo pessoal Jacinto A, Zabolotsky. Ver, ZABOLOTSKY, J. A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

IGREJA ORTODOXA EM ERECHIM

Em 1920 foi construída um templo Ortodoxo no interior de Erechim. A comunidade ortodoxa russa localizada na Linha 3, Secção Dourada, 1º distrito deste município, em Boa vista do Erechim (hoje, por ser construído em madeira, ruiu na década de 1960).



IGREJA ORTODOXA DE PRATOS

Em 1937 o primeiro habitante e fundador da comunidade ortodoxa de Vila Pratos (Novo Machado), foi o proeminente coronel Speridion Bieletzky, do Exército Imperial Russo. Ele proporcionava orientação e assistência a centenas de famílias russas que ali aportavam, fundando ali a Igreja Ortodoxa de madeira. Contudo, em 1977, a mesma ruuiu devido às intempéries do tempo.

IGREJA ORTODOXA EM SANTA ROSA

A Igreja Ortodoxa Apóstolos São Pedro e São Paulo de Santa Rosa e a Paróquia São Sérgio de Radonej, localizada na Av. Emílio Lúcio Esteves, 215, Bairro Santa Maria Goretti, em Porto Alegre, são atendidas pelo Padre Anatólie Topala que veio da Rússia em abril de 1994 e mudou-se para Porto Alegre em 2008 para atender àquela comunidade. Depois da transferência do Pároco Anatólie para Porto Alegre, aquele templo foi totalmente reformado sob a orientação dele e com a supervisão dos engenheiros José Sérgio Krentkowsky e Jorge Bobrovsky. Tendo sido embelezada, interna e externamente. Os principais benfeitores da reforma são os paroquianos Jorge Bobrovky, Dimitri e Sergio Dzoubanov. O Conselho Paroquial, durante este período foi constituído pelos seguintes membros, em ordem cronológica, alguns já falecidos: como provedores ou *stárostas*: Kanaton, Alex Sokolovsky, Podgorny, Vladimir Dimitriev, Nikolai Serpokrillov, Jorge Weiss e Arefio Semerucha. Como presidentes, tesoureiros, secretários e membros do conselho: Nekrashevitsch, Família Ostermann, Eugeny Beliavsky, Petr Tscherdanzev, Michail Muschinsky, Igor Weiss, Michail Michailenko, Anatóly Dzoubanov, Pascha Sokolovskaia, Yuri Bolechansky, Nikolai Marczenko, Nikola Nikolov, Nikolai Zwonok, Eugeny Granitoff e Galina Zavadovskaia.

No grupo de senhoras de recepções e apoio: Maria Iglin, Galina Zavadovskaia, Olga Augustin, Pascha Sokolovskaia e Tatiana Topala. As liturgias na Igreja Ortodoxa são sempre acompanhadas pelos cânticos do coro. Os primeiros regentes do coro foram Peter Zavadovsky, Vlassii Korniewsky e Nikolai Berezutsky, todos já falecidos. O coro era dirigido por Michail Michailenko. Atualmente é dirigido pelos coristas, Galina Zavadovskaia, Tamara Gaiko, Tatiana Topala, Olga Omeltschuk, Vera Batzeva, Vera Waschenko, Eugenia Semerucha. Anna Belous e Daniela Gryko e Helena Romanova.

No dia 3 de outubro de 1997, foi comemorado o 40º aniversário da Igreja São Sérgio de Radonej. Ela foi toda remodelada, com jantar festivo na Sociedade Espanhola, com a participação de mais de 150 pessoas. No dia seguinte, domingo, foi celebrada a Divina Liturgia, concelebrada pelo Arcebispo Dom

Platon, do Brasil e da América do Sul, da Igreja Ortodoxa Russa do Patriarcado de Moscou. Após foi servido almoço de confraternização, com a presença do Cônsul Geral da Rússia, Vladimir Avrorski.

Igreja Ortodoxa Russa de Santa Rosa.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

A CAPELA ORTODOXA - PONTO TURÍSTICO

A Capela Ortodoxa localizada na Praça russa São Vladimir, centro da cidade de Campina das Missões, inaugurada em 06 de outubro de 2021, de 13 metros de altura, oito lados. Ao centro, está o ícone de Nosso Senhor Jesus Cristo, abençoando a todos que a visitam, com uma lâmpada que sempre permanece acesa, significa a presença de Deus. Tornou-se um ponto de turismo religioso, muito visitado por peregrinos locais, regionais e de várias regiões do Estado e do Brasil. Visitas guiadas de estudos pelas escolas municipais, estaduais e universidades são realizadas como fontes de pesquisas, além de autoridades civis e eclesiásticas. Também já vieram visitantes dos países do Mercosul e da Rússia. Segundo registros no livro de visitas, desde que foi implantado o livro de registro de visitas, em janeiro de 2022, já passam de cinco mil pessoas que assinaram o livro (média de 150 pessoas por mês).

Inauguração do portal no cemitério ortodoxo em outubro de 2019, com a placa do Poema Cemitério Ortodoxo, encravado no lado direito.



Fonte: Acervo pessoal de Jacinto Anatólio Zabolotsky.

Atualmente, em Campina das Missões, cerca de 20% da população possui descendência russa, razão porque foi declarada “Berço Estadual da Cultura Russa” através da Lei nº 15.649/2021. Para comemorar os 110 anos da imigração russa (1909-2019), foi inaugurado o portal no maior cemitério ortodoxo do Brasil, na Linha Paca Sul, em frente à Igreja Ortodoxa, sendo que no lado direito da entrada, está gravada uma placa que sintetiza, em versos

rimados, de autoria de Jacinto Anatólio Zabolotsky, contando em versos⁵, a história dos 110 anos da Imigração conforme Apêndice – 1.

História narrada em versos sobre a saga do resgate e da importância do legado histórico do maior cemitério Ortodoxo do Brasil e América do Sul, que se transformou em um ponto turístico. Aqui repousa e se encerra o ciclo da derradeira história dos bravos pioneiros e descendentes, como sentinelas do tempo, 110 anos após o início da jornada e da obra desbravadora dos longos caminhos da esperança, são reverenciados, homenageados, um justo tributo resgatando o seu legado para a eterna memória (*vetchnaia pamiat*), marcas que nem o tempo apagará, reflexão em versos inspirados num sonho de madrugada.

Foto do poema que está encravado no lado direito do portal do cemitério ortodoxo russo. Na foto, a presença do autor com o Padre Anatólio Topada da Igreja Ortodoxa Russa de Porto Alegre.



5 Autor: Jacinto Anatólio Zabolotsky. Poema em homenagem aos 110 anos da imigração Russa (1909 / 2019). Com aprovação eclesiástica. Campina das Missões-RS, 06 de outubro do Ano do Senhor 2019. Poema cuja placa foi descerrada em 06.10.2019 (a direita do portal), abençoada por Sua Eminência, Metropolita Dom Inácio, sendo que se comemora no dia 09.10 de cada ano, em homenagem a obra desbravadora. Na oportunidade são celebrados os: 111 anos da Imigração Russa (1909-2020); Dia 09.10: Dia da Etnia Russa (Lei 13.156/2008); Dia 09.10: Dia do Patrono da Igreja Ortodoxa Apóstolo São João Evangelista; Dia 09.10: Dia do Município de Campina das Missões (1963-2020) e “Berço Estadual da Cultura Russa” Lei nº 15.649/2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX marcaram a presença de vários grupos de imigrantes no Brasil. Esse processo deu-se em razão de políticas de imigração adotadas pelo governo brasileiro em correspondência com intenções e necessidades de governos provinciais e, posteriormente, estaduais. O Rio Grande do Sul marcou presença neste processo. No conjunto dos grupos imigrantes de várias nacionalidades, os russos se fizeram presentes principalmente a partir da primeira década do século XX, em particular, em projetos de colonização da parte norte e noroeste do referido estado.

Neste sentido, a Colônia Guarany, noroeste do estado, a partir de 1909, marcou a presença de vários grupos étnicos, provenientes de vários países. Russos, ucranianos, poloneses, italianos e alemães, dentre outros, estiveram (re) povoando este território de longa data de presença indígena. A fração Campina, no interior da referida colônia, teve maior inserção de russos. Estes, no decorrer de mais de 100 anos, constituíram uma comunidade étnica de grande expressão no estado e no Brasil, reproduzindo valores, crenças, rituais de pertencimento étnico, os quais manifestam-se na atualidade pelas novas gerações em vários âmbitos (língua, gastronomia, dança, crença e atos religiosos, vínculos com regiões da pátria-mãe, a Rússia). Desta forma, a presença de imigrantes russos em algumas porções territoriais do estado auxiliou e contribuiu na dinâmica multicultural de sua povoação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRADO, Antônio. Arnoni. *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasilense, 1986.

ZABOLOTSKY, Jacinto A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa: Coli Gráfica e Editora, 2007 (3ª ed.).

ZABOLOTSKY, Jacinto A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa: Coli Gráfica e Editora, 2022. Edição ampliada.

ANEXO 1 – CAMPINA DAS MISSÕES: LIVRO PÕE FIM A UM DRAMA QUE DUROU MEIO SÉCULO*

Após uma busca incansável que durou 56 anos, graças a um livro, senhora reencontra seus três irmãos. Antoninha Zachartchuk, 70 anos, policial militar aposentada, residente em Cuiabá - capital do Mato Grosso - tinha um grande sonho em sua vida: queria reencontrar seus parentes. Esta angústia foi crescendo diante das profecias de Nostradamus, profetizando o fim do mundo. Segundo afirma Antoninha, na tentativa de localizá-los, escreveu mais de 5.000 cartas, para todos os lugares e estados do Brasil - prefeituras, Igrejas, TVs, rádios, jornais, etc., contudo, não obteve êxito, o que a levou a intensificar suas preces à Nossa Senhora Aparecida, para que, antes de morrer, ajudasse a se reencontrar com sua família.

Antoninha intensificou sua busca, até que através de um livro, de autoria do advogado e escritor Jacinto A. Zabolotsky - de Campina das Missões, recentemente editado, sob o título “A imigração russa no Rio Grande do Sul - Os Longos Caminhos da Esperança”, que traz numa das páginas, sobrenomes de famílias de imigrantes que se estabeleceram no solo gaúcho, entre os quais o sobrenome Zachartchuk. Assim, foi alvo de descoberta inédita, pois a referida obra, além de preencher uma lacuna na bibliografia gaúcha e brasileira da imigração, assim, estava descoberto o maior sonho e drama de Antoninha. Logo entrou em contato com o autor do livro, cujo endereço e telefone constava na contracapa. Após vários contatos, porém até então sigilosos, para fazer uma grande surpresa, a família, que é composta de três irmãos: Victória, Leocádia e Boleslau. Todos já idosos, mas vivos, residentes no município de Campina das Missões, cujo emocionante encontro foi registrado pela RBS/TV em rede estadual, que foi ao ar dia 8 de outubro último. Assim chegou ao fim a história dramática que durou mais de 56 anos.

*Extraído do livro do autor do presente texto, “A imigração russa no RS e no Brasil”, pág.250.

APÊNDICE 1 - POEMA CEMITÉRIO ORTODOXO

MARCO HISTÓRICO

I

Como sentinela do tempo
Perpetuando gerações,
Em Campina das Missões
No interior da Linha Paca,
Espaço que se destaca
Fazendo parte da história.
É a Svetaia Rússia em memória
Para nossos imigrantes
Que lutaram como gigantes
Para conquistarem a vitória.

II

O cemitério Ortodoxo
Que aos descendentes comove,
Pois foi em mil novecentos e nove
Quando tudo começou,
E o campo santo se transformou
Em descanso permanente,
Pois aqui está presente
Um enfileirado de cruzes,
E muitos clarões de luzes
Que orgulham nossa gente.

III

Cruzes ortodoxas de 8 pontas
Estão neste derradeiro abrigo,
Cercadas por soja e trigo
Nossas principais culturas,
E os irmãos nas sepulturas
Para o descanso derradeiro,
É o ciclo da vida parceiro
Que devemos refletir
E a caminhada seguir
No comando do Escudeiro.

IV

Para não apagar a memória
Tem a cruz de madeira,
Ela foi à primeira
A ser colocada no recinto,
A outra é de dois mil e cinco
Que ela foi erguida
Preservada e protegida,
Com cinco metros de altura,
Resistindo com bravura
Com mármore, guarnecida.

V

Até um casal de João de barro
Fez nela sua morada,
Uma morada abençoada,
Para formar família
E como uma luz que brilha,
Ficou muito lindo o cenário
Parecendo um relicário,
No alto de uma coxilha.

VI

Cento e dez anos se passaram,
No calendário está marcado.
O primeiro marco cravado,
aqui no alto da coxilha
Também na Santa Cecília
E na Linha Buriti.
Na Oito de Maio também vi.
São espaços sagrados,
Onde estão antepassados
Que viveram por aqui.

VII

Chegaram no século passado
Para habitar esta querência.
Enfrentaram a resistência,
Mas foram perseverantes,

Traziam em seus semblantes
Objetivos bem traçados.
Fatos que estão registrados
Até nos velhos jazigos,
Nos derradeiros abrigos
Onde jazem sepultados.

VIII

Uma cruz de puro cerne
Resiste o passar do tempo,
Cravada bem ao relento
Registra importante fato,
Mil novecentos e vinte e quatro
Simboliza a ascensão aos céus,
Onde cada um dos seus
Rezam com muito fervor,
Ao altíssimo Salvador
Nosso único e amado Deus.

IX

Neste ano as tropas revolucionárias
Rondavam toda a região,
Era grande a perseguição
Ao esclarecimento, intelectual,
Coisa fora do normal
Mas que acontecia de fato
Pois cometeram o assassinato
Do Alexandre, exemplo de professor,
Causando, tristeza e dor
Conforme consta no relato.

X

É o mártir dos imigrantes
Taxado de subversivo e comunista,
Defendia seu ponto de vista,
Por isso foi torturado
Sendo na Linha Palmeiras encontrado.
Por isso na praça São Vladimir
Decidiram um busto construir,

Para ele que andou nos trilhos
Deixando órfãos, esposa e dois filhos,
Para os seus passos seguir.

XI

Como se não bastasse
Outro assassinato aconteceu,
Fato que entristeceu
A nossa grande região,
Foi grande a comoção
Naquele enlutado dia
Pois o padre e o coroinha,
Do Feijão Miúdo, Três Passos
Sempre estendiam os braços,
Para quem necessidade tinha.

XII

Com a benção de Nosso Senhor
E do Apóstolo São João Evangelista,
Jamais sairemos da pista
E a vida terá sentido,
Cada um, comprometido
Com a sua comunidade,
E assim em irmandade
Rezamos com fé a panhida,
Que abençoe cada vida
No interior e na cidade.

XIII

O Padre com o candilo e água benta
O sacerdote com a mirra e incenso,
Entre todos é um consenso
A unção nas sepulturas,
Para que aquelas criaturas
Na sua eterna morada,
Está guardada a caminhada
Nesta passagem terrena,
De forma calma e serena
Para encerrar a jornada.

XIV

Este campo Santo Ortodoxo
Faz parte da história,
Até um livro em memória
Em noventa e oito foi lançado,
Nele está registrado
Os feitos da nossa gente,
Que no passado e no presente
Tem feito a diferença,
Graças a fé e a crença
Que cada um traz na mente.

XV

Uma semana após a Santa Páscoa
Radonitza: Dia de Finados é comemorado,
Eterna memória em oração Pascal lembrado
Padre, orações, velas, flores e seu mistério
Eterna memória deste cemitério.
Oblação terminada, as crianças enfileiradas
Recebem balas, ovos, doces das bábas
Para lembrar o espírito das pessoas amadas.

XVI

Hoje é um ponto turístico
E bastante visitado,
Muito tem nos orgulhado
Este sagrado lugar.
E para reverenciar
Um palco ali foi montado,
O Grupo Troyka tem se apresentado,
Com muito encanto e beleza
Em frente a Cruz e a Igreja,
Neste local abençoado.

XVII

Já recebeu visitas importantes
Autoridades, Prefeito, Cônsul e Embaixador
Bispos, Metropolitans do exterior
Veio até o Reitor de Universidade afamada

Pelos acadêmicos, estudada
Nos bancos universitários
Para fazer os corolários
De pesquisa modernizada
Para ser inserida e bibliografada

XVIII

É o berço da cultura russa
No Rio Grande e no Brasil.
Terra de um povo gentil
Trabalhador e hospitaleiro,
Que leva para o mundo inteiro
Sua crença e a cultura,
Gente de fé e bravura
Que jamais desanimaram,
E a todos ensinaram
Algo que até hoje perdura.

XIX

Para reverenciar este cemitério
Veio até o jornal Zero Hora,
A imprensa lá de fora.
De São Paulo, o Estado e o SBT.
Do Rio, a Globo e a nossa RBS-TV.
O Globo Repórter mostrou
A Globo News divulgou,
E foi destaque na Revista Veja
Somos o bolo com cereja,
Que a cada um encantou.

XX

De forma especial reverenciamos
Nossa imprensa regional,
A Gazeta do Povo, nosso jornal local
Pelo apoio prestado,
Muito tem nos ajudado
Nessa divulgação,
Vamos juntos em oração

Agradecer ao Pai Santo Salvador.
Que ele derrame seu louvor
Sobre a nossa nação.

XXI

Foram mostrados com detalhes
Lápides de anjos índios barrocos,
São inéditos, são poucos
A exemplo das Ruínas Missioneiras,
Que lembram lutas guerreiras
Dos nossos antepassados,
Feitos que são lembrados
Pois marcaram uma trajetória
Que ficará para a história
Em nossos anais registrados.

REGISTROS DA ENTRADA DE IMIGRANTES RUSSOS NO RIO GRANDE DO SUL ATÉ 1914

Rosângela Corrêa Alves¹

OS RUSSOS E O BRASIL

O primeiro contato conhecido entre russos e brasileiros ocorreu em 1803. Os navios russos Nadiejda e Neva faziam uma expedição de volta ao mundo, quando atracaram em alguns portos do Brasil. Langsdorff, um alemão naturalizado russo, era um dos vários cientistas que participaram da expedição, comandada por Ivan Fiodorovitch Kruzenstern. Em 1813, após uma estada em Portugal, onde aprendeu a língua portuguesa, o então Barão Langsdorff mudou-se para o Rio de Janeiro, assumindo o Consulado Geral da Rússia no Brasil. Em 1816, comprou uma fazenda e passou a receber cientistas, naturalistas e artistas interessados em conhecer o país. Ele organizou diversas expedições, que além de explorar a flora e a fauna, dedicaram-se à etnografia e à pesquisa dos idiomas das tribos brasileiras. A grande expedição Langsdorff a “Terra Brasilis” durou de 1818 a 1822, percorreu cerca de 15 mil quilômetros e foi custeada pelo czar Alexandre I da Rússia, que almejava estender os conhecimentos científicos, assim como faziam as outras potências europeias. O barão reuniu cerca de 39 pessoas para esse grande evento, entre eles estavam os pintores Johann Moritz Rugendas e Aimé-Adrien Taunay, os quais deixaram inúmeras obras ilustrando a natureza e o povo brasileiro.

Em 1828, em carta oficial a D. Pedro I, o Império Russo reconheceu oficialmente a Independência do Brasil e, a partir daí, iniciou-se o comércio entre os dois países. Nesse primeiro momento, o Brasil enviava açúcar, café, cacau e madeira, e recebia, principalmente, ligas de ferro. Durante o século XIX, o governo imperial brasileiro estimulou a vinda de europeus para o país. Uma política de imigração foi estabelecida e a historiografia associa a ela

¹ Formada em Licenciatura em História na UFRGS (janeiro de 2020) e Bacharel em História na UFRGS (2022) com o trabalho: **Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914): registros dispersos e múltiplas etnias**. Porto Alegre, 2022. Trabalho de Conclusão do Bacharelado em História. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. E-mail: roalves1938@gmail.com.

várias causas, sendo as principais: a necessidade de substituição da mão de obra escrava, conforme o processo de emancipação se encaminhava ao fim; a ocupação de áreas consideradas “vazias”, fortalecendo áreas de fronteira; a formação de uma classe média na estrutura social brasileira, de desenvolver a policultura, assim como abastecer cidades em expansão e as grandes áreas de monocultura exportadora, como o Vale da Paraíba, produtor de café (Oberacker Jr apud Cunha, 2007, p. 279-300).

Para realizar o programa de colonização foram contratados agentes responsáveis por fazer propaganda sobre o Brasil em várias cidades da Europa. Eles deveriam recrutar e transportar agricultores até as colônias que passaram a ser estabelecidas. Durante o século XIX, os imigrantes chegaram ao Brasil, principalmente, em função da promessa de posse de terras.

Ainda, no período do Império, em 1876, D. Pedro II visitou a Rússia, em caráter não oficial. O imperador foi recebido pelo czar Alexandre II e pela Academia de Ciências da Rússia. Entre as curiosidades a respeito do monarca brasileiro foi notório seu interesse pelas ciências. Era também poliglota e o russo era uma das línguas que conhecia (Segrillo, 2015, p.259).

Após a Proclamação da República, o governo prosseguiu com a política de colonização com imigrantes europeus, sendo que houve momentos de imigração subsidiada e momentos de imigração espontânea. O anuário do IBGE de 1948 registra 108.021 imigrantes russos no Brasil entre 1884 e 1945. Somente entre 1907 e 1914, são 48.321 classificados dentro dessa categoria. Segrillo (2015) estabelece a imigração em quatro ondas: a primeira logo após a revolução de 1905, na qual se localiza a vinda dos agricultores que estavam na Sibéria e chegaram a Campina das Missões, declarada berço da cultura russa no Rio Grande do Sul; a segunda, pós revolução de 1917, através da qual vieram os chamados russos brancos (contrários aos comunistas vermelhos); a terceira, trouxe russos espalhados pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial, incluindo o grupo vindo da China, fugido da Revolução Comunista Chinesa de 1949 e; a quarta depois da desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, em que escaparam da crise econômica na recém-criada Federação Russa (Segrillo, 2015, p. 262-265).

Além disso, Segrillo (2015, p.13) explica que há duas palavras para identificar os russos, habitantes de um território que chegou a 22,4 milhões de km² no Império Czarista e na antiga União Soviética: *russkii* e *rossiyanin*. *Russkii* é o russo étnico, aquele que é filho de pai ou mãe russa. Já *Rossiyanin* é qualquer pessoa que nasce e vive na Rússia, considerado cidadão, mas não um russo étnico. A nacionalidade é definida pelo *jus sanguinis* (direito de sangue) e não pelo *jus soli* (direito de solo), como no caso do Brasil. Svetlana Ruseishvili (2016,

p.42-43, p. 196), por sua vez, a partir de arquivos da Igreja Ortodoxa de São Paulo, encontrou uma espécie de hierarquização dos imigrantes. Os registros categorizam-nos como “russos da Rússia”, correspondentes aos étnicos (*russkii*) e russos periféricos ou de antigas periferias do Império (*rossiyanin*).

Nas imigrações para o Brasil podem-se identificar elementos dos dois grupos: russos étnicos, como aqueles advindos da Sibéria e falavam russo, assim como os russos periféricos (não étnicos), como é o caso dos poloneses, alemães, finlandeses e outros que estavam em territórios sob domínio do Império Russo. No que tange aos russos étnicos, os quais chegaram ao Rio Grande do Sul, a língua russa e a religião ortodoxa foram símbolos identitários que contribuíram na sua diferenciação.

EMIGRAÇÃO - CONTEXTO HISTÓRICO DO IMPÉRIO RUSSO

A dinastia Romanov esteve no poder do Império Russo por 300 anos (1613-1917). Nesse período, houve grande expansão de territórios, com a anexação de vários reinos envolvendo múltiplas nacionalidades e etnias, entre elas alemães, polonesas, lituanas, ucranianas, letas e finlandesas.

Em 1861, Alexandre II aboliu o regime de servidão: 22 milhões de servos foram libertados, camponeses que não podiam mais ser comprados e vendidos, não podiam mais ser açoitados, passaram a ter o poder de comprar terras, casar-se e comerciar. Porém, a libertação não foi completa, os camponeses continuavam devendo obrigações de trabalho a seus antigos donos.

Em 1863, os poloneses entraram em rebelião total, lutando com 30 mil soldados, inclusive judeus, contra 300 mil soldados russos que se enfrentaram em mais de 1000 conflitos. A Revolução Polonesa adiou reformas que o czar pretendia fazer, sendo que ele ordenou ao general Mikhail Muriov o esmagamento dos poloneses. “Ele enforcou centenas de poloneses, mas milhares foram fuzilados e 18 mil foram deportados para a Sibéria” (Montefiori, 2016, p. 502-508).

Alexandre II foi assassinado em um ataque suicida em 1863. Os boatos de que o “czar de Deus” tinha sido morto por judeus, junto a uma depressão econômica, que também era atribuída aos comerciantes dessa etnia, levaram a uma série de ataques antissemitas, os chamados *pogroms* (de gromit, destruir). Assumiu Alexandre III, o qual demonstrava “um ódio feroz aos judeus” (Montefiore, 2016, p. 582). A política étnica interna promovida pelo Ministro do Interior, Conde Ignatiev, fez crescer a hostilidade contra alemães, passando a massacrar judeus e perseguir os poloneses. Tudo isso deteriorou a imagem da Rússia na Europa. A partir de 1881, mais de 60 mil judeus emigraram para os Estados Unidos, a cada ano (Montefiore, 2016, p. 583).

Numa Rússia mergulhada na depressão econômica, em 1891, com milhares de pessoas morrendo de fome, iniciou-se um programa de industrialização com financiamentos estrangeiros. Assim, cresceu a produção agrícola, com a Ucrânia tornando-se o celeiro da Europa; duplicou-se a produção de ferro, aço e carvão; a indústria têxtil elevou a Rússia a uma das cinco potências mundiais; descobriram petróleo em Baku, onde, em pouco tempo, se produziu metade do total mundial. Montefiore (2016) comenta o início da russificação:

Enquanto a Rússia se projetava na modernidade industrial, o imperador tentava manter a união do Estado mobilizando o nacionalismo russo e perseguindo as minorias. No império multinacional de 104 nacionalidades e 146 línguas, segundo o censo de 1897, os russos puros (sem contar os ucranianos) eram uma minoria de 44%. O imperador determinou, além de medidas antissemitas, que só a língua russa fosse ensinada nas escolas polonesas, armênias e georgianas: um gol contra do regime, que desnecessariamente transformou milhões de pessoas em inimigos (MONTEFIORE, 2016, p. 592).

Em 1891, o czar ordenou que a polícia expulsasse os judeus de Moscou. A Grande Sinagoga foi fechada, 20 mil foram expulsos. A emigração para os Estados Unidos subiu para 137 mil por ano (Montefiore, 2016, p.593).

Quando Nicolau II assumiu em 1894, ele seguiu agressivamente as políticas de russificação de seu pai, justamente em um momento que campanhas de nacionalismo se espalhavam pelo império, que incluía os estados bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia), a Finlândia, o Cáucaso, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Bessarábia (atual Moldávia), uma grande parte da Polônia, além de outras regiões na Ásia. Enquanto o czar associava mais seu trono à etnia russa, jovens finlandeses, georgianos, judeus, poloneses e armênios aderiram a partidos nacionalistas. Em março de 1898, foi fundado o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos, o qual, mais tarde, governaria a União Soviética. Por toda Rússia, jovens estavam convencidos que a velha ordem dos czares, senhores de terra e capatazes de fábrica precisava ser destruída. Na Páscoa de 1903, o assassinato de um russo e a morte de uma moça russa, em um hospital na Bessarábia, desencadeou uma nova série de reações populares. O *pogrom* chocou a Europa: 700 casas foram incendiadas, 46 judeus mortos e 600 feridos (Montefiore, 2016, p. 637).

Segundo o historiador social russo Mironov (2000), pesquisado por Bytsenko (2006), os camponeses, que haviam se liberado do regime de escravidão em 1861, continuavam passando por uma situação difícil. Os termos de libertação eram muito restritivos, eles continuavam sem a propriedade das terras, sem assistência econômica, sendo explorados com muitas obrigações e poucos direitos; mesmo aqueles que possuíam alguma condição de comprar

terras não eram autorizados a fazê-la. Em 1901, após um período de seca, resultou em escassez de alimento, gerando uma grande onda de fome, quando eclodiram muitas revoltas em várias regiões do Império. O governo colocou o exército a reprimir os manifestantes. Havia uma forte necessidade de reformas socioeconômicas e políticas, mas a administração de Nicolau II não demonstrava vontade de realizá-las.

Entre 1904 e 1905, o Império Russo esteve em guerra com o Japão pelo controle da região da Manchúria. Em 1905, eclodiu a greve da fábrica metalúrgica de Putilov, em São Petersburgo. Cerca de 150 mil trabalhadores participaram dessa greve, porém suas reivindicações foram negadas. Em janeiro desse mesmo ano, aconteceu o Domingo Sangrento: cerca de 140 mil trabalhadores, liderados pelo Padre Gregório Gapon, reuniram-se em manifestação pacífica para entregar uma petição ao czar, o pai de todos, o pai da Rússia (Bytsenko, 2006, p. 21). A manifestação foi reprimida de forma violenta e houve um massacre com mais de 1000 mortos. O evento serviu de estopim para várias revoltas: Polônia, Báltico, Cáucaso e na Finlândia (Padrós, 2019).

Deflagrou-se a Revolução de 1905, que entre as consequências trouxe a Reforma Agrária. Os camponeses passaram a ter direito de adquirir terras, propriedade particular, no entanto somente os mais abastados tiveram condições de fazê-lo. Os mais pobres acabaram por migrar para as cidades, juntando-se ao proletariado. Alguns viram a oportunidade de emigrar em busca de melhores condições de vida. Com as reformas, eles passaram a ter direito a receber passaporte (Bytsenko, 2006).

Dessa forma, procurou-se descrever o cenário em que se encontrava o Império Russo, quando os imigrantes decidiram se deslocar mais de 12 mil km e aportar em terras brasileiras. Gritti (1997) fez um estudo valioso sobre os judeus russos que imigraram para as colônias gaúchas. Além das questões políticas envolvendo perseguição a determinadas etnias, houve o processo de russificação e a falta de acesso às terras pelos milhões de camponeses.

Bytsenko (2006, p. 16), referenciando a “A Era do Capital” de Hobsbawm (1996), ressalta que é preciso um forte impulso para que as pessoas deixem a sua terra natal e uma forte atração na escolha do país destino. A liberdade de credo foi uma das vantagens para os imigrantes virem para o Brasil, ressaltada na propaganda feita por recrutadores em território russo (Bytsenko, p. 79). Para aqueles que se viam obrigados a assumir a religião oficial do Império Russo, essa vantagem era mais um ponto a ponderar ao decidir cruzar o mundo e recomeçar suas vidas.

Além desse impulso, Bytsenko (2006) registra a saída em massa de pessoas que se dirigiram para o Novo Mundo por razões econômicas. Ela identificou

que a maioria eram pessoas pobres, as quais se deslocavam a partir do desejo (necessidade) de ter uma vida melhor. Nos registros das entradas de imigrantes no Brasil, poucos foram aqueles que vieram da Rússia no período de migração espontânea. Entre os que vieram com respaldo financeiro, muitos migraram para a Argentina ou voltaram para a Rússia, quando aqui não encontraram todas as condições prometidas nas propagandas divulgadas na Europa.

Do livro *“Emigração e repatriação na Rússia”* de Ionzev (2001), Bytsenko extraiu uma tabela que demonstra a saída de mais de três milhões de pessoas do Império Russo entre 1828 e 1915. “A maior parte delas eram camponeses empobrecidos ou sem-terra, artesãos e trabalhadores sem qualificação” e dirigiram-se para o Novo Mundo. (Ionzev apud Bytsenko, 2006, p. 16-18).

Outro ponto importante trazido por Mironov (apud Bytsenko (2006)) é a comparação da área disponível plantada no Império Russo com outras regiões cultiváveis da Europa. Ele demonstrou que as áreas russas eram maiores, porém, por outro lado, “o rendimento das terras era miserável”. As condições climáticas difíceis e os métodos muito antigos no manejo da terra resultaram em colheitas sistematicamente fracas e em acúmulo de dívidas, provocando fome, epidemia e deslocamentos para outras regiões. O historiador conclui que não era a “falta de terras”, mas o seu grau de fertilidade que levava aos camponeses à pobreza.

Zabolotsky (2007) levantou que a possibilidade de ter duas colheitas por ano foi um dos atrativos para os colonos vindos da Sibéria. Identificou-se que a grande maioria dos imigrantes russos chegados ao Rio Grande do Sul, no período de 1890 a 1914, eram camponeses, agricultores em busca de lotes de terras para viverem com suas famílias.

REGISTROS DA PRESENÇA RUSSA NO RIO GRANDE DO SUL (1877-1914)

A partir de pesquisa nos Fundos de Terras e Colonização e da Secretaria de Obras Públicas (SOP), hoje recolhidos no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS), localizam-se rastros da presença de imigrantes russos em dados estatísticos associados a diferentes períodos e localidades. No quadro de imigrantes entrados no Estado de 1882 a 1914, a categoria de nacionalidade “russos” está em segundo lugar, com 26.403, logo após os italianos com 66.896, seguidas por alemães 20.461 e a “polacos” com 15.635 (SOP, 1914). Esse total representa 17% dos imigrantes que chegaram ao Estado no período.

Com base nesses registros, pode-se compreender o impacto da entrada dos imigrantes russos que: 1) ocuparam navios, hospedarias, barracões e passaram trabalho à espera de serem encaminhados aos lotes coloniais; 2) demandaram intérpretes que falassem sua língua, traduzissem rótulos e receitas de

medicamentos; 3) trabalharam nas estradas, na derrubada de mato, no transporte como carroceiros e no comércio; 4) dedicaram-se às várias culturas agrícolas, incluindo o trigo e a vinha, também produzindo a vodca de cana de açúcar; 4) enfrentaram doenças e a falta de médicos, além de dificuldades na lavoura; 5) construíram escolas e igrejas, além de um cemitério da religião ortodoxa. Cabe ressaltar que muitas dessas atividades eram comuns aos imigrantes de quaisquer das etnias que chegavam ao Estado.

No livro *Povoadores da Colônia Guarani - 1891-1922* (AHRS, 2004), feito a partir do cadastro de entrada de imigrantes, encontram-se listados 21.144 indivíduos, associados a múltiplas etnias e nacionalidades. A complexidade de identificar a que categoria os imigrantes dos Impérios Russo, Austro-Húngaro e Prussiano pertenciam está presente numa variedade de classificações: austríaco, austro-húngaro, austro-italiano, alemão-russo, polaco, polaco-austríaco, polaco-russo, prussiano, russo; russo-alemão, russo-alemão-polaco, russo-L, russo-polaca; alemão, hamburguesa, saxônica, Oldenbruguês, Hessen, Sachen, etc. No caso dos alemães, a categoria nacionalidade era atribuída, muitas vezes, à cidade ou região proveniente.

Lopreato (1970, apud Poutignat & Streiff-Fenart (1998) observou que “os imigrantes não deixavam a Itália como italianos, mas como genoveses, venezianos, napolitanos, sicilianos, calabreses, etc., e continuavam a identificar-se assim durante longo tempo, senão pelo resto de suas vidas”. Fischmann (1977), por sua vez, ressalta que “os imigrantes que se identificaram primeiramente com sua aldeia ou sua comunidade local descobriram após sua chegada na América, que eram poloneses ou eslovacos”. Essa é também a impressão ao analisar as listas de entrada de imigrantes nos vapores que os traziam até o Rio de Janeiro, ou mesmo nos cadastros de lotes nas colônias, como o cadastro de entrada de imigrantes da Colônia Guarani.

Nos relatórios dos órgãos do governo do Estado, aos indivíduos chegados da Europa, durante o século XIX e início do século XX, foi atribuída uma categoria identificada pela palavra nacionalidade. Porém, ao serem analisados os documentos, observa-se a grande complexidade envolvendo essa atribuição. A identificação de nacionalidade se confunde ora com o nome de uma colônia/cidade de procedência, como Josefthal e Marienthal (colônias de etnia alemã no Império Russo); ora numa região como Bessarábia, Saratov; ora numa etnia (polonês, polonês-russo, alemão-russo, russo-alemão); ora na identificação registrada nos seus passaportes.

Observa-se que à medida que mais imigrantes chegaram dos impérios multiétnicos, uma diferenciação maior foi sendo atribuída pelos funcionários que registravam a entrada no país. “Russos” no passaporte passaram a ser “polacos”, “teuto-russos”, “alemães-russos”, “russos-alemães”, “polacos-russos”, até uma identificação complexa como “polacos-russos-alemães”.

Segundo Gertz (2010, p. 58-59), os alemães das colônias do Rio Volga se mantiveram no Império Russo até por volta de 1870, quando começou a russificação, com a perda de vários dos benefícios antes oferecidos. Ele, também, identificou colonos alemães em outras regiões como a Sibéria, a Volínia (hoje Ucrânia) e na região da Polônia sob domínio russo. Entende-se que são estes últimos os identificados como “polacos-russos-alemães”. Nos documentos de entrada dos imigrantes pelos vapores que chegavam aos portos brasileiros, guardados no Arquivo Nacional, pode-se observar que todos os possuidores de passaporte russo foram assim designados. Entre eles encontravam-se também: ucranianos, bielorrussos, poloneses e alemães denominados “russos”, refletindo o momento histórico em que estavam inseridos.

Durante sua pesquisa, Alves (2022) deparou-se com “processos de etiquetagem e de rotulação” por funcionários da Diretoria de Terras e Colonização. O caso mais inusitado foi a categorização exógena de “russos barbados e russos pelados” feita por Clarimundo de Almeida Santos, chefe da comissão da Colônia Guarani. No entanto, houve outras, como os imigrantes classificados em “preferíveis e não preferíveis” para a colonização: “Continuam sendo preferíveis os alemães, austríacos, polacos e russos, que em sua maioria adaptam-se ao nosso solo, e aos nossos costumes e são trabalhadores; os outros, ou seja, pela dificuldade de aclimação, ou por não serem agricultores, dão péssimo resultado” (SOP, 1912, p. 135).

RUSSOS EM SILVEIRA MARTINS (1877)

Nas estatísticas do Estado, as únicas informações anteriores a 1890 registram 16 russos chegando em 1886 e três em 1888. Porém, Stawinski (1976, p.27-28) encontrou, num relatório da Assembleia Legislativa de 1878, a referência a cerca de “400 russos que estavam estabelecidos em um núcleo colonial de Santa Maria do Monte, abandonaram-no e vieram para a capital...”. Stawinski identificou esse grupo como poloneses e seriam oriundos da região central do território da Polônia, o qual estava sob domínio russo. Ele, também, verificou que nem todos abandonaram a colônia, alguns deles migraram para a região de Cruz Alta e cercanias.

Por outro lado, Simonetti (2008), a partir de outros autores, levanta a hipótese desses 400 russos serem de etnia alemã, cuja primeira leva teria aportado em Porto Alegre em 1877. Os imigrantes teriam vindo de Saratov, uma região do Império Russo. Após uma grande estiagem, começaram a ser dizimados por doenças tropicais. Os sobreviventes deixaram a colônia, alguns indo para o Paraná, outros para Ijuí e Argentina.

Quanto à questão religiosa, Simonetti (2008) acreditava que, ao identificar o credo, poder-se-ia elucidar quem eram afinal esses russos que chegaram antes

dos italianos na colônia: “como alemães poderiam ser protestantes, como russos seriam ortodoxos e também há a hipótese dos poloneses, que em sua maioria, são católicos” (Simonetti, 2008, p.16). A partir da data da primeira leva de russos informada por Simonetti, Alves (2022) fez uma pesquisa nos navios que chegaram dos portos de Bremen e de Hamburgo em 1877. Nas listas de passageiros, encontrou 241 indivíduos de nacionalidade russa destinados ao Rio Grande do Sul. Todos oriundos de colônias alemães do Volga, da província de Saratov no Império Russo: Balzer, Pfeifer, Kamenka, Marienberg, Marienfelder, Köhler e Wonneberg. Nessas colônias não havia somente alemães protestantes, também havia católicos. Entre os 241 passageiros, 191 declararam-se católicos, 47 evangélicos e três foram registrados como “diversos” no campo de informação da religião. Os resultados dessa amostra dos navios de 1877 traz um novo questionamento à posição de Stavinski de que os 400 russos seriam todos poloneses. Pelo menos parte deles seriam russos-alemães e não teriam vindo da parte central da Polônia. Quanto à hipótese de Simonetti de que se fossem alemães, deveriam ser protestantes, também não se mostra totalmente válida em face dos alemães católicos das colônias do Volga que aqui chegaram. Com a investigação de Alves (2022), a questão não foi totalmente resolvida, mas foram abertas outras possibilidades.

ESPALHADOS NAS LEVAS DE 1890 A 1896

As estatísticas da Diretoria de Terras e Colonização apresentaram 7.822 russos dando entrada no Estado em 1890 e 660 no ano de 1896. Os relatórios com informações sobre o auge da “febre brasileira”, o pico da corrente migratória no Brasil, não foram localizados no AHRs. No entanto, o jornal “A Federação”, em sua edição 158 de janeiro de 1891, reproduziu na primeira página a matéria “Emigrantes Russos”. O artigo criticava o grande volume de imigrantes russos recebidos no país:

Ainda não é tempo de escrever a história da imigração para o Brasil, desse êxodo extraordinário de súditos do czar saídos para o nosso país saídos do governo de Grodno, Kalisz, Radom, Varsóvia, etc. Parece certo que o iniciador desse movimento só tinha em vista chamar para nossa terra os russos alemães, e que, conforme sua expressão pitoresca, os polacos católicos e os judeus russos, entraram na dança sem ser convidados. O fato é que desde junho do ano passado, a emigração desses elementos foi tomando vulto. Dois, três, quatro, cinco mil súditos de s.m. Alexandre III, Alexandrovitch, imperador e autocrata de todas as Rússias, podiam ser um fator muito aproveitável para nossa lavoura. Vinte e cinco ou trinta mil, acolhidos sem discriminação, recebidos sem exame deviam por força dar-nos o trabalho que nos estão dando (a grafia foi atualizada).

Antônio Prado, ex-conselheiro do Império, havia questionado se os candidatos a emigrar dessa procedência eram trabalhadores que convinham e estavam aptos à lavoura e rapidamente tomou medidas para refrear a imigração. Sua ação, porém, não surtiu efeito, pois pelos contratos vigentes não se poderia barrar os “russos e polacos”, além do que, assinala o articulista, “os polacos e judeus russos estavam dispostos a enfrentar até as balas dos guardas das fronteiras” para fugir da repressão do czar. Então, usando de um artifício de exigir documentação do governo que comprovasse serem agricultores e de que não possuíam condenação criminal, os agentes consulares passaram a recusar os vistos para esses imigrantes.

Analisando os cadastros de Alfredo Chaves e Jaguari, duas das colônias abertas a receber imigrantes no período, localiza-se, além dos italianos e alemães, grande número de alemães-russos e poloneses-russos. E, mesmo entre os identificados como russos, indivíduos com sobrenomes de provável origem alemã ou polonesa. Leva-se a concluir que o movimento dessas levas foi de russos periféricos, não étnicos, segundo a classificação de Ruseishvili (2016).

Alves (2022), ao estudar uma amostra de cinco dos 22 vapores procedentes de Bremen e com desembarque no Rio de Janeiro em 1890, detectou que a grande maioria dos passageiros eram registrados como russos, agricultores, católicos ou protestantes. Os sobrenomes dos passageiros eram majoritariamente poloneses ou alemães. Tal fato se verifica na entrada destes no cadastro da colônia, onde foram registrados como alemão, polonês ou alemão-russo e polonês-russo.

O governo não estava preparado para receber uma quantidade tão expressiva de pessoas de uma só vez. Segundo Rébrin² (Bytsenko, 2006, p. 115-118), em Porto Alegre, os imigrantes estavam amontoados nas hospedarias, as quais possuíam capacidade para receber 2.500 pessoas, porém chegaram a receber o dobro. “No ano de 1890-1891 os migrantes morriam devido ao excessivo amontoados de pessoas e, por conta da alimentação precária, morriam 25 pessoas diariamente”. Eles ficavam esperando dias, pois não havia lotes demarcados para todos. Rébrin descreveu a intervenção do cônsul russo Pierre Bogdanoff, ao saber das dificuldades dos imigrantes e seus pedidos de repatriamento:

Quando eu cheguei a Porto Alegre, 678 pessoas que haviam deixado as colônias Alfredo Chaves estavam no abrigo; depois esse número subiu para 900; conseqüentemente houve aumento da sujeira, da mortalidade e das larvas nas bolachas. Nem as exortações das autoridades espirituais, nem as forças militares podiam obrigá-los a voltar para as colônias (Rébrin traduzido por Bytsenko, 2006, p. 117).

2 Rébrin era um agente de propaganda anti-migração para o Brasil. Segundo Bytsenko (2006, p. 14-23), o governo russo também estava em campanha para colonização da Sibéria. A autora achou o livreto de Rébrin em pesquisas na biblioteca de São Petersburgo na Rússia e sua tradução fez parte de sua pesquisa.

De acordo com Rébrin (Apud Bytsenko, 2006), a propaganda de agentes que ganhavam por cabeça, “não importa a etnia” e a viagem subsidiada levaram indivíduos que “passavam fome na Rússia a passar fome no Brasil”. Depois, tentavam o repatriamento ou fugiam para a Argentina. Apesar de alguns exageros, muito do que disse Rébrin foi referendado por pesquisadores da imigração polonesa no Brasil. Stawinski, traduzindo material do padre Wonsowski (1976), conta história semelhante sobre os imigrantes hospedados em Porto Alegre.

O cadastro de imigrantes da colônia Alfredo Chaves, referente ao período de 1888 a 1892, contém inúmeros indivíduos identificados como “russos”. Conhecida como uma colônia de maioria italiana, ela recebeu também alemães, prussianos, poloneses e russos. O início de sua formação, em 1884, foi a partir de migrações espontâneas, mas, a partir de 1890, momento do retorno dos subsídios, passou a receber um maior volume de imigrantes russos. Alguns dirigiram-se para Colônia São Marcos; outros para Campo dos Bugres, Colônia Caxias e Nova Trento, outros ainda para Alfredo Chaves e Antônio Prado (Wonsowski, 1976, p.10-11).

Além disso, nesse cadastro, encontra-se a movimentação de colonos russos vindos de Caxias, em 1890. Na mesma data, nota-se outros russos da mesma colônia com sobrenome alemão, tais como: Kaiser, Neumann, Schröder, Klein. Acredita-se que seriam alemães-russos ou teuto-russos. Muitos poloneses e alemães, súditos russos, moveram-se, mais tarde, da serra para a colônia Guarani, fundada em 1891.

Nas estatísticas da colônia Jaguari de 1895 aparecem 366 colonos sobre a nacionalidade “Russos-polacos”: 128 em Jaguari (município São Vicente), 218 em Ernesto Alves (município São Thiago do Boqueirão), 20 em São Xavier (São Martinho) (SOP, 1895, anexo 3). Todos eram núcleos que compunham a colônia naquele período.

O cadastro de registro de imigrantes na colônia foi a fonte do livro “Gênese da Colônia Jaguari”. Marchiori (2000) compilou os dois códices referentes aos primeiros anos da colônia (1888-1906) e percorreu paróquias e cemitérios da região, disponibilizando uma série de notas com informações complementares sobre os imigrantes e suas famílias, em alguns casos há indicação sobre o abandono do local. No livro há 203 imigrantes russos, sendo 51 chegados antes de 1896 e 157, em 1896.

Nos cadastros de imigrantes, chegados através do porto em Porto Alegre, existem vários registros de russos direcionando-se à Colônia Guaporé, Ijuí e Guarani, com datas desde 1900. É o caso, por exemplo, de Jacob Lubnez, 41 anos, russo, acompanhado da esposa e três filhos, chegou em agosto de 1900 e no mesmo mês foi direcionado a Guaporé. Consta que recebeu auxílio para

abrir caminhos vicinais e ferramentas. Thomé (1996) escreveu sobre a “Colônia do Guaporé”; ele comenta que já havia 7.000 habitantes no local em 1896, a maioria italianos, mas também diversas outras nacionalidades como: poloneses, alemães, russos e austríacos (Thomé, 1966, p.41).

Há outros rastros para outras colônias. Por exemplo, no mapa estatístico de 1907 (SOP, 1907), havia quatro russos deslocando-se para Barão do Triunfo.

CONCENTRADOS NAS COLÔNIAS DO NOROESTE DE 1908 A 1914

Nos registros do AHRS, Alves (2022) localizou a concessão de lotes para imigrantes russos para a região de Campina (parte da atual Campina das Missões), começando no período de 1910 e intensificando-se até 1914, sendo que a primeira leva foi em fevereiro de 1910, na Linha Buriti. De forma contínua, entre 1908 e 1914, chegaram 17.428 imigrantes identificados como russos. Eles foram alocados majoritariamente nas duas colônias que estavam abertas à entrada de colonos em 1908: Ijuí e Guarani. Ijuí estava com os lotes quase completamente preenchidos e encerrou as atividades como colônia em 1911. Nesse período recebeu 857 imigrantes russos, porém se constata que já havia presença russa em data anterior, visto que uma escola particular, em língua russa, foi reportada nos relatórios anuais da Secretaria de Obras Públicas entre 1906 e 1911. A partir de 1910, com o início da concessão de lotes em Erechim, essa colônia também passou a receber imigrantes russos.

Entrada de Imigrantes russos por colônia RS - 1908 a 1914

Ano	Ijuhy	Guarany	Erechim	R.Grande	PoA	Diversos	Russos	Imig.Geral	%russos	acatholico	agricultor
1908	467	1748	0	4	75	0	2294	4117	55,72%	1225	2219
1909	236	3085	0	21	249	0	3591	6040	59,45%	2625	3482
1910	127	793	179	19	89	0	1207	3583	33,69%	964	1103
1911	27	513	639	12	54	0	1245	7790	15,98%	1039	1179
1912	0	1458	479	6	206	38	2187	7700	28,40%	2125	1940
1913	0	1928	2271	7	690	474	5370	9890	54,30%	4424	4193
1914	0	405	906	0	131	92	1534	2812	54,55%	1190	1394
Totais	857	9930	4474	69	1494	604	17428	41932	41,56%	13592	15510

Fonte: Mapas Estatísticos da Secretaria de Obras Públicas - compilação do autor

Ao analisar os dados compilados na tabela 01, verifica-se que os russos representaram 41,52%, dos 41.932 imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul entre 1908 e 1914. Quanto à religião, cerca de 78% não eram católicos; já quanto à profissão, cerca de 89% declararam-se agricultores. Ao final do período, 88% de todos os imigrantes russos recém-chegados haviam se concentrado nas colônias do Noroeste do Estado. Guarani abrigava 9.930 (~57%); seguida de Erechim, 4.474 (~26%); e Porto Alegre, na terceira posição em alocação com 1.494 (~8,6%). Nota-se que 1913 foi o ano em que mais chegaram imigrantes

dessa nacionalidade e 493 deles foram para destinos classificados como “diversos”. Apareceram russos localizados em lugares como Barão do Triunfo, Mariana Pimentel e Alfredo Chaves, entre os registros do arquivo. Observa-se que parte dos imigrantes que recebeu lotes na Região Campina (um dos seis núcleos da colônia Guarani) não aparece na lista de Povoadores da Colônia Guarani (AHRS, 2004). É o caso, por exemplo, de André Lachnoff, Sergey Parchim, Macário Helenko para citar alguns dos primeiros russos que tiveram a concessão de lotes na Linha Buriti, em fevereiro de 1910. A Colônia Guarani estava situada entre dois municípios: São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo. A Região Campina pertencia ao município de Santo Ângelo.

Polanczyk (2007, p. 89), em “O imigrante Polonês e a Colônia Guarani”, faz um demonstrativo das nacionalidades por ano de chegada, compilando as mais presentes na lista de Povoadores da Colônia Guarani (AHRS, 2004): 6.078 russo-alemães; 2.785 poloneses; 2.329 russos; 2.281 brasileiros; 1.881 alemães; 1.120 austríacos; 1.114 suecos; 1.030 russo-poloneses; 531 italianos; 459 russo-alemão-polonês; 285 holandeses; 247 finlandeses (Polanczyk, 2007, p.89). A associação com “russos” estava presente em 9.896 indivíduos. Nota-se o registro de finlandeses, os quais também estavam sob domínio do Império Russo antes da Primeira Guerra Mundial.

Em 1908, chegaram russos com diferentes profissões: vidraceiro, marceneiro, padeiro, funileiro, tecedor, ferreiro. Alguns deles com o detalhamento da religião, quando não católica: hebraica, ortodoxo, ortodoxo-grego, grego-oriental. Observou-se, também, a movimentação entre as colônias: Michal Szatanski, funileiro russo, casado, 39 anos, chegou à colônia com sua família em 02 de junho de 1908, proveniente da colônia Ijuí (AHRS, 2004, p. 39). Seus cinco filhos foram registrados como “brasileiros”, tendo idades entre 12 e um ano. Isso leva a crer que sua chegada ao Brasil/Estado se deu em 1896 ou antes.

Ainda referente à movimentação entre colônias, em 1912, Augusto Pestana, responsável pela Colônia Ijuí, relatava: “Nesse período de janeiro de 1895 a junho de 1912, foram por essa directoria remetidos para Ijuí 1.265 famílias de imigrantes, com 6.825 pessoas e desse número pode-se asseverar que apenas cerca de vinte e cinco por cento (25%) fixou-se na colônia, tendo os mais se retirado” (SOP, 1912, p.143). Apesar do alto percentual de abandono da colônia pelos imigrantes, a presença de russos aparece no resultado do censo de 1914: 25.325 habitantes, sendo 20.574 brasileiros, 1.650 russos, 936 alemães, 781 italianos, 649 poloneses, 425 austríacos, 310 diversos (Costa, 1922, V II, p. 262). Em Erechim, referente ao ano de 1915, aparecem somados 5.721 polacos e russos (Costa, VII, p. 249).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo objetivou agregar informações sobre a imigração russa no Rio Grande do Sul, no período até 1914, dentro da considerada primeira onda de migração para o Brasil. Para tal, fez-se uso, principalmente, das pesquisas em fontes do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, utilizadas no Trabalho de Conclusão de Curso de História de Alves (2022), além de cotejamento com trabalhos dentro da mesma área de estudo.

Deparou-se com a complexidade de analisar imigrantes que provinham de um ambiente multinacional e multiétnico, o Império Russo. A partir de autores especialistas em história da Rússia, procurou-se entender as motivações políticas, econômicas e sociais que levaram os russos a vir para o Brasil nesse período: judeus reprimidos e perseguidos por uma política czarista discriminatória; camponeses buscando terras e melhores condições de vida, como aqueles vindos da Sibéria; ou camponeses poloneses e alemães que estavam no território sob domínio do Império Russo, os quais, além das terras, não queriam se submeter ao processo de russificação, entre outros. Os imigrantes que chegaram entre 1890 e 1914 eram massivamente agricultores, não católicos e traziam junto seus familiares.

Procurou-se, na sequência, compreender quem foi identificado como “russo”, quem foi contabilizado nesta categoria: russos étnicos ou russos periféricos. Enfrentou-se problemas similares aos de outros historiadores, os quais tiveram que lidar com os números referentes às imigrações. Mergulhando em detalhes de cadastros de colônias, lista de passageiros de navios, listas de envio de cartas para familiares na Europa, Alves (2022) pode visualizar parcialmente como se compuseram as levas de imigrantes.

Os imigrantes chegados entre 1890 e 1896 supõem-se que eram russos periféricos, principalmente das etnias alemã e polonesa. Muitos deles localizaram-se, inicialmente, nas colônias da serra (Alfredo Chaves, Caxias, Nova Trento, São Marcos, Bento Gonçalves), alguns foram para Silveira Martins, Jaguari, uns poucos para Rio Grande e Porto Alegre.

Nas levas de 1908 a 1914, chegaram cerca de 17.428 imigrantes russos e concentraram-se no Noroeste do estado, principalmente nas colônias Guarani, Erechim e Ijuí. Neste período, vieram tanto russos periféricos como étnicos. Não se encontrou documentos gerados pelos próprios imigrantes, de forma que não há uma autodeclaração ou autorreferência nos arquivos. Ao concluir que havia russos étnicos, se faz utilizando indicações de procedência nos registros, assim como através dos depoimentos de imigrantes e descendentes oriundos das fontes secundárias. Esse enquadramento ajuda a compreender por que as estatísticas apontam um número alto de indivíduos classificados como “russos” e hoje a representatividade étnica se apresenta restrita e concentrada na região da atual

cidade de Campina das Missões. Foram para os lotes da Região Campina que muitos dos russos étnicos que chegaram, na época, se dirigiram.

Outro ponto a ser melhor ressaltado é referente à saída dos imigrantes russos do Estado. Não foram encontradas estatísticas ou relatórios sobre aqueles que retornaram para o Império Russo, ou que foram para outros estados do Brasil ou mesmo outros países. Há algumas menções de evasão para a Argentina nos relatórios e de retorno à origem em alguns depoimentos.

Dependendo do que se busca analisar, os números das estatísticas podem levar a conclusões equivocadas ou pelo menos dúbias. Tais números se aproximam mais da informação de “total de súditos do Império Russo” que imigraram para o estado, em que russos étnicos e periféricos estão misturados.

Dessa forma, entende-se que esse capítulo é apenas uma parte acerca da história da imigração russa para o Rio Grande do Sul até 1914. Nesse sentido, há espaço para ampliar o estudo, adicionando a exploração de outras fontes, como os registros da Igreja Ortodoxa Russa, de jornais locais, de entrevistas com descendentes espalhados pelo Estado, assim como verificar a presença em colônias não exploradas aqui, incluindo Porto Alegre.

FONTES

A FEDERAÇÃO. Edição 158, Ano 1891, 10 de janeiro. (Hemeroteca da Biblioteca Nacional).

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Alfredo Chaves e seus Imigrantes:1888-1892. Porto Alegre: EST Edições, 1995.

_____. Povoadores da Colônia Guarani (1891-1922). Porto Alegre: EST Edições, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS. Relatório da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas apresentado ao Exmo. Sr <Nome> Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Secretário D’Estado <Nome>. 1890-1917 (AHRs, SOP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rosangela Correa. **Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914): registros dispersos e múltiplas etnias**. Porto Alegre, 2022. Trabalho de Conclusão do Bacharelado em História. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

BYTSENKO, Anastassia. **Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX : visões do paraíso e do inferno**. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Russa. Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

CÂNDIDO, Luciana de Fátima. Expedição Langsdorff: a [re] construção do conhecimento através dos relatos de viagens. Biblioteca Brasileira Guita e José

Mindlin. Acesso ao site em 08/06/2018 às 14:20 hs: <https://www.bbm.usp.br/node/80>.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Volume I e II. Porto Alegre: Editora Globo, 1922.

CUNHA, Jorge Luiz da. Imigração e colonização alemã. In: **República Velha 1889-1930**. Tomo 1. Passo Fundo: Méritos Editora, 2007, p. 279-300.

GERTZ, René E. Existem teuto-russos no Brasil. In: Martin N. Dreher (org.). **Migrações: mobilidade social e espacial**. São Leopoldo: OIKOS, 2010.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1997.

MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Gênese da Colônia Jaguari**. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2000.

MONTEFIORE, Simon Sebag. **Os Romanov (1613-1918)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PADRÓS, Enrique Serra. **História Contemporânea Século XX: Imperialismo, Movimentos de Libertação Nacional e Primeira Guerra Mundial**. In: UFRGS: IFCH - Departamento de História, 2019/2.

POLANCZYK, Antonio José. **O imigrante polonês e a Colônia Guarani**. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

POUTIGNAT, P., STREIFF FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

RUSEISHVILI, Svetlana **Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re) formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917**. São Paulo, 2016. 383 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

SEGRILLO, Angelo. **Os russos**. São Paulo: Contexto, 2015.

SIMONETTI, Fernanda. **Imigração Russo-Alemã em Silveira Martins/RS Século XIX**. Especialização em História do Brasil. UFSM, Santa Maria, 2008.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; 1976.

THOMÉ, Lauro Nelson Fornari. **A Colônia do Guaporé: passado e presente (1892-1967)**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí In MAUCH, Cláudia (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: ED. ULBRA, 2004.

WONSOWSKI, João Ladislau. **Nos Peraus do Rio das Antas**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; 1976.

ZABOLOTSKY, Jacinto Anatólio. **Imigrantes russos no Rio Grande do Sul: o caminho da esperança**. Santa Rosa, Coli Gráfica e Editora Ltda, 2007.

“AQUI É TUDO MEIO MISTURADO”. RUSSOS NA COLÔNIA ERECHIM – NORTE DO RS. PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

João Carlos Tedesco¹

Isabel Rosa Gritti²

INTRODUÇÃO

A imigração de russos no Brasil foi pouco abordada pela literatura sobre imigração no país se comparada com outros grupos como alemães, italianos e poloneses. Ela se fez presente com mais intensidade entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, período este de presença de várias nacionalidades e de políticas de incentivo à imigração no Brasil por parte da esfera pública. As causas da emigração russa, o cenário dos espaços de saída, os dados quantitativos disponíveis, dentre outros aspectos mais abrangentes, estão presentes em outros textos da presente obra coletiva. Por isso não vamos abordá-los aqui.

Na dimensão interna, nos espaços de recepção e de destino, a imigração de russos está inserida num contexto de demanda de força de trabalho no país, principalmente nas regiões Sudeste e Sul. Necessitava-se mão de obra para as lavouras, para a produção de alimentos, num contexto de fim da escravidão, de reocupação e repovoamento de partes rurais do país mediados por colonizadoras privadas e públicas. Nessa dinâmica de alteração de processos sociais, econômicos e demográficos, o repovoamento era visto pela esfera pública e expoentes de capitais agrários como fundamental para mercantilizar a terra, ofertar mão de obra disponível nas atividades agrícolas e infraestruturais (estradas, pontes, ambientes em construção) e produzir alimentos.

Neste sentido, a representação social produzida em torno da figura do imigrante, do europeu, no período em questão (início do século XX), mas, principalmente, a partir da metade do século XIX, era de alguém “bem vindo” e de “braço para as lavouras” em São Paulo; no sul, era o de produtor de alimentos, de desbravador, de indutor do progresso expresso pela modernidade produtiva

1 Professor colaborador do PPGH/UPF e do PPGH/UFFS. E-mail: jctedesco@upf.br.

2 Professora do PPGH/UFFS. E-mail: isabel.gritti@gmail.com.

e cultural. Era expressão de um *salto* cultural e econômico, em última instância, civilizacional. Nas colônias do sul do país, esse processo simbólico e prático foi desenvolvido intensamente com o aval da esfera pública, religiosa, política e, em boa parte com produções consideradas acadêmicas. Isso servia também para autoreferenciar os grupos, bem como para compensar e/ou esconder a realidade vivida de dificuldade como (e)imigrante nos primeiros tempos após a chegada.

Do lado do imigrante, o “fazer a América”, o “eldorado tropical”, a “febre brasileira”, dentre outras simbologias e representações da propaganda para emigrar para o Brasil, eram alimentadas pelas imagens de prosperidade, progressismo, ideologia apropriacionista da terra, etc. Uma das propagandas expressava “o tamanho descomunal das batatas, a fartura de carne, cereais e das vinhas. [...]. As casas seriam de madeira, porém, com rodas para que, anualmente, pudessem ser deslocadas” (Depoimento de Maria F., apud Ruseishvili, 2016, p. 108). Nesse sentido, percebe-se que havia uma dose de irrealismo e fantasia misturada com ufanismo, liberdade de mobilidade espacial, dentre outros processos. Estes mecanismos de atração migratória atingiu também o amplo território russo do período e auxiliou na decisão de emigrar para o Brasil. É interessante que tenhamos isso presente, pois em entrevistas diretas com interlocutores/as de segunda geração (filhos/as de imigrantes) foram muitas as narrativas expressando que a realidade prometida era uma e a encontrada no espaço colonial “era bem outra”.

Ao nos referirmos em imigrantes *russo*s, em particular, sabemos das ligações políticas, geográficas, étnicas, identitárias existentes, as quais são difíceis de definir os pertencimentos territoriais e políticos. Neste sentido, uma das nossas interlocutoras, entrevistada em sua casa no meio rural do município de Barão do Coteipe, enfatizou que “aqui é tudo meio misturado, tinha polaco que dizia que era russo, russo que não era russo, era polaco; tinha da Ucrânia aqui também, alemão que veio junto, [...], tinha de países que depois se desmembraram da Rússia, [...], mas eram quase todos vizinhos, se entendiam, né”.

Muitos dos imigrantes considerados *russo*s que aportaram no Brasil eram provenientes de outros países que não a Rússia, principalmente da Polônia, Alemanha, Áustria, China, Ucrânia, dentre outros territórios vizinhos; dados informam que da região da Sibéria saíram grandes levadas que emigraram para a América Latina (Segrillo, 2015; Zabolotsky, 2007). Houve, portanto, intensa fuga da Rússia revolucionária para preservar “seu antigo modo de vida” (Ruseishvili, 2016, p.15), lealdades políticas, crenças religiosas, etc.; era uma realidade que evidenciava uma saída para nunca mais retornar, ou seja, uma ida sem volta, a não ser que o contexto político retornasse a ser o que era antes. Há casos de muitos que retornaram e foram mortos, condenados por traição, assaltados e

expropriados em seus bens que haviam antes de partir (Seguillo, 2015; Gertz, 2010; Zabolotsky, 2007). Em razão disso, não são só os dados estatísticos que fragilizam a análise, mas, também, as identificações grupais, regionais e étnicas.

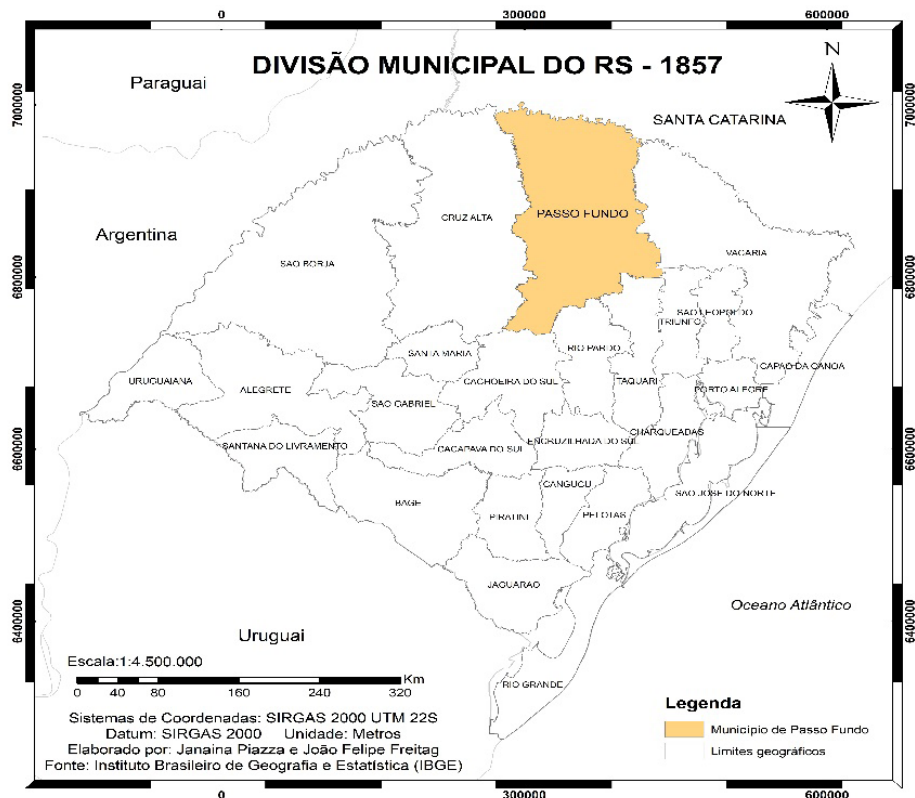
Dito isso de uma forma genérica, o presente texto³, evidencia alguns dos processos que envolveram *russos* na Colônia Erechim. É uma síntese de um estudo que finalizamos este ano (2024) e que foi publicado na forma de livro, informado na nota de rodapé. Portanto, não tivemos condições de apresentar algo novo, pois a demanda pelo presente texto coincidiu com a publicação do referido livro. Neste sentido, aqui trazemos alguns fragmentos de um recorte temático que fizemos em torno das dificuldades enfrentadas, conflitualidades e tentativas de superação de uma realidade que, segundo nossos/as interlocutores/as, “foi estranha e muito difícil nos primeiros anos que se estabeleceram na Colônia”; realidade essa não muito diferente dos demais imigrantes, em particular, poloneses, que foram inseridos no mesmo espaço. É um texto com caráter exploratório, fruto de revisão de literatura sobre o tema, pesquisas documentais em arquivos (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS - Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim/RS; Arquivo Público de Porto Alegre), em jornais (O Tempo, O Município, O Erechim), além de narrativas orais com descendentes de imigrantes que se identificaram como russos, filhos/as dos imigrantes, os quais residem em municípios que pertenciam à antiga Colônia Erechim, em particular, Barão do Cotegipe, Itatiba do Sul, Gaurama e, também, no de Erechim. Deste modo, o texto quer apenas situar a presença deste grupo de imigrantes, analisar alguns de seus aspectos do vivido e a complexidade envolvida em sua definição étnica nos primeiros anos de inserção na referida colônia.

A COLÔNIA ERECHIM – BREVES CONSIDERAÇÕES

A Colônia Erechim estava situada na parte norte do estado do Rio Grande do Sul, num território denominado de Alto Uruguai. Ela fazia parte de um amplo território pertencente ao município de Passo Fundo. Ela foi uma das últimas colônias e/ou regiões a serem fatiadas e organizadas em sua povoação com não indígenas, de uma forma deliberada e gerenciada pela esfera pública em parceria com colonizadoras privadas (Caron; Tedesco, 2012; Schmitz, 2024).

3 Boa parte do que desenvolvemos no presente texto está diluída no livro que fizemos sobre o tema. Não tivemos condições e nem tempo para elaborar algo totalmente inédito. Ver TEDESCO, J. C.; GRITTI, I. R. *Os “russos” na Colônia Erechim: reconfigurações étnico-territoriais no contexto migratório do Sul do Brasil (1910-1940)*. Passo Fundo: Acervus, 2024.

Mapa 1 – Divisão municipal do Rio Grande do Sul em 1857



Fonte: PIAZZA, J. *Transformações de usos políticos do território: atores político-territoriais e a rede ferroviária do norte rio-grandense no trecho Erechim - Marcelino Ramos*. Porto Alegre: UFRGS, 2024. Dissertação em Planejamento Urbano e Regional, p. 40.

No início do século XX, o território norte do estado estava ainda para ser repovoado mais amplamente pela lógica do estado e da dinâmica econômica que seus gestores queriam. Aldeamentos foram efetivados na referida região ainda em meados do século XIX, em particular, o de Nonoai, o qual possuía implicação direta em boa parte do território da futura Colônia Erechim. Porém, as ações mais efetivas para viabilizar o referido empreendimento colonizador aconteceriam na primeira década do século XX com a constituição de mais de uma dezena de toldos indígenas. Desse modo, políticas de aldeamentos foram efetivadas na concomitância com a constituição da Colônia Erechim. Com isso, o estado, através de sua filosofia de normatização agrária, implantou formatos de colonização em sua parte norte, em terras públicas, a qual também reconheceu e presença de *nacionais* (caboclos/negros) e indígenas, ainda que não nas condições que foram oferecidas aos colonos de descendência europeia (Schmitz, 2024).

Em 1904 foi iniciada a demarcação de terras em Erechim em razão do estudo que determinava a passagem da ferrovia em seu interior. Em outubro de 1908, Carlos Barbosa, presidente do Rio Grande do Sul, criou a Colônia Erechim, com sede em Capoeirê, delimitada pela Inspetoria de Terras (Caron; Tedesco, 2012; Ducatti Neto, 1981; Schmitz, 2024). Em 1909, o governo do Rio Grande do Sul escolheu o local da sede da Colônia Erechim, situada à margem direita do rio dos Índios, a 5.587 metros da estação férrea de Erechim, a noroeste da ferrovia, no mesmo local onde atualmente se encontra a cidade de Getúlio Vargas (Caron; Tedesco, 2012). A instalação do núcleo ocorreu em 1910, com 36 colonos (quatro famílias, totalizando 28 pessoas, mais oito solteiros). Escolhida desde 1912 para sede da Colônia Erechim, a aglomeração urbana de Paiol Grande (hoje Erechim) foi planejada por Torres Gonçalves e sediou a Comissão de Terras, local onde ocorria a venda das colônias, diretamente ou em hasta pública (Wenczenowicz, 2007; Schmitz, 2024).

Mapa 2 – Municípios da região correspondente à antiga Colônia Erechim



Fonte: Base de dados do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. Erechim/RS. Mapa que nos foi enviado gentilmente pelo pesquisador Anacleto Zanella.

A Colônia Erechim cresceu de uma forma intensa. Arriscamos afirmar que nenhuma outra com esse formato de centralidade estatal teve um crescimento tão expoente em pouco anos após sua efetivação. Ela foi constituída em 1908 e, em 1918, sua sede foi emancipada e, com isso, foi criado o município de Erechim; em 1920, possuía cerca de 43 mil habitantes (Roche, 1969).

Foto 1 - Povoado de Erechim em 1915



Fonte: Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas
(apud Piazza, 2024, p. 43).

“ERAM QUASE TODOS VIZINHOS”. MÚLTIPLAS IDENTIFICAÇÕES ÉTNICAS

Sabemos que as etnicidades não são estanques, mas processos relacionais que funcionam como controle, definição grupal e fronteira cultural (Weber; Gritti, 2022; Zanini, 2006; Seyferth, 1985). Elas carregam distinções que se (re) produzem em diferentes contextos e temporalidades e, por isso, atuam como resultado de interpretações de si e, deste modo, são socialmente construídas (Zanini, 2006; Seyferth, 1985). Neste sentido, em geral, quando se fala em etnicidade tem-se presente as manifestações e/ou tentativa de reprodução de dimensões culturais, vividas e “trazidas” do/no país de origem pelos imigrantes e que gerações posteriores buscam evidenciar (Vorobieff, 2006; Weber, 2004). Para o nosso caso, falar em “russidade” ou “comunidade russa” no cenário da migração e da colonização no sul do Brasil, é um tanto difícil. Como já mencionamos, é uma imigração marcada pela diferenciação, fragmentação e coletividades (com ênfase no plural). É evidente que pode haver traços culturais comuns, crenças, linguagens, porém, são dimensões tensionadas e em diálogo constante com os vividos sociais, temporais e locais.

Estudos sobre a imigração *russo* no Brasil que revisamos utilizam narrativas de imigrantes ou de descendentes que expressam a “origem” delimitada em países diversos, ou seja, como já mencionamos, saíram da Rússia, mas eram da Bessarábia, da Romênia, da Ucrânia, da Galícia (essa no período, era parte da Polônia, mas estava sob o comando do Império Russo), ou eram alemães que emigraram para a Ucrânia, pois essa, também, estava sob o comando Russo, dentre muitas outras identificações étnicas no interior de espaços outros e que nos locais de imigração passam a incorporar novas identificações (Weber; Gritti, 2022; Alves, 2022; Vorobieff, 2006; Gertz, 2010; Ruseishvili, 2016). Neste sentido, Gertz (2010) insiste que, para o caso dos teuto-russos existentes em colônias no sul do Brasil, jamais se deve generalizar quando se trata da imigração alemã e russa; deve-se, sim, fazer um esforço para compreender os processos de diferenciação ainda que possa haver muitas semelhanças. O autor analisa aspectos da emigração alemã na Rússia e, também para a Polônia e, dessa para a Rússia, posteriormente, alguns deles para o Brasil, ou seja, sujeitos oriundos de locais diferenciados no interior da própria Alemanha, em particular, em meados do século XIX.

Só para ter uma ideia dessa miscigenação cultural, Mironov (2010, apud Bytsenko, 2009) nos informa que, em 1914, em pleno período revolucionário, a Rússia era constituída apenas por 45% dos que eram considerados russos, 18,1% eram ucranianos, 6,5% poloneses, 4,2% judeus, 4% bielorrussos, 2,7% casacos, 1,8% tártaros, 1,4 alemães e, em torno de 14% de outros diversos grupos (dentre eles, finlandeses, estonianos e letônios). Isso revela a dificuldade de definição identitária sob um regime autoritário, imperialista e que buscava *russofizar* a todos pela língua e outras manifestações culturais (Alves, 2022; Gluchowski, 2005; Gertz, 2010). Essa colcha de retalhos, multicolorida, também *migrou*, ou seja, não emigraram só braços, mas, sim, sujeitos em sua totalidade, com suas identificações culturais e históricas e, que nos espaços de destino também foram (auto) alteradas por razões variadas.

Nessa dimensão, uma interlocutora entrevistada por nós em Barão do Cotegipe disse que sua mãe era de origem ucraniana, porém, seu pai era “russo de Moscou” e, assim, a família toda foi vista como russa; “ninguém falava que se tinha sangue ucraniano”. Uma outra entrevistada por nós em Erechim disse que foram seus sogros que emigraram para a região, eram da Letônia, “que era tudo Rússia naquele tempo”, porém, disse ela, que várias vezes seus sogros e seu marido tentavam explicar onde era a Letônia e ninguém entendia e/ou sabia, daí preferiram dizer sempre que “eles vieram da Rússia e, dessa maneira, a gente ficou conhecida como sendo russos”. Uma outra interlocutora na cidade de Barão do Cotegipe nos disse que seu pai veio com a mulher que era

uma Romanovsky, “que sempre foi sobrenome russo e não polaco; é dá família real de lá [Romanov]. Ela morreu aqui no Brasil. [...]. Eles tinham 10 filhos. Depois, meu pai casou com Marenka, que era ucraniana. Eu sou filha desse segundo casamento. Então sou um pouco russa e um pouco ucraniana, mas aqui na região, fomos vistos como russos”. Estes fragmentos de narrativas de interlocutores que encontramos e que se dispuseram a dialogar conosco revelam a dificuldade de auto e *alter* definição identitária ou de compreensão externa de seus locais de origem, bem como o dinamismo (mudanças) das identificações de origem do período da emigração.

A literatura que revisamos é enfática em afirmar que, nos espaços de destino, russos, poloneses, ucranianos, alemães, italianos, dentre outros, foram demarcando seus territórios de origem através de elementos que os identificavam, produzindo pertencas, memórias e crenças de grupos específicos, como é o caso de igrejas, espaços cemiteriais⁴, festejos gastronômicos, acervo linguísticos, grupos culturais, artesanatos, casamentos intra-étnicos, dentre outros aspectos. Nessas relações e construções, estão presentes mobilidades geográficas e dinâmicas políticas definidoras de fronteiras nacionais. Entendemos que as recomposições territoriais, as questões políticas e ideológicas alteraram não só a geografia e os limites dos países, mas também as crenças, tomadas de posições e identificações grupais (Gertz, 2010; Alves, 2022). Tudo isso repercutiu na identificação de grupos de descendentes nos espaços de destino de imigrantes *russos*.

Nesse *jogo identitário* há redefinições étnicas ou identificação grupais em razão do *jus solis* e *jus sanguinis*, ou seja, do imigrante que nasceu na Rússia, mas seus pais eram poloneses, ucranianos ou de outra nacionalidade; havia os que nasceram fora, mas viveram longo tempo na Rússia; outros que eram filhos de pai ou mãe russa; outros ainda que eram russos, mas viveram fora da Rússia e emigraram (Weber; Gritti, 2022). Vorobieff (2006) identifica, para o caso dos russos em São Paulo, os “grandes russos” (russos que “moravam na Rússia”) e os “pequenos russos” (identificação aos ucranianos e bielorrussos).

4 Em Erebang, Colônia Erechim, havia um cemitério conhecido como dos “russos” ainda que outros imigrantes, de outras etnias, estavam nele enterrados; é o caso também da Igreja Ortodoxa Russa de Campina das Missões e cemitérios “russos” em comunidades da Colônia Guarani – Noroeste do estado.

Foto 2 - Descendentes de imigrantes identificados como russos em momento de entrevista na cidade de Erechim



Da esquerda para a direita: Anastácia Abramchuk, 92 anos, Gregório Abramchuk, 82 anos, Nádia Abramchuk 87 anos e Carlos Kiach, 87 anos. Os três irmãos Abramchuk reuniram-se para nos conceder entrevista. Fonte: Pesquisa de campo.

Nas buscas por fontes, quer sejam escritas ou orais, relativas à presença dos imigrantes russos no extenso território que correspondia à Colônia Erechim, identificamos a presença de duas igrejas ortodoxas russas: a existente na linha Parobé, interior do atual município de Itatiba do Sul, e a igreja ortodoxa russa no atual Município de Barão de Cotegipe. A data exata de construção desta última é ainda desconhecida, mas podemos afirmar que foi nos anos iniciais do século XX e que correspondem ao período do início da presença russa na Colônia Erechim. Sua demolição decorrente da venda do terreno onde estava instalada deu-se na década de 1980. A venda do terreno e a consequente destruição deste riquíssimo patrimônio material e imaterial da imigração russa, decorreram, segundo D. Ana Iarmolik Donin, em entrevista, pela significativa redução de descendentes dos imigrantes lá instalados e que resultou na falta de frequentadores ao templo. Segundo a interlocutora, a grande maioria dos filhos e netos de imigrantes russos migraram para Erechim, Chapecó e até para Porto Alegre em busca de estudos e trabalhos.

Foto 3 - Igreja Ortodoxa Russa em Barão do Cotegipe – demolida na década de 1980



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font -AHMJMIF

Fragmentos de uma ampla narrativa em conjunto, com três membros irmãos da família Abramchuk, em Erechim, revelam um pouco essa mescla de processos, tentativa de se auto definir étnica e nacionalmente, bem como os recursos justificadores de sua identificação grupal e de demarcação de fronteiras, ao mesmo tempo, expressam identidades misturadas, fruto de dinâmicas migratórias, junções familiares, etc. “Nosso pai Sabalo Abramchuk era russo, mas foi identificado no Brasil com documento polonês, talvez porque ele morou um tempo na Polônia, casou lá, também com uma russa, que sua família vivia naquela época na Polônia, a Maria [nome abrigado] Sawchuk”. Uma das entrevistadas nos disse que “Eles sempre nos disseram que eram russos, liam em russo, rezavam na igreja Ortodoxa de Floresta, depois lá na Linha Parobé [hoje pertencente a Itatiba do Sul], nós cantávamos em russo”. Expressando ações de sua cultura específica, rituais, saberes que migraram junto, outra interlocutora enfatizou que “fazíamos sempre em casa, me lembro bem, nossa sopa de repolho e pastel de requeijão ou de feijão; lembro sim que havia festividade na igreja lá de Parobé e nós se divertia cantando e dançando do jeito dos russos”. Sobre o campo dos rituais religiosos, a referida interlocutora disse que “Aqui em Erechim tinha a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Pentecostal Russa do Brasil; ainda existe, mas está com problemas. [...]. Lá se fazia comida e festa. Alguns disseram que as comidas eram dos poloneses, nós dizíamos que não, que era dos russos. [...]. Podia até ser, porque os russos e os poloneses, teve um tempo que lá eram uma coisa só, um país só, tudo era Rússia”.

Uma outra interlocutora em entrevista colocou que “a gente sempre se sentiu

rusa. [...] Tinha lá [em Itatiba do Sul], depois aqui também uma associação, era um círculo de oração e, era entre os russos”. Ela enfatiza que a igreja demarcou o território dos russos na referida colônia. “Foi o local onde a gente expressava nossa cultura; eu digo que era o lugar, porque hoje já não existe mais. [...] Nós éramos tanto russas na nossa família de 16 irmãos (14 nasceram no Brasil) que, nosso pai falava sempre da Rússia”. A interlocutora comenta que houve sequência de matrimônios entre descendentes de russos no interior da Colônia Erechim. “Dos nossos irmãos, vários casaram com descendentes de russo aqui; teve a Nádia e o Carlos Kiach, a Dina com o João Blazezouch, O Stefano com a Olga Litwenchuk, o Afanari com a Olga Wlatchuk, outros e outras não lembro, porque são tantos!” Acrescenta ela que “teve quem casou com búlgaro como foi a Anastácia, outros irmãos e irmãs casaram com poloneses e brasileiros”. Ela revela que a grande maioria dos russos que conheceu ou que eram seus parentes atuaram na agricultura mesmo não sendo agricultores na Rússia.

“Parece que o pai do Carlos Kiach era sapateiro na Ucrânia, depois ficou agricultor aqui. Não sei bem. Mas aqui foram todos agricultores por longo tempo. Depois de um tempo, os imigrantes, já envelhecidos, migraram para a cidade, vários vieram para Erechim, a maioria por caso dos filhos e do atendimento à Saúde”.⁵

Enfim, esse processo todo criou reconfigurações étnicas, identificações e pertencimentos múltiplos nos espaços migratórios (Bytsenko, 2009; Alves, 2022; Weber; Gritti, 2022). Alguns foram identificados como apátridas, outros não se auto identificaram como russos, alguns foram vistos como russos étnicos, outros como russos periféricos e/ou de territórios conquistados pela Rússia durante o Império como é o caso da Bessarábia por exemplo (Ruseishvili, 2016). Segundo essa autora, boa parte dos que emigraram para o Brasil não foram os russos “étnicos”, e, sim, os “periféricos”. Havia, como diz Oliveira (1998), clivagens situacionais e faccionais, ou seja, cada grupo pensa miscigenação ou as fronteiras estabelecidas e, com essas, a racionalidade e concepção de tempo e de circunstâncias, afirma-se como sujeito coletivo e apropria-se dessa identificação segundo interesses e crenças pragmáticas e/ou priorizadas nos tempos e nos lugares em que se encontram (Zanini, 2006).

INSERÇÕES, LIMITES E SUPERAÇÕES

Difícilmente algum empreendimento de colonização se concretize sem conflitualidades. Antes mesmo de seu começo, em geral, nas experiências de colonização no Sul do Brasil, tem acontecido a expulsão de indígenas, efetivação

5 Síntese de uma entrevista com três descendentes de russos na cidade de Erechim. O conteúdo é todo ele referenciado à família do casal Sabalo e Maria Abramchuk. Informações que iam transitando entre os três membros- filhos – do referido casal que foram nossos interlocutores.

de aldeamentos e políticas deliberadas de extermínio. Além dos indígenas, outras populações que habitavam os amplos territórios a serem colonizados (terras fatiadas e comercializadas para a produção de excedentes), em particular, pequenos camponeses, extrativistas e ribeirinhos foram excluídos, expulsos ou, no limite, contemplados com terras dobradas (o conhecido no sul do Brasil como “o fim da picada”!), de uma forma marginal nos empreendimentos colonizadores. Escreve-se muito sobre os processos de colonização, porém, parte-se quase sempre da extensão de terra já efetivada para tanto, mas pouco se analisa os processos lançados para sua efetivação, ou seja, as estratégias e ações para a constituição da denominada “terra devoluta”, em geral, pela esfera pública, ou, então, por agentes privados, ou ambos em conluio e parceria.

Não podendo aqui adentrar para as questões do parágrafo anterior e, nos situando no espaço territorial da colonização já determinada, é importante, enfatizar que, nos primeiros anos de colonização, imigrantes enfrentaram grandes desafios e produziram relações conflituosas com os gestores das colônias, mas, muito também entre si. Os problemas eram muitos: promessas não cumpridas pela esfera pública ou colonizadora privada, intrusão em propriedades ou no amplo território das colonizadoras, conflitos com imigrantes, esses entre si, falta de ferramentas, recursos para construir moradias, pragas nas lavouras, falta de vias de acesso, ausência de agrimensor para delimitar os lotes, abandono do terreno e muitas eteceteras. Weiss (1949) descreve a situação difícil em que ele, ainda criança, sua mãe e seus irmãos, ao chegarem na sede da Colônia Erechim, tiveram de aguardar seu pai que havia saído sozinho para ver a localização do lote, e, eles, não tinham onde ficar, o fato de ter aguardado por vários dias no povoado mais próximo, com receio que alguém roubasse seus pertences, sem ter um teto para dormir, enfim, uma chegada na sede da Colônia que produziu receios de que a vida ali não seria nada fácil e que o estranhamento e o arrependimento começavam a ganhar espaço na consciência de sua mãe.

No caso da Colônia Erechim, encontramos memorandos do Chefe da Comissão de Terras, Severiano de Souza e Almeida, encaminhados ao Diretor da Diretoria de Terras do Estado, na pessoa de Torres Gonçalves, que, em seu conteúdo, revelavam conflitos em razão da chegada intensa de imigrantes de várias línguas, que “ninguém se entende por aqui”, que “não está definido o lote”, que o “agrimensor deveria ter chegado e não veio em tempo”⁶, “de não ter estrada até o lote”, “não tem lugar para eles ficarem” até alguém da família se deslocar até o lote; neste caso, poderia até durar uma semana em razão das distâncias, dentre outras questões, que, já na chegada, produzia desencantos e desânimos

6 AHRS. Memorando do Chefe da Comissão de Terras, Severiano de Souza Almeida, ao Diretor da Comissão de Terras, Torres Gonçalves, em 15 de maio de 2011.

em muitos imigrantes como revelado por Weiss (1949) e Zabolotsky (2007). Na chegada do lote é que os imigrantes russos e de outras nacionalidades presentes na Colônia Erechim puderam coroar sua constatação de que os enfrentamentos seriam muitos, ou, então, como diz Weiss (1949, p. 14), “tudo estava para ser feito” e, a imagem produzida pela propaganda dos agentes de viagem e responsáveis pela Colônia se esvaiu. Não havia abrigo, a mata cerrada produzia temores, o desconhecimento era total, o cansaço da longa viagem, o alto dispêndio financeiro, o clima diferenciado, dentre muitas outras questões que preencheriam aqui muitas linhas. Em geral, as estatísticas ufanistas sobre a Colônia Erechim, que foram tão alardeadas pela esfera pública do estado e pelos agentes de colonização, em termos de produção e população, escondem realidades complexas, conflituosas, de grande resiliência dos imigrantes e população em geral que nela se fez presente.

Foto 4 - Barracão e/ou hospedaria dos imigrantes na Colônia Erechim - 1910



Fonte: acervo de Carlos Frederico Fünfgelt. Erechim. Museu Municipal de Gaurama.

Vimos documentos em que o Intendente do município de Erechim teve de intervir, bem como correspondências enviadas deste para o delegado de polícia, principalmente em torno da regularização da terra, pela sua má distribuição, os limites questionados, bem como a topografia montanhosa em algumas regiões, que impossibilitava cultivos, conflitualidade entre grupos sociais⁷, entre

7 AHRS. Correspondência de Clarimundo d'Almeida Santos, chefe Comissão de Terras da Colônia Guarani, ao diretor da Diretoria de Terras e Colonização do Estado, em junho de 1909.

imigrantes com indígenas, representações negativizadas em relação a nacionais (indígenas e camponeses outros) bem como imigrantes, em particular, em relação aos poloneses e, também, em grau menor, aos *russos*.⁸

Revisamos vários relatos do Chefe da Comissão de Terras, Severiano de Almeida, informando ao Diretor da Diretoria de Terras e Colonização, ou mesmo, à Secretaria da Agricultura do Estado de que a referida colônia, em anos iniciais, era acometida por pragas, principalmente gafanhotos, formigas e mesmo animais silvestres, principalmente as roças de milho e trigo. Isso produzia preocupação no gestor da Colônia, pois, dificultaria ainda mais o pagamento do lote pelos colonos. Imigrantes não conheciam isso, não sabiam como combater as pragas e, contavam muito com a safra para amenizar as dívidas com os comerciantes e com o governo do estado, dentre outras questões. Em nossas entrevistas indagávamos sempre nossos interlocutores sobre o que eles sabiam acerca das dificuldades enfrentadas por seus pais na referida colônia. A resposta mais comum era em torno das pragas e dos animais silvestres, os quais acabavam com as plantações e, que isso dificultava a vida no lote, a alimentação da família – “diziam que passaram muita fome e a dívida sempre aumentava mais com o comerciante”. Reservas indígenas foram invadidas por colonos, dentre a mais expressiva foi a de Ventarra, de indígenas da etnia Kaingang, porém, havia outras como a de Votouro, que também houve grande retirada de madeiras de seus territórios por colonos, mas, acima de tudo, a de Nonoai; ambas reservas serviam de possibilidade para que camponeses pudessem ter um pedaço de terra ou explorar madeira para ser vendida junto às serrarias estabelecidas na Colônia Erechim.

A possibilidade de compensar a possível e/ou evidente inadimplência em relação ao lote de terra, dar-se-ia como já evidenciamos, com a prestação de serviços em estradas. Esta possibilidade era fundamental para os colonos, quanto para o estado, ainda que para os cofres públicos, o recebimento de recursos financeiros estaria mais em adequação com os objetivos da comercialização das terras e da colonização pública em geral no período. As distâncias, as comunicações entre famílias e entre as unidades de produção com os centros maiores e com os comerciantes tornavam a vida difícil para os imigrantes nos primeiros anos na colônia. A abertura de estradas foi sempre uma demanda que vimos em documentação na Colônia Erechim. Colonos abandonavam seus lotes, ou o comercializavam e não repassavam os recursos para o Estado.

8 Sem poder aprofundar essa questão em razão do espaço, indicamos alguns estudos: GRITTI, I. R.; GRITTI, S. M. A educação polonesa na Colônia Erechim: a escola como instrumento de organização e resistência. *Revista História: Debates e Tendências*, v. 20, p. 115-134, 2020. GRITTI, I. R. Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito. Porto Alegre/RS: Martins Livreiro - Editor, 2004. WENCZEWNOWICZ, T. J. *Montanhas que furam nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

ALGUNS REGISTROS DA PRESENÇA DE RUSSOS NA COLÔNIA ERECHIM

Nos documentos que revisamos junto ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS), nas correspondências e relatórios da Comissão de Terras, chefiada por Severiano de Souza e Almeida, para a Diretoria de Terras do Estado, logo no início da colônia, em 1910, “os “russos-polacos” formavam ao redor de 80% da população existente, perfazendo um contingente de mais de 2 mil”.⁹ O Relatório do Secretário de Obras, de 1915, relativo à Colônia Erechim, relata que “no ano de 1914, a colônia recebeu imigrantes entre os quais preponderam as nacionalidades russa-polaca (55%) e alemã (35%), os demais imigrantes sendo austríacos, italianos, com outros ainda”.¹⁰

Tabela 1: Demonstrativo dos imigrantes entrados no Estado no período de 1822 a 1914

Etnia	Nº de imigrantes	%
Italianos	66.896	43,36
Russos	26.403	17,11
Alemães	20.461	13,26
Polacos	15.635	10,13
Espanhóis	7.559	4,90
Austríacos	5.661	3,67
Portugueses	4.449	2,88
Suecos	3.122	2,02
Holandeses	938	0,61
Franceses	933	0,60
Suíços	127	0,08
Belgas	95	0,06
Inglese	32	0,02
Diversos	1.970	1,28
154.281		

Fonte: Relatório da Secretaria de Obras Públicas ao Presidente do Estado, 1915.

Nos livros de registros de entrada de imigrantes, nos anos de 1911 e 1914, há informação da presença de alemães, austríacos, polacos, russos, italianos, portugueses, suecos, holandeses e japoneses no interior da referida colônia. Ao longo do processo de ocupação pelos europeus e/ou descendentes, três grupos étnicos tornaram-se numericamente superiores: italianos, poloneses e alemães.

⁹ AHRS. Ofício de Severiano de Souza e Almeida, chefe da Colônia Erechim para Carlos Torres Gonçalves, diretor da Diretoria de Terras e Colonização. Comprovantes de Despesa. Memorandos Expedidos. Ofício M.37, 28/03/1910. Fundo Obras Públicas.

¹⁰ AHRS. Relatório da Comissão de Terras e Colonização ao Diretor da Diretoria de Terras e Colonização do Estado, em abril de 2015.

Pelos dados do Relatório de 1914 da Comissão de Terras de Erechim, referente ao ano de 1913, os *russos* representavam 26% com 4.474 presenças. Nesse mesmo período, a sua presença maior se apresentava na Colônia Guarani, noroeste do Estado, com 9.930 (57%).¹¹ Essa miscigenação étnica era muito comum nos processos de colonização do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Em 1915, a Colônia Erechim contava com aproximadamente 27 mil habitantes, sendo que destes, 14.600 eram imigrantes. Nesse mesmo ano, haviam entrado 1.771 imigrantes, na sua grande maioria identificados como *russos* (Relatório, 1915, p. 15). Entre 1909 e 1916, a Colônia Erechim aparece nos dados dos relatórios de comissões de terra do centro-norte do estado (Guarnai, Ijuí e Erechim) como uma das de maior presença de imigrantes e, em particular, os que foram denominados de “russos-polacos”. Em 1916, “a população é de 27.900 habitantes, dos quais 13.700 imigrantes novos, na maioria russos-polacos, os restantes 13.600 sendo descendentes da velha imigração e brasileiros” (Relatório, 1916, p. 176).¹²

Foto 5 - Foto do casal Miguel Iarmolik e Audokia Czhiarniak e filhos



A família emigrou por volta de 1918 e, estabeleceu-se em Barão do Cotegipe, antigo território da Colônia Erechim. Na imagem está o carimbo de chegada como se fossem poloneses, porém, em entrevista com Ana Iarmolik, ela informa que eram russos. Fonte: foto gentilmente cedida por Ana Iarmolik Donin.

¹¹ Idem.

¹² AHRS. Ofício do chefe da Comissão de Terra da Colônia Erechim enviado para o diretor da Diretoria de Terras e Colonização. Relatório de 1916. Fundo Obras Públicas. Documento pesquisado, em 2023, pela doutoranda Kalinka Schmitz, gentilmente cedido.

Encontramos uma tabela constituída em setembro de 1922 no jornal *O Tempo*, de Erechim, a qual indica a quantidade de imigrantes que havia entrado no território do município em 1921. Percebemos que os identificados como “Allemaes” e “Francezes” eram quantificados em maior número (122 e 25, respectivamente), porém, os denominados de russos estavam juntos com italianos em termos numéricos, com 21 presenças no referido ano. Ao todo foram 207 imigrantes no referido mês. A grande maioria identificou-se como agricultor, solteiro e do sexo masculino.

Tabela da chegada de imigrantes na Colônia Erechim no ano de 1921.

Nacionalidade	SEXO		IDADE		ESTADO			PROFISSÃO		Total
	M.	F.	menor de 12 an.	maior de 12 an.	S.	C.	V.	artistas	agric.	
Allemaes	83	39	29	93	78	44		3	119	122
Russos	13	8	9	12	13	8		1	20	21
Austriacos	14	1	2	13	13	2			15	15
Italianos	13	8	5	16	11	10			21	21
Francezes	15	10	8	17	19	6			25	25
Portugueses	3			3	1	2			3	3
	141	66	53	154	135	72		4	203	207
Retirantes									19	19
Somma :									226	

Fonte: jornal *O Tempo*, Erechim, em 07/09/1922, p. 2. Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. Erechim/RS. Pesquisa no Arquivo.

No caso da Colônia Erechim, a presença de “russos” e suas denominações (polacos, alemães, ucranianos, dentre outros) teve grande expressividade. Nos arquivos do AHRs há vários quadros estatísticos, das duas primeiras décadas do século XX, contendo a quantidade de imigrantes que se hospedavam em Santa Maria e eram designados, via estrada de ferro, para algumas colônias, dentre elas, a que mais nos interessa, a de Erechim.

**Quadro 1 - Relações nominais de imigrantes se deslocando de Santa Maria para Erechim
– 09/12/1910**

NOMES	IDADE	NACIONALIDADE	DESTINO
José Baideck	35	Russo	Erechim
Maria Baideck	27	Russo	Erechim
Stanislawa Baideck	9	Russo	Erechim
Angelina Baideck	7	Russo	Erechim
Waldislau Baideck	4	Russo	Erechim
Antonina Baideck	3	Russo	Erechim
Miguel Baideck	1	Russo	Erechim
João Turskÿ	25	Russo	Erechim
Veronica Turskÿ	20	Russo	Erechim
José Turskÿ	3	Russo	Erechim
Stefânia Turskÿ	2	Russo	Erechim
Antonio Sadowskÿ	44	Russo	Erechim
Ignacio Schustakovskÿ	51	Russo	Erechim
Josefat Goncharostri	26	Russo	Erechim
Stanislau Stubinskÿ	28	Russo	Erechim
Stanislau Morsel	21	Russo	Erechim

AHRS. Relatório do diretor da Diretoria de Terras e Colonização. Memorandos Expedidos. Fundo Obras Públicas. Documento de pesquisa realizada, em 2023, pela doutoranda Kalinka de Oliveira Schmitz, gentilmente fornecido.

Esse processo não se dava sem conflitos, pois muitos ficavam dias aguardando a “liberação do lote”, o proprietário do setor de hospedagem reclamava junto ao Diretor de Terras e Colonização o fato de ter tido prejuízos em razão da preparação da alimentação e dos alojamentos, bem como do atraso para o embarque, também em torno do fato de imigrantes não saberem para que colônia seriam designados, dentre várias outras questões.¹³ O diretor da Comissão de Terras de Erechim, Severiano de Almeida, em uma de suas correspondências à Secretaria de Obras do Estado, em 1912, relata alguns conflitos existentes no interior da Colônia envolvendo imigrantes russos, os quais reclamavam de maus tratos:

[...] atual sub-intendente Agostinho Daniel, ainda a pouco nomeado, por faltas as mais [in]significantes por parte dos imigrantes tem lhes feito as mais duras e rudes ameaças, maltratando-os e taxando-os de bandidos, e prometendo amarra-los, sempre que por sua desgraça possam cair eles em qualquer falta, o que inconscientemente uma ou outra vez não é de admirar, visto tratar-se de uma população, aliás já bastante desenvolvida, constituída de várias nacionalidades, de costumes diferentes entre si e que por enquanto

¹³ AHRS. Relatório da Comissão de Terras e Colonização de Erechim ao Diretor da Diretoria de Terras e Colonização do Estado solicitando um parecer sobre essa demanda do proprietário da hospedaria de Santa Maria, em abril de 2011.

nem mesmo de leve conhecem as leis do País. Os imigrantes A. Gause e outros mais de *nacionalidade Russa foram pelo dito sub-intendente obrigados a arrancarem tocos nas ruas da Sede desta Colônia*.¹⁴ (Grifo nosso).

Selecionamos aqui para a análise um Inquérito policial e jurídico que foi instaurado em dezembro de 1949, na Delegacia de Polícia de Erechim, pelo delegado João Bassuino, que envolveu o agricultor Gregório Neszitalenko, de descência russa, 62 anos de idade, viúvo, residente no Distrito de Barão de Cotegipe, e outro descendente de lituano, Adolfo Smigelski, solteiro, com 42 anos de idade, de profissão “jornaleiro” (trabalhador diarista). O conteúdo do processo se constitui a partir do roubo de uma égua do potreiro do Sr. Gregório pelo Sr. Adolfo. Este último, ao ser identificado pela polícia local, reconheceu o furto, porém, argumentou que o fez em razão de uma dívida de Cr\$ 1.600,00 que havia com o Sr. Gregório pelos serviços prestados na preparação de uma terra para plantio agrícola e, que não havia recebido o pagamento até então.

A vítima do furto, proprietário da égua, rebate a acusação dizendo que havia combinado que o referido descendente de lituano teria de preparar a terra, plantar e cultivar o cereal combinado e, o pagamento seria “a meia”, ou seja, 50% da produção para cada uma das partes. Como não houve o plantio e o cultivo, apenas a preparação da terreno, pois o “jornaleiro”, segundo o argumento do proprietário da terra, o abandonou, não houve produção, deste modo, “o trato não foi cumprimento”, e, portanto, “não poderia haver pagamento”.

Instaurou-se um inquérito; ouvidas testemunhas pelo lado do réu, que confirmaram que ele era uma pessoa idônea, trabalhadora e que o roubo só ocorreu como “forma de se cobrar da dívida”, “porque trabalhou para Gregório pelo espaço de um ano mais ou menos”. Chegou-se a uma proposta que ambos os envolvidos mediriam a área preparada e, “se fosse justa, o Sr. Gregório pagaria pela área preparada o equivalente à aproximadamente trezentos cruzeiros, porém, o réu na compareceu no ato de medição e, o pagamento não foi efetuado; ao contrário, Adolfo foi condenado a 15 dias de detenção e o “pagamento de vinte cruzeiros a taxa penitenciária”¹⁵ e a égua retornou ao potreiro de seu proprietário.

Esse caso do animal furtado envolveu dois imigrantes, um russo e um lituano; revela que havia acordos entre colonos e/ou contratação de força de trabalho por alguns. Se realmente aconteceu o trato da meação, não seria algo estranho para os colonos em suas atividades agrícolas. A estratégia, em geral,

14 Fonte primária: COLÔNIA ERECHIM, 1911-1914, 23 set. 1912.

15 Relatório do Inquérito da Delegacia de Polícia de Erechim sobre o caso em questão. Ofício Relatório nº 39 do Delegado João Bassuino ao Juiz Municipal, em 08/02/1949. Material esse que, gentilmente, foi-nos passado por Henrique Antônio Trizoto, doutorando em História e coordenador do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, de Erechim.

justificava-se por alguma situação-limite de uma ou das duas partes envolvidas, como estratégia para ampliar as forças de trabalho num cultivo específico, como forma de reduzir custos de ambos os lados, ausência de tração animal de um deles e sobra de força de trabalho de outro; quantidade de terra diminuta para o cultivo, dentre outras questões.

Ao que percebemos nas 25 páginas do referido inquérito policial e judicial é que o lado mais enfraquecido, ou seja, do “jornaleiro”, que furtou o animal por considerar uma compensação de seu trabalho não remunerado, acabou sendo o único a receber a culpa. Não houve a compensação financeira pelo trabalho da terra preparada, a qual permitiria ao seu proprietário efetivar o plantio de cereais nela. Sabe-se que preparar a terra, nos primeiros anos da colônia nem sempre era fácil, pois, em geral, era terra de mato derrubado, havia muitas sobras de lenha que o fogo não havia queimado ou que deliberadamente ficara para ser utilizada posteriormente, raízes de troncos de árvores, muita vegetação natural que nascia ou que brotava dos troncos ainda vivos, enfim, exigia muito trabalho manual. Feito isso, viabilizava-se a plantação em terras ainda muito férteis.

OS “SYMPTOMAS DE ALIENAÇÃO MENTAL”

Neste recorte temático que fizemos em torno de conflitualidades, outro aspecto que nos chamou a atenção ao revisar documentos sobre a Colônia Erechim é a quantidade de ofícios encaminhados pelo Intendente, chefe de Polícia, ou, então, pelo chefe da Comissão de Terras e Colonização expressando a intensa presença de casos de doença mental junto à imigrantes, em particular, de descendência russa. Aqui apenas informaremos a questão; não temos espaços para a análise.¹⁶ Em nossas entrevistas ouvimos vários casos, inclusive de “russos que saíram daqui [comunidade] e nunca mais se ouviu falar por causa disso. [...] Lembro que a mãe falava para a gente que, se não obedecesse, ia parar lá no hospício como a [nome da vizinha]”. No Arquivo Histórico Municipal de Erechim, entre os anos de 1911 e 1921, encontramos vários ofícios em que, em seu conteúdo, estava expressa esta questão. Colonos que eram encaminhados ao Hospício São Pedro em Porto Alegre, com “symptomas de alienação mental”; outros identificados como “indigentes” ou, então, “em condição pauperrima”, “necessitando de caridade pública”, dentre outras identificações de situações negativas.

O distanciamento e/ou o isolamento também se deviam ao fato da inexistência de tratamento terapêutico nas colônias, total ausência de infraestrutura e profissionais nos primeiros anos da colonização, indisponibilidade financeira das famílias camponesas, além do estigma familiar e dos limites da própria

¹⁶ Ver uma análise mais detalhada em nosso livro, já informado.

família do enfermo em oferecer atendimento e algo que pudesse propiciar a cura (Wenczenovicz, 2007). Segundo a autora, via de regra, os poloneses que expressavam alguma manifestação de doença mental (vista por muitos como “doentes da cabeça”), também eram “encaminhados para os asilos, casas de correção e, em maior número, ao Hospital São Pedro, em Porto Alegre”; porém, antes do surgimento do Hospício São Pedro (1928), muitos dos acometidos por esse problema, de várias colônias de imigrantes, eram encaminhados para a Santa Casa de Misericórdia, existente ainda desde meados século XIX.

Correspondência do Intendente Municipal de Erechim ao Diretor da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em 8/03/1920. “Correspondência Expedidas 2021”.

Segue para essa Capital afim de ser internado na Santa Casa de Misericórdia o indigente Stephans Romanolski o qual está necessitando da Caridade publica.

Nome: Stephans Romanolki

Nacionalidade	Russo
Filiação	Adams Romanolski
Estado civil	Casado
Profissão	Agricultor
Instrução	Nenhuma
Idade	29 annos

Intendencia Municipal de Erechim, em Boa Vista, 8 de Março de 1920

(Assinado) Amado Sagundes
Intendente provisório

Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. Erechim/RS.

Segundo Parker (2011), não seria difícil deduzir e compreender que grupos sociais colocados em cenários de grandes limites, o fato de serem imigrantes, de abandonarem suas referências e raízes, muitos deles abandonados que estavam, sem a quem recorrer frente ao descumprimento de promessas pela esfera pública, desencantados em sua vivência prática e, em desconexão em relação às propagandas efetuadas pelas colonizadoras. Em muitos casos, para católicos e protestantes, padres e pastores eram escassos, o fato de serem de grande fervor religioso, muitos deles sem parentes, dentre outros aspectos, produziam situações de revolta, de sentimento de impotência frente à realidade que se apresentava. Pode ter havido questões de ordem mais *interna*, de horizontes culturais e familiares específicos, expressos em recusas do enquadramento e regramento

patriarcal, do machismo que imperava (Wenczenovicz, 2007); frente também às exigências intensas no trabalho, casamento em crise e dificuldade para tomar decisão de separação; nunca esquecendo também a submissão ao papel desejado por outros em relação às mulheres, repressão e/ou abstinência sexual, pessoas que não se ambientavam ao modo de vida da família. Tudo isso poderia também ser visto como problema ou estar nas causas de perturbação mental, influência do “demônio”, ter “espírito mau”, de “enxergar coisas”, vozes, dentre outras manifestações que poderiam ser vistas como *loucura* por familiares, vizinhos, padres ou agentes de colonização.¹⁷

No horizonte das dificuldades e superações, a narrativa de Pelahia Berezanski¹⁸, imigrante ucraniana, que se estabeleceu com o seu marido onde hoje é o município de Gaurama, antigo território da Colônia Erechim, é significativa. Ela expressa bem as dificuldades encontradas nos primeiros anos na Colônia Erechim. Diz ela que eram cinco famílias de ucranianos que se estabeleceram próximas, porém, quatro desistiram e migraram, “ficamos só nós”. Ela enfatiza a ausência de recursos financeiros para os primeiros tempos, fato esse comum nas narrativas e documentos que revisamos e, que expressa que não havia grande interesse do governo estadual em promover auxílios e condições para os imigrantes como o apregoado pelas propagandas. “Ganhamos 150 mil réis da Imigração. Era pouco dinheiro e foi com isso que sobrevivemos os primeiros tempos. O falecido [seu marido] comprava folhas de fumo e fazia fumo bruto e, isto estragou muito sua saúde”. A narrativa revela enfrentamentos de situações-limite, superações, estratégias de parcimônia, solidariedade de vizinhos e conacionais. Em sua narrativa informa que emigraram incentivados pela propaganda da colonização e suas “promessas de boas e muitas terras no Sul do Brasil”.

Um outro entrevistado em Itabiba do Sul comentou que “o trabalho era tudo braçal. Quando tinha boi ficou mais fácil, mas nós desde piá ajudava na roça. Derrubar mato e cortar as tábuas, eu fiz quando tinha nem sei mais, mas antes de 10 anos. Era difícil aquele tempo. [...]. Era tudo assim. Mas se fazia com vontade porque sabia que era assim e tinha tudo para fazer. [...]. A roça dava, não precisava adubo e nem veneno. Quando a terra ficava fraca, se roçava mais um pedaço de mato. [...]. Aqui a nossa colônia era tudo dobrada [montanhosa]. O braço é que fazia tudo”.

17 Parker (2011) informa que, em 1928, no Hospício São Pedro em Porto Alegre, o maior número era de italianos (com 18 casos), seguido por poloneses (com sete casos) e os russos estavam presentes com seis casos. Em 1908, período de início da Colônia Erechim, segundo o mesmo autor, havia 105 estrangeiros na referida instituição; italianos, poloneses e russos lideravam as estatísticas. Segundo Cruz (2022, p. 143 e 171), em 1932, havia nos prontuários médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro vários internados de Erechim.

18 Entrevista com Pelahia Berezanskij. Jornal *Folha Barrense*. Gaurama, nº 17, no 2, jan., 1994. Material gentilmente enviado pela professora e pesquisadora Gládis Helena Wolff.

Desencantos e desconexão entre a representação e a imaginação do que seria e encontrariam no lote colonial foram lugares comuns nas narrativas que obtivemos junto a filhos/as de imigrantes identificados como russos. A ausência total de infraestrutura de comunicação (estradas, pontes), de saúde, educação, de atendimento religioso, de rendimento financeiro, dentre uma série de outros elementos, acrescidos da impossibilidade de retornar ao seu espaço de origem por falta de recursos financeiros, também podem estar nas causas das revoltas nas relações cotidianas na família, nos distúrbios mentais, na desistência do lote, das migrações internas, dentre uma série de outros elementos que marcaram a presença de russos, poloneses, italianos e outras nacionalidades na Colônia Erechim.

ENFIM ...

Vimos que as identidades e identificações que são produzidas no interior das sociedades hospedeiras são (re)construídas pelos autóctones e estrangeiros também a partir de referenciais simbólicos. No caso, os *russos*, para alguns, podem ter sido vistos como comunistas ou, então, como anticomunistas (por isso emigraram), traidores da pátria ou perigosos. Isso podia ser expresso em correspondência com as circunstâncias. Desse modo, as identidades sociais não são totalmente dadas *a priori*, ainda que *a prioris* tenham muita força na determinação de relações; são horizontes que produzem relações diferenciadas no interior dos grupos, entre os grupos e, esses, com autóctones que, por sua vez, também, possuem concepções heterogêneas em torno de si e de outros.

Não podemos deixar de mencionar também que não foi nada fácil para todos os imigrantes no contexto do final do século XIX e início do século XX no Brasil, principalmente os que se definiam como colonos para ter propriedade de terra e maior segurança para começar a vida de imigrante. As condições no/do Brasil, no que tange à infraestrutura das colônias, eram precaríssimas. Nos primeiros meses da colônia, o relativo isolamento físico, social e de intercâmbios de saberes, obrigou os colonos imigrantes a construir sua autossuficiência econômica e dispor de conhecimentos para dar conta do “tudo para fazer”, que nos foi relatado por interlocutores.

Dados demonstram a significativa presença dos identificados como russos na Colônia Erechim. Não muito diferente de outros grupos sociais de imigrantes, russos enfrentaram muitos limites e desafios, perceberam desconexão entre o que esperavam e encontraram, adotaram estratégias para superações, buscaram reproduzir referenciais que os identificavam etnicamente (língua, religião, gastronomia, outras expressões culturais), alguns deslocaram-se no interior da ampla Colônia Erechim, outros desistiram do trabalho agrícola,

mas muitos permaneceram e foram indutores de processos produtivos e, com isso, auxiliaram imensamente no grande crescimento econômico e demográfico da parte norte do estado do Rio Grande do Sul. O espaço rural/agrícola foi se tornando território produtivo, fruto do trabalho, das mãos dos imigrantes e de nacionais; ele foi ganhando feição de suas ações produtivas, sociabilidades, interações e infraestrutura. Produziram-se relações sociais e sociabilidades mais amplas em termos geográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rosângela Corrêa. *Imigração russa no Rio Grande do Sul (1890-1914): registros dispersos e múltiplas etnias*. Porto Alegre: UFRGS. 2022. TCC em História.
- BYTSENKO, Anastassia. *Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX. Visões do paraíso e do inferno*. São Paulo: USP. Dissertação em Letras Orientais, 2009.
- CARON, Márcia.; TEDESCO, João Carlos. O Estado positivista no norte do RS: a questão da propriedade da terra e a fundação da colônia Erechim (1890/1910). *Revista História Unisinos*. São Leopoldo. N. 16(2), p. 220-231, Maio/Agosto 2012.
- DUCATTI NETO, Antônio. *O grande Erechim e sua história*. Porto Alegre: EST, 1981.
- GERTZ, Renê. E. Existem teuto-russos no Brasil. In: DREHER, M. (Org.). *Migrações: mobilidade social e espacial*. São Leopoldo: OIKOS, 2010, p. 56-69.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005 [1927].
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre/RS: Martins Livreiro - Editor, 2004.
- PARKER, Marcelo Xavier. Enlouquecendo para a direita: da colônia ao hospício em 4 anos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* • São Paulo, julho 2011.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, vol. I., 1969.
- RUSEISHVILI, Svetlana. *Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917*. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- SCHMITZ, Kalinka. de O. *O projeto público de colonização mista no planalto rio-grandense: as Colônias Erechim (1908) e Santa Rosa (1915)*. São Leopoldo:

Unisinos, 2024. Tese de Doutorado em História, 2024.

SCHMITZ, Kalinka. O. Reflexões sobre pequenos núcleos coloniais particulares no Planalto Rio-grandense (1897-1938). TEDESCO, J. C.; NEUMANN, R. M. (Orgs.). *Colonos, colônias e colonizadoras: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil*. Passo Fundo: EDIUPF, 2023, p. 165-183. Vol. 6.

SEGRILLO, Angelo. *Os russos*. São Paulo: Contexto, 2015.

SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilidade política*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, n. 32, p. 1-16, 1985.

TEDESCO, João Carlos.; GRITTI, Isabel Rosa. *Os “russos” na Colônia Erechim: reconfigurações étnico-territoriais no contexto migratório do Sul do Brasil (1910-1940)*. Passo Fundo: Acervus, 2024.

VOROBIEFF, Alexandre. *Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WEBER Regina.; GRITTI, Isabel. Imigração “russa” no Sul do Brasil: um esboço de interpretação. *Revista Antíteses*, v. 15, n. 30, p. 263-290, jul./dez., 2022.

WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, C. (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: ED. ULBRA, 2004.

WEISS, João. *Colonos na selva: conto de um emigrante como colono no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: s/e, 1949.

WENCZENOVICZ, T. J. *Montanhas que furam nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

WENCZENOVICZ, Thais. *Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945)*. Porto Alegre: PUC, 2007. Tese em História.

ZABOLOTSKY, Jacinto A. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria*. Santa Maria: UFSM, 2006.



A PRESENÇA DE “RUSSOS” E RUSSO-BRASILEIROS NA COLÔNIA GUARITA. APONTAMENTOS PRELIMINARES

Breno Antonio Sponchiado¹

1. A COLÔNIA GUARITA

A Colônia Guarita foi fundada como decorrência do Decreto nº 2.250, de 13 de fevereiro de 1917, “*criando uma Comissão de Terras e Colonização com sede no município da Palmeira*”. Foi a última das grandes Colônias criadas pelo Estado em terras devolutas no extremo Norte do Estado, a saber: Erechim – 1908, Santa Rosa- 1914, Guarita – 1917. O Estado, neste ato, tomava efetiva posse e domínio do último “sertão incógnito”, encravado numa serrania coberta de espessa mata. Quase desabitado, sem meios de comunicação, teve um desenvolvimento lento, porquanto a política colonizadora do Governo era de primeiro proceder uma mínima infraestrutura, isto é, e abrir uma boa estrada ligando Seberi até Iraí, planejada para uma Estação Balneária, que serviria também em futuro próximo para sede da Colônia. Ademais, percebeu que primeiro tinha que acomodar os muitos *intrusos*, em geral caboclos, que habitavam os fundões da Colônia, e, depois de demarcados os lotes, receber os descendentes de imigrantes europeus que vinham das Colônias Velhas, pelo natural “enxameamento”. E o próprio dirigente da colonização, Diretor Carlos Torres Gonçalves, ponderava que quanto maior fosse a infraestrutura maior valor teriam os lotes, dando mais dinheiros ao Governo.

A colônia, na sua origem, possuía como limites a Oeste o Rio Guarita e a Leste o rio da Várzea, contudo desde sua fundação previa a incorporação da região das Águas do Mel, que ficam à direita do Rio da Várzea, fora, portanto da área inicialmente demarcada. Abrangia a área do antigo distrito de *Fortaleza*, criado pelo Ato Municipal de Palmeira n. 165, de 06.08.1918, depois Seberi. Pelo mesmo ato foi criado o distrito de *Erval Seco*, cuja pequena extensão de terras devolutas ficaram incorporadas à Colônia. Em 15.10.1921, por ato do Intendente Municipal também de Palmeira, nº 88, é criado o 11º Distrito no

¹ Doutor em História pela PUCRS e Pós-Doutorado em Educação pela UFGRS. E-mail: brenoantoniosponchiado@gmail.com

povoado de Iraí, formado pela zona das águas do Mel e na banda esquerda do Rio da Várzea pelas terras confinantes ao Rio Uruguai na sua extremidade Norte. Por fim, no período inicial, em 1928, é criado o distrito de *Frederico Westphalen*, antigo *Barril*, constituído das terras do entremeio à Seberi e, na extremidade a Oeste, com as barrancas do Rio Uruguai.²

A administração da Colônia desde sua fundação até 1929 ficou sob a chefia do Eng. Frederico Westphalen, que há mais tempo trabalhava para o Governo na região de Palmeira e Ijuí em demarcações de terras. O Regulamento³ previa que o interessado em lote devia fazer uma petição escrita ao Chefe da Colônia; nas seguintes condições; um a três lotes de 25 hectares por família de agricultor; um lote de 25 hectares a cada agricultor maior de 16 e menor de 21 anos; o pagamento do lote pode ser a vista (dentro do prazo de 30 dias) ou a prazo; quando a concessão for de mais de um lote, o pagamento será à vista para os excedentes; pagando a prazo, terá redução de 5%; o pagamento a prazo será feito em 3 prestações, sendo a 1ª no ato da concessão, as duas outras respectivas até o fim do 2º e 3º ano; no caso de falta de pagamento incidirá um juro anual simples de 10%; aos nacionais já estabelecidos nas terra que não tenham recursos para os pagamentos, pode-se reduzir 20% dos preços; tanto aos nacionais como aos outros que notoriamente venham a ficar em condições de não poder cumprir o pagamento a “facilidade de pagamento mediante a prestação de serviços em trabalhos que o Estado esteja realizando”.

Anote-se que o expediente de pagar os lotes com serviços públicos, geralmente na abertura de estradas e caminhos, foi bastante praticado, o que mostra que a população que afluiu para o Núcleo Colonial Guarita era formada por pessoa de poucos recursos. Aliás, é de concluir que os colonos com mais recursos preferissem dirigir-se às Colônias de Erechim, ou de Santa Catarina (empreendimentos colonizatórios particulares), onde as terras tinham maior valor, em razão de serem muitas delas mais planas, a presença de pinheirais e contarem com a vantagem da ferrovia próxima.

A documentação evidencia que houve ampla condescendência da administração da Colônia com os concessionários, no concernente ao pagamento dos lotes, devido em parte pelos conflitos locais da Revolução de 1923, 1924,

2 Chefe Westphalen, estima no final do ano de 1919, a área da colônia em 1.000 hectares e área cultivada 100 hectares; havia 12 lotes rurais ocupados e 28 disponíveis; lotes medindo 25 hectares. Para Westphalen só havia população de “brasileiros” na Guarita. No ano e 1919 chegaram 90 homens, e 110 mulheres. Em 31.12.1919 havia 200 do sexo masculino e 140 do feminino. Em 1922, a Colônia Guarita era a de maior área do Estado, com uma superfície de aproximadamente 1.161.974 ha; destes, neste ano, apenas 16.219 hectares encontravam-se colonizados; os demais eram devolutos. A população era estimada em 2.600 pessoas.

3 Decreto n. 3.004, de 10.08.1922, que apenas consolidou as resoluções já vigentes nos serviços relativos às terras públicas e seu povoamento.

Coluna Prestes – 1925, que praticamente paralisou o fluxo migratório e o fechamento do escritório da Comissão de Terras em Palmeira; em parte porque os funcionários públicos tinham presente que despejar do lote um “posseiro” ou concessionário em dívida, representaria a partida deste para outro grotão ainda não povoado, ou a um movimento de “sem terras” – o conflito vizinho do Contestado era prova.

Primitivo território da Colônia Guarita – 1917



2. FAMÍLIAS QUE SE DECLARARAM DE ORIGEM RUSSA NOS PRIMITIVOS CARTÓRIOS DA COLÔNIA GUARITA.

Um esclarecimento. Há dificuldade na identificação de pessoas provenientes da Rússia, porquanto, há casos em que, em um momento se dizem russas, e noutro se dizem poloneses, alemães e outras nacionalidades. Caberia indagar por que estas diferentes declarações, observando o período em que preferem tal identificação.

I) SEBERI⁴

Antonio **Barkoski** – “natural da Rússia”, e residente no distrito de Fortaleza em 1919; filho de José e Catharina Barkoski, residente em Ijuí em 1919. Casou com Helena, filha de Augusto Lephe, residente em Porto Alegre em 1919 e de Josefa Lephe; tiveram a filha Julia, nascida em 1903 e que casou em Seberi 1919 com Luiz Domingues de Arruda, filho de de Manoel Domingues de Arruda e Edevirgen Alves Pacheco, residentes no município de Santa Maria da Boca do Monte; outra filha, Maria, casou na década de 1920 com José Manoel de Camargo, filho de Manoel Antonio de Camargo e Porfíria Fernandes de Camargo, nat. RS, reside no mesmo distrito. - *José Barkoski e Bruno Barkoski* – adquiriram na 4ª Secção Fortaleza o lote 79 - 25 ha - 1.000.000 (um conte de Réis) – concedido em 18.02.1922; quitaram em 30.03.1927; pagaram parte do lote em serviços de abertura de estradas em março, junho e setembro de 1927 (825.000); lote titulado 18.12.1944. E mais: José, com Lino Roberto Camargo adquiriu o lote 122 da mesma Secção, concedido em 07.01.1927 e pago até 30.09.1927.

Pedro **Markoski** – “natural da Rússia”, agricultor, casado com Alexandra Markoski, “natural da Rússia”, faleceu com 44 anos, de morte natural e sem assistência médica, em 02.10.1927, sepultado no cemitério do *Barriil* – hoje Frederico Westphalen. Deixou vasta descendência: Francisco 22 anos; Florentino 19; Antonio 17; Joana 14; Miguel 12; Leon 10; Genoefa 7; Andréa 4; José 18 meses. - Francisco Markoski - n. 1904 em Ijuí, casou em Seberi em 1927 com Genoveva Markoski, nascida 1907, “natural da Rússia”, filha de Antonio e Juliana Markoski, “naturais da Rússia” [vide]. Adquiriu o lote nº 49 da 3ª Secção Fortaleza, concedido em 04.08.1922 e quitando em 09.03.1928; mais o lote 62 da 4ª Secção, com

4 O livro de Registros de Nascimento foi aberto pelo Juiz Distrital Antonio Felício Bueno em 01.02.1919 – Fortaleza - 8º Distrito de Palmeira, Termo da Comarca de Santo Ângelo. O primeiro oficial do Registro Civil foi Horácio José Ribeiro; a partir de maio de 1920, Antônio Procópio de Queiroz, que assina como “Oficial do Registro Civil”.

prestação paga em 28.07.1942. - Antonio Markoski - casado com Juliana Markoski - ambos “naturais da Rússia” - adquiriu na 4ª Secção Fortaleza o lote 41, com a concessão em 01.07.1925 e prestações no ano seguinte. A filha Alexandra casou com José Sdradeck, natural da Polônia, filho de Matheus e Thecla Zdradeck, residentes em Ijuí em 1925.

Germano **Schalm** – “natural da Rússia”, filho de Miguel e Juliana Schalmé [sic], residentes na Rússia; casado com Amanda Wodrig, natural da Rússia”, filha de Luiz e Ulda Wodrigg, residentes na Rússia; eram agricultores, em 1921, no distrito da Fortaleza; a filha Ulda, n. em 1905, casou em Seberi, em 16.09.1921, com José Oling, natural da Rússia, filho de Carlos e Elisabeth Oling, ambos naturais da Rússia, e residentes no município de Ijuí. Já o filho Hevaldo Schalm, n. no RS em 1893, casou em Seberi em 30.08.1922 com a viúva Elvira Maier, nascida no RS em 1900, filha de Carlos Maier [Meyer] e Elizabetha Petter Ister, naturais do RS e residentes no distrito. - *Reinaldo Schalm* adquiriu o lote nº 147 da 2ª Secção Perau, com 10,3 ha, e título concedido em 18.05.1964; mais o lote vizinho 147ª com 10,3 ha, e titulado em 28.05.1965.

Antonio **Gutkoski** – nasceu em 1899, filho de Antonio e Brunislava Gutkoski, “naturais da Rússia” (noutras partes consta com o precedente da Polônia) e residentes no município de Ijuí, em 1920; neto de Gustavo Gutkoski e Jurema Gutkoski. Antonio em 1920 residia em Ijuí; emigrado, adquiriu o lote 74 da 8ª Secção Fortaleza, concedido em 28.12.1937 e pagamentos em 1943.

Julio **Karlinski** - adquiriu os lotes da 1ª Secção Fortaleza, nº 56 (25 há), concedido em 20.10.1920 e quitado em 10.01.1928; e nº 45A (12,5 ha) com prestações em 16.04.1947; 07.06.1948; parte dos lotes pagou com trabalhos na abertura de estradas em junho de 1927. Nascido no RS em 1896, filho de David Karlinski e Maria Ciechovicz (ambos nat. Áustria, e em 1920 resid. no município de Ijuí); casou com Ana Kopeski (filho de José e Maria Copeski; quando declararam de terem filhos antes do casamento: Emília n. 1917; Vitória, n. 1919; nasceram mais: Antônia n. 1920 (id, n. 312); Josefa 18.03.1922 (id., l. 2, n. 122v); Iadviga 12.09.1925 (id., l. 3, n. 183).

José **Kopeski** [Kopeczki] (filho de Venceslau, já falecido em 1920, e Maria) – nascido em 1889, casado com Maria Lisbinski (filho de Constante e Tecla Lesbinski) “naturais da Rússia”, também consta como nascidos na Áustria - adquiriu o lote nº 54 da 1ª Secção Fortaleza, com a concessão em 01.02.1921; data da última prestação: 01.02.1921; mais o lote lindeiro 55, concedido em

10.08.1925 e pago em prestações até 1929; também o lote 179^a da mesma Secção, concedido em 01.07.1922 e última prestação em 31.12.1929.

João **Kovaleski** – “nat. da Rússia” (filho de Miguel e Antônia Kovaleski, residentes em Ijuí em 1921); casou com Estanislava - “natural da Rússia” (filho de Constante e Tecla Lesbinski, residentes em Ijuí em 1921 e “naturais da Rússia), residentes em Seberi em 1921, quando tiveram a filha Cecília. Adquiriu o lote nº 02 da 4^a Secção Fortaleza, concedido em 03.12.1921 e quitado em 07.04.1926 – 4 réis ao m2.; mais o lote 167 da 6^a Secção Fortaleza, concedido em 23.10.1931.

Andrea **Kowalski** – casado com Ignaska, Waitasak, “naturais da Rússia” – residente em Seberi em 1925. O filho José n. RS, 1900, casou em Seberi em 26.04.1922, com Leonarda Kovalski, nat. RS, 1901, filho de João Kovalski e Estanislava Kovalski, agricultores, nat. Rússia, residentes no distrito em 1922; adquiriu o lote nº 12 da 3^a Secção Fortaleza, concedido em 15.09.1925 e última prestação registrada em 31.08.1927; José faleceu em 1972 em Santo Antonio-PR. Já outro filho, Stanislau Kovalski, nasceu em Guaporé, 1905, (pais “poloneses”!) casou em FW em 1939 com Boleslava Govalski, nascida em Erechim, 1915, filha de Antônio Govalesski, falecido, e Elisabeta Govalesski, ambos poloneses, casados e residentes em Erechim. Adquiriu o lote nº 109 da 3^a Secção Fortaleza, concedido em 05.07.1922 e quitado em 31.05.1926; mais o lote 118 da 7^a Secção Fortaleza, concedido em 03.11.1932 – repassado para Bruno Karpiski; também o lote 80 da 9^a Secção Fortaleza, com 34,3 ha, com pagamento inicial em 02.1941.

João **Lucacheviz** [Lukasievicz] – “natural da Rússia”, registrado por Antonio Mach, em Seberi, em 1920 como tendo nascido em 1892, filho de Francisco Lukasieviz e Mariana; e cujos avós eram ignorados. Mariana era filha de Miguel e Catharina Michalski, naturais da Rússia e residentes no município de Ijuí.

Miguel **Spitchak** – [Pietchak] nascido na Rússia em 1893, filho de Justino Spitchak e Darka Lazeik; casou em Seberi em 1929 com Brunislava Kovalski, nat. RS, filha de Andrea Kovalski e Zahniska Woitachaka, naturais da Polônia e residentes no distrito; Miguel faleceu em 19.12.1935, no óbito consta “natural da Rússia”, sendo sepultado no *Cemitério dos Gonchoroski*; deixou os filhos: Cecília 17 anos; Antônia 15; João 13; Estanislau 11; Julia 9 anos.

Antonio **Mach** – nascido 1880, no registro da filha Catarina, em Seberi, em 05.07.1929, disse ser natural da Rússia), filho de Chimon Mach e Azibieta Hävilistskova; casou com Catharina (nascida na Rússia, filha de Voytech Ronha e Barbara Ronha); no seu óbito (20.03.1925) consta como natural da Bohemia como também sua esposa; era sapateiro em Seberi quando faleceu, sepultado no cemitério denominado “do Maier”. Sua filha Maria casou em FW em 1932 com Antonio Melo, filho de Laurentino Antonio de Melo e Laurentina Rodrigues, naturais deste Estado e residente no distrito.

André **Franck** – natural da Rússia, casou com Emilia Fischer, também russa; o filho Germano, nasceu em Santa Catarina em 1905, casou em 1928 em Seberi com Stanislava Krechyanoski, nascida RS, filha de Vadislau Krechyanoski, já falecido em 1928, e Mariana Steptiniska, natural da Polônia e residente no distrito da Fortaleza. *Germano* adquiriu o lote nº 65 da 1ª Secção Fortaleza (Seberi), concedido em 20.01.1920; 4 réis ao m2. 1º pgto. por conta em 10.1922; 08.1926; quitou em 25.07.1927. Outro filho de André, Alberto, nascido em SC em 1900, casou em Seberi em 1928 com Mariana Krechyanoski, nat. SC, 1908, filha de Vadislau Krechyanoski, falecido, e Mariana Steptinski, nat. da Polônia, residente no distrito. - Júlio Franck casou com Emilia Rodrigues, morando em Seberi em 1942.

Alexandre **Wysocki** – Em 1920 Antonio Mach, declarou no Cartório de Seberi de haver nascido, em casa de José Wysocki, no dia 08.12.1893 às 13 hs, uma criança que foi batizada com nome de Alexandre, filho de José Wysocki e Maria Wysocki, “naturais da Rússia” e residentes no município de Ijuí; avós paternos e maternos: todos ignorados.

João **Walachescki** [Walicheski] - nascido RS, 12.07.1896, filho de João Walachescki, já falecido em 1921, e Francisca Walachescki, “natural da Rússia”, moradora na Fortaleza; casou em Seberi em 30.07.1921, com Jovanina de Angeli, natural do RS, filha de Victoria de Angeli, natural da Itália e residente no distrito. João adquiriu no lote 349 da 7ª Secção Fortaleza (Seberi); como João Valcheleski [sic] - comprou o lote 72 da 8ª Secção Fortaleza (FW), concedido em 28.12.1937, parcelas em 01.04.1943 e 04.12.1943.

Gustavo João **Frisck** [Frisch] – filho de Gustavo João e Ernestina Frisck, residentes na Rússia em 1922, casado com Emilia Frisck, natural do RS, filha de Luiz e Wihelmina Susell, estava viúva em 1922, e residente no distrito de Seberi.

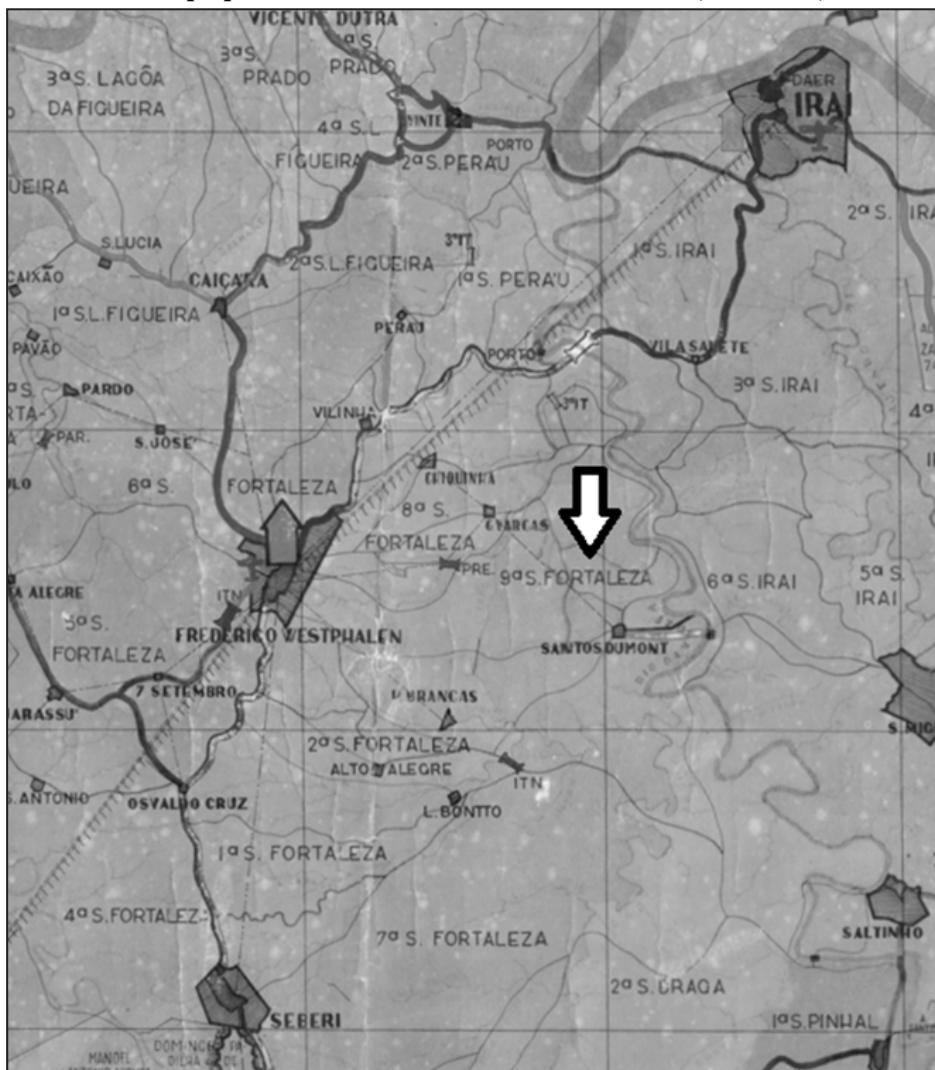
Oscar **Pokulat** – nascido SC, 1891, comerciante em Seberi em 1930; filho de Augusto Pokulat e Orena, agricultores, ambos naturais da Rússia e residentes em Ijuí; casado com Maria Pokulat, 1900, natural de Minas Gerais; faleceu em 07.05.1930, deixando os filhos: Mario com 9 anos e Albertina 7 anos, sepultado cemitério “Carlos Meyer”, sede de Seberi.

Francisco **Schmirlovoski** – “natural da Rússia”, 1870, filho de Alexandre e Antônia Schmirlovoski, todos naturais da Rússia; Casado com Anna Sassonavicz; faleceu em 30.01.1939, deixou bens para inventariar; no cemitério do Pinhal - Seberi, foi sepultado. Deixou filhos: Maria 30; Anna 28; Alexandre 24; Marcelina 23; Adolfo 21; Jeronimo 18; Nikodemos 16; Zanone 12; Carlos 10; Leonarda 7 anos.

Adolfo **Strasser** [Strässer] - Cartório Procópio, L. nasc. 1 - Reg. N. 220: Em 27.05.1920, Antonio Mach, declara na presença de testemunhas, abaixo assinam, de haver nascida, em casa de Guilherme Strasser, que no dia 15.03.1920, às 20 hs, uma criança que foi batizada com nome de Ilda. Filha de Guilherme Strasser e Ilda Helchenstein, ambos Nat. RS, resid, neste distrito. Avós paternos: Guilherme Strasser e Maria Strasser. Avós maternos: Jacob Helchenstein e Carolina Helchenstein. - *Adolfo Strasser Filho* - Adquiriu o lote nº 45 da 3ª Secção Perau, com 25,1 ha, com título concedido em 10.04.1961. - Adquiriu o lote 220 da 4ª Secção Fortaleza, com 13,5 ha, concedido em 01.07.1925 e quitado em 12.1926; mais – possivelmente com Guilherme Strasser, o lote nº 36 da 3ª Secção Perau, com 25 ha, com título concedido em 18.06.1963. - *Guilherme Strasser* - Adquiriu – possivelmente com Adolfo Strasser- o lote 220 da 4ª Secção Fortaleza, com 13,5 ha, quitado concedido em 01.07.1925 e quitado em 12.1935; também o lote nº 51 da 3ª Secção Perau, com 29,1 ha, com título concedido em 10.05.1963. -

José **Orling** – “Natural da Rússia”, 15.08.1900, filho de Carlos Orling e Elisabeth Orling, ambos nat. Rússia e residentes no município de Ijuí; seus avós eram Augusto e Margaretha Orling, residentes na Rússia e, maternos, Cristof Behrke e Natalia Behrke, residentes na Rússia. José casou em Seberi em 16.09.1921, com Ulda Schalm, nasc. 10.08.1905, “nat. da Rússia”, filha de Germano Schalm e Amanda Schalm, agricultores, nat. Rússia, reside neste distrito.

Os três distritos com maior presença russa/eslava.
Destaque para o reduto da Linha Cerro do Leão – FW (seta branca)



II) FREDERICO WESTPHALEN⁵

Estanislaw **Olesiak** – “natural da Rússia”, declarou José Olesiak ao fazer seu óbito em 09.02.1949, nascido em 1887, filho de Paulo e Maria Olesiak, falecidos; causa mortis síncope cardíaca por intoxicação, atestado pelo Dr, Ennio Andrade; sepultado no Cemitério da Vila FW; não deixou bens; mas deixou

⁵ O livro de assento dos nascimentos foi aberto em 02.02.1929, pelo primeiro oficial do Registro Civil João Antonio Borges.

a viúva Ana, e os filhos: Luiz 39 anos; Rodolfo 37; Veronica 35; Lori 31; Sofia 27; Francisca 25. - *Pedro Oleijak [sic]* – Adquiriu o lote nº 116 da 8ª Secção Fortaleza, concedido em 10.09.1938 – terra depois pertencente a Adão Sitkoski-1945. - *José Olesiak e Francisco Olesiak* - Adquiriram o lote nº 154 da 8ª Secção Fortaleza, com prestação paga em 20.03.1947

Bruno Korpalski – [*Brunislav*] – Natural do RS, 1904, filho de Anastácio Korpalski e Mariana Kospalski, agricultores, “nat. da Rússia”, residentes em Porto Alegre em 1927; casou em Seberi em 16.07.1927 com Anna Szatkoski, nat. RS, 1909, filho de Constante e Mariana Szatkoski, agricultores, “naturais da Rússia”, residentes no distrito em 1927. Faleceu em 13.07.1934, sem assistência médica, causa mortis ignorada, sepultado no cemitério desta Sede FW, não deixou bens a inventariar; teve os filhos: Severina 5 anos, Paulina 3 e José 7 meses. - *Leão Korpalski* - adquiriu o lote urbano 37 da 8ª Secção Fortaleza, concedido em 03.09.1927, pagou 30 réis ao m2; em pago único em 03.09.1927, com 5% desconto; mais o lote lindeiro 38, com 7,5 ha, com segunda parcela em 09.1927 e último registro de parcela em 27.01.1938. *Leon* era filho de Simão e Theodora Korpalski, resid. em Porto Alegre depois Mariana Pimentel em 1925, casou com Helena, filha de Miguel Walchaki, já falecido em 1925, e Josepha Walchaki, residente em Porto Alegre em 1925; tiveram filhos registrados em Seberi: Simão, 1925; Vicente, 1927; Antonio, 1929.

Sava Klimiuk – “natural da Rússia”, filho de Pedro Kliminki e Theodora Kliminki; casou com Olga, filha de Daniel Makarewicz e Alexandra; em FW em 1931 nasceu o filho Basílio; em 1938 perderam a pequena Barbara, 12 anos, a inocente foi sepultada no cemitério da Chiquinha; ao fazer o registro de óbito em FW disseram-serem naturais da Ucrânia - Rússia [“ucraniana-russa”],. Deste imigrante temos melhores notícias⁶. Natural do povoado de Wilja, município de Krzemieniec do Estado de Woynskie – *Ucrânia*; quando Sava nasceu em 1903 a região pertencia à Polônia e ao eclodir a Primeira Guerra foi recrutado para o serviço militar onde permaneceu na frente de batalha; finalizado o conflito, foi liberado, passou pela Polônia, onde, já trabalhando em uma casa, foi perseguido por seguir a religião ortodoxa. Retornou a sua terra, e em 1922 casou com Olga, e tiveram a filha Wargá (bárbara). Embarcaram os três em 20.05.1928 no porto de Marseille no navio Flórida rumo ao Rio de Janeiro; influenciada por acompanhantes

6 KLIMIUK, Daniel. *Menino da roça – as origens e a trajetória de vida de Daniel Klimiuk – a família Klimiuk: da Ucrânia para o Brasil*. S.d. s.l.

de viagem rumou para o porto de Paranaguá onde ficou por um tempo, mas seu objetivo era o sul do Brasil, “motivada pelo origem agrícola, apaixonada pela apicultura e pecuária”; Porto Alegre e de caminhão até a localidade de Lajeado Leão, interior de Frederico Westphalen, “onde havia famílias de europeus que serviram como referência e ponto de apoio para quem chegasse em terra desconhecida (p. 17). Adquiriu uma colônia de terra, ainda para ser desmatada; após abrir clareiras jogou sementes fornecidas pela Inspetoria de Terras, que também forneceu ferramentas: machado, enxada, foice, balde e chaleira. Em 1936 nasceu Daniel, que deixou suas memórias de infância em um livro. Ao todo tiveram mais sete filhos no Brasil. Sava, 22 anos depois, mudou-se para a cidade de Frederico Westphalen, onde colocou um “barzinho”; depois, conhecendo o ofício de marcenaria, instalou uma oficina de móveis, na Rua Piracicaba esquina com Santo Cerutti.



Alberto **Kraschnewiz** [Krasnievicz] – “Leto, casado com Maria, tiveram três filhos. Agricultor de subsistência, possuía plantação de bananas à beira da estrada, o que era petisco preferido pela criançada que iam para a escola de Ensino Fundamental Getulio Vargas. Cidadão de boa relação tanto com jovens como adultos”, informa KLIMIUK, (p. 32 e s). - *José Krasnievicz* - Adquiriu o lote nº 174 A da 9ª Secção, com 12,5 ha, concedido em 26.06.1958. - *Venceslau Krasnievicz* - Adquiriu o lote nº 174 da 9ª Secção, com 12,5 ha, concedido em 28.02.1957, pgto. à vista, em 11.12.1964. -

Alfredo **Sussel** – “natural da Rússia”, nascido em 1898, filho de Luiz Susell [sic], já falecido e Emília, n. 1872, natural da Rússia e residente no distrito da Fortaleza em 1922; casou em Seberi em 1922 com Alvina Maier, nascida no RS em 1903, filha de Carlos Maier e Eliza Ista [sic], nascidos no RS, e agricultores no distrito. Alfredo faleceu em 24.07.1932, de causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no cemitério *Barra Grande* – FW.

Eugênia **Michailoff** [Michaloff] – Morador na Linha Lajeado Leão-FW, “natural da Rússia” (filha Eugênia de Timóteo e Ana Michailoff), “naturais da Rússia”, nascido em 1907, casou com Miguel Kristiuk, e faleceu com 25 anos, sendo sepultada no *Cemitério da Chiquinha* – FW.

João **Kristiuk** – “natural da Rússia”, vindo ao mundo em 1888, filho de Daniel e Daria Kristiuk, faleceu em 1948 de colapso cardíaco, sendo sepultado no cemitério da Chiquinha-FW. O filho Miguel, casou com Eugenia Michailoff [v.]; adquiriu o lote nº 260 da 8ª Seção Fortaleza, com prestação paga em 09.07.1946.

Estevo **Leipizincz** [Stefan Lepienwinz] – “natural da Rússia”, filho de Damião e Maria Lipienwinz, naturais da Rússia, faleceu em 15.07.1953 com 69 anos, *causa mortis* natural, enterrado no Cemitério do Lajeado Leão – FW; não deixou bens mas sim 3 filhos, entre os quais Nicolau [Liepicsiewitz], nascido 1908, “natural da Polônia” [!], casou em 1938 em FW com Zacijana Bogdanosw, (filha de Nikafor Bogaanosw e Nadzieva Bogdonow, poloneses, agricultores, e residentes no distrito; Nicolau comprou o lote 269 da 7ª Seção Fortaleza em 18.11.1938. Novas achegas de Daniel Klimiuk: “Estevo Lipischewiz, europeu eslovaco. Casado com Ana tiveram dois filhos Nicolau e Eva. Ele com deficiência física, se deslocava com ajuda de bengala de poio. De boa vizinhança, praticava agricultura de sobrevivência. Tiveram uma convivência um tanto isolada do resto da comunidade devido o seu estado físico que impunha limitações” (KLIMIUK, p. 31).

Alexandre **Tur** – “natural da Rússia”, nasceu em 1875, filho de Jorge e Ana, já falecidos em 1941; casou com Eugenia Salla [?], natural da Rússia; faleceu em 23.08.1941, “causa mortis ‘fulminante’, pois encontrava-se assistindo uma festa de Casamento”, sepultado no Cemitério do *Lajeado Leão*-FW [chamado “Cemitério dos Russos”]; não deixou bens a inventariar, mas deixou descendência: Marcos, Nicolau, Pedro, Angelina, Estevão e Nina

Tur. – *Marcos Turr* [sic] - adquiriu o lote 125 da 9ª Secção Fortaleza, concedido em 30.12.1943, 1º pgto. prestação em 12.05.1943; 22.03.1944. - Nicolau, casou com Eluba, natural da Rússia, e adquiriu o lote 66 da 9ª Secção Fortaleza, concedido em 08.07.1941, 1º pgto. prestação em 05.1940; 24.07.1943 e quitou em 01.03.1949. – Outros dados: Nicolau Turra [sic] “estrangeiro de nacionalidade russa, casado com Lúbia Lipischewiz com a qual teve cinco filhos. Era de fácil relacionamento, muito festeiro, participava de todos os eventos da comunidade, dando assim sua contribuição presencial” (KLIMIUK, p. 34).

Lápide da sepultura de Alexandre Tur no “Cemitério dos Russos” - Linha Lajeado Leão – Frederico Westphalen - 2024.



João Valecheski – nasceu em 12.06.1896 (registro de 1921 em Seberi) já falecera em 1921; casou com Francisca, “natural da Rússia”; “Avós: todos ignorados”. - *Venceslau Valicheski* - Adquiriu o lote nº 294 da 6ª Secção Fortaleza, concedido em 13.02.1930, e quitado em 19.09.1951 [ou 06.06.1958]. - *Adão João Valicheski* - Adquiriu o lote nº 295 da 6ª Secção Fortaleza, com 23,8 ha, concedido em 29.09.1941, e quitado em 14.06.1940.

Jorge **Werbilo** – “natural da Rússia”, nascido em 1881; “filiação ignorada”, faleceu em 06.05.1943, de causa ignorada, sem assistência médica, “não deixa bens”, sepultado no cemitério do Lajeado Leão; casou com Palagia [Polagia], “natural da Rússia, nascida em 1884, “filiação ignorada”, morreu 05.11.1944, “sem família” [!], causa mortis ignorada, “não deixa bens”, sepultada no Cemitério do Lajeado Leão; geraram os filhos: a) Jacob, natural da Rússia, casou com Theotonia, natural da Rússia, o filho Constante faleceu em 1942 com 31 meses e foi sepultado no cemitério de FW; adquiriu o lote nº 147 da 8ª Secção Fortaleza, concedido em 23.12.1938, pagou prestações em 1943 e quitou em 1944, com multa. Outra versão, diz: “europeu bielorrusso, lindeiro da propriedade da família Sava [Klimiuk]. Casado com Antônia Schakura, tiveram dois filhos. Praticava agricultura de subsistência. Temperamental, de relação conflitante com os vizinhos, teve confronto de agressão física com André Onuzak e discussão com outras pessoas da comunidade” (KLIMIUK, p. 31). – b) Clemente Werbilo [*Klemens*] – “natural da Rússia”, casou com Maria Werbillo [sic], faleceu em 28.02.1952, com 41 anos, “assassinado”, deixou bens, sepultado no Cemitério do Lajeado do Leão-FW. Filhos: Estevão 12 anos; Olga 10; Lidia 7; Leila 5; José 2 anos. Adquiriu o lote nº 74 da 9ª Secção Fortaleza, 1º ppto. em 17.03.1941; 11.04.1942; quitou em 24.02.1949. Outros informes: “bielorrusso, europeu, constituiu família no Brasil com Ana Lipischewiz. Tiveram quatro filhos sendo dois homens e duas mulheres. Não mantinham boa relação com a vizinhança, eram de costumes confuso, agressivos no linguajar e de fácil reação e até agressão física. Certo dia no armazém do Damião [vide, Damion], em uma desavença com Pedro Kupzinski, houve agressão física com o uso de uma soiteira [chicote] sobre a vítima Pedro. Este reagiu no desespero usando um canivete de picar fumo, atingiu a Clemente na altura da coxa direita rompendo a artéria, o qual teve morte por hemorragia, o que teve grande repercussão na região toda, com alguns pós e contras. O comissário, na época, julgou legítima defesa, e Pedro foi inocentado” (KLIMIUK, p. 31).

Harlampiy **Warnova** [Harlampig] – casou com Justina, ambos naturais da Rússia – tiveram a filha Alexandra que faleceu em 1941 com 3 anos e 3 meses; morre-lhes também a Constante, em 1943, com 4 meses e meio, sepultado no cemitério de *Pedras Brancas* – FW.

Miguel **Bescorovainy** [Bescorovaine] – “natural da Rússia”, 1883, filiação ignorada, faleceu em 06.08.1952, causa mortis natural, sepultado no *Cemitério do Leão*; casou com Maria Chavesuk, “natural da Rússia”, 1891, filha de Máximo Chevesuk [sic], faleceu em 03.10.1929, “na roça”, causa mortis “violenta

de desastre”, “enterrada no cemitério particular no Lajeado do Leão” – possivelmente inaugura o campo-santo, depois conhecido como “Cemitério dos Russos”. Preservou uma inscrição de sua neta Verônica, em placa existente no local de seu sepultamento, junto ao pé de um gigante pinheiro (Araucária): “Miguel Bescorovainy, meu avô, ele plantou duas árvores da espécie Pinheiro pois sempre afirmava, quando eu morrer quero ficar deitado na sombra – ele sofreu muito com o calor do Brasil, pois estrangeiro veio da Rússia, um país gelado onde faz muito frio; assim como ele todos os russos que aqui dormem também sofreram, não só com o calor mas com outras contrariedades. Eu como sua neta peço que estas 2 árvores não sejam derrubadas. Assina: Veronica Bescorovainy” (copiei em dezembro de 2024). Miguel deixou 3 filhos. Adquiriu o lote nº 75 da 9ª Secção Fortaleza, com 21, ha, concedido em 18.10.1941, 1º pgto. em 01.07.1941; quitou em 15.03.1949. KLIMIUK acrescenta: “imigrante húngaro, veio casado com Verônica. Vieram com a filha Ana e tiveram um filho brasileiro, Aurélio. Miguel sofreu acidente de trabalho durante a derrubada da mata, uma árvore o atingiu e o deixou com sequelas e dificuldade de locomoção. Possuía uma propriedade montanhosa” [no Lajeado leão – FW] (p. 30). - Jacob Beresocroinzi – “natural da Rússia”, nascido em 1893; em 1933 testemunhava no cartório de FW.

Nostálgica imagem do bucólico “Cemitério dos Russos” - 2024.



Francisco **Dembroski** – Em 1920, Antonio Mach, no Cartório de Seberi, afirma ter nascido Ana, em 10.06.1920, filha de Antonio Demboski, “natural da Rússia”, residente no município de Ijuí e Miguelina Demboski, já falecida; avós paternos: João Demboski e Mariana Demboski; avós maternos: Bartholomeu Ornoski e Paulina Ornoski, naturais da Rússia. Ana casou com Boleslav Kovaleski, filho de João e Istanislava Kovaleski, residentes na Fortaleza em 1922. Francisco Dembroski adquiriu o lote nº 126 da 9ª Secção Fortaleza, concedido em 03.11.1938, prestações pagas em 22.03.1944 e 06.09.1947. - *Estanislau Dembroski* - adquiriu o lote nº 187 da 9ª Secção Fortaleza, concedido em 20.11.1944, e pgto. 1ª prestação em 09.09.1943; 22.08.1944; quitou em 30.12.1947.

Pedro **Kupcinski** – [Kupzinski] - natural da Romênia, nascido em 1915, filho de Lucas Kupcinski, já falecido em 1933, e Ana, 48 anos; em 1933 casou em FW com Ana Damião [sic, Damion, possivelmente, de origem italiana], filho de Luís Damião, italiano, 51 anos e Venuta Damião, brasileira, 42 anos, casados, residentes neste distrito. Pedro consta no lote nº 152 da 8ª Secção Fortaleza, concedido em 02.10.1941, pgtos. em 02.04.194, em 04.02.1947; 30.01.1948. “Tiveram doze filhos, gente de boa relação e vizinhança apesar de alguns costumes diferentes (...) Pedro não preocupava muito com a lida na roça, plantava o suficiente para o consumo próprio em função do suporte financeiro proveniente do bônus-família mantido pelo governo da época getulista” (KLIMIUK, 29).

Paulo **Schakura** [Szakura] – Nascido na Polônia (cartório) em 1913, onde casou com Christina; imigraram trazendo a filha Antonina, nascida em 1918. Antonina casou em FW em 1935 com Jacob Wierzbillo [sic], natural da Polônia, agricultor, filho de Jorge Wierzbillo e Maria Wierzbillo, ele residente neste tempo em FW. Serviram de testemunhas André Omiszak e Sara Kilimink [sic], ambos ucranianos e casados. Já Daniel Klimiuk informa em sua obra “Menino da roça” que Paula era “romeno”, teriam vindo com dois filhos e tiveram aqui mais 6 filhos. “Evangalista, pregador dos preceitos bíblicos, praticavam a agricultura de subsistência, morava do lado leste no alto da montanha [Linha Lajeado Leão-FW], tinha fama de ser grande consumidor de Verenec (pastel de requeijão). Aos fins de semana costumava pregar o evangelho e comer Verenec” (p. 30). Em entrevista, o filho de Paulo Andre [Andrey], prestou novas informações: “*Andrey Szakura* nasceu em 04/11/1925, em Rivne, Ucrânia (polonês: Rovno, em russo: Pobho, em alemão: Rowno). Em 1934, imigrou para o Brasil com seus pais ‘Paulo e Cristina’ e irmãos ‘Antonia, Valdemar e Tatiana’.

Por falta de dinheiro para comprar passagem para todos ficaram lá, com os avós, as duas manas mais velhas ‘Marta e Ana’, para buscá-las assim que tivessem condições. Na mesma viagem vieram cerca de 45 famílias de ucranianos e se estabeleceram, em sua grande maioria, na região de Frederico Westphalen, RS e Horizontina, RS. - Chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro, em 23/03/1934, mas seu destino era chegar ao ‘Barril’, atual Frederico Westphalen, onde já tinham uma família de conterrâneos ‘Família de Miguel Evanchuca’ [sic] que os acolheu até acharem um lugar para se estabelecer. Eles vinham mantendo contato através de cartas com a família de Paulo Chakura, incentivando-os a imigrarem para o Brasil, e vir nesta região. Pouco tempo depois, de estarem em ‘Barril’, Paulo comprou uma área de terras na localidade atual ‘Serro do Leão’ no local onde atualmente está o cemitério e a igreja”.⁷

Paulo **Srockek** [Srochek] – Casado com Anastácia, “natural da Rússia” e residente no distrito de FW em 1938; o filho Estanislau, nascido no RS, 1909, casou em FW em 10.08.1938 com Francisca Sroczyński, nascida no RS, 15.06.1917, filha de Pedro Sroczyński, já falecido, e Catharina Sroczyński, natural da Polônia e residente no distrito. O filho Victorio, nascido 01.12.1935, adquiriu o lote nº 82 da 9ª Seção Fortaleza, com 26,8 ha, concedido em 21.02.1958, pgto. 1ª prestação; quitou em 14.03.1949.

Paulo **Nemirski** - Cart. Cañellas, L. Ób. 1 - Reg. n. 264 – fls 87v – Aos 20.11.1940, compareceu no Cartório Aleixo Kudelco, disse que vinha fazer o registro de óbito de Ana Nemirski, com 25 anos, solteira, natural deste Estado, alecida hoje 20.11.1940, a 1 h, na casa do declarante, neste distrito. Filha de Paulo Nemirski, já falecido, e Anisia Nemirski, origem da Rússia, residente em Erechim-RS. Deixa um filho de nome Júlio, com 20 meses. Faleceu sem atestado médico. Causa mortis ignorada. Enterrado no cemitério de *Pedras Brancas*, neste distrito.

Miguel **Jancharuck** - No livro *Painéis do Passado*, Mons. Vitor Battistella, escreve que a pintura, do altar-mor da velha Matriz foi feita pelo “pintor russo-ucraniano” Miguel Jancharuck, “que andou por aqui por volta de 1935 e realizou diversos trabalhos notáveis”, (p. 134). No Livro Tombo, o mesmo religioso, informa que em 1934 no Festival de São Pedro em homenagem ao Papa constou um “Hino ao Senhor” – “dueto russo pelos Srs. Miguel e Maria Janseruch”.

⁷ Pesquisa e texto de Jaime Roque Dalmolin, entrevista em Linha Canela-Caiçara, 18.09.2021.

Andre Troch [Troctz - Trotz] - Vindo da “Rússia”, ao que parece militar (conforme entrevista com a esposa de Victor, filho de Andre, em dez. 2024, em Getúlio Vargas-FW), “fugiu da Rússia” entre as duas Guerras; fixou-se na Linha Getúlio Vargas-FW, onde adquiriu o lote nº 90, da 9ª Secção Fortaleza, com 16,4 ha, concedido em 23.03.1938 – 2ª parcela paga em 28.02.1944. - Casado com Agata Romainski, ambos da Polônia, residente em Barril; perderam o filho Daniel, com um ano e meio, em 18.01.1942, de febre amarela; teve enterro religioso (L. Ob. Barril, 118). – Já *Basílio Trotz* - adquiriu o lote nº 95, da 9ª Secção Fortaleza, com parcela paga em 30.07.1947 – antes terra de Abel Martins s.d. e Abílio João Vissotto – p. 1941. E o filho de Andre, *Vitor Troch* - adquiriu o lote nº 90 A, da 9ª Secção Fortaleza, com título expedido em 12.06.1970 e entregue em 23.03.1972.

Andre Troch



Sergio Kravich [Kravek] – “Veio para o Brasil sozinho, deixou família na Ucrânia para mais tarde buscá-la, o que era impossível devido aos conflitos na época no continente europeu”. Casou, então, com Emília, brasileira de costumes e hábitos diferentes, portadora de um bócio desenvolvido, fumante de crioulo, cigarro feito de fumo e palha de milho. Tiveram quatro filhos, dois homens e duas mulheres, possuíam uma colônia de terra do lado norte, igualmente montanhosa, sobreviviam da agricultura artesanal, criação de galinhas, suínos e bovinos para o seu próprio sustento, e comercializavam a sobra” (KLIMIUK, p. 29). Sergio adquiriu o lote nº 150 da 8ª Secção Fortaleza, com 1º pgto. em 1941 e quitou em 1947.

III) IRAÍ⁸

Luiz **Ziegler** - natural da Rússia, 1871, filho de André e Juliana Ziegler; agricultor em Iraí, viúvo, quando faleceu em 19.10.1932, casara na Rússia com Frederica Baum, já falecida em 1932; deixou 1 filho de nome Carlos.; causa mortis epilepsia, sem assistência médica, sepultado no Cemitério de Farinhas - no distrito.

Henrique **Clein** - natural da Rússia onde casou; residindo na sede de Iraí, faleceu o filho Rodolfo, com 10 dias, em 21.10.1934, causa mortis ignorada, sem assistência médica, atestado do Dr. Heitor Silveira, sepultado no Cemitério da Sede.

João **Zeite** - casado com Paulina Zeite, ambos naturais da Rússia; na sede de Iraí, aos 30.03.1935, faleceu o filho Eugenio Zeite, com 26 anos, agricultor também russo; deixou os filhos: Mine 5 anos e Rodolpho 3 anos; causa mortis cirrose atrófica de Lacunec, sepultado no Cemitério da Sede.

Samuel **Gutjahr** - natural da Rússia, 1872, filho de Cornélio e Helena Gutjahr, ambos naturais da Rússia, já falecidos em 1935; casado com Maria, natural da Rússia, 1874, filha de David Jost e Helena Jost, ambos naturais da Rússia e já falecidos em 1938; tiveram os filhos - com sua idade em 1935: Rodolfo 34 anos; Adolfo 28; Samuel 27; Gustavo 25; Berta 22; Rosa 16 anos; residiram na cidade de Iraí desde 1935; Samuel faleceu em 16.12.1935; causa mortis do coração, sem assistência médica, atestado Dr. Adalberto Fritz, sepultado no Cemitério da Sede; a esposa Maria faleceu em 05.03.1938, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultada no Cemitério da Sede.

João **Olerich** – casado com Berta, ambos naturais da Rússia; em Iraí, em 23.03.1936, faleceu o filho Adolfo, com 2 meses; causa mortis pneumonia, assistido pelo Dr. Adalberto Fritz; sepultado no Cemitério da Sede.

Cristiano **Scholl** – casado com Belta, ambos naturais da Rússia; em Iraí, em 21.05.1936, faleceu a filha Marta, com 2 anos e 3 meses, natural de Santa Catarina, sem assistência médica, sepultada no Cemitério da Sede. – Jacob Scholl - casado com Emilia, ambos naturais da Rússia, perderam a filha Lina, 10 meses, em 14.12.1937, causa mortis enterite, sem assistência médica, atestado do Dr. Heitor Silveira, sepultada no Cemitério da Sede.

8 O livro de registros de óbitos de 11º Distrito de Palmeira, foi aberto em 12.12.1921, pelo juiz distrital Adolpho Schnell.

João **Mertins** – [sic *Märtins*] - natural da Rússia, 1875, filho de João e Cristina Mertins, ambos já falecidos em 1937; casado com Amália Mertins e tiveram a filha de nome Erla, nascida em 1903, e que casou com Jorge Janzen, morador da sede em Iraí; João faleceu em 16.08.1937, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no Cemitério da Sede.

Elizabeth **Mertins**, natural de Rússia, 1860, filha de Cristiano e Carolina Kela, ambos já falecidos em 1937; faleceu em 09.11.1937, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultada no Cemitério na Sede de Iraí. Teve os filhos: Ludwing 57 anos; Helena 59; Gollich 54; Elizabeth 52; Emília 50; Reinald 48; Catarina 46; João 44; Godfried 37; Paulina 36; Ema 34 anos.

Rafael **Martin** – casado com Ignez Martin, ambos naturais da Rússia e residentes como agricultores desde 1938 em Iraí; em 06.02.1940, faleceu o seu filho Alberto Martin, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no “Cemitério Santo Antonio” da cidade. – Nova dor, em 03.07.1940, com a morte do filho Clemens.

Eduardo **Sterlem** - natural da Rússia, em Iraí, em 1937, testemunhava a morte de João Mertins [v.].

Catarina **Hentzel** – natural da Rússia, 1877, filha de João e Catarina Holstein, ambos naturais da Rússia e já falecidos em 1938; residente na cidade de Iraí desde 1934, onde, viúva, faleceu em 03.05.1938, causa mortis insuficiência cardíaca, com assistência do médico Dr. Heitor Silveira. sepultada no Cemitério da Sede; deixou os filhos: João 37 anos; Maria 28; Eugenia 24; Adão 22 anos. O filho Adão era carroceiro em 1938; as testemunhas do óbito foram Frederico Artemink, pedreiro, e Guilherme Moll, carroceiro.

Waldemar **Kühne** – casado com Juliana, ambos naturais da Rússia; desde 1935 residindo, como colono, na sede de Iraí; aí faleceu em 17.06.1938, a filha menor Alvina, nascida na Rússia, causa mortis sarampo, sem assistência médica; foram testemunhas: Jorge Janzen e Jacob Scholl; a morte visitou o lar em 12.06.1939, na morte de outra filha Lina.

José João **Egert** - natural da Boemia, 1844, filho legítimo de Francisco e Ana Egert; faleceu em 25.09.1938, em sua residência em Iraí, causa mortis ignorada, atestado médico do Dr. Heitor Silveira, sepultado no Cemitério, nesta Sede – declarou o óbito Jurandyr Egert.

Frederico **Kromer** – casado com Carolina, ambos naturais da Rússia; jornalista e residente no termo de Iraí, quando em 14.02.1938, faleceu o filho Rudolpho, com 8 meses, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no Cemitério da prefeitura; testemunhas: Ernest Rudolph, comerciante, e Jorge Schellemberger, fotógrafo.

Ludwig **Konrad** – casado com Olga, “ambos naturais da Rússia”; residente em Iraí e carroceiro quando faleceu a 16.02.1939, o filho Willy, com 11 meses, natural de Santa Catarina; causa mortis intero-colite aguda, sem assistência médica, atestado do médico Darcy Azambuja, sepultado no Cemitério da prefeitura; testemunhas: Reinaldo Konrad, ferreiro, e Sílio Grebin, barbeiro. – Nova dor com a morte do filho Alfredo de 5 anos e 7 meses, em 18.09.1939, causa mortis traumatismo, ocasionando compressão medular, atestado médico Dr. Armando Galvão dos Santos, sepultado no Cemitério da cidade.

Clemens **Oberderfer** – casado com Maria Eva Oberderfer, ambos naturais da Rússia; residia como agricultor na sede de Iraí quando em 29.07.1939, faleceu o filho Justino, com 2 anos, causa mortis gripe, sem assistência médica, sepultado no “Cemitério Santo Antonio”, na Sede.

Emilio **Marks** – casado com Elisabeth Fietz Marks, ele natural da Curlândia [?], ela da Rússia; era carpinteiro na cidade de Iraí quando em 11.01.1940, faleceu o filho menor Emilio, sem assistência médica, sepultado no Cemitério da cidade.

Pedro **Lier** – casado com Susana, natural da Rússia, 1898, filha legítima de Matias e Cristina Schler, naturais e residentes na Rússia; era diarista (jornaleiro) em Iraí quando em 16.01.1940, faleceu a esposa, causa mortis ignorada, sepultada no campo-santo da cidade; deixou os filhos: Antonio 20 anos; Eugenio 8; Veronica 5; e Clara 2 anos - testemunhas: Gottliebe Schleicher e André Anhalt.

NATURAIS DA ÁUSTRIA

Alexandre **Larentis** – residiu em Iraí desde 1926; faleceu em 13.02.1938, com 64 anos, cor branca, “natural da Áustria”, filho legítimo de Jacinto Larentis e Federalina Piff, ambos já falecidos. Deixou os filhos: Preciosa 43 anos; Emilia 42; Otávio 40; Leoni 38; Maria 36; Lorenzo 35; Valentin 33; Antonio 31; Judith 28; Teodora 25; José 23 anos; causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no Cemitério da sede Iraí.

Mathias **Weiss** – “natural da Áustria”, casado com..., natural da Alemanha; residia em Iraí quando, em 09.11.1939, faleceu filho *ilegítimo* Alfredo ilegítimo de Mathias Weiss, causa mortis ignorada, sem assistência médica, sepultado no Cemitério da Chácara Um – Sede.

Andre **Onuzac** – Imigrante da Áustria, casado com Marenka (Maria) com quem teve 6 filhos; adquiriu uma colônia no Lajeado Leão- FW (KLIMIUK, p. 28).

3. ALGUNS ASPECTOS DA PRESENÇA RUSSA NA COLÔNIA GUARITA

Aqui e acolá podemos encontrar referências históricas sobre a presença de russos e seus descendentes na região da Colônia Guarita. Algumas com menção, outras indiretas, porquanto comumente identificados com os poloneses. Portanto, por força desta com-fusão entre russos, polônios e outras etnias eslavas, vimo-nos na contingência de tratar destas etnias.

O Padre Luiz Sponchiado, então vigário da Paróquia de Frederico Westphalen (1951-1956) - antes estivera na paróquia de Iraí – 1946-47, na condição de coadjutor do pároco Mons. Vitor Battistella, no jubileu sacerdotal deste, em 1955, elaborou um histórico da origem e desenvolvimento da freguesia, que leu em um desfile em frente à Igreja, com grande multidão. O religioso, em seu relato, destacou a contribuição das diferentes etnias na formação do rebanho da extensa paróquia. Na narrativa não há a distinção entre poloneses e russos, mas como vimos, algumas famílias, pelo menos, se declararam nos registros cartoriais como procedentes da Rússia. De qualquer modo, por tabela, ou melhor, pela aproximação cultural, podemos, sem ferir a verdade histórica, fazer a comparação entre o *modus-vivendi* dos polônios e dos russos. Assim discursou:

Entre os colonizadores de Barril, além dos ítalo-brasileiros que vimos, contamos outrossim, com boas levas de *Poloneses*.

Como começou a colonização polonesa em Barril?

José Gutcoski, morador em Ijuí, na Linha 10, avisado por Francisco Marcoski que residia desde 1917 em Seberi (saíra também ele de Ijuí, porque lá não havia comércio e [pela] carestia) – José Gutcoski avisado, veio solito, explorar a região em abril de 1919. Antigo plantador de arroz que era, tinham-lhe informado que no “barril”, havia água bastante para uma lavoura deste cereal. Mas quando José chegou o “barril” este até seco, porque fazia estiagem naqueles dias. Desceu por isto, um pouco mais no mato, e encontrou o arroio que passa hoje no Frigorífico. Junto a esta água, encontrou muitas pegadas de bichos do mato, e decidiu vir, para poder caçar. Trouxe a família a 15 de maio de 1919, e foi morar em dois ranchos cobertos de folhas de taquara, que tinham sido deixados pela turma do engenheiro Leopoldo Hoffmann [Villanova?]. Apesar de lhe terem dito, que perto do Barril, seria feita uma sede, assim mesmo derrubou uma

rocinha para plantar, onde hoje mora o velho [Antônio] Ruaro. Não acreditava, que naquele matagal brabo, pudesse surgir tal coisa.

Pouco tempo depois, cá vieram outras famílias polonesas: *João Vieczoreck e Vadislaou Popioreck*, de Boa Vista do Erechim, e, logo a seguir, de Cerro Negro, chegou *Antônio Gutcoski*, pai de José. Outras famílias ainda, se estabeleceram na região, mas a revolução de 1923, trancou quase que completamente a imigração polonesa. Após a revolução porém, de 1924 em diante, vieram grades levas de Boa Vista do Erechim e alguns de Jaguari, povoando Seberi, Perau, Chiquinha, Getúlio Vargas, e esparsamente, famílias disseminadas por toda esta região, e grande parte de Iraí.

Como os demais colonizadores itálicos, os poloneses traziam consigo a fé e a religião católica. Unindo-se aos primeiros, em pequenas sociedades, foram levantando as capelas do nosso interior. É o que vamos ver agora, junto à grande cruz....

Estas capelas, naqueles anos e nas circunstâncias em que se encontravam os imigrantes e colonizadores, custavam imensos sacrifícios, pois, serravam tudo a mão, faltavam pregos, tinham que rachar a malho e cunha as tabuinhas, transportar a madeira por picadas, geralmente nas costas.⁹

A RELIGIOSIDADE E A QUESTÃO DA LÍNGUA

Numa *Resenha Psicológica ...* de 1936, vemos a percepção do Pe. Battistella quanto à população polonesa, embora faça referência aos polônios, com certeza incluía os adventícios da Rússia:

A colônia polonesa acha-se em circunstâncias desfavoráveis ao progresso religioso. Falta de um sacerdote polonês ou de língua polonesa; falta de capelas devido à desunião do povo e à pobreza e também à indiferença comum; notáveis distâncias do centro paroquial; ignorância da língua portuguesa. Por isso a fé está um tanto lânguida e a prática dos deveres cristãos muito deixada. Contudo, quando, ano por ano, se provê a vinda de um padre que fala polaco, é notável a frequência aos sacramentos. O polaco permanece enraizadamente católico. É exemplar o cuidado que tem de batizar logo as crianças e o respeito e devoção na chegada do sacerdote com o Santíssimo Viático para os doentes.¹⁰

Evidencia, um fator que dificultava uma maior integração dos polônios e eslavos, nos inícios da colonização, foi o desconhecimento quase generalizado da língua portuguesa, o que mostra, por um lado, um apego ao idioma pátrio.

Onilda Klimiuk, casada com Nicolau, filha de Sava (vide), em entrevista, dizia: “Minha sogra chorava e se exclamava que ela não conseguia falar em português nem para pedir um copo de água; tinha que fazer sinal com a mão”.¹¹

⁹ Conforme texto original, datilografado.

¹⁰ “Resenha psicológica...”. Livro Tombo FW, I, p. 47v.

¹¹ Jornal *O Alto Uruguai, FW*, “Especial Copa do Mundo da Rússia” – 13.06.2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?mibextid=wwXlfr&v=1914655908546091&rdid=plqYbs ynFUHHihV1>.

Sobre Andrey Schakura, ucraniano (?) consta: “Andrey tinha 8 anos de idade quando veio da Ucrânia. Sabe falar, além do português, o idioma russo e aprendeu o idioma polonês, quando estudava na escola da Linha Getúlio Vargas, em Frederico Westphalen e na igreja onde rezavam em polonês”.¹²

Ao comentar o movimento religioso de 1935, o Pe. Battistella registrou: “O número notavelmente acrescido de confissões e comunhões deve-se a estadia nessa paróquia dos Revmos. P.P. Estanislau Pollon e Cirylo Strocka que vieram cuidar especialmente da colônia polonesa, bastante alheia dos Sacramentos por falta de sacerdote que fale polonês” (Livro Tombo FW, 1, p. 39). De tal forma, que o pároco de Barril, percebendo sua dificuldade de comunicação com este grupo de seu rebanho, providenciou a vinda de padres da mesma origem. Em 1939 constatou:

“Assistência Espiritual aos Poloneses - O atual vigário de Fortaleza, Pe. José Noglik, alemão de origem, fala regularmente o polonês, motivo, entre outros, de sua escolha para Fortaleza, onde há numerosa gente de origem polaca. Duas vezes por ano, ou mais, vem ele também ao Barril em visita às capelas dos poloneses: Chiquinha e Perau. É notório que os poloneses apreciam sumamente poder exprimir-se em sua língua especialmente na confissão. Quase não se confessam com Padre que não fala a língua deles”.¹³

Noutra ocasião, o Pe. Cirylo Strocka, franciscano de Três Arroios, que chegou a 30 de outubro e ficou até 4 de Dezembro. Pe. Augusto Rolek, visita as capelas polonesas em abril, com mau tempo. Chiquinha: Confissões - 97 e Comunhões - 97; Getúlio Vargas: Confissões - 41 e Comunhões - 41; Perau: Confissões - 101 e Comunhões - 101. - “Foram notáveis os trabalhos realizados por esse esforçado sacerdote aqui a bem das almas. Sendo polonês e falando bem essa língua, cuidou a pedido do vigário, especialmente da colônia polonesa aqui e em Fortaleza domiciliada. Eis aqui registrado o resultado do seu ministério: confissões - 1361; comunhões - 1574; prédicas 34; aulas de catecismo - 30; batizados - 62; casamentos - 4; 1^{as} comunhões e confissões de meninos - 73; de meninas - 64; entende-se meninos poloneses que ignoram outro idioma”.¹⁴

12 Pesquisa e texto de Jaime Roque Dalmolin, entrevista em Linha Canela-Caiçara em 18.09.2021.

13 Livro Tombo I, p. 64v.

14 “Padre Cirylo Strocka - OFM - substituto do vigário”. Livro Tombo, p. 37v. - “Missões entre os poloneses - Pregadas pelo Pe. Pedro Burszack, SJ, esforçado missionário polonês vindo devidamente credenciado pelas autoridades superiores eclesíásticas, tiveram o seguinte resultado: Capela Getúlio Vargas: Confissões - 440; Comunhões - 1.182; Capela da Chiquinha: Confissões - 349; Comunhões - 988; Igreja Matriz: Confissões - 152; Comunhões - 290” (Tb II, p. 70). - “Vigário de Seberi - Pe. Augusto Rolek, visita as capelas polonesas em Abril, com mau tempo. Chiquinha: Confissões - 97 e Comunhões - 97; Getúlio Vargas: Confissões - 41 e Comunhões - 41; Perau: Confissões - 101 e Comunhões - 101” (Tb II, p. 70v).

Em 1954 providenciou uma Missão Popular entre os poloneses: “Pregadas pelo Pe. Pedro Burszack, SJ, esforçado missionário polonês vindo devidamente credenciado pelas autoridades superiores eclesiásticas, tiveram o seguinte resultado: Capela Getúlio Vargas: Confissões – 440; Comunhões – 1.182; Capela da Chiquinha: Confissões – 349; Comunhões – 988; Igreja Matriz: Confissões – 152; Comunhões – 290 (id., p. 70).

Noutra parte, em 1934, acrescentava o padre que entre a população de nacionalidade polaca campeia sobremaneira o abuso do álcool e observava a demasiada liberdade dos pais em relação aos filhos.

Uma tradição religiosa dos adventícios eslavos refere-se à celebração do Natal, acontecida no Cerro do Leão – Frederico Westphalen: “Na véspera de Natal, ao anoitecer, iniciava-se a caminhada entre os moradores. O grupo partia de uma casa portando lanternas e roupa ornamentada segundo a etnia. Com cantos natalinos, louvando ao Criador, percorria de morador em morador, a cada parada era momento de alegria natalina com abraços e gulodices previamente preparados. Assim o grupo a engrossando, e a passeata só terminava à meia noite”, narrativa de Daniel Klimiuk, na obra citada, p. 26.

O CEMITÉRIO DOS RUSSOS

A marca mais saliente da presença russa na Colônia é a existência ainda hoje do chamado “Cemitério dos Russos”, no interior de FW, Linha Serro do Leão. Sua origem, segundo Constante da Silva (nascido em 1939), cuja mãe, já viúva, casou com alguém vindo da Rússia, na região de Cerro do Leão, o cemitério mais próximo fica na Linha Getúlio Vargas, então foi criado o campo-santo, isso aproximadamente em 1925¹⁵. Entretanto, a primeira referência oficial de sepultamento é de 1941, de Alexandre Tur, – “natural da Rússia”, cuja lápide lá se encontra. Reveladora é uma descrição em placa de vinil existente no local, junto ao pé de um gigante pinheiro (Araucária): “Miguel Bescorovainy, meu avô, ele plantou duas árvores da espécie Pinheiro pois sempre afirmava, quando eu morrer quero ficar deitado na sombra – ele sofreu muito com o calor do Brasil, pois estrangeiro veio da Rússia, um país gelado onde faz muito frio; assim como ele todos os russos que aqui dormem também sofreram, não só com o calor, mas com outras contrariedades. Eu como sua neta peço que estas 2 árvores não sejam derrubadas. Assina: Veronica Bescorovainy” (copiei em dezembro de 2024). Abrandina Krasnievicz, nascida em 1938, conta “que a maioria dos que estão enterrados naquele espaço era crente”, (idem), talvez queira dizer por “crente” seguidores da igreja ortodoxa russa? Em 1913 Helena Prosnievicz disse: “A cada ano compro uma rosinha para cada um que está ali. – Eu sempre sonhava que tinha um senhor que sentava na minha janela e me pedia para fazer as cruzes, me falava que não tinha ninguém que cuidasse e era eu que tinha que limpar o cemitério, para não

¹⁵ “O cemitério dos russos”, jornal *O Alto Uruguai*, 02.11.2013, p. 14. Pesquisa e texto do jornalista Fábio Pelinson, Disponível: [file:///C:/Users/user/Downloads/AU%20Sabado%2002-11-13%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/AU%20Sabado%2002-11-13%20(3).pdf).

ficar esquecido. Meu marido fez as cruzes e depois disso nunca mais sonhei com aquele senhor” (idem). Moradores locais narram que “quando moradores decidiram que iriam cortar o pinheiro plantado pelo já falecido Miguel, uma cobra apareceu e não deixou que derrubassem a árvore. Quando voltaram para matá-la, ela não foi mais vista, mas ninguém mais teve coragem de colocar o pinheiro abaixo” (idem).

Letreiro que clama para preservarem o pinheiro no “Cemitério dos Russos” - 2024.



4 - A CONDIÇÃO DO SER RUSSO

As entrevistas com os descendentes de russos e eslavos evidenciam, na jornada de imigração e adaptação ao novo mundo, uma experiência marcada de sofrimentos, traumas. Tanto na terra natal, marcada por opressão de países estrangeiros e guerras, como no Brasil. Terra estranhíssima, povo diferente, língua incompreensível. Por outro lado, encerram vivências de lutas, lentas vitórias, superação. Como a dizer, que a empreitada foi exitosa.

Neste sentido, Miguel Schakura, em entrevista, disse: “Os pais não comentavam sobre o porquê vieram da Ucrânia, se lá era bom ou ruim. Se alguém perguntava sobre o assunto os pais mudavam de prosa. Ficaram lá também os avós maternos e paternos”. É fato que sofreram muito, especialmente dona Cristina, em ter que deixar lá duas filhas e tendo que conviver com a dor e a saudade. Somente muitos anos mais tarde, na década de 90, uma delas, a ‘Marta’, veio para o Brasil com um filho visitar os familiares”.¹⁶

Doutra parte, manifesta o desejo de vencer, custasse o que custasse:

Em 1950, Andrey adquiriu uma área de terras na Linha Canela, Caiçara, conforme ele mesmo conta: “Era tudo mato virgem. Eu trocava dias com vizinhos para serrar madeiras com o serrote, lascar, falquejar tabuinhas de 60 a 70 cm e fazer um pequeno ranchinho com varas do mato. Não tinha dinheiro para comprar pregos. Furava a madeira, colocava estaquinhos (cavilhas). Dava um vento e arrancava. Não, não! Os gatos do mato não deixavam as galinhas se criar! A planta dava bem, plantava uma caixinha de feijão dava um saco. Ali perto um vizinho tinha uma tafona e fazia farinha de mandioca. O povo fazia puxirão para colher, descascar e moer a mandioca. Às estradas eram feitas todas no braço, cada um ajudava 3 dias por ano. Eu ia a cavalo comprar mantimentos no comércio do Dalmolin em Caiçara e as vezes em Frederico, no moinho do João Cerutti e no comércio do Verginio Cerutti. Nos dias de chuvas eu aproveitava o couro macio para fazer transa. A vida era brava, mas o povo era amoroso”, disse ele. Nesse período, enquanto construía sua casa, morava com sua mana, a ‘Antônia’, que era casa e residia ali perto. Andrey era casado com ‘Celita Gross’, onde teve 13 filhos e reside até os dias atuais no mesmo local, na Linha Canela, Caiçara, RS” (Idem).

Outro depoimento nos vem de Daniel Klimiuk, que assim fala da odisseia enfrentado pelo seu pai Sava [vide] em 1928, no profundo sertão de Frederico Westphalen:

“Com a ajuda da sua esposa Olga, Sava fez um abrigo improvisado para ser ponto de partida para a jornada que vinha pela frente. Aos poucos, com muita fé, coragem e planejamento foi abrindo clareiras na intenção de plantar para garantir a subsistência alimentar. [...]. Assim foi o duro início de quem precisava vencer os obstáculos pela própria sobrevivência. Aos poucos, com a ajuda de Olga e apoio dos vizinhos, a mata foi sendo desbravada. A madeira era aproveitada para edificar abrigos para os animais e aves e a própria casa e demais cômodos. As edificações eram feitas a partir de troncos de árvores transformadas em tábuas, ripas, caibros, tabuinhas, palanques e tapajuntas. O mais impressionante era a obtenção das tábuas. A tora era colocada em cima de um estaleiro, com muita dificuldade. Um trabalhador ficava sobre a tora e outro em baixo

¹⁶ Pesquisa e texto de Jaime Roque Dalmolin, entrevista em Linha Canela-Caiçara, 18.09.2021.

e com um serrote os dois homens, seguindo uma linha traçada por um fio embebido em solução de cal. (...) [Olga] usando máquina de costura manual e agulha de mão, transformava peças de algodão, chita e riscado em peças de vestuário para a turma da família” (KLIMIUK, p. 18).

Que impactos causou na população russa e eslava a participação da URSS na II Guerra Mundial, considerando que suas Pátrias lutavam contra países de onde procediam muitas das famílias vizinhas? Pouco podemos apurar. Mas, ouvimos depoimentos de que, foram tempos difíceis. A proibição do uso das línguas alemã e italiana, provocou que certos “patriotas” que faziam patrulhamento, confundissem com a língua russa, polonesa.... Daí de terem de evitar falar em público e até casos de se esconder. É reveladora esta narrativa de Daniel Klimiuk, referindo-se ao seu pai:

“Sava era referência, único que lia em português e traduzia para outras línguas da comunidade, ajudava a interpretar os textos lidos. Quando ia para o distrito [sede] de Frederico Westphalen, trazia jornais que relatavam notícias gerais e principalmente sobre o conflito da guerra na Europa. A comunidade [de Lajeado Leão-FW] se reunia para saber das novidades. Sava fazia a leitura do jornal e traduzia para os presentes, prosa que ia noite adentro ou os fins de semana pela tarde. Apesar da distância da angústia da hostilidade, cada um dava sua opinião a respeito da brutal crise provocada por fundamentalistas sem levar em consideração o custo humano em termos de vidas e situação precária de sobrevivência. [...] Mas, de qualquer forma, alimentavam a fé de reaver seus entes que ficaram para trás, na esperança do fim dos conflitos nos próximos dias. Assim o tempo passou, e o reencontro não aconteceu. O tempo foi apagando a esperança, e o que ficou em cada um foi a lembrança até os últimos momentos da vida de cada imigrante europeu, que ajudou a transformar a mata do Lajeado Leão [FW] em lavouras de produção de riqueza e alimento” (KLIMIUK, p. 34-35).

No que concerne o tratamento dado pela igreja à população russa, percebemos que não houve qualquer aversão ou preconceito. O primeiro pároco de Barril, como vimos, cuidava para oportunizar que os católicos que não conheciam o vernáculo pudessem se expressar em seu idioma. Num gesto de valorização da etnia russa, em 1934, na festa de São Pedro, no programa do Festival em honra do Papa Pio XI, figurou um “Hino ao Senhor” - dueto russo pelos Srs. Miguel e Maria Janseruch” (Livro Tombo FW, 1, p. 17v).

Bem diferente era a percepção da Igreja frente ao regime comunista russo, o temível “perigo vermelho”, usado, aliás, como cavalo de batalha para persuadir os paroquianos a não votarem aos candidatos com simpatias às causas que remetessem ao bolchevismo. O povo era instantaneamente lembrado do “perigo” que vinha da Rússia. Em julho de 1934 a Cúria Diocesana de Santa Maria enviou uma Circular que determinava “que em todas as paróquias no dia

15 de agosto, Assunção se faça uma soleníssima comunhão geral das crianças em favor das míseras crianças da Rússia”. Nas eleições de 1946, o pároco de Barril escreveu a sua percepção do “perigo russo):

A maior agitação surgiu diante do perigo comunista cada vez mais real e mais ameaçador, em virtude dos meios financeiros que vinham da Rússia para uma propaganda vasta, capciosa e inteligentemente organizada. A Igreja viu o perigo que a ameaçava e que iria dismantelar as tradições cristãs da Pátria. A princípio os Bispos se limitaram a pregar e mandar os padres pregar sobre os males do Comunismo. Depois, certamente instalados também por destacados expoentes do laicato católico, resolveram decretar a reorganização da Liga Eleitoral Católica que já havia prestado bons serviços em eleições passadas. (“A L.E.C. (Liga Eleitoral Católica” na paróquia de Barril, Livro Tombo 1, p. 13v ss).

No fim da II Guerra Mundial, escreveu:

Deseja-se que a “paz justa e duradoura” de Pio XII seja uma realidade. Aqui sempre se tem rezado publicamente nessa intenção. Todavia há nuvens no horizonte da humanidade. Rússia vitoriosa governada pelo comunismo, permanece uma ameaça para a ordem e a estabilidade social. Amanhã talvez se torne necessária nova guerra para abater o dragão bolchevista que vomita a impiedade e a anarquia sobre toda a face da terra. - *Deo Gratias*. (id., p. 19).

5. A SITUAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM RUSSA NA PARÓQUIA DE BARRIL (FW) EM 1943

Por ocasião do décimo aniversário da paróquia de Frederico Westphalen (usamos o primitivo *Barril*, na época mais usado), foi realizado pelo diligente pároco Pe. Battistella e seu coadjutor, um minucioso *Recenseamento da Paróquia de Barril comemorativo do Xº aniversário da criação*.¹⁷ Constituía, então a paróquia, os atuais municípios de Frederico Westphalen, Palmitinho, Caiçara, Vicente Dutra, Taquaruçu do Sul, Vista Alegre e Pinheirinho do Vale.¹⁸ O levantamento

¹⁷ Este circunstanciado recenseamento, além de mostrar a realidade da paróquia neste período, nos aspectos étnico, religioso, econômico e familiar, evidência como o religioso levava a sério a regra acima de conhecer seu rebanho, pois conhecendo o mapa social dos paroquianos, melhor podia controlá-los e projetar suas estratégias em todos os campos de sua atuação. Por exemplo, em se tratando de uma campanha de arrecadação de recursos para uma determinada obra, dispondo dos dados da capacidade de cada lar, não era difícil prever o que podia reunir. Sem falar que, em sabendo a situação financeira de cada família, estas não podiam “sonegar” os auxílios pedidos sem que o padre as descobrisse.

¹⁸ *Recenseamento da Paróquia de Barril Comemorativo do Xº Aniversário de Criação* – Pe. Vitor Battistella, 13.03.1943. “*Barril - Recenseamento da paróquia* - No décimo aniversário da paróquia de Barril, procedeu-se ao recenseamento comemorativo desta data. - Conta a paróquia 10.981 habitantes sendo 5.554 do sexo masculino e 5.427 o sexo feminino. - Das 1.747 casais que a integram: 789 são casados no religioso e no civil: 387 são casados só no religioso: 175 casados só no civil e 103 amasiados. - Quanto à origem étnica, são: 704

objetivava revelar a real situação das famílias da paróquia, daí destacar o Aspecto étnico, ou seja, o seu país de origem, agrupando entre nacionais (Brasil), ítalo, teutos, poloneses e russos.

Dada a aproximação entre poloneses e russos, inserimos os dados dos dois grupos.

O terceiro grupo em proporção na população é a de origem **polonesa**, como se percebe no quadro seguinte:

POLONESES													
Situação Familiar								Sit. Religiosa ¹⁹				Sit. Econômica ²⁰	
Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. só Civil	Cas. só Religioso	Cas. Relig. - Civil	Chefes de família Católicos		Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres
							Fervorosos	Praticantes					
Matriz	40	113	142	-	-	9	34	9	25	6	-	-	16
L. da Figueira	2	3	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	2
Castelinho	1	4	2	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Perau	59	140	126	1	1	15	32	2	37	20	-	-	59
Getúlio Vargas	36	55	56	-	-	4	32	3	27	4	2	-	36
Pinheirinho	1	5	5	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Capivara	1	3	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Chiquinha	30	44	58	-	1	19	10	-	20	10	-	2	28
Total	170	377	292	1	2	49	108	14	114	40	2	26	144

Representa, como se vê, 9,73% das famílias, estando quase toda concentrada em três comunidades, além da Matriz onde representa cerca de 10%. Sobressai, segundo o levantamento de 1943, além disso, a pobreza na maioria dos lares, 84,70%.

famílias nacionais, 764 descendentes de italianos, 85 teutos, 170 poloneses e 24 famílias russas” (*Staffetta Riograndense*, 21.04.1943, p. 4).

19 Na situação religião os critérios usados para a catalogação seguem esta conceituação, elaborada pelo Pároco: a) *Fervorosos*: fiéis a todos os deveres essenciais da Religião, comungam 3 ou mais vezes ao ano; b) *Praticantes*: Cumprem o dever da Comunhão pascal e assistem regularmente à missa dominical; c) *Indiferentes*: não cumprem o dever da comunhão pascal e em geral os outros deveres mais importantes do bom católico.

20 Na *Situação Econômica*, foram seguidos estes critérios: a) *Ricos*: têm mais de 50 mil Cruzeiros de capital; b) *Remediados*: de 10 a 50 mil Cruzeiros de capital; c) *Pobres*: menos de 10 mil Cruzeiros de capital. Em nota, o recenseador lembra que os “cálculos são aproximados”.

OS RUSSOS

	RUSSOS													
	Situação Familiar							Sit. Religiosa				Sit. Econômica		
	Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. só Civil	Cas. só Religioso	Cas. Relig. - Civil	Chefes de família Católicos		Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres
								Fervorosos	Praticantes					
Matriz	2	4	2	-	1	1	-	-	1	1	-	-	-	2
Castelinho	3	4	6	-	1	1	1	-	-	3	-	-	-	3
Getúlio Vargas	13	31	30	1	-	5	7	-	-	8	5	-	-	13
Pedras Brancas	3	6	1	-	1	1	1	-	1	1	1	-	-	3
Lajeado Mendes	1	2	3	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Chiquinha	2	5	7	-	-	2	-	-	-	2	-	-	-	2
<i>TOTAL</i>	<i>24</i>	<i>52</i>	<i>49</i>	<i>1</i>	<i>4</i>	<i>10</i>	<i>9</i>	-	<i>2</i>	<i>16</i>	<i>6</i>	-	-	<i>24</i>

Deste quadro podemos extrair alguns indicativos:

Minoria - A etnia russa na Paróquia de Barril, em 1953, em termos de famílias, representava 1,37 da totalidade de lares, sendo a menor população étnica (24 famílias). Segue-se os teutos com 85 famílias, poloneses com 170, nacionais com 704, e italianos com 764.

A média de filhos e filhas “em casa” nos lares considerados de russos é de 4,2; entre os poloneses 3,93; teutos 4,23; nacionais 3,61; ítalo 5,01. Portanto é a etnia intermediária entre as demais em termos de filhos.

Quanto ao tipo de casamento, vê-se que prevalece o casamento só religioso (matrimônio), mostrando um certo desprezo pelo registro civil – talvez para evitar o fato de identificar-se como “russos”?

Quanto às práticas religiosas, entenderam os recenseadores que das 18 famílias católicas 16 eram indiferentes, ou seja, um tanto distanciados dos sacramentos da Igreja Católica (exceção ao casamento). Quanto as 6 famílias de não-católicos não pudemos descobrir a que Igreja professavam, mas presume-se que seja a igreja ortodoxa russa.

O *Recenseamento* revela que as 24 famílias eram, nos critérios dos pesquisadores, todas pobres.

Por fim, depreende-se do mapeamento que os russos e descendentes tendiam a concentrar-se em um mesmo lugar, formar uma comunidade; sobressaindo a comunidade de Getúlio Vargas (13 lares), que cobria uma região mais vasta, inclusive Lajeado Leão onde localiza-se o “Cemitério dos Russos”. Nota-se, ademais, que na mesma localidade de Getúlio Vargas concentravam-se 36 famílias de origem polonesa, o que nos permite concluir que havia uma identificação entre as duas etnias.

Concluo, estas anotações, que pretenderam resgatar um pouco da história de uma população pouco estudada e ausente até agora na historiografia, com as palavras de um filho de imigrante ucraniano, que bem mostra a percepção dos russos e eslavos da Colônia Guarita:

“Mas, de qualquer forma, alimentavam a fé de reaver seus entes que ficaram para trás, na esperança do fim dos conflitos nos próximos dias. Assim o tempo passou, e o reencontro não aconteceu. O tempo foi apagando a esperança, e o que ficou em cada um foi a lembrança até os últimos momentos da vida de cada imigrante europeu, que ajudou a transformar a mata do Lajeado Leão [FW] em lavouras de produção de riqueza e alimento” (KLIMIUK, p. 34-35).

BIBLIOGRAFIAS

BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado – História de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda., 1969.

KLIMIUK, Daniel. *Menino da roça – as origens e a trajetória de vida de Daniel Klimiuk – a família Klimiuk: da Ucrânia para o Brasil*. S.d. s.l.

**Clemente Trasniviez e esposa e Euclides Stasiak e esposa – entrevistados em 03.12.2024,
Lajeado Leão – F. Westphalen**





A black and white photograph of a metal pushpin pinned to a map. The map shows the outline of Ukraine, with the word "UKRAINE" visible. The pushpin is positioned in the upper right quadrant of the map. The background is a textured, light-colored surface.

IMIGRAÇÃO UCRANIANA



AGENDA PARA ESTUDOS DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Regina Weber¹

São escassas as instituições, antigas ou ainda existentes, auto-declaradas “ucranianas” no Rio Grande do Sul, e, paralelamente são muito poucos os estudos sobre esta corrente migratória. Se imigrantes ucranianos efetivamente vieram em pequeno número para o Rio Grande do Sul, e se, além disso, nem sempre são distinguíveis de poloneses e russos, estudá-los é um empreendimento que faça sentido? Se a resposta for afirmativa, coloca-se uma segunda questão: quais as fontes para tal estudo? Este artigo se propõe a expor os desafios da pesquisa de um grupo de imigrantes que efetivamente existiu e tem descendência, mas cuja presença é difusa, abordando os pontos que seguem: 1) os estudos existentes; 2) efeitos da história ampla na trajetória ucraniana; 3) possibilidades de fontes para estudo da imigração ucraniana no Rio Grande do Sul.

Alguns problemas do estudo da imigração ucraniana são semelhantes ao estudo de outros imigrantes. Os registros numéricos são sempre escorregadios, em grande parte refletindo a situação, do final do século XIX e início do século XX, quando impérios estavam se desfazendo e estados nações estavam se constituindo, ou quando nações buscavam afirmar-se ante a supremacia de vizinhos. As identidades étnicas aceitam identidades híbridas ou a justaposição de macro identidades (árabe) com identidades nacionais (libanês), mas nações, fomentadoras de identidade políticas, nem sempre convivem pacificamente com estas manifestações étnico-culturais, suspeitas de gerar o separatismo. Sob este ponto de vista, a história da Ucrânia tem pontos muito semelhantes com a da Polônia, mas tem peculiaridades que precisam ser conhecidas, pois influenciaram a vida dos emigrados.

Se a identidade de um imigrante no país de acolhida é uma identidade étnica, não podemos nos esquecer de se tratam de representações socialmente construídas, mesmo que no imaginário popular ou até no acadêmico a etnia possa assumir uma fixidez, pois “as práticas e os processos de migração têm uma forma estranha de essencializá-la” (Fox; Jone, 2013, p. 385).

¹ Graduada e mestre em História (Unicamp) e doutora em Antropologia Social (UFRJ). Docente do Departamento de História da UFRGS. E-mail: regina.weber@ufrgs.br.

O QUE ESTÁ PUBLICADO

Para um estudo de imigrantes que ingressaram no Estado do Rio Grande do Sul há mais de um século, o livro *Gênesis* (APERS, 1993), que converteu em publicação um códice com registros dos imigrantes entrados no Estado do Rio Grande do Sul entre 1891-1892, é um ponto de partida. Num conjunto de três mil registros de grupos familiares ou imigrantes avulsos, em meio a um predomínio da nacionalidade italiana, encontramos muitos alemães, espanhóis, austríacos, poloneses, suecos, belgas e outros, entre os quais não consta nenhum ucraniano. Isolado, um jovem russo solteiro chega em 1891 (APERS, 1993, p. 99). Tudo indica que não havia movimento migratório ucraniano para o sul do Brasil, na década de 1990, que alimentasse sucessivas correntes. Esta é a constatação de um texto indispensável para o conhecimento das imigrações eslavas, os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil, cuja edição original é de 1927, comentado abaixo.

Se for plausível associar os “rutenos” aos ucranianos, encontramos registros efetivos de sua presença no fim século XIX no Rio Grande do Sul. Esta associação entre os termos é efetivamente realizada pelos acadêmicos que estudaram a imigração ucraniana no Paraná. O religioso Valdomiro Burko da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) afirma que o termo “Rutênia” é sinônimo da Ucrânia, sobretudo Ocidental, e, em nota, acrescenta a informação de que Camões distinguiu “os Ucranianos dos Russos, chamando os primeiros Ruthenos e os segundos Moscos” (Burko, 1963, p. 19). Ao denominar “rutenos/ ucranianos” um grupo de emigrados do final do século XIX e instalados numa colônia do sul do Paraná, Maria Luiza Andreazza (1996, p. 3) lembra que a e/imigração, embora tenha favorecido a reformulação de significados do grupo, as mudanças que ocorreram fundamentaram-se numa tradição comum. Segundo suas pesquisas, a expressão “rutenos” era predominante, dando lugar, no avançar do século XX, à denominação “ucraniano”.

Com este aval trazemos o relato do Padre Cuber (1975, p. 26), que descreve, em 1898, a Colônia de Ijuí, onde foi pároco. Havia ali 20 famílias “uniatas” rutenos da Galícia. Na definição do tradutor do opúsculo, Edmundo Gardolinski, os rutenos pertenciam ao conjunto dos Uniatas, “igrejas orientais que aceitam os dogmas católicos e a supremacia do Papa, porém mantendo sua própria liturgia”.

A Galícia é uma região histórica tanto da Polônia quanto da Ucrânia. Dela vieram os imigrantes estudados por Andreazza. Na nota do tradutor de Cuber: de reino medieval, com capital em Lwów, foi incorporada à Polônia e, quando esta foi ocupada no final do século XVIII, passa ao domínio Austro-Húngaro; com a derrota deste no final da I Guerra, retorna à Polónia; ao final

da II Guerra, a Galícia Oriental (Lwów/Liv) é incorporada à Ucrânia (URSS). O vai e vem da Galícia é um destes fatos incontornáveis para quem estuda as imigrações polonesas e ucranianas. Dali vieram líderes da causa polonesa no Brasil (Weber, Trindade, 2016) e também ucranianos étnicos. Porém, estando a Galícia sob dominação da Áustria, o incentivo aos poloneses por parte dos governantes Habsburgos levou a confrontos entre poloneses e ucranianos na segunda metade do século XIX, o que não deixou de alimentar o movimento nacionalista ucraniano (Subtelny, 1994, p. 315, 330).

Ao periodizar a emigração polonesa ao Brasil, Gluchowski, cônsul no Brasil da novel República polonesa, situa um terceiro período a partir de 1896: “A imigração se processa quase que exclusivamente da Galícia Oriental, e os poloneses são apenas parte desse movimento, sendo a parte principal do elemento migratório constituída de ucranianos, que nesse período entram em cena pela primeira vez” (Gluchowski, 2005, p. 36). O autor consegue distinguir, genericamente, poloneses de ucranianos, pois são comuns termos como “polono-ucraniana” ou “poloneses e ucranianos da Galícia Oriental”, indicando a preponderância deste ou daquele grupo. Porém, estamos falando basicamente do Paraná. Para o período de 1895-1914, Gluchowski (2005, p. 46) estima a imigração ucraniana para o Brasil em 32.095 pessoas, das quais a imensa maioria se estabeleceria no Paraná e uma parcela pequena, 1.500 indivíduos, em “outros estados”, sobretudo Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

No capítulo 2, que trata do “momento atual”, década de 1920, portanto, a presença ucraniana se amplia em Santa Catarina (6.300 “almas”), porém há uma categórica afirmação sobre o Rio Grande do Sul: “não há ali nenhuma colônia ucraniana, com exceção de indivíduos ou de famílias isoladas que não se apresentam como ucranianos e que em todo o caso não são considerados como tais” (Gluchowski 2005, p. 102-103). Os termos “não se apresentam” e “não são reconhecidos”, nos remetem à teoria da etnicidade no que tange à endo e exo identificação (Poutignat, Streiff-Fenart, 1998, p.146). Mesmo os milhares de ucranianos do Paraná e Santa Catarina são acrescentados à conta dos poloneses “por nos serem próximos pela língua e pelos costumes”. Em outra passagem, referindo-se a colônias paranaenses, Gluchowski (2005, p. 198) afirma que o termo “polacos” engloba poloneses e ucranianos. Em suma, este indispensável livro, que reúne estudos e testemunhos, pela própria dificuldade em distinguir poloneses e ucranianos, tende a subsumir os últimos entre os primeiros, o que não deixa de refletir o quadro nacional europeu, ou seja, e o triunfalismo da nação polonesa renascida e a Ucrânia incorporada à URSS.

Na década 1950, dois artigos da Enciclopédia Rio-grandense falam dos ucranianos, repondo almas que Gluchowski não enxergava. Ao questionar

dados oficiais de imigrantes “russos”, em busca de números de poloneses “súditos do Tzar” até 1918, Gardoliski (1956, p. 6) afirma que, em suas andanças pelo interior do Rio Grande do Sul, nunca encontrou “colonos de nacionalidade russa ou falando o idioma de Tolstoi”, e, por outro lado, encontrou “o elemento de origem eslava falando a língua polonesa, ou então, os idiomas ucranianos e ruteno (bialoruski). Provavelmente seguindo as pistas de Gluchowski, Gardolinski situa os meados da década de 1890 como marco da chegada dos primeiros “rutenos”, composto por “dois grupos distintos falando, entretanto, dialeto muito semelhante: rutenos brancos (Bialorusini), e russos (Rusini) chamados ucranianos”. O tradutor de Gluchowski já advertira que, no original, os ucranianos emigrados da Galícia eram chamados de “Rusini” e que, atualmente se diria “Ukraincy” (Kawka, 2005, p. 19). A presença de bielorrussos, um dos termos nesta variedade étnica, é algo que demanda estudos.

No volume 4 da Enciclopédia Rio-grandense, o título do artigo de Nikifor Haczkievicz, Igreja Evangélica Russo-Ucraniana, já nos alerta para uma conjugação de grupos imigrantes. Nesta narrativa, cuja cronologia é pouco clara, ucranianos e russos aparecem como vítimas da ocupação pela Polônia após a I Guerra Mundial e, aqui no Brasil, de outros males:

Os que fugiram depois da guerra de 1914-1918, radicaram-se inicialmente nas colônias situadas nos municípios de Santa Rosa e Ijuí, como Povoado dos Pratos, Barra Seca e outras, onde foram deixados sem assistência alguma, e, conseqüentemente, horivelmente dizimados por doenças e outros flagelos. Os que se salvaram, com o tempo, mudaram-se para as cidades, fixando-se inclusive na capital do Estado (Haczkievicz, 1957, p. 312).

Segundo Haczkievicz, os ucranianos dividem-se, em termos de credo, em católico-romanos, ortodoxos (*pravoslavnyi*) e evangélicos, além de outros grupos menores. A Igreja Russo-Ucraniana de Porto Alegre foi fundada pelos evangélicos. Tendo iniciado seus cultos em uma residência, os fiéis conseguiram uma sala com a Igreja Evangélica Betél (Batista). O templo próprio só passou a ser construído em 1949 (Haczkievicz, 1957, p. 313). Em narrativas de viés religioso sempre vamos encontrar a contraposição com o comunismo russo. Um dos membros da comunidade que muito se empenhou para a construção do templo é “natural da Rússia, brasileiro naturalizado, que fugiu da Rússia vermelha através da China, em 1932” (Haczkievicz, 1957, p. 314).

Na década de 1960, a obra do basilesta Valdomiro Burko, ainda que destaque a imigração ucraniana para o Paraná, traz dados sobre a presença do grupo no Rio Grande do Sul:

Mais uma onda de imigração em massa dava-se a partir de 1908 até 1914, constituída sempre, na sua maioria, de oriundos da Galícia. Serviu de motivo para esta nova grande leva a campanha brasileira para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul. [...]. Formaram-se, então, novos núcleos coloniais nos Estados do Paraná e de Santa Catarina, como também no Rio Grande do Sul, onde se podem citar: Guarani, Campinas, Ijuí, Jaguari e Erechim (Burko, 1963, p. 49).

Em termos numéricos, as estatísticas de Burko (1963, p. 49) englobam períodos diferentes de outros autores. De qualquer modo, no período 1908-1914, apenas 1.500 imigrantes ucranianos teriam se deslocado para o Rio Grande do Sul e outros Estados. A Ligeira Estatística do Setor Educativo (Burko, 1963, p. 75) registra a Casa da Criança “São Paulo” e Ginásio, dirigidas pelas Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria, ou seja, uma instituição escolar e uma ordem religiosa feminina (católica), funcionando na capital do Estado, Porto Alegre. Segundo o autor, o Rio Grande do Sul também teria criado filiais da União Agrícola Instrutiva, reativada em 1947, e da Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, criada no mesmo ano de 1947, ambas em Curitiba (Burko, 1963, p. 83). Entidades étnicas, ao deixar documentos, são um embrião de pesquisas históricas.

Já na década de 1990, a dissertação de Márcia Andréa Schmidt da Silva “Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)” enfoca imigrantes russos e ucranianos do pós-Segunda Guerra Mundial, e a proximidade de ambos os grupos é dada por sua origem, uma mesma raiz étnica – eslavos e citas (Silva, 1996, p. 15), pela busca de se livrar da opressão stalinista e por terem obtido auxílio de alemães nazistas para serem conduzidos para fora de seus países como refugiados de guerra (Silva, 1996, p. 47). O que não os livra de serem vistos como oriundos do país “comunista”. A maioria estabeleceu-se no 4º Distrito, zona industrial da cidade. A partir de 1950 inicia a construção do edifício da Igreja Ortodoxa Russa, de rito bizantino, congregando russos e ucranianos (Silva, 1996, p. 78). A autora chega a sugerir o surgimento de uma “nova etnia”, amparada no destino histórico comum e na igreja ortodoxa:

O grupo cresceu e resolveu fundar a Sociedade Ucraniana, no bairro Floresta. Esta não prosperou, pois, o grupo era etnicamente novo, não estava dividido pela origem, mas sim pelas condições de emigração e pela religiosidade. [...]

Por esta razão fecham o grupo, constituindo uma nova etnia. Problemas que afastaram russos e ucranianos na terra de origem aproximaram os mesmos na terra de outrem. Unem-se para a sobrevivência cultural. Não há mais necessidade de disputas territoriais, ambos nutrem repulsa pelo socialismo, o que os torna próximos (Silva, 1996, p.78-79, 89).

Mais recentemente uma pesquisa sobre trabalhadores deu conhecimento da entidade União e Luz Operária Russo-Branca/Ucraniana de Porto Alegre,

em 1932, fechada pela polícia em 1935 sob a acusação, não comprovada, de ser uma “missão soviética”, o que é contraditório com o enaltecimento, por parte de membros da entidade, de um líder nacionalista ucraniano do século XIX (Fortes, 2004, p. 147-148, 152). Ucranianos e bielorrussos também representam 43% e 40% dos sócios da Sociedade Eslava, fundada em Porto Alegre em 1943 (fechada em 1946), com baixa proporção dos autoidentificados “russos” (3%). Neste caso, a entidade tinha caráter comunista, fortalecido pelo apoio soviético ao movimento pan-eslavista (Fortes, 2004, p. 141, 163–164).

Em um momento anterior à fundação destas entidades, a Chefatura de Polícia de Porto Alegre em 1930, objetivando expulsar estrangeiros acusados de atividades comunistas, efetivamente associava “russo” com “agentes soviéticos”, mesmo que o local de nascimento dos acusados não fosse a Rússia (em geral, Ucrânia), e a identidade principal era a de “judeus” (Fortes, 2004, p. 136–138). Esta menção a de judeus e/ou ucranianos pode ser esclarecida com uma obra de 2006, publicada em português em 2016. Falando das primeiras décadas da Polônia independente, Jerzy Mazurek situa judeus e ucranianos como “minorias nacionais”, as quais são identificadas pela religião, não pelo passaporte:

Segundo o *Pequeno Anuário Estatístico*, nos anos 1927-1938 viajaram da Polônia ao Brasil 32.100 pessoas, das quais 13.000 (40,50% do total) declararam a religião mosaica, 2.800 (8,73%) a greco-católica, 1.900 pessoas (5,92%) a evangélica, e cerca de 100 pessoas (0,31%) declararam outra fé. Desses dados resulta – se admitirmos que os adeptos da religião mosaica fossem os judeus, e os greco-católicos e ortodoxos, ucranianos – que entre os emigrantes a grande maioria era representante de minorias nacionais (cerca de 70%) (Mazurek, 2016, p. 72).

Temos observado os ucranianos em estudos e memórias sobre poloneses. Como seria previsível eles vão estar também entre os “russos” do Rio Grande do Sul, contribuindo para dificultar a delimitação da “imigração efetivamente ‘russa’ para o Brasil, em termos de indivíduos que fossem emigrados do Império Russo ou da URSS e que não reivindicassem outra nacionalidade, tais como a polonesa, ucraniana, bielorrussa, judaica” (Weber, Gritti, 2022, p. 274). As autoras constataram que emigrados “ucranianos”, reverberando o passado dos povos do Império, “batizavam suas entidades de ‘russas’, assumindo identidades justapostas de modo não conflitante” (Weber, Gritti, 2022, p. 284). Mas se hoje existem tanto Rússia como Ucrânia, a história da imigração ainda está impregnada da “indivisível”² Rússia. Num livro recente, intitulado *A imigração russa no Rio Grande do Sul* (Zabolotsky, 2007), os ucranianos são presença recorrente.

2 O apoio à uma “indivisível Rússia” foi a resposta francesa para não apoiar a autonomia ucraniana em 1918 (Subtelny, 1994, p. 352).

UM CONTEXTO HISTÓRICO QUE DESAFIA INTERPRETAÇÕES

A Ucrânia voltou a estar na cena de conflitos internacionais, o que gera interpretações que revisam seu passado para embasar argumentos que não são unívocos. Estas leituras não deixam de nortear o modo como se lê a imigração ucraniana para o Brasil, pois como vimos acima, os próprios narradores da imigração trazem sua versão do efeito dos acontecimentos europeus sobre os emigrados. Assim, qualquer pesquisador da imigração ucraniana deve buscar conhecer o passado da Ucrânia, principalmente os momentos históricos de afirmação de sua autonomia.

A história pode demonstrar que, independente de antigas dominações de poloneses, otomanos e austro-húngaros sobre seu território, há populações que passaram a denominar a si próprias “ucranianas” e sua pátria como “Ucrânia”,³ sendo o final do século XIX o momento referencial (Szporluk, 1997, p. 87–88). Ainda antes disso, a Pequena Rússia, denominação do nordeste da Ucrânia a partir do século XVIII, permanecia como uma nação ucraniano-cossaca, com seu próprio governo e instituições (Szporluk, 1997, p. 93). Os cossacos eram homens livres, sem senhor, os quais, sem um lugar bem definido na sociedade, viviam em sua periferia. Tornaram-se mais numerosos no século XVI e eram associados aos rios, como o Dnieper (Subtelny, 1994, p. 108).

Um momento distintivo da história ucraniana é, justamente, a que o historiador Subtelny (1994, p. 111) denomina A Era Cossaca, acompanhando este grupo desde suas primeiras manifestações, assinalando o século XVI como o momento em que os cossacos passam a ter reconhecimento por repelir Tártaros e Otomanos, e descrevendo sua perda de autonomia ao longo do século XVIII por ações de governantes russos interessados no controle da região. Uma destas ações do Império russo foi colocar-se sobre todos os ortodoxos, diminuindo o papel cultural da igreja ortodoxa entre os ucranianos, outrora fortalecida como uma marca distintiva com relação ao catolicismo polonês (Subtelny, 1994, p. 193). No movimento nacionalista do século XIX, a referência cultural aos cossacos se fará presente (Subtelny, 1994, p. 231, 235). Mas estas ações culturais, no final do século XIX, sofrem a repressão imperial que busca eliminar tudo – ensino, músicas, livros, jornais – que expressasse “ucraniofilia” (Subtelny, 1994, p. 283).

Após o colapso do regime czarista, os ucranianos estabelecem sua própria organização central, a Rada (Conselho, equivalente a Soviet), que passa a atuar como uma espécie de Parlamento ucraniano, porém sem apoio de alguns grupos étnicos da Ucrânia: russos conservadores, russos radicais e judeus. Em 23 de junho de 1917, um manifesto defende uma Ucrânia livre, totalmente separada da Rússia

3 O primeiro registro do termo “Ucrânia” está em crônicas do ano 1187, usado com um sentido geográfico para referir terras na periferia de Kiev (Subtelny, 1994, p. 23).

(Subtelny, 1994, p. 345-6). Os bolcheviques no poder a partir de outubro se opõem ao movimento ucraniano e no final de 1917 suas tropas invadem a Ucrânia; os ucranianos não só não conseguem ajuda exterior (França) como vêem sua nação repartida em esferas de influência de alemães e austríacos pelo Tratado de Brest-Litovsk, pelo qual a Rússia abandona a guerra em 1918 (Subtelny, 1994, p. 349-53). No ano seguinte, ao final da I Guerra, a ratificação do fim do Império Austro-Húngaro tornou a Galícia região sob domínio da independente Polônia; como vimos, seria necessária mais uma guerra mundial para a Ucrânia, então república da URSS, receber a Galícia oriental em 1945 (Cuber, 1975, p. 26).

Este breve relato mostrou parcialmente o movimento de grupos e nacionalidades no leste europeu, que se reflete em denominações diversas as quais podem ser encontradas em documentos de estudo ou memórias de emigrados. Estudiosas da diáspora russa formataram uma categorização que pode ser operacional para quem pesquisa a imigração ucraniana: *russkij* para os russos étnicos, e *rossijskij* para os exilados originários do Império Russo/URSS/Rússia multinacional (Sorokina; Sagdejeva, 2014, p. 76). Para o segundo grupo, as alternativas de expressão em português são “demais russos” ou “russos periféricos”. De qualquer forma, a melhor denominação é aquela que nossas fontes revelarem.

O que vimos até aqui são marcos de identidade étnica ucraniana que extrapolam os dados censitários atribuídos a este grupo e contradizem alguns líderes de grupos imigrantes majoritários, como os poloneses, que supunham os ucranianos na conta de seu país. A demarcação étnica “ucraniana”, associada, em algumas ocasiões, com a designação “eslava”, vai aparecer na organização sindical, na constituição de sociedades e na criação de igreja no Rio Grande do Sul. Mesmo que às vezes estejam entre russos e poloneses, eles também demarcaram sua identidade.

FONTES E POSSIBILIDADES

A coleção digitalizada da Biblioteca Nacional não dispõe de dois jornais que sempre traziam notícias sobre os imigrantes no Rio Grande do Sul como o *Correio do Povo* (Porto Alegre) e o *Correio Serrano* (Ijuí), para citar dois periódicos impressos em português. Mas estas publicações devem ser consultadas para o caso da imigração ucraniana. Uma notinha de 1945 do *Correio do Povo*, com o título “Sociedade Eslava” informa que esta sociedade está organizando um comitê para angariar donativos para as populações eslavas.⁴ Outra nota, de 1952, cujo título C. C. de Imigração nos faz deduzir que seja Conselho Consultivo de Imigração, divulga a posse da nova diretoria, com representantes

4 *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 ago 1945, p.3, n. 254, v. 50.

da Assembléia Legislativa, da Câmara Municipal, Cruz Vermelha Brasileira no RS, e da indicação de “representantes das seguintes nacionalidades no Conselho Deliberativo: albaneses, búlgaros, gregos, ucranianos católicos e ortodoxos e espanhóis (podendo-se estender outras vagas a outras nacionalidades)”.⁵

Outros jornais gaúchos, em versão digitalizada e disponibilizada na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, demonstram um acompanhamento da situação europeia na qual os ucranianos/rutenos aparecem como vítimas do governo russo, bolchevique ou stalinista. Em uma reportagem de 1946, destacamos a ordem de São Basílio, da qual teriam sido encarcerados 170 monges: “Pelas últimas notícias provenientes da Ucrânia Ocidental, sabe-se que desde setembro último foram mortos cerca de sessenta sacerdotes rutenos. Mais de mil foram encarcerados ou deportados”.⁶ Outra notícia, de 1952, traz a manchete “Expurgo russo no nacionalismo ucraniano”, replicando um jornal londrino, segundo o qual o próprio secretário do partido vermelho ucraniano recomenda uma reeducação dos membros do partido, da imprensa e do ensino.⁷

Publicações periódicas mais recentes estão acessíveis em formato digital e são de alcance mais ágil. Por exemplo, encontramos notícias sobre a mobilização de imigrantes ucranianos por ocasião da invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022, cujo elemento agregador é a Paróquia Ortodoxa Ucraniana Santíssima Trindade, na cidade de Canoas. A reportagem traz relatos semelhantes aos colhidos por Márcia Schmidt da Silva e afirma que esta paróquia, sediada no bairro Niterói, em Canoas, é o único núcleo ucraniano-brasileiro do Rio Grande do Sul (Peixoto, 2022). Mas pode não ser o único lugar onde existam descendentes.

Publicações memorialísticas e a chamada historiografia local certamente são obras que devem ser localizadas e compiladas. Este recurso foi ampliado com as postagens em formato digital. Por exemplo, usando um buscador de internet, encontramos uma página da mencionada Igreja Ortodoxa Ucraniana Santíssima Trindade de Canoas, vinculada à Eparquia Ortodoxa Ucraniana da América do Sul.⁸ Por sua vez, a página da EXPOFEST de Ijuí divulga, em dezembro de 2023, o comunicado da União das Etnias de Ijuí (UETI) o qual anuncia a criação “5 novos Núcleos Étnicos: Argentinos, Uruguaios, Tchecos, Ucranianos e Norte-americanos”.⁹ Identidades são recuperadas a posteriori e,

5 **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 jan. 1952. Diversas, p. 6. n. 94.

6 **O Momento**. Caxias do Sul. 12/10/1946. n. 705.

7 **Jornal do Dia**. Porto Alegre. 08/04/1952. n. 1560. p.1

8 Canoas/RS. Igreja Ortodoxa Ucraniana: espírito comunitário. In: **Eparquia Ortodoxa Ucraniana da América do Sul**. Disponível em: <https://eparquia.wordpress.com/diretorio/a-paroquia/>.

9 EXPOFEST IJUÍ realiza prestação de contas. 04/12/2023. Disponível em: <https://expofestiju.com.br/expofest-ijui-realiza-prestacao-de-contas/>

em benefício da história, mesmo com seleções e esquecimentos, memórias e documentos são salvaguardados. Esta identidade ucraniana em construção em Ijuí, que pode ancorar antepassados no final do século XIX, provavelmente terá diferenças com a que se manifesta em Canoas.

Estes exemplos acima, que não apontam nenhum volume substancial de documentos, visam, ainda assim, incentivar uma varredura em jornais regionais e locais e páginas da web, os quais podem tanto trazer menção a entidades e ações de grupos de ucranianos ou então mostrar a visão da Ucrânia e de suas conjunturas que circulava na sociedade local em determinado período.

Por ser uma fonte muito valiosa, sempre que possível a história oral deve ser praticada, com descendentes de imigrantes ucranianos ou mesmo com imigrantes da segunda metade do século XX que estejam acessíveis. A dissertação de Márcia Andréa Schmidt da Silva (1996) foi feita com entrevistas de imigrantes que ingressaram na década de 1940 no estado como refugiados.

Se não é expressiva, a imigração ucraniana também não é inexistente. Estudá-la é um desafio para cujo enfrentamento é preciso usar todos os recursos disponíveis ao historiador.

REFERÊNCIAS

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: estudo de um grupo imigrante ucraniano: 1895-1995. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 1996.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). **Gênesis**. Etnias no Rio Grande do Sul: Registro dos imigrantes entrados no Estado do Rio Grande do Sul 1891 - 1892. Porto Alegre: EST, 1993.

BURKO, Valdomiro. **A imigração ucraniana no Brasil**. Curitiba: Gráfica da OSBM, 1963.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre. 1945-1952

CUBER, Pe. Antoni. **Nas margens do Uruguai**. Ijuí, Museu Antropológico Diretor Pestana, 1975 [1898]. 47 p.

EPARQUIA ORTODOXA UCRANIANA DA AMÉRICA DO SUL. **Patriarcado Ecumênico de Constantinopla**. Disponível em: <https://eparquia.wordpress.com/>. Acesso em 25 jan 2025.

EXPOSIÇÃO FESTA INTERNACIONAL DAS ETNIAS - EXPOFEST IJUÍ. Expofest Ijuí realiza prestação de contas. 04/12/2023 Disponível em: <https://expofestijui.com.br/expofest-ijui-realiza-prestacao-de-contas/>. Acesso em 25 jan 2025.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOX, Jon E.; JONE, Demelza. Migration, everyday life and ethnicity bias. **Ethnicities**. v. 13, n. 4. 2013. p. 385–400.

GARDOLINSKI, Edmund. Imigração e colonização polonesa. In: K. BECKER (org.), **Enciclopédia Rio-grandense**. Canoas, Regional, v. 5, 1956. p. 1-104.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005 [1927].

HACZKIEWICZ, Nikifor. Igreja Evangélica Russo-Ucraniana. In: K. BECKER (org.), **Enciclopédia Rio-grandense**. Canoas, Regional, v. 4, 1957 p. 310-314.

JORNAL DO DIA. Porto Alegre. 08/04/1952. n. 1560. p.1. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira.

KAWKA, Mariano. Palavra de tradutor. In: GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005 [1927]. p. 19–20.

MAZUREK, Jerzy. **A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

O MOMENTO. Caxias do Sul. 12/10/1946. n. 705. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira.

PEIXOTO, Jean. Região Metropolitana. Notícia. Comunidade ucraniana no RS faz manifestação em Canoas pedindo paz. **GZH**. 03/03/2022. Disponível em: Comunidade ucraniana no RS faz manifestação em Canoas pedindo paz | GZH Acesso em 25 jan 2025.

POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)**. 1996. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SOROKINA, Marina; SAGDEJEVA, Alevtina. Émigration, étranger ou diaspora? **Revue d'études comparatives Est-Ouest**, v. 45, n. 2, p. 69–93, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27026977>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SUBTELNY, Orest. **Ukraine**, A History. 2 ed. Toronto: University of Toronto Press, 1994 [1988].

SZPORLUK, Roman. Ukraine: From an Imperial Periphery to a Sovereign State. **Daedalus**, v. 126, n. 3, The MIT Press, 1997, p. 85–119. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20027443>>. Acesso em 20 jun. 2022.

WEBER, Regina, GRITTI, Isabel Rosa. Imigração “russa” no sul do Brasil: esboço de interpretação. **Antíteses**, Londrina, v.15, n. 30, p.263-291, jul-dez. 2022. URL: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/46315>.

WEBER, Regina, TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. Imigrantes poloneses no Brasil no contexto da dominação austríaca. **Revista del CESLA**, n. 19, 2016, p. 269-289. <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/issue/view/1>.

ZABOLOTSKY, Jacinto Anatólio. **A imigração russa no Rio Grande do Sul**: os longos caminhos da esperança. Santa Rosa, RS: Coli Gráfica e Editora, 2007.

IMIGRANTES UCRANIANOS NO SUL DO BRASIL

Antonio Marcos Myskiw¹

Já faz algum tempo que nutríamos vontade de escrever sobre a imigração ucraniana e polonesa no sul do Brasil, sobretudo por ser descendente de imigrantes ucranianos pela família paterna e descendente imigrantes poloneses pela família materna. Ao contrário de meus pais que ainda falavam e compreendiam a língua ucraniana e polonesa, a minha geração não foi incentivada a aprender e cultivar de forma intensa e cotidiana os modos de fala, os dialetos, os hábitos alimentares e as tradições ancestrais ucranianas e polonesas, em parte pelos pais e avós terem receio de, a exemplo da política nacionalista implantada no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), ocorrerem perseguições, discriminações, violências e expulsões do país aos falantes de língua não portuguesa. Por outro lado, o fato dos pais e avós não incentivarem a valorização, o aprendizado e a apropriação dos distintos elementos que caracterizam as identidades culturais e étnicas ucranianas e polonesas pode ter sido uma estratégia adotada por eles visando o abasileiramento das novas gerações de filhos, nascidos a partir da década de 1970. Quando muito, possivelmente pela ausência de nossa curiosidade, aprendemos algumas palavras, práticas culturais e o gosto por alguns alimentos típicos ucranianos e poloneses. No entanto, o nome de família permaneceu e, com certa frequência, há quem pergunte a origem do nome.

Meu avô paterno, João Myskiw (1913-1988) nasceu em Prudentópolis/PR, filho de Antonio Myskiw (nascido em 1882, na região da Galícia/Ucrânia) e Magdalena Harbatio (nascida em 1886, na região da Galícia/Ucrânia) e irmão de outros 11, todos nascidos na mesma localidade. Antonio e Magdalena migraram ainda crianças para o Brasil, em companhia de seus pais (Frederico Myskiw e Maria Myskiw; Jakem Horbatei e Warvara Horbatei) e irmãos (João Myskiw e Basílio Myskiw), durante a primeira grande onda migratória para o Brasil em fins do século XIX e os primeiros anos do século XX, desembarcando no porto de Paranaguá em 1897 e, após o período de quarentena, receberam terras para

1 Doutor em História. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), no campus Chapecó, da UFFS. E-mail: amyskiw@uffs.edu.br.

morar e cultivar na povoação de São João de Capanema, que, em 1906, passou a ser denominada de vila Prudentópolis, distrito de Guarapuava/PR. Minha avó paterna, Rosa Kubasiewicz (1928-2013) nasceu em Prudentópolis/PR, filha de Hilario Kubasiewicz e Maria Veres, também imigrantes ucranianos da região da Galícia, cujo casamento com João Myskiw ocorreu em Prudentópolis no dia 03 de abril de 1945, e pouco tempo depois migraram para a povoação de Cantagalo, distrito de Laranjeiras do Sul/PR. Desta união nasceram Paulo Myskiw (1946-1990), Balbina Myskiw (nascida em 1947) e Nestor Myskiw (1949-2014), este último, meu pai.

Meu avô materno, Teodoro Frydryszewski (1906-1978) nasceu em Passo Fundo/RS, filho de Andrzej Frydryszewski (1860-1939) e Konstancja Lichoka (1866-1945) e irmão de outros 5, alguns nascidos em Porto Alegre/RS, em Osório/RS e em Laranjeiras do Sul/PR. Andrzej e Konstancja nasceram na região da Masóvia, Polônia, e migraram com seus familiares para o Brasil em 1889, tendo desembarcado no Rio de Janeiro e, após o período de quarentena, seguiram de navio para Porto Alegre/RS. Meus bisavós maternos casaram em 1891, na Colônia Santo Antonio da Patrulha (hoje Riozinho/RS), mais tarde migraram para a Colônia Guaporé e, alguns anos depois, reemigraram para a Colônia Amola Faca (hoje Virmond/PR), distrito de Laranjeiras do Sul/PR. Minha avó materna, Anna Cherpinski (1911-1999), nasceu na Colônia Água Branca (hoje São Mateus do Sul/PR), filha de Francisco Sierpiński e Marianna Szkólna, imigrantes poloneses que migraram para o Brasil em 1892, tendo outros 9 filhos em território brasileiro além de Anna. Anna Cherpinski casou com Teodoro Frydryszewski, em Virmond, no ano de 1928, e tiveram 13 filhos, dentre eles, Leocádia Fredrecheski (nascida em 1949), minha mãe, todos nascidos no distrito de Virmond (hoje município de Virmond/PR), na época, município de Laranjeiras do Sul/PR.

O que esse relato pessoal possibilita refletir sobre os processos migratórios rumo ao sul do Brasil? A primeira informação é de que os territórios ocupados e cultivados pelos povos ucranianos e poloneses, entre 1795 e 1918, pertenciam ao Império Austro-húngaro e possuíam semelhanças étnicas, falavam dialetos do russo e compunham, com outras etnias, uma população de base étnica eslava. Os ucranianos e poloneses eram, em sua maioria, camponeses sobrevivendo de forma precária do que a terra produzia. Maria Luiza Andreaza comenta que a região da Galícia (situada hoje na parte ocidental da atual Ucrânia) era, em fins do século XIX, a região mais populosa do Império Austro-húngaro, com aproximadamente 5 milhões de habitantes. Nessa região, os poloneses representavam 40% e os rutenos outros 40%. A população restante dividia-se majoritariamente entre judeus e alemães.

Os poloneses concentravam-se na Galícia Ocidental, onde eram, tanto proprietários de terras, quanto camponeses sem terra. Já, na Galícia Oriental, judeus, alemães e poloneses ainda que em minoria, constituíam a nobreza detentora das terras (ANDREAZZA, 1999, p. 17). Já os rutenos (outro nome dado aos ucranianos) que ocupavam a parte oriental, desde 1848, não viviam mais sob o regime de escravidão, mas as lembranças do passado assolavam suas memórias. Eis um dos motivos que os impulsionaram a migrar para o continente americano com o objetivo de serem livres e senhores de terras para cultivar.

Figura 01 – Mapa da Galícia



Fonte: MORSKI, Luca. **Under the southern:** a collection of accounts and reminiscences about the ukrainian immigration in Brazil, 1891-1914. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000. p.3.

A historiadora Oksana Boruszenko pontua que houve três ondas migratórias de ucranianos para o sul do Brasil: a primeira onda iniciou em 1891, com a chegada de oito famílias vindas da Galícia, assentadas na colônia Santa Bárbara, próximo ao município de Palmeira, situado entre Curitiba e Ponta Grossa. Um contingente maior de ucranianos chegou ao Paraná entre os anos 1895 e 1899. Valdomiro Burko, em seus estudos sobre a imigração ucraniana para o Brasil, aponta que em três anos aproximadamente 20 mil ucranianos desembarcaram em terras brasileiras. Em 1895, desembarcaram nos portos de Paranaguá e Santos, vindos da Galícia, cerca de 5.500 ucranianos, seguindo daí para os arredores de Curitiba. Dos que chegaram em 1896, 1500 famílias (aproximadamente 8.000 pessoas) se dirigiram para a colônia São João de Capanema (que mais tarde passou denominar-se de Prudentópolis) e seus arredores; 800 famílias estabeleceram-se nos arredores de Marechal Mallet e Dorizon; 2.000 imigrantes fixaram-se na colônia de Água Amarela (hoje Antônio Olinto); 80 famílias em Jangada (União da Vitória, Porto União, General Carneiro e Cruz Machado); 200 famílias fixaram-se na colônia Iracema (hoje distrito de Itaiópolis/SC). Entre os anos de 1897 e 1899, desembarcaram no Paraná mais 300 famílias ucranianas que, posteriormente, reemigraram para os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul para trabalhar na construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. (BURKO, 1963, p. 49)

A segunda onda migratória ocorreu entre os anos de 1908 e 1914, tendo chegado ao Brasil 18.500 ucranianos provenientes da Galícia. Segundo Boruszenko, os imigrantes ucranianos que migraram para o Paraná, neste período, o fizeram pela intensa propaganda realizada pelo Governo do Estado do Paraná, com a promessa de receber terras para cultivar com valores baixos e pagamento parcelado. Como forma de pagamento das terras, os ucranianos deveriam ajudar na construção de obras públicas, como a abertura de estradas e pontes, a construção da linha telegráfica ligando Foz do Iguaçu a Paranaguá, a construção da linha férrea ligando Irati a União da Vitória e na construção e manutenção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. Paralelo a isso, poderiam cultivar suas terras e criar animais para a subsistência da família. Com esse novo fluxo migratório, várias colônias já existentes foram ampliadas e outras colônias foram constituídas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tanto as novas colônias como as antigas, nos três estados do sul do Brasil, foram implantadas em áreas de terras habitadas por populações autóctones, isto é, indígenas Kaingang, Xokleng e Guaranis, cujos enfrentamentos entre nativos e imigrantes não foram poucos.

Márcia Janete Espig pontua que a construção dos trechos da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, fez uso intenso de imigrantes europeus que migraram para o sul do Brasil, com ênfase na mão de

obra das etnias polonesas, ucranianas, italianas e judeus russos. A linha Sul da estrada de ferro foi construída por etapas, tendo como ponto de partida a estação localizada em Ponta Grossa até Paulo Frontin e, desta estação, até a margem direita do rio Iguaçu, em União da Vitória; igualmente, além da margem esquerda do rio Iguaçu (Porto União), seguiu margeando o rio do Peixe até sua confluência no rio Uruguai na localidade de Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul.

O trecho de Marcelino Ramos passando por Passo Fundo rumo a Santa Maria da Boca do Monte já havia sido finalizado em 1896. Ao longo da estrada de ferro surgiram vários núcleos coloniais mistos para assentamento de imigrantes nos arredores e proximidades das estações ferroviárias. Imigrantes ucranianos já assentados em área coloniais mais antigas em terras paranaense, sobretudo onde os núcleos familiares mais numerosos, constituíram duas frentes de trabalho: enquanto alguns se dedicavam às atividades de cultivo e criação de animais, outros se dedicaram ao trabalho nas obras públicas e na construção da estrada de ferro, com o objetivo de ganhar dinheiro e pagar os lotes coloniais. Com isso, passou a se intensificar a reemigração de imigrantes pelo interior dos estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, seguindo as frentes de trabalho até a conclusão das obras da ferrovia em 1910. (ESPIG, 2012)

Na região norte de Santa Catarina (que até 1916 pertencia ao Paraná) foram formados vários núcleos coloniais com a presença de imigrantes ucranianos, com destaque para a colônia Nova Galícia (em especial as comunidades rurais de Jangada do Sul, Nova Galícia, São Miguel, Achilles Stenghel e Santa Maria, hoje Porto União/SC) e a colônia Lucena (núcleos coloniais de Iracema e Moema, hoje Itaiópolis/SC). Também foram formadas comunidades ucranianas em colônias que deram origem às cidades de Mafra/SC, Papanduva/SC, Três Barras/SC e Canoinhas/SC. Segundo Nilson Thomé, eram povoações mistas, alguma delas, com maioria de imigrantes poloneses, mas mantiveram distinções quanto à língua, cultos religiosos e a convivência em sociedade (THOMÉ, 2007).

No Rio Grande do Sul, existem registros da presença de núcleos de imigrantes ucranianos em várias colônias, tais como na colônia Guarani (hoje, uma fração dessa colônia, situa-se o município de Guarani das Missões), na colônia Campina (hoje Campina das Missões), na colônia Ijuí, colônia Santa Rosa, colônia Erechim e no entorno de Porto Alegre.

João Carlos Tedesco e Isabel Gritti, dedicados ao estudo da imigração no Rio Grande do Sul, sinalizam que muitos dos imigrantes considerados “russos”, que aportaram no Brasil, eram provenientes de outros países que não a Rússia, principalmente da Romênia, Bessarábia, Polônia, Alemanha, Áustria, Ucrânia, dentre outros territórios vizinhos, pelo fato de terem sido registrados, de forma equivocada (ou intencional), na documentação de entrada no Brasil como russos. (TEDESCO; GRITTI, 2024).

A terceira fase da imigração ucraniana para o Brasil, de acordo com Boruszenko (1995), teve início após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesta fase, emigraram da Europa mais de 200 mil ucranianos rumo à América. Estes imigrantes, em sua maioria, eram refugiados políticos que lutaram contra os russos e que foram enviados para trabalhar na Alemanha durante o domínio nazista e, em parte da Ucrânia, não sem antes sobreviver ao “Holodomor”, isto é, o período de fome vivido pelos ucranianos, sobretudo das áreas rurais, sob regime do Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A fome foi usada como instrumento para impor o regime comunista aos camponeses, seguido da destruição das estruturas sociais tradicionais das áreas rurais e a aceleração brutal dos processos de urbanização. Valdomiro Burko discorre sobre esse momento pós-guerra:

Estes, como os demais ucranianos que se achavam no território alemão, vencida a guerra contra os soviets, regressariam tranquilos para os seus lares. A situação mudou, porém, quando reiniciou-se a luta. Ao ocupar uma parte da Alemanha, os soviéticos automaticamente repatriavam, a força, todos a quem encontravam. Cerca de um milhão e meio de ucranianos foram assim ‘repatriados’ - transferidos forçadamente para os campos de concentração a fim de ali expiarem, ante a pátria Stalinista a sua ‘culpa’.

Terminada a guerra, os ucranianos tiveram que resistir ainda à forte opressão dos aliados ocidentais, que se comprometeram em Yalta a repatriar todos os cidadãos soviéticos. Houve, então, até casos de suicídio de pessoas que preferiram a morte à repatriação.

Nos fins de 1945, foi abolida, felizmente, a cláusula da repatriação obrigatória. Sob a proteção jurídica da ONU foi constituída a UNRRA (United Nation Relief and Repatriation Administration), substituída em 1947 pela IRO (International Refugee Organization). Estes organismos ajudaram a sustentar materialmente todos os refugiados e depois auxiliaram a sua emigração para outros países. A maior parte deles seguiu, então, para os Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina e outros países sul-americanos, tendo-se os demais transferido para a Austrália e Nova Zelândia, Inglaterra e outros países do mundo livre. (BURKO, 1963, p. 40-41).

Pouco mais de 7 mil imigrantes ucranianos sobreviventes, assim como seus antepassados, migraram para o Brasil em busca de terra para plantar, pois as más condições socioeconômicas que enfrentavam sob domínio soviético após a Segunda Guerra Mundial, ou o que sobrou da Alemanha no pós-guerra, era terrível. Migrar para outros países, dentre eles o Brasil, era uma alternativa para recomeçar a vida e tentar esquecer os tempos sombrios e, ao contrário das fases anteriores, não vieram apenas camponeses, mas profissionais liberais, operários qualificados, militares, engenheiros, médicos, físicos, químicos, administradores e professores.

Esse novo grupo de imigrantes ucranianos, ao contrário dos anteriores, permaneceram nas principais cidades do sul do Brasil e nos seus arredores, ou

ainda, conseguiram acesso a terras no Oeste de Santa Catarina, no Sudoeste e Oeste do Paraná, sobretudo em cidades em que descendentes de imigrantes ucranianos foram incentivados a migrar e adquirir terras ou a fundar empresas comerciais e industriais.

Destaco aqui, a presença de ucranianos desta terceira onda migratória em Canoas/RS, na região metropolitana de Porto Alegre. Oliana Reszetiuk relata que no bairro Niterói e Rio Branco, em Canoas, muitos imigrantes ucranianos fixaram residência entre os anos 1945 e 1958. Oliana coletou diversos depoimentos de ucranianos, dentre eles, destacamos a trajetória de Leonid Cvirkun:

Veio a guerra e a revolução Comunista, que acabou com a vida normal de minha família. Meu pai foi deportado para a Sibéria com 13 anos. Ficou lá, mas conseguiu fugir. Conheceu minha mãe em Donbás onde se casou. Eu nasci em 1936. Durante a guerra, os alemães avançavam e acuavam o povo, obrigando a quem morava aí a sair das aldeias. Quando o exército passava, saqueava tudo e mandava ir embora dali. O pessoal saía mas pensava que um dia haveria de voltar. Também não acreditava na paz. Mas, nós éramos refugiados e íamos adiante. [...]. Meus pais levaram uma vaca amarrada para tirar leite para minha irmã Lídia que tinha cinco dias. Quando chegamos na fronteira da Polônia com a Ucrânia, tiraram a nossa vaca e pagaram 100 carbólatos, dinheiro ucraniano emitido pelos alemães. Era só para guardar, porque não valia nada. [...]. Quando a situação se tornava mais precária, o exército recolhia os refugiados, os animais e utensílios, deixando-os com os pertences estritamente pessoais que se resumiam a alguns embrulhos. Iam embarcando nos trens, sendo levados sem saber para onde. Passamos pela Romênia, Polônia, Áustria, depois Itália e, por fim, para Brasil. Naturalmente passamos grandes necessidades, especialmente falta de comida. Ao chegar em Porto Alegre, fomos jogados no depósito do refeitório do Cais do Porto. Ali recebemos comida. Meu pai e minha mãe conseguiram emprego na Frigosul. Foram trabalhar nas câmaras frias. O Frigosul aceitava estrangeiros nesta função pois era difícil de ser preenchida devido as condições da temperatura. Como os recém-chegados topavam qualquer parada, lá foram os meus pais e ficaram satisfeitos. (Reszetiuk, 1995, p. 62)

A terceira onda migratória de ucranianos para o sul do Brasil foi igualmente sofrida, mas, se comparado ao contexto histórico e às condições de vida e trabalho vivenciados pelas duas correntes migratórias anteriores, eles encontraram mais facilidades para se inserir no mercado de trabalho em áreas urbanas ou em áreas rurais, pois os descendentes de ucranianos nascidos no Brasil mantiveram vários costumes, tais como as tradições culinárias, as práticas religiosas, a língua e a escrita, seja nas antigas áreas coloniais, seja em novas áreas de colonização.

Os ucranianos construíram templos religiosos, associações, cemitérios próprios, que se traduziam como lugares de pertencimento de grupos e essenciais para a manutenção e fortalecimento do sentimento de coletividade e sociabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se para os imigrantes europeus a decisão de migrar para outro país não foi algo simples de definir. A decisão de migrar para o Brasil, entre fins do século XIX e meados do século XX, também foi cercada de expectativas e receios, pois deveriam acreditar naqueles que os motivaram a vir para o sul do Brasil para ser colonos proprietários de terras. Ao chegarem nas áreas coloniais perceberam que muitas das promessas feitas não foram cumpridas, mas ao menos tinham acesso à terra, ainda que sob densas florestas.

As condições de infraestruturas das colônias eram precárias, bem como as estradas que davam acesso às propriedades, sem falar nas dificuldades de cultivo de sementes e a lide com os insetos, pragas e animais que devoravam parte das lavouras.

O trabalho em obras públicas acelerou o pagamento das dívidas, resultando na titulação das terras, ao mesmo tempo que provocou a reemigração interna de famílias ou parte das famílias ucranianas assentadas em áreas coloniais para trabalhar na construção e manutenção de estradas férreas.

Não mencionamos no texto, mas muitas famílias de ucranianos se arrependeram de ter migrado, tendo retornado à região de origem ou migrado para outro país. De uma forma ou de outra, os imigrantes ucranianos e seus descendentes propiciaram inúmeras transformações no sul do Brasil, no campo e na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana 1895-1995*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BORUSZENKO, Oksana. Os ucranianos. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Curitiba, v. 22, n. 108, 1995.
- BURKO, Valdomiro Nicolau. *A Imigração Ucraniana no Brasil*. Curitiba: Eparquia Ucraniana de São João Batista, 1963.
- ESPIG, Marcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol. 28, n. 48, p. 849-869: jul/dez 2012.
- TEDESCO, João Carlos; GRITTI, Isabel Rosa. *Os “russos” na Colônia Erechim*. Passo Fundo: Acervus Editora, 2024.
- RESZETIUK, Oliana. *Canoas Para Lembrar Quem Somos*. Canoas: Editora La Salle, 1995.

UCRANIANOS DO “CAMPO ERECHIM”. UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA NO CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO - NORTE DO RS

Neivo Angelo Fabris¹

INTRODUÇÃO

Ainda antes da emancipação de Passo Fundo no ano de 1857, as florestas do Alto Uruguai, situadas ao norte do seu território, atraíam coletores de erva-mate. A indústria ervateira, importante atividade econômica local, abastecia o mercado da Província do Rio Grande do Sul. As incursões realizadas em determinados períodos do ano eram feitas por picadas abertas na mata pelos caboclos ervateiros que contavam com o auxílio dos índios Cainganges.

No alvorecer do regime Republicano em 1889, a população da unidade da federação mais meridional do Brasil era de aproximadamente 580.000 habitantes, distribuídos em 26 municípios. Parte do território ao norte do Rio Grande do Sul era identificada na cartografia como “Sertão do Alto Uruguai” e alcançava as margens dos Rios Pelotas e Uruguai. O mapa, elaborado na década de vinte do século XIX pelo Geógrafo TH – Ouvotenay grifa a extensa área como “Bosques Montanhosos do Rio Uruguay”.

Passado o período inicial do novo regime, marcado no RS pela disputa política entre Republicanos e Federalistas, que se enfrentam em armas entre os anos de 1893 e 1895, o Partido Republicano Riograndense se consolida no poder. Sob a liderança de Júlio de Castilhos e após sua morte em 1903 por Borges de Medeiros, o governo implanta medidas que visam o desenvolvimento econômico, dentre as quais, o incentivo a imigração. Não menos importante era a regularização da posse de terras, principalmente nas chamadas áreas de mata.

1 Professor graduado em História (UPF 1987) e especialista em Ensino e História do Rio Grande do Sul (UPF 2007). Jornalista e editor do jornal A Folha Regional. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas e sócio correspondente dos Institutos Histórico e Geográfico do RS e da Paraíba. Coordenador de cinco edições do Seminário de História Regional, e do curso de extensão Centenário da Colônia Erechim, e da Jornada Acadêmica dos 100 Anos da Guerra Civil de 1923 e do Combate de Erebangó. E-mail: neivo.fabris@gmail.com.

Para executar a tarefa de planejar, instalar e administrar as frentes de trabalho o governo criou a Inspetoria de Terras e Colonização. A abertura de vias de comunicação, a organização de vilas, o controle de acesso a terra, e a legitimação de posses também seria atribuição do órgão público. Coube ao engenheiro Carlos Torres Gonçalves a tarefa de selecionar a equipe de trabalho

A construção da ferrovia, ligando a cidade de Santa Maria, no centro do RS, a Itararé (SP), cruzaria a região do Alto Uruguai. A construção da linha férrea no sentido sul-norte atingiu Passo Fundo em fevereiro de 1898. Passados doze anos o primeiro trem chegou a plataforma da Estação Erechim.

Estação Erechim da estrada de ferro no ano de sua inauguração.



Acervo do autor.

Ao longo do ano de 1910 outras sete Estações da estrada de ferro são inauguradas no trecho A última, em Marcelino Ramos, acontece no dia 25 de outubro do mesmo ano. O trabalho da construção da ponte sobre o Rio Uruguai levaria três anos. Mas o transporte de passageiros e de cargas no trecho concluído seria determinante para o sucesso do projeto de colonização oficializado em 1908. Ele teve início no ano seguinte com a instalação da sede da Colônia

Erechim, numa área localizada a 4,7 km da Estação identificada pelo nome que na língua Caingangue significa “campo pequeno”.

Tão logo os terrenos urbanos, localizados ao centro dos 500 hectares escolhidos para a instalação de sua sede, e dos lotes rurais nas diversas seções, são ocupados por comerciantes e agricultores, respectivamente Além dos migrantes oriundos da região dos vales dos Sinos, Caí e Taquari, e da região serrana, imigrantes das mais diferentes nacionalidades aportam na Colônia Erechim. E é sobre um grupo de ucranianos, inicialmente identificado como “Russos” pelos agentes da imigração, é que este artigo vai tratar.

A COLÔNIA ERECHIM

Corrente imigratórias europeias se dirigiram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX. O novo regime inaugurado em 15 de novembro de 1889 daria continuidade á iniciativa da monarquia, que promoveu a imigração alemã (1824), polonesa (1847), e italiana (1875). No Rio Grande do Sul, o governo conduzido pelo Partido Republicano Riograndense tinha planos para o desenvolvimento da economia, notadamente da indústria. Para tanto era preciso produzir alimentos que pudessem abastecer os trabalhadores das cidades. Além de iniciativas próprias, as autoridades concederam o direito a empresas de colonização particulares.

Notícias sobre a chegada de imigrantes a capital do Estado eram frequentes nos jornais. O Correio do Povo, na sua edição de sete de junho de 1911 registrou: “Para a Colônia Erechim, no município de Passo Fundo, seguiram ontem, 28 imigrantes russos”. O mesmo destino do grupo de imigrantes do leste europeu vinha sendo tomado desde o início do ano anterior, quando as primeiras quatro famílias com 28 pessoas, e oito solteiros, desembarcaram na plataforma da Estação Erechim, de onde foram transportadas até a sede da colônia, as margens do rio dos Índios.

Sede da Colônia Erechim nos anos iniciais do projeto.



Acervo do autor.

Ainda na primeira quinzena de junho de 1911, o grupo designado como “russos” foram recebidos na sede da Comissão de Terras pelos agentes públicos. Seu rápido desenvolvimento havia levado o governo do município de Passo Fundo a oficializar a criação do 8º Distrito, com sede em Erechim. Dos 2.123 lotes rurais demarcados pelos agrimensores, 1.920 haviam sido ocupados no primeiro ano. Na sede da Colônia Erechim 103 famílias já estavam instaladas.

O incremento da entrada de imigrantes no RS nos anos anteriores e posteriores a colônia instalada no chamado “Sertão do Alto Uruguai” fica evidente nos relatórios. De acordo com os documentos oficiais, em 1908 foram 4.177 imigrantes; 1909 6.047; 1910 3.853; 1911 4.318; e no primeiro semestre de 1912 4.378, totalizando 25.854 imigrantes. No ano de 1912 havia em Erechim 237 prédios, alguns deles pertencentes ao Estado. A população já ultrapassava a cifra de 2.000 habitantes. Além da sede outras povoações se expandiam em torno das Estações Erechim, Erebango, Capo-Erê, Paiol Grande, Baliza, Barro, Viadutos, e Marcelino Ramos.

Em setembro de 1911 o Presidente Carlos Barbosa Gonçalves apresentou uma mensagem a Assembleia dos Representantes, informando, entre outros, o que segue: “Desde o início do convenio elaborado entre a União e o Estado em 1908 para a introdução de colonos temos recebido e localizado 16.522 imigrantes dos quais 3.883 em 1910 e 2.776 no primeiro semestre do ano corrente”. E segue: “São na grande maioria de nacionalidade russa, alemã, italiana e austríaca”.

Relatório despachado para Porto Alegre no dia 30 de junho de 1912, informava que aquela data havia distribuídas no território da Colônia Erechim 15.500 pessoas. Do total, 5.687 eram imigrantes, e 9.813, oriundos dos vales e da região serrana do RS. No último grupo estavam incluídos caboclos que haviam se estabelecido na região em anos incertos. Parte das posses dos caboclos, também designados nos relatórios oficiais como “nacionais”, foram legitimadas, conforme atesta a documentação e mapas da Comissão de Terras Para o povo Caingangue foram criados os chamados Toldos Indígenas.

Atendendo despacho de Carlos Torres Gonçalves, tem início no ano de 1915 a construção do edifício da Comissão de Terras em Paiol Grande. No ano seguinte a sede da Colônia Erechim é transferida e a Comissão de Terras passa a atender nas suas novas instalações. A localidade, rebatizada de Boa Vista, era, segundo a Diretoria de Terras e Colonização, mais centralizado, e junto a Estação Ferroviária. Em menos de dois anos a região alcançaria as condições econômicas necessárias para pleitear a emancipação política e administrativa. No dia 30 de abril de 1918, Borges de Medeiros assina o Decreto Estadual nº 2.342 desmembrando o novo município de Boa Vista do Erechim do território Passofundense.

AS COMPANHIAS PARTICULARES

O governo do Estado autoriza projetos particulares de colonização no chamado Sertão do Alto Uruguai na década de dez do século passado. Uma delas, a Jewish Colonization Association (ICA), adquiriu a Fazenda Quatro Irmãos, loteando parte da área entre imigrantes judeus do Leste Europeu. A administração da ICA, que tinha sua sede próxima da Estação Erebangó, distribuiu os colonos em duas agrovilas: Baronesa Clara e Barão. Hirsch, além da própria sede, atual cidade de Quatro Irmãos. Seus mais de noventa mil hectares se dividiam entre áreas de campo e de mata.

A importância da atividade extrativista pode ser medida pelo número de serrarias instaladas em diversos pontos da Fazenda Quatro Irmãos. Para facilitar o escoamento da madeira, a direção da empresa investiu num ramal férreo até Erebangó, de onde seguia para outros centros. Para concretizar o projeto a companhia adquiriu uma área de dois mil hectares do Estado. No

alvorecer dos anos sessenta, quando a madeira se esgotou, a ICA encerrou suas atividades, vendendo a quase totalidade das terras para agricultores.

Outra empresa, a Luce, Rosa & Cia. Ltda. começou a operar na região no ano de 1916, vendendo áreas de terra do território dos atuais municípios de Gaurama, Severiano de Almeida, Mariano Moro, Aratiba e Três Arroios. Dois anos depois entrou em operação a Companhia Colonizadora Riograndense, loteando terras, através de ofertas feitas nas Estações Ferroviárias e por agentes que percorriam a serra gaúcha e o Vale dos Sinos.

No ano de 1920 a Sociedade Territorial Eberle, Mosele, Ahrons deu início a um novo empreendimento colonizador na região de Marcelino Ramos e Viadutos. A sede da empresa estava localizada em Porto Alegre, e seus colaboradores atendiam o escritório localizado no Distrito de Marcelino Ramos. O projeto totalizava uma área de 5.650 hectares, vendidos a imigrantes e migrantes dispostos a se estabelecerem na atividade primária.

OPORTUNIDADES E DESAFIOS

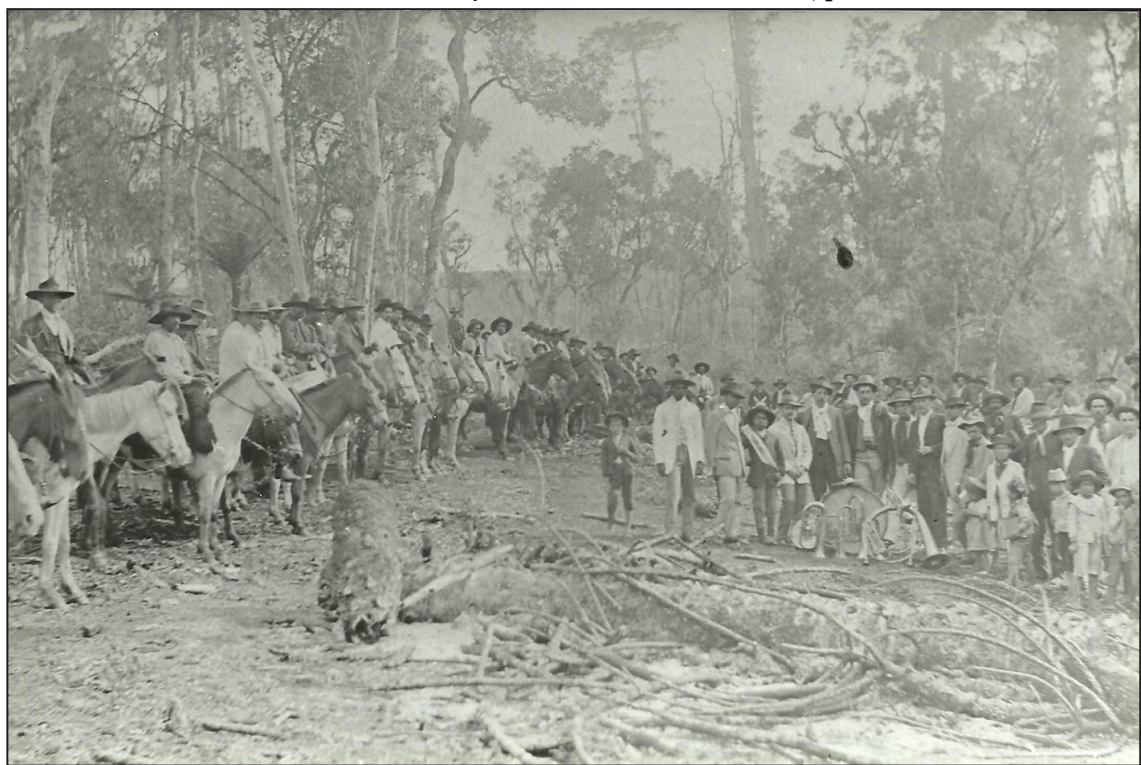
Os atrativos oferecidos aos imigrantes pela propaganda do governo e das companhias colonizadora motivaram milhares de pessoas das mais diferentes nacionalidades a buscarem o Rio Grande do Sul. Inicialmente os custos na travessia do Atlântico eram ofertados pelos agentes da imigração. A possibilidade de acesso a terra e novas oportunidades eram os principais atrativos. Após passarem pelos portos do Rio de Janeiro, Santos e outros, viajavam em direção ao de Rio Grande. Em Porto Alegre, eram acolhidos na estalagem dos imigrantes, e após a chamada quarentena encaminhada para as colônias.

A rede ferroviária estava em expansão e se mostrou a melhor alternativa para o deslocamento humano, até então, realizado pelos afluentes do estuário do Guaíba e de precários caminhos e meios de transportes rudimentares. Prospectos distribuídos aos passageiros nas estações ferroviárias por funcionários das empresas colonizadoras ofereciam condições na compra de lotes rurais. Mas a maior parcela dos imigrantes, e também dos migrantes, eram atraídos para os empreendimentos capitaneados pelo Estado, através de sua Diretoria de Terras e Colonização.

A contar de fevereiro de 1910, ainda antes da inauguração da Estação Erechim da estrada de ferro, quando o primeiro grupo de imigrantes de nacionalidade alemã e portuguesa foi recebido pelos funcionários da Comissão de Terras, milhares de pessoas desembarcaram na sua plataforma. O transporte de cerca de cinco quilômetros a Erechim sede da colônia era oferecido pelo governo. Até definir o lote rural a ser ocupada, as famílias eram abrigadas no barracão dos imigrantes.

Grupos de colonos deixavam diariamente a sede da colônia acompanhados de servidores da Comissão de Terras rumo aos lotes rurais. Nos baús roupas, calçados, alguns utensílios domésticos, documentos e outros bens de acordo com as posses. Também mantimentos, ferramentas e sementes oferecidas pelo governo. O relato dos primeiros tempos no lote recebido por uma família de imigrantes alemães chegados a Colônia Erechim no ano de 1916 foi feito por João Weiss no livro *Colonos na Selva*. A obra publicada no ano de 1942 revela ainda que o único modo de ter acesso a recursos para a compra de animais de criação ou montaria era o emprego temporário oferecido pelos agentes públicos na abertura de estradas.

Abertura da estrada entre a Estação Erechim e a sede da Colônia, por volta de 1915.



Acervo do autor.

O isolamento e os perigos enfrentados num território desconhecido, não foram os únicos problemas. O clima, marcado por invernos rigorosos, foi outro desafio. À distância até o centro da colônia e a estação férrea mais próxima também eram difíceis. Não foram poucos os casos de famílias inteiras, e também de indivíduos isolados, que abandonaram tudo e partiram na busca de um novo recomeço em outras paragens.

Além do transporte de passageiros a ferrovia facilitava a chegada de mercadorias vendidas nos estabelecimentos comerciais existentes no entorno das estações e na sede da colônia. E também o principal modal no transporte de madeira, e produtos como banha, erva-mate, vinho, entre outros, despachados para os centros consumidores. Pelo trem chegavam e era despachada a correspondência em malas de lona dos Correios,

Não menos desafiador era o atendimento a saúde. Até o ano de 1925, quando um hospital comunitário foi fundado no 2º Distrito, atual cidade de Getúlio Vargas, os hospitais mais próximos estavam na cidade de Passo Fundo: Hospital da Cidade, inaugurado no ano de 1914 e São Vicente de Paulo em 1918. O atendimento médico era irregular e realizado na Casa Paroquial por profissionais que viajavam desde Passo Fundo, até que o São Roque foi inaugurado em 1927 e passou a ser atendido pelo médico José Canessa. Em 1934 o médico italiano construiu em Erebangó o Hospital Nossa Senhora da Saúde. Desde o ano anterior estava em funcionamento o Hospital Leonardo Cohen, na sede da ICA, em Quatro Irmãos.

Hospital Leonardo Cohen, inaugurado em 1933, e que atendeu por 60 anos.



Foto: Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

A COMUNIDADE UCRANIANA EM EREBANGO

Diferentemente de projetos realizados anteriormente, que concentraram determinada etnia, os funcionários da Comissão de Terras da Colônia Erechim seguiram as orientações de Carlos Torres Gonçalves, de intercalar as famílias de migrantes e imigrantes alemães, poloneses, italianos, austríacos, e tantos outros nos lotes rurais demarcados nas diferentes linhas e seções. Nos livros de registro da Comissão de Terras fica patente a diversidade étnica de imigrantes que se estabeleceram nas áreas urbanas e rurais.

Uma experiência única ocorreu com um grupo de imigrantes ucranianos que se deslocaram pela ferrovia desde a capital do Estado e foi recebido na sede da Colônia no mês de junho de 1911. Após permanecerem durante várias semanas no abrigo fornecido pelos funcionários da Comissão de Terras foram levadas para a localidade de Campo Erechim, nas imediações de Erebango, Além do lote de 25 hectares cada família recebeu 500 mil reis em vale para a aquisição de mantimentos.

Não há registros documentais acerca do motivo da escolha do local pelas autoridades para o assentamento das famílias ucranianas. A evidência mais plausível é que o Campo Erechim fazia divisa com a Fazenda Quatro Irmãos, e na mesma época judeus do leste europeus, na grande maioria do Império Russo, estavam sendo assentados no local pela Jewish Colonization Association (ICA). A quase totalidade dos judeus, e também os ucranianos falavam o mesmo idioma.

As dificuldades da comunidade ucraniana eram as mesmas das demais que viviam nas pequenas propriedades nas florestas e campos da Colônia Erechim. A falta de estradas, assistência médica, e até mesmo de alimentos, era a regra, mesmo para os imigrantes que dispunham de alguma reserva financeira. Com exceção dos poloneses e ucranianos, as demais etnias podiam contar em casos extremos com o suporte das autoridades de origem através das respectivas embaixadas e consulados existentes no Brasil.

A Polônia contemporânea só surgiria após o final da Grande Guerra (1914-1918) e mais de um século de ocupação estrangeira. A chancela da nação independente foi confirmada no ano de 1919 através do tratado de Versalhes. Na sequência o governo de Varsóvia abriu um consulado em Curitiba (PR), fazendo a interlocução e dando o apoio as comunidades polonesas existentes no sul do Brasil.

A mesma sorte não tivera os ucranianos. Após a Revolução Bolchevique de 1917 e a criação da União das Repúblicas Soviéticas (URSS) as iniciativas de submeter à Ucrânia à influência russa foram imensas. Com o colapso da URSS, um tratado entre Rússia e Ucrânia estabeleceu a integridade das fronteiras ucranianas.

O espírito comunitário das famílias ucranianas, formada ao longo do processo de deslocamentos nos períodos anteriores, tanto nas aldeias de origem quanto em outros lugares, foi à tábua de salvação nos anos iniciais no Campo Erechim. O apoio mútuo e a solidariedade entre elas se davam nas mais diferentes formas: na derrubada e beneficiamento da madeira, na construção das casas, no preparo da terra e seu cultivo. De igual modo no ensino, aconselhamento do grupo, assistência aos doentes, e até no sepultamento dos mortos.

Algumas das publicações recebidas por Elias Iltchenko em Erebangó.



Fonte: Exemplos doados por um dos filhos ao autor do artigo.

As notícias sobre os acontecimentos na Europa dentre os quais a guerra iniciada em 1914 e que se estendeu até 1918, e a revolução de outubro de 1917 na Rússia, eram recebidas através das cartas trocadas com parentes e amigos. O mesmo através de jornais e revistas, em grande parte editada em russo. Nas primeiras semanas da guerra civil de 1923 tropas revolucionárias que se opunham a continuidade de Borges de Medeiros no governo estadual, tomaram a intendência municipal de Erechim. A reação foi imediata e pelo menos dois combates o último em setembro, deixaram dezenas de mortos nos dois lados. O medo e a insegurança atingiram tanto o meio rural quanto o urbano. A lembrança dos “progroms”, ataque físicos contra os judeus a época do império russo ainda estava presente na memória dos imigrantes eslavos.

REGISTROS

São escassas as fontes acerca da experiência vivida pelas famílias de ucranianas que se estabeleceram nas proximidades de Erebango em 1911. De igual modo os registros da associação criada por Sérgio Itchenko e seus vizinhos. Uma delas foi feita por Edgar Rodrigues, pesquisador da história social, escritor e historiador autodidata. Outra, por Maurício Tragtenberg, filho de imigrantes judeus, nascido na Fazenda Quatro Irmãos, que teve na infância ouviu dos pais e avós sobre o espírito comunitário dos vizinhos ucranianos.

Português naturalizado brasileiro, Edgar Rodrigues se dedicou a pesquisa dos movimentos sociais nos cinquenta anos que se seguiram a instalação da República em 15 de novembro de 1889. Sobre o tema publicou dezenas de livros e centenas de artigos. Graças aos vínculos de amizade forjado ao longo de anos, através de correspondências trocadas com Elias Ilchenko, um dos filhos do pioneiro Sérgio Itchenko, escreveu sobre a Comunidade Livre de Erebango.

O agricultor Elias Itchenko foi o único dos filhos de Sérgio Itchenko a herdar o hábito da leitura e da escrita. E também os ideais do anarquismo. No ano de 1977, Edgar Rodrigues viajou de carro para o RS e foi recebido por Elias Itchenko e a família no interior de Erebango. Na oportunidade o anfitrião entregou parte da biblioteca e os documentos recebidos do pai ao pesquisador. Os livros e escritos que não puderam ser levados para o Rio de Janeiro foram enviados posteriormente pelos Correios.

Nas viagens pelo Brasil Edgar Rodrigues entrevistou centenas de militantes sociais e seus descendentes. O pesquisador coletou documentos, livros e impressos, formando um acervo da história social das décadas finais do século XIV e primeiras do século XX. A experiência vivida pelos ucranianos do Campo Erechim foi relatada no segundo dos cinco volumes da obra “Os Companheiros”. O volume em questão foi publicado no ano de 1995 pela VJR Editores, da cidade do Rio de Janeiro.

Até sua morte aos 76 anos, ocorrida no dia 15 de maio de 2009 na residência da família na capital fluminense, Edgar Rodrigues se dedicou a pesquisa. Amigo de militantes do porte de Edgard Leuenroth, ele estava entre os presos e indicados pela ação da ditadura militar contra os integrantes do Centro de Estudos José Oiticica do RJ, ocorrida no ano de 1969.

Graças ao trabalho realizado pelo filho de um militante anarquista e dirigente sindical e que lutou contra a ditadura de Salazar antes de deixar Portugal e se exilar no Brasil, a história da Comunidade Livre de Erebango não caiu no esquecimento. Dentre os relatos feitos por Elias Itchenko a Edgar Rodrigues, o da fundação no ano de 1918 da União dos Trabalhadores Rurais Russos do Brasil por cerca de quarenta camponeses das localidades de Erebango, Floresta

e Erechim. Seu primeiro presidente foi Sérgio Itchenco e dentre seus dirigentes estavam o tesoureiro Simão Poluboriannoff e o secretário Paulo Uchacoff.

O autor de *Os Companheiros 2* registrou que o grupo mantinha intenso intercâmbio com integrantes da União dos Trabalhadores Russos de Porto Alegre, Guarani das Missões, Santo Angelo e Porto Lucena. Além dos livros trazidos por muitos de seus membros para o Brasil, o acervo da entidade era formado por jornais e revistas recebidos pelos Correios. Dentre as publicações o jornal libertário *Golos Truda*, da Federação de Trabalhadores Russos, com sede na Argentina. A leitura aprimorou o russo e outros idiomas do grupo, que dominavam o português e o espanhol, e também o esperanto.

Graças ao contato com organizações internacionais os integrantes da União dos Trabalhadores Rurais Russos do Brasil tomaram conhecimento das perseguições do governo bolchevique da URSS aos anarquistas. De Paris, o grupo liderado por Sérgio Ilchenco recebia a revista *Dielo-Trouda*. De Detroit (EUA), a partir de 1927, chegava a revista *Probuzhdenie*. Jornais anarquistas como *A Voz do Trabalhador*, *Ação Direta*, o *Libertário* e *A Plebe*, despachados de São Paulo e Rio de Janeiro, permitiam que o grupo se inteirasse dos movimentos sociais que agitavam as duas maiores cidades do país.

O tema também foi registrado por Maurício Tragtenberg durante a apresentação da autobiografia como parte do concurso para professor-titular da Faculdade de Educação da Unicamp em 1990. À banca examinadora ele contou que não ter tido uma formação escolar dita convencional. Afirmou que sua formação teve início no interior do Rio Grande do Sul, aonde os avós se estabeleceram como camponeses, produzindo para a subsistência e vendendo o excedente nas localidades próximas a pequena propriedade, dentre as quais Erebangó, Estação Erechim e Getúlio Vargas. E que nasceu no dia quatro de novembro de 1929 na Fazenda Quatro Irmãos. A família Tragtenberg estava entre as centenas incluídas no projeto de colonização no RS financiado pela ICA, companhia colonizadora fundada pelo banqueiro Maurice Hirsch. Na autobiografia, ele descreve o trabalho no cultivo da terra e a extração da madeira, e dos campos cobertos de neve durante o inverno. E ainda, que apesar da precariedade nas comunicações, as notícias sobre os movimentos sociais do início do século XX chegavam a Erebangó.

Sobre os ucranianos, vizinhos dos seus avós e pais em Erebangó, registrou que cerca de duas dezenas de famílias venderam o pouco que possuíam e deixaram a Rússia em direção ao Brasil. Os detalhes da chegada e da instalação dos mesmos, feitos também por Edgar Rodrigues, são descritos por Maurício Tragtenberg. Comenta sobre a fome que assolou a região entre 1913 e 1914, despertando a saudade da Ucrânia.

Em relação ao senso coletivo de vida dos Itchenco, Uchacoff, Poluboriannoff, e outros, Maurício Tragtenberg aponta a colaboração da imprensa

libertária. Também o exemplo da União dos Trabalhadores Russos de Porto Alegre, presidida por Nikita Jacochenco, e de outras, como as de Santo Angelo e Guarani. A entidade de Porto Lucena, dirigida por Demétrio Cirotenco, foi o elo entre os camponeses de Erebang, através da União dos Trabalhadores.

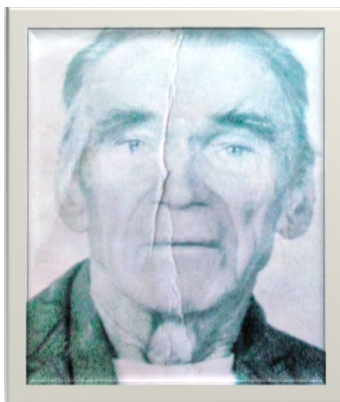
Sobre a biblioteca dos colonos ucranianos, o professor da Unicamp relaciona as obras clássicas do anarquismo escritas por Malatesta, Bakunin e Kropotkin. Também as de historiadores como Rudolf Rocker e James Guillaume, o último integrante da ala anarquista da Primeira Internacional. Sobre a cultura, ele recorda que pouco antes de deixar Erechim para morar em Porto Alegre, o cinema chegou à região através do dono de um hotel.

REPRESSÃO

O controle social por parte do governo e suas forças policiais ao longo da Primeira República (1889-1930) foi impiedoso com as organizações populares. Tão ou mais violentas foram as perseguições sistemáticas no Estado Novo (1937-1945). As garantias da Constituição de 1946, que haviam dado uma trégua, foram num curto prazo suprimidas. O golpe civil e militar de 31 de março de 1964 mergulhou o país na obscuridade e nem a reação das forças progressistas impedira longos anos de repressão. O contexto político brasileiro foi marcado pela censura e arrefeceu os movimentos sociais e muitos sucumbiram. Não foi diferente com a experiência vivida pelos ucranianos de Erebang.

Não há registros acerca do tempo de duração da organização fundada por Sérgio Iltchenco e seus vizinhos. Coube a Elias Iltchenco a guarda dos documentos e da biblioteca. O sustento da família do casal Elias e Maria Korackruk, nascida na Polônia em 1919, e dos onze filhos e filhas era proveniente do trabalho na pequena propriedade localizada na Linha Meregalli, no interior de Erebang.

Uma das raras fotos de Elias Iltchenco.



Acervo do autor

Até seu falecimento no dia 14 de maio de 1985 Elias Ilchenco manteve o hábito da leitura. Autodidata tinha domínio do russo, francês, espanhol e esperanto. Até a chegada da luz elétrica no meio rural, ele lia e escrevia até a madrugada a luz de vela. Outras informações obtidas pelo autor deste artigo com o filho, que continuou morando na casa da família, dão conta que as relações entre o pai, anarquista convicto, e da mãe, católica fervorosa, eram de respeito.

O filho que reside na localidade de Linha Meregalli, interior de Erebangó, preserva algumas fotografias e poucas correspondências e publicações recebidas nos últimos anos de vida de Elias. Ele conta que o pai foi sócio da Cooperativa de Produção de Banha Santana Ltda., do Hospital Santo Antônio, e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Getúlio Vargas. Que varava as madrugadas, debruçado sobre os livros. E ainda respondendo as correspondências que chegavam semanalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os descendentes das 16 famílias que se estabeleceram como pequenos agricultores no ano de 1911 no Capó Erechim, estão entre os mais de 600 mil descendentes de ucranianos no Brasil. Eles formam o segundo maior contingente étnico eslavo que imigraram para o Brasil, atrás dos poloneses.

Nos registros da Comissão de Terras de Erechim fica evidente pelos sobrenomes dos imigrantes que o número de ucranianos foi bem maior do que os das estatísticas. Como o território da Ucrânia estava sob o domínio do Império Austro-Húngaro e da Rússia, seus passaportes eram expedidos pelas autoridades das respectivas nações, induzindo os agentes da imigração brasileira ao erro.

As dificuldades como o idioma, o isolamento e a falta de serviços nas áreas da saúde e educação, levaram as famílias Ilchenco, Sirotenco, Zaboenco, Poluboriannoff, Uchacoff. e outras, a se irmanarem em torno da ajuda mútua. A prática coletivista, padrão cultural em voga na época em algumas comunidades, revelava-se eficiente diante das adversidades dos primeiros tempos.

As condições culturais do grupo também foram determinantes para a fundação da União dos Trabalhadores Rurais Russos do Brasil no ano de 1918. O intercâmbio com organizações afins, permitiam troca de experiências e também de livros, jornais e revistas. Nas ditaduras do Estado Novo de Getúlio Vargas e da civil e militar, de 1937-1945 e 1964 e 1988, respectivamente, a repressão foi intensa, arrefecendo os movimentos sociais sem, no entanto, eliminá-los.

A contar da década de trinta do século passado parte das famílias de ucranianos do Campo Erechim deixaram o local. Algumas foram para as cidades, outras adquiriram terras mais produtivas em localidades próximas

como Rio Padre, Linha Meregalli, Tabuão, e Mato Preto. Os mais jovens foram em busca de formação profissional e acadêmica em centros urbanos do estado e também em outras unidades da federação.

Dentre os netos de Sérgio Iltchenko, pelo menos dois permaneceram na região, um em Erebang e outro em Getúlio Vargas. Os demais vivem em cidades como Caxias do Sul, Porto Alegre e São Paulo. O mesmo aconteceu com os descendentes das outras quinze famílias que se aventuraram nos anos iniciais da Colônia Erechim e sobreviveram graças a solidariedade e a perseverança.

REFERÊNCIAS

- AVILA, Ney Eduardo Possap d'. *Passo Fundo Terra de Passagem – Uma história concisa da cidade e do município*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- CASSOL, Ernesto. *Histórico de Erechim* – CESE/FAPES: Passo Fundo: Instituto Padre Berthier. 1977.
- CASSOL, Ernesto. *Carlos Torres Gonçalves Vida, Obra e Significado*: Erechim: Editora São Cristóvão. 2003.
- CHIAPARINI, Enori José; SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro; FABRIS, Neivo Ângelo; HACHMANN, Roberto. Erechim: *Retratos do Passado, Memórias no Presente*. Erechim: Graffoluz, 2012.
- FRAINER, João. *Álbum do Município de Erechim*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.
- FABRIS, Neivo Angelo; SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro. *Getúlio Vargas 80 anos – A história político-administrativa do município*. Erechim: Editora Grafoluz, 2012.
- GENEALOGIA dos municípios do Rio Grande do Sul / Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG). Departamento de Planejamento Governamental. Porto Alegre: SPGG, 2018.
- ILLA FONT, Juarez M. *Serra do Erechim Tempos Heroicos*. Erechim: Empresa Gráfica Carraro, 1983.
- PATRIMÔNIO Ferroviário no Rio Grande do Sul: inventário das Estações. 1874-1959. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS. Porto Alegre, Palloti, 2002.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros 2*. Rio de Janeiro: VJR Editores, 1995.
- SOUZA, Erisvaldo. *Maurício Tragtenberg – Trajetória intelectual e política*. São Paulo: Editora Dialética, 2023.
- STUMF, Léo e RANZOLIN, Conrado. *Monografia do Município de Getúlio Vargas*. Erechim: Tipografia Modelo, 1952.

TEDESCO, João Carlos: BEUX, Paulo Ivan Schutz; de SOUZA, Sirle Fátiona; CECHET, Renan; *Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo*. Porto Alegre. EST Edições, 2005.

WEISS, Joao. *Colonos na Selva – Imigrantes como Agricultores*; Rio de Janeiro: Editado pelo Autor, 1949.

WOLFF, Gládis Helena. *Trilhos de ferro, trilhas de barro: a ferrovia no norte do Rio Grande do Sul - Gaurama (1910-1954)*. Passo Fundo, Editora da UPF, 2005.

ACERVOS:

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim

Coleção de fotografias e acevo documental do autor.

Divisão de Terras Públicas do Governo do Estado (Porto Alegre)

Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas

Biografia dos Autores



ADRIANO MALIKOSKI

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (2001), graduação em Pedagogia (2019), mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (2014) e doutorado em Educação pela mesma universidade. É participante dos grupos de pesquisas GRUPHEIM - Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Os poloneses e seus descendentes no Brasil: um processo contínuo de integração do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência nas áreas de Filosofia e Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação; Estudos Culturais e Etnicidade; Epistemologia; Produção do Conhecimento Científico. É Revisor do Periódico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

ANTONIO MARCOS MYSKIW

Doutor em História. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza e Chapecó. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em História, da UFFS, Campus Chapecó. A mais de 20 anos dedica-se à pesquisa sobre a história da região de fronteira entre Brasil e Argentina, nos século XIX e XX.

BRENO ANTONIO SPONCHIADO

Doutor em História pela PUCRS e Pós-Doutorado em Educação pela UFGRS. E-mail: brenoantoniosponchiado@gmail.com.

Cláudio da Costa — Graduado em História e Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), graduando em Artes Visuais e bolsista BIC/CNPq desde 2022, pela UCS. Pesquisador da história da arte e da imigração polonesa no RS. Natural de Veranópolis - RS, residente em Caxias do Sul - RS. Fábio Roberto Krzysczak — Pós Doutor em História, Bacharel em Direito e Licenciado em História, servidor Técnico Administrativo do IFRS Campus Erechim, Professor na Faculdade de Ciências Jurídicas de Erechim – Anhanguera, possui interesse em pesquisa na área de História Rural e Ambiental, História da Imigração Polonesa e Direito Ambiental e Agrário. Erechim/RS.

FABRICIO J. NAZZARI VICROSKI

Arqueólogo, historiador e professor com Pós-Doutorado em História pela Universidade de Passo Fundo, Brasil. Bolsista da Agência Nacional Polonesa de Intercâmbio Acadêmico no Instituto de Arqueologia da Universidade de Wrocław, Polônia. Pesquisador e promotor da língua polonesa no Brasil.

ISABEL ROSA GRITTI

Dra. História do Brasil PUC/RS. Professora da UFFS-ERECHIM. Temas de pesquisa: Imigração e colonização; Companhias Colonizadoras; Educação Rural.

JACINTO ANATÓLIO ZABOLOTSKY

Advogado, Mestre em Direito, professor universitário, contador, escritor, poeta, colunista e cronista, membro da Academia de Letras e da Estância da Poesia Crioula do RS, colunista, cronista durante vários anos do programa A Voz da Rússia, fala o idioma russo e o espanhol; Cônsul Honorário da Rússia para o Rio Grande do Sul, Diretor Geral BRICS/MERCOSUL. Conquistou várias condecorações (Diplomas e Medalhas), nacionais e internacionais. E-mail: jzabolotsky@gmail.com.

JOÃO CARLOS TEDESCO

Doutor em Ciências Sociais - Unicamp - Professor Colaborador dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF) e da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH/UFFS) Principais áreas de atuação ou pesquisa: Imigração e colonização, movimentos sociais, memória e cultura.

JULIANO FLORCZAK ALMEIDA

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez estágio de pós-doutorado na École Pratique des Hautes Études (EPHE/PSL). Tem interesse pelas áreas de antropologia da religião e estudos migratórios. É analista sociólogo na Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), atuando em Porto Alegre/RS.

LÚCIA BARRILI

Mestre em História Regional pela UPF. Linha de pesquisa: Imigração Polonesa, identidade cultural, memória Casca/RS.

MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Professora Titular aposentada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (RS). Pesquisadora Produtividade CNPq 2 desde 2012. Antropóloga vinculada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Tem pesquisado migrações em nível histórico e contemporâneo, campesinato e questões étnicas.

NEIVO ANGELO FABRIS

Professor graduado em História (Universidade de Passo Fundo - UPF 1987) e especialista em Ensino e História do RS (UPF 2007). Jornalista e editor do jornal A Folha Regional. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas e sócio correspondente dos Institutos Histórico e Geográfico do RS e da Paraíba. E-mail: neivo.fabris@gmail.com.

PAULO TOMAZ MARMILICZ

Historiador, professor da rede estadual de ensino no município de Ubiretama – Noroeste do RS.

REGINA WEBER

Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integrante do Departamento/ PPG em História. Possui graduação (1982) e mestrado (1989) em História pela UNICAMP e doutorado em Antropologia Social pela UFRJ (1996). Tem experiência de pesquisa nas temáticas de etnicidade, cultura operária, imigrações, história oral e estuda os efeitos do mercado sobre pequenos fabricantes. Porto Alegre/RS.

RHUAN TARGINO ZALESKI TRINDADE

Graduado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente professor colaborador na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), campus Irati. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, história da imigração, colonização e etnicidade polonesa no Brasil, particularmente o período entreguerras.

ROSÂNGELA CORRÊA ALVES

Formada em Licenciatura em História na UFRGS (janeiro de 2020) e Bacharel em História na UFRGS (2022) com o trabalho: Imigração Russa no Rio Grande do Sul (1890-1914): registros dispersos e múltiplas etnias. Porto Alegre, 2022. Trabalho de Conclusão do Bacharelado em História. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

SILVANA MARIA GRITTI

Doutora em Educação Pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora associada da Universidade Federal do Pampa- Unipampa. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação da Unipampa Campus Jaguarão. Atualmente diretora do Campus da Unipampa/Jaguarão.

THAIS JANAINA WENCZENOVICZ

Catedrática na Universidade de Salamanca, Centro de Ciências Jurídicas, Espanha (Cátedra CAPES). Docente adjunta/pesquisador sênior na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS. Pesquisadora PQq Produtividade/FAPERGS/Faixa 2. Professora Titular no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito/UNOESC. Professora no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro do Comitê Internacional Global Alliance on Media and Gender (GAMAG) — UNESCO.

Índice Remissivo



A

Agricultores 12, 26, 59, 62, 65, 75, 88, 101, 190, 191, 201, 206, 213, 234, 237, 262, 282, 286, 288, 290, 292, 294, 307, 327, 328, 330, 332, 334, 342, 381, 384, 392
Alemães 9, 10, 33, 60, 61, 63, 64, 66, 90, 93, 95, 102, 122, 136, 150, 168, 190, 191, 197, 198, 203, 213, 214, 226, 254, 272, 283, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 303, 304, 311, 313, 321, 326, 360, 363, 366, 372, 373, 377, 385, 387

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 40, 41, 44, 45, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 102, 108, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 147, 149, 163, 164, 167, 169, 170, 172, 176, 177, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 220, 221, 225, 226, 227, 233, 235, 237, 239, 242, 244, 247, 253, 254, 255, 256, 257, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271, 272, 273, 279, 281, 282, 283, 285, 286, 289, 290, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304, 306, 307, 308, 318, 319, 320, 321, 332, 333, 336, 337, 338, 339, 340, 347, 348, 349, 352, 354, 360, 361, 362, 364, 365, 368, 369, 370, 371, 372, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 381, 387, 389, 390, 392, 395, 396, 397

C

Camponeses 8, 57, 162, 190, 191, 192, 193, 194, 204, 205, 207, 234, 242, 261, 283, 284, 285, 286, 294, 308, 310, 372, 373, 376, 389, 390, 391
Casca 11, 42, 43, 52, 74, 99, 161, 163, 175, 216, 222, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 240, 243, 245, 247, 396
Cemitério 148, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 160, 203, 270, 271, 274, 278, 279, 287, 304, 326, 329, 330, 332, 334, 336, 337, 339, 347
Colônia 8, 9, 10, 11, 12, 22, 23, 29, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 57, 61, 63, 71, 72, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 112, 113, 132, 143, 144, 145, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 178, 180, 181, 182, 184, 197, 198, 200, 201, 202, 229, 251, 252, 258, 260, 272, 287, 288, 291, 292, 293, 295, 296, 299, 300, 301, 304, 305, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319, 321, 323, 324, 325, 344, 347, 354, 360, 372, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 385, 387, 393
Colônias 8, 11, 17, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 57, 67, 77, 91, 93, 94, 96, 97, 101, 117, 118, 120, 122, 123, 129, 135, 143, 147, 168, 170, 180, 181, 194, 196, 197, 198, 200, 206, 259, 282, 285, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 298, 299, 301, 303, 308, 313, 316, 317, 319, 321, 361, 362, 374, 375, 378, 384
Colonização 8, 10, 12, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 29, 34, 35, 57, 59, 63, 64, 69, 70, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 87, 93, 95, 98, 111, 113, 114, 117, 118, 122, 130, 131, 138, 141, 170, 188, 190, 191, 192, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 214, 215, 229, 262, 272, 282, 288, 290, 296, 300, 302, 307, 308, 309, 310, 312, 316, 318, 320, 321, 323, 344, 345, 360, 369, 377, 380, 381, 383, 390, 396, 397

- Colonizadores 8, 62, 63, 64, 68, 75, 89, 95, 194, 308, 344, 345
- Colonos 9, 25, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 47, 48, 55, 77, 80, 81, 97, 101, 118, 121, 139, 147, 170, 171, 174, 181, 193, 195, 199, 202, 203, 204, 205, 209, 229, 266, 286, 288, 291, 292, 300, 301, 310, 315, 319, 324, 362, 378, 383, 385, 391
- Comunidade 20, 25, 38, 40, 47, 82, 83, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 115, 116, 118, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 129, 135, 136, 138, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 170, 171, 174, 178, 179, 181, 185, 186, 188, 204, 205, 206, 207, 208, 220, 225, 227, 233, 234, 235, 236, 237, 241, 261, 266, 267, 268, 272, 277, 287, 302, 316, 321, 334, 335, 336, 350, 354, 362, 363, 369, 387
- Comunidades 11, 17, 33, 35, 39, 50, 55, 64, 67, 86, 90, 91, 95, 99, 100, 102, 103, 104, 108, 109, 123, 144, 146, 149, 150, 157, 164, 170, 174, 175, 185, 197, 200, 204, 205, 211, 212, 219, 220, 226, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 239, 240, 243, 304, 352, 375, 387, 392
- Crianças 24, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 44, 45, 54, 55, 81, 82, 100, 104, 107, 162, 163, 171, 179, 182, 184, 238, 278, 345, 351, 371
- Cultura 9, 11, 28, 31, 32, 33, 54, 55, 63, 64, 66, 67, 68, 70, 77, 84, 86, 89, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 121, 138, 140, 144, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 180, 185, 192, 197, 198, 200, 202, 203, 208, 220, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 256, 262, 264, 266, 272, 279, 282, 296, 306, 307, 321, 391, 396, 397
- Culturais 7, 8, 10, 11, 28, 31, 32, 37, 46, 63, 69, 71, 82, 83, 85, 86, 87, 108, 110, 120, 123, 127, 129, 135, 138, 185, 190, 194, 198, 200, 214, 219, 220, 221, 226, 229, 232, 233, 234, 236, 237, 245, 246, 302, 303, 304, 317, 319, 359, 365, 371, 392
- Cultural 7, 11, 27, 28, 31, 32, 55, 59, 82, 84, 86, 87, 93, 99, 100, 102, 104, 107, 108, 111, 115, 116, 119, 154, 158, 161, 162, 164, 165, 167, 170, 171, 176, 180, 181, 185, 189, 192, 197, 201, 205, 207, 211, 221, 225, 230, 231, 233, 234, 236, 241, 242, 245, 246, 247, 264, 265, 298, 302, 303, 344, 363, 365, 392, 396

D

- Descendentes 9, 11, 27, 28, 43, 57, 58, 61, 67, 68, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 86, 89, 90, 95, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 111, 116, 117, 118, 119, 122, 128, 131, 136, 137, 144, 148, 166, 167, 170, 175, 183, 185, 188, 200, 206, 207, 211, 214, 215, 218, 219, 223, 226, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 252, 261, 266, 271, 274, 294, 295, 299, 303, 304, 305, 307, 311, 312, 323, 344, 348, 352, 354, 367, 368, 377, 378, 389, 392, 393, 395
- Dificuldades 8, 10, 11, 12, 20, 25, 33, 37, 45, 80, 81, 82, 86, 87, 89, 96, 97, 98, 102, 174, 177, 181, 183, 184, 186, 188, 192, 194, 197, 198, 199, 200, 201, 207, 212, 234, 266, 287, 290, 299, 310, 318, 378, 387, 392

E

- Educação 10, 11, 35, 36, 37, 38, 41, 54, 55, 63, 89, 100, 101, 115, 121, 139, 144, 165, 173, 174, 180, 181, 183, 185, 191, 205, 220, 236, 247, 254, 310, 319, 392
- Ensino 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 82, 83, 89, 100, 101, 169, 171, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211, 212, 219, 231, 236, 365, 367, 388, 397
- Erechim 8, 10, 11, 12, 25, 26, 29, 39, 46, 49, 50, 71, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 163, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 184, 185, 187, 200, 201, 202, 207, 214, 217, 227, 260, 261, 267, 292, 293, 294, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 323, 324, 328, 339, 345, 363, 375, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395

- Escola 11, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 63, 82, 96, 101, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 169, 170, 171, 172, 173, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 236, 263, 292, 310, 333, 346
- Escolas 10, 11, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 63, 83, 84, 96, 99, 100, 101, 106, 112, 118, 124, 147, 148, 158, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 197, 200, 218, 232, 244, 261, 270, 284, 287
- Etnias 58, 73, 75, 84, 89, 90, 102, 112, 185, 203, 226, 229, 281, 283, 285, 287, 294, 295, 304, 320, 344, 354, 372, 375, 387, 397
- Étnica 10, 11, 12, 31, 32, 33, 38, 45, 54, 55, 70, 82, 86, 118, 128, 136, 137, 147, 150, 170, 175, 230, 233, 234, 236, 237, 240, 243, 244, 245, 246, 272, 283, 294, 299, 306, 312, 321, 351, 353, 359, 362, 363, 366, 372, 387
- Étnicas 9, 10, 11, 18, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 64, 67, 83, 87, 112, 120, 127, 128, 131, 134, 136, 140, 169, 172, 183, 184, 186, 234, 236, 240, 298, 299, 303, 304, 307, 321, 359, 363, 371, 372, 397
- Étnico 7, 17, 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 46, 48, 53, 54, 55, 71, 74, 82, 86, 87, 96, 119, 121, 128, 170, 211, 231, 235, 237, 239, 240, 241, 243, 244, 246, 255, 272, 282, 299, 321, 351, 352, 359, 392
- Étnicos 7, 8, 10, 13, 34, 38, 41, 44, 55, 56, 67, 68, 71, 73, 82, 96, 118, 125, 127, 140, 182, 184, 186, 220, 243, 272, 283, 290, 294, 295, 304, 307, 311, 361, 365, 366

F

- Família 25, 40, 43, 60, 66, 71, 80, 81, 95, 107, 110, 145, 148, 149, 150, 151, 153, 197, 203, 213, 231, 235, 237, 238, 239, 244, 245, 255, 256, 257, 262, 264, 273, 275, 293, 303, 304, 306, 307, 308, 310, 317, 318, 319, 324, 332, 336, 338, 339, 340, 344, 350, 351, 352, 353, 354, 371, 374, 377, 385, 387, 389, 390, 391, 392
- Famílias 12, 17, 22, 23, 24, 25, 77, 81, 82, 85, 86, 87, 95, 104, 115, 116, 142, 143, 145, 150, 151, 158, 159, 170, 171, 188, 192, 194, 198, 200, 202, 206, 213, 214, 230, 232, 233, 238, 239, 242, 246, 254, 255, 268, 273, 286, 291, 293, 301, 310, 316, 318, 333, 339, 344, 345, 350, 352, 353, 354, 360, 361, 374, 378, 381, 382, 384, 385, 387, 388, 389, 390, 392, 393

G

- Getúlio Vargas 26, 50, 54, 83, 131, 163, 169, 170, 183, 216, 232, 259, 260, 301, 340, 345, 346, 347, 352, 353, 354, 371, 379, 386, 390, 392, 393, 394, 397
- Guarani 10, 37, 39, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 75, 86, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 148, 163, 175, 208, 216, 222, 226, 252, 262, 265, 287, 288, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 304, 309, 312, 363, 375, 390, 391
- Guarita 12, 323, 324, 325, 344, 354
- Guerra 20, 21, 22, 26, 28, 43, 44, 54, 60, 61, 87, 120, 124, 125, 140, 177, 189, 213, 232, 254, 282, 293, 296, 332, 350, 351, 360, 361, 362, 363, 366, 376, 379, 387

H

- História 12, 17, 37, 55, 59, 60, 66, 68, 69, 70, 79, 80, 81, 83, 86, 89, 99, 102, 104, 107, 108, 111, 112, 116, 117, 139, 144, 145, 146, 148, 149, 154, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 182, 187, 189, 191, 192, 208, 209, 223, 225, 226, 235, 253, 261, 262, 265, 271, 273, 274, 278, 280, 289, 291, 294, 295, 296, 320, 321, 354, 359, 364, 365, 368, 389, 393, 395, 397

I

- Identidade** 10, 18, 27, 28, 29, 65, 69, 70, 86, 104, 107, 108, 111, 119, 121, 123, 127, 128, 136, 137, 145, 153, 183, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 197, 200, 205, 206, 208, 230, 231, 233, 235, 236, 237, 242, 244, 246, 247, 296, 320, 321, 359, 364, 366, 368, 396
- Idioma** 33, 100, 104, 107, 116, 128, 130, 134, 143, 189, 203, 211, 214, 215, 218, 219, 220, 223, 225, 226, 237, 251, 258, 263, 345, 346, 350, 362, 387, 392, 396
- Igreja** 40, 67, 76, 87, 115, 149, 167, 168, 190, 191, 204, 205, 235, 238, 263, 266, 268, 269, 270, 271, 278, 283, 295, 304, 306, 344, 346, 347, 350, 351, 353, 362, 363, 367, 369
- Imigração** 7, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 19, 24, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 41, 42, 44, 49, 53, 58, 61, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 80, 82, 88, 93, 97, 102, 111, 117, 118, 129, 130, 141, 142, 144, 158, 165, 167, 168, 170, 174, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 200, 201, 203, 204, 207, 208, 209, 213, 214, 227, 229, 239, 252, 254, 255, 257, 258, 260, 261, 262, 267, 270, 271, 272, 273, 281, 282, 289, 290, 291, 294, 295, 297, 302, 303, 305, 321, 345, 348, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 368, 370, 371, 374, 375, 376, 378, 379, 381, 384, 392, 395, 397
- Imigrantes** 1, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 64, 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 89, 91, 95, 96, 97, 100, 102, 117, 119, 121, 122, 128, 130, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 151, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 187, 188, 189, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212, 213, 214, 215, 219, 220, 223, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 273, 274, 276, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 302, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 323, 345, 359, 360, 362, 363, 366, 367, 368, 371, 372, 374, 375, 376, 377, 378, 381, 382, 383, 384, 385, 387, 388, 389, 392
- Italianos** 8, 9, 10, 23, 25, 61, 64, 90, 93, 102, 122, 136, 150, 151, 158, 171, 197, 198, 200, 202, 214, 272, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 297, 304, 311, 313, 318, 319, 352, 353, 387

L

- Língua** 11, 18, 33, 34, 35, 40, 41, 47, 49, 54, 55, 82, 83, 93, 100, 104, 106, 107, 112, 116, 130, 138, 143, 165, 169, 181, 182, 183, 185, 190, 192, 203, 211, 212, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 234, 235, 236, 237, 258, 272, 281, 283, 284, 286, 292, 303, 319, 345, 346, 348, 350, 361, 362, 371, 375, 377, 381, 396

M

- Madeira** 19, 82, 106, 142, 150, 155, 158, 159, 185, 197, 243, 244, 245, 262, 263, 266, 267, 268, 275, 281, 298, 310, 345, 349, 383, 384, 386, 388, 390
- Missões** 10, 11, 26, 39, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 53, 54, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 148, 163, 208, 216, 217, 222, 251, 252, 253, 255, 258, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 270, 271, 273, 274, 282, 292, 295, 304, 346, 375, 390

N

- Núcleos** 17, 24, 25, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 54, 55, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 86, 90, 95, 131, 141, 142, 164, 169, 170, 202, 203, 225, 234, 236, 291, 293, 321, 363, 375

P

- Política 7, 9, 18, 19, 20, 23, 26, 27, 29, 50, 55, 60, 67, 70, 75, 76, 81, 87, 111, 118, 119, 120, 125, 130, 131, 134, 137, 176, 183, 189, 190, 192, 193, 196, 207, 212, 281, 282, 283, 294, 298, 321, 323, 371, 379, 383, 393
- Políticas 7, 10, 11, 12, 19, 21, 27, 36, 43, 55, 58, 97, 123, 130, 133, 192, 198, 203, 220, 221, 226, 253, 272, 284, 285, 294, 297, 298, 300, 304, 308, 359
- Polonês 10, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 28, 30, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 46, 48, 49, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 77, 82, 84, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 155, 156, 157, 160, 162, 164, 166, 169, 174, 179, 182, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 201, 203, 205, 209, 211, 212, 214, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 231, 232, 233, 235, 236, 239, 240, 243, 244, 287, 290, 293, 296, 306, 338, 345, 346, 347, 365
- Polonesa 7, 9, 10, 11, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 49, 53, 54, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 79, 83, 87, 88, 89, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 174, 179, 180, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 201, 203, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 290, 291, 294, 310, 320, 321, 344, 345, 346, 350, 352, 354, 360, 361, 362, 364, 369, 371, 381, 395, 396, 397
- Poloneses 7, 8, 9, 10, 11, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 181, 183, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 223, 226, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 240, 241, 242, 244, 246, 254, 255, 272, 283, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 299, 303, 304, 306, 307, 310, 311, 312, 317, 318, 319, 320, 326, 328, 334, 344, 345, 346, 347, 352, 353, 359, 360, 361, 362, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 372, 373, 375, 387, 392, 395
- Polônia 7, 9, 10, 18, 19, 21, 26, 28, 32, 33, 34, 37, 38, 41, 43, 45, 47, 49, 50, 54, 60, 61, 62, 69, 71, 72, 78, 79, 82, 83, 84, 86, 87, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 151, 158, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 171, 176, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 219, 220, 227, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 242, 243, 246, 284, 285, 288, 289, 298, 303, 306, 327, 328, 329, 332, 334, 338, 339, 340, 359, 360, 362, 364, 366, 369, 372, 375, 377, 387, 391, 396
- Polonidade 10, 11, 31, 32, 34, 41, 58, 59, 68, 105, 118, 120, 123, 125, 128, 136, 137, 141, 144, 145, 146, 148, 149, 164, 166, 167, 211, 233, 235, 237, 244, 246
- População 26, 33, 57, 58, 63, 79, 83, 93, 95, 97, 102, 120, 122, 125, 128, 130, 134, 136, 139, 143, 170, 174, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 196, 201, 206, 207, 212, 214, 222, 223, 226, 230, 232, 251, 252, 264, 270, 309, 311, 312, 314, 324, 345, 347, 350, 352, 353, 354, 372, 379, 382

Professores 32, 33, 35, 36, 37, 38, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 83, 96, 99, 100, 101, 111, 147, 151, 158, 165, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 212, 219, 225, 237, 376
Propriedade 10, 25, 81, 141, 155, 156, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 237, 253, 284, 285, 319, 320, 336, 337, 390, 391

R

Regiões 7, 9, 17, 20, 28, 31, 36, 39, 42, 46, 54, 61, 81, 93, 104, 117, 118, 119, 137, 170, 191, 196, 198, 199, 200, 201, 204, 229, 243, 254, 270, 272, 284, 285, 286, 288, 297, 299, 309

Relações 10, 17, 23, 26, 55, 66, 76, 87, 102, 117, 119, 120, 121, 126, 127, 129, 130, 132, 133, 137, 138, 140, 171, 204, 208, 209, 304, 308, 319, 320, 392

Religiosas 19, 35, 38, 39, 40, 45, 48, 49, 82, 83, 101, 110, 127, 165, 180, 231, 236, 237, 240, 244, 246, 298, 353, 377

Rio Grande do Sul 1, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 163, 167, 168, 170, 174, 178, 179, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 229, 230, 233, 246, 251, 252, 253, 255, 257, 258, 261, 262, 264, 267, 272, 273, 281, 282, 283, 286, 289, 292, 294, 295, 296, 299, 300, 301, 310, 311, 320, 321, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 366, 367, 368, 369, 370, 374, 375, 379, 381, 384, 390, 393, 394, 395, 396, 397, 398

Rurais 11, 25, 41, 44, 45, 55, 94, 106, 118, 131, 179, 191, 192, 202, 204, 205, 207, 212, 237, 297, 324, 375, 376, 377, 381, 382, 384, 385, 387

Rural 8, 10, 19, 26, 28, 35, 38, 40, 57, 77, 93, 103, 109, 121, 139, 171, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 203, 204, 205, 207, 230, 232, 233, 234, 237, 240, 242, 244, 246, 253, 298, 320, 384, 388, 392

Russa 7, 11, 12, 25, 79, 190, 193, 252, 253, 255, 257, 258, 262, 264, 267, 270, 272, 273, 279, 282, 283, 284, 289, 292, 294, 295, 297, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 311, 315, 316, 320, 321, 329, 331, 332, 335, 347, 350, 353, 362, 364, 366, 370, 383, 387

Rússia 7, 11, 19, 36, 38, 71, 72, 78, 79, 124, 125, 190, 192, 251, 253, 254, 255, 268, 269, 270, 272, 274, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 290, 291, 294, 295, 298, 303, 304, 306, 307, 320, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 347, 350, 351, 362, 364, 365, 366, 367, 375, 387, 388, 390, 392, 396

Russo 12, 23, 60, 90, 93, 124, 143, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 212, 251, 254, 258, 259, 260, 263, 266, 271, 281, 282, 283, 284, 285, 287, 288, 290, 291, 293, 294, 296, 298, 303, 304, 306, 307, 315, 320, 338, 339, 341, 346, 350, 351, 360, 362, 364, 365, 367, 372, 388, 390, 392, 396

Russos 7, 8, 9, 10, 11, 12, 60, 63, 78, 79, 87, 90, 91, 95, 124, 213, 252, 253, 255, 258, 260, 261, 266, 272, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 318, 319, 320, 321, 337, 344, 347, 348, 352, 353, 354, 359, 362, 363, 364, 365, 366, 369, 375, 376, 378, 381, 382

S

Seberi 26, 217, 323, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 334, 335, 338, 344, 345, 346
Sociedade 33, 35, 37, 38, 42, 44, 70, 83, 84, 89, 103, 106, 123, 127, 141, 158, 162, 171, 176, 181, 205, 231, 232, 233, 235, 236, 246, 247, 263, 268, 363, 364, 366, 384

T

Território 11, 35, 43, 60, 71, 72, 75, 76, 79, 82, 84, 86, 87, 122, 141, 143, 159, 164, 170, 174, 182, 187, 188, 189, 190, 196, 199, 203, 208, 211, 212, 236, 272, 282, 285, 288, 294, 298, 299, 300, 305, 307, 308, 312, 313, 318, 320, 325, 365, 372, 376, 379, 383, 384, 385, 392

Trabalho 8, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 31, 35, 37, 47, 58, 59, 64, 65, 75, 77, 80, 81, 89, 93, 104, 111, 112, 117, 125, 127, 144, 146, 148, 153, 155, 161, 162, 179, 181, 182, 184, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 204, 205, 206, 207, 222, 234, 237, 246, 253, 254, 256, 259, 262, 263, 264, 265, 281, 283, 286, 289, 297, 315, 316, 318, 319, 320, 337, 375, 377, 378, 380, 389, 390, 391, 397

U

Ucrânia 7, 22, 23, 253, 255, 284, 288, 298, 303, 307, 332, 338, 340, 346, 349, 354, 359, 360, 361, 364, 365, 366, 367, 368, 371, 372, 375, 376, 377, 387, 390, 392

Ucranianos 7, 8, 9, 12, 125, 255, 272, 284, 288, 303, 304, 313, 318, 338, 339, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 381, 387, 389, 390, 391, 392

Uruguai 2, 17, 25, 75, 76, 77, 90, 91, 95, 102, 170, 175, 201, 202, 251, 254, 299, 324, 345, 347, 368, 375, 379, 380, 382, 383

V

Vargas 26, 50, 54, 55, 83, 99, 131, 134, 163, 169, 170, 183, 216, 232, 259, 260, 301, 333, 340, 345, 346, 347, 352, 353, 354, 368, 371, 379, 386, 390, 392, 393, 394, 397

Três povos, muitas histórias. Um Rio Grande do Sul em construção. Neste volume da Coleção História dos Povos Formadores do Rio Grande do Sul, você é convidado a percorrer os caminhos cruzados por imigrantes poloneses, russos e ucranianos, cujas trajetórias foram marcadas por rupturas, reinvenções e pertencimentos que contribuíram de forma decisiva para a história do Rio Grande do Sul.

Com textos inéditos e pesquisas originais, esta coletânea reúne estudos que reconstituem memórias, revisitam identidades e revelam a complexidade de comunidades muitas vezes silenciadas ou confundidas ao longo do tempo. Do interior das colônias agrícolas às associações urbanas, das escolas étnicas às celebrações culturais, cada capítulo lança luz sobre aspectos singulares da vida desses grupos, suas lutas, conquistas e legados.

Mais do que relatar fatos, este livro promove encontros: entre passado e presente, entre pesquisadores e comunidades, entre diferentes formas de narrar a história. Em um cenário ainda marcado por lacunas nos estudos sobre russos e ucranianos no Brasil, esta obra surge como um marco importante, abrindo caminhos para novas investigações e reconhecimentos. Se você deseja entender melhor o papel desses povos na formação do Rio Grande do Sul, esta leitura é indispensável.

